A FORÇA DA BONDADE



pelo Espírito
Lucius

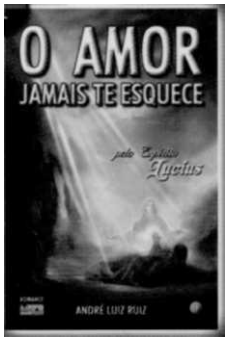


ANDRÉ LUIZ RUIZ

ROMANCE

ide editora

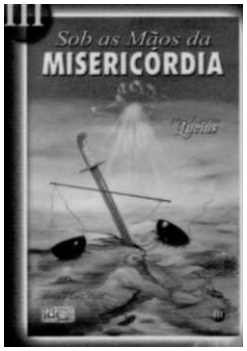
II



Neste empolgante romance, o Espírito Lucius nos remete aos luminosos momentos vividos pela humanidade ao tempo de Jesus, envolvendo o senador Públio Lentulus, sua esposa Lívia, Zacarias, Fúlvia e Pilatos, entre outros. Através de seus dramas e experiências, o leitor sentirá que, apesar de todas as nossas quedas e erros, o Amor nunca nos abandona ao desamparo, ajudando-nos a sair dos abismos escuros onde somos projetados por nossa ignorância.



Os processos de resgate nas regiões espirituais inferiores, o amparo luminoso do mundo invisível na hora do sacrifício, a importância da bondade como fator de vitória nas lutas de cada dia, são alguns dos temas espirituais abordados por Lucius nesta obra que dá continuidade à historia das personagens, Pilatos, Fúlvia, Sulpício, Zacarias, Lívia, Cléofas, Luctlio e Simeão, que teve início no romance O Amor Jamais te Esquece.



Encerrando a trilogia, iniciada pelo "0 Amor Jamais te Esquece" e "A Força da Bondade", a presente obra de Lucius, "Sob as Mãos da Misericórdia", apresenta ao leitor, em traços vivos e emocionantes, o entendimento do mecanismo da Compaixão com a qual o Criador conduz a evolução das criaturas, sempre buscando ampará-las como fez com Pilatos, Sulpício, Fúlvia, Sávio através dos corações generosos de Zacarias, Lívia, Simeão, Cléofas, Licínio, Décio, entre outros





Capa: César França de Oliveira
Ilustração da capa: "A Força da Bondade" Renoir
Pintura mediúnica realizada na Sociedade Beneficente Bezerra de Menezes, Campinas, em maio de 2004.
© 2004, Instituto de Difusão Espírita
7° edição - junho/2008 5a reimpressão - maio/2013 3.000 exemplares (60.001 ao 63.000)
Os direitos autorais desta obra pertencem ao INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA, por doação absolutamente gratuita do médium "André Luiz de Andrade Ruiz".
Todos os direitos estão reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão, por escrito, da Editora.
Ficha Catalográfica
(Preparada na Editora)
Ruiz, André Luiz de Andrade, 1962-
R884f A Força da Bondade I André Luiz de Andrade Ruiz / Lucius
(Espírito). Araras, SP, 7aedição, IDE,2008.
448 p.
ISBN 85-7341-318-2
1. Romance 2.
2. Cristianismo
3. 3. Roma/História
4. 4. Espiritismo
5. 5. Psicografia. Título.
CDD-869.935 -202 -933 -133.9 -133.91

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances: Século 21: Literatura brasileira 869.935
2. Cristianismo do século 1202
3. Roma: História antiga 933
4. Espiritismo 133.9
5. Psicografia: Espiritismo 133.91

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Av. Otto Barreto, 1067 - Cx. Postal 110 - CEP 13602-970 - Araras/SP - Brasil Fones (19) 3543-2400 - Fax (19) 3541-0966 CNPJ 44.220.101/0001-43 - Inscrição Estadual 182.010.405.118
www.ideeditora.com.br
IDE Editora é apenas um nome fantasia utilizado pelo INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA, entidade sem fins lucrativos, que promove extenso programa de assistência espiritual social, o qual detém os direitos autorais desta obra.

Índice

Palavras de Lucius..... 9
1- Relembrando a história..... 11
2 - Efeitos da maldade..... 21
3 - Perante si própria.....29
4 - As catacumbas.....37
5 - Palavras proféticas..... 41
6 - Testemunhos assumidos..... 48
7-0 cântico da bondade..... 55
8 - O amparo espiritual.....64
9 - Mãos que se estendem.....73
10 - O Bem como prêmio da bondade..... 82
11 - Aprendendo com o amor..... 90
12 - Palavras de Zacarias..... 98
13 - O abismo.....105
14-0 esforço do Bem.....115
15 - O resgate de Pilatos.....124
16-0 resgate de Fúlvia.....132
17 - A vez de Sulpício.....144
18 - Forças majestosas.....153
19 - Explicações antes do regresso.....166
20 - A volta.....174
21 - Mais uma vez a velha Roma.....182
22 - Cláudio Rufus.....190
23 - As misérias da capital imperial.....196
24 - Serápis.....204
25 - No palácio.....213
26 - As experiências de Serápis.....221
27 - Sentimentos e interesses.....231
28 - Egoísmo em ação.....242
29-0 encontro e os reencontros.....253
30 - Amparo espiritual 263
31 - Escolhas infelizes.....271
32 - A nova rotina.....282
33-0 amargo sabor da paixão.....293
34 - Afeto doentio.....308
35 - O velho cenário para os mesmos erros.....320
36 - Licínio cristão.....332

37 - A insensatez semeando dores.....43
38 - Surpresas trágicas.....355
39 - A falta de Deus nos corações.....368
40 - Lições para Licínio.....381
41 - Fidelidade ao Bem.....393
42 - Renúncia e consciência.....407
43 - Descobrindo a verdade.....420
44 - A Força da Bondade.....439

Prezado leitor,

Voltamos ao seu coração com a continuidade da vida das mesmas personagens do livro "O Amor Jamais te Esquece", relatando as consequências dos atos humanos sobre a realidade de seus Espíritos imortais bem como os efeitos das nossas escolhas de cada dia a repercutirem em nossa existência futura.

Mais do que produzir impacto constrangedor, nosso objetivo é revelar a você como funcionam, com exatidão e clemência, os mecanismos da Justiça Divina, buscando amparar as criaturas imaturas com o manto da Augusta Misericórdia.

Que seu coração consiga abrir-se para "A Força da Bondade"óo mesmo modo sensível como recebeu o abraço de "O Amor Jamais te Esquece", lembrando-se de que eles foram escritos para que você se enriquecesse com o exemplo do Bem e o convertesse em atos de Bondade que venham a beneficiar os que cruzarem seu caminho.

Você é o único que pode fazer isso consigo mesmo!

Brilhe sua luz!
Muita paz,
Lucius.

1

RELEMBRANDO A HISTÓRIA

No longínquo ano de 38, a figura de Pilatos ingressara em um período ainda mais turbulento já que sua conduta infeliz de pôr fim à própria vida o transferira para o mundo espiritual praticamente sem qualquer proteção ou preparo que lhe pudesse servir de ajuda no enfrentamento da nova situação.

Preso na experiência do exílio, ainda que sem a presença de Zacarias, que houvera partido para a vida espiritual meses antes, vitimado pelo veneno que era destinado a ele próprio, Pilatos, poderia ali começar a resgatar através da dor alguns dos desmandos cometidos, amadurecendo o espírito e aprendendo a conquistar uma certa humildade diante da adversidade.

Ali no cárcere da antiga guarnição onde houvera conquistado algumas de suas glórias mundanas, poderia melhor avaliar a transitoriedade das coisas, a maneira caprichosa com que a vida flui, num vai e vem, num efeito gangorra que ora coloca o homem no alto para, logo depois, conduzi-lo ao nível mais inferior que o de singelos escravos.

Apesar das maneiras cruéis que o poder mundano tinha para punir as pessoas que não lhes serviam mais aos interesses, o castigo infligido ao antigo governador poderoso foi-lhe dado de acordo com as necessidades evolutivas para que propiciasse a sua renovação interior.

A lei do Universo não estava preocupada em manter o homem apequenado na sua falsa condição de poderio e nobreza.

Segundo as regras espirituais, a intenção primordial era e sempre será encaminhar a criatura para a verdade e para o amadurecimento real.

Assim, a sua colocação em uma prisão naquele mesmo lugar de onde saíra como um respeitado comandante romano era o que poderia fazer-lhe mais benefícios do que qualquer outro destino que lhe fosse oferecido, já que a vergonha viria quebrar-lhe as fibras arrogantes, a humilhação propiciaria ao seu espírito a busca de novos caminhos para compreender a transitoriedade das glórias humanas.

Para isso, a bondade divina e a força do Amor verdadeiro haviam garantido para ele a constante companhia de Zacarias que, desde Jerusalém, se desdobrava para que Pilatos fosse ajudado e não estivesse solitário na longa jornada da queda que viria adiante.

Além disso, Zacarias houvera conseguido o apoio de Lucílio que, ainda na sua falta, poderia seguir sendo um protetor a amparar-lhe as necessidades mais urgentes.

Nada disso, entretanto, conseguira sensibilizar a alma enfraquecida daquele homem que houvera sido vencido pelas próprias armadilhas.

A sua fragilidade moral ficara exposta em sua consciência e o carinho que recebia de Zacarias e do próprio Jesus, que não se havia descuidado dele desde antes de ter sido sua vítima, o transtornavam em face da vergonha que sentia vergonha essa que não tinha como superar.

Na verdade, era uma grande mescla de sentimentos contraditórios que se estabelecia no íntimo de seu espírito.

E a falta de Zacarias, o grande amigo e generoso conselheiro, o dçjxara perdido no meio da tormenta moral que vivia, sem coragem para seguir, sem conseguir ver o apoio que Lucílio poderia lhe conceder e sem forças para enfrentar-se na grande tragédia do Calvário da qual se sentia responsável por nada ter realizado.

Desse modo, não lhe foi difícil escolher o caminho aparentemente mais fácil, menos desonroso para um soldado em desgraça, mas infinitamente mais doloroso para o espírito acovardado ante as decepções de uma vida adversa.

E o suicídio foi o último ato de seu espírito débil, despreparado para as grandes decisões espirituais que envolveriam sempre a renúncia, a paciência, a compreensão de suas próprias fraquezas e culpas e o esforço paciencioso de recomeçar.

A perturbação espiritual também lhe fizera a companhia necessária ao desequilíbrio pessoal.

Isso porque Sulpício Tarquínius, seu braço direito durante longos anos de governo na província, seu comparsa nos delitos, seu ajudante de ordens imediato, acobertador de suas fraquezas, seu cúmplice nos desmandos e nos furtos havia sido transferido para o lado espiritual da vida anos antes, por ocasião da execução do velho Simeão, na Samaria, quando a grande e pesada cruz de madeira onde fizera amarrar o ancião que estava sendo chicoteado, depois de não mais suportar os embates do suplício, deslocou-se de sua base e caiu inesperadamente sobre o algoz atirando-o ao solo, o que lhe ocasionara a morte imediata.

Desde então, o espírito atrasado e violento de Sulpício se mantinha jungido ao governador como a lhe servir ou a influir nas decisões odientas, mantendo a mesma ordem de cumplicidade negativa.

Instigava-lhe a crueldade, produzia-lhe as sensações provocantes que lhe induziam a invigilância a buscar novas aventuras, no que se poderia considerar um perfeito casamento entre um espírito e um encarnado, na afinidade de gostos, desejos e inferioridades.

No entanto, com o passar do tempo e a aproximação de Zacarias, Sulpício começou a perceber as modificações de Pilatos e a sua inclinação para um outro caminho, o que lhe causou um verdadeiro pavor, já que não se admitia desvinculado daquele que considerava o chefe a quem devia obedecer.

Com isso e sem poder, efetivamente, impor-se diante das fortes vibrações de Zacarias, Sulpício começou a nutrir um forte desejo de forçar Pilatos a sair de tal influenciação e, de uma forma direta, teve participação na trama sombria que levou Zacarias a ingerir o veneno que Sávio havia posto na água que levara aocárcere de Pilatos.

Espírito ignorante, acreditava que ajudando a afastar Zacarias da presença do governador, ficaria mais fácil de se conseguir recuperar a influência e o controle que detinha sobre ele.

No entanto, depois que Zacarias morreu, tudo ficou muito pior, já que a perda do melhor e único amigo tornou Pilatos ainda mais ligado aos ensinamentos que o velhinho lhe havia deixado, fazendo-o pensar nas coisas de um modo diferente, sem aquela maldade característica dos velhos tempos.

A imagem de Jesus não era esquecida pelo preso e, muitas vezes, Pilatos havia sido flagrado por Sulpício realizando orações para esse profeta judeu, o que produzia no espírito uma imediata reação de revolta.

Assim, acreditando que o governador estava sob o efeito de alguma alucinação, algum encantamento que lhe tirara a capacidade de pensar ou de agir, Sulpício deliberou que tudo deveria fazer para que Pilatos se transferisse para o mundo espiritual, a fim de que, deixando essa vida de dores e decepções, pudessem retomar o caminho dos desmandos, ainda que longe do corpo de carne.

Além disso, Sulpício se deixara levar por um sentimento de raiva contra Lucílio e até mesmo, em algumas ocasiões, contra o próprio Pilatos, a quem achava que, se não estivesse vitimado por um novo encantamento, a sua transformação era um indício seguro de traição.

E ele, o fiel lictor que dera sua vida para servir àquele homem déspota e poderoso, não deixaria as coisas seguirem por esse caminho, onde o governador resolvia mudar de lado, passar a ser bonzinho, trocar de deuses - o que era considerado uma heresia das mais graves na antiga crença dos romanos - sem que ele, Sulpício, interviesse.

Fosse para tentar salvar o prisioneiro desse caminho torturante, fosse para punir suas novas condutas que eram consideradas fraquezas inaceitáveis, o certo é que Sulpício passou a influir ainda mais diretamente sobre o governador, insuflando-lhe pensamentos inferiores, apegando-se às suas fraquezas morais, fazendo com que ideias negativas lhe povoassem os sonhos, sem lhe permitir ao corpo o descanso indispensável.

Mais do que isso, durante o repouso, inúmeras vezes, Pilatos se via perseguido por seres escuros, horripilantes, acusadores e desfigurados, que, na verdade, eram as suas antigas vítimas arrebanhadas pelo espírito de Sulpício, que as trazia das furnas escuras onde a revolta e o ódio às havia projetado para que o ajudassem a aumentar o cerco sobre aquele fracassado dirigente terreno.

O espírito do lictor, sabendo que Pilatos ferira muita gente com seu comportamento, na ideia de aumentar o peso negativo sobre a mente e o espírito deste, propiciara que muitos homens e mulheres que tinham se transferido para o mundo espiritual com ódio e desejo de vingança contra o governador conseguissem fazê-lo agora que o mesmo estava derrotado e reduzido à condição de reles preso.

Essa medida propiciou um agravamento do estado moral de Pilatos, pois, através das brechas de suas culpas e de seus pensamentos inferiores, uma grande quantidade de entidades se ligava à sua estrutura magnética e passava a sugar-lhe as forças vitais, produzindo um estado de fraqueza muito grande, alterando a sua consciência sobre as coisas, aproveitando-se dos complexos de culpa contra os quais Pilatos não lutara, tornando-os ainda piores.

Com tudo isso, o preso ia se abatendo.

Vozes interiores, ecos dos pensamentos e das palavras de suas antigas vítimas se aproveitavam de sua fragilidade e se impunham a ele com sugestões maliciosas, acusações sinistras, perseguições constantes que não lhe davam trégua.

Além disso, conseguiam sempre influenciar algum dos soldados do campo vienense a se acercar da porta que guarnecia a prisão para escarnecer de seu estado, acusando-o de ter envergonhado a legião a que servira anteriormente, colocando-a em má situação diante do imperador.

Eram velhos servidores que nutriam um orgulho de casta e que a simples presença de um governante militar em desgraça era um demérito para aquela agremiação.

Pilatos tinha que escutar tudo isso e só contava com a palavra amiga de Lucílio, agora que Zacarias tinha morrido.

As influências de todos os lados, somadas à fraqueza moral de seu caráter tíbio, fizeram com que ele visse na espada que lhe fora oferecida em certa ocasião, colocada ao seu alcance por um dos que escarneciam dele e desejava livrar-se dessa vergonha, o último recurso para sair desta vida.

Assim, não titubeou quando, agarrado ao metal frio e rijo da espada romana, atirou-se contra a parede da cela, enterrando-a em seu ventre naquilo que considerava uma morte ao menos digna para um soldado.

Nada conseguiu demover Pilatos dessa atitude.

Do lado de lá, um cortejo tétrico o esperava. Agora, não mais composto somente por Sulpício, que ostentava a aparência sórdida de um espírito fracassado, mas sim, composto de tantos quantos se fizeram possíveis encontrar para perturbá-lo em uma forma de vingança prévia, a fim de trazê-lo para o mundo invisível onde poderiam, efetivamente, exercitar o castigo que acreditavam mais adequado.

Inúmeras mulheres desfiguradas, vestidas por andrajos infectos se acercavam, agora, de seu espírito perturbado e confuso e atiravam-se sobre ele, falando coisas lúbricas e sensuais, oferecendo-se como se fossem as suas novas eleitas.

O estado horroroso com que se apresentavam produzia náuseas naquele espírito imaturo, fazendo com que tentasse fugir dali, sem o conseguir.

Isso porque, o suicida não se vê com forças para deixar as suas próprias construções mentais e asilar-se em um ambiente que lhe propicie um pouco de paz.

Rebelde por natureza, lhe compete agora arcar com as suas escolhas pessoais e caprichosas, tendo que enfrentar o momento da colheita dos espinhos que semeara.

Passavam as mulheres e vinham seus maridos feridos e envergonhados, levados à infelicidade e à destruição dos seus sonhos por causa dos desmandos daquele autoritário e luxurioso governador.

Depois vinham os que ele havia mandado prender injustamente, os que havia espoliado de seus bens, os que haviam sido vitimados por sua arrogância,-os que tinha prejudicado na vida pessoal, na política, nas injustiças de seus julgamentos sumários, os que morreram nas perseguições sanguinárias, quando da morte de Sulpício, etc.

Depois vinham os que o acusavam de ter matado o filho de Deus, de nada ter feito para impedir o seu assassinato.

Assim, tais entidades galhofeiras reproduziam aos seus olhos, a cena derradeira onde ele fizera lavar as próprias mãos e, no momento preciso em que repetiam tal ato, da jarra suntuosa, ao invés de água cristalina, jorrava sangue borbulhante que fumegava ao contato de suas mãos.

Essa visão era a que mais lhe doía na alma.

Além disso tudo, em seu corpo espiritual Pilatos sentia doer profundamente o local do ventre que fora ferido pela perfuração da espada, como se ainda a tivesse enterrada na barriga, sangrando sem cessar e sem conseguir recursos para estancar o ferimento.

No auge do desespero, Pilatos vislumbrou a figura de Sulpício que o observava sem intervir.

Um lampejo de esperança tomou conta do olhar do insensato suicida, acreditando que Sulpício o ajudaria.

Em vão pronunciou lhe o nome, como se o estivesse novamente convocando para uma tarefa como o fazia ao tempo de seu relacionamento na corte romana.

Sulpício não se movia do lugar e o seu imobilismo ainda mais constrangia Pilatos.

As lágrimas de desespero chegaram naturais aos seus olhos e, assim que começaram a ser vertidas, uma onda de estrondosas gargalhadas tomou conta de seus ouvidos e as acusações mesquinhas e irreverentes, irônicas e cruéis eram-lhe atiradas na face:

- Desde quando uma serpente é capaz de chorar? - diziam uns mais agressivos.

- Essas lágrimas são de ácido que vão corroer-lhe as carnes - dizia outro, impondo-se à vítima como a lhe hipnotizar, o que produzia em Pilatos a alteração da face, como se sulcos profundos fossem marcando a trilha por onde a gota cáustica escorresse.

O governador estava, agora, entregue aos seus atos e à sementeira que fizera no passado, diante dos frutos amargos que o procuravam, como se lhe estivessem devolvendo o esforço da semeadura em uma carga exatamente correspondente à qualidade do que plantara.

O seu estado emocional e mental beirava a alucinação, tentando fazer de tudo para sair dali, afastando-se dos quadros horrorosos que não se afastavam dele.

Não adiantaram palavras de perdão, nem uma postura de arrependimento. Parecia, ao contrário, que quanto mais ele se mantinha humilde ou se humilhava diante daquela turba, mais sarcasmo e ironia ele escutava, por não acreditarem em suas novas disposições. Nenhum dos presentes estava disposto a deixar que, agora, ele se modificasse antes de acertarem as contas pelo muito que haviam sofrido em suas mãos impiedosas.

Diante do cenário perturbador, Pilatos tentou retomar o corpo físico que havia sido depositado na cova pobre do terreno afastado do acampamento, como a tentar fazer com que o corpo voltasse a erguer-se, já que não tinha como explicar a sensação de vitalidade que o envolvia.

Sim - havia pensado em se matar. No entanto, ainda que se lembrasse do gesto tresloucado, que visse seu corpo ferido e sangrando, mesmo assim não conseguia entender por que não havia morrido.

Sua consciência estava lúcida, nenhum antepassado lhe estava ao lado estendendo a mão como lhe houvera sido ensinado desde longa data.

Onde estavam os deuses de sua devoção que, desde a juventude, haviam recebido seus favores e suas homenagens em forma de oferendas?

Aquela perseguição era incompreensível para ele e, por isso, acreditando estar tendo um pesadelo cruel, buscou retomar o corpo como se costuma fazer quando o sonho mau nos fere a sensibilidade.

Desse modo, sentindo-se atraído fortemente, para o local onde seus despojos haviam sido sepultados, viu-se tentado a meter-se novamente neles para acordar daquela situação e vencer a má impressão daquelas vozes que o perseguiam, inflexíveis.

No entanto, novamente deparou-se com outra tragédia.

Ainda que tivesse mergulhado no monte de terra que lhe cobria a sepultura sem desejar indagar por que fora para ali atraído, assim que se viu envolvido pela densa massa de solo que pesava sobre o corpo, uma aterradora sensação novamente o envolveu.

Era como se milhões de farpas ou dentes dilacerassem suas carnes, modificando-lhe toda a estrutura já debilitada pela perseguição de si mesmo e dos outros.

Passara a ligar-se, novamente, ao cadáver em putrefação e, num átimo, sentira todo o mau odor que ali se produzia.

Os milhões de agulhadas e tenebrosas farpas eram as sensações produzidas pelas colônias de vermes e microrganismos que devoravam a carne morta, reprocessando a matéria para que ela viesse a ser utilizada novamente pela natureza na modelagem de novos corpos.

Nada no mundo havia sido tão desesperador para sua alma do que aquela visão tétrica, onde se identificara a si próprio de maneira tão grotesca, sem entender como isso se estava passando.

Diante de tal descoberta, as perseguições de suas vítimas eram suave veneno, preferível a qualquer ideia de se aproximar daquele local.

No entanto, a sua conduta suicida o prendia ao túmulo e, por mais que desejasse se afastar, agora, como que se sentia imantado às sensações cadavéricas. Num esforço hercúleo, conseguiu levantar-se da cova como quem se liberta de uma trágica visão de um filme de terror. No entanto, seguia vinculado ao corpo físico por laços magnéticos que ele passara a ver e que, em vão, tentava romper com suas mãos.

_ Tais cordões o mantinham em contato direto com as forças biológicas que destruíam suas vísceras e demonstravam ao seu antigo possuidor que não é possível despir-se de um corpo antes da hora sem ter que enfrentar as consequências do ato tresloucado e insano.

Por mais que se afastasse agora do pedaço de terra que lhe servira de última morada, carregava consigo as sensações cruéis da decomposição.

Sua fuga, no entanto, não o levava para lugares melhores.

A turba dos desocupados e aproveitadores, espíritos sugadores de fluidos vitais, o buscava como se fossem vampiros à cata de sangue para se sentirem alimentados.

Naturalmente, tal referência é apenas uma comparação inadequada, já que sabe, o leitor querido, que a figura vampiresca é fruto de um mito engenhoso com o qual se pretendeu escurecer um pouco mais a atmosfera terrena com uma mensagem de horror.

No entanto, no plano espiritual, uma grande quantidade de entidades que perderam o corpo físico busca encontrar uma fonte de energia vital, em geral conseguida de corpos recém descartados, humanos ou de animais recém-abatidos, a fim de assimilarem forças biológicas que lhes produza a vã e temporária sensação de vitalidade corporal.

E como o suicida é um indivíduo que carrega consigo uma boa carga desse tipo de energia, já que seu corpo não sofreu os naturais desgastes frutos da enfermidade prolongada ou da velhice que consome as forças, é uma fonte generosa desse tipo de recurso, o que atrai sempre entidades que desejam sugá-las e, por isso, são consideradas como tais vampiros sem possuírem, contudo, os trejeitos e as aparências que foram patenteadas pela indústria cinematográfica para a personagem já referida.

Por isso, ao afastar-se do túmulo pobre, Pilatos se via perseguido por grupos vastos de entidades que apontavam em sua direção e corriam como que a desejarem destroçá-lo, infundindo-lhe medo terrificante, já que se sentia impotente para esconder-se.

Sem saída imediata, já que a presença daquele cordão energético era como o fio de Ariadne que apontava o caminho para que Teseu saísse do labirinto onde havia ido matar o minotauro na mitologia Grega, indicando-lhe o esconderijo, só encontrava refúgio seguro contra tais entidades mergulhando novamente na cova fria, na qual escondia a ligação magnética das vistas alheias, que o perdiam de vista, sem entenderem o que havia acontecido com o perseguido suicida.

Voltando à cova, precisava conter-se e suportar as mesmas sensações por um tempo até que tais grupos assustadores tivessem passado, a fim de poder sair dali novamente.

Assim, a saga do governador na prisão de Viena havia sido extremamente leve perto do que ele era obrigado, agora, a enfrentar, no recolhimento de seus feitos, na forma de espinhos dolorosos.

O desespero havia tomado conta de seu ser e, por mais que desejasse encontrar uma saída, parecia que nunca essa saída lhe chegava.

Além do mais, a imagem do suicídio em que via aproximar-se a parede do cárcere com a espada pontuda apontada contra si mesmo se repetia sem parar.

Quando não estava fugindo da sepultura, ou fugindo das entidades sugadoras voltando à sepultura, ou quando, distante dela, não se via perseguido por suas vítimas, era escravizado pela visão constante da cena do suicídio que parecia repetir-se milhões de vezes ao seus olhos impotentes para impedir que tais imagens se dessem.

Não tinha mais noção de tempo, não sabendo dizer quantos dias haviam se passado.

Tinha fome constante sem conseguir comer nada.

Quando se aproximava de algum curso de água, ao ingerir os primeiros goles parecia que estava bebendo sangue, já que suas mãos se mantinham vermelhas como na visão que lhe era projetada pelos seus perseguidores, quando as lavara no julgamento do Cristo e que sua culpa aceitara pela consciência pesada.

Sujas de sangue, contaminavam a água com o seu sabor acre e a cor rubra, impedindo que ele a engolisse e matasse a sede.

O estado geral do governador se deteriorara profundamente e outra coisa não fazia senão engolfar-se em seu desespero e procurar esconder-se em cavernas que havia naquela região astral onde se localizava, única maneira de conseguir ocultar-se um pouco de todos os perseguidores, sob a vigilância de Sulpício.

Na verdade, Pilatos permaneceu nesse estado por todo este tempo, até o período em que os primeiros mártires foram devorados pelos leões em Roma, no ano 58.

Zacarias o visitava nas furnas, mas Pilatos não era capaz de sentir-lhe a presença.

E era tanta novidade assustadora na vida do governador e tanta falta de noção do que fazer que Pilatos não se animara a retomar as noções elevadas que lhe haviam sido semeadas na alma.

Conduzido por Sulpício, fora levado como um autômato para encontrar-se com Fúlvia, a antiga amante, igualmente a surgir-lhe diante dos olhos espirituais como se fosse uma alma desfigurada, sobretudo agora que já se encontrava no reino dos mortos, em deplorável situação espiritual.

Logo depois, era reconduzido às mesmas cavernas, como se o antigo sócio nos crimes o estivesse guardando ao mesmo tempo em que, eventualmente, o fustigasse com tais passeios terrificantes.

À porta de entrada de tais grutas, sentinelas pretorianas subordinadas a Sulpício montavam guarda vigilante, impedindo a entrada de qualquer um que não fosse autorizado pelo lictor, que se notabilizara pela crueldade e mesquinhez.

Pilatos ainda não havia recorrido à verdadeira oração, nem se achava digno de pedir a ajuda de Jesus para o seu caso. Suas mãos ainda estavam vermelhas e sua consciência também.

2

EFEITOS DA MALDADE

Outra personagem de nossa história, igualmente vencida pela própria insensatez, sucumbira ao destino trágico que espera aqueles que se entregaram ao caminho dos desmandos, das intrigas, da maldade deliberada, da calúnia e do crime.

Trata-se de Fúlvia, a que espalhou espinhos por onde passou e que, nos últimos anos de sua vida recebeu no próprio corpo o sofrimento indispensável ao início da própria retificação.

Sabemos que, depois de suas aventuras junto a diversos leitos nos quais conseguia obter a aquiescência dos poderosos para a elaboração de seus planos, Fúlvia intentara tirar a vida de Pilatos, através de um amante que, ao final, terminara por ela envenenado também, como prêmio por sua dedicação.

Depois que Sávio perdera a vida nos estertores dolorosos do envenenamento cruel, Fúlvia ficou a esperar a chegada da notícia oficial da morte de Pilatos, informação esta que não chegava na velocidade que se esperava, exatamente porque o militar enviado para dar-lhe o veneno não o conseguira matar graças à ação decisiva de Zacarias, que ingeriu o tóxico para salvar o governador prisioneiro, seguindo a promessa que fizera a Jesus.

O panorama em Roma estava se modificando rapidamente depois da morte do imperador Tibério, alguns meses antes do efetivo suicídio de Pilatos.

Fúlvia, no meio das tempestades políticas, se mantinha navegando por mares revoltos, sempre procurando levar sua influência até os mais importantes homens de governo, agora tudo empenhando para colocar sua filha Aurélia em vantagem no seio daquela sociedade corrompida e afastada dos valores morais dos antigos tempos.

Aurélia era a cópia piorada de sua mãe.

Adestrada na malícia, na sedução, nas condutas imorais e amorais, a jovem não se deixava sensibilizar por nenhum argumento de ordem ética. Buscava solucionar seus problemas através de caminhos tortuosos que lhe parecessem mais fáceis e adequados, ainda que tivesse que passar por cima das convenções sociais, dos padrões de respeitabilidade e das normas de conduta decentes.

Todavia, o tempo cobrou seu preço e, por volta do ano 51, ao mesmo tempo em que o pretor Sálvio Lentulus, seu marido, regressava ao mundo espiritual, Fúlvia apresentara sinais de debilidade orgânica iniludíveis.

Dores abundantes se espalhavam por todo o seu corpo físico, agora reduzido a frangalhos por um câncer violento que lhe consumia os tecidos e estava localizado nos órgãos genitais, fartamente utilizados por Fúlvia para os delitos sem conta que cometera, usando o centro sagrado da vida para torná-lo arma de ataque.

Essas áreas apresentavam feridas extensas que, não bastasse o péssimo odor que produziam, ainda lhe infligiam imensos sofrimentos, pois estavam sempre infectadas em face das necessidades fisiológicas que, por terem de ser realizadas sem que a doente se levantasse do leito, eram depositadas sobre as próprias ulcerações abertas, produzindo ainda mais infecções purulentas e intoleráveis.

Os cabelos brancos acusavam a chegada da velhice, acompanhados do estado de desgaste físico em virtude das inúmeras aventuras vividas ao longo de sua juventude, prejudicando todo o equilíbrio vital e abrindo espaço para a infestação das larvas psíquicas em todo o campo do organismo vibratório, prelúdio das inúmeras manifestações mórbidas que feririam o cosmo físico e a levariam ao desencarne.

Por todos estes motivos, ao longo de dois anos a figura de Fúlvia passou a sofrer a triste consequência dos atos praticados anteriormente, efeitos estes que estavam apenas no seu início.

Afilha única, que lhe poderia servir de companheira na dor do período final da existência, estava seguindo rigorosamente os mesmos passos aprendidos com a mãe, ocupando-se dos encontros sociais nos quais jogava com os sentimentos alheios e se comprometia com a infidelidade, desrespeitando o marido digno que o destino lhe propiciara.

Diante de suas dores atrozes e do peso de sua consciência, nos dias finais de sua agonia Fúlvia alternava momentos de razoável lucidez com momentos de profunda insanidade, durante os quais voltava ao passado, esbravejava obscenidades, lançava vitupérios contra fantasmas que somente seus olhos podiam divisar na atmosfera penumbrosa de seu quarto.

Atendida sempre pelo seu prestimoso genro, o militar Emiliano Lucius, buscava muitas vezes aliviar-se das pesadas correntes de dor e arrependimento, agora em que o abatimento físico a encaminhava para o destino que espera a todos os seres sobre a Terra.

Estava chegando o momento do reencontro com os que ferira, com aqueles que já haviam ido para a verdadeira vida antes dela, carregando os espinhos que suas mãos cravaram em seus espíritos vitimados pela sua astúcia e pelo seu veneno.

Assim, nas horas de certa lucidez, Fúlvia dirigia-se a Emiliano que se colocava à sua cabeceira, enfrentando as ondas nauseantes de mau cheiro, provenientes do corpo físico degenerado, que ia apodrecendo antes mesmo que ela morresse.

- Meu filho... você é a única coisa que me resta neste mundo, já que sei que me esperam trágicas consequências no reino sombrio da morte - dizia a doente, agoniada.

Desejando dar-lhe forças e tirar de sua cabeça ideias negativas, Emiliano tentava mudar o rumo da conversa.

No entanto, sentindo que sua vida estava se esgotando, Fúlvia mantinha a mesma direção no assunto, como se desejasse punir a si própria, como um imperativo da consciência de culpa, longamente ignorada pela indiferença.

- Não, meu filho, não posso retribuir a sua dedicação com a mesma indiferença com que me mantive ao longo de toda uma vida.

Fui esposa infiel, mulher impiedosa e mãe desnaturada.

Na condição de esposa, representei uma comédia conjugai, sendo que Sálvio sempre soubera que nos havíamos casado por interesses calculados e para mantermos uma aparência necessária ao nosso modo de ser e à mentirosa sociedade em que vivemos as mentiras que iludem para parecerem verdades.

Incapaz de me manter dentro dos padrões da decência, mantinha minha corte de amantes entre os homens mais poderosos, mas nunca desprezei uma aventura com qualquer outro menos importante, para saciar os meus impulsos carnais.

Assim, não hesitei em me deitar com autoridades e subordinados, romanos e estrangeiros, desde que daí retirasse alguma vantagem que pudesse utilizar depois, na forma de favores que, mais tarde, viria a cobrar com acréscimos.

Fui amante de meu próprio cunhado, esposo de minha irmã, dentro de sua própria casa, sem que isso me causasse a menor dor de consciência.

Quantas vezes sentia Cláudia aflita pelas condutas ilícitas de Pilatos e tentava acalmá-la com fingidas palavras de compreensão, quando era eu mesma quem lhe desvirtuava o casamento, ferindo-lhe o coração generoso e confiado.

Como mulher, mandei matar os que não me interessavam mais e eu própria envenenei alguns outros para que as pistas de meus crimes fossem apagadas para sempre.

E como mãe, passei a criar minha filha pelos mesmos caminhos tortuosos por onde me conduzia, adestrando Aurélia para ser sempre fingida e inocente por fora, mas víbora e mesquinha por dentro.

Ainda que já estivesse casada com você, meu filho, sabendo de sua inclinação profunda por outro, o jovem Plínio Severus, tudo realizei para que ambos pudessem consumar seu amor aqui mesmo nesta casa, durante sua ausência.

Desejando ferir a família do orgulhoso senador que sempre me desprezou no afeto secreto que lhe devotava, tratei de envenenar-lhe o ânimo contra sua mulher, acusando-a de leviana sem ter provas efetivas de sua traição, ao mesmo tempo em que me interpus no caminho de sua filha Flávia, que desposara Plínio numa forma de unirem as duas famílias afinizadas por anos de convivência, os Lentulus e os Severus.

Sabendo da grande paixão de Flávia pelo jovem Plínio, instruí Aurélia, que se demonstrava também interessada em aventuras carnais na companhia do jovem, também pertencente às hostes militares, atraída por seu porte esbelto, nas técnicas de conquista e de sedução sempre tão eficazes diante de homens despreparados para o afeto fiel e seguro do casamento.

Não demorou muito para que Plínio trocasse as alegrias dos braços da esposa pelas aventurosas noitadas ao lado de Aurélia, como a amante lasciva e atraente que, por caminhos tortuosos se tornara a minha arma contra essa família que não conseguira conquistar com meu afeto sincero.

Tudo isso, o fiz por inveja e por desejo de vingar-me da felicidade que não pude construir ao meu redor.

Tenho certeza de que as feridas que me atacam hoje são o fruto desse procedimento ilícito e baixo que, agora que me preparo para morrer, me vejo na obrigação de confessar diante de ti, meu filho, a quem peço que me perdoe todo o mal que estou te revelando.

Emiliano, aturdido, não sabia o que fazer diante de tanta maldade confessada ali, na beira do precipício escuro da morte, por uma mulher que, agora, era apenas a sombra malcheirosa do que fora no passado.

Subira de seu estômago uma queimação acre que parecia querer corroer-lhe as entranhas e, se não fosse a sua disciplina militar, vomitaria ali mesmo, tal o estado de asco que tudo aquilo lhe produzia.

Passara a entender melhor o comportamento de Aurélia, sempre interessada nas festas, nas companhias estranhas de amigas que não guardavam sua simpatia e aprovação, mas que eram usadas como desculpa para suas fugas infiéis, na entrega de seu corpo à paixão de outro homem.

Com o pensamento divagando sobre tudo o que ouvira, viu-se chamado à realidade da enferma por um surto de aparente loucura, que outra coisa não era do que o reflexo de suas visões espirituais, divisando o cortejo negro de entidades vingativas aproximadas de seu leito para que lhe lançassem os impropérios e reforçassem as promessas de vingança que, em breve poderiam ser efetivadas graças ao desencarne iminente.

Assim, nesses momentos, perante os que estavam fisicamente presentes no quarto, ao seu lado, parecia que a doente estava delirando.

No entanto, eram claros as suas palavras e gritos, ligados aos compromissos de um passado recente.

- Emiliano.... Emiliano.... me proteja, meu filho.... estes malditos não irão me levar com eles...

- Calma, minha mãe, calma, aqui não há ninguém além de nós... - respondia o jovem sem entender direito as palavras da velha.

- Mas você não vê como é que este quarto está cheio de sombras e de cobras com cabeça de gente me olhando...? perguntava aflita a mulher que partilhava agora das duas realidades, física e espiritual.

Vejo estas coisas tenebrosas e escuras, todas obedecendo às ordens do maldito Sulpício Tarquínius, o lictor de meu cunhado... comanda ele uma grande legião de soldados mascarados, dão risadas de mim, falam de minha morte e que estão me esperando para retomarmos nossas antigas relações...

Foram homens que eu usei no passado, inclusive Sulpício que sempre me desejou e com quem me deitei várias vezes para obter favores junto ao governador ou para aliciá-lo para meus planos tomando-o meu cúmplice.

Agora está aqui parecendo um dragão com olhos de fogo e sorriso de serpente, estendendo as mãos como a me desejar levar com ele.

- Não vou... não vou... sua víbora asquerosa - gritava a doente em desespero.

- Ele me quer, está me envolvendo o corpo com a sua cauda de bicho, como querendo me estrangular para que eu morra mais depressa...

- Emiliano, 'ajude-me, não me deixe ir com esse demônio...

Lutando para acalmá-la um pouco, o genro buscava o recurso da oração aos seus antigos deuses para pedir um pouco de paz àquele coração aflito que se via envolvido pelas sombras de seus crimes.

Depois de muito custo, parecia que as visões a deixavam e ela retomava uma razoável serenidade, para voltar a conversar com o rapaz, mas, agora, se apresentava cansada pelo esforço da luta cruel que mantinha contra aquelas visões terríveis que vinham cobrar-lhe as antigas condutas e os antigos pactos.

Vendo o seu estado de abatimento, Emiliano pedia que descansasse.

- E Aurélia, onde ela está? - cobrava a mãe doente, sabendo das aventuras da filha.

- Logo vai chegar em casa, minha mãe - respondia o marido, confundido.

- Com certeza está nos braços do amante em algum lugar por aí, meu filho. Ocupe-se em seguir sua esposa para impedir que ela prossiga com esse comportamento baixo, já que você não merece esse tipo de tratamento...

- Vou seguir seus conselhos, mãe, mas peço que a senhora descanse agora.

- Sim, eu me sinto abatida. No entanto, amanhã, quero que volte aqui, pois preciso lhe contar outros segredos infames de nossa existência desventurada que envolvem a conduta de Aurélia em nosso dia-a-dia.

Sabendo que estas poderiam ser palavras de uma quase louca, o rapaz prometeu que voltaria para continuarem a conversa, sem perceber que, no quarto ao lado, silenciosamente, como era de seu costume, na astúcia de mulher que se faz silenciosa para escutar conversas e confissões secretas, estava Aurélia, que havia chegado de suas aventuras e conseguira ouvir boa parte das confissões de sua mãe e das acusações contra a sua pessoa e a sua conduta ilícita.

Vendo-se desnudada aos olhos do esposo e sabendo que a genitora pretendia piorar-lhe as coisas para o dia seguinte, não lhe pareceu existir outra solução senão a de dar um fim na velha doente com o corrosivo que já havia oferecido a muitos de seus amantes e desafetos.

Assim, saindo do esconderijo como quem nada tivesse escutado, aproximou-se fingidamente do leito materno com ares de preocupação e desejo de aliviar seus sofrimentos, não sem antes desvestir as roupas alegres e festivas que lhe denunciariam a chegada de lugares impróprios, ainda mais para serem visitados naquele momento em que a mãe se encontrava em seus dolorosos estertores.

Observada pelo marido que trazia o cérebro fervendo de pensamentos conflitivos, Aurélia procurou fazer-se mais doce e preocupada, alardeando a necessidade de sua mãe repousar.

Diante de sua chegada, Emiliano se afastou do quarto para que ambas pudessem ficar mais à vontade, sabendo que a filha, como mulher, poderia cuidar das feridas da mãe sem que sua presença viesse a constrangê-las na delicada e íntima operação.

No entanto, com a saída do marido, Aurélia pôde dar continuidade aos seus planos.

- Gostaria de um calmante, mãezinha, para que pudesse repousar mais tranquila? - perguntou a filha.

E acolhida pela palavra confiada daquela que fora sempre a sua sócia, a sua cúmplice em todos os erros que cometeram, Fúlvia se sentira mais segura com a sua presença e suas palavras aparentemente doces.

Sentou-se na cama, acariciou os cabelos da filha e concordou em receber o calmante para que o descanso lhe viesse menos doloroso.

Tratou a jovem de preparar-lhe o remédio, não sem deixar de incluir algumas gotas de tóxico veneno letal que guardava em suas coisas, herança das práticas de sua própria genitora que a iniciara nas artes da maldade, através das lições que ensinavam como se livrar de pessoas indesejáveis ou de segredos que não se poderiam revelar nunca.

E, enquanto preparava o remédio/veneno, Aurélia pensava consigo mesma:

- Sim, o segredo só a morte pode, para sempre, preservá-lo...

Levou o recipiente diretamente para a mãe e fez com que bebesse todo o seu conteúdo, sem qualquer tremor de consciência, sem qualquer gesto de vacilação.

Afastando-se do ambiente no qual deixara duas servas para velar o sono da enferma, como era costume, seguiu para seus aposentos esperando o desenrolar dos fatos, apreensiva.

Não tardou muito para que o efeito produzisse a sufocação fatal que impedira à vítima sequer a expressão verbal das últimas palavras.

Chamados ao leito pelo estado de desespero da doente, todos da casa procuraram dela se aproximar para tentar aliviar-lhe o sofrimento fulminante.

Em vão se tentaram todas as formas de ajuda e vieram os que se dedicavam ao tratamento das enfermidades naquela época, sem que conseguissem realizar qualquer diagnóstico acerca do veneno.

Para todos a doente fora vítima de sua própria enfermidade, tendo sido considerada morta algumas horas depois da última conversa com Emiliano.

Apesar da aparente casualidade, não lhe passou desapercebido o fato de a enferma ter morrido pouco depois da chegada da filha e tal suspeita veio se juntar às inúmeras outras que lhe povoavam a alma.

O desencarne de Fúlvia foi trágico para o seu espírito.

Da mesma forma como houvera matado muitos, direta ou indiretamente, fora também assassinada provando em sua própria pele os efeitos do veneno que distribuíra, outrora, aos que desejava tirar de seu caminho.

Nas palavras sábias de Jesus, era o ferro ferindo aqueles que com o ferro haviam ferido, literalmente.

Agora, no mundo espiritual, o cortejo de seus sócios, de suas vítimas, de todos aqueles com quem se havia compactuado em sua trajetória de erros e deslizes, a esperava, ruidoso e apavorante.

E à frente desse cortejo sinistro estava Sulpício, o algoz de todos os antigos comparsas, que espalharia o medo e a perseguição, dominando as almas comprometidas pelas brechas que seus erros haviam aberto em suas consciências.

Estávamos no ano de 53 quando o desencarne de Fúlvia ocorreu pelas mãos da própria filha.

3

PERANTE SI PRÓPIA

O despertar de Fúlvia no plano espiritual foi algo tão doloroso quanto o fora o período final de sua vida.

Poderíamos dizer que, ao aportar ao mundo da verdade depois que o corpo fora consumido pelo tóxico, Fúlvia parecia trazer consigo todas as marcas das fixações mentais que houvera desenvolvido durante o tempo de vida física, nos hábitos, nas condutas emocionais, como acontece com qualquer um de nós que escolhe os mesmos caminhos.

Assim, a princípio não entendera o que lhe havia sucedido já que o veneno expulsara seu espírito do corpo carnal de forma abrupta e cruel.

Quando abriu os olhos na vida espiritual, sentia todos os esgares dos últimos momentos da matéria, faltando-lhe o ar, como se alguma coisa a mantivesse viva, mas, ao mesmo tempo lhe impedisse de respirar como sentia necessidade de fazê-lo.

Por causa de seu padrão de conduta durante a vida, não foi apenas no corpo físico que a enfermidade cancerosa tinha se instalado. Aliás, é bom que se esclareça o leitor que as doenças que surgem no organismo são o produto dos desequilíbrios da alma, acumulados ao longo da presente encarnação ou provenientes das anteriores vivências da alma, somadas aí aquelas que são solicitadas pelo reencarnante como prova para o seu mais rápido aprimoramento e as que ele resolve criar com os abusos a que se entrega.

Por isso, em Fúlvia, o câncer era a marca de sua realidade espiritual, alimentado pelas mais baixas vibrações de seu espírito necessitado e ignorante, acostumado às convenções mesquinhas de uma sociedade corrupta na qual se inseriu procurando usar de suas armas para conseguir as vantagens materiais que julgava mais adequadas.

Assim, desenvolveu na área mais ligada à sua preocupação mental os desajustes correspondentes que vieram a denunciar-lhe a condução moral deficitária.

Se no corpo físico a matéria carnal, ulcerada pelos tumores, ainda apresentava certa resistência às transformações impostas pela mente desvairada, matéria esta que só lentamente ia sendo corroída,-no corpo espiritual daquela alma infeliz as mudanças e desajustes vibratórios se apresentavam grotescos, transformando-a, por assim dizer, em uma mistura de bruxa louca e monstro deformado.

A área genital que corresponderia ao baixo ventre em seu corpo fluídico estava totalmente dilacerada pelas viciações sexuais, ampliando-se as características morfológicas genitais que Fúlvia havia usado de maneira indevida e exagerada, avantajando-se desmedidamente.

Não trazia apenas o aumento da forma degenerada, mas, além disso, a tumoração igualmente era mais grotesca e dolorosa, fazendo com que Fúlvia precisasse se apoiar a fim de poder caminhar com muita dificuldade no ambiente hostil onde se viu projetada.

Precisava caminhar com as pernas separadas em face das alterações morfológicas que se impuseram pelos desregramentos morais a que se entregou, o que a impedia de manter o equilíbrio desejado. A dor lhe seguia os passos e cobrava o preço por toda a dor que ela houvera espalhado em sua trajetória, conforme a consciência de culpa já lhe impunha, como vimos nos desabafos que efetuara perante o genro amoroso que a auxiliava.

Para conseguir um pouco de alívio, precisava manter uma das mãos à altura do ventre, pressionando-o em cada passo que dava, como a segurá-lo para que o balanço não fosse muito intenso e a dor multiplicada.

Ao lado disso, seguia o problema respiratório que o tóxico produzira em sua sensação para além da sepultura.

E, para completar o dantesco quadro de misérias, os seus cobradores espirituais, fossem as suas inúmeras vítimas, fossem os seus muitos comparsas, se lhe apresentavam, acusadores e violentos uns, irônicos e gozadores outros, desejando verem-se vingados ou procurando amedrontá-la ainda mais.

Não precisamos dizer do estado íntimo de Fúlvia que, diante de todas estas realidades insofismáveis, se deixara levar pelo desespero, abeirando-se da insanidade completa.

Incapaz de entender o que se lhe havia sucedido, caminhava como podia pelas zonas purgatoriais umbralinas, onde a escuridão é sempre abundante e os baixos instintos prevalecem como a resultante final da somatória dos padrões dos indivíduos que aí se encontram e se perseguem mutuamente.

- Emiliano... Emiliano... meu filho... me ajude!-gritava ela como louca naquele abismo de dor e desalento.

Estridentes gargalhadas soavam como eco ao seu pedido desesperado.

- Bruxa não precisa de ajuda...! Miserável, maldita! A morte é pouco para você, sua vampira desalmada. Aproveite a estadia no inferno de onde você não vai sair nunca mais.

Estes impropérios e muitos outros eram as respostas às suas súplicas, oriundos dos que a acompanhavam naqueles ermos abismos.

Entidades sofridas e que se haviam consorciado para exercerem a vingança contra a desditosa alma de Fúlvia não a deixavam em paz.

Tentava fugir de seu assédio, mas a dificuldade de caminhar a impedia de fazê-lo e, muitas vezes, rendendo-se ao cansaço e à dor, acabava caída ao solo, ocultando o rosto entre as mãos, que buscavam tampar os ouvidos para que não escutasse as frases cruéis, sem conseguir impedir que os ditos jocosos e agressivos lhe chegassem aos tímpanos da alma.

Não sabia como continuava a escutar mesmo com os ouvidos tampados, pois não tinha nenhum conhecimento sobre a vida espiritual que a recebia em outra realidade onde as leis eram diferentes das que dirigiam os fenômenos na Terra.

Suas vestes foram se desfazendo e somente a nudez lhe restou como a única vestimenta, do mesmo modo como houvera se conduzido durante a vida física. Só que, agora, seu corpo era uma grotesca escultura, recoberto por uma pele escamosa, parecida com a de um sapo, de onde minavam fluidos pestilentos e malcheirosos, que Fúlvia tentava cobrir desesperadamente para evitar que esse mau odor e a própria nudez lhe denunciassem o estado de degeneração.

E na falta de qualquer tecido para fazê-lo, procurava cobrir-se com a lama do chão onde pisava, única roupagem que, por algum tempo, lhe permitia ocultar a pele nua.

Esse lugar lhe causava arrepios no mais profundo da alma, já que, apesar de extremamente escuro, propiciava que ela visse e fosse vista por aqueles que a rodeavam. Assim, a sua nudez física, a mesma que ela usara tantas vezes durante a vida carnal para conquistar os favores dos poderosos, agora lhe causava medo pelo estado animalesco de que sua epiderme se revestia, grossa, úmida e escamosa.

O tempo de permanência nesse antro parecia eternizar-se em seu conceito íntimo, já que ela não tinha como marcara sua passagem. Por isso, cada minuto parecia um infindável tormento a se estender por seu espírito, como se fosse um século.

Em vão gritou para os deuses aos quais jamais recorreu outrora com sinceridade e respeito, pedindo ajuda. Vociferava impropérios tão logo se visse inalterado seu estado geral, amaldiçoando lhes a indiferença.

Assim permaneceu Fúlvia por alguns anos, recebendo como única visita naquelas furnas a figura de Sulpício que a vinha fiscalizar e que deixara um de seus asseclas e comandados como responsável por vigiá-la para que não a perdesse de vista, já que, quando se fizesse o momento adequado, voltaria para buscá-la, lembrando que, apesar do grau de deformidade e monstruosidade daquela alma, Sulpício se achava ligado a ela pelos desejos que, de uma forma ou de outra,, acabam sendo os primeiros e mais pobres laços dos espíritos, a começarem a sua jornada de comprometimento e elevação, ainda que através da dor e do sofrimento que se causem.

E não se podia negar que Fúlvia havia se comprometido com ele também eis que ambos se associaram para inúmeras perseguições, oferecendo Fúlvia seus dotes físicos e seus favores sexuais como pagamento pela fidelidade de Sulpício, que se encantava com a possibilidade de possuí-la entre suas conquistas.

Da mesma maneira que Fúlvia, Sulpício também havia assumido a forma degenerada que seu atraso e sua maldade lhe impunham, uma vez que no mundo dos espíritos funciona, como alfaiataria da alma, a oficina do sentimento e do pensamento.

Se bons e nobres, são capazes de tecer roupagem harmônica e bela para a alma apresentar-se revestida de encantamento.

Se inferiorizados e deturpados, produzem sombras e deformidades como consequência direta, ornamentando o seu gerador primeiro, o espírito que os alimenta, com a aparência grotesca e trágica que indica seu estado de atraso espiritual.

Ambos, portanto, se haviam igualado em feiura por traduzirem os baixos padrões de seus espíritos nas formas adulteradas que denunciavam o seu tônus vibratório.

A diferença era a de que, por estar já há muito tempo no plano espiritual, Sulpício aprendera a controlar melhor a sua mente e, valendo-se de sua liderança como lictor inteligente e sagaz, organizara uma rede de serviço e influência que, agora, dirigia com mão pesada.

De alguma sorte, havia pleiteado e conseguido o importante cargo na estrutura umbralina graças ao seu currículo de maldades e à sua especialidade como organizador de orgias, de extorsões, de perseguições que causavam impacto e medo nos mais experientes moradores da escuridão.

Sulpício, deste modo, acompanhara de perto o desencarne tanto de Pilatos, quinze anos antes, quanto o de Fúlvia, agora igualmente devolvida ao seu controle direto, apesar de seu estado lastimável.

Importante que se diga que em Pilatos as mesmas adulterações genitais se observavam, apenas com menores realces do que em Fúlvia, pelo fato de que o espírito do governador, apesar de leviano e imaturo, não fizera do sexo desvairado sua principal fixação. Abusara da sexualidade como um processo de desfrute, como um aperitivo para preencher o seu lazer de homem, não como o fazia Fúlvia, como arma de conquista, como ferramenta de trabalho na realização de seus desejos vis.

Além do mais, a benefício de Pilatos contava o fato de que, bem ou mal, esteve a serviço da coletividade que governou e que, se não se comportou de maneira digna como se era de esperar de qualquer governante, ainda que medíocre, a sua administração produziu algo de bom ao longo dos anos que se manteve à frente do governo da província.

Mais do que isso, contudo, contava o remorso pelos seus atos, a vergonha que já começara a experimentar durante a vida física com a perda de sua posição e a humilhação do exílio, somadas aos ensinamentos recebidos de Zacarias e ao peso da consciência de culpa pela morte de Jesus.

Todas estas circunstâncias pesavam a favor de Pilatos que, apesar de ter tirado a própria vida num gesto que é geralmente considerado um delito dos mais graves, possuía atenuantes e havia realizado algumas coisas boas que o protegiam na colheita dos amargos frutos no mundo da verdade espiritual.

Assim, apesar de extremamente degenerada, a aparência de

Pilatos era melhor do que o estado vibratório de Fúlvia, ainda que, obviamente, não fosse de causar nenhuma inveja em ninguém.

Com o passar dos anos, Sulpício conseguiu reunir o ex-governador e sua ex-amante na mesma caverna a fim de que um pudesse ver o estado repugnante comum e nunca mais desejarem se envolver um com o outro.

Era esta a ideia de Sulpício que, ciumento, desejava guardar aquela mulher somente para si mesmo.

Providenciara esta aproximação com o intuito de concretizar o seu definitivo afastamento, pela aversão que desejava criar em seus espíritos.

E foi tal o estado de repulsa que a visão de ambos lhes produziu que, quase de imediato, se afastaram lançando imprecações de dor e revolta um contra o outro.

Pilatos, sem identificar Fúlvia logo de princípio, amedrontou-se com o estado monstruoso daquela entidade que parecia estar ali para causar-lhe terror, coisa que, para que ocorresse com um soldado romano, deveria ser muito impressionante mesmo.

Fúlvia, por sua vez, identificou seu antigo amante com facilidade já que o estado de Pilatos era menos degradado do que o dela própria, mas, tão logo o viu, ao mesmo tempo que sentiu medo de seu estado degenerado, imediatamente passou a lançar-lhe palavrões e frases acusadoras, como se não houvesse sido ela própria, no passado, quem tivesse tramado a sua morte através do braço assassino de Sávio.

Somente quando Fúlvia passou a agredi-lo de maneira direta e clara, referindo-se ao passado de ambos, é que Pilatos percebeu que aquele monstro poderia tratar-se daquela bela cunhada que lhe visitara o leito espúrio tantas vezes e que lhe produzia a sensação de virilidade e poder, pelo exercício de sua masculinidade.

Ao perceber tal situação, o governador aterrorizou-se ainda mais, pois aquela criatura em nada se parecia com a bela e esbelta mulher que se esgueirava por entre seus lençóis.

Quase que em desespero, afastou-se dela em fuga para o ponto mais profundo da caverna onde se localizava sob o domínio de Sulpício que, feliz e realizado com essa reação, conduzia Fúlvia para outro ponto da mesma gruta, onde os manteria isolados e guarnecidos, como se estivessem, ambos, sob o seu comando.

Tudo isso permaneceu dessa maneira por vários anos, sendo certo que os asseclas de Sulpício, rotineiramente, traziam aos dois prisioneiros da maldade, algum tipo de alimento grosseiro e pequenas porções de um líquido barrento que podia ser considerado água suja e sem condições de ser ingerida, mas que era sorvida pelos prisioneiros desesperadamente, como se fosse a linfa mais pura que a natureza fornecesse.

Esse estado de coisas se manteve como medida educativa da lei do Universo, que permite sejam preservadas as consequências dos atos de todos os envolvidos na tragédia da vida como forma de vaciná-los pela dor atroz que eles mesmos haviam engendrado em seus destinos contra novas recaídas no futuro.

Não era pela maldade de um Deus indiferente que eles continuavam ali.

Era justamente para que aprendessem com as conseqüências de suas escolhas quais deveriam ser as melhores opções para suas almas, quando estivessem novamente recolocados no processo de viver no corpo carnal.

No entanto, sobre todos eles pairava a lei de Amor que os conhecia e estava buscando os melhores caminhos para que seus espíritos pudessem recomeçar, apesar de todo o mal que haviam cometido uns para com os outros.

É por isso que todas as forças do Amor são usadas no governo da vida, já que são as únicas que suportam as agressões mais vis sem reagirem da mesma maneira, são as únicas que compreendem sem serem compreendidas, as únicas que não escravizam aqueles a quem se dedicam como escravas por escolha.

Lembre-se, leitor amigo, somente os que Amam com a plenitude do Amor espiritual, efetivamente, governam a vida.

E isto estava ocorrendo também no caminho dos nossos personagens infelizes que, por longos anos, ficaram à mercê de si mesmos, incapacitados de se entregarem a um sentimento de afetuosidade que fosse capaz de compreender, perdoar, estender a mão.

A todos os que se vêem feridos no afeto e que não se dispõem a perdoar, a compreender as fraquezas alheias, a desculpar-lhes a defecção ou mesmo a traição das promessas mais elevadas, feitas ao pé de altares considerados sagrados pelos homens; a todos os que se aceitaram como vítimas da injustiça e passaram à condição de fazedores de injustiças pela perseguição ou pelo desejo de vingança; a todos os que se rebaixaram no sentimento para revidarem as faltas morais de que foram vítimas reproduzindo-as em seu comportamento, traindo para pagar na mesma moeda, adulterando para que o outro sofra a mesma coisa, corrompendo-se no caráter e nos ideais apenas para dar o troco, vulgarizando-se para sentir a satisfação do revide; a todos os que ainda não entendem o que significa o Amor verdadeiro, possa servir de exemplo o estado espiritual de Fúlvia, Sulpício e Pilatos como indicador do cenário que espera por aqueles que preferiram o caminho tortuoso da queda moral, quando poderiam ter escolhido o padrão mais elevado da fé em Deus e da confiança em sua própria capacidade de vencer as decepções da vida sem precisar ser daquele que se compromete com o mal e com o erro.

Lembremo-nos de Jesus quando dizia:

"É necessário que o escândalo venha. No entanto, que não sejas tu a pedra de escândalo".

4

AO CENÁRIO CATACUMBA

O cenário era impressionante. As tochas iluminavam os nichos e as paredes ao redor, cheias de inscrições e de lápides. O odor abafado do lugar deixava sentir que ali alguém não poderia viver por muito tempo sem enfermar-se, já que a ventilação não era suficiente para tornar salubre aquele ambiente.

A umidade, em alguns casos, dava mostras visíveis, pelos gotejamentos que aqui ou ali se pronunciavam pelas paredes, a partir do teto escavado, tornando o local adequado para a proliferação de fungos e microrganismos que se aproveitavam dos elementos químicos do solo e das substâncias liberadas pelos corpos em decomposição.

A escuridão natural tornava aqueles sítios um local de arrepiar qualquer ser vivo que ali se aventurasse, sobretudo porque se corria o risco de se perder no labirinto de túneis e passagens que se multiplicavam pelo subterrâneo, já que tal cenário se localizava bem abaixo da superfície.

O odor característico dizia de sua destinação como última morada para os romanos de então, que ali depositavam os corpos mortos nos diversos nichos escavados nas paredes, onde ficavam à espera das homenagens próprias dos rituais pagãos, na condição de ancestrais agora tornados deuses da família, conhecidos como deuses lares.

Um vozerio abafado e um movimento invulgar quebravam, naquele dia, a rotina do local sempre silencioso e lúgubre, eis que, de tempos em tempos, pequenos grupos chegavam, discretos, descendo pelas escadarias em silêncio, seguindo sutil trilha de tochas pequeninas que foram acesas antes por alguém com a finalidade de orientar o caminho dos que desciam.

Vencidos corredores e passagens apertadas, chegava-se a um salão abobadado onde, aos tempos de Augusto, se reuniam as cooperativas funerárias, à época as únicas corporações a que se permitiam congregar pessoas sem serem consideradas amotinadas pela lei romana.

Por efeito da manutenção da ordem pública e para se evitarem as reuniões sediciosas, acatando as determinações de Augusto, só se permitia, desde os idos tempos de seu glorioso "imperium" as reuniões públicas para os fins piedosos de levar à última morada os corpos que morriam.

Assim, lá se encontravam, agora, mais de duzentas pessoas amontoadas para escutar, naquele ambiente inadequado e obscuro, a palavra luminosa do apóstolo que chegara da Síria, enviado pelas forças espirituais para espalhar a luz sobre a treva, o consolo sobre a dor.

Já se haviam passado vinte anos desde que Pôncio Pilatos tirara a própria vida em Viena, no ano de 38 D.C., depois de seu exílio e sua desgraça. Ao mesmo tempo, pouco mais de duas décadas tinham transcorrido quando Zacarias, envenenado, entregara o corpo à sepultura, no ano 36 D.C.

Desde aquele tempo, João de Cléofas se houvera convertido em um dedicado trabalhador do Evangelho, convertido que fora pela cura recebida das mãos de Zacarias, na cidade de Nazaré, quando apodrecia o então leproso Cléofas no casebre que seu irmão Saul lhe destinara como sepultura viva.

Curado pela oração fervorosa de Zacarias, Cléofas passou a seguir-lhe os passos até que se dirigiu com ele para a cidade de Cafarnaum onde se encontrou com Jesus a quem, igualmente, passou a acompanhar por todas as andanças.

Mesmo quando da crucificação, Zacarias e Cléofas - que acrescentara ao seu o pré-nome de João, - agora íntimos amigos, acompanharam à distância todos os trágicos acontecimentos com o Divino Mestre e guardaram para sempre em seus espíritos as lembranças amargas de tais cenas, sempre muito duras e dolorosas.

Espalhados os discípulos pelos caminhos do mundo, João de Cléofas tomou o destino da pregação das verdades do reino, deixando Jerusalém e a Casa do Caminho nas mãos dos demais seguidores do Mestre e estabelecendo seu trabalho na região mais ao norte, junto das comunidades afastadas do centro do mundo judeu, falando das realidades espirituais a criaturas afastadas de todas as influências religiosas ortodoxas.

Antioquia fora o centro nevrálgico de sua atuação, principalmente depois que o convertido de Damasco, Paulo de Tarso, ali estabeleceu as bases da comunidade cristã que se manteria por longos anos, reunindo homens e mulheres devotados à vivência das verdades da Boa Nova.

Ali, João de Cléofas estabelecera o centro de seu trabalho e dali fora enviado a Roma para os deveres espirituais que o aguardavam na trajetória de sua alma.

Em modesta saliência que o tornava um pouco mais elevado do que os demais, à guisa de pequena tribuna, levantara a voz o pregador envelhecido pelos labores sacrificiais do Evangelho, ouvido em magnético silêncio pelos seguidores da mensagem do Divino Mestre, que se multiplicavam por aquela Roma paga e entregue a todo o tipo de dissolução social, agora sob a direção do espírito imaturo e invigilante de Nero.

Os núcleos cristãos se iam tornando mais numerosos e, ainda que se mantivesse a proibição dos tempos de Augusto, já era mais comum que as pessoas se reunissem em suas moradias para os contatos com as novas ideias. Roma crescera muito como o centro de um mundo rico e depravado.

Cada vez era mais difícil fiscalizar todos os cidadãos e o que faziam.

O novo movimento começava a chamar a atenção das autoridades pelo volume com que se multiplicava o número de seus adeptos, provocando uma alteração significativa no equilíbrio do culto às antigas tradições populares e religiosas.

No entanto, ainda que se encontrassem em pequenos grupos, eventualmente procuravam se reunir em catacumbas, local isolado e pouco vigiado, para que, em maior número, pudessem escutar algum pregador inspirado que viesse lhes trazer o fortalecimento dos ideais e as notícias do andamento do movimento cristão pelos caminhos do mundo.

A mensagem que João de Cléofas trazia, profética, tocaria o destino de todos os seus ouvintes extasiados e embevecidos pela eloquência de seu interlocutor que, numa mistura de serenidade e energia, força e doçura, magnetismo e simplicidade, dava mostras claras de não estar falando por si mesmo, mas sim, inspirado pelas luminosas falanges espirituais em nome das quais havia sido mandado a Roma a fim de preparar o ambiente dos candidatos ao Reino de Deus para os sacrifícios que eram esperados de todos os sinceros adeptos.

A sua figura pequenina elevava a voz no ambiente parcamente iluminado e os ouvidos atentos dos que, de diversos lugares da grande cidade acorreram para ouvi-lo, igualmente, não perdiam nenhuma das suas expressões, levados à emoção e às lágrimas pelas figuras luminosas e fortes que o seu verbo lhes transmitia ao coração e ao pensamento.

Ali estavam, igualmente escutando o sermão espiritual, entre os homens, Lucílio Barbatus, o ex-centurião romano que seguira com Zacarias para levar Pilatos ao exílio na Germânia Superior, ao mesmo tempo em que todos os seus companheiros da estalagem de Jonas, localizada nas redondezas da Prisão Mamertina, também se encontravam ali, já que a semente que Zacarias havia lançado e Lucílio houvera dado tratamento carinhoso, fertilizara o coração de inúmeros israelitas que viviam na grande capital e que passaram a ter, na estalagem humilde, o ponto de encontro semanal.

E dentre as inúmeras mulheres que se congregavam no ambiente, também em busca das palavras firmes da Boa Nova, encontravam-se Lívia, a esposa de Públio Lentulus, o senador romano na Palestina dos tempos de Jesus e sua amiga e confidente Ana, a sua companheira de todos os momentos.

Uma plêiade de espíritos, luminosa e dedicada à semeadura da verdade, envolvia todos os mais de duzentos participantes daquela assembleia clandestina que buscara a escuridão do subterrâneo para fugir das vistas das autoridades arbitrárias e mesquinhas, manipuladas por um ensandecido imperador.

Estavam iluminando consciências, abrindo os caminhos do coração, preparando a sementeira daquilo que estava por vir e que os transformaria no fertilizante da verdade na terra estéril dos prazeres ignóbeis que a ignorância possibilita vicejarem sobre a Terra.

Línguas de fogo em Antioquia, perfeitamente identificáveis pelas leis espirituais como os efeitos físicos do mundo invisível que marcavam as reuniões evangélicas dos primeiros tempos, haviam anunciado verdades fulgurantes para as criaturas da grande capital onde haveria de ser instalado, um dia, o reino do Cordeiro sobre as cinzas dos lobos que ali haviam vivido e governado em nome da agressividade e da luxúria, próprias da pequena evolução de seus espíritos.

Novos ares traziam com as luzes do entendimento e as sementes lançadas lá na distante Palestina, sopradas pela brisa do Amor verdadeiro, começavam a chegar a Roma e aos que ali seriam dos primeiros a colaborarem com a edificação de uma nova ordem no cenário do mundo em transformação.

A mensagem de João seria transmitida sob o palio protetor de muitas criaturas generosas e espíritos devotados, entre os quais, ali se encontravam Zacarias, Simeão, Gamaliel, Abigail, Estêvão e muitos outros trabalhadores dos ideais cristãos dos primeiros tempos de pureza e simplicidade.

5

PALAVRAS PROFÉTICAS

No ambiente ressoava a voz enérgica e macia de João, dirigindo-se aos ouvintes que se punham extasiados ante as revelações que eram feitas. Segundo suas afirmativas candentes que aqui interpreto para que o leitor possa avaliar-lhes a profundidade, o pregador vaticinava que em breves dias os caminhos retornariam à estrada que conduzia ao Divino Mestre, eis que as línguas de fogo, manifestação inequívoca da Vontade de Deus no seio da igreja de Antioquia de onde ele era oriundo, revelaram que a grande capital do mundo fora escolhida para dar testemunho das verdades do espírito.

Cenário de devassidão e de crimes bárbaros, sob a alvura dos mármores ricos e brilhantes, seria no seio das almas perdidas que se instalaria a nova ordem, recolocando a verdade acima das venais e iníquas disputas humanas.

As dores que os aguardavam no trajeto da fidelidade aos ensinamentos de Jesus seriam abençoado prêmio, pois os libertariam das amarras da vida física para os voos na direção de Sua augusta luminosidade, no reencontro que desejavam todos aqueles que amavam o Cristo, verdadeiramente.

E se o testemunho que pedia a Verdade, em face da insignificância humana podia parecer algo que fosse sem valor, afirmavam as forças espirituais que sobre tais demonstrações de júbilo e coragem as legiões luminosas de Deus, que serviam a benefício das criaturas ainda atrasadas e indiferentes, trabalhariam para que elas despertassem e caminhassem ao encontro daquele mesmo Cristo que crucificaram.

Diante do horizonte penumbroso que se levanta no caminho do verdadeiro seguidor das verdades do Espírito, - prosseguia João de Cléofas, inspirado - impunha-se que recordassem que não faltaria a fortaleza e o apoio das falanges luminosas, eis que os reais servos do Senhor seriam provados efetivamente no calor do fogo, na dor da adversidade, na rudeza da batalha.

E não deveriam todos esquecer que o próprio Jesus, no instante mais doloroso de sua trajetória, de corpo alquebrado depois de todos os suplícios a que fora submetido, ferido por garras de metal que o prendiam para que expirasse lentamente, com sede de água e de afeto, no instante supremo em que se preparava para devolver o corpo ao mundo e entregar-se nas mãos do Pai, elevara a voz e clamara aos céus para que o Criador perdoasse os seus tirânicos agressores, pois não sabiam o que estavam fazendo.

- Lá estive pessoalmente a escutar, para minha felicidade, a palavra do querido Mestre, nos instantes de maior sofrimento que preludiavam a grande volta ao seio do Pai...

Prosseguindo depois de breve interrupção, ante a emoção que o envolvia, o apóstolo de Antioquia considerou diante da atenção de todos que, se o perdão era a palavra da Boa Nova a ser empregada e solicitada até para beneficiar os nossos mais cruéis adversários, que palavras doces não existiriam nesse vocabulário de esperanças para aqueles corações convocados para o testemunho de sua fé, no processo de semeadura das realidades do espírito na Terra da devassidão e do paganismo?

Ao seu tempo, Jesus havia padecido a solidão até o fim, quando entregou o último raio de vida na fidelidade a Deus e ao Amor que o levou a tudo suportar com o objetivo de ensinar o seu poder absoluto sobre todas as coisas.

Agora, passados mais de vinte anos da triste despedida, seria necessário não deixar o Divino Mestre olvidado na solidão de outrora.

Roma iria exigir o sangue dos justos e dos inocentes do mesmo modo que a velha Jerusalém costumara pedir o sangue dos que vinham semear a luz em seus tortuosos destinos escuros e mundanos.

E a todos caberia a felicidade, maior e mais importante ainda do que a própria honra, de serem os escolhidos para esse batismo de fogo, a fim de que o Imaculado Cordeiro encontrasse nessa renúncia, nessa gratidão e devotamento o atestado da mais sincera crença em Seu amor.

Convocados pelo destino, estariam no momento crucial de suas vidas, quando seriam aqueles que poderiam chorar hoje as lágrimas que libertam na fecundação de novas alvoradas ou haveriam todos de chorar amanhã as dores da fuga, no arrependimento e na vergonha da deserção.

Entrevia, na acústica da alma, que o futuro reserva à capital do pecado, a ruína e a destruição de seus ídolos de pedra, através dos sofrimentos e das tempestades de dor e tragédia que recolocarão os homens levianos diante de suas obras de leviandade, fustigando a mente mais lúcida e confundindo o raciocínio mais astuto para que aprendessem a prestar culto tão somente à simplicidade e à verdade, estabelecidos como os padrões do Amor do Pai a benefício de todos os filhos.

E com a chancela do sacrifício de novos inocentes, assim como foi necessário o sacrifício do Justo, seguiria a obra do bem vitoriosa e indestrutível, avassalando mais e mais corações para que fossem varridas as trevas de toda a Terra.

Se chorassem agora, os queridos irmãos estariam enfrentando os derradeiros momentos de testemunho da fé para ingressarem nas fronteiras da ventura do espírito, onde poderiam todos sorrir de alegria nas celestes moradas destinadas àqueles bem-aventurados do Cristo.

A força dos argumentos de João causava um grande impacto nas almas dos ouvintes que, sem dúvida alguma, estavam sendo informados acerca das inúmeras dificuldades que os esperavam no testemunho necessário, quando se pretendia ampliar o bem em favor de mais e mais sofredores.

Nas palavras lúcidas de João Evangelista, se a semente, caindo ao solo se recusar a morrer, ficará ali sozinha, perdida e esquecida. No entanto, se ela aceitar morrer, se transformará em muitas outras sementes e não ficará mais em solidão. (Jo, 12, 24)

Assim, o necessário processo de fecundação espiritual que se iniciava na grande cidade, sede do mundo material, que a iria transformar profundamente ao longo dos anos que viriam.

A luminosa palavra de João de Cléofas era o farol que, aceso nas penumbras umbralinas, alertava os viandantes para os perigos da travessia, sem ilusões ou meias palavras.

Seriam exageradas as suas advertências?

Suas expressões fortes e decisivas não estariam a propalar uma situação que mais assustaria do que ajudaria os ouvintes?

Viera de tão longe apenas para atemorizar os cristãos em minoria na grande capital do paganismo?

Tal é, muitas vezes, a maneira pela qual interpretamos os avisos celestes, de forma a deles tomarmos conhecimento sem que nos modifiquem de imediato, por acharmos que estão exagerados, estão apenas alertando para futuro incerto, desejando que nossas vidas se transformem e, por isso, usando de imagens mais atemorizadoras para que acatemos os chamamentos.

São destes recursos que nossos pensamentos se valem para não se fazer o que é imperioso e que já nos está sendo alertado.

Pensamos sempre:

Isso não é para mim, é para o outro que está aqui do meu lado.

Esse aviso está um pouco exagerado, não deve ser levado ao pé da letra, pois as coisas não são desse jeito.

A maioria das pessoas está fazendo as coisas de outro modo... Não serei eu quem vai mudar tudo repentinamente, etc.

E, assim, querido leitor, deixamos passar os avisos amigos do mundo espiritual que, muitas vezes se servindo de nossos sonhos, de nossas intuições, de nossos amigos, fazem chegar aos nossos ouvidos o alerta para que não nos deixemos perder nas trajetórias insanas de nossas ilusões.

Acordar com um aviso de perigo é incômodo, mas é bem melhor do que ter que despertar fustigado pelo incêndio que nos está queimando a carne, sem clemência.

Por isso, os que estavam naquele ambiente escutando a mensagem inspirada do apóstolo de Antioquia, sabiam que não fora em vão que aquele ancião houvera se deslocado de tão longe para estar ali naquele momento crucial e tão importante para seus destinos.

Afinal, chegava o aviso antes do incêndio que estava para ser ateado.

Tão logo terminou sua alocução de força e coragem aos corações, depois de algumas breves palavras de entendimento junto aos que o procuravam para troca de orientações, quando alguns já se preparavam para deixar o local, ouviu-se o estalido das sandálias, o farfalhar das capas e o ruído das armaduras, já que mais de cinquenta soldados romanos invadiam o ambiente para surpreender os que ali se reuniam.

As vozes dos soldados ecoavam pelas abóbadas lúgubres da catacumba quase deserta, penetrando os corredores e passagens e produzindo a imagem do terror nos corações da maioria que ali estava.

Percebendo que haviam sido descobertos e que não havia muita possibilidade de evasão, alguns mais afoitos começaram a apagar as poucas tochas que iluminavam o ambiente a fim de que, feita a escuridão, todos tivessem mais chance de fugir pelos corredores e labirintos do lugar.

No entanto, mais uma vez a decisiva intervenção do pregador barrara a iniciativa que só viria a produzir mais dor e aflição, eis que estimularia os soldados a serem mais cruéis com os que ameaçavam fugir.

Assim, tomando a palavra, desceu da modesta e improvisada tribuna de onde falara a todos e gritou para que todos ouvissem:

- Irmãos, Jesus nos ensinou que nunca colocássemos a luz sob o alqueire! Mantenham acesas as tochas para que o nosso testemunho de fé e coragem seja visto por todos e não haja nenhuma dúvida sobre o nosso desejo de entregar tudo pelo Amado Senhor.

Quase que hipnotizados por estranha força que parecia incoercível, os mais de duzentos ouvintes calaram qualquer reação, que seria inócua ante a organizada guarda romana que já tinha tomado todos os corredores e se preparado para qualquer reação violenta.

E à luz das chamas incandescentes que iam iluminando todas as passagens, João de Cléofas dirigiu-se ao centurião romano Luculo Quintilius, estendendo-lhe os braços intimorato e humilde, a fim de que fosse preso sem demonstrar nenhuma resistência, dizendo:

- Centurião, aqui estamos para enfrentar este momento de sacrifício e renúncia sem medo. Cumpre as tuas ordens sem receio, pois ninguém aqui será obstáculo ao que viestes concretizar.

Sem qualquer emoção que não fosse a do desdém, o soldado covarde atou as mãos do ancião, não sem antes feri-lo na face com o golpe arrogante da arma de metal que trazia o símbolo do império mundano.

No entanto, sem perder a confiança em Deus e em si próprio, para coibir a reação que o ato de violência houvera produzido no espírito de alguns jovens que, indignados com a cena abjeta, preparavam-se para o revide, o ancião ergueu a palavra novamente, dizendo:

- Calem toda a violência, pois ela demonstra a alma enferma do agressor. Melhor ser ferido do que ferir, já que a mensagem de Jesus não nos foi trazida para ser olvidada. Lembrem-se de que, na hora dolorosa de sua prisão, tomado de indignação, Pedro sacara da espada contra o soldado do templo que viera prender Jesus e a lição não se fez esperar: Guarda tua espada na bainha, pois os que ferem com o ferro, com o ferro serão feridos.

Diante da heroica advertência daquele velho sereno e vigoroso, todos os ânimos se pacificaram para espanto até mesmo dos próprios soldados romanos.

E, como o exemplo é o mais poderoso argumento que existe na vida, um a um dos que ali se encontravam passou a imitar o gesto de João e estender os braços para que fossem presos sem qualquer oposição.

Reunidos todos sob a vigilância severa dos soldados comandados por Luculo e Clódio Varrus, foram levados para a prisão romana do Circo Máximo, onde, no dia seguinte os aguardava a trágica despedida do mundo físico, nas festividades do mundo pagão, sob a transitória direção do alucinado Domício Nero que, assim, dava início ao processo de perseguição dos cristãos primitivos, ainda que, por esse tempo, os apresentasse à multidão alucinada como escravos ou sentenciados a tais penas, sem identificá-los como profitentes do novo credo, coisa que seria feita a partir dos anos 60 D.C.

Não passou desapercebida dos dois centuriões comandantes da guarnição pretoriana que efetivou a detenção dos inocentes, a presença de uma matrona romana, vestida a caráter, como indicador de seu nível social e sua ascendência patrícia.

Lívia fora vista por entre as mulheres comuns e identificada como esposa de alguma autoridade importante, o que veio a causar espanto e preocupação nos homens que cumpriam as ordens, já que temiam complicações com os superiores, deliberando, então, no dia seguinte, que a patrícia importante seria deixada por último e, tão logo fossem todos encaminhados para o sacrifício, seria apartada na hora crucial e colocada na%rua, para que voltasse ao seu ambiente, sem que fosse submetida ao martírio, única maneira de os soldados não acabarem responsabilizados por causa da morte de uma importante personagem.

Tudo estava preparado para o grande dia, no qual os senadores mais importantes e de maior tempo de serviço prestado ao Estado Romano seriam homenageados pelo imperador cínico e oportunista.

Ali estaria, entre os laureados, o mesmo Públio Lentulus a participar da estrondosa festividade que culminaria no grande palco de loucuras e insanidades, elevadas à condição de diversão para o povo e homenagem aos importantes servidores de Roma.

Públio se mantinha aferrado aos interesses do mundo, desprezando as verdades do espírito, orgulhoso que se achava por merecer os troféus mundanos que tão bem faziam ao seu entendimento mesquinho de homem apegado aos conceitos da Terra.

Todavia, depois de vinte e cinco anos de isolamento da esposa amada, por seu orgulhoso padrão de conduta, tratando-a como mera escrava dentro do lar e recusando-lhe a mínima oportunidade de justificar-se ante as acusações caluniosas de Fúlvia, Públio havia planejado solicitar o perdão da mulher amada, colocando aos seus pés os lauréis recebidos do imperador, como prova de seu arrependimento e do devotamento de seus sentimentos por ela.

Lívia houvera provado a amarga taça dos dissabores domésticos sem esmorecer e sem pretender fustigar o marido com uma conduta indigna de sua pessoa, ainda que por ele fosse considerada uma mulher que traíra sua confiança, num encontro secreto com o então governador Pilatos, no dia em que Jesus fora julgado na Palestina distante.

Tendo ido até o governador para interceder por Jesus, que estava sendo injustamente acusado, o seu homem de confiança, Sulpício, encaminhou-a à alcova particular de Pilatos, onde ele recebia as mulheres com quem satisfazia seus instintos inferiores. Sem saber que estava sendo envolvida por uma teia de maldades e coincidências, Lívia se apresentou perante o governador em trajes de escrava, eis que não pretendia comprometer o esposo, importante representante de César naquelas paragens.

E a mão maldosa e astuta de Fúlvia, tomando o senador pelos braços, encaminhou-o até a janela superior de onde poderia ver a saída dos referidos aposentos, acusando Lívia de estar ali para trair os compromissos afetivos que mantinha com Públio.

Apesar de não acreditar na jovem intrigueira, Públio se viu vencido pela cena de Lívia deixando a alcova de Pilatos, o que acabou por produzir em sua alma despótica de então, a relutante decisão de conceder-lhe o direito de viver, mas na condição do simples serviçal dentro do lar, afastando-a, inclusive, da companhia da própria filha.

Tal enredo o leitor querido poderá acompanhar com maiores detalhes na obra anterior, O AMOR JAMAIS TE ESQUECE, na qual o cenário completo deste drama começou a ser exposto.

Assim, vinte e cinco anos de isolamento e de renúncia de Lívia terminaram por modificar o ímpeto do senador, ao mesmo tempo em que um sonho de Calpúrnia, esposa de seu saudoso amigo Flamínio Severus que morrera anos antes, revelava ao senador as palavras do amigo falecido, atestando a inocência de Lívia.

Por todos estes motivos, Públio havia reservado o dia de sua maior vitória como homem público, para humilhar-se diante da esposa, tão logo regressasse do espetáculo no Circo Máximo, entregando-lhe as homenagens maiores como penhor de seu arrependimento.

Vinte e cinco anos de espera para pedir um perdão que não chegaria ao coração injustiçado de sua esposa, pois o dia seguinte seria de liberação para uns e de maiores dores para outros.

6

TESTEMUNHOS ASSUMIDOS

A noite fora amarga e triste, pois a todos houvera sido comunicado que dali não sairiam senão para a arena onde as feras os esperavam na manhã imediata.

Lúgubre aviso para que aproveitassem as últimas horas de suas existências da forma como lhes fosse possível, já que, para eles não haveria outra esperança.

As mulheres foram afastadas dos homens e colocadas em um outro ambiente, enquanto os varões, em menor número, se congregaram ao redor de João de Cléofas, como se fossem mariposas perdidas no meio da noite que se aproximassem da chama quente e luminosa de uma pequenina vela.

Alguns esboçavam comentários que lhes denunciavam o desânimo, o desespero, o arrependimento tardio, a perda de oportunidades de entendimento fraterno com criaturas queridas, que haviam deixado passar e que, agora, não mais poderiam retomar.

Para todos eles a palavra serena e baixa de João procurava dar a força da fé, transmitindo um entendimento de calma e equilíbrio que lhes chegava ao âmago do ser e ajudava a que suportassem a espera torturante.

Nenhum deles conseguiu dormir enquanto que o mesmo ocorria com as mulheres, em geral mais equilibradas na hora do testemunho do que os homens.

Naquele ambiente isolado, Lívia e Ana conversavam em tom discreto e, porque a angústia dos demais tornava mais duras as horas do testemunho, afastaram-se das outras para que suas confissões fossem feitas de maneira amena e sem a interrupção incômoda de comentários aflitos das demais.

Lívia trazia na mente, em suas lembranças saudosas, o dia maravilhoso de seu encontro pessoal com o querido Mestre, às margens do Lago de Genesaré quando, olhando-a de modo inesquecível e conhecendo as agruras de sua alma, que trazia o coração ferido e preocupado com a maneira como tudo se desenrolava em sua vida, apesar de carregar a gratidão pela cura da filhinha Flávia naquela ocasião amarga em seu destino, houvera prometido Ele que, na hora adequada também aceitaria o seu sacrifício para a edificação do seu Reino no coração dos homens.

Falando baixinho à serva querida, afirmava que acreditava ter chegado o momento da entrega absoluta de sua alma, dizendo que se revestia de uma quase alegria interior, quando se via levada a despojar-se das ilusões do mundo de mentiras, onde a felicidade era tão contaminada pelas lágrimas dos que sofriam e que somente os egoístas e os indiferentes conseguiam desfrutar algum instante de alegria passageira.

Escutando-lhe as palavras, a serva, emocionada, não ousava interromper-lhe o desabafo no qual confessava seus mais profundos sentimentos.

- Lembro-me do querido Simeão, em seu tugúrio, que nos recebeu as três e nos protegeu da perseguição dos sequazes de Pilatos e ainda imagino a grandeza de sua alma no testemunho doloroso de sua própria crucificação simbólica, vitimado pela ignorância daqueles homens sem sentimentos, principalmente Sulpício que, ao mesmo tempo em que agredia o pobre e indefeso ancião amarrado à cruz tosca que mantinha à porta de sua moradia, também perdia a vida logo depois, naquele acontecimento fatídico, atingido pela mesma cruz que desabara sobre sua cabeça, esmigalhando o crânio.

Estava Lívia segura de que o espírito de Simeão as assistia ali, naquele calabouço, já que sabia que o Amor nunca morria e que era sempre solidário com aqueles que ficaram para trás.. Sentia-lhe a presença e o carinho que sempre lhes entregara como tio generoso e irmão em Jesus.

Tentando tirar Lívia dessa onda de nostalgia e melancolia que marcava as suas palavras, Ana comentou:

- Senhora, o senador vosso esposo necessita de sua companhia no momento difícil de sua jornada. Não pense que este será o nosso fim.

Entendendo o carinho de sua companheira, Lívia teve o seu pensamento voltado para as etapas duras que o testemunho afetivo tinha imposto à sua caminhada de resignação e renúncia em favor daquele a quem sempre amou como a alma afinizada que lhe tocava acompanhar na trajetória terrena.

Sim, o marido necessitaria de forças para enfrentar as ilusões de suas próprias escolhas. Todavia, o longo exílio a que a havia submetido dentro do próprio lar, privando-a da companhia de filha amada, Flávia, sem lhe oferecer direito de qualquer alegação de inocência, havia bastado para lhe fazer ver as coisas de outro modo.

Falava Lívia, carinhosamente, que na medida em que a dor inexorável se levantava na estrada humana de modo a que as pessoas se sentissem impotentes para outra coisa fazer senão para enfrentá-la, a maneira de entender a vida se ampliava e amadurecia a compreensão de velhas verdades que não haviam sido analisadas cuidadosamente.

Públio era um homem de seu tempo, vivendo a vida como as pessoas de sua época achavam que devia ser vivida. Buscava os louros transitórios e fugazes das honrarias e vitórias humanas, no que ela o compreendia naturalmente, sem lhe opor qualquer crítica ou julgamento condenatório.

No entanto, sabia ela que este mundo reserva sempre, no final da taça de prazeres, o veneno amargo das decepções. Não haveria suficiente espinho no caule das mais perfumadas rosas das ilusões para ferir fundo aqueles que se agarrassem a elas tresloucadamente?

Assim, para ela, Públio escolhera um caminho muito diferente daquele que ai havia atraído e, ainda que continuasse devotando ao seu coração a fidelidade e o afeto da primeira hora, observava o esposo pelo prisma do espírito, como uma alma imatura para as verdades superiores, que precisaria sentir o espinho da flor a ferir-lhe a carne a fim de que se afastasse da loucura que o tornou cego, no apego às honrarias e brilhos mundanos.

Jesus ensinara que não era possível servir a dois senhores e tanto ela quanto seu amado esposo escolheram senhores diferentes para prestar submissão.

Para Lívia, no entanto, já era um imenso consolo ter recebido de Públio, naqueles dias, um carinho que ela mesma pensava estar extinto em seu coração.

- Dirigiu-me a palavra cordial, afagou-me suavemente as mãos em alguns momentos, como se estivesse querendo dizer algo difícil de ser pronunciado. Falou que me reservava uma surpresa e que me preparasse para ela tão logo regressasse da cerimônia com que o insensato imperador procurará homenagear os mais antigos servidores do império.

No entanto, seguia Lívia, a maldade humana sabia aliciar seus súditos com cerimônias suntuosas e tolas para que eles fossem confundidos perante o dever de criticar o arbítrio e a loucura daquele que os governava.

Homenageados, acabavam vendendo a sua imparcialidade e, de maneira sutil, se viam comprometidos com as alucinações daquele que os honrava, tolerando-lhe as condutas indignas por causa de uma natural gratidão e condescendência.

Públio era homem de fibra e valor, mas achava-se iludido pelas malhas enganosas das honras do poder humano que, se num primeiro momento o sustentariam no alto, tão logo fosse conveniente o precipitariam no pó como estavam fazendo com elas, que morreriam sem qualquer direito ou defesa, perante a turba ensandecida que se divertiria com o espetáculo cruel de mulheres, homens e crianças sendo devorados.

- Por que as homenagens que coroam cabeças com folhas e jóias fazem com que os corações dessas dignas autoridades se tornem indiferentes e aceitem uma tragédia desta como parte do ritual que os enaltece?

Meu esposo adiou a palavra de reconciliação porque estava esperando receber os louros que o falso poder imperial lhe destinará em breves horas.

Quando voltar para fazer-me a surpresa prometida, depois de longos anos de espera, encontrará apenas o vazio e a solidão.

Ouvindo-a, emocionada, Ana lembrou-se de Flávia, a filha agora crescida e que se consorciara com Plínio, filho de Flamínio Severus e sua amiga Calpúrnia.

- Ora, Ana, Flávia seguiu os passos de seu pai, criada por ele com todos os cuidados de nossas tradições e se mantém ligada a ele pelos laços da afinidade que criaram ao longo de todos estes anos.

Em realidade, a filha havia sido afastada da influência da mãe que pouco pôde fazer para que a sua criação trilhasse outros caminhos, ao mesmo tempo em que as tendências de seu espírito se apresentavam muito mais fortes e parecidas com as ilusões de Públio, o pai, infundidas como perfil para a normalidade da vida. Seu coração seguia os mesmos passos do genitor e ela não tinha como impedir que se ferisse nos mesmos espinhos que os dele.

Ainda assim, segundo se expressava Lívia à serva amiga, dedicava-lhe as orações de todos os dias pois o sentimento de mãe jamais esqueceria a alma que lhe fora confiada um dia nas entranhas do ventre, como berço de Deus para a chegada da vida sobre a Terra.

Com isso, confessava a nobre matrona romana que se encontrava absolutamente despojada de todos os apegos do mundo, preparada para enfrentar os testemunhos que as aguardavam para que a vida tivesse o significado mais amplo do Verdadeiro Amor que sabe morrer para que mais e mais pessoas pudessem aprender a amar.

Com especial inflexão de carinho, falou docemente à serva:

- Quero dirigir-me ao teu coração para pedir perdão por qualquer coisa que tenha feito em teu prejuízo ou deixado de fazer em teu benefício, já que tenho por ti o mais acendrado amor de irmã ou de mãe devotada. Jamais desejei ofender-te e magoar-te com a conduta arrogante de quem está socialmente acima daquelas que, muitas vezes como servas humildes, são as verdadeiras senhoras pelas qualidades do espírito.

O momento era de muita emoção entre as duas almas amigas que se preparavam para enfrentar as dolorosas contingências de um testemunho que lhes pedia tudo para a libertação verdadeira de suas almas.

Depois de uma pausa emocionada, as mãos de Lívia tomaram entre as suas as calejadas mãos de Ana para que o afeto entre elas fosse ainda mais fraterno, enquanto que a antiga senhora se dirigiu à sua confidente para pedir-lhe um último favor:

- No entanto, falta-me uma coisa que te gostaria de pedir e que somente tu podes fazer por mim.

Como vês, a hora derradeira chegou e me apanhou trajada com as vestes aprumadas de senhora de senador, enquanto que minha alma gostaria de chegar ao testemunho ostentando a túnica humilde dos servos.

Não se trata de vergonha de minha posição nem mesmo de tentar preservar meu marido de qualquer constrangimento. Nada que eu faça ou deixe de fazer impedirá que Públio sofra as amargas decepções com o mundo a que escolheu servir.

Em realidade, apenas o desejo de despir-me de toda a aparência mentirosa e enganosa deste mundo e chegar diante do momento decisivo como verdadeira serva que tudo entregou por Amor à Verdade que Jesus representa para nós é que me leva a te fazer este pedido sincero e humilde.

Ouvindo a sua senhora, Ana procurava entender qual seria o seu desejo final que, se estivesse ao seu alcance, atenderia prontamente:

- Sim, Ana, gostaria que trocasses de roupa comigo, a fim de que eu, que sempre tive uma vida de facilidades e luxos, pudesse me apresentar como meu espírito se sente modesto e despido de todos os atavios mentirosos que encantam os que vivem em nossa sociedade.

Surpreendida, Ana chorava sem saber o que fazer naquela hora tão crucial de seus destinos, na qual a amada patroa lhe suplicava a ajuda para tornar-se humilde, inclusive na aparência.

Vendo que a serva não tinha reação e que o tempo não se fazia esperar, Lívia acrescentou com doçura e decisão:

- Se desejas me proporcionar esta última satisfação, querida filha, não demore, pois não temos muito tempo.

Sem poder negar à sua benfeitora esta solicitação amorosa, ambas dirigiram-se para um desvão existente no ambiente, algo afastado das vistas dos circunstantes e, num procedimento rápido e simples, trocaram a toga e a túnica, espécie de traje superficial que se colocava sobre a intrincada vestimenta comum daquele período, transferindo Lívia para a serva todos os atavios que mantinha junto ao corpo, como algumas jóias de uso diário, fixando na toga os broches que a adornavam, retirando os anéis e um bracelete para entregar-los a Ana.

Reteve consigo apenas o colar com a efígie do marido, espécie de camafeu com o perfil do senador em relevo e que lhe fora presente do esposo quando do dia de sua união, há muitos anos.

Desejava morrer por Amor ao Cristo, carregando no peito o símbolo do seu amor por Públio como se quisesse levá-lo consigo para um outro mundo onde a verdade não feria nem fazia chorar.

O dia amanheceu e a antiga senhora não diferenciava das humildes mulheres que haviam sido detidas na noite anterior, enquanto que a serva, envolvida pela toga da nobreza, passava perfeitamente por uma matrona romana, envolvida por imponente nobreza.

As horas passavam lentamente, enquanto que homens e mulheres, restabelecidos à claridade solar de um novo dia, buscavam aproximar-se ainda mais, através de cânticos e exortações com as quais se fortaleciam uns aos outros.

Ali estavam João e Lívia, entre os que se mantinham intensamente ligados ao objetivo maior daquela hora.

Ao lado deles, o mundo espiritual também se fazia sentir pelas forças suaves que emitiam, enquanto que cânticos de glória eram entoados naquelas salas de tortura pelos prepostos de Jesus a fim de manter a atmosfera espiritual saturada de forças de pureza e poder adequadas ao momento de heroísmo a que se submeteriam todos os que ali se achavam.

Enquanto isso se passava na prisão, em sua casa Públio se perdia nas preocupações com a arrumação e os preparativos para o grande dia de homenagens públicas de que seria objeto, inteirando-se da ausência de Lívia apenas altas horas da manhã, pela chegada da filha Flávia à procura da mãe.

- Ora, filha, pensava eu que Lívia tivesse ficado em sua casa com Ana, passando a noite por lá! - afirmou o senador, já um pouco surpreso e demonstrando alguma aflição.

Era a primeira vez que Lívia tinha passado a noite fora do lar sem ter deixado qualquer aviso.

Vendo-lhe a angústia contida, Flávia procurou acalmá-lo já que sabia dos planos do pai para a reconciliação naquele mesmo dia, afirmando:

- Vai, agora, meu pai. Os escravos o aguardam e a cerimônia não pode ser atrasada por sua ausência. Eu mesma irei em busca de mamãe para que, ao final da tarde, quando de sua chegada, possamos estar os três reunidos aqui para os abraços da reconciliação definitiva.

Um pouco asserenado e porque era empurrado para a frente pela força dos compromissos assumidos com o mundo, Públio não fez mais do que se deixar conduzir até o Senado, sem conseguir extrair do peito a ponta espinhosa da preocupação com aquela ausência inusitada e estranha.

Flávia também estava apreensiva, como se entrevisse, como o genitor, as escuras nuvens que se acumulavam sobre suas cabeças e que desabariam em dolorosa tempestade daí a algumas horas.

7

O CÂNTICO DA BONDADE

A movimentação do plano espiritual era assaz intensa.

Enquanto os vivos no corpo se colocavam na espera do momento final de suas existências, procurando algum recurso que lhes servisse de apoio, fosse através da conversa amiga e apaziguadora, fosse pela lembrança de Jesus a quem se recorria por meio da oração, congregados na cruel expectativa, os espíritos se mobilizavam para ajudá-los naquele momento tão importante do destino da humanidade.

Ao longe se desenvolvia a cerimônia conduzida pelo imperador e que reunia um grande número de autoridades oficiais nos diversos lugares onde ela tinha o seu curso.

De templos religiosos e cúrias o cortejo, lentamente, tomava o rumo do grande recinto de exibições e homenagens finais, no qual o povo teria participação ativa.

Graças aos favores imperiais que, abrindo os celeiros oficiais promovera generosa distribuição de alimentos aos que participariam das homenagens, o cortejo oficial estava avolumado pela grande afluência de populares, curiosos, participantes entusiasmados, oportunistas à espera de uma chance favorável, pessoas que buscavam apenas a distração naquele período monótono no qual a miséria era que impunha a rotina da maioria.

O circo Máximo era o local das festividades oficiais até então, já que o famoso coliseu ainda não havia sido erguido.

As suas dimensões gigantescas para a época davam bem a mostra da importância que os eventos que ali se realizavam tinham na alma popular, favorecendo o velho conceito de que governar o povo era dar-lhe pão e circo.

Comida e diversão eram as exigências básicas que manteriam os governados pacificados e acomodados em suas necessidades, carregando as demais frustrações cada um à sua maneira.

Depois, então, dos inúmeros discursos e cerimônias, finalmente o grande cortejo deu entrada ao ambiente de festas suntuosas no qual, sob o comando do imperador ensandecido, as exibições artísticas de gosto duvidoso, as lutas entre gladiadores, as corridas e danças iriam dar o tom considerado alegre e popular das homenagens aos mais antigos senadores do império.

O pavilhão imperial dominava a arena e sob as suas galerias se localizavam os cárceres e as entradas para o grande recinto alongado onde as lutas, corridas e danças ocorreriam.

Envolvido pelas honrarias e pelas reverências, os senadores, na sua maioria, estavam sintonizados com cada etapa da cerimônia a fim de bem guardá-la na acústica da alma nas recordações naturais que o orgulho precisa para manter-se brilhante e altivo perante si mesmo.

Dessa maneira, o próprio senador Públio Lentulus se havia deixado envolver pela condição de grande importância que os poderes transitórios lhe outorgavam, desconectando-se com todas as demais circunstâncias ou preocupações que não fossem as ligadas ao ato em que se inseria como um dos laureados.

No seu mais profundo sentimento, no entanto, alguma coisa o incomodava sem que ele deixasse o seu idílio momentâneo para avaliar o que pudesse ser. Um leve aperto interior o feria, mas sua mente estava voltada para cada lance e cada ritual.

Achegada de todos à sua acomodação junto ao pavilhão imperial facultou aos integrantes oficiais uma certa descontração, o que permitiu que, em seu espírito, a angústia interior de Públio se fizesse mais forte.

Atribuía, no entanto, à ansiedade de regressar a casa e reencontrar-se com Lívia para desfazer o longo e pedregoso trajeto de indiferença e injustiça que ele próprio impusera por longos anos.

Nas masmorras, o movimento produzia uma intensa agitação no ambiente, pois a organização de toda a festa se concentrava ali, de onde se orquestrava a sucessão das apresentações.

- Já está tudo acertado, Clódio? - perguntou Cornélio ao subordinado que com ele era responsável pelo desfecho final da apresentação, para o qual ser reservava o mais dramático dos quadros.

- Sim, tudo preparado. Quando chegar a hora, todos serão colocados na arena para o prazer dos presentes e homenagem aos importantes - respondeu Clódio, ironizando com a tragédia.

- Ótimo. No entanto, não se esqueça de retirar aquela mulher, pois não desejamos problemas com a morte de gente poderosa por nossa culpa.

- Como isso deve ser feito? Já não seria bom libertá-la agora que a cerimônia mal começou, para que possa retirar-se?

- Creio que é melhor deixar para o final, pois saindo antes poderia nos causar problemas maiores, levando ao conhecimento de autoridades a sua prisão ilegal, o que nos suscitaria dissabores. Faremos assim: quando todos os presos forem encaminhados para o fim, você organiza uma fila e a deixa por último. Depois que todos entrarem, nós a retiramos da masmorra e a colocamos na rua para que possa ir embora.

- É eu acho que com isso resolvemos o problema e não criamos dificuldades para nós mesmos - respondeu Clódio, concordando com Comélio.

Assim, as horas da tarde passaram entre os efeitos feéricos de apresentações ornamentadas e brilhantes, lutas violentas entre os que para isso eram treinados, jogos e disputas atléticas, no aguardo da hora crucial em que o povo poderia, com mais intensidade, sentir os delírios do imperador e agregar-se a eles com a sua participação e conivência.

No plano do mundo invisível, porém, uma grande multidão de espíritos se reunia na atmosfera vibratória daquele que seria o primeiro marco do sacrifício coletivo pela nova causa, que transformaria o mundo romano e se espalharia por toda a Terra.

Se havia uma grande quantidade de povo alucinado enchendo as posições das galerias ao ar livre ao mesmo tempo em que um volume tão grande de espíritos necessitados se reunia no mesmo local para participar das loucuras e delirar com os prazeres euforizantes, os espíritos enobrecidos que dirigiam os destinos da humanidade com amor e intenso carinho, começavam a modificar o cenário geral.

Como se um grande tecido fluídico, composto de energias sutis e balsamizantes foi lançado sobre todo o recinto físico da imensa arena, abarcando não só os bancos de pedra que continham, quando plenamente ocupados, mais de trezentas mil pessoas, mas também a todas as entidades que lhes acompanhavam as emoções em desequilíbrio.

Deste modo, no plano invisível, a referida cobertura serviria tanto de malha protetora, criando um espaço delimitado onde a vibração celeste poderia atuar mais intensamente, quanto de barreira vibratória que manteria todas as entidades congregadas naquele local, sem permitir que fugissem.

Imensos cordões de energia sustentavam todo o perímetro de tal cobertura como se estivéssemos visualizando uma gigantesca tenda, cujo pano principal fosse transparente e feito de energia sutil e delicada.

Ao mesmo tempo, um grupo de entidades angelicais, prepostos do Senhor Jesus, se dirigiu para o interior da masmorra e, através de operações magnéticas envolveu o grupo de mártires em bolhas de força que os protegeria de ataques vibratórios até a hora derradeira.

Para cada um dos homens e mulheres que ali estavam, uma entidade luminosa se encarregava de envolver toda a organização física com fluidos balsamizantes, equilibrando o sistema nervoso central, fortalecendo o sistema límbico, ajudando na dilatação da sensibilidade de cada um a fim de que, ainda mesmo no corpo físico, pudessem pressentir as emanações elevadas daquela hora em que, como heróis anônimos, seriam conduzidos ao plano da vida verdadeira, entre humilhações, apupos, xingamentos e crueldades.

A hora, finalmente, havia chegado.

No plano físico, o pavilhão do imperador fervilhava de expectativa quanto ao número final com que Nero haveria de brindar o público e os homenageados daquela cerimônia.

Somente o imperador e seus áulicos mais próximos sabiam do que estava planejado para aquele dia.

No plano espiritual, uma verdadeira multidão de acólitos celestiais, entidades de alta envergadura evolutiva, espíritos familiares dos mártires, todos se reuniam em silêncio para participar daquele instante solene que daria início à grande cerimônia celeste de amadurecimento da humanidade e de proliferação da mensagem cristã pela Terra.

Um hino de excelsa e indescritível beleza ecoava, proveniente das alturas insondáveis e preenchia o ambiente espiritual, trazendo lágrimas aos olhos de qualquer um que pudesse captá-lo na acústica da alma.

A música celeste era, igualmente, usada para acalmar as entidades negativas que se consorciavam com os encarnados no ambiente, produzindo atrocidades maiores. Envolvidas pela atmosfera magnetizada positivamente, sentir-se-iam inibidas nas ações mais arrojadas, limitando a sua esfera de ação e, quem sabe, sentindo que alguma coisa de muito estranha estava acontecendo.

Muitas destas entidades, que eram mais curiosas que más, sem entenderem o que iria ocorrer, passaram a pressentir que as coisas não estavam acontecendo como de costume naqueles espetáculos. Outras passaram a ver com os olhos espirituais a dimensão luminosa que estava envolvendo todo aquele ambiente, algumas tomadas de terror enquanto outras se deixavam impressionar caindo num mutismo, como que hipnotizadas por uma força que sabiam ser superior a tudo o que já tinham visto.

Tomadas as devidas providências para a entrada dos condenados à morte, os soldados responsáveis pelo cortejo daqueles que estariam ali na condição de presos sentenciados à pena capital providenciaram o seu ingresso na arena, reservando para o final aquela que se lhes apresentava vestida de maneira peculiar e importante.

Percebendo que seria afastada de Lívia por ordem do soldado que os conduzia, Ana ensaiou um protesto segundo o qual não desejava ser impedida de oferecer a sua vida por amor a Jesus, ocasião em que foi informada grosseiramente de que, dada sua importância, ficaria por último para ser apresentada na arena em especial condição.

No entanto, como já sabemos, tão logo os demais presos foram levados para o interior, Ana foi apartada e colocada na rua por uma porta lateral, com a determinação de que voltasse para sua casa a fim de afastar-se dos riscos a que estava exposta.

João de Cléofas caminhava, resoluto, diante dos demais homens e mulheres, sem entenderem com exatidão o que iria se passar.

O ingresso deles na arena veio acompanhado do coro hostil e das vaias das arquibancadas, sempre dispostas a humilhar os que já se achavam condenados à tragédia.

Envolvidos pelas luminosas emanações, todos os cristãos se uniam em preces a Jesus.

Cléofas, naqueles derradeiros instantes, se recordava das venturosas tardes em companhia de Jesus, ao mesmo tempo em que entrevia a casinha paupérrima em que fora escondido, quando a lepra o devorava.

Sua lembrança regressava aos dias venturosos de sua juventude quando, iludido pelos sonhos de amor, unira-se a Judite e sonhava construir uma família, sem se dar conta de que estava destruindo outra.

Pensando nisso, lembrou-se de Zacarias, o benfeitor de sua existência, a quem se ligara para sempre pelos laços do mais sincero e fiel amor, o mesmo marido a quem infelicitara e que, mais tarde, viria livrá-lo da lepra e encaminhá-lo para os rumos do Divino Mestre.

A recordação de Zacarias lhe fez brilhar o olhar, na emoção que começava a cristalizar-se em lágrimas de agradecimento e, ao mesmo tempo, de arrependimento sincero por tudo o que houvera feito de errado naquela existência.

As gotas cristalinas escorriam pela sua face como se as portas do passado se tivessem aberto para uma grande revisão de sua trajetória.

No entanto, uma luminosa mão tocava-lhe o coração nas fibras mais profundas como a lhe sussurrar que o passado havia sido vencido pelo amor verdadeiro. Que aquele era o momento glorioso de entregar-se a Jesus de maneira a fertilizar a seara para o futuro brilhante que estava destinada aos homens, que nenhuma lembrança negativa deveria empalidecer a glória daquele momento de entrega e que o apoio do Divino Mestre se fazia presente para acolher a todos.

Na verdade, ali estava Zacarias, o velho amigo, o benfeitor de todas as horas, o que aceitou a dor pessoal e a converteu em semente de esperança no coração de Cléofas.

Sim, o velho apóstolo que fora designado por Jesus para levar amor aos mais cruéis algozes, fora igualmente autorizado a trazer o bálsamo do consolo àquele que, vinte anos antes se tornara seu próprio seguidor, aquele filho que ele próprio não tivera.

Cléofas passou a verter copiosas lágrimas, agora que seus olhos físicos conseguiam divisar a figura dócil e fraterna de Zacarias ao seu lado, com um sorriso de alento no rosto e os olhos igualmente embaciados pela emoção daquela hora.

Aquele mesmo Zacarias, que aceitara o sacrifício por amor, agora voltava para infundir amor e confiança ao amigo verdadeiro na hora em que o testemunho doloroso lhe cabia como alvará libertador das culpas e erros do passado.

Envolvido por essa onda de sentimentos grandiosos, João de Cléofas percebeu que suas lágrimas poderiam ser interpretadas pelos demais como uma demonstração de medo ou de covardia ante o angustioso momento. Entendendo-lhe as preocupações, Zacarias dirigiu-se a ele para ajudá-lo, naquela hora derradeira, a ser escora para os outros que nele tanto se espelhavam.

- Lembra-te, querido filho, de que cantar deve ser sempre a manifestação da alegria diante da mais cruel adversidade.

Escutando-lhe claramente as palavras, João sorriu agradecido pela lembrança e, ainda que as lágrimas seguissem caindo-lhe dos olhos, sua voz forte e confiante passou a entoar os hinos religiosos que os cristãos tanto estimavam em seus encontros solitários e isolados, com os quais desejavam homenagear a excelcitude do Pai e a bondade do Cristo.

Ouvindo-lhe a voz decidida, os que o circundavam, igualmente encorajados pelo seu exemplo e pelas forças espirituais que a todos eram distribuídas, passaram a engrossar o coro, causando um forte impacto na turba que, ao redor, estava sempre acostumada aos espetáculos de covardia e medo daqueles que ali eram colocados face a face com a morte.

Um silêncio abrupto percorreu as galerias mais próximas, como se fosse necessário para se certificarem de que, efetivamente, aqueles condenados estavam, realmente, cantando.

E muitos escutaram os cânticos que pareciam erguer-se por força de potentes alto-falantes que os faziam chegar aos ouvidos de muitos. No entanto, eram apenas um punhado de homens e mulheres que cantavam hosanas a um Jesus que a maioria dos ali presentes jamais tinha conhecido.

Um mal-estar percorreu o pavilhão do imperador, que não desejava que esta cena impressionasse o público ao redor.

Assim, mais do que depressa ordenou que os leões fossem soltos, não sem antes determinar que os seus ajudantes, espalhados no meio da multidão, interrompessem aquele momento de surpresa, retomando a algazarra para quebrar a atmosfera que fora criada.

Junto dos mártires que cantavam, estava Lívia, confundida com os servos pela indumentária humilde e que, tão logo dera entrada e se posicionara com todos os demais diante das acomodações luxuosas de Nero, onde também estavam todos os senadores, ajoelhou-se em preces íntimas, mas buscou com o olhar a figura do marido que, por certo ali estava também a assistir a cerimônia tétrica.

Ao longe, pareceu-lhe entrever a silhueta de Públio que rebrilhava à luz dourada do entardecer, ostentando as insígnias da glória mundana, no que foi interrompida pelas feras famintas que haviam sido liberadas e caíram sobre os mártires com ansiosa fúria, dilacerando-lhes os corpos frágeis.

Importante que se diga, no entanto, que nas operações magnéticas a que foram submetidos todos eles, um brando anestésico espiritual lhes fora submetido para que não sofressem com as atrocidades animalescas e enfrentassem desassombradamente aquele triste momento na trajetória humana.

Por isso, enquanto o espetáculo prosseguia diante da euforia enlouquecida da turba, agora ampliada em número pela multidão que se apinhava nas colinas adjacentes e nas sacadas de todas as construções próximas de onde se podia vislumbrar a arena, hinos de glórias erguiam-se no plano espiritual que dominava o ambiente e envolvia a todos os presentes.

Assim, perto de quinhentas mil pessoas estavam abraçadas pelas ondas de força espiritual que se produziu naquele fenômeno de crueldade humana e de solicitude celestial, ocasião em que os emissários do amor passaram a depositar em cada coração dos que assistiam a semente daquilo que viria, no futuro, transformar-se no jardim cristão, da esperança, da força e da boa nova no caminho dos homens.

Uma brilhante estrada celeste se abriu iluminando a arena e permitindo que legiões de arcanjos do Divino Mestre viessem trazer-Ihes a auréola do sacrifício suportado com fidelidade e confiança, como o símbolo glorioso que ostentam os trabalhadores fiéis da Causa do Cristo sobre a Terra.

Como já se disse, assim que as feras se atiravam sobre os indefesos sacrificados, uma equipe de espíritos os envolvia em brando entorpecimento que lhes facilitava a suportação de tão áspera desencarnação.

E enquanto a arena se cobria de corpos dilacerados e se tingia de rubro, a corte angelical ia sendo formada com a chegada dos espíritos libertados, trazidos pelos braços de seus mais íntimos colaboradores.

Zacarias carregava Cléofas como o precioso fardo do coração.

Simeão trazia com carinho celeste o espírito de Lívia, desprendida da matéria.

Desta maneira, para cada vítima havia braços luminosos que a acolhiam e a transportavam até o círculo de forças formado pela projeção dos raios celestiais que se projetavam do alto.

Na dimensão espiritual, um verdadeiro reboliço se observava, já que grande parte dos espíritos ignorantes, passando a divisar a cena elevada que tinham sob as vistas, tentavam deixar o seu lugar para pular na arena e correr ao encontro das luzes divinas, como se ali estivessem todas as suas esperanças.

Outras, vendo a grandeza daquele fenômeno, se amedrontavam e queriam fugir dali, gritando apavoradas.

Outras mais, revoltadas por não conseguirem participar de tal banquete, passavam a vociferar contra as potências do Amor, dando vazão aos seus complexos e culpas, demonstrando todo o seu atraso e seus rancores acumulados.

Todavia, nenhuma das entidades conseguia sair do lugar que ocupava.

Parecia que uma força superior a tudo o que eles conheciam, as havia chumbado ao lugar, obrigando-as a presenciar tudo aquilo.

Dentre os encarnados que assistiam à festança, apesar de estarem sempre afeiçoados aos espetáculos dantescos que ali ocorriam, regados à bebida e à promiscuidade, grande parte dos assistentes, naquele dia, se deixara impressionar pelo gesto estóico e corajoso daquele punhado de inocentes que, apesar da tragédia a que eram expostos, cantavam hosanas a um Deus que eles não conheciam.

As vibrações elevadas do ambiente espiritual somadas às cenas fortes que ali se produziram, abriram, na indiferença do coração de muitos, as fendas luminosas da vergonha, do medo, da admiração, da curiosidade, da surpresa, verdadeiras passagens por onde, mais tarde, a compreensão diferente das leis do Universo penetraria e os transformaria também.

Ao lado deles, espíritos generosos também procuravam despertar-lhes as fibras mais íntimas, tocando seus sentimentos com forças que estimulassem a compaixão, a misericórdia.

E, em momento nenhum tanto como naquela hora, o senador Públio Lentulus sentiu uma tal aversão por todas as coisas mundanas que ele sempre buscara conquistar.

Sentindo na acústica da alma as despedidas emocionadas do espírito heroico daquela que lhe havia sido a injustiçada esposa na Terra, Públio manifestou o desejo de fugir dali, lembrando-se do encontro que tivera com Jesus de Nazaré nos longínquos dias da Palestina, que o marcara para sempre, ainda que não o admitisse publicamente.

Interessando-se pelo destino das criaturas que ali sucumbiam no espetáculo sangrento, buscou inteirar-se com seus colegas se se tratavam, mesmo, de reles condenados à pena capital aqueles que se destinavam à garra dos leões, quando foi informado por seu companheiro de senado que havia no ar o boato de que, entre alguns condenados, a maioria que estava sendo executada seria composta de pobres cristãos que haviam sido presos nas catacumbas, o que só fez crescer as angústias de Públio, lembrando-se do misterioso desaparecimento da mulher na manhã daquele dia.

No entanto, as homenagens mundanas já haviam produzido o amontoado de cadáveres na areia avermelhada que cercava o trono suntuoso de César.

Qualquer modificação de destinos e injustiças cometidas, agora, já chegaria tarde demais.

8

O AMPARO ESPIRITUAL

Ao mesmo tempo em que João de Cléofas se erguia carregado por mãos amigas que o guardavam como preciosidade, a Bondade Divina tinha para os demais que haviam sido sacrificados na arena, igualmente, a generosa acolhida que se pode dispensara todos os que, em face das experiências pessoais, chegam ao término de sua existência vitimados pelas injustiças.

A grande maioria dos que ali estavam para ser assassinados ante a turba ensandecida era composta de criaturas humildes, sofredoras, desesperadas que buscavam a palavra da Boa Nova naquela noite para acharem forças.

Se os cristãos tinham seu sacrifício aceito como ato de bravura moral, ainda que estivessem, alguns deles, em processo de resgate com o qual se quitavam com a lei de causa e efeito por arbitrariedades cometidas no passado, os outros curiosos, desejosos de encontrar esperanças espirituais, ainda que não fossem cristão convertidos, eram amparados por sua condição de vítimas das injustiças, da violência, dos conflitos de interesses mesquinhos que os homens apresentam na arena da vida.

Eram processos dolorosos de desencarne que, em verdade, também significavam operações de compensação perante o grande tribunal invisível da consciência, já que ali se achavam encarnados os que, outrora, igualmente também haviam produzido sentenças iníquas, condenações escabrosas, conduzidos ao resgate de seus crimes e à limpeza de suas consciências que, para seguirem adiante no processo de elevação, se impunham regressar ao mundo para expurgarem de si mesmas, as culpas do passado.

Por isso, o amparo invisível não envolveu somente os líderes apostólicos e os cristãos convertidos, recolhidos como já vimos, por mãos excelsas. Cada um ali desencarnado recebera o amparo conforme a sua condição espiritual e, se não puderam acompanhar a luminosa caravana daqueles que se libertavam e deixavam na areia o sangue do sacrifício pela causa do Amor, eram amparados e levados a ambientes compatíveis com a ajuda que lhes era, igualmente, destinada pelo mundo espiritual, afastando-os daquela atmosfera sinistra, onde seus corpos estavam dilacerados por todas as partes.

Todavia, se aos que haviam perdido a vida naquela tarde trágica, o mundo espiritual se desdobrara para recebê-los com as glórias das quais se fazem dignos os soldados vitoriosos, não deixou de, igualmente, amparar a malta dos alucinados que haviam acorrido ao espetáculo para saciar suas tendências inferiores.

Isso porque, uma imensa plêiade de espíritos trabalhadores do Amor estava a postos para recolher entidades espirituais ignorantes e necessitadas, que seguiam os passos dos encarnados em busca de emoção e aventura, mas que, naquele dia, se viram magnetizadas por impressionante força que, sem que pudessem compreender, as mantinha chumbadas ao local do triste e vergonhoso espetáculo.

Sobre toda a arena e as quase quinhentas mil pessoas que se amontoavam nas colinas, patamares e sacadas que circundavam o grande circo, aquilo que se poderia chamar de Manto do Senhor se havia projetado no mundo espiritual e, através de seu suave magnetismo, propiciara a modificação da compreensão e de sentimentos em uma imensidão de entidades sofredoras que, iludidas pela ignorância, se mantinham ligadas aos homens, consorciadas em uma simbiose ou interdependência nefasta para ambos, apesar de prazerosa à primeira vista.

Ao assistirem aquele cenário de tragédias, muitas das entidades espirituais que se ligavam aos espectadores e os acompanhavam, sentiram uma aversão brutal e desejavam fugir dali, amedrontadas.

Às vezes, a crueldade chega a causar pânico até mesmo nos indivíduos cruéis.

E essa condição magnética do ambiente fazia com que tais espíritos, mais ignorantes do que maus, se desesperassem com tudo aquilo e tentassem fugir dali em desabalada carreira.

No entanto, como já explicamos, não conseguiam sair do lugar, como a terem que sorver as cenas desagradáveis até o último gole, a fim de se vacinarem contra tudo aquilo.

Outras entidades havia que, num primeiro momento, partilhavam da crueldade demonstrada pelos que dirigiam o espetáculo, gritando palavrões e xingamentos aos que haviam sido apresentados na arena, engrossando o coro dos encarnados.

Pareciam lobos invisíveis que se preparavam para o banquete de carne que se iniciaria a seguir.

Entretanto, o gesto dos sentenciados que se uniam em redor de João de Cléofas e cantavam hosanas em emocionante demonstração de fé em um Deus desconhecido pela maioria, produzira tal espetáculo de luzes e força, que, no íntimo de tais entidades gozadoras, gerou um impacto tal que elas também se viram surpreendidas.

Enquanto que os espectadores viam apenas homens e mulheres cantando à espera de um trágico desfecho, o mundo espiritual ao redor testemunhava uma inundação de luzes e perfumes, cânticos e poderes espirituais que chegavam em resposta à demonstração de fidelidade, principalmente aquela que se vivência no instante do sacrifício mais dolorido.

Por isso, centenas de milhares de entidades inferiorizadas e maldosas sentiram um aperto na altura do coração e da mente, como se uma poderosa força lhes estivesse extraindo dali alguma coisa endurecida que, de há muito se havia instalado e amortecido suas capacidades de pensar e de sentir.

Muitas dentre elas foram levadas ao oposto dos sentimentos, depois que presenciaram as alavancas do Amor que respondiam ao cântico dos miseráveis que eles achincalhavam com sua ironia, e se projetaram num no de lágrimas desesperadas, como se começassem a suplicar ajuda a tais poderosas forças, reencontrando um caminho para saírem das próprias trevas.

Não é preciso dizer, para o esclarecimento do leitor, que também no mundo invisível, ali naquela arena de paixões inferiores, havia um arremedo de direção por parte das entidades trevosas que procuravam conduzir as emoções da turba segundo o que parecia mais conveniente no estímulo das más paixões e na manutenção das dominações inferiores sobre os encarnados que dirigiam com facilidade.

Assim, a cada área do vasto conjunto de bancos daquele anfiteatro, uma entidade de porte avantajado e de semblante grotesco e mau, se postava como a ser a que mantinha o grupo de espíritos que acompanhavam os encarnados sob seu controle.

Com isso, buscavam impor o temor naqueles que fossem mais exaltados ou que desejassem se comportar por padrões que tais espíritos dominadores não achassem adequado. Bastava que algum encarnado se sentisse propenso a ter compaixão de algum dos gladiadores ou dos jogadores que se apresentavam na arena, demonstrando um sentimento mais enobrecido, que tais entidades dirigentes se acercavam com um látego magnético invisível, plasmado pela sua vontade e pelo conhecimento das técnicas vibratórias, e desferissem golpes tanto na entidade espiritual inferior que acompanhava aquele espectador quanto na estrutura espiritual do próprio encarnado, para que ambos sentissem o mal-estar que tais ataques produziam e se desconectassem de sentimentos elevados.

No dia dos fatos narrados, lá estavam também estas entidades mais duras e frias, que se julgavam executoras da vontade do "grande imperador", espírito que se ligava diretamente a Domício Nero, na condição de obsessor cruel que aproveitava das baixezas e vilezas do governante romano para produzir toda a sorte de desatinos com os quais propiciava prazeres aos seus conduzidos invisíveis.

Por isso, leitor querido, havia, ao lado do imperador encarnado, uma entidade que se intitulava também "grande imperador", que pensava possuir poder suficiente para liderar o movimento que, do lado de lá da vida, tentava reproduzir os mesmos prazeres e sensações vis, exortando tanto os espíritos que dirigiam quanto os encarnados a se manterem atrelados a condutas desregradas.

E no mundo espiritual inferior, uma rede de comando se estabelecia para dar sustentação ao seu "grande César", que era composta por sacerdotes dos diversos templos, corrompidos por suas práticas deploráveis e que, morrendo na Terra, chegaram ao mundo espiritual nas mais difíceis condições, tendo sido arrebanhados por tais entidades escuras para darem continuidade às práticas nocivas e enganosas.

Igualmente compunham tal organismo os magistrados venais e corruptos que se viam expulsos do corpo físico e acabavam assediados por tais estruturas, aceitando permanecer nas mesmas antigas concepções de uma justiça miserável e adulterada por torpes raciocínios e combinações legais.

Velhos gladiadores, acostumados à frieza e à violência da luta, depois de desencarnados na condição ignorante, eram arrebanhados para exercerem a função de controladores das vibrações em ambientes como aquele, procurando se servir de sua aparência assustadora e forte para subjugar qualquer tentativa de melhoria dos espectadores de espetáculos como aqueles.

Assim, naquele dia, tais entidades grotescas lá estavam, tentando realizar o seu "trabalho" junto dos setores que tinham sob seu controle, na vastidão dos assentos do grande recinto.

No entanto, apesar de os olhos de todos estarem voltados para o mesmo festim, desde o "grande Imperador" até o mais inferior na escala hierárquica que haviam organizado, naquele dia as coisas não estavam saindo como nos outros espetáculos, quando era muito fácil manter a bagunça magnética em ordem, segundo os critérios que lhes pareciam os melhores, ou, melhor dizendo, os piores.

Isso porque, tomados pela emoção daquele ato de devotamento jamais encenado naquele teatro de prazeres, uma grande quantidade de entidades espirituais que acompanhavam os encarnados, sem falar-se destes próprios, passou a sintonizar com um padrão de sentimentos incompatível com o desejo da grande organização trevosa que dava sustentação a eventos desse tipo.

Inúmeros espíritos, até então acostumados a vociferar no acompanhamento das gritarias e desafios vulgares da plateia, naquelas circunstâncias ganhavam coragem para suplicar ajuda também e deixavam rolar lágrimas há muito represadas por terem se achado esquecidos pelos deuses de suas crenças.

A cada reação inadequada por parte dos presentes, acorriam os "gladiadores" com o chicote a estalar sobre tais demonstrações de arrependimento e pedido de socorro.

No entanto, as forças que estes espíritos inferiorizados sentiam, graças a uma nova fonte de esperanças, os encorajavam a seguir na mesma trajetória de súplicas e, apesar do medo que experimentavam dos tais gladiadores desencarnados, maldosos e violentos, não modificavam suas condutas apesar das chicotadas.

Tais chicotadas não duravam muito porque logo mais à frente, ao lado, atrás, alguma outra entidade se apresentava igualmente modificada por força da mesma energia transformadora.

Para lá se dirigia a entidade agressora para distribuir suas prendas dolorosas, como descargas magnéticas de baixo teor. No entanto, mal chegava ao local e outro, mais adiante, demonstrava a mesma sensação, a exigir-lhe o desdobramento impossível de abarcar a todos os que se mostravam propensos a uma modificação indesejável.

Via-se o tal gladiador espiritual como que perdido no meio de tantos a quem deveria castigar, sem conseguir fazê-lo e sem entender o que se estava passando, já que, acostumados à frieza de julgamento e de obediência cega, estes espíritos não se prendiam aos espetáculos ou jogos na arena e sim ao cumprimento de suas tarefas junto aos que assistiam ao espetáculo.

Naquele dia, não puderam cumprir o seu dever de intimidar em face das muitas centenas de entidades que passaram a manifestar o seu descontentamento com o tipo de vida que levavam, seduzidas pelo espetáculo de beleza espiritual que, por primeira vez, se havia orquestrado no ambiente espiritual daquele circo.

E é importante que se diga que isso não se passou apenas no íntimo dos desencarnados necessitados.

Entre os encarnados, ainda que a sua constituição orgânica os impedisse de presenciar os feéricos efeitos de luz e encantamento que eram tão especiais naquele dia para todos os espíritos daquele local, a condição vibratória que todos ostentavam permitia que sua sensibilidade pudesse captar algumas das sensações diferenciadas que ali estavam em jogo, absorvendo através de sua "psique" os componentes elevados das vibrações em curso e, em muitos casos, sentindo uma estranha alteração em seu estado de ânimo, em sua emoção, até então, indiferente.

Por isso, para muitos encarnados a presença ali, naquele espetáculo de dor e covardia, foi a primeira brecha em sua armadura tosca que faria com que, mais tarde, se interessassem por aquela noção bela, nobre e elevada de crer em um Deus que os sustentaria até mesmo no momento crucial do mais atroz sacrifício.

E à medida que se afastavam do cenário triste o grupo dos que tiveram o corpo assassinado, a grande quantidade de entidades das arquibancadas, espíritos curiosos agora cheios de esperanças, entidades atreladas aos prazeres dos encarnados que se reconheciam cansadas das frustrações constantes, espíritos maldosos e mordazes que, repentinamente foram impressionados pelo cântico de fé dos que morriam e pela resposta do mundo superior aos seus sacrifícios, todas estas entidades começaram a receber a ajuda da grande caravana do Amor que viera à Terra para elevar os espíritos a outros patamares de compreensão e de esperança.

Assim, tornavam-se visíveis, na arena, espíritos nobres que compunham o séquito brilhante dos que eram os pescadores de almas e, veneráveis e fraternos, de lá do piso arenoso que compunha toda a pista de corrida onde se exibiam os atletas e os carros nas competições, estendiam seus braços aos espíritos que estavam na plateia, convocando-os a segui-los.

Tal caravana superior era composta por anciãos, mulheres luminosas, matronas romanas trajadas à moda das antigas tradições, espíritos que se assemelhavam a estrelas transformadas em pessoas por alguns momentos, a solicitar carinhosamente que os que desejassem, descessem à arena para iniciarem uma nova jornada.

Ante tal cenário, fez-se ouvir, através de sistema sonoro acionado pelo espírito obsessor, que se fazia chamar de "grande imperador", uma convocatória aos seus asseclas para que reforçassem a agressão a fim de impedir ou intimidar os mais entusiasmados, alertando a todos os integrantes da "organização" de que estavam sendo atacados por forças inimigas que não poderiam prevalecer.

Mais funcionários foram enviados para fazer o cerco aos integrantes da arquibancada para que não deixassem seus lugares em direção aos que os chamavam lá na pista de corrida.

Havia centenas de espíritos luminosos que se dispuseram a enfrentar esta difícil situação para atender aos imperativos do Bem sobre a Terra e, corajosos, se mantinham serenos e sorridentes, esperando que os que tivessem coragem suficiente para vencer os obstáculos, aceitassem o convite e fossem até eles, de onde seriam encaminhados a outros lugares no mundo espiritual.

Diante da reação violenta dos gladiadores espirituais, contudo, muitos espíritos de pouca vontade ou coragem, voltavam intimidados para seus lugares, ao passo que uma grande parcela de entidades realmente cansadas e encorajadas por tudo o que haviam visto naquele ambiente, firmavam seus olhares nas luminosas entidades que os convidavam e, sem se incomodarem com os látegos desesperados dos vigorosos perseguidores, desciam passo a passo os degraus da grande plateia e saltavam na areia.

Muitos dos gladiadores seguiam-lhes os passos, tentando jogar sobre eles as suas redes, feri-los com suas lanças, usando das armas que estavam acostumados a manejar em seus ofícios de lutadores.

Todavia, quando os espíritos que se destacavam da turba, transformados pela esperança, mantinham a sintonia com as entidades que os esperavam de braços estendidos, passavam a assimilar as forças amorosas que elas geravam e, assim, as redes, as lanças, os golpes magnéticos dos gladiadores não os atingiam mais, nem produziam as reações negativas que eram comuns naqueles que se deixavam intimidar pelo medo.

O magnetismo elevado que envolvia o espírito inferior que desejava partir na companhia dos emissários celestes neutralizava a força pegajosa e agressora que era arremetida pelas entidades perseguidoras, tentando reter aquele que se modificava.

Assim, para desespero dos que se pensavam poderosos dirigentes daquela multidão de iludidos e despreparados, usando a intimidação, a força e a injustiça, naquela tarde gloriosa uma quantidade que superou a marca de duzentos mil espíritos deixou o ambiente da cidade pervertida, liberando a atmosfera vibratória dos encarnados de sua nefasta companhia.

Entre os que aceitaram as convocações da esperança, estavam todos aqueles que já se descreveu antes, com o acréscimo de mais de duas dezenas dos espíritos aqui descritos como gladiadores que, igualmente cansados daquele tipo de comportamento, possuindo um interior mais preparado para as modificações morais que se impunham pelos processos evolutivos, puderam ser tocados pelos eflúvios espirituais elevados que, também sobre eles, eram projetados.

Chegados à areia, eram todos recolhidos por luminosa caravana e, sem que compreendessem o motivo, eram acometidos por pesado sono, adormecendo imediatamente ao contato com as forças poderosas do Bem que os acolhiam.

Assim, se pereceram na arena, em nome de uma crença sincera, aproximadamente duzentas pessoas, que morriam por causa das injustiças humanas, protagonizaram um tal exemplo de amor e fé que, além de terem infundido uma semente nova na mente e no coração de uma incalculável multidão de encarnados que beirava o meio milhão de espectadores, foram igualmente o veículo do despertamento de uma multidão de espíritos sofredores, inspirados nos seus exemplos de confiança e de fé, que aceitaram mudar suas vidas a caminho de uma melhor condição espiritual.

Assim, leitor querido, nunca te esqueças de que o teu modesto testemunho, silencioso e paciente é uma força tão poderosa que nem mesmo tu consegues dimensioná-la e prever os resultados de sua aplicação sobre aqueles que te cercam ou que conhecem os teus exemplos.

Nas dificuldades que surgirem, ao invés de desertar ou pensar em fazê-lo, imita os primeiros mártires do circo e eleva o pensamento ao Criador de todos na demonstração de confiança e fé em Seu soberano Poder.

Se Ele te permitiu chegar até ali, é porque confia em tua capacidade de vencer tal desafio.

Sabe que tu estás preparado para enfrentar com galhardia a luta que se apresenta e, mais do que isso, já te enviou a celeste caravana dos amigos invisíveis que te sustentarão na hora do sacrifício, quando mais e mais sofredores poderão ser beneficiados.

Assim, em qualquer situação de angústia, em que os leões da crítica, da injustiça, da incompreensão, do desamor, da solidão, do desafeto, da dor física ou moral, do abandono, da infidelidade, da calúnia, da mágoa, do rancor, da tristeza te buscarem para dilacerar tua carne diante do auditório que te apupa e te ridiculariza, lembra-te de que ali está a sublime oportunidade de te transformares em fermento que vai atingir o coração dos que te agridem e vai transformá-los para sempre.

Nada do que tais leões fizerem para ti será tão profundo e transformador quanto aquilo que tua conduta corajosa e fraterna vai fazer no interior daqueles que te produzem o sofrimento.

Por isso, jamais te esqueças que, se a dor te fustiga e coloca na condição de vítima, o teu comportamento generoso pode ser mais poderoso e profícuo do que qualquer ato de violência ou revide.

É assim que entendemos que o perdão acaba sendo a vingança da vítima, uma vingança doce, uma vingança que constrói e transforma o agressor para o bem e para sempre.

E, não te esqueças de um detalhe:

Os leões podem ser numerosos, muito grandes e rugirem muito alto para te amedrontar...

No entanto, tu também, como os cristãos na arena, podes cantar para eles...

9

MÃOS QUE SE ESTENDEM

A acolhida dos mártires no plano espiritual foi muito emocionante, especialmente pelo fato de cada um deles possuir ao seu lado um espírito amigo, ligado por laços seculares e que se incumbia de levar em seus braços o espírito recém-liberto para depositá-lo diante Daquele em nome do qual tinham entregado tudo o que possuíam no mundo.

Mais uma vez, se consegue compreender as palavras de Jesus quando se lhes retira o sentido oculto por detrás da letra fria.

Chegaram até os dias de hoje as luminosas exortações contidas em Mateus, 16, 24 a 26, que ensinam:

"Então disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser ganhar a própria vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á.

Que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca de sua alma?"

Desse modo, todos os que ali estavam como cristãos e que haviam sido considerados criminosos e bandidos aos olhos humanos, haviam aceitado perder tudo, entregar a própria vida por Amor ao Messias, fazendo vivas as suas palavras.

Quando soou o clarim da libertação, jubilosos cânticos embalaram o regresso ao seio Daquele que os aguardava, com belezas e glórias indescritíveis na linguagem pobre dos homens.

Retratar a acolhida desses primeiros testemunhos no plano espiritual seria o mesmo que tentar construir um arco-íris no céu usando o material com que os homens constróem seus barracos em favelas.

No entanto, as luminosas entidades que transportavam os recém-chegados, houveram por sustentá-los pelos caminhos florescentes e inebriantes, mantendo-os amparados pelos dias que foram necessários para o reequilíbrio parcial do perispírito, ainda que alguns ainda se achassem mais adormecidos.

Dessa forma, vencidas as horas necessárias à maior ambientação dos espíritos dos mártires, foram eles encaminhados ao local preparado para que, uma vez recuperados do choque rápido da desencarnação violenta na arena de Roma, pudessem receber o prêmio maior das mãos do próprio Senhor Compassivo e Amoroso.

Ao lado de Lívia seguia Simeão enquanto Zacarias carregava firme o espírito de João de Cléofas que, de maneira mais consciente, abraçava-se ao amigo com o sentimento de gratidão por tudo o que dele havia aprendido e dos exemplos que recebera nas horas cruciais de sua existência.

Reunidos em vasto salão que se misturava à natureza luminosa daquele plano diáfano e cuja nobreza sem exageros se impunha pela beleza e o bom gosto jamais igualados pelas criações humanas, numa mistura de simplicidade e brilho celestial, colocavam-se os recém-chegados em confortáveis poltronas que mais lhes pareciam ninhos macios e floridos onde seus espíritos se recompunham dos últimos acontecimentos com o corpo físico.

Por detrás de cada um mantinha-se aquele que os havia recolhido e se encarregara de ampará-los até aquele local, onde partilhariam das alegrias do Celeste Governante.

Todos possuíam, assim, um amigo espiritual que os ajudava a se equilibrarem enquanto que, em outro local, bem mais distante dali e afastado daquelas energias intensas, mas amparados por forças suaves e balsamizantes, se congregava a imensa quantidade de entidades que foram retiradas dos espectadores, convertidas à esperança que lhes sorria naquele momento trágico e desejosas de aceitar o Reino de Deus em suas vidas.

Todos os mais de duzentos mil espíritos, incluindo aí os gladiadores arrependidos, estavam submetidos às disciplinas do Amor que vigia suavemente, preparando-os para testemunharem a grandeza daquele sublime momento na vida daqueles que aceitaram morrer por uma causa maior do que tudo.

Assim, no ambiente onde se reuniam, imenso telão de material muito sutil, algo parecido com uma finíssima tela de seda pura, seria usado para que todos tivessem a visão clara da beleza daquele momento.

A maioria dos que ali estavam nunca tinha ouvido falar de Jesus, mas seus espíritos guardavam no recôndito mais profundo de si próprios a certeza de que o Governador da Terra, a mais alta autoridade espiritual do planeta estaria envolvida naquele evento.

Aliás, era exatamente por isso que lhes seria permitida a visão daquele reencontro, uma vez que o simples fato de vislumbrar o Cristo, ainda que através de um aparato semelhante ao cinema dos humanos, seria muito marcante aos seus espíritos.

Por isso, enquanto se fazia silêncio no ambiente principal onde se localizavam os primeiros mártires de seu Evangelho na grande metrópole mundana, um coro angelical se fazia ouvir com cânticos que elevavam as almas e faziam brotar lágrimas espontâneas. Dir-se-ia que se ali existissem pedras, elas aprenderiam a chorar de emoção.

Para uma melhor imaginação do leitor, o recinto preparado para os mártires se assemelhava a um teatro que tivesse poltronas que se erguiam em forma de anfiteatro como se fossem afixadas na parede interna de uma concha, abrangendo os 360 graus, com o palco localizado no centro do vasto recinto.

A região que rodeava o palco central era composta pelas poltronas já descritas onde se colocavam os espíritos que seriam recebidos naquele banquete de amor.

As luzes suaves iluminavam todos os assentos do vasto recinto que estavam ocupados pelos espíritos que acorriam ao local para participarem das boas-vindas, entidades envolvidas com o trabalho da semeadura do evangelho na Terra, futuros cristãos que se preparavam para seguir para a frente de batalha do Bem, amigos e familiares espirituais dos que chegaram, tutores e mártires de outros tempos, delegações espirituais de todos os povos da Terra que traziam espíritos que se candidatavam a levara mensagem de esperança pelos caminhos humanos em outras paragens, todos ali estavam, silenciosos e enlevados.

No entanto, o centro onde estava o palco era guarnecido por uma penumbra que se fazia em respeito ao plácido repouso dos viajores que se adaptavam ao novo ambiente espiritual.

Recebiam baça luminosidade proveniente do reflexo daquela que se destinava às poltronas dos presentes, igualmente cuidadosos para com a tranquilidade de seus irmãos, fragilizados e protegidos.

Não tardou muito para que, anunciando a chegada do momento tão esperado, luminosa entidade se deslocasse para o centro do palco, de onde sua figura podia ser vista e ouvida por todos sem que tivesse que fazer qualquer esforço vocal maior do que pronunciar serenamente as palavras.

Seu espírito, aureolado de luz safirina, como se fosse construído por raios estelares furtados do céu noturno, irradiava uma simpatia tal que naturalmente se projetou sobre toda a assistência, fazendo calar qualquer ruído e, com simplicidade, passou a dar os contornos daquele tão esperado reencontro.

A emoção que tomou conta da grande assembleia foi imediata.

O semblante jovial e ao mesmo tempo maduro confundia a mente dos que pretendessem entender racionalmente o que se passava.

Ali, naquela hora, era o coração que era chamado a sentir, pois a razão teria muita dificuldade e seria muito pobre para compreender.

- Amados irmãos - disse o orador humilde e sereno - permitiram, a Bondade do Pai e a Amorosa solicitude de Jesus, nos encontrássemos aqui para saudar os vencedores do mundo.

E enquanto os farrapos são devolvidos ao plano da ilusão, aqui nos achamos diante das essências verdadeiras. Breves momentos lacrimosos na Terra não serão facilmente suportados diante das imensas recompensas do Céu?

Tantos são os que regressam da vida em condições lastimáveis, depois de terem recebido toda a sorte de favores divinos para que vencessem pequenas adversidades! A cobiça, os interesses pessoais, os defeitos morais, os caprichos da individualidade fragilizam tanto a vontade dos vivos na carne que se nos afigura pequenina qualquer festividade, por maior que possa ser, e que tenha por finalidade receber os que não fraquejaram no cenário mentiroso e ilusório da Terra dos homens.

Por isso, só pode ser compensada tal demonstração de fidelidade pela generosidade Daquele que tudo venceu, tudo ofereceu por Amor ao Pai e a nós todos.

Queridos irmãos, elevemos a oração através da qual nossas almas darão graças ao Criador pelos que chegam das Trevas da matéria sem terem se perdido pelos caminhos tortuosos e sedutores, ao mesmo tempo em que os entregamos ao Amor de Seu Filho que, com certeza, saberá acolhê-los com um carinho e um sentimento que nós ainda não logramos conquistar.

E dizendo isso, cerrou os olhos para iniciar uma sincera e comovente oração, enquanto que as luzes internas do ambiente foram se esmaecendo, envolvendo tudo em uma suave e fraca claridade, ao som das melodias espirituais dedilhadas por orquestra invisível aos nossos olhos.

- "Pai querido, aqui estamos para receber os heróis do teu amor, os vitoriosos realizadores da tua vontade, aqueles que calaram os próprios desejos para que o Teu Desejo se concretizasse neles, ao mesmo tempo em que nos unimos a todos os que vieram também por aceitarem as bênçãos do teu convite amoroso para o recomeço de suas trajetórias, abandonando os erros e os enganos de tantos séculos.

Reconhecemo-nos, entretanto, miseráveis e destituídos de méritos para erguermos homenagens à altura de seus valores e, por isso, rogamos Àquele que Te representa com tanta fidelidade perante todos nós, que possa estender as mãos de luz sobre todos eles para que despertem fortalecidos e recebam os abraços calorosos que destinamos àqueles a quem admiramos pelo seu denodo, renúncia e fidelidade a ti.

Escuta-nos, Jesus, o pedido que fazemos por estes mártires de Tua causa, para que a vida que perderam por Ti lhes seja devolvida em Glórias Celestes no Teu seio amoroso e fraterno... e por todos nós, os convidados para a reforma de nosso próprio ser, famintos de novas forças e ansiosos por novos rumos..."

O orador se havia transformado aos olhos espirituais de todos os presentes.

A figura assumira novamente as vestes pobres daquele jovem do passado, ardoroso cultor da lógica do Bem, transformado em fiel defensor da lógica do Amor na modesta agremiação mantida por Simão Pedro em Jerusalém.

E fosse porque a oração que fazia o levava para o passado distante ou porque seu coração se identificasse com o das vítimas da ignorância, todos puderam vislumbrar a sua transformação fisionômica que se transmutara naquele mesmo do pretérito, o primeiro dentre todos os mártires da causa de Jesus na Terra.

Sim. Ali estava Estêvão.

Vitimado pela sanha de Saulo de Tarso, apedrejado no recinto do templo em Jerusalém, o jovem idealista que primeiramente derramara o sangue puro sem proferir qualquer imprecação contra seus agressores, entregando-se a Deus e a Jesus, por direito e por mérito fora convocado a erguer a oração inicial, com a qual todos se prepariam, dando graças ao Criador por todas as maravilhas do seu Reino Celeste e por aqueles que ali estavam, fustigados pela miséria que a ignorância produz, mas intimoratos, vencedores.

Suas vestes resplandeciam e, nos locais onde as pedradas o haviam ferido, parecia que um floco de luz havia ali fincado suas raízes para transformá-lo em rede luminosa, como se cada cicatriz fosse uma medalha espiritual.

Do alto de sua cabeça, à medida que invocara a presença do Cristo, na humildade de sua confissão de subalternidade, como se não fosse ele também um dos maiores vencedores da jornada humana, um jato de intensa luz projetou-se para o alto como que a se encontrar com um outro, ainda mais luminoso que vinha de cima.

Unidos em um canal de radiosa vibração, no ambiente esmaecido daquele vasto recinto hipnotizado por tais belezas, como que uma estrela do firmamento veio se achegando por aquela estrada luminosa e se projetou no centro do palco.

Era a forma mais luminosa que qualquer espírito houvera podido vislumbrar nos escuros ambientes terrenos. Sua fulgurância majestosa, entretanto, não impedia que os olhos Nela se fixassem, como que para não perderem a beleza daquele instante inesquecível.

A estrela que chegava era acompanhada dos acordes mais emocionantes e inolvidáveis que nossos pobres ouvidos poderiam escutar.

Perto deles, as mais belas melodias humanas seriam cantigas de quermesse*e todos os grandes músicos inspirados, apesar de sua justa e nobre realização, não passariam de toscos aprendizes da beleza sonora.

Não havia quem não se entregasse às lágrimas copiosas.

Ao mesmo tempo, em todos os que se postavam nas primeiras poltronas que circundavam o centro do auditório, dessa estrela se projetavam raios que os atingiam na altura do coração, como se fosse uma injeção de potente energia que os retiraria do estado de perturbação momentânea, a fim de acordarem para a realidade daquela hora.

O ambiente como um todo passou a irradiar-se de tal forma que se o Sol tivesse se transferido para lá, ainda estaria iluminando menos do que se observava naquele momento.

Mesmo para descrever estas cenas verdadeiras nosso espírito se sente tocado pela emoção mais absoluta e nos custa muito traduzir nas palavras frias tudo aquilo que ali se estava passando.

Lentamente, a estrela foi ganhando forma humana e, se me é possível dizer algo, olhando para a sua figura, posso afirmar que poucos tiveram coragem de olhar-lhe nos olhos, mas todos puderam constatar que estava descalça.

Sim, ali estava o Sublime Peregrino, o tutor de nossas almas e o Mestre dentre todos os mestres.

Tão logo se viu materializado, sua forma física continuava a brilhar de modo estelar.

Aproximou-se de Estêvão que, emocionado, ajoelhou-se diante dele.

Jesus abaixou-se diante do jovem luminoso e levantou-o com carinho dizendo-lhe:

- Lembra-te, filho, eu vos chamo de meus amigos e aqui estou não para ser servido e sim para servir.

Estêvão esboçou um sorriso tímido que as lágrimas molhavam e lhe disse:

- Senhor, teus verdadeiros amigos chegaram... Olhando-os com carinhosa inflexão, Jesus sorriu e disse:

- Todos são meus verdadeiros amigos, Estêvão, mesmo aqueles que ainda não o sabem. É de júbilo que minha alma está repleta, pois a obra de Deus não é em vão...

E dizendo isso, deixou o centro do palco e dirigiu-se para cada poltrona onde um espírito se encontrava despertando diante de tal luminosidade.

Achegou-se a Zacarias que, reverente, lhe sorriu emocionado dizendo:

- Senhor, nosso Cléofas voltou trazendo as marcas do sacrifício por muito amor ao Pai e a Ti.

Olhando-o, Jesus colocou a destra sobre a fronte de João, o mais lúcido dentre todos os recém-chegados que, imediatamente, abriu os olhos de maneira plena, exclamando, surpreso:

- Meu Jesus,... eu.... não.... sou digno.... de ....entrarem ....tua morada.

Vendo a sua humildade espontânea, Jesus se abaixou para olhar-lhe bem nos olhos e lhe disse:

- João, o trabalhador fiel é digno de seu salário. Tu que foste fiel em pouca coisa, eu te constituirei sobre muitas outras...

O discípulo não tinha o que dizer e se o tivesse não o conseguiria. Apenas pensou em seus irmãos que também haviam perecido na arena, ao que o Mestre lhe respondeu:

- Todos estão aqui, filho querido. A casa do Pai é ampla e a todos sabe acolher com carinho.

Um sorriso de tranquilidade preencheu-lhe o rosto e João se viu fortalecido e disposto.

A seguir, Jesus passeou por todos os martirizados e sobre eles impôs a sua mão e conversou com cada um, demonstrando o mesmo carinho e atenção, identificando-os pessoalmente, demonstrando saber de seu drama pessoal, de suas dores e aflições e de todo o sacrifício que a vida demandara, na árdua jornada que terminara.

Lívia, que vinha logo depois de João, igualmente tocada pelo magnetismo do Mestre, recordou-se de seu encontro na beira do lago em Genesaré, quando Jesus lhe houvera dito que lhe aceitaria o sacrifício quando chegasse a hora e, num gesto de muita emoção, enquanto Jesus se deslocava para a sua direção, pediu a Simeão que a ajudasse, pois queria estar ajoelhada quando Jesus chegasse próximo a ela.

Simeão, compreendendo o momento íntimo, ofereceu seus braços firmes e, juntamente com a irmã tão amada, ajoelhou-se também para que o Mestre assim os encontrasse, ambos.

O ambiente estava carregado de tal magnetismo que nenhum dos presentes ousava tirar seus olhos daquele palco, servindo isso para que muitos que tinham receio de encarar os desafios da semeadura da Boa Nova entre os homens, perdessem ali qualquer medo de suportar o flagício da ignorância humana, a fim de iluminá-la.

De todos os lados, almas viam despertar dentro de si mesmas o pendor para o heroísmo a fim de que o melhor de si fosse colocado a serviço da melhor de todas as Causas.

Tão logo atendera a todos os corajosos mártires da primeira hora, entre os quais se achava Lucílio também o Senhor elevou a palavra falando à toda posteridade sobre os planos de Deus para a evolução dos homens, divisando os horizontes do futuro e concitando a todos para que perseverassem no Bem, já que seria necessária muita dor ainda para que o coração das criaturas entendesse a excelcitude do Reino da Verdade e do Amor.

Era, na verdade, o sermão que profetizava para todos as venturas e dores que estavam reservados aos dias do futuro, fazendo-os compreender os planos superiores da direção espiritai da Terra para os que pertenciam ao rebanho que tinha sido confiado à Sua guarda.

Momento de solene elevação, não havia quem não se ligasse às suas luminosas exortações, demonstradoras do mais puro sentimento de interesse e devotamento por todos os irmãos humanos.

E mesmo dentre aqueles que, lá em outro local, assistiam pela tela espiritual os lances do evento, não houve um que não se envergonhasse de seu passado e sentisse o semblante lavado pelas mais ácidas lágrimas de arrependimento como, em breve, será descrito.

Muitos se atiravam ao chão em espetáculo de desespero que era logo atendido por vigilantes espirituais a encaminharem o desequilibrado ao tratamento necessário à sua recuperação.

Assim nos dois locais estavam os convidados ao banquete do Amor.

No recinto principal, com Jesus, estavam os devotados servidores da Causa do Bem, os que perderam a vida por Amor a Jesus, recebendo a vida de volta, acrescida da gratidão celeste pelo dever cumprido, o que lhes ensejaria novas trajetórias de trabalho.

E no outro ambiente mais afastado mas, igualmente bem amparados por espíritos amorosos, estavam os convidados ao trabalho e ao sacrifício, quase que sentindo inveja dos mártires e desejando tudo enfrentar para terem a ventura de chegar a um momento de glória espiritual, aqueles mesmos que haviam desejado, durante a existência física apenas ganhar a sua vida, gozar e desfrutar os momentos de euforia, agora envergonhados pelos erros cometidos e se sentindo despidos de quaisquer méritos para solicitarem uma nova chance de voltar ao mundo.

E, longe dali, guardado na lembrança de Zacarias, estava a figura de Pilatos, envolvida pelo sofrimento do ato tresloucado com o qual tirou a oportunidade de viver fisicamente, havia mais de vinte anos.

A todos os fracassados no espírito se poderia aplicar as palavras de Mateus:

"De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perde a própria alma?"

10

O BEM COMO PRÊMIO DA BONDADE

Nas paragens espirituais luminosas, o reencontro entre os personagens que haviam sido recolhidos na tragédia do Circo Máximo naquela trágica tarde foi como a realização de um sonho bom que todos nós possuímos, mas que achamos que nunca se concretizará.

À medida que a figura luminosa de Jesus visitara um a um os seus primeiros mártires do primeiro massacre coletivo em nome da causa da Boa Nova, em pleno coração daquele mundo dito civilizado, os espíritos que recebiam o influxo de Amor, partido do coração amoroso do Divino Mestre, eram tocados por uma luminosidade e uma vitalidade que, sem exceção, os reerguia para uma condição de plena capacidade e lucidez.

Ao final desse percurso, todos já estavam plenamente livres de qualquer perturbação espiritual, esse estado natural que sucede o processo de morte do corpo e que pode durar de algumas horas a alguns séculos, conforme as lições espirituais indicam e cuja duração está na dependência do estado de amadurecimento e de preparo do espírito que regressa ao mundo invisível.

Na condição de vítimas corajosas de todas as vicissitudes e sacrifícios, dos quais não fugiram, todos eles puderam receber a acolhida de espíritos amigos que, nos momentos mais cruciais de seus testemunhos últimos, já os envolviam e amparavam.

Por isso, mesmo depois de terem recobrado a lucidez plena, o carinho desses companheiros devotados e luminosos era outro motivo a mais para encher de ventura o coração destes vitoriosos sobre si mesmos.

Como dissemos, João de Cléofas e Lucílio foram acolhidos por Zacarias, Lívia recebera o afeto das mãos de Simeão, enquanto que todos os demais eram abraçados por entes amorosos que a eles se ligavam por estreitos laços de amor sincero.

Com tais sentimentos despertados, os recém-chegados se sentiam leves e pertencentes a uma dimensão que mais lhes parecia de venturas indescritíveis e jamais imagináveis, como se tudo aquilo que Jesus havia prometido quando de sua estada na Terra, fosse ainda muito pobre se comparado à realidade que os aguardava.

A beleza de tudo, numa mistura de simplicidade e rara nobreza, produzia no espírito um encantamento e uma elevação ímpares.

Enquanto tais emoções eram sentidas por todos os espíritos ali congregados para as homenagens aos viajores da fecunda semeadura do Amor entre os homens, no mesmo instante longe dali também este Amor ilimitado penetrava os corações.

Como o leitor há de se recordar, não apenas os vitimados pelos leões foram recolhidos naquele dia.

Como já explicamos, toda uma grande família espiritual que fora recolhida naquela tarde no Circo de crueldade e ignorância, havia sido acolhida em ambiente afastado, de vastas proporções, onde mãos generosas e devotadas à causa do Bem os amparava nos acessos de emoção e de desespero de que eram vítimas, ao contato com aquelas cenas maravilhosas que lhes eram transmitidas em uma grande tela, comparada pobremente a um vasto cinema.

Por força das vibrações espirituais de alto padrão que haviam revestido toda a arena e as arquibancadas, ainda que de maneira invisível para a maioria, quando os mártires passaram a elevar o pensamento a Deus através do cântico que ofereciam para espanto de muitos que lá estavam, o mundo espiritual pôde acionar todos os recursos disponíveis para desencadear um grande processo de ajuda coletiva às entidades ignorantes ali congregadas, seja por acompanharem os encarnados, seja por mera curiosidade e prazer mórbido naquele espetáculo cruel.

Ante o impacto da coragem, do destemor, da Fé superlativa daqueles poucos seres humanos vitimados pela ignorância de muitos milhares, muitos destes se viram compelidos a pensar naquele gesto inusitado e que demonstrava um poder e uma coragem pouco conhecidos num mundo de disputas e conflitos onde os mais violentos e agressivos eram os mais invejados, admirados e imitados.

Reunidos aqueles espíritos que se permitiram tocar por essa sensação, os trabalhadores do Amor lá presentes se fizeram visíveis à turba de entidades ensandecidas, postando-se na arena diante deles e convidando-os a descerem até lá para que pudessem ser ajudados.

Milhares de espíritos passaram a gritar por socorro, para surpresa e desespero das entidades trevosas que pensavam manter o controle sobre aquela assistência despreparada.

Estimulados pelas visões amorosas que os convidavam a se aproximar, deixando as arquibancadas e seguindo em suas direções, eram agredidos por outras entidades cruéis e violentas que tudo faziam para tentar intimidar os que se demonstrassem desejosos de mudar de vida.

No entanto, era tal a atmosfera de elevação construída pelo mundo espiritual, que o número dos que se dispuseram a procurar o agasalho generoso do Bem, nos braços das entidades luminosas impedia qualquer forma eficaz de intimidação, sobretudo porque dentre estes espíritos gladiadores que se incumbiam de assustar os demais com sua violência, mais de vinte dessas entidades acabaram se deixando levar pela onda de esperanças que os envolvia naquela hora, abandonando o posto de guarda e seguindo com as outras entidades na direção das mãos amigas que se estendiam para eles.

Assim, mais de duzentos mil espíritos necessitados e ignorantes foram recolhidos naquele dia, sendo certo que todos eles o fizeram por sua própria vontade, libertando-se das opressões que os castigavam e seguindo os seus caminhos com suas próprias deliberações de espírito.

E recolhidos Belos trabalhadores devotados a serviço de Jesus, caíam adormecidos no mesmo instante em que se aproximavam da arena, onde a atmosfera muito mais energizada era tamanha que o choque magnético como que os induzia ao sono, ocasião em que eram recolhidos e levados para esse ambiente previamente preparado no plano espiritual para recebê-los.

Nesse recinto de vastíssimas proporções, eram acolhidos com carinho e colocados em confortáveis assentos onde esperariam o retorno à consciência mais lúcida.

Como não se tratavam de recém-desencarnados, não necessitavam enfrentar os problemas da perturbação que ocorre ao espírito logo após a morte física.

Sobre todos eles, naquele ambiente espiritual muito mais elevado do que os que estavam acostumados a freqüentar junto aos encarnados invigilantes e viciosos, uma tênue chuva de fluidos balsamizantes era projetada sobre eles, penetrando todo o organismo perispiritual dessas entidades adormecidas e lhes infundindo nova sensação de vitalidade.

Na verdade, era como um processo de limpeza, assepsia necessária à nova etapa evolutiva que haviam escolhido percorrer.

Precisavam desfazer-se dos eflúvios densos que se acumularam em suas almas por todo o tempo de desatinos e ligações indébitas com a matéria, nos processos de vampirização de forças dos próprios encarnados e de manutenção de vícios e condutas inadequadas para a sua condição de espíritos.

A inalação de tais energias através da respiração e da penetração em seus perispíritos, ia limpando a sua estrutura pessoal das mais grosseiras emanações, como um banho para a retirada das impurezas mais volumosas.

Na medida em que isso ocorria, com a liberação de tais forças negativas, os espíritos iam voltando à consciência desperta e identificando o ambiente diferente que os acolhia, generoso.

O grande anfiteatro espiritual era inteiramente envolvido por uma leve penumbra que garantia uma sensação de paz e acolhimento, ao mesmo tempo em que o vasto teto, abobadado e transparente, permitia a visão de um céu jamais entrevisto pelos olhos dos humanos dos limites estreitos de seus olhares presos à superfície da Terra.

Nas paragens espirituais onde se encontravam recolhidos, o céu era mais rico de detalhes, ainda que fossem as mesmas as estrelas identificadas pelos olhos que as fitassem.

Eram maiores, mais brilhantes, envolvidas por uma escuridão aconchegante e imponente, como se parecessem pérolas com brilho próprio, engastadas em uma vasta colcha de veludo precioso.

Tudo ali fazia pensar em um Pai cuja imensitude era inalcançável, mas cuja humildade emocionava o menor dos seres criados, a revelar-se modestamente em tudo o que existia.

Os deuses criados pelos homens, diante de todo aquele espetáculo, não faziam qualquer sentido. Eram construções mesquinhas e caprichosas, partilhando os mesmos defeitos e fraquezas humanas que em nada se pareciam com a Soberana Nobreza de toda aquela atmosfera.

Tão logo abriam seus olhos naquele recinto, eram atraídos pela vasta visão cósmica, a penetrar-lhes a mente espiritual e lhes infundir não só o encantamento da surpresa ante o maravilhoso, mas, acima disso, uma sensação de miséria pessoal, de vergonha ante a excelcitude do Universo que jamais experimentaram.

Muitos choravam em silêncio, levados pelos seus erros a se recordarem de suas culpas, arrependendo-se de todos os atos insensatos que já haviam adotado ao longo de toda a trajetória de suas vidas.

Outros se deixavam levar pela melancolia e pela dor por terem desperdiçado tantas oportunidades durante as quais ficaram privados de sentir tamanho enlevo espiritual.

Emoldurando toda esta atmosfera, a música celeste embalava as emoções de todos em sonoridade jamais imaginada por nenhum daqueles ouvidos acostumados ao rufar violento dos tambores das paradas militares dos exércitos que chegavam à grande capital imperial de seus dias, sem maiores noções estéticas que os fizessem se lembrar das belezas do espírito.

Além disso, a energia que caía sobre eles na forma de leve véu, uma quase garoa, trazia com ela um perfume que, na percepção de cada um dos que ali se achavam, ganhava o odor que mais lhes produzia boas lembranças.

Os perfumes se sucediam, inebriando a cada entidade necessitada que, ao inalá-los, era levada a relembrar na memória olfativa que se encontrava arquivada em sua mente, das coisas boas que houvera experimentado.

O perfume de sua mãe, da esposa ou do marido, o perfume característico dos próprios filhos, o odor de flores que cultivava, do campo agreste onde cada um vivera momentos de ventura, todos eles possuíam algum tipo de memória nessa área, que era ativada ao contato com as forças espirituais que os envolviam.

Por este motivo, eram levados a rememorar as generosas oportunidades que a vida já lhes havia conferido para que pudessem ser felizes, chances estas que a maioria havia desperdiçado em busca de uma vida de aventuras e prazeres sem profundidade.

Esta lembrança também lhes chegava para apagar de suas mentes as falsas ideias de uma infelicidade eterna, de uma condenação cruel a uma vida sem belezas, sem momentos de alegria, fazendo-os voltarem à época de suas boas lembranças, o que lhes produzia a sensação de maior responsabilidade perante a vida.

Quando o tempo já havia feito a sua parte no processo de limpeza e de introspecção em cada um deles, estando já plenamente despertados e reconduzidos à própria consciência, muitos precisavam ser amparados por um enfermeiro espiritual que os assistia, sendo certo que postos de atendimento se espalhavam por todo o recinto, a espaços regulares, de modo a não deixar sem atendimento eficaz nenhum dos mais infelizes ou necessitados.

O despertamento de nossa indiferença é muito doloroso para o espírito, que tem de assumir por si próprio, sem que ninguém o acuse ou o julgue, os erros cometidos, as falhas na jornada humana, o desperdício e a preguiça, a maldade e a omissão.

Muitos se abeiravam do desespero, ocasião em que eram amparados com a ação fluídica calmante de um amigo que ali estava para ajudar nessa hora.

A grande tela luminosa se mantinha transmitindo apenas cenas da beleza do Universo, a maioria desconhecidas pelos desencarnados que lá estavam e pelos próprios encarnados dos dias atuais.

A dança das galáxias no cosmo distante, as forças silenciosas da luz e da gravidade a bailarem ao redor de pontos que as comandavam como se fossem maestros hábeis, cores desconhecidas dos humanos, combinações de formas e harmonias jamais entrevistas, eram o pano de fundo que mantinha a atmosfera ainda mais propícia às mudanças morais necessárias a todos aqueles espíritos.

Em determinado momento, quando se fez a hora do início da atividade, o centro do grande anfiteatro foi iluminado com mais intensidade e um vulto feminino ali se estabeleceu à vista de todos para que, com sua suavidade e doçura, pudesse falar aos que estavam prontos para escutar-lhe as palavras.

Sua figura era igualmente talhada com esmero, no porte de juventude luminosa e serena sabedoria que não se saberia dizer tratar-se de uma quase adolescente ou de uma confiante senhora.

Seus cabelos permaneciam levemente caídos sobre os ombros e sua túnica alva e singela falava de uma humildade e resignação que aqueles espíritos jamais haviam sentido.

A sua postura suave infundia em seus corações a saudade da mãe ao mesmo tempo em que neles inspirava o amor que podiam ter por uma filha. Muitos a viam como a materialização das filhas esquecidas no tempo, enquanto que outros desejavam beijar-lhe as mãos com a ternura dos que reencontram o coração materno, depois de todas as estroinices e os abusos de uma existência perdida.

Dirigindo-se a todos, e sentindo que sua figura infundia este espectro de emoções, ela começou dizendo:

- Irmãos queridos, que a Bondade de Deus e o Amor de Jesus nos aceitem como os modestos servidores da causa da Verdade.

Aqui estou na vossa presença por misericórdia do Pai, não por méritos que não possuo. Venho ao vosso encontro apenas como a irmã que muito vos ama para dizer-vos que, na Casa do Pai, não existem portas fechadas aos que batem aflitos, em busca de consolação. Nossos antigos deuses continuam carrancudos e surdos no alto de seus altares, como a se divertirem com nossas lágrimas. No entanto, Jesus abre seus braços para nos receber e chora conosco por causa de nossos sofrimentos. E a todos vós que aceitastes dar um novo rumo a vossos passos, na estrada luminosa que começa a invadir a Terra e que haverá de chegar a todos os corações, este é um momento inigualável na trajetória de vossos espíritos.

Deixai para trás todo o sentimento de aflição, de medo, de inferioridade, pois se é verdade que tudo o que fizemos de errado nos causa a dor e o arrependimento, também é verdade que todos nós poderemos consertar o mal, refazendo as coisas por outros padrões. Grande é a seara e poucos são os trabalhadores. Por isso, queridos irmãos, aproveitemos este momento para que novas forças nos estimulem a matar em nós aquele ser imperfeito que nos conduziu ao abismo da ignorância e multiplicar o empenho na construção do novo espírito que é capaz de erguer-se de tais profundezas do erro, carregando outros em seus braços.

Todos sois o testemunho vivo do Amor do Pai; eis que, por causa de alguns poucos corajosos seguidores da Verdade, pudestes chegar até este inesquecível momento de ventura celestial jamais imaginado.

Por isso, não nos cabe senão externarmos a gratidão à Bondade Celestial, não mais através de oferendas e sacrifícios sangrentos a deuses insensatos e, sim, por meio do sacrifício de nossos defeitos e erros no altar sagrado de nossos corações.

Se estais arrependidos do passado, aproveitai esta hora e conversai com Aquele que vos criou, que nos criou, e assumi com Ele um novo compromisso de trabalho, um compromisso de respeito pela Verdade do Espírito e de devotamento à Causa do Amor entre os homens.

Se vos envergonhais dos desatinos do passado, posso vos afirmar que está aberta a grande oficina que nos permitirá a reparação de nossos erros.

Em breve o mundo precisará ser povoado com espíritos melhores, com criaturas que tenham o desejo de quitarem seus débitos na semeadura do Bem no coração estéril dos indiferentes. Se desejais, realmente, o perdão da própria consciência, tereis a oportunidade de pedir-lho através do empenho e do sacrifício, candidatando-vos a uma vaga nessa oficina de trabalho, junto aos homens.

A palavra daquela criatura luminosa infundia tanta esperança em todos os que a ouviam que lágrimas escorriam dos olhos, mesmo dos trabalhadores, dos enfermeiros, dos devotados servidores espirituais que ali, também, encontravam por si mesmos, o vasto campo do serviço que os recebia generoso e produtivo.

O coração daquela jovem se iluminou de tal maneira que seu plexo parecia um farol a irradiar luzes multicores para todos os lados.

Aproveitando o momento de ventura que o ambiente propiciava naqueles espíritos imaturos que despertavam para as realidades da vida, a jovem prosseguiu:

- Jesus nos ensinou que não importa em que momento aceitamos o serviço que a tarefa. Seja na primeira chamada, seja na convocação última, todos os trabalhadores honestos serão pagos da mesma maneira. Por isso, a palavra que o Pai tem para todos os nossos erros e fraquezas não é de censura e condenação. É de estímulo e coragem para que nos ergamos com vontade firme. E se nós tivemos coragem para fazer todo o mal que já fizemos um dia, não podemos dizer que somos covardes. Basta canalizarmos nossa coragem para outros setores mais nobres de nossa vida, que estaremos atuando no sentido construtivo de nosso futuro.

Por isso, irmãos queridos, unamos nossos espíritos à oração que ouviremos a partir de agora, para que sejamos, todos nós, um único ser, uma única vontade, um único cântico de Glórias a Deus, agradecidos por todas as suas bênçãos.

Ali, humildemente, aquela alma generosa convidava a todos para que se unissem à oração que seria transmitida pela grande tela que transmitiria até ali a cerimônia de recepção daqueles que foram devorados pelas feras nas tragédias do Circo que eles viram e participaram.

Naquele momento, o espírito de Abigail que lhes falava, reverenciava com o seu carinho a figura do irmão amado, Jeziel, o mesmo Estêvão que, longe dali, se encontrava pronto para invocar a presença de Jesus na recepção de todos os que haviam chegado da Terra depois de terem enfrentado o testemunho da morte fisica por Amor Verdadeiro a Deus e a Jesus.

A mesma Abigail, outrora noiva abandonada pelo orgulhoso Doutor da Lei, Saulo de Tarso, que soubera estender o seu Amor natural sobre a dor alheia e aceitara os ensinamentos de Jesus que o velhinho Ananias lhe houvera transmitido nos momentos finais de sua existência terrena, junto à moradia acolhedora da estrada de Jope, na velha Palestina de tantos sofredores.

11

APRENDENDO COM O AMOR

As reações de todos à cena que passou a ser assistida na grande tela panorâmica foi algo muito marcante já que, tendo aceitado a ajuda que lhes havia sido oferecida por ocasião do martírio dos primeiros cristãos na Roma daqueles tempos dissolutos, todos se achavam com esperanças de mudança muito profundas.

Eram infelizes, cansados, desarvorados da vida, acomodados aos sofrimentos espirituais dos quais não sabiam como se livrar, envergando corpos fluídicos deformados, distorcidos, cheios das feridas que a própria mente houvera cultivado em longos anos de pensamentos negativos, de ideias fixas no mal, na revolta, no vício e nos prazeres inferiores.

Todo aquele ambiente preparado de maneira tão delicada e embelezado pelas palavras de Abigail luminosa e pela oração de Estêvão já lhes havia produzido um banho magnético muito potente e, não havia quem não se sentisse emocionado por estar ali.

Dentre os que haviam sido recebidos, os que se apresentavam em piores condições, no entanto, eram os espíritos dos gladiadores, aqueles responsáveis por intimidar os outros infelizes com sua violência e sua astúcia.

Apesar de terem escolhido o novo caminho por já estarem infelizes naquela tarefa negativa, que realizavam exatamente por causa de sua extrema frieza, as novas condições vibratórias produziam neles uma significativa reação de espanto, de vergonha e arrependimento, já que, além de terem de enfrentar a si próprios, ali eram identificados pelos demais como os algozes de longa data, que os atacavam e maltratavam impiedosamente.

Por este motivo, naquele grande anfiteatro, a equipe espiritual que estava encarregada de atender às necessidades de todos, tinha um especial carinho pelo grupo formado pelos vinte e oito gladiadores que haviam deixado a antiga condição de algozes para se dirigirem à nova luminosa aurora para seus espíritos.

Ficavam isolados dos outros, protegidos por cordões fluídicos, já que não seria difícil supor que aqueles que estavam por ali, apesar de terem desejado seguir uma outra estrada, agora no caminho do Bem, ainda não tinham se tornado bons e poderiam se sentir inclinados a agredir, ao menos verbalmente ou mesmo mentalmente, os pobres e desafortunados espíritos que se encontravam, agora, não mais na condição de guardas agressivos, mas sim na da vítimas da ignorância.

Dentre todos os presentes, à medida que as palavras de Abigail foram proferidas e sucedidas pela oração, envolvidos pelos perfumes e pela música, as lágrimas umedeciam o rosto enquanto que o coração ia sendo aconchegado por mãos invisíveis que lhes preparavam o espírito para a continuidade daquele momento especial.

E o que era de espantar era o fato de que, assim que as novas forças iam sendo inoculadas no íntimo da vasta gama dos seres infelizes, alguns se sentiam melhores, menos enfermos, fechando algumas feridas, mudando o aspecto geral, ainda que em sutis detalhes.

No entanto, em outros, o efeito parecia ser contrário. Depois de longo tempo endurecidos na indiferença, no ódio cristalizado ou na prática de todos os atos que a insensatez autorizava, o despertar da consciência para a gravidade de suas condutas produzia um estado de desespero, de vergonha tão profunda, que aquela carapaça longamente mantida por sua postura acostumada naquele padrão de baixas vibrações se rompia e, como que por encanto, o ser se transformava em uma figura muito mais abatida e depauperada do que antes.

Era o caso de muitos dos ex-gladiadores.

Ainda que guardassem a figura espiritual em desajuste pelas vibrações que nutriam e pelos atos que praticavam, à medida que, arrependidos, passaram a receber a ajuda que chegava até seus corações, o clamor de seus atos passados visitava-lhes à mente como a dor corrosiva do ácido, devastando-lhes as forças de resistência e fazendo com que se entregassem ao desespero.

No entanto, isso tudo não era nada, comparado ao que estava por vir.

Repentinamente, as cenas da grande tela começaram a mostrar os que haviam sido devorados pelos leões, acolhidos naquele ambiente de safirina beleza, aqueles mesmos que foram apupados, ridicularizados, xingados por muitos dos que estavam, agora, assistindo o desenrolar dos acontecimentos.

A grande estrada luminosa que se abrira sobre Estêvão, e que vinha do Alto, passou a iluminar, através da tela, todo o ambiente do anfiteatro. As poltronas confortáveis, o carinho de entidades amoráveis que sustentavam o despertar dos que haviam sido as vítimas de todos aqueles espíritos ignorantes era de enternecer qualquer coração rochoso que presenciasse aquela cena.

O silêncio, no grande recinto dos ignorantes que despertavam, era de estarrecer e só era quebrado pelo ruído dos soluços abafados de muitos que passaram a chorar de vergonha pelo que tinham feito naquele dia de sacrifícios na arena do circo.

No entanto, quando a figura majestosa e humilde do Cristo foi plasmada na grande tela, reproduzindo os gestos de amorosa solicitude pessoal para com aqueles que haviam chegado, vitoriosos perante a tragédia, não houve entidade que não ficasse abalada em seu interior.

À medida que a imagem se fixava no carinho daquele Ser Superior que afagava um por um dos que tinham sido assassinados, a visão exercia tal poder sobre eles, que a maioria passou a proferir palavras de acusação sobre si mesmo.

Não foram poucos os que se atiraram ao solo, ajoelhando ou mesmo se deixando cair de qualquer maneira, imaginando estarem diante de alguma das grandiosas divindades a que estavam acostumados a cultuar.

E ainda que não houvesse condições para maior explicação, sabiam que nunca tinham visto aquela figura esculpida em algum pedaço de pedra, a qual não teria nobreza suficiente para transmitir-lhe a excelcitude e a beleza.

Muitos gesticulavam como querendo rasgar as próprias roupas, num gesto de desespero, outros se batiam como a se castigarem pelo ato desumano do qual haviam participado.

E nos surtos de abatimento que se sucederam, os trabalhadores amorosos e compreensivos acorriam para atender os mais desesperados, acalmando-os com um pouco de água magnetizada, que lhes transmitia uma sensação de equilíbrio e força.

Não havia, no entanto, entre todos eles, nenhum espírito que não se culpasse por tudo aquilo de que haviam participado e, quanto maior a participação, a instigação, a influenciação no momento decisivo, maior a dor moral que sentiam.

Novamente se avolumava a tragédia íntima dos ex-gladiadores que, observando tudo com olhos de espanto diante de tamanha novidade e beleza, eram os que mais tinham espinhos a extrair da própria consciência.

Enquanto assistiam Jesus perambular de um para o outro dos que haviam tido os corpos destroçados pelas mandíbulas poderosas das feras famintas, muitos falavam entre si, se acusando de desalmados, se dizendo indignos de qualquer ajuda, culpados por crimes cometidos ao longo de tantos anos de desatinos espirituais.

Não vinha à tona apenas a culpa pelos atos praticados naquele dia triste do Circo Máximo. Surgiam-lhes na mente, agora sem as travas das mentiras que os homens usam para justificar seus comportamentos, todo o rol de perversidades que haviam cometido ao longo de muitos anos e, nessa condição, parecia que precisavam contar uns para os outros o conteúdo de suas lembranças nefastas, falando a esmo ao mesmo tempo, numa manifestação de quase loucura coletiva.

Sem as travas convencionais que as pessoas costumam usar para se desculparem por cada ato negativo que cometem, naquele momento em que a verdade os invadia por todos os lados, era imperativo a si mesmos que se confessassem uns aos outros, como efeito da sinceridade de propósitos diante da visão daquele Jesus grande e pequeno ao mesmo tempo.

Essa catarse durou vários minutos sem que os espíritos amorosos que os tutelavam interviessem, já que se fazia necessário nessa terapia coletiva, que expelissem seus defeitos e culpas para que a nova trajetória pudesse ser iniciada em uma seara íntima límpida de todos os resquícios mentirosos e inferiores.

Não era necessário que tivessem perfeição, requisito que só o esforço dos milênios vai escavando no interior de todos os Filhos de Deus.

Era, no entanto, necessário que tivessem autenticidade, sinceridade e consciência de que a nova jornada não poderia ser uma mistura com velhos hábitos infelizes.

Por isso, melhor que se revelassem como eram por dentro, para que não tivessem que sofrer mais pela frente, no caminho que lhes pediria a autenticidade, não para ferir os outros, mas para assumir suas próprias responsabilidades na dor produzida nos corações alheios e que deveria ser reparada.

A emoção coletiva foi elevada ao máximo suportável. Muitos perderam os sentidos e tiveram de ser carregados para ambientes onde ficariam repousando até que recobrassem a consciência.

O carinho de Abigail se mantinha a postos no centro daquele ambiente, como fulgurante estrela perdida a brilhar no lamaçal do erro.

Dessa cirurgia moral sairiam almas renovadas perante si próprias, no amadurecimento que se iniciava para a jornada construtiva do Evangelho em seus corações e para o serviço da Boa Nova nos caminhos do mundo.

Não seriam, obviamente, os que teriam condições para ser considerados missionários do Amor sobre a Terra, já que ainda eram muito frágeis e precisavam de mais experiência.

Todavia, os séculos seguintes estariam por esperá-los, na contribuição para a implantação das novas diretrizes de esperança e, ao mesmo tempo, no teste de seus ideais sinceros, lutando contra as fraquezas íntimas e enfrentando a consequência de seus atos.

Longe dali, em região muito mais elevada, de onde se estava transmitindo aquele encontro entre o Mestre e os seus fiéis servidores, as belezas eram tantas que não se é possível traduzi-las.

O certo é que o Amor Verdadeiro ali estabelecera o seu império, sem prédios suntuosos, sem palácios de mármore, sem exércitos e espadas, sem dinheiro ou títulos honoríficos.

Estêvão, ao lado do Senhor, caminhava com Ele por entre os recém-chegados e, com seu sorriso e seus modos fraternos, infundia o sentimento de dever cumprido no coração surpreso dos que despertavam suavemente, nos braços de seus amigos espirituais.

Depois de ter sido abençoado por Jesus, João de Cléofas, que era amparado por Zacarias, recobrara todas as suas energias e a clareza de raciocínio.

Desse modo, passou a interessar-se pelo destino de seus companheiros de sacrifício e desejou acompanhar Jesus, como se estivesse também desejando abraçar seus fiéis e corajosos amigos.

Compreendendo o seu desejo e autorizado pelo olhar compassivo do Mestre, que já houvera sido seguido no passado por aquele mesmo Cléofas, ele e Zacarias foram acolhidos ao seu lado e passaram a envolver com seu amor os outros que ainda esperavam o toque das mãos generosas daquele Cristo tão amigo e fraterno.

Por isso, não tardou o momento em que se aproximaram de Lívia e que, no seu coração luminoso e abnegado, viu-se envolvida por um halo de luzes que a embalavam com grande enlevo, como se um arco-íris celestial dançasse ao seu redor.

Também ela desejou seguir Jesus, agora que se levantava e abraçava ternamente o espírito de Simeão.

E a cada um dos que eram tocados pelo Mestre, como nos velhos tempos em que, na Terra, os estropiados lhe pediam o milagre, todos tinham ímpetos de se levantar e seguir aquele Sol que os aquecera.

Jesus caminhava adiante de todos eles, tendo Estêvão ao seu lado. No entanto, logo atrás era seguido por aqueles que desejavam também dar as boas-vindas aos irmãos de infortúnio.

Era a expressão mais doce da fraternidade. Os que morreram no corpo juntos, despertavam na alma juntos e felizes.

Todas as coisas iam enchendo a atmosfera de um alto teor de forças, com os cânticos sublimes que acompanhavam cada despertar dos filhos do sacrifício, fiéis no testemunho até o fim.

No entanto, em determinado momento, diante de um dos assentos, Jesus interrompeu suavemente a sua jornada, no que foi acompanhado por todos, que aguardavam.

Voltando-se para os que o seguiam, disse, ternamente:

- Zacarias, meu filho, aproxima-te.

Ouvindo a sua convocação pessoal, destacou-se do grupo dos recém-chegados o velho sapateiro, atendendo ao chamamento do Senhor.

- Sim, Mestre, aqui estou.

Jesus estava parado diante da poltrona de Lucílio Barbatus, o centurião romano que se fizera amigo de Zacarias. Retomando a palavra, Jesus continuou:

- Eis aquele que nos ajudou nas horas mais difíceis e que te estendeu mão amiga no cumprimento do pedido que eu te houvera feito na proteção de nosso irmão Pilatos.

Emocionado, Zacarias respondeu:

- Sim, meu Senhor, este é Lucílio, graças a cuja bondade nosso irmão pôde ser assistido e protegido contra os que o queriam trucidar. Se não fosse por ele, nem a pouca coisa que se pôde fazer em favor de nosso irmão Pôncio se teria conseguido realizar. Tenho uma grande dívida de gratidão para com este irmão.

- Por isso, filho amado - disse Jesus - gostaria que essa nossa gratidão, que considero minha também, fosse externada neste momento e que Lucílio despertasse encontrando teus olhos de amigo devotado.

Zacarias, emocionado, deixava rolar lágrimas cristalinas que se perdiam em sua barba, a mesma que houvera emoldurado o seu rosto ao tempo de sua última encarnação na Terra.

De pé, lado a lado com Jesus, ambos se posicionaram à frente do assento confortável que acolhia o espírito de Lucílio, adormecido como uma criança por força do balsâmico anestésico espiritual empregado no momento da tragédia dilacerante.

Sustentado por uma entidade amiga, que se mantinha a postos junto de Lucílio, o ambiente espiritual que o envolveu nesse instante foi muito intenso.

Jesus, tomando a de Zacarias junto à sua própria, impôs ambas as destras sobre a fronte do ex-centurião. Um jato de luz penetrou-lhe o espírito que, encantado com a sensação inebriante, foi descerrando os olhos devagarinho, como se desejasse não sair daquele estado de enlevo que sentia.

E para sua surpresa, ali, diante dele, o velho amigo sapateiro estava de braços estendidos, aureolado por uma atmosfera nunca vista.

- Zacarias, Zacarias... - exclamava Lucílio, como uma criança feliz. Que saudade eu tinha de você, meu amado paizinho...

Constrangido pela menção eufórica de Lucílio a seu respeito e que, talvez pela capacidade visual ainda não adestrada, não havia identificado Jesus, Zacarias abaixou-se na direção do amigo querido e lhe falou, carinhoso:

- Sim, meu filho querido. Sou eu que estou aqui para te abraçar como nos velhos tempos. Mas presta atenção, porque aquele que nós amamos com todas as nossas forças está aqui para te abençoar, Lucílio.

- Zacarias - disse ele, titubeante - você está falando de Jesus?

- Sim, o nosso Mestre.

- Ora, meu amigo, eu não sou ninguém para merecer a atenção Dele. Pelo tamanho de meus erros já não mereço, sequer, a Sua bondade que tanto me guiou e me ajudou. Que dizer, então..

E enquanto ia terminar a frase, aquele véu luminoso que o ofuscava foi se transformando na figura indescritível de Jesus.

Lucílio não conseguiu terminar de exprimir a sua indigência, eis que o sorriso daquele Mestre o impediu.

- Se... nhor... - balbuciou inebriado. Este miserável soldado ignorante não é digno desta graça.

- Bem-aventurados, Lucílio, os que não viram e creram. A minha gratidão te pertence pelo muito que buscaste fazer por um ser a quem amo profundamente e que tu te desdobrastes em proteger com todas as forças de teu ser, mesmo sem teres sido convocado para fazê-lo, pessoalmente.

- O governador?!...

- Sim, nosso irmão Pilatos, meu filho. As tuas boas sementes voltam ao teu celeiro nesta hora, na certeza de que os teus mais pequeninos gestos de cuidado foram anotados nos livros da Bondade Celeste para se levantarem como favos de mel para tua alma.

Lucílio não sabia o que dizer. Por isso, limitou-se a chorar e a pedir, humildemente:

- Senhor, eu nunca pude te encontrar, a não ser pela palavra luminosa de Zacarias... Agora que isto está acontecendo pela primeira vez, gostaria de pedir-te uma coisa... se não for ousadia minha...

- Fala sem temor, filho querido...

E sem jeito diante daquela situação, o ex-soldado romano se encorajou e disse:

- Senhor, deixa-me beijar a tua mão...

Comovido com o pedido humilde e compreendendo a emoção daquele espírito, Jesus abaixou-se em sua direção, ficando na mesma altura, já que Lucílio, ao fazer o pedido, tinha se ajoelhado diante do Mestre.

Segurando-lhe as duas mãos que estavam unidas, reverentes, Jesus não impediu que o centurião as beijasse e molhasse com suas lágrimas. Depois, ergueu-o e lhe disse:

- Filho, o trabalho do Amor ainda está por fazer. Zacarias está lutando para concretizá-lo, mas precisa de ajuda também.

- Senhor, eu não me pertenço mais. Pertenço a ti. Faze de mim o que desejares fazer. Eu apenas obedeço. Um dia, por imposição da vida, fui um soldado de Roma. Hoje, por escolha de minha alma, sou um soldado de Jesus.

Olhando, carinhoso, Jesus afagou-lhe os cabelos e o entregou a Zacarias, a João de Cléofas, a Lívia, a Simeão e a todos os outros que iam compondo a corte dos seus novos seguidores, naquele ambiente de ventura espiritual.

O Amor ainda tinha uma vasta seara para ser trabalhada sobre a Terra.

Ali estavam despertando as novas ferramentas de Deus para o serviço rude de amarem sem esperar serem amados.

Eram as fecundas sementes que iriam ser atiradas novamente ao solo para multiplicarem-se na tarefa de espalhar Amor para todas as direções.

12

PALAVRAS DE ZACARIAS

Ao término daquele momento memorável para todos, tanto os que estavam reunidos à distância quanto aqueles que foram recebidos por Jesus, pessoalmente, foram encaminhados aos ambientes espirituais adequados à plena e mais direta recuperação, adaptando-se às novas realidades espirituais segundo o grau de afinidade que possuíam, ao lado de entidades amigas que os estavam ajudando.

Dessa maneira, o grupo de espíritos ligados entre si pelos dramas da última encarnação estava reunido, sob a proteção de Zacarias que, no seu modo generoso e fraterno, humilde e doce, assumira a natural posição de pai daquele conjunto de entidades em processo de semeadura.

Trasladados, com o final do encontro, para um outro local propício aos primeiros entendimentos daquela hora e no qual se podia conversar com a desenvoltura dos velhos tempos, se reuniram Lívia, Simeão, Lucílio, João de Cléofas sob as vistas amorosas de Zacarias.

O ambiente aprazível era envolvente e inspirador, diante da beleza da natureza exuberante que rodeava aquele local, de uma constituição absolutamente desconhecida e impossível de ser descrita na linguagem humana, que não guarda terminologia adequada para tanto.

Saturado de forças revigorantes, era como um ninho que recebia os recém-chegados para que pudessem aproveitar o descanso depois da batalha.

A alegria no íntimo de cada um era transbordante. Todos, sem exceção, se sentiam imerecedores da acolhida de que tinham sido objeto, mas a ventura íntima lhes dizia do grande Amor que o Mestre lhes devotava e que, por isso, a este sentimento seus corações se deixavam escravizar suavemente.

Valendo-se da hora favorável, Zacarias dirigiu-se a eles, dizendo:

- Como é bom podermos nos reencontrar nesta hora tão importante para os nossos destinos. É certo que não tivemos, todos, a ventura de nos encontrarmos pelos caminhos do mundo, em nossa última encarnação. Todavia, todos os que estamos aqui nos unimos por causa do Cristo. Se não pude me acercar de Lívia nem de Simeão, Cléofas levou até eles a minha presença. Se vocês não conheceram Lucílio, a tragédia do Circo os irmanou naquele dia de testemunhos valorosos. O que é certo é que todos estamos unidos sob a bandeira augusta da esperança e, se o que recebemos neste ambiente espiritual excede em muito o nosso mérito pessoal, isso só nos infunde a convicção de que tais bênçãos não nos pertencem como privilégio. Representam, antes, o sagrado depósito do Pai sobre nossos espíritos, a fim de que nos tornássemos mais fecundos na função pobre de sermos sementes úteis.

E porque fossem ditas com extremado carinho, as palavras de Zacarias produziam uma salutar atmosfera em suas almas que, silenciosos, não ousavam interromper a explanação do ex-sapateiro.

- A trajetória iniciada por Jesus necessita de mãos dispostas a dar-lhe ampliação, já que a seara é muito vasta e há muito solo a ser arado e preparado para a semeadura. Nenhum dos elementos que já aceitou o convite amoroso do cordeiro pode ser dispensado da quota que lhe compete, no esforço pessoal, na luta árdua que prepara o terreno a fim de que se amplie o campo fértil.

Não estamos felizes apenas porque vocês voltaram. Estamos exultantes porque nos reagrupamos de maneira a podermos buscar novos horizontes que propiciem ao serviço do Bem ampliar-se no mundo.

Batizados no fogo da tragédia, saíram das chamas do incêndio sem se intimidarem com o seu calor e com as queimaduras que ele poderia produzir. Esta coragem é o material principal daquele que aceita o serviço do Amor.

O egoísta faz planos para agir e retirar as vantagens para si mesmo de cada gesto.

O fraco procura reunir elementos e armas que lhe facilitem a defesa, agredindo se necessário for.

O orgulhoso perguntará sobre as glórias e poderes que serão lançadas sobre seu nome e sua tradição.

O vaidoso indagará dos louros que ornamentarão sua cabeça, como recompensa.

O preguiçoso pedirá repouso prévio para reunir maiores forças a fim de que, um dia, possa iniciar a obra.

O falso devoto esperará que algum outro comece para seguir-lhe os passos e dizer-se trabalhador da primeira hora, desejando os benefícios de um pioneirismo que não teve.

Todos estes podem realizar alguma coisa, mas são trabalhadores imperfeitos, ainda que estejam sempre proferindo o nome do Mestre com aparência de unção e respeito. Seu devotamento é apenas fantasia bem costurada que oculta o corpo deformado onde se escondem defeitos.

No entanto, aquele que entendeu o que Jesus pretende para o mundo, com sinceridade e clareza, é um trabalhador de outra tempera.

Não ingressa na jornada pensando em si e, por isso, sabe renunciar às suas aspirações e aos seus sonhos pessoais. Não pede vantagens nem favores maiores do que aquele que já sabe possuir, pois para ele, nada é mais valioso do que o muito Amor que Jesus lhe devota, em nome de Deus.

Não se preocupa em defender-se com armas de pouca eficácia. Leva a prece como escudo e o Amor como a espada que rompe todos os pesados grilhões nas almas despreparadas para a mansuetude. Tem em Deus o soberano protetor e a Ele se submete sem temor de ser injustiçado.

Sentirá ventura em ser esquecido, em não ser lembrado com respeito, já que não procura as glórias humanas nem deseja ser enaltecido pela ignorância, o que representaria sempre uma ligação espúria com o mal. Todos os que se regozijam com os aplausos da ignorância dão provas dos elos que carregam com a retaguarda. Por isso, esse que entendeu os ideais de Jesus com verdadeira lucidez, não se deixa deter pelas cerimônias e homenagens, no gozo constante de uma vaidade balofa e oca. Se os recebe, atribui-os ao verdadeiro dono, àquele generoso patrão que o paga e o sustenta e, feito isso, segue adiante no cumprimento das obrigações espirituais que lhe competem. Quando cansado, só se permite repousar depois que não houver mais nada a fazer, impondo-se o regime de esforço redobrado, diante do exemplo recebido daquele que o assalaria, a quem não é dado um minuto sequer de repouso, ante a Obra que o Pai lhe atribuiu. Assim, se o Amo trabalha sem descanso, como pode o servo pedir o repouso, enquanto o patrão segue trabalhando? Enfim, o verdadeiro servo da bondade, ainda que não seja bom como deseje ser, não fica esperando que os outros deem o primeiro passo. Age com humildade e se oferece para a obra, sem desejar enaltecimento, sem pleitear os lugares de realce, sem se deixar levar pelos brilhos sedutores e falsos das lisonjas humanas, sempre armadilhas edificadas para tirar o trabalhador do caminho certo.

E dentro deste perfil, todos vocês possuem as qualidades necessárias para que mais sementes possam ser espalhadas, em nome do muito Amor que Jesus nos dedica.

A palavra de Zacarias emocionava os espíritos de seus companheiros que, embevecidos, pareciam se sentir transportados para um mundo de sonhos do qual acordariam a qualquer momento.

Vendo que estavam de tal maneira envolvidos pela emoção, e desejando que eles também pudessem participar ativamente de tal colóquio fraterno, Zacarias calou-se e, sorrindo, deu a entender que gostaria que eles também falassem o que sentiam.

Simeão, na sua experiência e no seu modo humilde, entendendo a intenção de Zacarias, tomou a palavra e deu início à conversa:

- De minha parte, querido irmão, reconheço-me despido de virtudes e forças para pleitear semelhante condição de semeador. Meu espírito, no entanto, muito se alegrará se o Divino Amigo, por sua alma generosa e simples, me aceitar para que possa trabalhar em alguma coisa.

Estimulados pela palavra de Simeão, os demais foram se soltando também.

João de Cléofas, emocionado por poder dirigir-se, agora, diretamente, deu vazão ao seu sentimento, dizendo:

- Minha dívida para com Zacarias já é impagável pelo muito amor que dele recebi, pelo perdão que pude aprender de sua alma amiga. Que dizer, então, da dívida para com o Mestre a quem, todos nós, aprendemos a Amar e a buscar como a mariposa se deixa embevecer pela chama luminosa.

Antes de Zacarias e de Jesus, era um espírito egoísta, mesquinho, mundano. Graças a eles, já sou alguém que tentou retificar sua trajetória de erros clamorosos, através da obra no Bem que aprendi com ambos. Também não me vejo com direitos ou ambições. Apenas necessito do vasto campo de trabalho, no qual pretendo continuar lutando para expurgar minhas imperfeições à sombra dos exemplos de Cristo e de todos vocês.

Zacarias sorriu-lhe humilde e fraternalmente, dando a entender que aquelas palavras não deveriam mais ser dirigidas a ele, pois não tinha, em seu coração, qualquer lembrança negativa dos erros de Cléofas.

Lívia, emotiva, tratou de manifestar-se, igualmente:

- Minha alma débil não pode imaginar que utilidade possa ser vista nas pequenas forças que possuo. No entanto, aprendi com o carinho de Simeão, com os exemplos de Jesus a nunca desanimar e a buscar sempre construir o Bem sobre os escombros da dor e da desilusão. Minha união matrimonial me ensinou a ser assim e a tudo suportar pelo desejo de compreender os que não entendem, de ajudar os que fazem a injustiça, de alimentar os que produzem a fome nos outros corações. E se falo assim não o faço como a esposa que guarda mágoa daquele a quem me entreguei com todas as forças de meu espírito. Falo como aquela que muito aprendeu nas lições que tive de enfrentar, mas que reconhece que, aquele que foi o agente de tais dores, sofrerá ainda mais quando perceber o tamanho de seu equívoco, apesar de meu carinho e meu Amor incondicional. Ante a perspectiva de ser julgada por Deus e a de ser julgada por mim mesma, aceito o veredicto do Pai que sabe ser muito mais generoso do que nós próprios quando lançamos as sentenças sobre nossos equívocos, depois de termos nos arrependido das falhas cometidas.

Entendendo que lhe seria permitido falar, também, Lucílio esperou que Lívia terminasse e se pronunciou, assim:

- Meus irmãos, se a todos vocês, que tiveram o privilégio de conhecer o Mestre querido, impõe-se a noção de inutilidade diante da grandeza de seu Amor, que dizer a mim, que não passo de um reles soldado, sem capacidade ou requisitos morais que me permitissem, ainda que por um momento fugaz, imaginar ser possível esta cena que presencio? Dentre todos vós, sigo eu acreditando que Deus errou ao me ter conduzido para cá e que, se aqui estou, é apenas pela misericórdia que se deve ter para com um leproso da alma. No entanto, ainda que eu tenha sido um equívoco das potências superiores que nos colocaram juntos aqui, procurarei aproveitar dessa companhia luminosa e aprender até que o funcionário de Deus, encarregado de corrigir este erro me venha buscar e indicar o lugar onde devo permanecer. Enquanto isso não ocorre, procurarei estar a serviço, como todo soldado, seja de Jesus, seja de todos vocês.

Depois que todos já tinham se manifestado, Zacarias ia preparar-se para continuara sua explicação, quando Lívia pediu para perguntar, no que foi atendida.

- Desculpe-me a ousadia, querido irmão, mas diante de nossa ventura e das nossas condições atuais, não posso deixar de me lembrar de outros irmãos que, na trajetória comum na última encarnação, tiveram seu destino marcado por decepções e dores espalhadas por onde passaram. Naturalmente, não pretendo estabelecer qualquer comentário negativo sobre falhas que, também existem em mim e estão gravadas na alma. Apenas gostaria de pedir que você, querido Zacarias, nos falasse do que aconteceu àqueles com quem convivemos e que, na insensatez de sua imaturidade, regressaram ao mundo espiritual antes de nós, como foi o caso do governador Pilatos e de nossa irmã Fúlvia.

Vendo-lhe o interesse, Lucílio se deixou levar também pela indagação e, fazendo suas as palavras de Lívia, já que ele estivera com o governador até os últimos dias que antecederam o seu suicídio na prisão em Viena, aproveitando-se do momento para pedir informações sobre Sávio, aquele soldado romano que fora, indiretamente, o envenenador do próprio Zacarias na última encarnação.

Simeão, igualmente tocado pelo momento, desejou que Zacarias falasse sobre aquele que o havia vitimado naquele entardecer cruel na Samaria de outrora, como verdugo romano que pretendia intimidá-lo, o lictor Sulpício.

Deste modo, todos os sentimentos generosos estavam, agora, voltados a buscar informações sobre os que houveram se perdido nos caminhos escusos do mundo, nos atos de crueldade, de agressão, de vício e fraqueza moral.

Demonstrando a preocupação fraterna e sincera, Zacarias esperou que todos se manifestassem e, de maneira pausada e serena, deu-lhes a entender que lhes iria contar todo o acontecido. Afinal, segundo ele próprio lhes diria, aquela reunião que estavam realizando tinha a ver, exatamente, com os processos de amparo que Jesus desejava fosse levado a todos eles, como forma de que viessem a sentir a renovação íntima brotar em suas almas.

E as realidades cruéis que tinham atingido a todos os gozadores do mundo ensinariam aos novos integrantes da família espiritual a serviço de Jesus que ali estava reunida, a entender a grande responsabilidade que é viver na Terra, como o vasto campo da sementeira, que pode ser de livre escolha, mas da qual derivará a colheita que será obrigatória e na exata correspondência à qualidade da semente.

Conhecer-lhes o destino seria uma lição que colocaria em teste toda a capacidade de agir no Bem, no exercício da verdadeira compaixão que Jesus esperava que todos tivessem para com aqueles que haviam se pervertido, afastando-se do caminho reto da virtude espontânea e sincera.

Na palavra emocionada de Zacarias, todos entenderiam o que Jesus havia querido ensinar quando asseverara:

"A cada um, segundo as suas obras. Todo aquele que com ferro fere, com ferro será ferido. Com a mesma medida que medirdes, serás também medido."

E, encerrando aquela conversação amistosa, Zacarias sorriu, tristemente, e disse:

- Mais do que contar sobre eles, eu os levarei até onde estão.

13

O ABISMO

A escuridão se estendia por toda aquela vasta área, onde o medo e a astúcia tinham feito a sua moradia e escravizado aqueles espíritos que se houveram deixado levar pelo erro, pelo mal, pela ausência de sentimentos elevados.

A fim de que o leitor possa melhor avaliar a posição de inferioridade a que se aferram os espíritos que habitam estas regiões umbralinas, é preciso entender que o ser humano é o somatório de seus atos, pensamentos e sentimentos.

Na estrutura de suas vibrações pessoais, está definido o padrão de sua personalidade, como a impressão digital magnética inconfundível, que atesta o nível de elevação, de compromisso como o espelho fiel do seu caráter geral.

Dessa maneira, uma vez perdido o envoltório carnal, os espíritos, que até a morte física estavam levando a sua a vida de acordo com seus hábitos, seus costumes e com aquilo que se costuma chamar de "imposição do meio social", despertam no lado espiritual ostentando em si próprios o padrão luminoso ou escuro de todos os seus comportamentos, sem poder evitar que, no caso da ausência de luz pessoal, isso tenha sido produzido pela sua adesão ao tipo comum da conduta da maioria das pessoas.

Ser normal como a maioria das pessoas, fazer o que todo mundo faz, andar pelos mesmos caminhos e se desculpar, nos erros cometidos, alegando que nada mais fez do que seguir o grande rebanho dos inconsequentes, não servirá a ninguém como escusa ou argumento capaz de melhorar a sua posição vibratória.

Na realidade do mundo espiritual, a questão da essência é fundamental. Seremos, efetivamente, aquilo que fizemos de nós próprios, ainda que o tenhamos feito tão somente para agradar aos outros ou para não destoarmos da maioria. Esteja certo, leitor querido, que a maioria das pessoas também estará mal como aquele indivíduo que a imitou e se manteve sem melhoras significativas.

Deste modo, surpreendidos no plano do espírito, a maioria dos indivíduos se sente fustigada por essa aparente contradição, alegando de maneira infantil que conduziu sua existência por um caminho que lhe parecia justo e correto. Muitos costumam dizer: Eu não fiz mal a ninguém; nunca prejudiquei o meu semelhante; nunca tirei o que não me pertencia. Então, como é que vim parar aqui? Onde está o Paraíso?

E, quando lhes é perguntado acerca do Bem que espalharam, se perdoaram os que os prejudicaram ou se dividiram o que lhes pertencia com os que nada possuíam, as respostas desaparecem e o desejo de encontrar o Paraíso murcha diante da realidade da omissão, do egoísmo, da indiferença para com os que eram seus semelhantes.

Por isso, quando o espírito recém-chegado da Terra se conscientiza de que não será capaz de esconder coisa nenhuma de suas intenções mais vis, de seus pensamentos mais ocultos e de seus atos mais inferiores - coisa que todos estão acostumados a fazer num mundo físico que admite todo o tipo de máscaras e disfarces, - se vê desnudado na sua maneira verdadeira de ser e, por mais que suas palavras digam o contrário - já que continuará tentando fantasiar a verdade com o tênue véu da fantasia - seu perispírito, como espelho de sua alma, denunciará a sua realidade à vista de todas as pessoas.

Será como o bêbado falando que não bebeu, mas sendo denunciado pelo próprio hálito.

Isso é o que espera pela maioria dos indiferentes, dos que se consideram razoáveis indivíduos, que muitas vezes se têm até mesmo na conta dos que são os eleitos de Deus.

Quando, no entanto, sobre a consciência do espírito pesam atos nocivos, erros clamorosos, deliberadamente cometidos sob a condescendência de um caráter ao mesmo tempo cruel e fraco, os efeitos de tais ações se cristalizam na estrutura sutil de seu envoltório energético e o deformam, desestruturando a sua harmonia pelo exercício de sentimentos contrários à lei de Amor que rege o Universo.

Estando de volta ao Mundo da Verdade, o espírito não tem como se livrar de suas marcas as quais, por si sós, são capazes de lhe fazer muito amargo o sofrimento na colheita dos frutos podres da sua semeadura negativa.

Além disso, estarão ao seu encalço muitas entidades que foram suas vítimas e que, no seu atraso espiritual ainda não foram capazes de perdoar e deixar a Justiça entregue aos gabinetes Divinos.

Milhões de criaturas que estiveram na aparente condição de vítimas se levantam todos os dias clamando contra seus algozes e desejando retribuir o sofrimento com mais sofrimento. Então, como também estas criaturas são o fruto doloroso do algoz, correspondem ao patrimônio acumulado de seus erros e atos de agressão, o que as coloca no mesmo padrão vibratório e, em consequência, o agente do mal tem de receber, também, o espólio de seu investimento, multiplicado pelos juros da revolta e do ódio acumulados por muito tempo no coração dos que feriu.

A perseguição das vítimas é outro item desse cenário de dificuldades que é enfrentado pelo espírito que chega no porto da Verdade sem carregar maiores recursos que não a bagagem de lágrimas e decepções, sangue e tristezas que espalhou na Terra em troca de alguns momentos de gozo e prazer, poder e luxo, ostentação e grandeza.

No lado espiritual da vida, a presença de entidades inteligentes mas cruéis possibilita que os espíritos sem méritos e que se tenham permitido vibrar nas mesmas condições inferiores, sejam igualmente fustigados, perseguidos e escravizados por seus antigos sócios de delitos, pelos que se haviam acumpliciado com eles enquanto estavam servindo aos interesses mesquinhos ainda no corpo físico.

Dessa maneira, também as entidades umbralinas que foram os antigos comparsas e, porventura, estejam há mais tempo na vasta região das sombras que circunda a crosta terrestre, se associam nas dores de seu associado de desatinos para manter-se no domínio de sua personalidade vulnerável e fraca, prolongando o poder que exerciam sobre ele.

Como se vê, leitor querido, o Mundo da Verdade revelará aos incautos seguidores da grande maioria dos que dormem e que estão acomodados, o cortejo de lágrimas e sofrimentos que os espera, sem que consigam alegar qualquer das tolices e das honrarias humanas como fator de atenuação.

Só o sentimento de nobreza, o Bem que se pratica sem desejo de realce, o Amor que se espalha por sinceridade e devotamento, a renúncia e o sacrifício dos próprios interesses, os atos que levaram esperanças aos aflitos, a fome, o frio, o cansaço que se enfrentaram para que outros comessem, se alimentassem ou descansassem corresponderão aos fatores atenuantes de nossos erros a se levantarem como os nossos defensores no tribunal da Verdade incorruptível do mundo espiritual.

Por isso, o destino de nossos personagens foi tão díspar.

Não se tratou de nenhum privilégio de Deus a garantir a recepção luminosa para alguns e esquecer outros nas profundezas da dor. Cada qual se elevou no caminho que quis ou se projetou no abismo que escolheu.

Por isso, na região tenebrosa da ignorância, muito diferente da noção infantil do inferno tradicional, se congregavam os espíritos de Pilatos, Fúlvia e Sulpício, como os pobres herdeiros de seus caprichos antigos, a sofrerem as consequências de suas condutas nas deformidades do próprio corpo espiritual, as perseguições da chusma enlouquecida pelo ódio que nutriam contra eles e, ao mesmo tempo, a companhia recíproca de si mesmos, sendo que Pilatos se sentia horrorizado ao contato com a figura monstruosa de Fúlvia, Fúlvia tinha esgares de medo e desespero ao contato do antigo amante a quem explorara em suas fraquezas e depois mandara matar e ambos se sentiam dominados pela crueldade de Sulpício, aquele espírito ignorante, que há mais tempo já tinha voltado para o mundo espiritual e que houvera sido o sócio de atrocidades e aventuras tanto de um quanto de outro.

Em Pilatos, no entanto, a mensagem do Cristo que Zacarias lhe havia revelado havia feito com que seu espírito se visse menos envolvido pelas nocivas vibrações de ódio e, carregando no pensamento a culpa pela morte de Jesus, sofria calado, sem revolta e, no fundo, guardava a lembrança daquele amigo e protetor que lhe ofereceu a palavra de consolo e que, já havia muitos anos, não conseguia divisar novamente.

O sentimento de arrependimento lhe era favorável, ainda que o suicídio lhe pesasse negativamente, impondo as naturais consequências para a disciplina de seu espírito fragilizado diante das adversidades da vida.

Sulpício era o mais denodado cultor do antigo estilo de ser, aprendido e desenvolvido ao lado do ex-governador da Galiléia, por quem nutria um certo carinho, mas que, no seu modo de entender, era encarado como uma ligação de comando e admiração que ele queria preservar, não perdendo o controle da situação. Por esse motivo, mantinha o governador como que encarcerado sob os seus domínios, não lhe permitindo liberdade e determinando-lhe a rotina de todos os momentos. O assassino de Simeão continuava a ser o terrível perseguidor, liderando a vasta rede de soldados que se mantinham unidos pelo medo de seu líder, acreditando que estavam a serviço de um exército fictício, que continuava nos abismos da morte a existir como na antiga Roma que haviam deixado.

Sobre Fúlvia, o que se pode dizer é que seu espírito estava em péssimas condições. Sua atmosfera vibratória era o reflexo do mais absoluto desequilíbrio, comparando-se a estas loucas alucinadas dos piores hospícios que se conheçam na Terra.

Seu pensamento, acostumado às tortuosas trilhas por meio das quais tecia as intrigas, fazia os conchavos, se insinuava e corrompia, mandava matar e matava quando lhe era interessante, tinha muita dificuldade em aceitar a sua culpa no sofrimento de que se via vítima.

Sem noções espirituais elevadas e sem jamais ter-se submetido ao entendimento religioso de maneira sincera e devotada, ainda que fosse ilusório o mundo de seus deuses de mármore, não possuía nenhum requisito que pudesse atenuar-lhe a culpa por todos os atos praticados. A intriga para destruir a união de Lívia com Públio, o assassinato de Sávio, a morte de Zacarias, a traição à sua irmã Cláudia, a degeneração de sua filha Aurélia, a conspiração para matar seu antigo amante, Pilatos, talvez o único homem por quem ela, realmente, houvesse tido um sentimento de afeição menos mentiroso, ainda que o visse apenas como um bibelô a serviço de seus caprichos, as tramoias engendradas contra muitos nas quais se servira de Sulpício e de sua cooperação, pagas com os favores carnais de seu corpo exuberante. Ah! Que cortejo de misérias e dores poderia ser mais pesado do que tudo isso?

Daí, a condição de todos espelhar, efetivamente, a verdade cruel que eles mesmos produziram, como a necessária experiência dolorosa para servir-lhes de vacina contra os males futuros que teriam de suportar.

Compreendidas as coisas, no sentido da perfeição da Lei, importa que o leitor não se esqueça de que, nas palavras de Jesus, Deus quer misericórdia, não o sacrifício.

E, por isso, o Universo se estrutura sobre as leis magnânimas da solidariedade, da fraternidade, da renúncia dos melhores em favor dos piores.

E onde está a tragédia mais cruel, ali haverá de estar a fonte luminosa que o Céu envia para a iluminação e o reerguimento dos caídos.

Enquanto os homens, com seus atos insensatos constróem para si mesmos presídios morais onde se encarceram nas culpas de seus crimes, nos sofrimentos que compartilham como pena para seus delitos, nas perseguições que se estabelecem uns para com os outros como carcereiros do próprio mal, Deus edifica a escola da vida, na qual os piores são aceitos para que voltem a aprender com os que já se tornaram mais firmes nas escolhas e decisões diante dos problemas.

É com Esperanças e não com suplícios que se edifica o Reino de Deus.

Por isso, depois daquele encontro entre os nossos personagens, na luminosa atmosfera espiritual onde haviam sido acolhidos, como que uma ponte de luz se fez do alto para o abismo e, na forma de estrelas radiantes, o cortejo pequeno daquelas quatro almas desceu à escuridão, em cumprimento da Lei de Amor, que jamais esquece a ninguém, principalmente os mais empedernidos.

No abismo, protegidos por suas estruturas fluídicas e por seus sentimentos elevados, como escudos fixados no coração, se fizeram presentes Zacarias, Simeão, Lívia, João de Cléofas e Lucílio, a fim de darem continuidade ao trabalho de escultura do Bem, ainda que na rude pedra da ignorância e do crime.

A cena era dantesca aos olhares purificados daquelas almas preparadas para o caminho luminoso. No entanto, nenhuma delas, ainda que em diferentes condições de lucidez e compreensão, se deixara levar por outro sentimento que não fosse o de compaixão por todos os que ali se encontravam.

Naturalmente, a chegada do pequeno grupo ao local escuro foi precedida de todo o tipo de explicações e preparo a fim de que o evento não fosse comprometido com comportamentos inadequados para aquele momento.

Do mesmo modo, as três principais criaturas a quem se buscava não seriam capazes de vislumbrar de imediato os visitantes em face de seus padrões vibratórios muito diferentes.

Falando ao grupo em tom muito baixo, quase que num sussurro, Zacarias explicou:

- Solicitei que Sávio nos encontrasse aqui, já que, por suas características vibratórias, poderá agir como nosso intérprete diante de nossos amigos, ainda despreparados para sentirem nossa presença. Além do mais, Sávio está estreitamente ligado a toda esta história e, na sua última encarnação, pobrezinho, foi uma das vítimas da sedução produzida por nossa irmã Fúlvia, que pretendeu usá-lo para envenenar Pilatos no exílio, pagando pelo serviço homicida com a moeda do prazer para, logo depois, assassinar o jovem soldado que lhe devotava verdadeira paixão, com o cálice envenenado que o expulsou do corpo. Como vocês sabem, não foi Pilatos que acabou vítima do veneno que Fúlvia havia entregado a Sávio. Desse modo, pedi ao Senhor me permitisse receber o pobre rapaz assim que readquirisse a consciência depois que o corpo terminasse seus últimos estertores. E, desde então, tenho procurado erguer o jovem que, no começo, foi vítima de cruel sentimento de ódio contra Fúlvia que o usara com sua astúcia. Com o tempo, foi compreendendo as condições a que se deixou levar, percebendo que agira de maneira leviana e, por isso, encontrou espaço em seu bom coração para perdoar e aceitar ficar por perto de todos eles, nesta região inferior que lhe é compatível com as próprias vibrações sem, contudo, ser daquele que compartilha do desejo do mal. Está por aqui, na condição de um enviado da Bondade a serviço do Bem. Como ex-soldado romano, não destoa de boa parte daqueles que, por aqui, se mantêm postados como se estivessem fazendo parte do antigo corpo militar romano. Fica por aqui sem levantar suspeitas, exatamente para poder apresentar notícias sobre a condição dos nossos amigos e, quando necessário, tenta ajudar como pode um ou outro infeliz que esteja cansado de ficar nesta dimensão tão densa e desgastante.

Próximo daqui, possui uma pequena choupana, levantada com os materiais precários e abundantes desta região vibratória mais densa e, lá dentro, mantém um pequeno arsenal de substâncias com as quais pode ajudar a amparar os aflitos, os feridos que andam por aí, andrajosos e sangrando, purulentos e sujos. Alguns pequenos leitos macios podem propiciar momento de descanso para um ou outro que aceite a sua hospitalidade e, revestido por um tecido feito de energia desconhecida neste ambiente, o hóspede adormece serenamente e, durante o sono, recebe a carga de forças que lhe infunde uma nova dinâmica, fazendo como que uma terapia e livrando a entidade das mais grosseiras camadas que lhe cobrem os sentimentos. Em geral, nessas horas de repouso, o efeito magnético permite que o infeliz irmãozinho se veja levado novamente às encarnações anteriores onde encontrou criaturas generosas que o acolheram, relembrando-se de mãezinhas carinhosas, de filhos amorosos, de situações de felicidade que ele julgava, há muito, esquecidas.

Seria como um colchão da felicidade, fazendo-o relembrar em forma de sonho, dos arquivos positivos que estão fixados na sua memória de espírito. Pelo poder magnético superior de que é revestido o leito, somente as lembranças de padrão positivo são conectadas e trazidas à consciência do espírito a fim de que, quando acorda do sono maravilhoso, tenha desligado o pensamento do ódio, da mágoa e da dor, para dar espaço às lembranças boas que estão arquivadas em seu espírito e que tocam o seu coração. Raros são aqueles que, depois de dormirem esse sono despertam da mesma maneira que estavam ao chegar. Muitos pedem para ficar ali para sempre, pois já havia muito tempo que não conseguiam descansar e sonhar como o fizeram naquelas horas de sono. Quando isso acontece, Sávio se comunica com os planos que lhe são superiores e estão encarregados de lhe dar suporte para esta tarefa e, se o espírito que se hospedou aceitar a ajuda, ele acaba levado aos hospitais espirituais que o acolherão em ambiente ainda mais propício e benéfico.

Deste modo, Sávio tem-se constituído, ao longo destas décadas, em um importante auxiliar nestas paragens, da mesma maneira que tem sido um fiel observador das atividades de Sulpício, Pilatos e Fúlvia.

E mal houvera terminado de referir-se a ele, eis que passos são ouvidos naquele ambiente soturno e denso, onde muitas entidades eram obrigadas a se arrastarem pelo solo, como que envergando carapaça muito pesada.

Era Sávio que chegava, humildemente.

Trazia a roupa de soldado romano como naquele período de sua última encarnação. No entanto, tomara o cuidado de mantê-la sem o brilho e rutilância das antigas insígnias, dando a impressão de ser soldado que se igualava ao padrão de todos os outros, sempre mal vestidos, meio esfarrapados, com os peitorais corroídos, o capacete amassado, os penachos superiores desgrenhados e desbotados.

Vendo o grupo composto pelas entidades amigas de Zacarias, Sávio demonstrou certa timidez, mas ainda assim, dirigiu-se ao seu mentor, amorosamente:

- Que bom vê-lo, paizinho. Estava saudoso de sua palavra neste ambiente sempre tão solitário.

- Que Jesus te abençoe, meu filho querido. Eu também sentia falta de teu sorriso, respondeu Zacarias, afagando-lhe carinhosamente o rosto cansado, mas confiante e firme.

E dirigindo-se aos outros, apresentou-os a Sávio que, imediatamente, reconheceu Lucílio entre eles e, sem saber o que fazer, baixou a cabeça, envergonhado.

Afinal, Sávio havia sido um dos soldados que Lucílio havia escolhido para ser a escolta de Pilatos até o seu exílio em Viena, por acreditar que o jovem era digno de sua confiança. No entanto, aproveitando-se dessa confiança que Lucílio depositava nele, Sávio se valeu de um momento de descuido para levar o veneno até Pilatos, cumprindo o que havia prometido à amante Fúlvia, que havia ficado em Roma, esperando a notícia da morte do cunhado.

Sávio, no entanto, viu seu intento de envenenar Pilatos frustrado pela ação generosa de Zacarias que, desconfiando da intenção de assassinar o governador, chegara ao cárcere no exato momento em que Sávio lhe entregava a cuia de água com o veneno dissolvido. Zacarias, alegando sede, pede para beber e, sem desconfiar de nada, Pilatos lhe entrega o recipiente que ele ingere totalmente, para desespero de Sávio, que nada diz para não se denunciar.

Sabendo que Zacarias morrerá em poucos dias e, aproveitando-se da dispensa que Lucílio lhe havia conseguido junto ao comandante do acampamento militar, no amanhecer do dia seguinte Sávio abandona o acampamento e segue para Roma, antes que Zacarias seja encontrado morto e acabem pesando sobre ele todas as suspeitas.

Afastando-se para Roma, pensava que estaria acobertado o seu crime para sempre e que jamais iria ter que se defrontar com os personagens que acabaram sabendo que ele fora o responsável pelo envenenamento de Zacarias.

Lucílio, experiente militar que acompanhara todos os lances do acontecido, naturalmente concluiu que Sávio era a peça chave naquele processo de matar Pilatos que acabou por assassinar Zacarias e, por isso, naquela hora, Sávio não tivera como esconder a própria vergonha diante do amigo a quem fora desleal havia tanto tempo.

Lucílio percebeu o estado de constrangimento do antigo soldado e, sob o olhar atento e bondoso de Zacarias, entendeu que havia chegado o momento de libertar o antigo soldado de uma de suas vergonhas.

Sem titubear, Lucílio se aproximou de Sávio e lhe estendeu a mão, num gesto de fraternidade verdadeira.

- Querido Sávio, como é bom poder reencontrá-lo aqui, no trabalho do bem - disse Lucílio.

E pensando que aquela saudação espontânea era fruto da ignorância de Lucílio sobre a sua culpa, Sávio levantou a cabeça em direção ao antigo centurião, seu chefe, e, evitando segurar-lhe a mão estendida, com humildade, respondeu:

- Meu senhor, antes que possa aceitar-lhe a generosa saudação, gostaria de confessar a minha indignidade perante a confiança que depositou em mim. Eu tentei envenenar Pilatos na sua ausência e acabei matando o paizinho Zacarias, fugindo apressado logo depois. Não sou digno de sua confiança e, por isso, assim me confesso antes que venha a manchar as suas mãos amigas com a culpa de meus atos infiéis.

Emocionado com a sinceridade daquele jovem, Lucílio se permitiu dizer, carinhoso:

- Pois agora, Sávio, não pretendo apenas que aceite o meu aperto de mãos. Quero que me receba como irmão que o abraça, agradecido pela sua honestidade e que segue confiando em seu coração generoso.

Dizendo isso, aproximou-se de Sávio e o enlaçou num abraço muito típico dos antigos soldados romanos, mantendo-o seguro de encontro ao coração, até que Sávio começou a chorar baixinho.

- Obrigado, Senhor. Sua generosidade é muito maior do que mereço, mas ainda assim, agradeço a compreensão e o seu gesto me alivia a alma para que, apesar dos meus defeitos, eu possa sonhar ser melhor um dia.

- E isso já está acontecendo, meu amigo. E vamos deixar para lá esse tratamento de senhor. Sou seu irmão Lucílio e você é meu irmão Sávio, está bem?

Meio desconcertado, Sávio sorriu e aquiesceu:

- Está bem, irmão Lucílio.

Todos os demais se emocionaram com aqueles momentos de reencontro e de perdão que a escuridão umbralina havia testemunhado e que os séculos iriam selar nos processos de fraternidade e solidariedade verdadeiras.

14

O ESFORÇO DO BEM

Retomando o curso da conversação, Zacarias quis saber de Sávio como estavam aqueles que seriam objeto de sua visita, naquela região sombria.

Buscando ser eficiente, apesar de sua condição espiritual comprometida com o erro, Sávio apresentou breve relato sobre o estado dos seres envolvidos naquele drama coletivo.

Sulpício, o mais cruel dentre todos eles, era o dirigente de uma falange espiritual inferior, composta, em sua maioria, por espíritos de soldados romanos, acostumados às crueldades e a uma disciplina que modelara neles a obediência e a submissão absolutas.

Em face de tal condição e por ter exercido um dos postos importantes junto à administração romana na Palestina, como braço direito de Pilatos, Sulpício ganhara a admiração de muitos soldados, conquistando comparsas, construindo uma rede de informantes e cúmplices, trocando tantos favores com outros espíritos malévolos que, agora, permanecia naquela área como o que dirigia um grande grupo a ele devotado não se sabe se por confiar em sua liderança ou por temer a sua violência. O certo é que se mantinham fiéis, à sua sombra.

Ele próprio, Sávio, depois de ter escolhido se posicionar junto daqueles irmãos, em cumprimento ao dever de consciência assumido com o gesto impensado do envenenamento de Zacarias, escolhera assumir a forma degradada na vestimenta e na aparência física para que não destoasse dos demais e, quando oportuno, pudesse se aproximar daqueles que, conforme eles próprios denominam, eram conhecidos por ali como "hóspedes".

Em algumas ocasiões, conseguiu avistar-se com Pilatos, acomodado precariamente no fundo de uma caverna escura, quando fora até ele para levar-lhe alimento, a mando de Sulpício que, com seus olhares astutos, observava a conduta de Sávio para poder averiguar a sua maneira de ser e sua intenção.

Logo depois desse encontro, quando o antigo soldado destacado pelo Amor para servir aos que ainda não sabiam amar se aproximou de Pilatos, deliberou Sávio não mais voltar àquela furna, pois temia que fosse identificado e, assim, colocasse a sua tarefa em uma delicada situação.

Além do mais, temia que Sulpício o enviasse para o recinto onde se "hospedava" Fúlvia, conhecida como "a predileta", na boca dos soldados maliciosos que guarneciam o lugar.

Tendo se envolvido numa paixão cega por aquela mulher, Sávio não sabia como reagiria ao contato com sua vibração peculiar e, por isso, temia colocar-se em risco tão sério.

Todos eles, no entanto, estavam em péssimas condições.

Depois de ouvirem o relato em silêncio, Zacarias agradeceu a Sávio todo o empenho e cuidado no cumprimento da missão áspera a que se candidatara por imperativo da consciência culpada, que procurava resgatar-se no trabalho de Amor por aqueles que faziam parte do drama no qual ele tivera um pequeno papel, mas, ainda assim, um papel decisivo.

- Estamos aqui para amar a todos, não pelo mal que fizeram no passado, e sim pelo Bem que haverão de fazer no futuro, como é da Lei do Universo. Por isso, nos impõe a aproximação e, com isso, o esforço de nos mantermos em equilíbrio para que não nos falte a proteção indispensável nestes delicados momentos que nos aguardam. Precisaremos de você, querido filho - disse Zacarias, dirigindo-se, carinhoso, a Sávio - para que possamos chegar até os locais onde se acham todos eles e contamos com a sua capacidade de penetrar nessas cavernas.

- Estou aqui para obedecer, meu paizinho, respondeu o ex-soldado.

- Procuraremos um momento em que Sulpício não esteja por perto para que consigamos penetrar sem maiores problemas iniciais. Como estamos procurando não chamar a atenção e, por força da própria densidade vibratória do ambiente, precisaremos manter nossos padrões luminosos contidos sob o manto do anonimato, evitando-se expressões que nos revelem e divergências de pensamento e sentimento. A obra do Amor pede devotamento absoluto e renúncia a qualquer mágoa, a qualquer ressentimento. Por isso, quando buscamos aqueles que nos feriram um dia, queridos irmãos, estamos também testando o limite da bondade que permanece em nosso íntimo. Nenhuma lembrança do mal deve embaçar nosso sentimento e, se nos sentirmos inclinados à recordação das antigas cenas que nos marcaram os passos nos dias do passado com o sofrimento que estes irmãos nos produziram, afastemos a ideia negativa e fixemos nossos sentimentos em Jesus, imaginando que os que estão precisando de amparo são pequenos "Jesuses" a nos pedirem a gota de amor de nossa compreensão e o silêncio de nossa prece.

Todos entendiam claramente as palavras de Zacarias que buscava, ali, prepará-los para as difíceis experiências de resgate.

Naturalmente, a ascendência de Zacarias sobre eles prevaleceria e estariam guiados pelos seus gestos e palavras, numa liderança amorosa que não fora imposta por nenhuma ordem superior. Era a ascendência moral que se impunha por si própria no coração deles.

Suas condutas seriam norteadas pelo humilde sapateiro, agora transformado em estrela do Cristo no abismo dos homens. Assim, seguindo-lhe o exemplo, todos que, até aquele momento se faziam invisíveis aos circunstantes ainda muito densos nas suas atmosferas espirituais muito inferiorizadas, passaram a densificar a própria forma espiritual.

- Busquemos irmãos, assumir a condição vibratória indispensável para a ação direta e objetiva neste ambiente. Para tanto, aproveitemos alguns instantes em silêncio e absorvamos, pela respiração, a atmosfera fluídica reinante, bem como os componentes que nos tornarão igualmente visíveis a todos os que habitam estas furnas. Pensemos na nova forma que adotaremos, mais apagada e simples, para que possamos chegar até nossos irmãozinhos, já que nosso pensamento e nosso desejo firme modelarão nossa aparência.

E dizendo isso, passou a meditar e a respirar silenciosamente, ensinando os seus irmãos de tarefa socorrista a se comportarem da mesma maneira.

A operação, ainda que não muito demorada, produzia uma horrível sensação naqueles espíritos que há não muito se achavam em uma atmosfera absolutamente diferente e mais pura do que aquela.

Era como se a respiração conduzisse para o interior de cada um deles, resíduos pesados, a lhes penetrar as fibras perispirituais como se fossem sendo assimilados por sua estrutura fluídica, molécula por molécula, átomo por átomo, tornando mais lentas as suas vibrações. Poder-se-ia dizer que a ocorrência equivalia a colocar uma armadura de chumbo sobre cada unidade de energia que compunha a estrutura vibratória dos que ali estavam.

O estado de incômodo inicial atingiu os recém-chegados que, atentos ao dever de Amar e suportar, mantinham-se estoicos e compenetrados de sua condição de trabalhadores do Bem, acima de quaisquer condições ou facilidades.

Alguns minutos depois, já tinham perdido a fulgurância e a leveza que possuíam, passando a sentir algo do que significava estagiar naquele antro de viciação e de ignorância.

Vendo-lhes o estado alterado e a firmeza que procuravam atestar como escudo corajoso, Zacarias falou, sereno:

- O mal-estar e as sensações dolorosas correspondem à nossa inadaptação ao ambiente, já que somos provenientes de planos fluídicos mais sutis. No entanto, esta é a realidade dos nossos irmãos. Estão envolvidos por esta capa grosseira, de odor desagradável e nauseante e não percebem tal condição. De todas as tristes constatações, esta talvez seja a mais deprimente e que nos pede mais compaixão. São irmãos que vivem na podridão e não lhe percebem o estado real.

Estavam emocionados com a observação de Zacarias, já que era unânime essa constatação.

- No entanto, meus irmãos, estas sensações passarão rapidamente, tão logo estejamos mais acostumados às suas emanações e não nos fixemos nelas.

Em breve já estavam prontos para dar continuidade aos planos de resgate. Todos haviam ficado fisicamente algo mais desarmoniosos, sem que perdessem as linhas gerais da própria personalidade. Zacarias, que usualmente ostentava a barba prateada brilhante emoldurando-lhe o rosto jovial, ainda que na condição de ancião, era agora apenas um velho, com suas rugas, seus cabelos e barbas apagados, como se uma grossa capa de matéria pesada se houvesse interpenetrado no mais íntimo dos tecidos sutis de sua alma, respeitando apenas as linhas principais de seus traços mais marcantes, apagando toda a beleza delicada de sua personalidade doce e afável.

Com todos ocorreu o mesmo. Até nas vestes que usavam, foram elas influenciadas pela ação fluídica que, necessitando colocá-los na condição anônima, propiciou, pelo influxo da vontade de cada um, dirigida na edificação desse ambiente pessoal despojado, a indumentária modesta e simples, apagada e pobre.

Lucílio seguiu o modelo de Sávio e adotou a velha roupa militar, que plasmou com os mesmos contornos e desgastes daquela que seu novo companheiro usava. Lívia lembrou-se das vestes galiléias que usara quando do drama no Circo Máximo e reproduziu-as novamente, apagadas e pobres.

Simeão, humilde e singelo seguidor de Jesus, relembrou-se da saudosa Samaria, local onde vivera a sua derradeira encarnação e reassumiu as mesmas vestes daqueles dias.

Cléofas relembrou-se dos dias passados na choupana de seu irmão Saul, nas proximidades de Nazaré, como leproso que era antes de ter sido curado por Zacarias. Lembrou-se das vestes rotas e de sua condição de necessitado espiritual, tornando-se, novamente, aquele mesmo andrajoso que ostentava as marcas assustadoras das feridas na pele, num esforço para jamais se esquecer dos próprios defeitos.

Preparados para a continuidade da operação, Zacarias expôs o plano:

- Sávio nos guiará ao local a fim de esperarmos o momento adequado em que Sulpício não esteja presente, a fim de que possamos passar sem problemas. Junto de Lucílio, que também ostenta as vestes militares, ambos se apresentarão aos guardas do ambiente dizendo que trouxeram visitas aos "hóspedes", ocasião em que apresentarão Cléofas, no seu estado de leproso, o que é algo temido por muitos dos espíritos desta condição inferior. Dirão que vão levar as visitas numa alusão ao desejo de incomodá-los com um processo de tortura moral, já que os guardas entenderão as coisas dessa maneira. Desse modo, não suspeitarão que Sávio esteja acompanhado por aqueles que resgatarão os presos. Depois de visitarmos Pilatos que, pela sua condição de espírito degredado há muito tempo, está mais preparado para as realidades luminosas que o buscam, iremos até Fúlvia, que demandará maiores esforços de todos. Se o Pai nos fortalecer e se formos dignos de Sua confiança, quem sabe até mesmo Sulpício possa receber as bênçãos desta hora.

Assim foi feito por eles.

Naqueles momentos, Sulpício, o chefe de toda aquela estrutura terrorista invisível havia se ausentado nos cuidados com a fiscalização de seus domínios junto a outros espíritos que lhe cumpriam as ordens. Essa era a sua rotina diária. Visitava os dois prisioneiros e os fustigava com seu sarcasmo e sua ironia. Depois, saía para a fiscalização pessoal dos diversos setores onde seus comandados estavam postados desenvolvendo processos de perseguição e intimidação. Horas depois, regressava para novas deliberações ou para perder-se ainda mais em novos planos que ia fazendo, uns sobre os outros, num verdadeiro desperdício de tempo e de inteligência, como a criança que gasta seu dia brincando de guerra com soldadinhos de chumbo.

A ausência de Sulpício, acostumado a essa rotina que nunca se alterava e confiado à fidelidade de seus comparsas, foi muito favorável ao pequeno grupo socorrista que ali estava para alterar o destino de todos eles.

Dando início ao processo planejado por Zacarias, Sávio entrou no ambiente pernicioso da gruta, seguido por todos os outros, ladeado por Lucílio.

- Salve, Crasso, o guarda dos infernos - exclamou Sávio na linguagem natural entre aqueles homens.

Rindo-se da saudação irônica e mordaz, escutou em resposta:

- Esqueceu-se de dar-me o devido destaque, soldado. Sou o "chefe da guarda dos infernos", respondeu Crasso, gozador.

- Bem, isto é verdade. Aos poderosos devemos entregar-lhe seus louros e seus méritos.

Procurando dar outro ritmo ao assunto, mudou a conversa:

- E aí, como vai o "homem"? - perguntou Sávio referindo-se a Pilatos.

- Bem, o nosso chefe mantém a guarda e o cerca para manter o "homem" bem vigiado. Parece que está cuidando de um tesouro pessoal. Tortura-o todos os dias com conversas que possam irritá-lo. Às vezes, quando está cansado dessa monotonia, trás até aqui "a Preferida", que, ao que parece, agita e fica agitada, formando-se um tumulto que o Chefe adora observar.

- Bem, hoje, junto com nosso amigo aqui - falou Sávio, referindo-se a Lucílio, estamos em missão de entretenimento, levando umas visitas que possam dar um pouco de emoção à vida do nosso "hóspede".

- Ah! Que interessante! Novidades são sempre bem-vindas quando são agradáveis de se ver.

- Estas serão de muito deleite para nossos "hóspedes".

E falando assim, Sávio agarrou pelo braço a Cléofas, que se deixou levar como se fosse um prisioneiro conduzido pela rudeza do soldado, e o colocou diante de Crasso.

Assustado com a inesperada visão do leproso, Crasso afastou-se amedrontado, dizendo, bruscamente:

- Tira esse pestoso daqui, seu salafrário soldado dos infernos. Isto aí é a "novidade"?

Dando uma boa gargalhada diante da reação acovardada do guarda, Sávio lhe respondeu:

- Quer dizer que você faz questão de ser chamado de "o chefe da guarda dos infernos", quando mais se parece a um poltrão cuja covardia envergonharia qualquer uniforme, até mesmo o uniforme de presidiário?

- Cale a boca, seu maldito. Você me assustou com este monstro. Eu não tenho medo de nada... - tentava disfarçar o trêmulo Crasso.

- É eu estou vendo como isso é verdade - respondeu Sávio, jocoso.

Desejando não perder muito tempo, retomou o rumo da conversa:

- Como é?... Estas novas atrações das cavernas não vieram aqui para se exibirem ao valoroso Crasso. Foram mandadas para se apresentarem aos nossos hóspedes, começando pelo homem. Você vai ficar aí, impedindo o espetáculo?

- Bem, Sávio, eu não fui informado de nada pelo Chefe. Não sei se isso pode ser permitido - falou Crasso meio relutante e, ao mesmo tempo, desejando se livrar daquele leproso.

- Ora, vê se isso é possível. Mandam-me arrumar este monstro e seus amigos e, depois, ficam aí com essa enrolação. Está pensando que o Chefe vai gostar dessa falta de organização de vocês? Por mim tudo bem. Vamos ficar por aqui até que ele chegue e veja o quê ou quem impediu de cumprirmos as suas ordens.

Vendo que Sávio ia manter-se ali por todo aquele tempo e, temendo que Sulpício, ao regressar, o culpasse por desobedecer ordens, mesmo aquelas que ele não havia dado - o que era muito comum no temperamento de Sulpício - Crasso tossiu seco e resolveu reconsiderar:

- Bem, Sávio, as coisas não precisam ficar assim, desse jeito. Já que é para aterrorizar o homem e "a predileta", vá em frente e boa sorte. Mas não deixe esta coisa por aqui. Leve todo mundo com você.

- Tudo bem, corajoso Crasso, obedeceremos às suas ordens, grande "chefe da guarda do inferno".

Finalmente haviam conseguido o que queriam. Naturalmente que os outros não encontraram dificuldades para ingressar naquela primeira ala da grande caverna, onde se encontrava Pilatos caído a um canto, totalmente transformado em um farrapo humano. Seu estado era deprimente e a emoção tomou conta do coração de todos. Fechada a porta que mantinha aquele ambiente da caverna isolado, todos deixaram a sua estudada postura e se acercaram carinhosamente do prisioneiro.

Mantinha-se ele quase que absolutamente alienado de tudo. Seus cabelos ensebados e longos eram um emaranhado de fios sujos e habitados por parasitas. Suas unhas, negras pelo sangue e sujeira que se acumulavam, haviam crescido como garras que impediam que ele pudesse segurar até mesmo uma cuia de água com uma única mão. Por isso, para poder comer a comida que recebia, precisava segurar o recipiente com as duas mãos e mergulhar a boca no seu interior, tentando morder alguma coisa que lhe mitigasse a fome.

Não possuía roupas. Apenas farrapos malcheirosos lhe cobriam as partes íntimas, realçando a estrutura magra e ossuda com que ele parecia vestir-se, como se tivesse ainda o corpo carnal.

Todavia, na altura do ventre, Pilatos trazia uma abertura sangrenta e apodrecida, por onde lhe saíam parte dos órgãos internos que ficavam pendurados à mostra e que, insistentemente, ele mesmo colocava para o interior do próprio corpo. Eram as marcas do gesto suicida que persistiam em perseguir-lhe as lembranças e, já há mais de vinte anos, causavam-lhe o horror constante.

Apesar de tudo, mantinha-se em uma apatia que nada pedia, nada reclamava, nada se queixava, como se estivesse perdido dentro de si próprio, de onde saía, hora ou outra, para matar a fome, para colocar as vísceras de volta em seus lugares ou para ter de defrontar-se com Sulpício ou com Fúlvia, numa tragédia constante e sem fim.

Naquele momento, não havia mais nada daquele importante governador, do general romano poderoso e cruel, do sedutor e conquistador barato, do valoroso soldado de um exército invencível.

Havia, apenas, o que Pilatos houvera feito a si próprio, diante das responsabilidades da lei do Universo que dá, a cada um, segundo as suas obras.

Lá estava o homem que carregava em sua consciência o peso de ter, diante da mais luminosa oportunidade de sua vida, apenas lavado as próprias mãos, sem nada fazer para proteger o Justo dos ataques da ignorância e do mal.

Assim, leitor querido, jamais se esqueça de que todas as suas conquistas materiais o abandonarão um dia, para que você fique apenas com a essência de seu ser.

Não se iluda com seu poder que é, na ordem do Universo, menor que aquele que se exercitasse sobre os grãos de poeira depositados sobre um móvel.

Não se deixe levar por sua importância que, diante da realidade de Deus, é mais insignificante do que o poder que possuem os anelídeos no seio da terra que comem para transformá-la em adubo.

Não se permita perder-se pela beleza, nem pelos mecanismos mentirosos da sedução, pois o corpo é apenas um amontoado putrescível de podridão que ainda não apodreceu, mas que fenecerá, deixando o seu espírito desnudo.

Não se engane com as glórias e os sucessos do mundo. Eles são muito fugazes para merecerem a atenção e o culto grotesco que lhes temos dado nas contingências da vida. A morte surpreenderá a todos e nos reconduzirá à melhor noção do que somos em nosso íntimo.

Melhor nos prepararmos para ela, enquanto ela está se preparando para nós.

Não conseguiremos fugir desse encontro.

15

O RESGATE DE PILATOS

Reunidos ao redor daquele ser, prisioneiro da gruta, de Sulpício e de si mesmo, Sávio se aproximou como se desejasse acordá-lo para aquele momento importante em sua vida. No entanto, assim que se acercou do ex-governador, não suportou o quadro que tinha sob seus olhos.

Fosse porque era repugnante vislumbrar o seu estado geral, fosse porque mantinha na lembrança a culpa de ter sido incumbido de envenená-lo, culpa esta que, naquele momento mais e mais se avultava em seu espírito endividado, o certo é que Sávio afastou-se, pedindo desculpas a Zacarias e se colocou em um canto distante, sem conseguir reter as lágrimas, falando:

- Eu nunca estive tão perto deste homem como agora e não sabia como é que ele, efetivamente, estava. Não tenho coragem para falar-lhe já que minha vergonha é maior.

Entendendo os seus limites, traçados por uma vida afastada dos princípios evangélicos, Zacarias afagou-lhe os cabelos e sorriu paternal.

No entanto, a tarefa daquele grupo deveria ser realizada.

- Irmãos queridos - falou o ex-sapateiro - nosso irmãozinho é o tesouro que Jesus nos confiou a guarda e a quem nossos melhores sentimentos podem trazer à realidade. Depois de mais de vinte anos vivendo na sombra carregando as culpas e as tragédias morais que ele construiu, já se fez credor do auxílio direto e, por isso, não nos compete perder tempo na lembrança dos erros de cujas consequências diretas ele não pôde fugir. Está confuso, perdido no vasto temporal de suas mágoas, seus arrependimentos e suas lembranças. Vitimado pela ação magnética nociva de Sulpício, que se vale do hipnotismo e da indução para mantê-lo sob sua esfera de influência, Pilatos é forçado todos os dias a fixar-se nas tragédias e pensar nelas de maneira negativa. Por força desse comportamento, assumiu o estado deplorável em que se encontra, já que sua consciência culpada reconhece os seus deslizes e não é capaz de colocar um basta à perniciosa influência. Afunda-se no lamaçal do crime perpetrado contra sua última organização biológica e a ação de Sulpício mantém o pensamento de nosso irmão vinculado aos erros. Se desejamos auxiliar, precisamos alterar o padrão de forças que o envolvem e, usando do poder de amar, procuraremos trazê-lo à superfície de si mesmo, preparando-o para futuras experiências que servirão para seu reerguimento moral.

As palavras de Zacarias foram ouvidas no mais absoluto respeito, não sendo interrompida por nenhum comentário ou pergunta. Todos estavam conscientes de que ali se encontravam para servir em qualquer condição.

Desta maneira, acercaram-se do preso que jazia no solo lodoso, segurando suas entranhas com as mãos, como a impedir que se projetassem para fora de seu corpo.

Não havia pressentido a presença de ninguém ali, ao seu lado.

Zacarias ajoelhou-se e se postou de tal maneira que suas mãos generosas pudessem acariciar a cabeça de Pilatos e, nessa condição, elevou a prece a Jesus, dizendo:

- Senhor, aqui estamos unidos no resgate das almas que aprendemos a Amar graças à tua capacidade de Amar os próprios inimigos. Não existe mais nenhum resquício da altivez e do poderio daquele governador que acabou vitimando-se nos desvarios de sua conduta irrefletida. Aqui temos, Jesus, apenas um amontoado de dor e sofrimento, podridão e culpa. A tarefa que nos legaste é maior do que a nossa capacidade, mas é menor do que o nosso desejo de ajudá-lo. Por isso, Amado Mestre, aceita a nossa rogativa e dá-nos condições de amparar mesmo quando somos nós quem precisamos de amparo. Dá-nos a possibilidade de ajudar aqui, neste antro de perdição, onde a ignorância fez a sua morada, e ilumina com o seu coração compassivo, aquele irmão que lavou as mãos sem ter conseguido lavar a consciência.

Enquanto Zacarias pronunciava a sentida oração, extraída do mais profundo de seu ser, todos os outros se ajoelharam igualmente, ao redor do preso e, com o pensamento elevado davam apoio e acompanhavam, emocionados, as rogativas daquele velhinho bondoso.

Zacarias, por sua vez, acariciava a fronte de Pilatos que, sem conseguir vislumbrar o que acontecia, acomodou-se, sereno, nos seus braços!

- Este já não é mais o adversário de teu Evangelho, Jesus. É o irmão que nós procuramos seguir e que, no fim da vida, conheceu tua mensagem e se deixou tocar pela luz renovadora. Aqui, ele parece um monstro deformado. Mas para nós, é flor perfumada que vai desabrochar sob a tua proteção. Transforma as nossas nas tuas mãos e, ao invés de as lavarmos, deixa que elas sejam usadas para erguê-lo e levá-lo conosco para o tratamento necessário.

A oração, conectando Zacarias com as forças superiores, expulsara de seu corpo fluídico aqueles resquícios densos que haviam sido inalados e ele passou a brilhar suavemente, transmitindo a Pilatos esse teor luminoso. As forças espirituais que estavam sendo geradas por todos, permitiram uma réstea de luz vencesse o cenário trevoso e, ao iluminar Pilatos, Zacarias e o grupo, parecia um raio de sol adentrando a noite nebulosa, em resposta à rogativa do amor.

O corpo espiritual de Pilatos passou a ser inundado de elementos-força produzidos por esse complexo amoroso que os envolvia nas luzes de mais Alto e, gradativamente, a sua estrutura perispiritual foi ganhando mais e mais equilíbrio, fazendo com que, por força da afinidade que havia entre ele e Zacarias, as suas noções começassem a se clarificar.

Zacarias, carinhoso, vendo-lhe a reação favorável, depois de alguns minutos em silêncio, passou a chamá-lo, como nos antigos tempos de convivência.

- Pilatos, Pilatos, sou eu, seu amigo Zacarias. Lembre-se. Use a sua mente e recorde-se de nossos dias juntos. Lembre-se de nossas conversas sobre Jesus, de nossos encontros. Vamos, faça um esforço e ajude a que voltemos a nos encontrar. Sou eu, o sapateiro Zacarias, relembre-se...

Depois de algum tempo, recebendo ainda mais recursos energéticos que iam sendo incorporados ao seu patrimônio magnético e lhe devolvendo, gradualmente, certa lucidez, Pilatos começou a gemer baixinho e a repetir algumas palavras que escutava:

- Hummm! Ahhhh! Sapateiro... conversa...

- Isso, isso mesmo - repetia, satisfeito, o velhinho ao seu lado.

- Zacarias... Roma... prisão... Jerusalém... crucificação... - continuava Pilatos.

- Jesus, amizade, Lucílio, esperança, Evangelho - corrigia Zacarias, buscando levá-lo a reflexões positivas.

- Espada, vergonha, morte, veneno, Zacarias, meu amigo.

- Lembre-se, Pilatos, sou eu o seu amigo Zacarias. Estou aqui para continuar a nossa amizade. Nós estamos juntos novamente.

O preso ia ganhando mais e mais lucidez. Em determinado momento, quando conseguiu chegar à sua consciência objetiva, passou a cobrir seus olhos com as mãos, como alguém que sai do mais escuro ambiente para a luz do dia.

Procurando dosar a sua luminosidade para não ferir a sensibilidade que se recuperava, Zacarias aplicou passes magnéticos sobre a área visual de Pilatos, fortificando a sua capacidade de suportar a luz que vinha do Alto em sua direção, em resposta à oração que haviam feito naquele lugar.

Não tardou muito para que Pilatos proferisse um grito de surpresa e euforia.

- Sim, Zacarias, como é que eu poderia esquecer? Isto deve ser um sonho bom depois de tanto tempo entre pesadelos e desgraças...

- Não, Pilatos. Sou eu que estou aqui para abraçá-lo novamente, meu amigo. Agora, volte a lembrar-se de Jesus que foi aquele que me enviou a cuidar de você desde aqueles tempos. Jesus se ocupa de você, querido filho, e por isso nos autorizou que aqui viéssemos para recolhê-lo.

- Zacarias, meu amigo, há quanto tempo eu não converso com alguém que me queira. Todos sumiram. Sou perseguido pelas minhas visões que me cobram pela covardia, pela espada que enterrei em meu ventre... ai que dor, como me causam repugnância as entranhas que tenho que apertar contra mim mesmo... - falava o ex-governador, fixando-se nos efeitos do suicídio que havia cometido já há mais de vinte anos e que até aquele momento repercutiam dolorosamente sobre sua estrutura vibratória.

- Não pense mais em dor, Pilatos. Estamos aqui para ajudá-lo em nome de Jesus, mas você precisa nos ajudar também, pois seu espírito deverá levantar-se e nos acompanhar.

- O Justo ainda se importa comigo? Com tantas coisas mais importantes, Zacarias, por que se importaria com um trapo que nada fez para protegê-Lo?

- Jesus veio para os doentes, Pilatos, e não para os sadios. Veio para levantar os caídos e não para caminhar com os vitoriosos.

Como é que poderia esquecer-se de você, meu amigo? No entanto, você é que se esqueceu, Pilatos, preferindo caminhar ribanceira abaixo, atirando-se no abismo de suas culpas como se fosse a única saída para seus sofrimentos.

Zacarias procurava produzir em Pilatos uma reação mais imediata que lhe facilitasse a compreensão clara de sua real situação.

- Fugindo do corpo físico, você aumentou suas dores. Acreditando que seria um gesto de honra, mais não fez do que gerar sofrimentos mais cruéis para si próprio e, por isso, ficou vulnerável às perseguições de seus antigos comparsas criminosos que, diferentes de seus sentimentos, não haviam, ainda, escutado a palavra amiga de Jesus. Impregnado pela culpa do auto-extermínio e pela consciência fixada no remorso de nada ter realizado a favor do Cristo, você escolheu afastar-se da luz e aceitou todas as induções negativas que os seus adversários projetaram sobre você.

- Sim, Zacarias, agora estou lembrando melhor. Você era meu único apoio, junto com Lucílio e, apesar disso, vi você morrer inocentemente por me ajudar, bebendo o veneno para que eu não morresse.

- Havia chegado o meu momento e, se fosse preciso ingerir veneno novamente para o salvar, meu amigo, eu o beberia sem qualquer titubeio. No entanto, meu espírito se vê atraído para o seu a fim de que, juntos, nos reergamos na direção da luz. Não há mais espaço para as velhas lamentações. Jesus nunca o abandonou. Foi você mesmo que escolheu este caminho. Se não mudar a sua forma de pensar, não poderemos sair daqui, hoje, levando-o conosco.

- Ah!, Zacarias, por favor, não me deixe aqui sozinho desse jeito. Perdê-lo novamente seria uma desgraça ainda maior para minha alma. Esta é a única alegria que tenho tido nesta infindável noite de pesadelo em que tenho vivido já não sei mais há quanto tempo.

- Pois então, filho querido, reerga-se perante si próprio. Pare de se achar vítima e modifique o padrão de pensamentos para incorporar a esperança, a vontade de melhorar, a fé em Deus e a gratidão a Jesus que, desde aqueles dias não deixou de se ocupar de você. De onde pensa que está vindo esta luz que o banha neste momento?

- Será que Ele está, mesmo, me iluminando, Zacarias? - falava titubeante, o preso que se recuperava.

- Ora, Pilatos, o raio fulgurante que o beija não pertence a nós que estamos aqui ao seu lado e não pode vir das trevas que nos rodeiam.

- Será que se eu falar com Ele, ele me escutará? - arriscou o ex-governador, esperançoso.

- Mais do que isso, Pilatos, Jesus sorrirá para você com alegria e gratidão, pois não o identifica como um adversário, mas como um irmão muito amado. Escutar você, meu amigo, será um cântico que vai orvalhar os olhos do Cristo, pela emoção que, estou certo, Ele há de sentir.

- Você me ajuda, Zacarias? Eu não sei o que dizer, mas gostaria muito que a sua força me amparasse.

Segurando as duas mãos de Pilatos entre as suas, Zacarias respondeu-lhe:

- Eu lhe darei todas as minhas forças e o ajudarei com todo o meu sentimento. No entanto, Pilatos, a oração deve partir de dentro de você, com as suas palavras e os seus sentimentos mais sinceros. Vamos lá, você vai conseguir.

Como uma criança que não sabe como começar e tem vergonha de si mesmo, Pilatos pensou um pouco e, titubeante, começou a dizer, em voz alta.

- Je...sus..., sou eu,... Pilatos. Não sei como falar contigo mas sei que preciso gritar para fora de mim mesmo o que tem me consumido.

E, reunindo todas as suas forças, gritou como se estivesse esperando por aquele momento há muitos séculos:

- PERDÃO, SENHOR! ... PERDÃO, EU TE SUPLICO!

Eu sou um condenado pela minha miséria e, ainda assim, teu coração me considera digno de ajuda. Obrigado por tudo. Eu te presenteei com chicote e covardia e você me dá amigos generosos que me amparam. Vê como somos diferentes e como eu preciso de amparo. Gostaria muito de sair desta prisão que edifiquei com meus próprios atos. Sei que não mereço, mas anseio por melhorar, como me ensinou Zacarias. Escuta meu pedido de perdão e deixa que Zacarias me leve para qualquer lugar fora daqui. Mesmo que seja para uma enxovia miserável, estarei melhor do que me encontro agora, porque estarei no caminho de Seus passos luminosos que não tive coragem de seguir quando pude.

Envolvia Pilatos a atmosfera calorosa e firme de Zacarias que, sustentando a sua lucidez, oferecia mais forças espirituais para que o preso pudesse ter clareza de idéias na articulação de suas palavras.

- O farrapo humano ousa erguer a oração para rogar a sua complacência. Transforma meu ser em algo que preste de verdade, Jesus. É o que te peço, humildemente.

Aquilo fora o máximo para as condições precárias de Pilatos.

Os soluços de desespero e vergonha lavavam-lhe a alma dolorida e as lágrimas molhavam seu rosto e escorriam pelo seu peito, recaindo sobre o ferimento aberto.

Nesse instante, Zacarias tomou-lhe o rosto cabisbaixo e ergueu a fronte em direção à luz que se projetava do alto sobre o ambiente da caverna, agora mais fulgurante do que antes.

Como que por um milagre, pequeninas gotas caíam do céu, pelo túnel luminoso, como se fossem gotículas de lágrimas, como Zacarias havia dito a Pilatos momentos antes, lágrimas de emoção e alegria que, ao se aproximarem de Pilatos, se transformavam em pétalas perfumadas e se projetavam sobre ele, incorporando-se à sua estrutura energética.

Era um espetáculo de beleza inolvidável e inimaginável naquele ambiente de tragédias morais e trevas densas.

- Eis aí, Pilatos, as lágrimas emocionadas do Justo, que o espera de braços abertos. - disse Zacarias.

Pilatos não sabia o que dizer, ante tantas bênçãos, como se diamantes rutilantes caíssem do Alto sobre ele, inundando-o de bem-estar.

Suas lágrimas se tornaram mais abundantes e copiosas e, ao mesmo tempo em que lavavam a sua alma, misturavam-se às pétalas sublimes e escorriam sobre os ferimentos, que foram sendo fechados, como que por força de um milagre.

Pilatos não tirava os olhos daquele foco luminoso, como se desejasse guardar a emoção daquela hora para todo o sempre.

Depois de alguns minutos em que todos se mantinham envolvidos nas sublimes vibrações, Zacarias chamou-o à realidade e perguntou-lhe:

- Não valeu a pena, Pilatos? Você viu como Jesus se ocupa de suas dores com sinceridade?

O interpelado nada respondeu com palavras. Apenas acenou com a cabeça e com o olhar envolto pelo véu de lágrimas.

Vendo-lhe a concordância humilde, Zacarias levantou-se e estendeu-lhe as mãos, dizendo:

- Começa uma nova etapa em sua trajetória, meu amigo. Levante-se para que ela possa se iniciar como deve ser de pé para sempre.

Entendendo a determinação de Zacarias e revestido de sincero desejo de vencer seus obstáculos pessoais, Pilatos levou as mãos ao ventre, como que a tentar fechar a abertura e impedir que as suas entranhas caíssem pela vasta ferida, única maneira que o permitia caminhar um pouco.

No entanto, quando levou as mãos para fechar a abertura no abdômen, surpreso, não a encontrou quente e úmida como sempre.

Apalpou o lugar e nada mais achou, a não ser a pele integralmente refeita e reparada, como se ali nada tivesse existido.

- Eu não tenho mais ferida!, Zacarias! Jesus me curou, Jesus me curou, Jesus me curou!

E atirou-se ao solo de joelhos, abraçando as pernas de seu amigo querido que, nesta altura, também chorava de agradecimento, pela generosidade sem fim Daquele que nunca deixava de amar e fazer o bem a quem quer que fosse.

Todos choravam igualmente, tocados pela emoção daquela recuperação na qual a bondade havia sido o agente da melhora.

Pilatos estava recuperado e pronto para ser levado dali.

Agora, era a vez de Fúlvia!

16

O RESGATE DE FÚLVIA

Incorporado à caravana dos visitadores do abismo, Pilatos foi amparado pelos braços amigos de Lucílio, seu antigo companheiro de jornada de exílio, quando de sua última encarnação, nas terras frias da antiga Viena.

Assim sustentado, seguiram todos sem levantar quaisquer suspeitas até o ambiente escuro onde se encontrava Fúlvia, no qual não tiveram qualquer embaraço para entrar, já que Crasso não se ocupava do que acontecia no interior da vasta caverna, limitando-se a ficar de prontidão na entrada da mesma, simplesmente.

As condições internas do local onde Fúlvia se alojava, quase uma prisão, eram muito piores do que a do ex-governador.

O estado espiritual da ex-amante de Pilatos era trágico. Como já foi informado ao leitor, os desequilíbrios sexuais daquela alma produziram-lhe um tal estado de deformidade que ela tinha imensa dificuldade de caminhar, pela hipertrofia da área genésica, constantemente explorada pelos seus pensamentos e pelos atos desregrados que adotara durante a vida física.

O odor era nauseante e o seu estado de desequilíbrio impedia que ela tivesse um mínimo de lucidez.

Vivia em piores condições do que um animal selvagem, chafurdando na lama dos fluidos que emanavam de si mesma, a empaparem as miserandas peças de vestuário que ainda insistiam em não se romper, tal o estado de podridão que havia consumido tudo o mais.

Naquele ambiente grotesco, os missionários do Bem foram recebidos indiferentemente, já que Fúlvia não era capaz de perceber-lhes a presença, mesmo depois de já terem adensado a própria forma.

Vivia ela como um autômato, embutida em suas ideias e sensações vis, revivendo as tramóias, solicitando audiências com autoridades que pretendia seduzir para conseguir vantagens, fazendo conchavos para obter posições para si e para sua filha, Aurélia.

Somente ao contato de Sulpício, o outro amante que, agora, havia se transformado em algoz, é que Fúlvia se deixava conduzir à realidade com a finalidade de atacar Pilatos, nas sessões de tortura recíproca que o antigo lictor produzia, jogando um contra o outro.

Depois que passavam, Fúlvia voltava a mergulharem suas culpas e nos atos dos quais ela se justificava, dizendo ter feito o que fez por amor e por necessidade.

Zacarias, que dirigia o grupo, sabia que a mulher não conseguiria voltar à compreensão lúcida se não lhe produzissem um choque mais significativo.

Assim, pediu que Lucílio trouxesse Pilatos para as proximidades dela, enquanto todos os demais se puseram à sua volta, com exceção de Sávio que, novamente, se viu acovardado pelas próprias culpas, notadamente agora que estava diante daquela que lhe havia tirado a vida física depois de tê-lo seduzido.

Como já dissemos, Sávio carregava consigo todos os laivos de inferioridade que ainda não haviam sido transformados em força e coragem.

Já desejava fazer o Bem. No entanto era fraco em face de suas próprias culpas.

Envolvendo Fúlvia pelo círculo de forças, Zacarias emprestou suas energias a Pilatos a fim de que ele se tornasse o foco de atenção para o despertamento de Fúlvia.

Poderá imaginar o leitor que, em face da debilidade do ex-governador, não deveria ser ele o instrumento usado para a ação de resgate da antiga comparsa.

No entanto, a lei é sábia e permite que os que caíram juntos também possam ser os que se ajudam ao reerguimento comum. Eram, ambos, frutos amargos que cresceram unidos. Daí por que seria mais fácil conseguir a sintonia com Fúlvia através de Pilatos do que de qualquer outra maneira.

Entendendo o que se passava, na sua condição de enfermo que começava a ver a extensão de suas responsabilidades, Pilatos não recuou diante daquele momento e, amparado por Zacarias que lhe dizia o que fazer, tomou a dianteira e começou a chamá-la pelo nome:

- Fúlvia, Fúlvia - exclamava Pilatos, procurando colocar em cada palavra a tonalidade carinhosa dos velhos tempos.

A enlouquecida entidade não respondeu às primeiras convocações, mas seu comportamento deixou de ser agitado e convulsivo para adotar uma certa serenidade como a daquele que, ouvindo um ruído, cessa todos os movimentos para melhor escutar.

- Vamos, Fúlvia, escute... sou eu, Pilatos... converse comigo... vamos.

Na segunda tentativa, Fúlvia deu sinais de que estava fazendo um esforço muito grande para articular alguma palavra, mas os sons saíam guturais, como grunhidos de um bicho que gemesse para expressar alguma ideia.

Naturalmente, estava o vulcão interno se contorcendo como que a ser pressionado contra a boca da cratera, preparando-se para a explosão inevitável.

A ação magnética forte ao seu redor, produzia um contraste de forças que alterava todo o conjunto de energias viciadas que a envolviam, fazendo com que sua estabilidade fluídica se modificasse, dando-lhe uma sensação de incômodo muito grande.

- Fúlvia, fale comigo, vamos acorde,... volte.

- Deixe-me em paz, maldição infernal. Não pretendo ser assombrada por fantasmas odientos.

Os gritos de alucinada davam para assustar os mais despreparados, eis que carregados de um timbre metálico, como se fosse um autômato que estivesse falando.

- Sou eu, Pilatos. Lembre-se. Estivemos unidos, fomos companheiros de aventuras... compartilhamos a intimidade muitas vezes...

- Oh! ... Não... você não... sai de perto de mim, lembrança horrorosa. Tenebroso ser que me corrói as entranhas. Pare de me perseguir. Já não basta quando tenho que estar na sua presença... Agora é você que me procura? Estou enterrada viva neste antro. Deixe-me apenas com as minhas tragédias.

- Vamos sair daqui, Fúlvia.

- Você está louco, ó assombração dos deuses! Como é que vamos sair daqui? Nós merecemos os tártaros do Averno, os sofrimentos. Você como maldito comandante aproveitador, cruel amante, interesseiro e vil. E eu como a mulher depravada e a assassina, que me vi obrigada a fazer tudo o que fiz para defender meus interesses numa corte apodrecida, na qual quem não era como eu acabava consumida por víboras piores.

- Tudo já passou. Nosso sofrimento deverá ser reparado pelas nossas escolhas novas - falou o governador, sem entender de onde tirava tais ideias que lhe chegavam à mente tão naturais como se fossem pensamentos pessoais longamente cultivados.

Em realidade, Pilatos estava recebendo a interferência direta de Zacarias, como se a personalidade dominante do antigo sapateiro, conectada à sua capacidade de pensar e se manifestar estivesse usando-a como um alto-falante para que Fúlvia identificasse a voz do antigo companheiro de deslizes e, atraída por ela como a mariposa que se vê seduzida pela luz, voltasse à superfície do próprio eu.

Naquele momento, ocorria um quase transe mediúnico impróprio, já que todos estavam num mesmo plano vibratório. No entanto, Pilatos estava sendo fortalecido e dirigido em seu pensamento pelo espírito de Zacarias que, aproveitando-se do ambiente favorável propiciado pelo apoio magnético dos demais companheiros, podia agir e influenciar Pilatos dessa maneira.

As palavras do antigo amante conseguiam despertar naquela entidade caída as emoções que mexiam com a sua personalidade e suas lembranças e, ainda que fosse para protestar, para amaldiçoá-lo, faziam com que Fúlvia adotasse uma postura ativa, deixando aquele ensimesmamento.

Quando abriu os olhos e viu Pilatos, a mulher não sabia o que dizer.

Estava confundida na sua natural dificuldade de entender o que se passa, como quando deixamos um pesado sono e voltamos ao corpo físico. Como quem sai de uma vertigem ou de um desmaio e não sabe o que está acontecendo nem onde se encontra.

No entanto, cruel e direta, a constatação de que estava diante de Pilatos produziu nela um temor brutal, já que pensava que ele ali se encontrava para vingar-se dela.

- Eu contratei gente para matá-lo - falou agressiva.

- Mas como você bem pode ver, não conseguiu o seu intento - respondeu Pilatos.

- E, por isso, você veio aqui para se vingar de mim, não é?

As expressões de Fúlvia eram carregadas de um medo alucinante, de um apavorante tremor, reconhecendo-se em uma situação de desvantagem diante daquele homem que poderia feri-la da maneira como desejasse.

Fúlvia estava raciocinando como estava acostumada a fazer na sua experiência reencarnatória da Terra. Ainda não havia se dado conta de que sua alma jazia longe dos caminhos humanos.

- Acalme-se, Fúlvia. Não estou aqui para me vingar de você. Cometemos muitos erros juntos e precisamos do perdão de nossas próprias consciências. Estamos precisando nos amparar para sairmos daqui. Você tem razão quando me acusa das atrocidades que cometi, nenhuma delas mais perversa do que a de ter, simplesmente, lavado as mãos.

Se não tivesse lavado as mãos, encontraria forças para enfrentar todos os delitos da minha autoridade, de minha arbitrariedade, no jogo político em que a vida me colocou. No entanto, lavar as mãos diante de um inocente, contra o qual não havia nenhuma prova, nenhum crime, podendo eu agir livremente, sem ser obrigado ou receber alguma ameaça pessoal ou direta, depois de ter sido avisado para que não me metesse com a condenação do Justo, possuindo à minha disposição a força militar para defender a lei e a ordem, tudo isso representa, para mim, a maior culpa que carrego.

Preciso do perdão de mim mesmo, da mesma forma que você precisa do perdão da própria consciência.

- Eu? Eu não preciso do perdão de ninguém - gritou estentórica a alma apavorante de Fúlvia.

- Como não precisa, Fúlvia? Onde você vai encontrar forças para encarar as próprias vítimas? Como defrontar aqueles que você também prejudicou, aqueles que você vitimou com suas intrigas, com seu frasco de veneno letal?

- Ah! Eu nem sei quem são. Não estou vendo nenhum deles por aqui - falou ela, querendo parecer arrogante e irônica para desarmar os argumentos de Pilatos.

No entanto, nesse ponto da conversa, Zacarias deixou a retaguarda de Pilatos e se apresentou a Fúlvia pessoalmente, já que ela estava suficientemente consciente para conseguir identificar melhor o que se passava ao seu redor.

- Filha querida - disse Zacarias - que bom que você se refere aos que você vitimou, no intuito de conhecê-los pessoalmente. Eu estou aqui para apresentar aos seus olhos atentos alguns daqueles que você vitimou.

A figura paternal de Zacarias encantou o olhar de Fúlvia que, vislumbrando seu olhar amigo e generoso, sentiu-se tomada de estranho encantamento pela sua doçura.

Com Pilatos tinha uma confusão de sentimentos a turbilhonar-lhe o cérebro astuto e manipulador. Emoções contraditórias, luta de poder, tentativa de dominar. Ali, com Zacarias, no entanto, estava desarmada, livre de todas as anteriores intenções.

Seu coração palpitou diferentemente quando sentiu que o velhinho ajoelhou-se junto de seu estado pútrido e, amparando-a em seu ombro seguro, começou as apresentações:

- Venha até aqui, querido filho - disse Zacarias, referindo-se a Sávio, que estava afastado.

Convocado pela voz paternal daquele a quem devia o pouco de equilíbrio que conseguira, Sávio, titubeante, foi se aproximando.

- Venha, filho, não tenha receio. Para que possamos, um dia, ganhar o paraíso, precisamos expurgar de dentro de nós o nosso próprio inferno, iluminando-o.

E o espírito convocado por Zacarias foi se achegando lentamente, até colocar-se também defronte de Fúlvia, que se achava sentada no chão, sustentada por Zacarias.

Uma exclamação de terror escapou da garganta da assassina.

- Sávio, ... é você?

- Sim,... sou eu.

Fúlvia estava perdida. Atônita, não sabia o que fazer. Sentia vergonha misturada com medo. Ali estava o jovem que assassinara, depois de seduzi-lo para que levasse o veneno até Pilatos.

No entanto, Sávio não a acusava de nada.

Estava em silêncio, com o olhar triste e cabisbaixo, não se atrevia a olhar dentro dos olhos de Fúlvia, com medo de que o encantamento da paixão voltasse de suas entranhas mais profundas.

Sabendo da necessidade de ambos, Zacarias estendeu as mãos para o jovem soldado, seu tutelado, e disse:

- Filho, aproxime-se de nós. Ajoelhe-se para que Fúlvia possa vê-lo melhor.

Sem resistir ao carinho daquele a quem chamava de paizinho, Sávio se deixou conduzir como um cordeiro nas mãos do sábio pastor e ajoelhou-se bem diante de sua própria assassina.

Sustentado por uma corrente vigorosa de forças, Sávio olhou no fundo dos olhos daquela que fora, um dia, a sedutora mulher depravada que o usara e que, depois, o envenenara, e disse:

- Estou vivo, Fúlvia. E posso lhe dizer que meu sentimento por você sempre foi muito sincero - e prorrompeu numa avalanche de lágrimas que não conseguiu mais conter.

- Sávio, eu não sou digna de suas lágrimas. Eu o matei - falou Fúlvia, envergonhada, tentando despertar no moço uma reação de raiva que justificasse um ódio que ela achava que merecia receber dele, depois de tudo o que havia feito para prejudicá-lo.

- Nós nunca morremos, Fúlvia. Nem os nossos sentimentos são assassinados pelo veneno que mata nossos corpos - falava, soluçando, aquele soldado transformado em uma carente criança.

Fúlvia nada pôde dizer-lhe, a não ser estender sua mão imunda e colocá-la em seus cabelos, num afago sincero. Era o primeiro gesto de carinho depois de muitos e muitos anos de vida dissimulada e falsa.

Sabendo que não poderia permanecer muito tempo ali, Sávio levantou-se para que Zacarias pudesse continuar.

Vendo a reação favorável que o encontro com Sávio produzira no seu interior, uma mistura de vergonha e ternura, Zacarias aproveitou o momento para continuar as apresentações.

- Filha, nós sempre nos reencontramos com nossos fantasmas, ainda que nossas vítimas, fora de nós mesmos, nos estendam o seu generoso perdão.

- É verdade, generoso ancião. Sinto que meu ser depravado e rebelde está carcomido por remorsos e medos que me acompanharão por muito tempo. E se me encontro no reino dos mortos como me julgo encontrar, diante de algum tribunal que avaliará meus atos, creio que me reservaram a cruel posição de Juíza de mim mesma, fazendo o desfile de minhas atrocidades.

- Perante a lei do Universo, filha, é isso mesmo o que acontece. Somos réus, acusadores e juízes, sem que o Pai tenha que se conspurcar nos fazendo o mal. Nós somos os que nos prejudicamos, sem que Deus tenha participação nisso, a não ser para atenuar nossos males.

- Deus? Quem é esse? Para mim Júpiter sempre foi o maior e o soberano. Nunca me concedeu muitos favores, os quais eu tive de escavar com meus próprios talentos, dando uma ajudazinha.

- Mas a sua realidade atual demonstra o quanto você mais se prejudicou do que ajudou, não é?

Fúlvia calou-se, pensando nas inúmeras vezes em que perseguiu e prejudicou.

Vendo que a entidade ferida se voltava para seus próprios atos, Zacarias voltou a lhe dizer, paternal:

- Há mais alguém que eu gostaria de lhe apresentar, como sua vítima, conforme você mesmo desejou conhecer.

- Ah! Não... eu não estou mais aguentando tudo isso.

- Tenha paciência. É necessário que você as conheça para que possa deliberar melhor sobre o seu futuro.

Falando assim, Zacarias endereçou o olhar para Lívia, que estava mantendo a vibração ao redor de Fúlvia.

Entendendo que havia chegado a sua oportunidade de hipotecar suas energias àquela alma debilitada, a esposa de Públio acercou-se e, antes de qualquer pedido de Zacarias, ajoelhou-se ante Fúlvia e tomou-lhe as mãos entre as suas e disse, sorrindo ternamente:

- Fúlvia,... sou eu,... Lívia.

Se um raio tivesse caído sobre Fúlvia, o efeito não teria sido mais devastador.

Encolhida em um canto, tentando fugir da visão que tinha ante seus olhos, Zacarias sustentou o espírito fraco daquela mulher que, agora, era levado ao reencontro com os seus próprios atos.

- Por favor, você não. Sávio era um jovem amante, desejoso de aventura como eu, afoito e apaixonado, mas... você...

Suas palavras, agora, eram de desespero.

Num relance, Fúlvia se lembrou de tudo o que fizera com aquela mulher, desde os dias em que os acolhera em sua casa, na Jerusalém de muitas décadas atrás.

A discriminação mesquinha e mal disfarçada que nutria por causa da enfermidade da filha de Lívia; a presença de Públio, o marido, importante e cobiçado pelos seus olhos cúpidos; a perseguição que empreendera na tentativa de destruir-lhe a reputação de mulher virtuosa no conceito do marido; a cena entrevista do parapeito de uma janela, na qual Lívia deixava os aposentos privados de Pilatos, graças à qual contaminara o afeto de Públio e lançara a desarmonia em seus espíritos; a perseguição a Flávia, a filha do casal Públio e Lívia, através da traição favorecida por ela, nos encontros que patrocinara entre Plínio, marido de Flávia e Aurélia, sua própria filha.

O rol de maldades era extenso e, ao contato com Lívia, todas vieram à tona em suas lembranças.

- Não, generoso ancião, não permita que esta mulher se aproxime de mim, pois o ser angelical não merece conspurcar-se com a maldade do ser infernal que fui e que sou. Liberte-a dessa obrigação. Não permita que os males que já produzi contra essa mulher inocente se multipliquem em seu coração.

Falava em desespero, agitada, lutando contra sua própria natureza, geralmente altiva e irônica, corroída pela força do remorso que lhe mantinha uma fornalha no cérebro, requeimando as entranhas do coração.

Tentava arrancar os cabelos, afastando as suas mãos do contato direto das mãos de Lívia.

Naquele momento, o coração maternal desse espírito nobre e preparado para o verdadeiro amor que era Lívia, transformaram-na em uma estrela rutilante.

Seus olhos azuis brilhavam como diamantes celestes incrustados nas órbitas pálidas de uma pele límpida e cetinosa.

A luminosidade de seu peito se projetava sobre Fúlvia inundando-Ihe a imundície pessoal e asserenando-lhe as dores físicas e morais.

- Somos irmãs, Fúlvia. Não estou aqui para acusá-la de nada, mas, apenas, para estender minhas mãos a fim de que você não padeça na solidão de seu arrependimento. Estou ao seu lado, pedindo a Deus e a Jesus por sua recuperação.

- Esse Deus há de ser muito poderoso para dar conta de recuperar uma criatura miserável como eu - gritava, descontrolada de dor, aquela alma envergonhada, ante o contato da Bondade que a visitava sem acusação.

Eu não tenho conserto. Deixem-me ficar aqui e me ajudem a cavar um buraco mais fundo para me projetar nele a fim de me esconder dos atos nefastos que cometi. Você era inocente, Senhora, e eu sabia disso. Fiz o mal para sua família, para seu marido, para sua filha, tudo de caso pensado, medindo meus atos, tramando meus passos. Não há pedido de perdão que consiga abarcar o tamanho de meus erros...

E tocada de ternura e luminosidade, Lívia dominou-lhe as mãos carinhosamente e rematou:

- Não estamos aqui esperando que nos peça perdão, Fúlvia. Viemos aqui para cobrar mais do que um simples pedido de desculpas. Você tem razão quando diz que o pedido de perdão é insuficiente para compensar os equívocos do passado. Queremos mais do que isso.

E vendo que Lívia estava falando de maneira mais franca, como se estivesse declarando o verdadeiro motivo daquele encontro, Fúlvia animou-se a perguntar:

- Diga-me, Senhora, por caridade, diga-me o que você e estes outros querem de mim, o que eu devo fazer para pagar as contas que acumulei. Eu sei que ninguém ajuda ninguém de graça. Peçam o que vocês desejam...

- Irmã, querida, nós queremos não o seu pedido de perdão. Nosso preço exige você inteira. Nós queremos você, Fúlvia. Desejamos a sua alma que haverá de ser valorosa e vitoriosa para esse Deus, que você ainda não conhece, mas que nos ama a todos, sem distinção. Esse é o nosso preço e viemos cobrá-lo. Não sairemos daqui sem carregá-la como o nosso tesouro, como a paga que você nos deve por tudo o que fez contra si mesma.

A palavra inspirada de Lívia havia emocionado Fúlvia que, por força de seus vícios negociais terrenos, estava esperando outro tipo de cobrança.

Agora, suas lágrimas eram de gratidão sincera àquela mulher generosa, verdadeiro anjo daquele Deus desconhecido.

Olhando-se por dentro, sentia mais vergonha ainda.

E sem desejar ocultar nada mais de ninguém, Fúlvia respondeu a Lívia:

- Senhora, minha miséria me impede de ser um pagamento decente. Pesam sobre mim muitos crimes que não consegui deslindar até este momento.

Aqui encontrei três de minhas vítimas. No entanto, são bem mais numerosas aquelas que receberam as minhas misérias. Pilatos, que tentei matar, Sávio, que envenenei cruelmente, a Senhora de quem estraguei a felicidade, estão aqui...

Fúlvia fazia um esforço sobre humano para confessar-se. Suas palavras eram entrecortadas de soluços e sua respiração ofegante demonstrava o quanto lhe custava seguir adiante com aquilo. Havia conseguido sentar-se sem precisar da ajuda direta de Zacarias, que, até ali, a estava sustentando como apoio.

- No entanto, Senhora, não posso sair daqui, porque há mais gente que deverá me procurar para cobrar pelos meus erros, neste antro onde me projetei.

- Não, Fúlvia, nossos equívocos marcam nosso coração. Eles nos perseguem porque estão sempre conosco aonde vamos. Não precisa esperar por mais ninguém.

E dirigindo-se a Zacarias, pedindo-lhe a ajuda paternal para que ele convencesse Lívia, Fúlvia solicitou:

- Generoso paizinho, se posso chamá-lo assim, depois de tanto tempo na Terra vivendo sem saber o que fosse o amor de Pai ou de Mãe, diga à Senhora que não posso me ausentar daqui até que a outra vítima deste drama me busque para me acusar. Lembro-me de que quando mandei matar Pilatos através de Sávio, a sua ação frustrou-se porque um outro bebeu o veneno em seu lugar.

Foi mais um inocente que eu matei e que tem o direito de vir solicitar a vingança e infundir-me o sofrimento que eu mereço. Enquanto isso não acontece, não posso pensar em sair daqui. Explique para ela, paizinho, que não é má vontade minha. Minha culpa não me permite. Não quero mais cometer crimes e não enfrentá-los.

Fúlvia não conseguia mais expressar-se.

Lívia, compreendendo o que se passava, observou que os olhos de Zacarias brilhavam de maneira diferente, deixando escorrer gotas diamantinas, enquanto o sorriso paterno se mantinha plácido e generoso.

Solicitada insistentemente pelo olhar de Fúlvia, Lívia sabia que a mulher desejava sua resposta, compreendendo os seus motivos.

Envolvida pelo magnetismo elevado daquele instante, Lívia respondeu, carinhosamente:

- Pois então, minha irmã querida, não há mais motivo para que esteja neste antro, como você mesmo o qualificou. Todas as suas vítimas, envolvidas neste drama, já estão aqui e pedem o mesmo preço pelos seus erros.

- Como assim, Senhora? Falta um deles, tão inocente quanto a Senhora mesma, vítima do meu veneno...

Então, Lívia dirigiu o olhar para Zacarias que, elevando uma prece silenciosa a Jesus em favor da alma de Fúlvia, ia se transformando em um Sol, iluminando a todos com seu coração imenso e generoso. Sem dizer mais nenhuma palavra, levantou a destra e apontou para o ex-sapateiro, mostrando quem era a sua última vítima Fúlvia, em silêncio, seguiu o olhar e o gesto de Lívia, entendendo que seus olhos apontavam para aquele que morrera graças à ação do seu veneno.

Quando Fúlvia conseguiu virar seu corpo e vislumbrar o espírito de Zacarias, entendendo que ele era a vítima que faltava chegar, transformado naquele astro rutilante e humilde, não conseguiu mais se controlar.

Estava vencida pela vergonha, pelo arrependimento, pelo Amor que se importava tanto com ela, apesar do que havia sido. Entre soluços amargos, quase num transe de dor e agonia, Fúlvia balbuciou, com a voz fraca dos vencidos e sem forças:

- Levem-me daqui... Anjos desse Deus que desconheço, eu vos pertenço para sempre. Meu paizinho, aceite-me como o lixo que sou e me transforme com o seu Amor que desconheço. Sei que já morri mas quero morrer novamente. Quero nascer limpa. Quero ser outra pessoa. Quero parar de ter medo de mim mesma. Ajudem-me com esse poder que nunca vi em nenhum lugar e não consigo compreender... Mas levem-me com vocês. É tudo o que lhes peço, sabendo que não tenho qualquer direito de pedir alguma coisa.

E dizendo isso, sofreu um desmaio, como se seu desespero só encontrasse remédio no anestesiante sono que a afastasse de si própria.

Fúlvia dormia, agora, o sono libertador de todas as culpas, depois da árdua luta contra as suas tragédias morais. Começaria uma nova etapa em sua vida.

Entendendo a importância daquele momento, Zacarias ergueu-se do solo carregando o precioso fardo deformado e vencido e depositou-o nos braços de Lívia que, em lágrimas de gratidão, beijou-lhe a fronte com enternecimento, como se estivesse acarinhando uma filha de sua própria alma.

Estavam prontos para sair dali.

17

A VEZ DE LULPÍCIO

Terminada a operação na qual o Amor e a Bondade, representados pelos abnegados servidores de Jesus, haviam reiniciado o processo de enfermagem daquelas duas almas, que se permitiram adoecer tão gravemente pelo exercício de seus desejos e prazeres sem freios, era necessário que todos saíssem daquele recinto obscuro e se dirigissem até a pousada de Sávio, de onde partiriam para os planos mais elevados.

Zacarias, dirigindo o grupo, elevou singela oração a Jesus, agradecendo as bênçãos daquele reencontro e pedindo a proteção para o que seria a parte mais arriscada da operação.

Ao seu redor, os componentes da caravana se uniam em preces.

Lucílio carregava Pilatos, enfraquecido, mas lúcido. Lívia trazia o espírito de Fúlvia em seus braços, integralmente entregue ao sono. Sávio, o mais despreparado dentre eles, assustado, sabia das dificuldades que a saída daquele ambiente hostil apresentaria para todos. Cléofas se ligava a Zacarias com humildade e devotamento, tentando tudo fazer para servir de apoio incondicional aos desejos de seu tutor. Simeão se mantinha igualmente sereno, oferecendo o braço amigo aos demais para que se sentissem amparados pelo seu espírito serviçal e generoso.

Assim que terminaram a oração, Zacarias explanou seus objetivos:

- Agora nos compete levar a preciosa carga ao seu destino final. Até agora, tudo correu como havíamos planejado. No entanto, daqui para a frente estaremos em contato com os guardas a serviço de Sulpício. Não saberemos dizer qual será a reação deles. No entanto, não seria justo que saíssemos daqui sem endereçar-lhes uma palavra de estímulo e uma convocação a que mudem de comportamento e aceitem os novos rumos para seus espíritos. Quem sabe não lhes tenha chegado a hora também, não é?

Todos concordavam com aquele velhinho bondoso que, em momento algum deixava de tentar ajudar aqueles que tinha pela frente até como adversários do Bem.

Vendo a concordância, Zacarias continuou:

- Para que não tenhamos muitos problemas e para que os adversários da Verdade sejam defrontados pela força do Amor, peço que Cléofas dirija a palavra a todos quantos tentarem nos impedir de passar, seja pela sua aparência física, que já nos facilitou o ingresso neste recinto de dor, seja porque através de sua palavra, todos seremos tocados pela força superior.

Assim acertados, lá se foram, agrupados e coesos, em direção à saída.

Lá fora nada se havia alterado. O chefe Sulpício não havia voltado de sua ronda de inspeção e apenas Crasso e mais outras três entidades de mesma expressão militar se postavam ali, relaxadas pela ausência do poderoso e intimidador lictor espiritual.

Quando Crasso percebeu a saída do grupo, na frente do qual vinha Sávio, logo se colocou, amistoso, para saber como havia sido a sessão de tortura.

Ao lado de Sávio vinha João de Cléofas.

Logo atrás vinham os outros sendo que Lucílio com Pilatos e Lívia com Fúlvia vinham cercados ao centro do grupo, ladeados por Zacarias e Simeão.

- Ora, Sávio, então terminou o espetáculo dos horrores? - falou, íntimo e relapso, o guarda da caverna.

- É, Crasso, terminamos nossa função por aqui.

Percebendo, no entanto, que estavam em maior número do que quando entraram, Crasso se deu conta de que, entre eles, estavam os dois prisioneiros.

- Aonde é que vocês pensam que vão com os dois malditos? - gritou o soldado, atraindo a atenção dos outros três que vieram ver o que estava se passando.

Como Sávio se mantivesse em silêncio, Crasso continuou:

- Os presos não podem sair daqui. São ordens do Chefe. Eles não devem sequer ser retirados de suas celas. Como é que você ousa ameaçar levá-los?

- Estamos obedecendo ordens - respondeu Sávio, deixando intrigados os soldados.

- Ordens de quem? Do chefe eu sei que não são! Podem voltar com os dois para dentro agora.

E dizendo isso, apoiado pelos seus outros comparsas, Crasso deu a entender que iria usar a força para obrigá-los.

Foi aí que João de Cléofas, se apresentando ainda com a aparência de leproso, se adiantou e tomou a palavra.

Vendo a sua figura algo disforme, os quatro recuaram aterrados, sem saberem como agir naquele momento em que o dever mandava se oporem ostensivamente, mas o medo aconselhava se afastassem rápido.

Sentindo o conflito íntimo em seus corações, Cléofas começou a falar-lhes:

- Meus irmãos queridos, não tenham medo daquilo que é apenas a expressão de nossos erros. O que estão vendo é o fruto das muitas faltas que cometi e que cobraram o seu preço na forma de enfermidade cruel. Se me apresento assim a vocês é para que entendam que o mal sempre produz o mal para aquele que o pratica. Se hoje estamos aqui neste ambiente de dor e sofrimento, poderemos, amanhã, nos encontrar em outro local, mais arejado e belo do que este. Há quanto tempo que vocês não desfrutam da luz do Sol, do ar fresco, da água cristalina e pura?

Vocês se esqueceram que são seres humanos com direitos. Sendo tratados como animais subterrâneos, se afastaram da noção de dignidade e se prestam a estar aqui nesta furna, amedrontados, como se estivessem no melhor lugar do mundo.

O que estão vendo em mim é o que estão produzindo para vocês mesmos. Eu sou o que vocês serão, caso não modifiquem seus rumos e alterem as suas escolhas.

A palavra inspirada de Cléofas o inundava de energias e atingia profundamente aqueles quatro esbirros do mal, sempre tão acostumados à rotina dos carrascos, que se haviam endurecido no pensamento e nos sentimentos.

Petrificados ante o leproso, não se animavam a agir nem a fugir. Se fugissem, liberariam a passagem fácil de todos. Se atacassem, poderiam se contaminar, conforme pensavam, com a moléstia maldita.

Assim, Cléofas continuou:

- Estamos, sim, cumprindo ordens como Sávio acabou de dizer.

Nossas ordens provêm de um comandante generoso, de bondade inesgotável, de Amor Sublime, que está preocupado com os irmãos em sofrimento.

Estamos a serviço de Jesus, nosso Mestre, que está autorizando que Pilatos e Fúlvia sejam socorridos e amparados, da mesma maneira que nos permitiu estender este socorro a vocês por estarem, todos, sob as vistas amorosas desse Divino Amigo.

Com relação ao que vocês chamam de chefe, só as chicotadas que ele distribui, fartas, mantêm o temor e a submissão às suas ordens. Não percebem que nada os obriga a permanecerem aqui, a não ser o próprio medo e as culpas que acumularam? Estão no fundo do abismo e submetidos a castigos ou ameaças e acreditam que isto seja o paraíso de delícias?

Pois em nome de Jesus eu os convido a nos seguir e deixar para trás este covil onde o desespero é a única esperança, onde as lágrimas são o único alimento e onde o pavor é a única prece.

Venham queridos irmãos. Jesus nos aguarda e tem para vocês também um lugar luminoso onde suas dores estarão tratadas, suas culpas serão transformadas em bênçãos e o medo será substituído pelo Amor Verdadeiro.

E enquanto falava entusiástico e arrebatador, Cléofas relembrava suas atividades na igreja de Antioquia, de onde havia sido mandado a Roma na tarefa que culminou sua trajetória na Terra. Relembrou de Jesus, nas suas andanças nos meses que antecederam o seu martírio. Sua palavra firme e doce, seus exemplos que inspiravam os mais duros de coração. Fixou-se na coragem do Mestre, cuja bondade jamais titubeava diante do mal desafiador e arrogante e, intimamente, pedia para poder ser o modesto instrumento desse Amor grande e humilde que esculpe o coração dos que escutam e fortalecem as suas decisões para trilharem novos rumos.

A lembrança de todas estas coisas, unida a uma capacidade de sentir o Amor Verdadeiro, começou a transformar Cléofas que, de leproso apagado, passou a rutilar como uma estrela luminosa, acendendo aquele ambiente e assustando ainda mais os ouvintes atônitos.

Desapareceram-lhe as marcas e as feridas, refizeram-se os tecidos e o semblante se tornou de uma beleza invulgar e desconhecida. Remoçara como que por um milagre. Seus cabelos se tornaram encaracolados e de um dourado luminoso. Seu rosto assumiu a forma de um rapaz de energia e força, coragem e destemor, aureolado por tal claridade, que seus próprios amigos se surpreenderam.

Do alto, novas luzes se projetavam sobre eles naquele momento tão importante.

Vendo a transformação maravilhosa, três dos quatro soldados se prostraram de joelhos, trêmulos e chorosos, dizendo em altos brados que aceitavam sim a convocação que lhes era dirigida.

Realmente estavam cansados de tantos males sem qualquer vantagem positiva; sentiam falta de algo diferente que lhes desse um motivo maior para viverem; tinham saudades de criaturas amadas que há muito não encontravam; queriam ser felizes e não sabiam como. Haviam aceitado aquele tipo de vida porque era a única coisa que sabiam fazer quando de sua última encarnação. Haviam sido soldados e se mantinham assim, achando que o Além era um grande destacamento militar, usando cada um na função que tinha desempenhado na Terra, quando vivo no corpo de carne. No entanto, estavam cansados daquele tipo de experiência.

Somente Crasso se mantinha firme, inflexível, no posto onde fora colocado pela ordem direta de Sulpício.

Vendo a capitulação dos outros três, Cléofas caminhou em sua direção sem que Crasso o impedisse, já que estava como que hipnotizado e igualmente amedrontado por tamanho poderio que nunca vislumbrara em lugar algum.

Chegando até os três, Cléofas ajoelhou-se com eles e lhes disse:

- Bendito são vocês, meus irmãozinhos. De hoje em diante, uma nova jornada os espera. Levantem-se para que suas próprias pernas os dirijam para a felicidade que os aguarda.

E dizendo isso, ergueu os três e os levou até o grupo que, igualmente encantado e em oração sincera, estava nimbado de luzes espirituais.

Incorporaram-se ao contingente e, como não desejassem enfrentar o olhar reprovador de Crasso, mantinham-se cabisbaixos.

Ao ver-lhes a deserção, Crasso explodiu em ameaças:

- Malditos ingratos, vocês estão traindo o chefe. Ele não vai deixar as coisas desse jeito. Vai perseguir a todos até que os traga de volta para cá. Seu ódio será maior e o sofrimento que vocês experimentarão será igualmente inesquecível.

Crasso tremia e estava à beira do descontrole.

Vendo-lhe o esforço hercúleo para não se trair, Cléofas dirigiu-se a ele que, espada em punho, não sabia como agir.

Chegando mais perto, o iluminado pregador dirigiu-lhe a palavra, bondoso.

- Por que se apega à espada quando ninguém daqui o está querendo ferir? Veja, minhas mãos estão vazias.

- A espada é a minha defesa e a minha única arma - gritou Crasso descontrolado.

- O meu coração é a minha arma e a Bondade do Cristo é minha única defesa, meu irmão - respondeu Cléofas que, a esta altura, expelia fagulhas de luz na direção de todos e, em especial, na de Crasso.

- Afaste-se de mim, feiticeiro maldito, pois não terei nenhum receio em atacá-lo.

Ante a ameaça desesperada do soldado, Cléofas se tornou mais incisivo ainda.

- Pois eu lhe ofereço meu coração para que me fira com sua espada, meu irmão.

E dizendo isso, abriu os braços e começou a caminhar na direção do soldado.

Crasso não sabia o que fazer. Estava desesperado, avassalado por uma força que jamais conseguira imaginar que existia.

Seus braços pesavam, sua cabeça girava, seus sentimentos estavam num turbilhão e, sem saber o que fazer, ante a aproximação ainda maior daquele ser luminoso, outra alternativa não lhe restou do que abandonar a espada e sair em desabalada correria a fim de não acabar caindo na mesma condição dos outros três.

Vendo-lhe a fuga, Cléofas elevou a Jesus a oração por aquele irmão que se ausentava temporariamente, rogando-lhe que a semente que fora plantada pudesse germinar o mais rápido possível.

Regressando ao grupo, Cléofas recebeu o afago paternal de um Zacarias sorridente e feliz pelo desempenho daquele a quem tratava não como seu tutelado, mas como seu amigo verdadeiro.

Por fim, o caminho estava livre e mais três irmãos aflitos haviam aceitado a palavra de Amor.

Zacarias se lembrara dos tempos de sua peregrinação a Nazaré, na qual a mensagem de Jesus havia chegado a muitas pessoas e despertado muitos corações que se incorporavam, espontâneos, ao grupo dos agentes do Bem. Lembrou-se de Caleb, o velhinho que fora o primeiro a ser curado naquela cidade. De Judite, a esposa traidora resgatada do prostíbulo e transformada em serviçal do Amor; rememorou a figura de Saul, irmão de Cléofas e dono da estalagem que lhe dera abrigo e se incorporara à caravana a caminho de Cafarnaum, quando do regresso.

Sempre que a caravana do Amor saía a espalhar sementes, trazia ao regressar mais do que havia levado ao partir.

Livres, enfim, de qualquer obstáculo, tomaram o rumo da estalagem de Sávio, nas periferias daquele local escuro, onde todos os que haviam se comprometido no erro, agora, eram convocados a retificar seus caminhos, ajudando-se mutuamente.

Depois de terem partido para o rumo conhecido, Crasso regressou ao seu posto, totalmente perturbado e em quase desespero.

Havia deixado que os prisioneiros partissem. Havia perdido mais três soldados da guarda e não tivera coragem de usar a poderosa espada contra os invasores.

Isso seria o seu fim, diante de Sulpício.

Pensou em fugir dali, mas não tinha para onde ir e seria facilmente encontrado pelos asseclas do chefe cruel.

Assim, resolveu pensar em alguma estória e esperar a chegada do lictor, o que não demorou muito para acontecer.

Tão logo chegou o antigo braço direito de Pilatos, Crasso se viu na obrigação de contar o que havia ocorrido.

Informado da perda dos prisioneiros, Sulpício foi acometido de uma crise de fúria das piores que já haviam presenciado.

Sua fisionomia tornou-se animalesca, enquanto que babas esverdeadas escorriam pelos cantos de sua boca, transformada em um vulcão de impropérios.

Sem esperar maiores explicações, retirou o chicote que usava com facilidade e constância e passou a golpear o soldado irresponsável com fúria descontrolada.

Ao seu lado, uma escolta de soldados que o seguia pelos caminhos, assistia aturdida e intimidada, a reação animalesca de seu líder, sem que esboçassem qualquer atitude.

- Onde estão os presos, seu verme inútil, miserável? - vociferava Sulpício, animalesco. Vamos, responda, covarde!

E vendo que o descontrole do chefe só aumentava, Crasso sentia a necessidade de explicar o que se passara na sua ausência.

- Senhor, meu senhor, eu tentei impedir que eles fossem levados, mas os que vieram aqui, trazidos por Sávio, nosso conhecido, eram feiticeiros que controlavam forças maiores do que as minhas. Falavam que estavam obedecendo ordens de um tal de Jesus, de quem eu nunca ouvi falar...

- Feiticeiros coisa nenhuma! - gritou Sulpício. - Você é que é um covarde e um fracote.

- Não, meu senhor, tanto é verdade, que conseguiram levar os outros três soldados que estavam comigo. Só eu resisti aos sortilégios deles... por fidelidade ao senhor.

A afirmativa de Crasso lhe parecia lógica. Realmente, os outros três não estavam ali. Ele foi o único que restara.

No entanto, constatando o fato de ter perdido os prisioneiros e mais três soldados, Sulpício espumou ainda mais.

- Você falou que um tal de Sávio estava com eles? Quem é esse sujeito?

- É um soldado que já esteve aqui com a sua autorização, levando comida aos prisioneiros. Parece que tem uma guarita de observação não muito longe daqui.

- Outro maldito traidor. Estou cheio de traidores ao meu redor... - e falando assim, estalava o chicote indiscriminadamente sobre quantos estivessem por perto.

Determinado a não deixar as coisas desse jeito, Sulpício ordenou que todos se postassem para a busca frenética dos fugitivos que, quando recapturados, seriam exemplarmente punidos.

Crasso iria com eles à procura da tal guarita de Sávio, nome pelo qual eles identificavam aquele local onde o ex-soldado se mantinha, em tarefa de apoio avançado que a Bondade organizara no antro da maldade.

A excursão barulhenta e tumultuada tomou o rumo do local indicado por Crasso e, depois de longo tempo de trajeto, à distância puderam observar as modestas instalações feitas de um material parecido com capim seco.

- É ali. Vamos rápido. Há luzes acesas. Eles devem estar lá.

A euforia de Sulpício fazia com que ele não se desse conta de que, ao redor da modesta habitação, os espíritos responsáveis pelo resgate haviam instalado barreiras de defesa e proteção magnética, o que impedia o avanço e o ataque dos integrantes da turba de Sulpício.

Por isso, ao se aproximarem mais daquele pequeno núcleo, todos se viram forçados a interromper o avanço, já que sentiam o corpo fisgado por coriscos elétricos desconhecidos, alertando-os para que não avançassem.

Sabendo que se tratava de uma barreira de força, Sulpício passou a gritar impropérios lá de fora, no que foi seguido por todos os seus asseclas, menos por Crasso que, algo diferente, mais e mais se espantava com aquele tipo de poder que ele não havia visto nunca pela frente.

- Bandidos, ladrões, assaltantes, devolvam-me o que me pertence - bradava Sulpício.

O silêncio era a resposta que deixava o lictor ainda mais irritado.

- Venham aqui para fora, corja de safados, e me enfrentem cara a cara - desafiava.

Os integrantes da caravana, recolhidos ao pouso de Sávio, permaneciam orando e pedindo a Jesus os amparasse, revestidos de calma e confiança que lhes infundia serenidade.

Foi aí que, envolvidos por essa característica, Zacarias dirigiu-se a Simeão e o convocou:

- Esta é a sua vez, meu irmão querido.

- Entendo os desígnios de Jesus, Zacarias, e muito lhe agradeço a oportunidade de rever o irmão de outros tempos.

- Estaremos juntos de você.

Falando assim, convocou os demais, com exceção de Sávio e de Lucílio, que deveriam cuidar dos recém-resgatados, para que saíssem daquele tugúrio e auxiliassem a tarefa de Simeão, no momento em que as luzes de Jesus seriam apresentadas ao ex-lictor de Pilatos.

Lá fora, os acompanhantes de Sulpício exultaram quando perceberam que o pequeno grupo de espíritos deixava o interior.

Zacarias, Simeão, Lívia e Cléofas ali se postavam para os embates daquela hora fatídica.

O número era muito pequeno perto dos mais de trinta seguidores de Sulpício.

Aquela seria uma batalha fácil, segundo pensavam os iludidos agentes da sombra.

Não estavam contando com a força da Bondade.

18

FORÇAS MAJESTOSAS

A balbúrdia aumentara significativamente ao redor daquele pequeno e modesto pouso de esperança encravado nas trevas densas.

À medida que as proteções luminosas tinham sido estendidas à volta da pequena choupana, a luminosidade havia despertado muitas entidades que podiam ver as emanações da claridade e, desse modo, vinham de longe, buscando a ajuda que imaginavam estar disponível.

Na verdade, a maioria tinha o desejo de se livrar da dor que as consumia sem, contudo, melhorar-se como deveria. Imaginavam, como imaginam os encarnados no mundo que, apenas desejando vencer o mal, com intenções improvisadas e declarações verbais se obtém a necessária senha para ingressar no reino da virtude.

As pessoas, quando encarnadas, costumam iludir-se, entregando-se a rezas e a religiões, acreditando que elas bastarão para que se garanta o Reino de Deus.

Assim, ao divisarem a luminosidade que, em qualquer lugar do Universo sempre representa a presença da Verdade e do Amor, acorriam da vasta região escura, milhares de criaturas, rastejantes, disformes, aleijadas, entorpecidas por décadas ou séculos de angústias, vitimadas por suas próprias tragédias morais.

Verdugos seguiam suas vítimas sendo, ambos, atraídos pelas novidades daquele cortejo que tomava a direção daquele pequeno e distante ponto luminoso.

Era a turba de curiosos, desesperados, insanos, dementados, rebeldes, religiosos de todos os credos, homens e mulheres despidos e entorpecidos pela busca desenfreada das práticas sexuais degeneradas a que se entregaram e que acabaram por desfigurar-lhes por completo a estrutura vibratória.

O contingente não conseguiria se aproximar até as barreiras de energia, pois as forças radiantes, à medida em que iam chegando mais perto, começavam a atuar sobre eles de tal maneira intensamente, que todos se deixavam quedar a certa distância por não conseguirem se aproximar mais dali. Em cada indivíduo, de acordo com suas características pessoais, a intensidade das vibrações ao redor daquela casinha lhe chegava exatamente no foco de suas fraquezas e de seus compromissos, fazendo com que as sensações que nutria sem o sincero desejo de delas se libertar, se tornassem como algo incandescente, algo que lhe requeimasse, piorando-lhe o estado e demonstrando-lhe onde estava o seu problema principal.

Assim, os criminosos não redimidos passavam a sentir as luzes penetrando-lhes as partes físicas utilizadas para a prática de seus delitos, levando-os ao desespero. Mãos assassinas, mentes astutas, boca caluniadora, olhos cruéis, tudo se tornava esfogueante e cáustico, impedindo que continuassem adiante.

Aos descuidados, que se conspurcaram com o excesso de prazeres carnais, as tenazes incandescentes da consciência voltavam-se, aumentadas pela força luminosa daquele encontro, para as áreas ligadas aos centros genésicos que, neles, ainda se encontravam ativados por força da fixação mental que seguia estimulando a área sexual de seus perispíritos.

Os que tinham ódios ou sentimentos de crueldade, sentiam a dor piorada na altura do peito, como se uma flecha de fogo lhes houvesse rasgado o ser e atingido o coração, incendiando-o de um fogo que não havia como apagar.

Assim, cada grupo ou indivíduo ia parando pelo caminho, na altura em que as suas forças não conseguiriam mais suportar o contato com a luz da Verdade.

De nada adiantava gritar palavras de súplica.

Religiosos faziam sinais cabalísticos. Alguns ajoelhavam-se, outros invocavam as forças a que estavam acostumados se dirigir quando das práticas religiosas que adotaram na Terra.

Sacerdotes dos cultos pagãos, membros diversos das agremiações religiosas, médiuns de vários caminhos, pitonisas, videntes, pessoas pertencentes a sociedades secretas, praticantes de rituais mágicos ou de feitiçarias, religiosos vários, todos se congregavam naquela Torre de Babel na qual desejavam demonstrar e convencer que a sua era a verdade a ser imposta sobre a dos demais.

Era um conclave de esfarrapados da alma que não tinham mais do que farrapos para usar como argumentos.

Todos haviam traído Jesus ou seus princípios em seus caminhos. Todos tinham praticado obras da iniquidade. Todos tinham desejado se valer do caminho religioso para encontrar, através dele, a porta larga, recusando-se a enfrentar a porta do sacrifício, do devotamento, da pobreza, da renúncia, do testemunho moral para que o Cristo que traziam nas palavras, se espelhasse em suas atitudes.

Como pastores indignos que exploraram o rebanho que deveriam proteger e que enriqueceram à custa da credulidade alheia, pregadores que se permitiam os vícios mais baixos, afastados da elevação daquilo que pregavam ali se achavam reunidos, assim como médiuns falidos, homens e mulheres vaidosos que desejaram fazer de suas faculdades picadeiro para enaltecimento pessoal, entregando-se a rituais mentirosos e iludindo a boa fé dos desesperados, fazendo leitura de sorte, prevendo futuro, cobrando dinheiro para fornecer a consolação aos caídos do mundo.

Estes últimos, por terem partilhado da realidade do mundo invisível, eram os que estavam mais alucinados e necessitavam de mais auxílio, pelo estado depauperado que ostentavam.

Tinham se aproximado mais da fonte das bênçãos e a conspurcaram com suas práticas nocivas, sujando a sua pureza com a lama de suas intenções.

Assim, a região onde se localizava o tugúrio de Sávio foi ficando coalhada de necessitados que se aglomeravam, sendo que o grupo de Sulpício se mantinha a poucos metros da entrada principal, parecendo que, para eles, os raios luminosos não os atingiam como acontecia com os outros.

Somente quando se postaram nas fronteiras da barreira magnética é que não conseguiram vencer-lhe a potência, detendo o avanço e começando a gritaria.

Outros soldados, além dos trinta de sua comitiva, atraídos pelo espetáculo inusual naquela região, se ajuntaram ao grupo, prestando solidariedade àquilo que lhes parecia ser a reedição de um batalhão ou de um pelotão romano.

Serenamente, os quatro mensageiros do Amor deixaram a casinha que se localizava em pequena elevação do terreno e começaram a descer na direção das linhas de energia.

- Lá estão os bandidos! - gritou Sulpício. Venham aqui, seus covardes miseráveis! Ladrões e sequestradores! Venham até aqui se é que têm coragem!

- Isso mesmo, bando de traidores - gritava outro aliado de Sulpício, nos naturais processos de bajulação que, nas trevas, também existem.

- Vamos arrasar o esconderijo deles - propunha outro, desejando ser mais contundente que o anterior na solidariedade àquele que chamavam de chefe.

Sem se deixarem perturbar por aquela cena que, aos olhos de Zacarias, Simeão, Lívia e Cléofas se havia transformado numa sublime oportunidade de renovação de muitas almas, os quatro se viam envolvidos por uma força poderosa que, apesar de lhes ser visível, não era percebida pelos outros, incapacitados de se conectarem com as belezas sutis que o Amor reserva apenas aos que conseguem abrir o coração para a sua realidade.

Zacarias se dirigia aos revoltosos e, por ação dessa energia avassaladora que os protegia, a sua voz pareceu ampliar-se até os confins da Terra, tão logo proferiu as primeiras palavras:

- Querido irmão Sulpício, aqui estamos como você o desejava.

A voz estrondosa de Zacarias, para surpresa dele próprio, se fez escutar por quilômetros naquela vastidão escura e impenetrável. Parece que um grande sistema de transmissão de ondas sonoras lhe amplificava a fala para que toda a multidão ali circundante pudesse escutar o que se passava.

- Dispenso a sua saudação, velho asqueroso. Vocês me tomaram cinco peças que me pertencem.

Sulpício referia-se aos três soldados que se haviam deixado levar pela Bondade e aos dois presos que foram resgatados, nomeando-os a todos com os qualificativos que costumavam usar quando negociavam escravos. Cada um era uma peça, não uma pessoa.

- Perante Deus, somos todos seus filhos e a Ele, com exclusividade, pertencemos. Você pode apresentar os documentos que lhe garantem o direito ao que está reivindicando?

A palavra firme de Zacarias fez rilhar os dentes de Sulpício. Afinal, ele invocara direito de propriedade e, assim, lhe cabia provar que era, efetivamente, dono dos que reivindicava.

Sabia não possuir nenhum documento que o provasse.

- Não preciso provar nada. Todos os que estão aqui são testemunhas de que eu lhes sou o dono.

- Pois isso não é suficiente para que você possa solicitar, já que não pode provar que lhe pertençam como escravos.

Sulpício foi ficando nervoso, desacostumado a ser contrariado em suas ordens e arbitrariedades.

- Eu sou, por direito, aquele que pode exercer a vingança contra eles, já que os dois presos muito me prejudicaram e reivindico, como as nossas leis nos permitem, o direito de devolver-lhes o mal.

- Ora, Sulpício, são irmãos aflitos e vencidos. Não nos parecem ser criaturas que representem qualquer ameaça a você ou que tenham condições de suportar mais ódio.

- Mas tenho o direito e irei exercê-lo.

Vendo-lhe o estado de desequilíbrio, Zacarias continuou amistoso.

- Percebendo seu modo de falar, parece que você sempre foi a vítima.

- Claro, isso mesmo. Esses dois sempre me usaram, sempre se aproveitaram de mim, sempre fizeram o mal por meu intermédio - respondeu o lictor, sem esperar que Zacarias terminasse a frase.

- Mas essa alegação é algo singular, Sulpício. Estou informado que você sempre desejou exercer influência sobre eles e se orgulhava de ser o braço direito de Pilatos, o organizador de seus festins, o participador em suas orgias, ao mesmo tempo em que mantinha o próprio leito aquecido por Fúlvia que, como você tanto a cobiçara, aceitou entregar-se em troca de seus favores e sua cumplicidade.

- Mentiras, mentiras, seu velho caluniador. Eu sempre cumpri ordens e sempre fui enganado por essa corja de vampiros.

- Pois não é isso que eu conheço. Para mim, você também foi um algoz cruel e cheio de perversão sinistra. Por que, agora, não tem a coragem de se declarar como tal, se é com base nesse tipo de intimidação que você mantém a liderança sobre este grupo de pobres homens iludidos ou temerosos de sua crueldade?

Vendo que a argumentação de Zacarias estava usando de seus defeitos e de suas práticas para atingir o moral dos que o seguiam e, como o mal sempre tem receio de abrir as grades da cela onde mantém encarcerados aqueles de que se serve como cúmplices para praticar a maldade, Sulpício foi ficando ainda mais incomodado.

Sua respiração passou a se tornar barulhenta, como se profundos suspiros lhe infundissem forças para continuar falando.

- Escute aqui, meu velho, os que me seguem estão aqui porque querem isso. Sabem que estou exercendo a justiça que, por direito, meu poder me confere. Se estão por aqui é porque preferem seguir aquele que exerce a autoridade.

- Mas desde quando eles tiveram escolha? Quando lhes foi oferecido o direito de buscarem coisas melhores?

Você invoca direito de exercer a justiça. Quando na Terra, você foi lictor e sabia que tal função deveria ser exercitada com equilíbrio e correção. No entanto, junto aos poderes corruptos você os usou para corrompê-los ainda mais. Apresentando-se como cumpridor da lei, você a está desnaturando e violando. Falando de uma liderança e uma autoridade, outra coisa não tem feito do que manter estes homens sob a hipnose do medo, do estalar do seu chicote. Tanto isso é verdade que, na primeira oportunidade que seus homens puderam conhecer coisa melhor, não titubearam em abandonar o posto mentiroso que ocupavam aqui neste abismo e se dirigiram para outro destino.

Por que você precisa desse chicote se, como você diz, os seus comandados o respeitam tanto?

O silêncio era brutal. Só se escutava a palavra de Zacarias e a respiração de Sulpício.

Os homens que o seguiam nada falavam. Todos estavam aturdidos pelas exortações verdadeiras de Zacarias.

Ao mesmo tempo, alguns nunca haviam pensado em outras realidades por acharem que aquela forma de vida era a única possível, pois não diferia muito do estilo a que estavam acostumados quando da vida na Terra, em um corpo de carne.

Vendo que o ex-sapateiro estava comprometendo a sua autoridade, Sulpício se colocou ameaçador diante dele e gritou:

- Você está falando este amontoado de mentiras porque seus sortilégios o protegem. Do mesmo modo que usa sua feitiçaria para se defender, eu tenho o meu chicote que impõe a ordem e mantém a disciplina. Queria vê-lo ser e falar tudo isso na minha presença sem estas cordas que não nos deixam passar. Abra mão de sua magia, bruxo dos infernos, e vai ver como é que nos entendemos de forma diferente.

Vendo-lhe o desafio e sabendo aonde ele o deveria conduzir, Zacarias não se fez de rogado.

Levantou a mão e, em prece silenciosa que seu pensamento entretecia, pediu a proteção de Jesus naquele momento tão importante para aqueles espíritos.

Imediatamente, uma parte das defesas vibratórias que estavam bem defronte de Sulpício se apagaram.

Em uma extensão de alguns metros, desapareceu a faixa magnética para que o agressor pudesse estar diante dos enviados de Jesus.

Sulpício exultou ante aquela demonstração de ingenuidade de seu opoente.

Vendo aberta a passagem, deu os passos necessários para ingressar no perímetro outrora protegido, acreditando que os homens o seguiam de perto.

No entanto, os demais soldados estavam amedrontados com as manifestações de poder daquele ancião. Estavam fixados no solo sem darem um passo para a frente.

- Vamos, homens, venham comigo - gritou Sulpício, enquanto caminhava na direção de Zacarias, segurando o chicote em uma das mãos, com a outra mão apoiada no cabo da espada que trazia presa à cintura.

No entanto, poucos se mostraram dispostos a ir em sua companhia.

Apenas seis dos seus mais chegados o acompanharam, meio confundidos.

Imaginavam que, agora, seria fácil resgatar os prisioneiros guardados ali no ambiente da choupana.

Sulpício aproximara-se de Zacarias, arrogantemente.

- E agora, meu velho tolo, vamos logo devolvendo os meus pertences...

- Aqui não existe nada que lhe pertença, a não ser seus próprios erros, meu filho.

- Que filho que nada. Nunca tive um pai tão idiota como você.

A palavra hostil demonstrava o desejo de se colocar acima das vibrações de energia que o atemorizavam.

Sulpício nunca estivera diante de homens tão corajosos, a não ser uma única vez em sua vida.

Sabendo que seu espírito estava assimilando as forças daquele ambiente protegido, Zacarias sinalizou para que Lívia se apresentasse diante do lictor.

A nobre entidade, revestida das humildes vestes de escrava, como no dia em que estivera nos aposentos de Pilatos pedindo pela vida de Jesus, não titubeou.

A passos firmes adiantou-se e se postou à frente de Sulpício.

O susto do ex-ajudante de Pilatos foi forte a ponto de recuar alguns passos.

É que a sua consciência culpada, ainda que entulhada de preocupações outras, acusava-o de ter prejudicado aquela mulher nobre, graças à calúnia de Fúlvia a quem a sua cupidez e luxúria tanto queriam agradar e conquistar nos seus sonhos masculinos degenerados.

Vendo a figura da mesma Lívia que julgara equivocadamente, sua alma se apercebeu diante de uma de suas vítimas mais inocentes.

Para esse tipo de confrontação, ele nunca tinha pensado em alguma arma de defesa.

- Meu irmão Sulpício, que a paz de Jesus esteja em seu coração.

A saudação de Lívia não deixava dúvidas. Era a mulher que Fúlvia odiava e que ele ajudara a desgraçar com a calúnia.

Diante da palavra doce, nada respondeu.

- Você está aqui, neste momento, para receber o convite do Amor e da Bondade a fim de que deixe este caminho de sofrimento e de dor e trace outro roteiro para sua jornada de espírito.

- Não pedi conselho a ninguém - falou arrogante o servidor das trevas.

- É verdade, meu irmão. Mas não há dúvida alguma que o Bem nunca se desocupa daqueles que ama e deseja ajudar. Não são exortações que o acusem. São apenas, convites para a sua regeneração.

A palavra daquela entidade humilde lhe caía no interior como um orvalho no espírito inquieto.

- Lembre-se daquele dia em que você nos perseguiu na Samaria distante. Buscando o exercício de seus caprichos, você, que tem se declarado vítima dos outros e, sobre essa alegação, tem edificado o edifício da sua justiça vingadora, está sendo convidado a mudar seu enfoque. Duas mulheres e uma criança sendo buscadas pela sanha criminosa, que não pertencia a ninguém mais que a você mesmo.

Lembre-se de que não foi por ordem de Pilatos que você encetou aquela viagem. Foi pela sua própria solicitação, invocando os serviços prestados, a fidelidade cega, a conivência nos delitos morais do governador, que você conseguiu o que desejava. Perseguir a mim e a Ana, a quem seus desejos masculinos pretendiam dominar, foi escolha sua, deliberação sua, responsabilidade sua. Não houve nem Fúlvia nem Pilatos nessa hora. Houve apenas Sulpício.

A memória de Sulpício parecia rever os quadros daquele tempo tão distante.

A vivenda modesta de Simeão. A pobre e rústica cruz à porta. Os bancos de madeira ao redor da mesa singela onde todas as tardes se reunia o povo da redondeza para escutar as belezas do Reino de Deus da boca santa daquele ancião. Os soldados que o acompanhavam na busca a duas mulheres indefesas e uma criança. Tudo isso se foi avolumando em sua consciência, que parecia trazer do mais profundo o filme da cena como se ela estivesse acontecendo naquele mesmo minuto.

A violência da perseguição, a coragem de Simeão, a choupana da Samaria devassada pelos soldados arrogantes que lhe compunham o cortejo, a prisão do velhinho à cruz que tanto prezava para o suplício do chicote a fim de, pela força da tortura, conseguir a revelação de onde estavam escondidas as suas presas desejadas.

Relembrava do povo da redondeza que chegava para assistir aquele dantesco espetáculo. Nenhum que se permitisse tomar a defesa de Simeão naquela hora. Todos que admiravam-lhe as palavras e ninguém que tivesse coragem de colocar em prática os ensinamentos recebidos, por medo de serem sacrificados igualmente pelos violentos soldados.

Mais do que isso, ninguém que tivesse a honradez de dizer-se amigo do ancião, negando conhecê-lo para não se comprometer ante o arrogante perseguidor.

Ante tais lembranças, Sulpício estava estático.

Sua alma se encontrava inquieta e se esforçava para defender-se a fim de não fraquejar diante dos seus seguidores.

Parecia que ali, no ambiente trevoso em que todos se achavam, diante de uma modesta choupana, Sulpício se defrontava com a crueldade de si mesmo. No entanto, não desejava se deixar vencer.

Os seus acompanhantes se mantinham atônitos, esperando a seqüência dos fatos.

Quebrando o silêncio, Lívia prosseguiu:

- Outrora, Sulpício, a ignorância o levou para os caminhos do mal, vitimando pessoas inocentes. No entanto, hoje, você percebe que o mal o vitimou com mais crueldade. Suas torpezas de alguns momentos, escravizam-no há décadas, fazendo-o infeliz justiceiro do reino da escuridão. Um justiceiro que não encontra consolo, descanso, nem paz no coração e na consciência.

- Não é verdade. Eu não sou infeliz. Tenho tudo o que quero, tudo o que desejo e isso que vocês estão fazendo é um sortilégio para me enganar. É um truque para iludir os mais idiotas. Comigo não. Eu não caio nisso. Meu chicote vai estalar sobre todos vocês, colocando a todos no lugar que a justiça me incumbiu de defender.

O homem estava perdido e se perdendo ante a incapacidade de argumentar e de assumir os próprios erros.

No entanto, quando falou em usar o chicote, Simeão, com a autorização de Zacarias, saiu de trás de Lívia e dirigiu-se ao lictor desequilibrado.

Nesse momento, uma luz irradiava de seu semblante, como a fazer com que Sulpício se lembrasse e o reconhecesse com facilidade.

- Aqui estou Sulpício, para receber as suas chicotadas novamente, meu filho.

E havia uma tal inflexão de carinho nas palavras do velhinho que elas se tornavam raios luminosos que lhe saíam da boca abençoada e penetravam a atmosfera vibratória de todos os soldados que o cercavam e, em particular, a sua própria estrutura magnética.

Se a visão de Lívia o abalara nas fibras da alma, a visualização de Simeão o fustigara com mais candência ainda.

Naquela hora pensou em fugir dali. Passou a interpretar aquele encontro como uma armadilha para que fosse capturado.

No entanto, procurou acercar-se de seus seis amigos e encontrar neles o apoio magnético para não soçobrar perante aquele testemunho que se fazia palpável naquela hora.

Vendo o estado de amedrontamento que fazia com que tais homens se refugiassem uns nos outros e encontrassem a proteção nas próprias misérias, Simeão não se deu por contente e avançou para os sete.

- Venham, meus filhinhos. Como naquele dia da Samaria saudosa, aceitem meus braços de paizinho amoroso que os recolhe.

Desesperados, os homens não conseguiam sair do lugar, pois uma força desconhecida os havia chumbado ao solo.

Sulpício, amparado pelos seus comparsas mais chegados, agora que se via algo apoiado, fez menção real de usar o chicote.

Nesse momento, Simeão estacou o passo à distância suficiente para receber o flagício e, elevando o olhar para o alto, entrou em prece.

Não decorreram mais que alguns segundos e uma imensa luz se projetou no abismo e, com seus raios modelou uma cruz diamantina, como se estivesse a apoiar o velhinho que ia ser agredido naquele momento pela ignorância daqueles homens.

A cruz luminosa se mantinha de pé às costas de Simeão, como naquele dia fatídico das lembranças de Sulpício.

Os seis homens que serviam de apoio a Sulpício prorromperam em pranto de desespero.

Haviam sido os comparsas de Sulpício, aqueles seus amigos que tinham iniciado o suplício de Simeão naquele entardecer triste, mas se viram impedidos de fazê-lo por uma luz radiante que brilhava no alto da tosca cruz.

Todos estavam envolvidos pelas culpas daquele nefasto acontecimento.

A cruz luminosa, muito diferente daquela cruz rústica daquele dia, expandia-se em radiações de fulgor que nada podia igualar naquele momento em suas vidas e lembranças.

Os raios safirinos rutilavam e ela mais parecia um farol a projetar luzes na escuridão do abismo.

Simeão se mantinha unido a ela, à espera dos golpes de Sulpício.

O lictor não entendia o que se passava com ele mas, assustado, viu os seus amigos projetarem-se no solo lodoso e prostrarem-se rogando perdão àquele velhinho que haviam ajudado a matar.

Mais para fora, os outros seguidores de Sulpício se achavam estarrecidos com aquelas manifestações poderosas e desconhecidas.

Alguns, que estavam mais para trás, já tinham tratado de fugir apavorados.

A maioria, contudo, se mantinha estática, sem saber o que era medo e o que era emoção profunda.

Todos haviam escolhido o caminho do mal e sintonizado com a maldade que a ignorância de Sulpício representava. No entanto, as luzes que viam falavam de outras fontes e outras estradas.

E isso lhes serviria de refrigério.

- Vamos, Sulpício, estou esperando os seus golpes - falou paternal o velhinho.

Sem desejar parecer fraco e medroso diante de seus liderados e percebendo que os seus mais fiéis comparsas se haviam entregado ao desespero, Sulpício reuniu todas as forças que possuía e gritou:

- Eu não aceito esta mentira, esta feitiçaria e vou mostrar a todos vocês que meu chicote acaba com tudo isso.

Levantou o braço para dar a primeira chicotada em Simeão, que aguardava com os olhos brilhantes de lágrimas que não chegavam a cair.

No entanto, antes que a tira de couro agressiva cruzasse o ar pesado daquelas paragens, um raio potente que fulgurava no alto do madeiro, projetou-se sobre Sulpício e lhe atingiu em cheio o coração, como que a perfurar-lhe a roupagem grosseira e a ferir a estrutura apagada de seu espírito.

Imediatamente viu-se a luz percorrer-lhe todo o corpo de energias até então escuro porque saturado daquelas vibrações opacas e grosseiras, rasgando-lhe toda a estrutura e iluminando-o de dentro para fora, como se Sulpício fosse um abajur cuja lâmpada estivesse oculta por grossas camadas de um barro endurecido que, agora, por força da luz que irradiava por dentro, eram quebradas e dissolvidas.

O espetáculo daquela cena era inusitado.

Sulpício fora atingido pelo raio luminoso no exato momento em que iria repetir a mesma atitude de mais de vinte anos atrás.

No entanto, agora, as coisas seriam diferentes.

O algoz recebia o que a Bondade era capaz de entregar como resposta à agressão.

Ao redor, todos se viram abismados com o poderio daquela energia que, rutilante, a todos chegava e a todos convidava para a mudança necessária.

Chocado pela carga de energias renovadoras, Sulpício fora atirado ao solo, vencido.

Enquanto isso acontecia com ele, os raios mais potentes da imensa cruz diamantina iam penetrando no coração de todos os que se haviam dirigido para aquele local, mesmo no caso daqueles que tinham vindo de longe apenas por curiosidade ou sem sincero desejo de melhoria.

Em muitos pontos da turba, os raios produziam o mesmo efeito que em Sulpício. Em outros locais, os miseráveis se afastavam correndo como podiam, não desejando receber a luz e atirando-se, novamente, nas furnas que encontravam.

Mas aquele havia sido um momento tão especial na organização do bem, que melodiosa sinfonia descia do alto, inundando os ouvidos e confundindo os mais endurecidos sentimentos.

Caminhos de luzes, como raios de sol que varam as nuvens carregadas do céu, desciam ao abismo e, por eles, espíritos angelicais regressavam aos umbrais para resgatar os que se haviam deixado tocar pela emoção e pelo desejo de se elevarem na direção do Amor.

Cortejos de espíritos, que se poderiam assemelhar a anjos alados, acorriam aos núcleos onde a luz daquela cruz majestosa chegava e produzia os efeitos próprios que indicavam a aceitação sincera daquele convite.

Poder-se-ia dizer, que centenas de milhares de entidades luminosas se aproveitavam daquele momento de fé que se fazia presente nas trevas do mal, para irem em socorro dos desesperados e perdidos.

A cruz seguia rutilante e do coração de Simeão a luz seguia abundantemente, envolvendo aqueles sete irmãos fracassados ante si próprios, agora entregues ao desejo de mudarem suas vidas.

Os outros três, Zacarias, Lívia e Cléofas, emissários do Amor e da Bondade no seio das trevas, se achavam congregados ao redor da cruz de Simeão, apoiando o valoroso apóstolo da Samaria que, por sua muita fé em Jesus e para defender os inocentes, em sua última encarnação na Terra, aceitara a morte honrosa preso à cruz tosca e, por isso, agora, recebia o privilégio de iluminar-se com a cruz do sacrifício para torná-la o símbolo de amparo aos desesperados das trevas.

Depois de observar que Sulpício havia se prostrado, igualmente, junto ao solo úmido daquele local, vencido pelas lágrimas e pelo desespero diante do enfrentamento de seus próprios remorsos, Simeão dirigiu-se até ele e, paternalmente, levantou-o em seus braços acolhedores.

Olhou-o nos olhos avermelhados e lhe disse, com inexcedível carinho:

- De hoje em diante, Sulpício, você será meu filho muito amado. Estarei sempre ao seu lado e o ajudarei a descobrir as belezas de Deus que estão gravadas em sua alma.

Beijou-lhe as têmporas e recolheu-o ao abrigo onde estavam Pilatos e Fúlvia.

Os demais apóstolos do Amor recolheram, um a um, os soldados que aceitaram se converter com sinceridade, deixando que fugissem aqueles que, vendo a defecção do chefe, agora, não sabiam a quem seguir.

A grandiosa tarefa de levar a esperança aos mais desesperados havia sido concluída com a proteção superior, e os resultados mais avantajados do que aqueles tarefeiros de Jesus jamais pudessem imaginar.

Como no dia da tragédia no circo, algumas centenas de milhares de entidades dali foram retiradas e encaminhadas para as zonas de preparação para o reencarne, situadas em ambiente mais elevado, fora das pressões constrangedoras daquela zona de vibrações mentais extremamente deletérias.

Era hora de levar a Jesus os frutos do trabalho da força da Bondade, que a Ele pertenciam.

19

ESPLICAÇÕES ANTES DO REGRESSO

Reunido o pequeno grupo missionário, agora acrescido dos três novos elementos envolvidos nas tramas e delitos já mencionados, dos soldados que guarneciam a entrada da gruta que servia de prisão a Pilatos e Fúlvia e dos seis ajudantes mais diretos de Sulpício, era necessário retornar com a valiosa colheita até o celeiro de bênçãos.

No interior da pequena choupana miserável que servia de improvisada e temporária pousada naquelas paragens, Zacarias dirigia o grupo harmonioso sem necessitar exercer nenhum gesto de mando, já que todos a ele se submetiam natural e sinceramente.

Seu temperamento compassivo e conciliador era talhado para guiar aqueles que tinha sob sua responsabilidade, deles extraindo o que possuíam de melhor, valorizando a companhia, as virtudes, as qualidades de cada um e mantendo o equilíbrio entre as diferenças.

Dessa forma, ninguém ousava tomar alguma medida sem que Zacarias tivesse a iniciativa, além do fato de que o ex-sapateiro era o encarregado do Cristo para a tarefa de resgate, proteção e amparo aos integrantes daquela família espiritual debilitada pelos erros na última encarnação.

Assim, no silêncio suave do ambiente, Zacarias esclareceu:

- Agora, queridos filhos, nós devemos abandonar estas paragens já que nossa tarefa nestes sítios foi concluída.

É verdade que ainda há muita tragédia que se alberga nestes planos inferiores, mas a sabedoria do Pai as levará em conta e, diante das leis espirituais da vida, cada fruto amadurece no seu tempo. Muitas vezes, ainda que os amemos, que nos importemos com eles, que desejemos a sua elevação, espíritos há em grande número que não o desejam tanto como nós. Que não se amam como deveriam, que não se respeitam nem almejam estar em ambientes mais iluminados, comportando-se como a toupeira que, acostumada à escuridão e à umidade dos buracos onde se arrasta, pensa que ali é o melhor lugar do mundo para a sua jornada. Então, no devido tempo, cada espírito irá receber conforme o próprio amadurecimento.

Ouvindo-lhe as explicações, Lucílio perguntou interessado:

- E o emocionante cortejo de almas angelicais que visitou estas furnas, há pouco, quando do resgate de Sulpício? Não estavam elas a serviço do resgate a quem se mostrasse melhorado por dentro? Não me parecia uma missão particular em busca de determinado indivíduo como ocorreu conosco, que para cá viemos a fim de conquistarmos estes corações para Jesus.

- Sim, querido Lucílio, é verdade. A nossa é uma tarefa específica de auxílio direto a alguns espíritos. No entanto, há tarefas de resgate que, partindo do plano superior, se projetam aos abismos levando em consideração não o caso específico, mas estendendo a rede luminosa a fim de ajudar tantos quantos a ela se agarrarem.

Se não fosse assim, haveria muita dificuldade em libertar criaturas que se acham nestas paragens em condições de dor e sofrimento há muitos séculos, dominadas mentalmente por outras entidades ainda mais enceguecidas.

Por este motivo, a Bondade de Deus e o carinho do nosso Mestre permite que, de tempos em tempos, a caravana luminosa de entidades devotadas ao resgate nas regiões da treva mais densa estenda o seu convite aos abismos a fim de que aqueles que demonstrarem em si as condições indispensáveis para serem recolhidos, possam ser ajudados e levados aos planos melhores.

Em nosso caso, por estarmos diretamente ligados aos planos superiores no resgate de nossos irmãozinhos queridos e por Sulpício liderar um grande número de indivíduos que mantinham estas regiões sob o domínio do medo e da intimidação, ao se conseguir resgatar o cérebro das operações inferiores, os seus comandados não saberiam como agir, ficariam aparvalhados, como alguém que deixa o estado de sono profundo e não sabe o que está acontecendo, onde se encontra, por que está ali.

Rompidas as linhas do domínio mental, espécie de encantamento negativo produzido pelo mal, o castelo de cartas desmorona e os até então encantados se veem sem rumo a seguir, caindo em si, mas sem saber como dar seguimento às próprias vidas.

A missão do bem nunca é deixada ao desamparo e nunca desce ao abismo para salvar apenas aquele a quem se dirige de maneira direta. Se fosse assim, não seria a missão do Amor e sim a do exclusivismo egoísta. Não nos compete estabelecermos juízos de merecimento sobre a possibilidade ou não de resgatarmos este ou mais aquele.

Para nós, o que importa é lançar a rede de Amor para que, aqueles que se deixarem tocar por ela possam escolher outros caminhos para seus passos.

A questão do merecimento ou não, da possibilidade ou não de ser resgatado dos abismos pertence a Deus, a sabedoria por excelência, e se o mais miserável dos miseráveis aceitar o nosso convite, depois de milênios envergando as feridas do ódio, esta é uma conquista que pertence ao coração amoroso do Pai que saberá o que fazer com aquela alma que se resgata.

O problema é de Deus e não nosso. A nossa tarefa é levar-lhe a preciosa carga que o Seu Amor, por nossas mãos, resgatou destes sítios.

Não somos juizes das virtudes alheias ou censores de seus defeitos e deslizes.

Somos apenas seus irmãos, que nos preocupamos com eles, e desejamos ajudá-los a que acordem para a própria verdade.

Dessa forma, Lucílio, quando Simeão se postou lá fora, diante daquele que lhe fora o algoz violento, relembrando os momentos em que perdera a vida física ao pé da grande cruz na Samaria de ontem, o símbolo tosco de outrora transmutou-se em luminoso sinal de esperança, maneira pela qual, certamente, Jesus respondia ao nosso esforço de iluminar as criaturas nestas paragens, o que não conseguiríamos fazer em abundância sem sua ajuda devido às imensas limitações de nossos espíritos.

Se levantássemos a voz para pregarmos o Reino de Deus, receberíamos uma saraivada de impropérios, pedradas, dardos venenosos que nos seriam desferidos pelos próprios infelizes.

No entanto, os métodos do Amor para as causas coletivas são muito mais belos que um discurso repleto de palavras luminosas.

Jesus não se preocupa em falar, apenas. Primeiro ilumina para que oriente os passos. Depois de estabelecido o foco que atrai pela esperança que comunica aos mais endurecidos, que eles mesmos podem constatar através das sensações pessoais e que, por si próprios, se deixam atrair, aí chega o momento da palavra como semente na terra preparada pela charrua luminosa da Bondade.

As forças que nós acendemos ao redor desta choupana já serviram para iniciar o processo de resgate coletivo, atraindo almas desditosas que sabem que a Luz significa Esperança e Auxílio.

Como mariposas atraídas pela chama, arrastaram-se milhares de espíritos aflitos, clamando o perdão e a consideração do Alto para suas dores.

E se é verdade que entre eles, boa parte se contava entre entidades mentirosas e aproveitadoras, maliciosas e espertas, outra parte era composta de espíritos cansados, desiludidos, desarvorados, sem forças para lutar, vitimados pelas induções vibratórias que os dominavam.

Assim, para todos quantos o sentimento se havia transformado, as luzes eram importantes sinais que deveriam tentar seguir, única esperança de deixarem as tragédias para trás.

Nesse sentido é que a luz da cruz que se acendeu em amparo ao exemplo de Simeão, expendia suas fagulhas diamantinas para todos os lados e chegava a todos os espíritos que se haviam deixado atrair para estas paragens, sendo certo que, naqueles onde o desejo de subir e elevar-se era sincero, a luminosidade aconchegou-se em seu íntimo e os espíritos missionários chamados de "os visitadores das trevas", podiam identificá-los facilmente, dado o caráter sincero de seus desejos.

Atentos a tais explicações, Sávio interrompeu, delicado, e acrescentou:

- E os que não pertencem ao número dos sinceros, paizinho?

- Estes, meu filho, não se deixam iluminar de verdade no centro do coração e, por isso, apesar de estarem dizendo com as palavras que desejam ser amparados, não demonstraram com os seus sentimentos estar preparados para receber o amparo solicitado. São açambarcadores do Pão do corpo, mas que não podem açambarcar o Pão da Vida, destinado apenas aos que, verdadeiramente, estão preparados para o banquete das bênçãos.

Desta maneira, não é difícil para os celestes visitantes, identificar aqueles que podem ser retirados daqui e levados para planos menos grosseiros onde encontrarão amparo para novas jornadas terrenas. E foi isso o que aconteceu, valendo-se o Divino Amigo de nossa humilde tarefa socorrista para estender o convite do Amor a todos os que aqui se achavam recolhidos, demonstrando que Deus é para todos e a todos se oferece indistintamente.

Dependerá de cada um salvar-se a si próprio.

Não mais um Senhor parcial e partidarista, a buscar os seus eleitos e deixar os demais no amargor de suas desditas. Isso não poderia ser a atitude do Criador do Universo, na condição de Pai Amoroso e Misericordioso.

Naturalmente, os que são recolhidos aqui, por seu estado peculiar de atraso moral e compromisso com o erro, não poderão partilhar dos ambientes mais elevados reservados à virtude e ao bem.

No entanto, receberão a bênção de um leito limpo, de alimento para as suas necessidades vibratórias, de uma higiene para os seus estados de desequilíbrio da forma, única maneira de se sentirem melhorados.

Intrigados com tais explicações, Sávio e Lucílio, os dois mais novatos na área das belezas sublimes deram mostras de sua surpresa, levando Simeão a comentar:

- Sim, meus filhos, nós somos o que pensamos. Se nossa mente estiver ligada aos pensamentos rotineiros que estavam vinculados a um corpo físico que obedecia a ciclos naturais, nossa realidade fluídica nestes planos de energia sutil se patenteará por esta mesma rotina cíclica. Por este motivo, à força do pensamento cristalizado nos hábitos e necessidades terrenas, nas entidades que a eles se acham muito ligadas por não se terem espiritualizado na compreensão da vida, se observam crescerem os cabelos, a barba, as unhas, além dos outros fenômenos biológicos, agora transformados em reflexos psíquicos propiciando a fome, as necessidades fisiológicas comuns, os desejos e impulsos da sexualidade embrutecida, numa reprodução daquilo a que estavam afeiçoados os homens quando no corpo físico, não é mesmo, Zacarias?

Observando carinhosamente a intervenção de Simeão, dentre eles o que há mais tempo havia sido reconduzido ao mundo invisível, quase que no mesmo momento que Sulpício, Zacarias sorriu e complementou, confirmando-lhe as informações:

- Sim, querido Simeão. As suas orientações são preciosas lições para a nossa ignorância. Os pensamentos acompanham o ciclo biológico do corpo, mesmo quando corpo físico algum sobreviva. Daí ser tão importante a disciplina dos pensamentos, tanto aqui quanto no ambiente terreno, quando envergarmos novos corpos físicos por força da evolução que nos espera para novas experiências.

A única maneira de ajudar a contento estes irmãos, é preparar-lhes o ambiente que atenda às ideias equivocadas que estão alimentando há muitos anos. De nada adiantaria fazermos discursos explicativos de que não são mais necessárias comidas ou formas de alimentação como as que estavam afeiçoados quando na Terra. Aqui, na condição alienada em que se encontram tais entidades, um prato fumegante de sopa é mais precioso que um discurso de Sócrates.

É mais rápido transformarmos um alienado como estes em um ser mais consciente oferecendo-lhe uma cama limpa e perfumada ou um pouco de comida do que dando-lhe instrução ou obrigando-o ao raciocínio filosófico.

Primeiro o equilíbrio, depois a aula. Primeiro o amparo, depois a lição.

Sem isso, não seria justo retirá-los de seus buracos. Se a Bondade não se dispuser a compreender o mal, é melhor deixá-lo onde está, pois não se conseguirá melhorá-lo à força de ordens e punições.

Daí porque o Amor se ocupa de reproduzir o ambiente de que necessitam tais entidades a fim de que, conquistado razoável equilíbrio, possam ser levadas a outras áreas do longo curso da própria reabilitação. Assim, depois que forem recolhidos, serão tratados, medicados, receberão ataduras em seus ferimentos, alimentos que lhes darão a ideia de que estão ingerindo coisas sólidas, higienização que lhes dará, como efeito, a adesão do pensamento ao estado de limpeza, propiciando que tal estado se incorpore ao modo de ser. Receberão tratamento capilar que lhes retirará o excesso por meios que eles estão acostumados, como a velha tesoura, cortar-lhes-ão as unhas, trocar-Ihes-ão as vestes puídas por outras, simples e limpas.

Tudo isso permitirá que eles modifiquem o seu modo de pensar e de se encararem, abrindo espaço mental para o passo seguinte que, naturalmente, será mais difícil, pois significará o começo do aprendizado sobre os erros cometidos, sobre as tarefas que nos aguardam para o dia seguinte de nosso despertar.

Sobre todos eles, Jesus vela com seu amor e conhece o caso de cada um dos que são acolhidos nos diversos educandários da alma que existem nos planos intermediários, prontos para amparar os necessitados de socorro e encaminhamento.

No Universo, tudo se encadeia pelas leis da solidariedade. Não existem mais as eternas figuras da vítima inocente e do tirano agressor, como a simbolizarem anjos e diabos em conflito. Existem apenas almas débeis que se entregam ainda à ignorância e almas debilitadas que estão se tratando através da ingestão do único remédio eficaz para debelar nossas enfermidades: O Amor Verdadeiro.

É por isso que estas últimas, em tratamento, se dispõem a amparar as primeiras, indiferentes e violentas, sem exigir que se transformem de imediato. O remédio do Amor é paciente e tolerante, fraternal e compreensivo e não se vale das mesmas armas da ignorância para ampará-la.

Enquanto o grupo recebia estas instruções de Zacarias e Simeão, os demais resgatados se encontravam como que em estado de adormecimento leve, já sob o influxo das forças positivas daquele ambiente. Pilatos era o menos inconsciente, pelo longo período de sofrimentos que suportou e pelas mensagens de Bondade que já havia incorporado graças ao trabalho fraterno de Zacarias e Lucílio quando de sua última existência material.

Fúlvia, Sulpício e os demais, no entanto, estavam profundamente adormecidos, única maneira que a natureza espiritual encontra de proteger os mais preciosos tecidos da mente do ataque da culpa, do remorso corrosivo, do medo e da vergonha cáusticos. Manter o pensamento isolado através da sonoterapia dirigida era a forma menos dolorosa de permitir que fossem transportados para planos menos densos, a fim de se sentirem, depois, acordando de um longo e doloroso pesadelo, em ambiente mais fraterno e protegido.

Retomar a vida mental do ponto em que foi interrompida a cadeia dos nossos desatinos e crimes é um momento muito delicado, já que quando lembramos de nossos atos, lembramo-nos, igualmente, de nossas vítimas e, daí, lembramos de nossa ignorância e de nossos erros.

Em geral, esse é um choque muito violento para todos e, por isso, o mundo espiritual se prepara para torná-lo o menos cruel possível.

Era isso que aquele grupo de abnegados lutadores do bem iria fazer, a partir de agora, quando deixariam o ambiente abissal onde haviam se projetado para encetarem a longa jornada de regresso aos planos mais luminosos, ainda que estivessem muito longe das paragens celestiais onde Jesus os aguardava.

Assim, leitor querido, não perca seu tempo fazendo o mal, pensando no mal, sentindo o mal.

Alguns dias com mágoa no coração, podem significar anos nas regiões densas da dor e do desencanto. Não perca a oportunidade de estar na Terra e pedir desculpas ou aceitar esquecer o mal que lhe foi feito. O erro é sempre marca profunda no coração daquele que o comete, apontando-lhe a deficiência de compreensão e a necessidade da alma.

Você não precisa ser mau para que o que fez o mal seja punido.

A lei do Universo nos isenta dessa degeneração moral a fim de punir os que falham, valendo-se da própria maldade que eles mesmos demonstram ter, por ignorar tais leis em si próprios.

Sua vida deve ser um hino à bondade, pois só assim, você será capaz de estar envolvido pelo cântico doce e inspirador do Bem que o protegerá sempre.

O mundo espiritual é muito mais belo e complexo do que aquilo que nos é possível revelar-lhes nestas pobres linhas.

Nada do que você fizer ficará desconhecido no plano da Verdade e, mais do que os fatos em si mesmos, eles virão com as marcas indeléveis das intenções mais profundas que estavam dentro de si quando você agiu como agiu.

E é pela intenção, mais do que pelo fato, que as leis premiam ou punem, amparam ou deixam o indivíduo entregue aos seus próprios desatinos.

É no sentimento que está a porta para a Verdade e para a compreensão de Deus. É no coração que se encontra a nossa sentença de condenação ou absolvição. Lembre-se disso.

20

A VOLTA

Uma vez preparados para conduzir os resgatados dos precipícios tenebrosos onde se achavam, alguns deles por décadas, como era o caso de Pilatos, Sávio e Sulpício, enquanto outros contavam já vários anos ali, massacrados por si mesmos, os integrantes do grupo de caravaneiros de Jesus iniciou a longa e cuidadosa viagem de volta aos locais iluminados onde entregariam os irmãos aflitos.

O grupo que chegara aos abismos era composto de seis trabalhadores, ainda que Sávio fosse quase do mesmo padrão daqueles que se buscava ajudar. Em realidade, dos seis elementos, somente quatro estavam em sintonia com as forças superiores, ligados a elas por laços luminosos, ainda que a evolução espiritual que detinham não fosse suficiente para elevá-los à condição de espíritos dispensados das lutas terrenas.

Zacarias, Simeão, Lívia e João de Cléofas eram os que representavam a mensagem do Cristo em serviço naquelas paragens, dedicados desde longa data à tarefa do Amor e, todos eles, tendo convivido com Jesus pessoalmente, haviam entregado a própria vida para fecundar nova vida no coração dos semelhantes.

Zacarias havia sido envenenado, por Amor a Jesus, para proteger Pilatos.

Simeão houvera sido assassinado por Sulpício, por fidelidade ao Cristo, exemplificando a coragem e o devotamento na velha Samaria.

Lívia entregara seu corpo às feras em nome do idealismo amoroso, renunciando às coisas do mundo, vestida como serva por muito amar o Messias.

João de Cléofas havia desempenhado a difícil missão de trazer a Roma a advertência do mundo espiritual sobre os tempos difíceis que se aproximavam e, em testemunho de suas próprias palavras, servira de exemplo vivo, igualmente entregue aos leões no circo romano, elevando os cânticos para que todos vissem o quanto o Amor do Divino Mestre é poderoso para sustentar aqueles que não temem o mundo.

Assim, a vida dos quatro fora de dedicação ao sofrimento resignado, de semeadura bendita e de sacrifício heróico ao final.

Já Lucílio, alma simples e generosa, era um indivíduo que admirava as mensagens de Jesus, conquanto ainda não estivesse amadurecido para compreendê-las plenamente. Do mesmo modo fora supliciado no circo depois de ter aprendido as lições amorosas com o ex-sapateiro Zacarias. No entanto, em sua alma, a capacidade de penetração, de discernimento, ainda não havia sido esculpida por uma vida de entrega e devotamento. Estava melhor do que era, mas ainda não se revestia daquele caráter que só se consegue no enfrentamento das batalhas da existência, nas quais se exercita a renúncia, a resignação, a humildade, a compreensão, o perdão incondicional das ofensas.

Por fim, Sávio era o mais enfermo dentre os seis que, envergonhado pelos seus erros, se mantinha morador dos umbrais mais densos como forma de ajudar no desempenho da tarefa que Zacarias lhe havia incumbido, como o seu tutor espiritual e o seu paizinho, como era chamado o ex-sapateiro pelo espírito daquele que o havia envenenado.

Assim, Sávio estava em tratamento e, percebendo o erro cometido, aceitou ficar naquelas paragens no trabalho humilde do Bem, não tendo condições para elevar-se a patamares mais luminosos.

Zacarias o visitava regularmente, levando-lhe ânimo e palavras de estímulo, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, todos seriam recolhidos e que o trabalho de Sávio seria muito importante para o auxílio às vítimas da ignorância que ali estagiavam.

Agora que o processo de sofrimento houvera sido substituído pelo processo de auxílio, todos deveriam seguir para novos ambientes, sendo certo que, além de Pilatos, Sulpício e Fúlvia, o grupo se responsabilizara pessoalmente pelo auxílio direto a mais nove soldados, três que faziam a guarda da gruta trevosa e outros seis que seguiam Sulpício, que, ao contato com a palavra e a força de Jesus que lhes fora apresentada pelos caravaneiros do Bem, se converteram e aceitaram mudar o rumo de suas vidas.

Dessa maneira, o grupo espiritual de entidades missionárias deveria ser responsável por transportar a planos menos densos o contingente de doze entidades sofredoras, acrescidas de Sávio que, por primeira vez, deixaria os abismos e seguiria o rumo luminoso no qual seria incorporado para o início de uma nova etapa evolutiva.

Reunidos na pequena casa, depois dos esclarecimentos de Zacarias, todos esperavam por suas orientações no sentido do destino que os aguardava.

Assim, o ancião generoso e humilde, com um sorriso que trazia sempre estampado no olhar e nos lábios, sorriso este que fazia parecer fáceis todas as coisas que se apresentavam complicadas aos outros, dirigindo-se aos amigos, passou a dizer.

- Agora, filhos queridos, nossa tarefa se encontra cumprida no seu segundo estágio, graças à permissão do Pai e ao amparo recebido de Jesus. Iremos iniciar a nossa jornada de volta ao ambiente luminoso que receberá nossos irmãos para os tratamentos necessários.

E dirigindo-se a Sávio, informou-lhe, para sua surpresa.

- Querido filho, somos muito gratos por tudo o que você realizou neste ambiente, ao longo de todos estes anos de dificuldades.

Vendo-se citado dessa maneira, Sávio envergonhou-se e abaixou a cabeça, sem coragem até para falar qualquer coisa que apontasse a sua modéstia diante de tal elogiosa referência.

Percebendo a sua reação íntima, Zacarias continuou:

- Durante todos estes anos, seu espírito sofrido e arrependido habilitou-se para a chegada deste momento. Seu devotamento, sua paciência e seu sentimento melhorado foram os alicerces deste pequeno, mas importante abrigo no seio da escuridão. Por isso, o trabalho que você realizou ao longo deste tempo me autoriza a convidá-lo a subir conosco e a preparar-se para o futuro. O que me diz disso?

Sem estar esperando nada daquilo, Sávio imaginava que iria continuar ali, prestando serviços modestos, ajudando os desesperados que desejassem encontrar auxílio de um modo ou de outro, não fazendo nenhuma exigência nem esperando nada que fosse diferente.

Já se havia acostumado à desgraça e ao desalento de tantas almas e sentia uma ventura inigualável quando suas mãos recolhiam entidades destroçadas que eram encaminhadas ao tratamento magnético em lugares melhores, graças ao apoio de Zacarias que, como já se disse, sempre vinha ao pouso pobre de Sávio.

Surpreendido pelo convite de Zacarias, o ex-soldado respondeu, emocionado:

- Paizinho, eu não sei o que dizer. Esta casinha tem sido o paraíso para meu espírito doente, que encontra no trabalho junto aos miseráveis como eu a compensação que me dá forças para me desculpar de meus crimes. Não sei se me é lícito deixar meus irmãos de sofrimento para seguir no caminho de luz que o senhor me oferece, deixando para trás estes desditosos.

Vendo-lhe a dificuldade em decidir, Zacarias acrescentou:

- Quanto a isso, meu filho, não se preocupe, pois o Senhor da Vida não abandona seus filhos, e quanto mais estejam atirados na lama, mais os visitam as forças amorosas para que os libertem desse estado de dor e aflição. A você, no entanto, Sávio, está aberta a porta do trabalho em outras paragens, através do qual seguirá se redimindo e se preparará para a retomada de uma nova jornada na carne a fim de ser aquele que acerta, nos passos trôpegos de um novo corpo.

- Mas o senhor, paizinho, me ajudará do mesmo jeito que me ajudava aqui? - perguntou o pobre espírito, indeciso por não desejar perder a chama amorosa que o alimentava.

- Ora, Sávio, ninguém está falando aqui em afastamentos, despedidas ou separações. Estamos sempre ligados um ao outro pelos laços do amor verdadeiro e, desde o dia em que nos encontramos no grande barco que nos levou até Massilia, liguei-me a você pelos liames sinceros do Amor que nada é capaz de romper e que, cada passo de sua elevação reforçará ainda mais.

- E eu o envenenei - falou, envergonhado, o soldado, com os olhos lacrimejantes.

Adotando atitude doce e enérgica ao mesmo tempo, Zacarias replicou, levantando-se e abraçando aquele que adotara como seu filho:

- Vamos parar com esta lapidação moral que não nos leva a nenhum lugar. Não existe aqui quem não tenha errado, Sávio. Não estamos com tempo para ressuscitar nossos martirológios, nem Jesus está com disponibilidade para ficar nos escutando as lamúrias por nossas quedas. Há muito trabalho pela frente e, se tivemos a coragem de fazer o que fizemos no erro do passado, deveremos direcionar esta coragem que já demonstramos possuir para realizar o que é necessário fazer no Bem, que está carecendo de almas que o exercitem.

Não quero mais ouvi-lo falar de envenenamento. Eu o amo, meu filho e sei que me ama também. Disso é que devemos nos lembrar os dois. Estarei sempre com você, não importa quanto tempo passe, e seremos amigos e irmãos devotados ao Amor de Jesus que, para nós, é aquele que mais nos compreende e melhor nos conhece.

Vendo que o rapaz enxugava as lágrimas com o dorso das mãos como que a mudar o estado de ânimo, Zacarias lhe disse:

- Vamos, dê-me um abraço. Com este abraço nós selamos para sempre a tampa do esgoto de nossos erros para que não a abramos mais, está bem assim?

Puxando o jovem, que se achava sentado, fê-lo levantar-se e abraçou-o com enternecimento tal que, naquele momento, a luz do coração de Zacarias penetrou profundamente no espírito de Sávio, grosseirão e tosco, em face de tanto tempo de permanência naquelas paragens.

No interior do ex-soldado, um mundo novo de emoções surgiu, inexplicável.

Doçura, afeto, gratidão, alegria, leveza, tudo isto foi-lhe despertado pelo amplexo de Zacarias que, naquele momento estava produzindo um tratamento vibratório em seu discípulo para que ele suportasse sem muito sofrimento o esforço do regresso.

Abraçado por aquele que chamava de paizinho, Sávio sentiu-se um novo ser, despertado em suas mais profundas virtudes, aquelas que todos os seres humanos possuem.

Era isso o que Zacarias sempre procurava fazer com todas as criaturas que encontrava pelo caminho.

Ele tinha o poder especial, com seu modo suave e humilde, de desarrolhar a garrafa das emoções, de abrir o cofre dos sentimentos, fazendo com que as pessoas percebessem as virtudes divinas que habitavam seu interior.

O abraço de Zacarias era algo irresistível. Possuía tal vibração e tal poder que recebê-lo era sentir-se outra pessoa depois.

Sávio, então, se refez e, tomando as mãos de Zacarias, beijou-as com enlevo, dizendo:

- Paizinho, nunca senti o que estou sentindo agora. Parece que um pedaço do céu veio morar dentro do meu inferno pessoal. Eu farei o que for necessário e o que o senhor me orientar. Se for para segui-lo, eu o farei sem medo, ainda que pense comigo que não mereço coisa melhor.

- Pois então estamos entendidos, meu filho. Subiremos juntos e, nesta cabana ficarão apenas as boas lembranças desta jornada libertadora, graças à qual, todos nós pudemos nos encontrar e sentir a ventura do sentimento do Cristo por nós. Traga-nos os irmãozinhos que seguirão conosco.

Falando isso, Zacarias desejava que todos estivessem reunidos naquele ambiente para a oração que iriam fazer, a fim de poderem iniciar o regresso necessário.

Seria importante que todos estivessem juntos para sentirem o envolvimento das forças sublimes que os sustentariam na atmosfera vibratória adversa que os esperava, evitando-se os ataques de entidades vingadoras, no esforço de tentarem seqüestrar os seus antigos chefes ou comandantes.

Não demorou muito para que, no pequenino ambiente, se reunissem, além dos quatro missionários do Cristo, os dois soldados que os ajudavam - Lucílio e Sávio - e os outros doze resgatados, ainda meio sonolentos.

Lá fora, a noite pesada da escuridão tornava tétricas todas as paragens, não contando com nenhum foco luminoso, depois que a cruz de Simeão se apagara ao término da tarefa de resgate.

Apenas as linhas de defesa vibratória que envolviam a choupana estavam acesas e ativadas.

Em seu interior, os quatro espíritos amorosos se postaram um em cada canto do aposento e os outros se permitiram ficar no centro deste ambiente, para que a oração os envolvesse integralmente.

Irmanados pelo ideal de regressar ao seio do Mestre, Zacarias solicitou ao coração maternal de Lívia que fizesse a oração.

Emocionada com a solicitação, a alma daquela mulher que soubera suportar todas as injustiças da Terra com humildade e fé em Deus e em Jesus, se viu transportada para a sua condição de esposa e mãe, passando a sentir por aqueles infelizes o mesmo amor que nutria pelos filhos terrenos.

Elevando o pensamento e abrindo os braços como que simbolizando abraçá-los, no que foi imitada pelos outros três que se colocavam nos outros vértices do aposento, Lívia proferiu sentida oração, como se as palavras não lhe saíssem da boca, mas sim do centro cardíaco:

- Mestre amoroso, aqui nos achamos quais folhas secas entregues ao vento de nossas próprias paixões e erros clamorosos. Nada somos e nada temos que não tenhamos tomado por empréstimo de teu tesouro majestoso. E depois de nos termos projetado no abismo de nossas mazelas, eis que, no seio lamacento da desilusão, encontramos estas pedras preciosas que desejamos entregar-te como sinal de nossa gratidão. Aqui estão os filhos que são as pérolas preciosas do teu ensinamento, para cuja aquisição somos capazes de empenhar todas as nossas riquezas, vender todos os nossos bens e sacrificar todos os nossos poucos valores. Elas te pertencem, Amado Jesus. Desejamos entregar-te o que é teu por direito e, assim, rogamos a tua proteção para o nosso regresso ao teu seio que nos aguarda a volta, como o Pai espera a chegada dos filhos viajores que se afastaram em tarefa.

Ilumina nossa jornada, pois nossas forças são pequeninas diante da empreitada que nos espera. Confiamos em tua amorosa solicitude, pois não temos nada mais do que ela para nos guiar na nossa escuridão e fragilidade.

Enquanto ia falando com o coração de mãe, generoso e límpido, ocorria com Lívia o mesmo que ocorrera com os demais servidores do Bem quando em oração. Suas próprias faculdades se revelavam e seu espírito, abandonando a forma aparentemente material que envergava, permitia que sua essência se apresentasse aos olhos de todos.

A sua luz passara a refundir todas as criaturas que a cercavam.

Seu peito rutilante parecia revestido de diamantes que brilhavam por si próprios, enquanto que seus trajes de humilde serva, foram substituídos por túnica lirial, que parecia ter sido tecida com raios de luar colhidos da lua cheia que nascia em algum lugar sobre a Terra.

Seus cabelos dourados passaram a esvoaçar como se uma brisa os movesse suavemente. Seus olhos faiscavam no azul que os coloria e espalhavam chispas fulgurantes diretamente sobre os corações dos irmãos que, envolvidos por tal beleza, não tinham palavras para expressar o seu embevecimento.

Os fenômenos luminosos igualmente se faziam sentir nos outros três integrantes daquele balizamento protetor, sendo menos intenso do que em Lívia pelo fato de estarem, todos eles, submetidos ao seu influxo, acompanhando-lhe a oração emocionada.

O encantamento diante de tal energia foi ainda maior quando, sem entenderem por que meios, o teto da choupana, construído de palha miserável encontrada naquele ambiente, foi removido, ao mesmo tempo em que as paredes da modesta casinha caíram por terra e, do alto, de um lugar não identificável, uma estrada de luz, como um arco-íris, se projetava sobre aquele local, rompendo todas as barreiras e iluminando os componentes daquele grupo.

A força da oração de Lívia houvera conectado as fontes superiores que, agora, respondiam ao coração sincero enviando a proteção necessária ao transporte deles aos locais seguros.

A estrada luminosa parecia feita de névoa esvoaçante que só suportaria espíritos que tivessem aprendido a se tornar leves em seus sentimentos de sinceridade e devotamento.

Assim, na casinha, as forças dos quatro espíritos missionários, de braços abertos, como a criar um campo magnético, envolvia os outros integrantes como que em uma bolha de energias que, espelhando a leveza que ia na alma dos quatro missionários, passou a flutuar no ambiente, de maneira suave, como se fosse um cesto de balão a deixar a superfície da Terra e alçar vôo.

Para surpresa de todos, amparado pelos quatro pilares luminosos, uma força mais potente os transportava por aquela estrada de neblinas benditas, fazendo-os deixar para trás aquela paragem de tragédias morais construídas pelos erros humanos.

Lentamente, o grupo foi sendo atraído para o leito sutil daquele caminho celeste que, à medida que iam passando, ia se desfazendo à sua retaguarda, recaindo sobre as criaturas do abismo como uma cascata de estrelinhas, remédio de esperança, alimento para o coração desditoso de todos os que ali estavam, sinal do Amor de Deus por todos eles, no desejo de convidá-los a se transformarem e deixarem aqueles sítios de tristeza e dor.

Assim se deu o resgate deles, levados por essa trilha aos planos mais elevados nos quais se prepariam para o futuro que os esperava, na necessidade que todos temos de retomar nossas trajetórias e aprendermos a fazer o Bem, ainda que isso demande muitos séculos e que nós, teimosos ou preguiçosos, nos entreguemos às tendências inferiores contra as quais deveríamos lutar com todas as nossas forças.

Na atmosfera material do mundo, a Roma dos Césares estava às voltas com as sandices de Nero, estimulado pelas entidades loucas que o dirigiam, empolgado em dar vazão ao seu talento teatral e desumano, esgotando suas forças em festins e libertinagens e produzindo ainda mais espetáculos sangrentos usando inocentes como tochas vivas ou como alimento para as feras.

Estava o mundo se aproximando do ano 60 d.C. quando os nossos personagens foram resgatados da treva densa onde se haviam projetado por suas próprias culpas.

21

MAIS UMA VEZ A VELHA ROMA

O teatro humano estava armado para os dramas naturais e necessários à evolução dos povos, tanto quanto dos homens, individualmente.

A ação nociva das entidades necessitadas seguia seu curso, buscando garantir por todos os meios a supressão de qualquer raio luminoso que pudesse levar a esperança aos corações.

E na figura de Nero podiam encontrar todo o tipo de possibilidades, já que o seu espírito imaturo para as grandes tarefas administrativas, vaidoso e cheio de sonhos megalomaníacos, permitia campo livre de ação às entidades trevosas que com ele se consorciavam no governo do império.

Como já se falou anteriormente, no plano espiritual se elevava também um cortejo imperial, apresentando as correspondentes figuras a partilharem os mesmos trejeitos, as mesmas homenagens e os mesmos rituais que os vivos na carne encenavam.

Estreitamente afivelada à personalidade de Nero, o espírito que o dominava por afinidade de defeitos e tendências se fazia tratar, igualmente, como imperador. Tinha seus seguidores, os seus ajudantes de ordem, as criaturas que compunham um corpo de subalternos encarregados de manter os espíritos fracos sob o controle através do medo.

É aí que se faziam importantes os gladiadores cruéis que, uma vez tendo perdido a vida na arena, nas batalhas violentas para o deleite do povo insano, chegavam na atmosfera espiritual densificada por emoções de baixo teor e eram, imediatamente, envolvidos pelos enviados do espírito "imperador", desejoso de manter o recém-chegado sob o seu controle.

Eram espíritos truculentos, que tinham aspecto assustador e, dessa maneira, representavam importante fator de apoio para os planos espirituais negativos, como elementos aterrorizadores.

As lutas invisíveis pelo controle de mais e mais entidades e pela influenciação de maior número de encarnados se tornava ainda mais encarniçada.

Isso porque, desde muito tempo não estava a velha Roma sob tão séria ameaça.

Se é verdade que o movimento estóico havia produzido a sua influência, notadamente no meio dos amantes do pensamento e da filosofia, favorecendo um contingente de criaturas devotadas ao sofrimento resignado, ao estado de afastamento das coisas mundanas, também é verdade que não teve o condão de ganhar a popularidade que viesse a abalar os alicerces da trevosa capital imperial naquele período.

Além do mais, de tempos em tempos a sua influência diminuía e ganhavam proeminência os períodos em que se cultuava Baco com mais fidelidade, favorecendo o rumo descendente da decadente vida romana.

Em geral, os estóicos viviam estoicamente e, ainda que possuíssem representantes no corpo do Senado Imperial, a sua influência naquele período confuso era extremamente inexpressiva, diante de um sistema de forças e interesses que sempre privilegiou a devassidão, a infidelidade, a conquista de riquezas e a facilidade de se manter no cenário político através de intrigas e disputas imorais.

Por isso, para os espíritos trevosos dessa imensa falange organizada que, de maneira direta, manipulava os interesses do governo através da ação ostensiva exercida sobre o imperador e seus mais próximos, era muito simples estabelecer um combate que tirasse do caminho um ou outro adversário que começasse a prevalecer.

A rede de informantes, a ação nociva dos espíritos que induziam os ajudantes do imperador a criar mentiras e forjar provas para derrubar este ou aquele indivíduo acusado de traição, os desajustes orgânicos produzidos por ataques magnéticos, tudo isso se utilizava para que o medo intimidasse o estoicismo, com razoável sucesso.

Da mesma maneira, o povo se mantinha hipnotizado por um constante agitar de festas, emoções fortes, disputas circenses, distribuição de alimentos, mantendo o grosso da população iludida e amortecida naquilo que deveria ser a essência da vida.

Então seria insensatez aderir a um tipo de pensamento que afastasse o indivíduo dos prazeres mundanos, sem lhe conferir qualquer outro prazer melhor.

No entanto, o negativo governo espiritual paralelo, desde algum tempo estava agitado.

A entidade que se autodenominava "grande imperador" passara a observar uma modificação perigosa no panorama da vibração das pessoas, desde o fatídico dia em que um punhado de pessoas inocentes foi entregue à sanha dos leões para a diversão do povo.

Naquela tarde triste em que aquele grupo se reuniu na arena e entoou cânticos elevados, o "grande imperador" se viu surpreendido pela perda de uma imensa quantidade de entidades até então comandadas por suas hostes violentas.

Até mesmo um grande número de gladiadores havia desertado, coisa que levou o governante trevoso a se manter ainda mais vigilante.

Não lhe foi difícil identificar a ameaça.

O ensinamento nobre de uma doutrina diferente e estrangeira chegava a Roma através dos mais simples do povo. Diferentemente do estoicismo, não se tratava de um movimento do pensamento e sim uma revolução do sentimento que poderia ser compreendida pelo mais simples dos cidadãos e que lhe permitia sentir uma coragem e um destemor que neutralizava os esforços mais cruéis dos agressores, como dera demonstração aquele grupo de heróis devorados pelas feras.

Desde então, o "grande imperador" estabeleceu planos para que tal ameaça não se expandisse, imaginando que com o processo de intimidação levado ao extremo, conseguiria romper o escudo idealista daqueles que se uniam para viver a nova doutrina.

Influenciando a mente doentia de Nero, levando-o aos excessos nos prazeres carnais, fustigando-o com as ideias de que poderia perder a capacidade de governar e que o império estava sendo atacado por um inimigo mais perigoso do que todos os que já existiram, o "grande imperador" povoava de visões trágicas os sonhos de Nero, preparando o seu subconsciente para as intuições nefastas que exerceria sobre ele.

O imperador encarnado passara a se indispor contra tudo o que significasse a idéia da nova seita, de perdão, de amor fraterno e, sobretudo, temia a ameaça que se dizia partir da nova crença, de que o mundo estaria condenado, a caminho do fim e que o fim seria num mar de fogo.

Quando tais notícias chegavam aos ouvidos físicos de Nero já encontravam o seu espírito prevenido pelas visões noturnas que lhe eram facultadas pelo controle magnético produzido pela entidade que o dominava e que mantinha estreito conúbio com seus desejos e fraquezas.

Além do mais, os seus portadores, amigos íntimos, comparsas do governante, criaturas igualmente sem escrúpulos, faziam o relato mesclando a verdade com a malícia, retratando um quadro ainda mais grave a beirar a ameaça e a conspiração pública.

O espírito fragilizado e infantil de Nero, afastado de todos os bons conselhos e influências luminosas, às quais não dava mais nenhuma atenção, se achava perturbado por todos os lados.

Pelo lado magnético, graças à ação alucinatória produzida pelo hipnotismo da entidade que o dirigia. Pelo lado físico, graças às versões deturpadas que pioravam as coisas para induzi-lo a agir contra os que representavam a ameaça mais grave aos interesses de Roma.

Assim, como a treva não conhece outro recurso a não ser a violência, a ignorância, a ameaça e a tortura, Nero se viu projetado na louca empreitada de combater aqueles que pertencessem à seita cristã ou que fossem acusados de a ela estarem ligados, produzindo-se, então, todo o tipo de espetáculo sangrento para o escárnio daqueles que se dissessem cristãos ou que disso fossem acusados.

O reinado de Nero, então, foi marcado por este tipo de estratégia inferior, através da qual imaginava neutralizar a influência moralizante que a mensagem de Jesus produzia, agora não mais restrita a uma elite de pensadores ou a um pequeno grupo de seguidores de uma filosofia de renúncia e abstinência das coisas do mundo.

A mensagem do Cristo se estava espalhando pelos famintos de amor, pelos pobres desesperados, pelos que não recebiam qualquer consideração dos governantes terrenos e que imaginavam o dia da grande oportunidade, aquela em que todos teriam o que comer, todos seriam tratados com justiça, em que não haveria mais diferenças gritantes. O Evangelho era o hino de esperanças no meio dos desesperados.

Era urgente intimidá-los com os métodos conhecidos pelas inteligências maléficas, que produzem o terror como o pano de fundo do teatro da vida.

E assim, Nero passou a ser o dócil instrumento de ação desse grande grupo de entidades trevosas, cujo desejo era manter o controle dos homens para impedir que os mesmos melhorassem, que mudassem o estilo de vida, aceitando outros caminhos.

Por isso, atendendo às insinuações sutis que lhe eram projetadas na mente invigilante, o imperador encarnado mais não fazia do que aceder às ideias mirabolantes da entidade que o dirigia, inaugurando a fase das perseguições cruéis aos adeptos ou aos supostos adeptos da mensagem libertadora da Boa Nova.

Sem perceber o que fazia, o período de governo aloucado levou à arena milhares de vítimas inocentes, deixando perplexa a multidão diante daquele cenário em que indefesas mulheres, velhos e crianças eram sacrificados sem qualquer compaixão.

A luta de gladiadores era algo que empolgava, porque os dois lados eram compostos por lutadores preparados para o combate, o que gerava a emoção da torcida.

Ali, no entanto, a emoção da torcida era substituída pela natural aversão pela situação injusta, fazendo com que os assistentes, fossem despertados nos seus sentimentos naturais de comiseração, aqueles sentimentos que todos os filhos de Deus possuem no mais íntimo de seus nobres atributos adormecidos.

Como se dizia que era crença dos cristãos que a Terra acabaria num mar de fogo, para afrontá-los com o seu poder e intimidar os que assistiam ao espetáculo, Nero passou a atrelar os presos cristãos aos postes, embebendo-lhes as vestes em betume e ateando-lhes o fogo para que encontrassem o mesmo destino que haviam vaticinado.

Sim, morreriam num mar de chamas e iluminariam as festas e os jardins do imperador, enquanto ele dedilhasse a sua harpa ou compusesse uma de suas poesias de péssimo estilo.

Entretanto, quanto mais matava inocentes, mais a causa pela qual eles morriam ganhava simpatia e mais ele próprio se tornava impopular.

A reação do povo não era compreendida por Nero, que imaginava que o teria sempre como um aliado, graças às festas e às atenções que dispensava aos seus caprichos.

Vendo que se alastrava a onda dos cristãos a cada novo espetáculo sangrento, tanto "o grande imperador" quanto a sua marionete humana, Nero, vislumbraram a necessidade de tornar mais grotescas e cruéis as perseguições.

Para isso, engendraram uma catástrofe de dimensões nunca vistas em Roma e, organizados os preparativos, em uma data estipulada na qual o imperador se havia ausentado propositadamente da capital, irrompeu devorador incêndio pelos prédios miseráveis e precários de uma Roma despreparada para combatê-lo.

A violência do trágico incidente espalhou o pânico entre os seus moradores, que se perdiam no meio da fumaça entre o desespero de salvar as poucas coisas que possuíam e o de salvarem-se a si mesmos.

As ruelas, as casas mal edificadas, a ausência de previsão urbanística para eventos de tal natureza, a dificuldade do transporte de água para o combate às chamas fez com que durante uma semana o incêndio devorasse vários bairros e acabasse com grande parte da capital.

Nero, chegando à sede do império como se voltasse para atender às emergências daquela hora, como o herói que regressa para salvar o povo, mais não pôde fazer do que aquilo que já estava planejado adredemente.

Culpou os cristãos pelo incêndio, aproveitando-se daquela crença que estes defendiam, já exposta antes, de que brevemente o mundo terminaria em fogo, pregação comum entre os seguidores de Jesus naquele período.

Estribado nesse tipo de argumento, afirmara que os cristãos tinham ateado fogo à cidade para provarem as suas teses religiosas e, por isso, eram os culpados.

Ninguém teve coragem para contrariar a acusação do próprio imperador.

Desse modo, novas e mais cruéis perseguições se abateram sobre os seguidores de Jesus que, a esse tempo, apesar de não muito numerosos, já eram consideráveis entre os habitantes de Roma.

O incêndio de 64 D.C. possibilitou a reurbanização da capital do mundo daquela época e cobrou dos adeptos da nova religião o preço dos sacrifícios contra os quais as hostes negras dos espíritos ignorantes não sabiam como lutar.

Imaginando que a perseguição iria arrefecer os ânimos dos romanos, o "grande imperador" acabou perplexo ao perceber que só fazia crescer o número dos candidatos ao Reino de Deus, abraçando a nova crença e bandeando para o lado do Cristo.

No entanto, o fim de Nero não tardava a chegar, acossado por perturbações por todos os lados.

Correu a notícia no império que o imperador iria convocar vários dentre os governadores das províncias que ele achava infiéis para humilhá-los publicamente e executá-los. Assim, com base nessas notícias que, vindas de uma Roma governada por um louco, poderiam perfeitamente corresponder à verdade, vários comandantes de diversas áreas do império iniciaram revoltas contra o governo central, fazendo com que a hostilidade a Nero se espalhasse contando com o apoio militar significativo de vários comandantes do exército.

Após tentar evadir-se de Roma a fim de preservar a própria vida das perseguições que estava sofrendo por parte daqueles que não mais aguentavam a sua conduta amedrontadora e indigna, acabou por se suicidar no ano de 68 D.C., terminando a sua trágica passagem pela Terra no mais alto posto administrativo e, deixando, assim, de ser o instrumento doce nas mãos do "grande imperador", que, agora, buscava influenciar, através de seus comandados espirituais, aqueles que se arvoravam em novos dirigentes mundanos do grande império.

Após o seu suicídio , a ação maléfica de tal grupo espiritual se fez sentir nas inúmeras e dolorosas disputas militares que se seguiram, fazendo com que, no espaço de um ano, três imperadores se sucedessem, disputando o poder romano de maneira sangrenta, enquanto o mundo espiritual superior preparava os destinos daquele que era o maior império da Terra, para encaminhá-lo a um período de paz relativa e considerável progresso social.

Assim, superadas as escaramuças que envolveram os postulantes ao trono - Galba, Otão e Vitélio, - sempre propensos às disputas - no antigo padrão do louco imperador que se matara, o mundo romano se viu apaziguado pelo velho e distinto Vespasiano que, por dez anos reequilibrou o governo romano com medidas drásticas de contenção de gastos, arrecadação de tributos e saneamento de sua economia. Sob seu governo ocorreram as rebeliões na Palestina que redundaram na destruição do Templo de Jerusalém no ano de 70 D.C. e na derrocada dos últimos judeus rebeldes, entrincheirados na fortaleza de Massada, penhasco inóspito situado ao sul do mar Morto, local onde se entregaram ao suicídio coletivo para não caírem prisioneiros dos romanos, comandados à essa altura por Tito, o filho do imperador Vespasiano.

Enquanto isso, o cristianismo ia permeando as bases dos sentimentos populares dos romanos e se instalando em seus corações como a única mensagem elevada que estava em curso efetivo no caminho dos humanos e que os levava às alturas através da renúncia, do afastamento das misérias do egoísmo, contrastando fortemente com os tristes exemplos que os que governavam o povo vinham dando, exemplos de crueldade, indiferença, egoísmo e desumanidade.

Assim, Nero e o "grande imperador" fazendo o que fizeram, representaram importante fator acelerador do processo de despertamento do sentimento da massa, tornando-se catalisadores da reação humana às arbitrariedades que representavam com os modos terríveis de se conduzirem.

Com essa modificação do ambiente geral, o mundo espiritual abria caminho para que, depois de Tito e seu irmão Domiciano, Roma passasse a ser governada por imperadores equilibrados e razoavelmente generosos e lúcidos, naquilo que ficou conhecido como a era dos "cinco imperadores bons".

No ano de 117 D.C., depois de Nerva e Trajano, subiu ao trono de César o imperador Adriano, que governaria os seus domínios com uma visão cosmopolita, educado que fora segundo os costumes helênicos, admirador da arte grega e da filosofia Platônica.

Afinal, não era sem tempo que o mundo romano precisava de um pouco de paz e equilíbrio para que as experiências evolutivas pudessem seguir no rumo da elevação.

22

CLÁUDIO RUFUS

Corria o ano 126 d.C. e o templo de Júpiter regurgitava.

Como a principal divindade dos romanos, o deus pagão que se erguia como o mais poderoso dentre todos eles também possuía a reverência do maior número de cidadãos, sempre interessados na troca de favores, na conquista de coisas e na manutenção de privilégios.

As visitas aos templos daquela época, quase tanto quanto hoje, eram motivadas por queixumes materiais, insatisfações amorosas, sofrimentos físicos, dissabores da vida, requisitando dos adeptos a entrega de oferendas através das quais se imaginava conseguir a simpatia e a proteção daqueles seres, tidos como superiores, mas tão ou mais temperamentais do que os homens.

Por se tratar da mais importante autoridade no panteão tradicional, seu templo era, igualmente, o mais vistoso e o espelho dessa importância no cenário confuso das crenças romanas.

Em seu interior, uma imponente estátua de ouro representando a divindade Júpiter impressionava os olhares dos humanos mortais, intimidados pela estrutura grandiosa de uma figura tida como onipotente sobre as vidas de todos os que se lhe dirigiam as orações e os pedidos, apesar de que, no mesmo templo, outros dois deuses, Juno e Minerva, eram homenageados desde os idos tempos dos Tarquínios que, por volta de 500 a.C. já haviam dedicado aquele Santuário aos três deuses.

As pessoas, naquela época, reverenciavam tais deuses, entre os quais dominava Júpiter, da mesma forma mecanizada ou rotineira como atualmente muitas criaturas se dirigem às igrejas e assistem a cerimônias, acreditando possuírem algum poder mágico pelo simples fato de sua celebração, a não lhes exigir qualquer participação ou adesão do espírito.

Os sacerdotes, reproduzindo uma infinidade de rituais e cultos que se foram desenvolvendo ao longo dos séculos, buscavam agradar os deuses como meio de assegurar a proteção e a boa vontade. Assim, o tempo encarregou-se de fazer nascer toda uma série de rotineiras celebrações, multiplicando-se os santuários onde elas eram desenvolvidas, bem como o número de divindades que chegavam à vida dos romanos, sem constrangimentos inclusive para adotarem divindades de outros povos e adaptá-las aos deuses domésticos e conhecidos.

Júpiter, no entanto, imperava soberano, representando o centro do culto pagão e aquele que, no entendimento da nacionalidade romana, ser-lhe-ia o augusto protetor, o supremo fortalecedor e o garantidor da prosperidade nacional, sobre todos os demais povos e os demais deuses.

Cláudio Rufus, jovem integrante da casta romana, algo que hoje equivaleria à dos administradores públicos, naquela Roma que se via em processo de restauração pela iniciativa do competente e sábio Adriano, penetrava o ambiente do templo faustoso com o coração oprimido.

Tinha sob seu comando um vasto batalhão de homens a serviço do imperador que, por força de suas funções governamentais, estava constantemente afastado da capital imperial, percorrendo as diversas regiões de seus domínios.

Cláudio Rufus era responsável por toda a organização das reformas urbanas que Adriano havia determinado, estando, naquele momento, às voltas com o gerenciamento da construção do que ficou conhecido pela posteridade como o Panteón.

Sua estrutura arquitetônica era um dos desafios mais impressionantes que os engenheiros da cidade podiam enfrentar.

Acostumados à construção de estradas modernas, aquedutos robustos, circos e teatros de vários tamanhos, agora lhes competia vencer um desafio pouco enfrentado até então.

Tinham que edificar um novo templo de proporções diferentes daquelas até então conhecidas.

Tratava-se de um edifício que, pela visão cosmopolita do imperador, deveria ser o lugar onde se congregariam todos os deuses, dai o nome Panteón, no interior do qual, em sete reentrâncias se acomodariam as estátuas representativas, possivelmente, das divindades ligadas ao céu, como Marte, Júpiter, Vênus, Mercúrio, entre outros.

Sua estrutura monumental que se elevava a quarenta e cinco metros do solo tinha como base e ambiente principal, o salão circular no qual se prestaria culto aos referidos deuses, circundado por colunas e pilares de mármore polido que suportavam a estrutura das paredes superiores e, na altura de, aproximadamente, vinte e dois metros, se unia a uma cúpula em forma de esfera à guisa de telhado.

Assim, o desafio de engenharia era o de manter o teto abobadado sem nenhum apoio, no vão imenso de um diâmetro de quarenta e cinco metros. No entanto, para torná-lo ainda mais problemático, o imperador houvera determinado que uma abertura circular bem no topo da cobertura esférica deixasse passar a luz do sol que iluminaria naturalmente o interior da construção.

As proporções avantajadas e o desafio de se enfrentar a lei da gravidade, de maneira até então nunca afrontada e vencê-la, era o duelo típico dos arrebatados romanos daqueles tempos, sempre desejosos de demonstrar a sua força e o seu poder, sua capacidade e sua técnica, superiores até então a toda civilização existente.

A abóbada significaria o firmamento e a abertura por onde a luz penetrasse funcionaria como a representação do sol a iluminar tudo à sua volta.

As divindades, colocadas em seus nichos, representando os planetas conhecidos pela observação astronômica de então, estariam no mesmo ambiente, como costumeiramente se encontravam partilhando o céu noturno na visão dos homens.

Cláudio estava às voltas com a edificação do panteón que, por todos estes desafios reunidos, não lhe deixava tranquilidade para cuidar de si mesmo.

A filosofia de Adriano à frente de um império vastíssimo e que, a duras penas, fora restaurado dos desvarios da era dos imperadores irresponsáveis que quase levaram tudo à derrocada, era a da seriedade administrativa, da correta aplicação dos recursos públicos e do saneamento de todos os gastos através da fiscalização rigorosa.

Cláudio, assim, embora pouco entendesse de engenharia, por pertencer a influente grupo político como herdeiro de uma tradição familiar importante, fora convocado por seus pares e indicado pela estrutura do governo imperial para servir a Roma na supervisão dos gastos, na fiscalização das despesas, na orientação e gerenciamento daquela edificação.

Sua posição, assaz delicada, era vista por todos como a do vigia poderoso que, tendo que dar a última palavra em termos de gastos, era bajulado e temido ao mesmo tempo em que era odiado naquela cidade cheia de contradições e intrigas.

Para que pudesse melhor avaliar o curso da edificação, Cláudio servia-se da ajuda de pessoas de sua confiança pessoal e que, afeitas às técnicas de edificar, podiam alertá-lo, orientá-lo sobre o andamento da obra.

Não podia, entretanto, deixar que a obra fosse interrompida por questões administrativas ou contábeis, precisando ficar na difícil posição daquele que tem de fazer as coisas caminharem, injetando recursos ao mesmo tempo em que é responsável pela fiscalização das obras e dos gastos, sendo culpado tanto pelo atraso do cronograma quanto pelos desvios ou excessos do orçamento de sua execução.

Naturalmente, não era uma posição invejável, a não ser pela importância que seu cargo possuía por aproximá-lo diretamente de Adriano, a quem, finalmente, caberia prestar contas.

Seu amanhã era incerto, pois a cada etapa da construção surgiam problemas técnicos que precisavam ser corrigidos, a exigirem materiais diferentes. Precisava fornecer pedras, concreto, madeira, operários, alimentos, mármores, para que a construção não se atrasasse. Tinha que fiscalizar um exército de homens que variavam do mais abrutalhado e forte carregador de peso ao que se considerava o mais competente arquiteto, além dos artífices e escultores, mestres pedreiros, operários, sem falar na turba de curiosos, dos atravessadores, dos espiões, dos intrigueiros, todos desejando interferir no fornecimento de materiais, inflacionando os preços, desejosos de oferecer a sua mercadoria, além daqueles que, sempre buscando uma brecha em toda a vigilância, tentavam surrupiar coisas, ferramentas ou valores das vistas dos responsáveis.

Cláudio Rufus estava com os nervos em frangalhos.

Sua compleição física robusta não o impedia de ser atingido pelo bombardeio de problemas a lhe consumir as forças e produzir os desarranjos orgânicos característicos da estafa.

Suas noites eram povoadas de sonhos catastróficos que se caracterizavam, ora pela chegada do imperador antes que a obra estivesse terminada, ora pela queda da grande rotunda superior, numa tragédia tão grande quanto a chegada inoportuna de Adriano.

Sem condições de reclamar do trabalho para ninguém, o jovem Cláudio nem parecia aquele cuja idade, na faixa dos trinta e oito, aconselhava a necessidade de constituir família e ter filhos.

Encontrava-se sozinho, sem pretendentes ou compromissos, pois, apesar de suas responsabilidades administrativas, sua vida emocional era mais instável do que o grande domo que se tentava equilibrar sobre aquelas paredes verticais do panteón.

Como rapaz do seu tempo, Cláudio se permitia envolver em todo o tipo de aventuras físicas, como forma de dar vazão aos impulsos emocionais, na consideração de que aos homens era permitido tudo realizar, estando as mulheres a seus serviços, para serem usadas segundo as necessidades ou desejos masculinos.

Por isso, apesar de não conseguir encontrar felicidade em nenhuma dessas aventuras carnais tão comuns tanto naquela quanto na época de hoje, Cláudio se atirava ao trabalho como forma de ocupar seu tempo e preencher sua necessidade de reconhecimento, tentando fazer o melhor e apresentar a obra dentro da previsão originária, aos olhos admirados de um Adriano embevecido com o sucesso e a beleza da construção.

Por isso, satisfazia-se com os encontros superficiais com mulheres sem realce, criaturas que perambulavam por aquela Roma desumana à cata de qualquer coisa que lhes garantisse a sobrevivência por mais um dia.

Por si mesmo, não desejava compromissos familiares, ainda que visse nisso o destino de todo o romano de sua estirpe, o que ia deixando para mais tarde, desculpando-se com a realização de seus sonhos em primeiro lugar.

Família representaria entraves, preocupações, limitações ao seu desejo de progredir e realizar.

Continuaria com a sua tarefa e, quando os deuses o desejassem, arrumaria uma romana de boa tradição e se casaria para que ela lhe servisse de fábrica de filhos que lhe perpetuassem o nome e lhe garantissem, na tradição religiosa de seu tempo, o amparo e a proteção para a sua alma depois da morte.

As dores e as preocupações mentais, no entanto, eram as cruéis companheiras de todos os dias, disputando entre si as atenções daquele que se perdia entre números e contas, relatórios e despesas, pedidos e exigências.

Só mesmo Júpiter poderia auxiliá-lo.

E se não era um indivíduo afeito a tais ligações profundas na religião que nasce do coração, era um daqueles homens que faziam da religião o jargão comum das práticas exteriores, comparecendo ao templo de Júpiter Capitolino como quem vai a uma repartição levar um ofício e pagar por seu protocolo junto à autoridade a que se destina.

Era assim que a maioria dos romanos se relacionava com os deuses.

Pagavam, ofereciam e esperavam os seus favores, sem compreenderem a essência nem a profundidade da relação entre os homens e as forças superiores que os mantém vivos.

Cláudio Rufus buscava o ritual formal para solicitar o apoio do mais poderoso dos deuses para o trabalho hercúleo que somente o mais capacitado dentre todos poderia levar a efeito.

Precisava que tudo desse certo e que sua saúde fosse preservada a fim de que as suas tarefas chegassem a bom termo.

Com a mente cheia de pedidos, penetrou no recinto do templo suntuoso e, mais uma vez, espantou-se com o olhar coruscante daquele Júpiter intimidador que se punha diante dele em um trono talhado por mãos habilidosas, como a conferir-lhe o poder sobre todos os seres vivos.

23

AS MISÉRIAS DA CAPITAL IMPERIAL

Feitas as oferendas tradicionais acompanhadas pelas preces rotineiras e mecânicas, Cláudio se sentia mais aliviado em seu íntimo por buscar o apoio da divindade considerada a mais importante no mundo romano e, com isso, estar aliado à força poderosa que, certamente, não lhe iria faltar na hora mais necessária.

Depois de cumpridas as normas do ritual, Cláudio se dirigia para a saída do templo quando, à porta, foi cercado por um grupo de crianças miseráveis, que lhe solicitavam auxílio, pedindo-lhe uma moeda.

O estado dos pequenos era de produzir compaixão em qualquer um.

Filhos sem qualquer amparo, tinham que aprender a sobreviver por si mesmos, sendo obrigados a levar algum dinheiro aos seus pais ou para aqueles que os exploravam porque sabiam que todos se sensibilizavam com os apelos infantis mais do que com a pobreza dos adultos.

No entanto, era constrangedor o fato de os que haviam entrado naquele templo suntuoso, no alto do monte capitolino, em seu interior haviam deixado valores monetários expressivos para comprarem as graças dos deuses e, quando saíam, enxotavam as famélicas crianças alegando que não possuíam nada para lhes dar.

Grosseiramente, a maioria dos devotos generosos com os deuses de pedra, aos quais entregavam seus recursos para obterem seus favores, expulsavam os pobres que os perseguiam pelas escadarias do templo, implorando ajuda.

Cláudio não era muito diferente da maioria.

Conquanto não fosse mau, tinha os hábitos de seu tempo e tratava as coisas com a superficialidade típica da praticidade romana.

- Não tenho nada, já dei tudo o que tinha.

- Por favor, moço, ajude. Estou com fome... - pedia uma criança suja e descalça.

A cena podia ser emocionante se não fosse, por si só, a trágica expressão do egoísmo humano que, naquela cidade construía prédios de mármore caríssimos para abrigar estátuas, enquanto as pessoas passavam fome e eram obrigadas a todo o tipo de estratégias e delitos para conseguir continuar vivendo.

As mãozinhas sujas seguravam os transeuntes pelas túnicas bem talhadas, produzindo na maioria uma reação de asco ou de brusco afastamento, no gesto que pretendia livrar-se daqueles infelizes e miseráveis pedintes.

Os que ousavam parar o passo e ameaçar entregar alguma coisa a algum dos que pediam eram, imediatamente, cercados por um batalhão de meninos e meninas que, aos gritos, também queriam a sua parte, como se fossem pássaros famintos que, de longe, identificassem algum ser bondoso que lhes estivesse oferecendo sementes.

A revoada naquela direção não tardava. O tilintar das moedas era a senha para os desesperados iniciarem a algazarra.

E o impulso generoso no coração das pessoas era imediatamente interrompido pelo receio de ser destroçado pelo alvoroço que se produzia.

- Eu também quero, dá pra mim também, ele já recebeu, ele não precisa - eram os gritos de todos os que se acercavam da pessoa que se dispunha a amparar com alguma moedinha.

Por esse motivo, não era fácil para os que queriam ajudar, realizar a doação no meio de todos aqueles atentos esfarrapados, prontos a atacar o primeiro desavisado.

Além disso, se a pessoa não tomasse cuidado, ao se ver cercada pelos pequenos, corria o risco de ser assaltada pelas mãozinhas espertas que iam invadindo as dobras das roupas e, no meio da confusão que se orquestrava, do empurra-empurra, os mais hábeis iam surrupiando dos mais invigilantes ou ingênuos os bens e recursos que eles diziam não possuir.

Cláudio conhecia todos estes comportamentos e não se deixava levar pela compaixão ingênua.

- Podem ficar longe de mim, todos vocês - gritava ele com energia.

Não se aproximem que eu não vou dar nada para vocês, seu bando de ratazanas - falava áspero e bem humorado, demonstrando certa intimidade com aquele grupo que corria atrás de seus passos.

- Senhor Cláudio, Senhor Cláudio, os ratinhos estão com fome
- respondia algum menino mais arrojado, obrigando o jovem administrador a interromper o andar e voltar-se para eles.

- E quem disse a vocês que eu tenho cara de criador de ratos?
- voltava a perguntar, num exercício de desafios verbais que sempre terminava em alguma moeda para os mais inteligentes e espirituosos.

- Ora, Senhor, e aquela ratoeira redonda imensa que o senhor está construindo... não é para colocar a sua criação de ratos lá dentro? Dizem que só tem uma abertura no teto exatamente para que os ratos não fujam! - respondia um outro, mostrando intimidade.

- Ora, ora, seu safado, quem foi que lhe contou estas coisas? - indagava Cláudio, se fazendo de zangado para levar adiante a brincadeira.

- Foi um rato gordo que fica por lá quando o Senhor não está. Disse que ele vai morar ali com todas as ratazanas de Roma, quando o prédio ficar pronto. Agora, pelo tamanho da ratoeira, tão imensa e tão grande, a gente fica só imaginando o tamanho do queijo... dá até dor no estômago só de imaginar aquele queijão pendurado lá dentro sendo devorado pelos ratos com fome, como a gente.

Vendo que a molecada levaria a conversa e as piadas até o fim do dia se ele permitisse, Cláudio se deu por vencido e lhes disse.

- Está bem, seus ratos famulentos. Enquanto a ratoeira não fica pronta e o queijo não está lá para atrair vocês, vou antecipar umas moedas para que já possam ir se preparando para o dia da grande prisão dos ratos na ratoeira de Adriano - disse ele abaixando a voz para que as suas últimas palavras não fossem ouvidas por algum indiscreto funcionário do imperador.

Caíram na gargalhada todos os pequenos que, pelo simples fato da atenção que Cláudio lhes prestava, se haviam esquecido por alguns instantes da própria condição miserável e se achavam pertencentes à raça dos homens, mesmo quando eram comparados às ratazanas infectas dos esgotos.

Acostumados ao modo de ser daquele administrador mais amigo do que os outros, todos se postaram em fila e, um por um iam chegando até ele e recebiam uma pequenina moeda e, assim como pegavam a peça de metal pobre, todos depositavam um beijo de agradecimento nas mãos generosas ou nas barras das vestes, como era costume dos miseráveis demonstrarem a gratidão ou submissão aos benfeitores. De uma certa forma, aquele gesto de subserviência era um enaltecimento à personalidade dos que se achavam melhores e mais elevados na categoria dos beneméritos por terem dado alguns míseros centavos, no dinheiro da época.

Dispersados todos os pequenos, que nas suas andanças constantes em busca de restos de comida e de lixo aproveitável, sabiam que Cláudio era o responsável pela edificação do Panteón não muito longe do templo de Júpiter, buscou o administrador retomar o trajeto que o levaria de regresso ao prédio cuja construção supervisionava. No entanto, tão logo girou o corpo e deu os primeiros passos na direção que o levaria ao destino, tropeçou em algo e, perdendo o equilíbrio, viu-se projetado ao solo.

Escutando o barulho da queda, os meninos, que se haviam afastado buscando retornar às escadarias do Templo de onde tinham saído na perseguição ao benfeitor, voltaram-se para ver o que havia acontecido e, percebendo Cláudio estendido no chão, a maioria prorrompeu em grossa gargalhada, imaginando que se tratasse de um escorregão inesperado.

Retomando o controle do corpo físico, o jovem romano tratou logo de levantar-se e recompor os trajes que se haviam descomposto com a queda e, indignado com a vergonha e com os risos irreverentes daquelas crianças, que poucos instantes antes lhe haviam beijado a mão ou a túnica, Cláudio preparava-se para correr com eles como se os fosse castigar pelo insulto e pelo desrespeito, quando teve a sua atenção chamada para o local onde havia caído.

Isso porque ali estava o motivo de seu tropeção.

Sem entender de imediato o que estava vendo, deixou de lado a preocupação com os galhofeiros pedintes para observar melhor o que havia se passado e lhe havia produzido a queda.

Tratava-se de um amontoado de panos rasgados, estirados na via por onde ele ia passar e que fora o responsável pelo seu desequilíbrio.

E para surpresa do jovem romano, a pilha de tecidos malcheirosos se movia.

Sim, aquilo era uma pessoa encoberta pelos retalhos e que, tanto quanto ele próprio, fora surpreendida pelo peso que se projetara sobre ela, com a queda do homem.

A visão era inusitada. Cláudio abaixou-se para poder ver melhor do que se tratava, já que a miríade de ruelas e passagens escuras que compunham a urbanização precária e sem planejamento daquela cidade, deixava aquele ambiente parcamente iluminado naquela hora do dia.

Vendo a curiosidade de Cláudio, os meninos foram se achegando, imaginando que ele tivesse encontrado alguma coisa sobre o piso.

Curiosas como sempre, as crianças também se aproximaram e, antes que o benfeitor conseguisse entender o que se passava, um dos meninos afirmou, com naturalidade.

- Ah! O construtor de ratoeiras tropeçou no imperador... -e deu outra risada, no que foi seguido por todos.

- O que é isso, Fábio? - perguntou Cláudio indignado com a ironia e as risadas, observando que ali estava uma pessoa deitada.

- Ora, Senhor Cláudio, a sua queda se deveu exatamente ao grande imperador que estava no seu caminho e o senhor não viu, só isso.

- Nós sabemos que não se trata de nenhum imperador. Quem é que está aí, escondido no meio dessas roupas sujas?

- Bem, meu senhor, nós o chamamos assim porque, quando o conhecemos, nos disseram que seu nome era Domício Nero Otávio Caio Júlio César... - relacionando os nomes de vários imperadores famosos e cultuados pelos romanos. Assim, com tanto nome importante, resolvemos chamá-lo de grande imperador, porque se fosse só imperador, a coisa era pequena demais para tanta gente importante junta...

Entendendo o que significava aquela expressão, Cláudio perguntou aos meninos que o cercavam:

- Como é que vocês o conhecem? Já faz tempo que ele está por aqui?

- Ah!, sim, muito tempo. É a sua mãe quem o conduz pela cidade, na sua carruagem imponente para conseguir algum dinheiro. Mas como ele fica deitado e não pode falar, parece esse monte de pano jogado na rua. Eu mesmo nunca vi a sua cara porque, assim que a mãe se afasta, ele a esconde nos panos.

Vendo que não conseguiria mais informações dos garotos, Cláudio animou-se a levantar o tecido que cobria o rosto daquele ser que, até então, não identificavam, a não ser por baixos gemidos, que demonstravam estar vivo sob aqueles panos.

No entanto, era tão repugnante o estado de tais envoltórios, que para levantá-lo, Cláudio buscou uma vara em algum recanto a fim de não colocar as mãos diretamente.

E à singela revelação da face, mesmo na penumbra do ambiente, todos se afastaram arrepiados, inclusive o próprio Cláudio.

- É um pestoso - gritou Fábio, o jovem esperto do grupo de pedintes.

- Pelos deuses, como é que deixam isto ficar jogado onde a gente passa todo o dia! - falou outro garoto, igualmente assustado.

Cláudio estava impressionado com o que vira, ainda que, com a noção adulta e mais amadurecida, buscara conter a demonstração de repugnância que sentia.

Nas pedras frias do calçamento, estava um ser que não deveria possuir mais do que dez anos de vida, mas absolutamente disforme, com a face corroída e descarnada que lhe revelava os dentes apodrecidos, como se a pele não tivesse tido condições de cobrir o rosto por inteiro.

A parte inferior do rosto se parecia com os crânios das caveiras que insistem sorrir com a exibição dos dentes.

A parte superior da face, no entanto, trazia, encovados nos ossos salientes, dois olhos tristes, acostumados à condição miserável de enjeitado.

Nascera como uma criança normal, mas tão logo começara a dar sinais da enfermidade que o devorava, foi abandonado pela verdadeira genitora, uma prostituta inescrupulosa que, observando o avanço da doença que se acentuara depois dos cinco anos de idade, deixou o menino na porta da casa das virgens vestais na esperança de que ali ele fosse acolhido.

Tocada pelo estado de fraqueza da criança abandonada à porta, a sacerdotisa principal, conhecida pelo título de "Grande Vestal", por ser a mais idosa dentre todas as mulheres que ali permaneciam com incumbências religiosas muito importantes e bem definidas, procurou uma maneira de amparar o infante abandonado, encarregando pessoas de sua confiança de lhe darem alimento e cuidarem de protegê-lo, fornecendo seus recursos pessoais para que tal se desse.

Ocorre que, pelas suas específicas atribuições, era vedado a qualquer vestal relacionar-se com coisas exteriores, o que impunha que tais cuidados com o pequeno fossem mantidos em absoluto sigilo.

Depois de dois anos financiando a criação da criança que, dia a dia dava mostras de piora na doença que ia ganhando terreno, a Grande Vestal acabou denunciada como traidora de seus votos, acreditando-se que sua ligação com aquele menino fosse decorrência da própria maternidade, o que era vedado a qualquer mulher que ingressasse na função de virgem vestal, devendo manter-se virgem por todo o período de trinta anos em que servisse como guardiã da chama sagrada.

Suspeita de ter perdido a virgindade em face de sua ligação com uma criança e acusada por pessoas que não lhe eram simpáticas, nas lutas pelo poder dentro da própria agremiação das vestais, a Grande Vestal acabou condenada a ser sepultada viva.

Com o cumprimento da punição, ficou a criança novamente desamparada e, a esta altura, já causava repulsa nos que se acercassem dela, uma vez que o estado da doença ia deformando-lhe a aparência, impedindo que um sentimento de amor sincero pudesse se estabelecer a benefício de sua proteção.

Atirado ao abandono novamente, o pequeno que, por causa da lepra tivera corroídas as cordas vocais, não falava nem emitia sons compreensíveis, limitando-se a gemer ou a produzir algum ruído grotesco.

Visto por uma das prostitutas que perambulavam pelos becos sujos daquela Roma pervertida de tantos séculos, acabou sendo acolhido por Serápis que, despida de qualquer sentimento, viu na figura daquele ser disforme, uma outra fonte de rendimentos que poderia ser explorada, exibindo-o pelas ruas da cidade para produzir compaixão nas pessoas e delas extrair o dinheiro que tanto cobiçava.

Apesar de ser desumano o propósito de Serápis, a sua necessidade de ganhar dinheiro a obrigava a manter a vida do pequeno deformado, dando-lhe algum alimento para que não viesse a perder o investimento em virtude de sua morte por inanição.

Era algo parecido com o circo dos horrores que precisava manter alimentadas as atrações que renderiam alguns trocados.

Assim, Serápis levava o pequeno até determinado local assim que amanhecia e, colocando uma tabuleta mal escrita, informava aos curiosos passantes que o pedinte necessitava de ajuda para sobreviver.

Ninguém sabia qual era o seu nome, mas Serápis sempre gostara dos nomes pomposos, das designações de nobreza, do título que impressionasse.

Fosse, então, para homenagear esta ou aquela figura importante na tradição imperial ou fosse porque a jovem pretendia ironizar o pequeno miserável com nomes ilustres de um império cheio de hipocrisias e contradições, o certo é que Serápis, sem nenhum amor verdadeiro por aquele enjeitado, resolveu batizá-lo com o nome dos mais importantes personagens daquela Roma poderosa, reunindo os prenomes que correspondiam à sucessão desordenada dos mais famosos imperadores, a começar por aquele que incendiou a cidade e a reconstruiu, a quem Serápis admirava, no pouco conhecimento de história que possuía.

Para dizer-se dona daquela atração horrorosa, apresentava-se como mãe do menino e, como ele tivesse dificuldade em se locomover, pela fraqueza dos músculos, Serápis tinha um carrinho de madeira, improvisado meio de transporte que conduzia o pequeno para os lugares da cidade.

Segundo os outros meninos que conheciam Domício e o chamavam de "grande imperador", aquele carrinho era a carruagem do poderoso governante.

A visão grotesca daquele ser, agora descoberto em sua feiura e deformidade, penetrara o mais profundo sentimento de Cláudio que, a partir daquele dia, não conseguiria retirar de seus pensamentos a figura repulsiva, malcheirosa e, ao mesmo tempo, triste e acanhada daquele garoto que, diferentemente dos demais pedintes, nada podia dizer, pouco podia locomover-se e só conseguia verter algumas lágrimas dos olhos tristes e desesperançados.

Impressionado com o que vira e com os dizeres frios daquela placa de madeira que pedia ajuda, Cláudio depositou algumas moedas sobre o tecido gasto no qual se ocultava Domício, o "grande imperador" e tomou o rumo do Panteón, onde o trabalho o esperava, intenso.

217

SERÁPIS

Não muito longe daquele sítio onde Cláudio se havia impressionado com o aspecto horripilante daquela criança que, na sua pouca idade já tinha que suportar tão pesado fardo, encontrava-se aquela que se apresentava como a sua genitora.

Serápis era uma prostituta que, apesar de jovem, pelo estilo de vida que levava, já trazia em seu corpo as marcas do desgaste, o que a transformava em mercadoria sem muito valor no mercado das tentações e dos prazeres fáceis.

Outrora detentora de apreciável beleza, a jovem, que nascera nas condições miseráveis do Esquilino, região das mais pobres daquela cidade opulenta e injusta, longe de se conformar com os limites impostos pela situação de carência econômica, deliberou, tão logo se viu atirada às lutas da sobrevivência, conquistar a sua parte no festim libertino que lhe garantiria melhores condições materiais de vida.

Os seus pais eram pessoas sem escrúpulos e, não possuindo qualquer esclarecimento mais nobre sobre as coisas da existência, viviam como quem se preocupa em chegar ao final do dia com algum ganho que lhe garantisse o dia seguinte.

Por isso, desde pequena, Serápis foi colocada por eles na indústria da mendicância, aprendendo com os exemplos dos adultos como se conduzir para sensibilizar as pessoas endinheiradas.

No início, era carregada pela mãe que não tinha, pela criança, qualquer sentimento maternal.

Acostumada à busca das sensações fáceis, sua mãe era outra mulher devassa que poucos princípios ou virtudes possuía, e os poucos que havia recebido, os havia esquecido para que se permitisse viver naquela civilização corrompida.

Sempre a lei do menor esforço a guiar os passos das criaturas. Com a justificativa de que "as coisas são assim" ou "todo mundo faz", a mulher produzia filhos como uma pessoa que arregimenta trabalhadores para o seu exército de pedintes.

Os mais crescidinhos já seguiam os passos dos pais, pedindo pelas ruas e tendo o dever de trazer alguma coisa ao final de cada dia, sob pena de serem rudemente castigados.

Os menores, como o caso de Serápis, eram a isca para fisgar os homens pelo coração, expondo a miséria infantil carregada nos braços maternos a fim de atingir-lhes o bolso.

Serápis, tão logo ganhou forças e cresceu um pouco mais, foi iniciada pelos próprios irmãos na arte de correr pelas ruelas mal iluminadas daquela grande cidade em busca da sobrevivência.

Cada nova incursão pelas ruas era uma descoberta que enchia o coração daquela menina de esperanças.

Deixando as misérias do Esquilino e procurando acercar-se dos bairros melhores, onde os palacetes cantavam a muda canção do egoísmo humano, Serápis se deslumbrava com aqueles mármores brilhantes e suntuosos, os palácios, as liteiras douradas, os véus esvoaçantes, as estruturas arquitetônicas.

Algo em seu íntimo lhe dizia, sem que pudesse explicar como, que já houvera conhecido aquela opulência, que já vestira aquelas vestes luxuosas, que já pisara aqueles palácios outrora.

No entanto, isso lhe chegava como uma vaga lembrança inexplicável, com sabor amargo ou melancólico, ao mesmo tempo em que seu espírito rebelde se propunha a reviver as mesmas emoções de um passado que ela não sabia explicar.

Deliberou, então, para seus objetivos do futuro que, custasse o que custasse, iria entrar naquelas casas de luxo, passar pelos seus salões, penetrar nos ambientes requintados.

Já não desejava ser a miserável criança do Esquilino.

Seu rostinho bonito, que ganhava formosura à medida que seu corpo de mulher ia se modelando na adolescência, passou a ser a arma de Serápis para a concretização de seus intentos.

Sem deixar passar nenhuma das lições aprendidas no mundo áspero que a criara, Serápis percebeu que naquela cidade se vencia mais facilmente a luta da existência quando se tinha dinheiro, poder ou beleza.

As duas primeiras condições não lhe beneficiaram desde o berço. No entanto, a terceira parecia estar lhe concedendo o beneplácito do complacente sorriso, o que seria muito bem aproveitado por ela.

Sem qualquer antecedente de nobreza, Serápis sabia que não poderia esperar qualquer união matrimonial que lhe garantisse melhor posição na vida social daquela cidade de preconceitos, sempre aberta para os contratos de casamento onde o interesse e as conveniências financeiras ditavam os motivos principais das uniões.

Assim, desenvolvendo a natural tendência para a astúcia, Serápis entreviu que não conseguiria entrar na sociedade romana pela porta da frente, mas que as portas dos fundos dos mais suntuosos palácios estavam sempre escancaradas para a devassidão, para as facilidades e o desfrute dos desejos mais ignóbeis.

Ciente disso, Serápis não se deixou envolver por nenhuma das fantasias infantis ou juvenis na busca do amor masculino que a pudesse iludir ou manter.

A vida exigia disciplina e controle das emoções para que os objetivos maiores pudessem ser atingidos.

E nesse planejamento minucioso, Serápis passou a buscar libertar-se de seus exploradores adultos, aos quais não se ligava por nenhum laço de afetividade sincera. Se recebia alimento era para que não perecesse e desfalcasse a equipe de funcionários da mendicância que seus pais tinham construído para a manutenção de suas vidas sem muito esforço.

Impulsiva e temperamental, não suportava a condição de dependência e sonhava com o momento em que pudesse se desvencilhar daquela armadilha mesquinha que a impedia de ser o que desejava na busca da construção do sonho de mulher importante e abastada.

A chance apareceu quando seu pai morreu depois que sofreu uma queda do alto de uma escada, ficando a família sem aquele que a dirigia pelos padrões culturais do domínio masculino inquestionável.

Agora sem o despótico, violento e indiferente controlador de tudo, tanto a jovem quanto seus outros irmãos se sentiram um pouco mais aliviados, já que a mãe não possuía as mesmas características agressivas, apesar de ser mulher fria e sem consideração por ninguém.

E entendendo que a condição social que ostentavam iria exigir que algum outro varão assumisse o controle da família, impondo novas rotinas de despotismo e exploração, Serápis tratou logo de buscar fugir daqueles que compunham o grupo familiar.

Sem avisar ninguém, a jovem arrumou a pequena trouxa de roupas e os poucos pertences que possuía e, com o aperto do coração aventureiro e a alegria do pássaro que abandona a gaiola, saiu por aquela cidade desafiadora à procura de seu destino.

Os contatos com a riqueza, nos processos de pedir ajuda nas ruas, haviam produzido em sua mente, o mapa claro e seguro daquelas vielas e caminhos, dos bairros mais afastados e dos locais mais fáceis para se conseguir sobreviver.

Sabia como manipular os sentimentos masculinos ao mesmo tempo em que era capaz de se fazer de inocente e bisonha criatura para não levantar o ódio de outras mulheres, sempre maliciosas e prontas a se tornarem obstáculos em seu caminho.

Depois que deixou a casa, tinha em mente todo o plano que iria cumprir meticulosamente.

Precisava de um trabalho e, como era mulher, tinha que ser como serviçal na casa de algum homem poderoso ou rico.

Para isso, precisava cair nas graças de algum dos funcionários administradores com incumbências de fazer compras para as necessidades das famílias.

Por isso, tinha em mente a necessidade de permanecer junto ao "fórum Olitórum" o local onde a riqueza romana buscava adquirir as verduras, frutas, e alimentos frescos que abasteciam a capital imperial.

Ali, os empregados mais importantes, com funções de dirigir a administração de palácios e casas senhoriais, tinham que ir para a aquisição dos melhores produtos e, então, era lá que Serápis precisava montar sua armadilha.

Não foi difícil para ela se fazer notar.

Sua beleza jovial e alegre era sempre facilmente percebida por homens inescrupulosos que, na sociedade machista de todos os tempos, não viam na mulher senão o objeto para saciar seus prazeres animais.

Estando ali, desprotegida, era presa fácil para qualquer indivíduo mais truculento que desejasse abusar de sua condição feminina.

No entanto, precisava correr esse risco para que lograsse o seu objetivo maior.

Sair da miséria tinha o seu preço.

Depois de uma semana avaliando o terreno, observando os frequentadores do lugar, vendo como é que se comportavam e para onde iam, Serápis já tinha montado a estratégia, para ser notada.

No entanto, enquanto pensava sobre as coisas que tinha que fazer e os passos que deveria dar, o próprio destino se encarregou de produzir os fatos que a levariam adiante.

Sem perceber o perigo que estava correndo, em certa manhã, quando observava os mais auspiciosos candidatos à abordagem para a solicitação de um trabalho, usando a sua beleza e o seu jeito de menina pobre como armas, Serápis foi surpreendida por braços fortes que a agarraram por trás, enquanto que um odor forte de bebida lhe chegava ao nariz, misturado ao cheio acre ou azedo de um corpo pouco afeito ao banho.

- Vem cá, minha deusa, que eu vou te servir como o mais fiel devoto - sussurrava sarcástico aquele brutamontes, enquanto beijava o seu pescoço violentamente, roçando uma barba malcheirosa em sua pele.

Era Célio Bacus, um dos trabalhadores braçais daquele local que, como Serápis, também estava sempre espreitando as oportunidades a fim de retirar delas o que fosse mais favorável ao exercício de seus vícios e ao desfrute dos poucos prazeres que se poderia permitir, naquele estado de repugnância e desleixo.

Percebendo que seria inútil lutar contra aquela massa de músculos e gorduras, Serápis começou a protestar educadamente, dizendo que ele não precisava ser violento com ela, que ela lhe concederia tudo o que ele desejasse.

Vendo que a garota não o repelira bruscamente, como estava acostumado nas inúmeras outras vezes em que violentara outras mulheres, aquele homem afrouxou um pouco a guarda para poder permitir que a garota se virasse para ele e melhor apreciasse a sua presa, nos contornos físicos que cobiçava.

Assim que se viu um pouco mais livre, Serápis observou que, não muito longe de seus braços, os restos de um carregamento de grãos haviam deixado grossos pedaços de madeira, entre os quais um deles que lhe serviria perfeitamente para "acariciar" o insolente e carente bandido que a fustigava.

Agindo com hábil domínio de si mesma, sabia que deveria conduzir o tolo carregador até o local onde poderia livrar-se dele.

Dominando o próprio asco, acariciou aquela barba espinhenta, como se se dispusesse a ser carinhosa com o homem que, convencido, se deixou levar pelas emoções primárias e infantis.

- Venha comigo - disse ela - adocicada. Aqui é muito movimentado para fazer aquilo que queremos. Mais para lá está tudo mais quieto e ficaremos mais à vontade.

Vendo que o propósito da jovem era ceder sem dificuldades, o homem se deixou levar para o local onde, realmente, parecia que teriam maior privacidade, sem, contudo, soltar-lhe um dos braços que apertava como um alicate.

Serápis, mais do que depressa, tomou o rumo desejado e, percebendo que o homem estava excitado com a perspectiva de conseguir o que tanto seus desejos carnais almejavam, foi se aproximando da pilha de troncos e madeiras abandonadas e, tão logo as atingiu, com a desculpa de que precisava livrar-se das roupas para facilitar o processo, abaixou-se discretamente como se fosse desamarrar as fivelas que prendiam as dobras de tecido em seu corpo e segurou fortemente com ambas as mãos o pedaço de madeira que usaria para satisfazer aquele celerado e perturbado cidadão.

Não titubeou.

Um único golpe, uma certeira paulada no meio da testa daquela montanha de gordura fez correr o sangue pela fronte e o obrigou a apoiar-se para não cair.

Ocorre que, apesar de ser um golpe certeiro, Serápis não tinha a força suficiente para manejar aquele instrumento com a violência necessária para derrubar o agressor. Assim, sem conseguir fazê-lo perder os sentidos e percebendo o estrago que tinha produzido em seu rosto, viu-se obrigada a largar tudo e sair correndo pelo meio do mercado, aos gritos, perseguida por aquele gorila em forma de gente, xingando-a de todos os piores nomes e desejando agarrá-la para vingar-se da afronta.

Serápis sabia que sua vida estava em jogo e, por isso, saiu gritando por socorro, derrubando tudo o que tinha pela frente, frutas, bancadas, pilhas de sacos mal arrumados, para dificultar o avanço do perseguidor.

E logo atrás vinha o brutamontes gritando e produzindo mais estragos.

Serápis gritava e pedia ajuda enquanto que o mercado romano se via às voltas com aquela cena inusitada na qual uma jovem desesperada e semidespida corria perseguida por um aparvalhado monte de banhas e músculos, malcheiroso e sangrando.

A gritaria fez efeito e, para alívio da jovem, a figura de Licínio se apresentou à sua frente, rodeado de escravos fortes que haviam ido

O~$o#ca da PAondade

até o mercado para realizarem o transporte das mercadorias até a casa senhorial que ele representava.

- Senhor, por favor, aquele gorila miserável está querendo me violentar. Ajude-me, ajude-me - gritava ela, agarrada ao homem que trazia um porte naturalmente mais forte e, ainda por cima, estava protegido por mais de meia dúzia de musculosos escravos.

- Calma, criança, calma. Você está segura, agora. Ninguém vai lhe fazer mal.

Não demorou para que Célio Bacus, o agressor, chegasse para reivindicar aquilo que achava pertencer-lhe, ao menos para que pudesse desafrontar a ofensa recebida.

- Entregue-me essa ladra, essa bandida, pois eu vou castigá-la pelo mal que me fez. Tentou me roubar e ainda me agrediu.

- Ora, homem, respondeu Licínio, como é que você quer que acreditemos nessa estória ridícula, quando basta olhar para os dois e poderemos ver quem é que estava querendo roubar o quê e de quem.

- Você está me chamando de mentiroso, seu salafrário - esbravejou Célio Bacus.

- Não, meu amigo. Estou apenas dizendo que o seu tamanho, a sua roupa suja, o seu bafo de bebida, e o desarranjo de seus trajes, deixando à mostra as suas reais intenções, demonstram que o que sua boca fala não é a mesma verdade que o seu corpo demonstra.

Nesse momento, Célio levou as mãos ao tecido que lhe envolvia a cintura e que lhe servia de espécie de calça rudimentar, podendo notar que as aberturas inapropriadas revelavam os objetivos escusos e os seus desejos vis, acusadores diretos e reveladores dos verdadeiros intentos no ataque à jovem fugitiva.

Pego de surpresa pela própria distração, corou de súbito, já que estava sendo observado por grande número de passantes que se haviam aglomerado ao derredor para presenciar o desfecho da inusitada perseguição.

- Mas essa bandida me machucou - vociferou o homem.

- E machucou pouco diante do mal que você pretendia fazer-lhe, respondeu Licínio mais sério.

- Você não pode me impedir de castigar essa sirigaita, essa prostituta dos infernos.

E notando que precisava colocar um fim naquela conversa, Licínio foi firme e peremptório:

&4 cWvma da PAondade

211

- Você tem duas escolhas, meu amigo. Amarrar suas calças e seguir sua vida, respeitando os outros e bebendo menos, ou, corajoso como já demonstrou serão tentar violentar esta jovem, enfrentar todos estes escravos que terão muito prazer em lutar com você.

Célio Bacus olhou ao redor, engoliu a seco e, dizendo palavrões e impropérios, optou por amarrar as calças adequadamente e tomar outro rumo.

A cena curiosa havia terminado e as pessoas, sempre ávidas de emoções e prazeres primitivos, se retiraram para a continuidade de suas rotinas.

Vendo que havia sido salva por aquele homem vigoroso e sereno, Serápis ajoelhou-se diante dele e beijava-lhe a túnica bem talhada, agradecida.

- Vamos, minha jovem, levante-se. Eu nada fiz. Além do mais me servi destes homens como argumento convincente. O mérito é todo deles - disse Licínio apontando para os escravos.

Vendo o seu estado de desequilíbrio e nervosismo, o comprador de verduras se interessou em conversar um pouco mais, enquanto dera ordens para que os servos fossem recolher as mercadorias necessárias, tomando o cuidado de manter um deles por perto, para o caso de Célio voltar de súbito.

- Mas o que é que uma jovem tão esbelta está fazendo aqui, neste lugar tão perigoso até para os próprios homens?

Tentando se manter calma e demonstrar controle, Serápis contou-lhe, de forma resumida, a sua história, terminando por dizer que tinha ido até lá para ver se encontrava trabalho na casa de alguém, já que não tinha para onde ir. Serápis não parava de chorar, ao se lembrar de seu estado de miséria, da condição subumana em que vivia desde que deixou o também miserável ambiente familiar.

Vendo que a jovem apresentava belo e harmonioso conjunto físico, Licínio se animou a contratá-la para serviços na casa faustosa a que ele próprio servia, já há muitos anos.

Não seria preciso dizer que a sua condição, ainda que exercendo a função de confiança como administrador, não o colocava acima do "status" de empregado.

Tinha o poder de contratar ou demitir segundo os critérios da necessidade do serviço e, por isso, podia levar a jovem para o palácio sem qualquer problema.

Além do mais, a beleza da jovem tocou-lhe o coração solitário e, num primeiro impulso, sentia vontade de envolvê-la com seus braços protetores e carregá-la para um lugar onde pudessem edificar uma família.

Num relance, Licínio se sentiu responsável por Serápis e, como o benfeitor que espera ajudar aquela criatura fragilizada, passou a imaginar a possibilidade de se tornar mais do que um simples apoio para que a garota deixasse aquela vida. No seu coração, acendeu-se a chama da esperança de encontrar uma companheira na figura daquela jovem trêmula.

Dando forma aos pensamentos, dirigiu-se à jovem, compreensivo e generoso como era da sua natureza:

- Se você deseja trabalhar, posso ajudá-la nisso, mas precisará aprender o serviço e obedecer ordens, pois meus senhores são muito exigentes e não desejo desapontá-los.

Serápis não acreditava no que estava ouvindo.

Se Licínio exigisse dela os mesmo favores fisicos que Célio tinha tentado obter à força poucos minutos antes, ela acederia prazenteira, desde que isso a levasse até o seu objetivo.

Ah! Querido leitor, sempre os interesses pessoais por detrás de todos os atos.

Licínio, todavia, não desejava igualar-se aos abrutalhados e violentos animais com forma humana. Se admirava as formas da Serápis era para encontrar nelas a mulher que poderia ocupar o centro de sua vida afetiva.

O sentimento de gratidão fez com que Serápis beijasse suas mãos e se submetesse a qualquer disciplina para aprender o serviço. Não iria desapontá-lo e aprenderia tudo rapidamente.

Dessa maneira, naquela manhã, Serápis acompanhou Licínio para o novo destino que a aguardava.

Enfim, o palácio estava sob seus olhos cobiçosos e vaidosos de mulher.

25

NO PALÁCIO

Serápis não podia crer no que estava vislumbrando, como se a jovem saísse do pior pesadelo e penetrasse no mais lindo sonho.

Caminhando ao lado de Licínio, aproximavam-se de uma grande construção senhorial, na qual os mármores, as colunas, as estátuas não foram economizadas, na demonstração da importância de seus moradores.

Não é necessário dizer que os que habitavam aquele local eram romanos tradicionais, práticos, apegados ao seu mundo, ligados aos interesses mesquinhos de todos os tempos, que entronizavam o poder e o dinheiro acima do próprio valor humano.

Marcus Cornélius, seu proprietário, ali se mantinha faustosamente, à custa de um Estado que se fincava na tradição das famílias patrícias que se garantiam umas às outras graças a casamentos arranjados, nos quais os interesses da fortuna material vinham antes de qualquer acerto dos corações.

Por isso, a sua esposa, Druzila, pertencia ao mesmo círculo de tradições e costumes corruptos, pouco lhe importando as noções de elevação e respeito, virtudes da alma que não tinham qualquer valor imediato aos seus olhos.

Marcus e Druzila desempenhavam bem o papel social que naquela grande cidade se tornava o mais comum. Os que se uniam por interesses e acabavam algemados um ao outro, entre ódios mal dissimulados e desejos insatisfeitos.

Suas existências haviam tomado o rumo trágico da convivência sem emoção, depois que a euforia inicial da união foi substituída pela rotina fria e indiferente.

A gravidez de Druzila colocou-a em um outro estado de espírito, sensibilizada pelas modificações hormonais, fazendo com que passasse a se sentir mais carente, esperando os cuidados de seu marido que, uma vez constatado o estado gravídico da mulher, passara a evitá-la.

Os cuidados das escravas não lhe bastavam para tal complementação afetiva. Marcus era o varão que lhe devia cuidados naquela situação tão especial como a do nascimento de seu primeiro filho que, conforme a tradição religiosa valorizava, deveria ser do sexo masculino.

Marcus, no entanto, apesar da juventude e da razoável beleza da esposa, pouco se preocupava com as coisas da paternidade, já que levara a vida nas constantes aventuras sexuais e conquistas amorosas, não se vendo na obrigação de modificar o seu antigo comportamento pelo simples fato de ter-se consorciado com Druzila.

Levava a união como alguém que mantém a família com o tesouro de seus bens ao mesmo tempo em que se permite dissipar sua riqueza com as aventuras extraconjugais, como se essa fosse a postura normal da alma humana.

À medida que o corpo de sua esposa se arredondava pelo avanço da gravidez, mais e mais distância o marido mantinha dela, não a tratando com total indiferença, só porque pretendia que seu estado fosse acompanhado por médicos competentes para garantir-lhe a chegada do futuro herdeiro de seu nome e defensor de seus antepassados.

Fora isso, Marcus em nada mais buscava a proximidade de Druzila.

Não adiantavam os protestos velados ou exaltados da mulher.

Garrafas de vidro precioso e potes de cerâmica adornados eram atirados nas paredes nos surtos de descontrole que a atingiam.

Nesta condição, o marido ainda mais se sentia autorizado a afastar-se dela, alegando o seu desequilíbrio e sua loucura passageira, atribuída à gravidez que lhe modificava os impulsos como acontecia à maioria das mulheres.

Em sua condição de carência, Druzila passou a encontrar na solicitude de Licínio o ideal paternal e confiável que lhe substituía o próprio marido.

Ainda que o administrador se mantivesse corretamente distanciado de qualquer relacionamento que se interpretasse suspeito, o coração de Druzila se voltara naturalmente para ele, como o único homem respeitoso e interessado na satisfação de suas necessidades, que a cercava de atenção e respeitosa solicitude.

Como dona da casa, Licínio se mantinha a ela vinculado pelos laços de subalternidade que, sabia, não podiam ser rompidos e que o deixavam vulnerável a qualquer acusação indigna.

Druzila, ao contrário, sabendo de sua superioridade, passara a manter Licínio mais perto de si própria, já que Marcus passava o dia cuidando de seus interesses materiais e boa parte da noite cuidando de seus interesses corporais, fora de casa.

Assim, inúmeras vezes, Druzila criou situações embaraçosas para seu servidor, esperando seduzi-lo, provocá-lo ou aproximar-se dele como mulher, ainda que naquele estado de gestante.

Dotada de beleza harmoniosa, ainda que não fosse considerada a mais linda das mulheres, seu corpo não havia atingido o estágio mais avançado da gestação e guardava as linhas formosas da matrona exuberante e voluptuosa que correspondia aos interesses estéticos da época.

Muitas vezes, por ordem da senhora, as escravas que a serviam introduziam Licínio nos aposentos privados, alegando o chamamento urgente da dona da casa que precisava falar-lhe, ocasião em que o administrador era defrontado por uma Druzila seminua ou em trajes sedutores e transparentes, justamente para observar a reação de seu servidor, nos mais sutis movimentos e olhares.

Licínio, surpreendido por essa conduta, passara a esquivar-se tanto quanto podia do assédio da esposa de seu patrão que, apesar de não atender aos seus anseios femininos ou afetivos, continuava a merecer dele o respeito e a proteção.

Quanto mais o homem se esquivava, mais Druzila atacava, estimulada pelo jogo de gato e rato.

Inúmeras vezes, quando a ocasião o permitia, a jovem esposa se lamentava para seu empregado de confiança acerca do comportamento do marido, chegando até mesmo às lágrimas na tentativa de sensibilizá-lo.

Na luta para manter-se fiel aos seus deveres perante o senhor que a ele confiara a condução dos interesses gerais de seu palácio, Licínio escutava as queixas da mulher, reconhecia certo grau de razão em suas lágrimas, sem que se pronunciasse sobre o acerto ou desacerto da conduta do patrão, já que não se via no direito de julgar-lhe os atos.

Druzila se encantava com os modos virtuosos daquele jovem e belo exemplo de dignidade romana, pouco conhecido por ela em seu estágio de vida nababesca e fútil, nos círculos onde fora educada.

Naturalmente, Druzila sabia mover as coisas e manipular as cordas de seus interesses a fim de que não chegasse ao desonroso proceder de revelar-se ao administrador, o que seria um rebaixamento aos olhos de seu preconceito. No entanto, desejava manipular-lhe a emoção e dali extrair as melhores sensações, como o predador que vai atraindo a vítima para a armadilha que montou, esperando que ela venha a projetar-se nela por um descuido seu, livrando-se de qualquer responsabilidade visível.

Druzila, conhecendo os interesses masculinos naquela sociedade de homens, geralmente iguais nas fraquezas do sexo e nas carências do afeto, havia aprendido a explorá-las e excitá-las, já tendo conquistado o coração de muitos rapazes nos seus tempos de solteira, para logo mais descartá-los como coisa sem valor.

Com Licínio, no entanto, as coisas estavam sendo mais difíceis e isso estava aguçando a sua curiosidade e exigindo mais de sua astúcia.

À medida que se encantava com os modos do empregado da casa, menos se importava com as condutas de Marcus, que passou a sentir-se aliviado com a trégua que a esposa passara a conceder, sem se importar em descobrir os porquês de tal modificação.

Atribuía-a ao cansaço, à melhora, ao acalmar natural ante a sua conduta que pouco valor ou atenção lhe concedia aos caprichos voluntariosos de mulher que deseja chamar a atenção.

As coisas estavam nesse passo quando Serápis chegou ao palácio faustoso e ali foi admitida por Licínio para que servisse nas inúmeras funções, além de auxiliar a senhora na fase da maternidade efetiva que se aproximava.

Além disso, Licínio vinha agasalhando a ideia de conseguir colocar junto de Druzila uma jovem que pudesse fazer-lhe mais companhia, o que abrandaria, talvez, as necessidades de afeto da gestante.

Assim, planejava observar os modos de Serápis para que, assim que se apresentasse o momento, fosse colocando a bela jovem ao lado da esposa e proprietária, fazendo com que entre mulheres que se auxiliassem mutuamente, os anseios sedutores de Druzila fossem esquecidos.

Dentre todas as opções, esta era a única que estava ao seu alcance.

Foi, portanto, como se os próprios deuses tivessem providenciado aquele encontro. Não contava, contudo, que o capricho dos numes tutelares fosse tão vasto a ponto de trazerem-lhe uma jovem que lhe inspirasse os sentimentos mais belos no coração idealista, no afã de constituir uma família e dar rumo ao seu destino e aos herdeiros de suas próprias tradições.

Depois de chegarem ao ambiente nobre do palácio, Licínio informou a Serápis que ela seria levada ao alojamento dos empregados e ali deveria aguardar, modificando a sua vestimenta por outras que lhe seriam dadas, fazendo a higiene pessoal, limpando-se dos maus odores corporais, naturalmente acumulados pela falta de asseio adequado, no estilo rude de vida que levava, a fim de poder ser apresentada aos proprietários e admitida, finalmente, aos serviços daquela família.

Entendendo que a sua condição ainda não era definitiva, Serápis esmerou-se em cumprir todas as determinações de Licínio, banhando-se da melhor forma possível e vestindo-se de maneira esmerada e cuidadosa, apesar das vestes simples de serva, vestes estas que eram muito melhores do que as de quase mendiga que ostentava até minutos antes.

Licínio deu as ordens administrativas que eram necessárias na condução dos interesses da família a que servia e, assim que sua presença se fez notada de volta ao palacete, uma das servas de Druzila foi até ele para levar-lhe a convocatória da dona da casa, a fim de que fosse ter com ela.

- Lá vamos nós novamente, nessa dança maluca entre a gata e o camundongo - pensou Licínio, bem humorado consigo mesmo.

Dirigiu-se ao local indicado e, assim que chegou, recebeu a ordem de entrar no vestíbulo onde Druzila tomava seu desjejum, fingindo despreocupação.

Reverente e respeitoso como sempre, Licínio curvou-se cerimoniosamente ante a patroa, dando a entender que ali estava para servir-lhe.

- Bom dia, Licínio - falou ela, fingindo desinteresse.

- Bom dia, minha senhora - respondeu-lhe.

- Estive procurando você durante boa parte da manhã e não o encontrei.

- Sim, minha senhora. É que hoje é o dia de buscar as frutas frescas, legumes e demais alimentos para as nossas despensas, a fim de que nada vos falte nesse período tão importante por que estais passando.

- Ah! Sim, o "olitorum" - respondeu Druzila, referindo-se ao mercado de verduras - você sempre atento às minhas necessidades, Licínio. Creio que quando meu filho nascer vou colocar-lhe o seu nome, pois você tem sido mais pai dele do que meu marido.

- Não digais isso, senhora! Meu senhor Marcus é um homem importante e muito ocupado com a manutenção dos interesses desta casa, na administração de seus bens e recursos para que não vos falte nada nem ao filho que vai chegar.

E vendo o cuidado de Licínio com a defesa de seu tratante esposo, Druzila desejou mudar o rumo da conversa.

Fazendo-se de despercebida, deixou que a alça de sua túnica caísse pelo ombro e revelasse boa parte do busto, num dos seus estratagemas favoritos para provocar Licínio e medir-lhe os interesses.

E fingindo que não percebia o que estava se passando, continuou a conversa.

- Sabe, Licínio, eu o chamei para dizer que, nesta noite, escutei muitos ruídos estranhos e não consegui dormir, o que me fez levantar tão tarde, como não é o meu costume.

E enquanto falava olhando para o administrador, media a sua reação ante a visão de seu colo descoberto, provocadora.

Licínio não podia deixar de responder e, para isso, necessitava olhar para a senhora, tudo fazendo para não demonstrar qualquer surpresa ou interesse que pudesse ser interpretado como desejo indigno da parte de um criado de confiança, ante a sua patroa seminua.

Vendo que a reclamação de Druzila lhe concedera a desculpa mais convincente, tão logo lhe foi concedida a palavra, e fingindo não ter visto os gestos provocativos da mulher, Licínio virou-se para as janelas abertas e para elas se dirigiu como que a ir observar a fonte dos ruídos que haviam produzido a precária noite de sono.

- Quer dizer, então, senhora, que os barulhos vieram deste lado? - falou ele, já na janela, fiscalizando o vasto cortinado que a mantinha isolada do mundo exterior. Creio que podem ter sido os bichanos, cujos hábitos noturnos produzem ruídos que, às vezes, chegam a parecer como lamentos, gritos ou choros de criança. Quando os gatos namoram, fazem ruídos muito diferentes, ronronam, roncam, e o que não falta por aqui é gato e gata namoradores - falou ele, tentando safar-se da situação, ao mesmo tempo em que se referia indiretamente às insinuações de Druzila.

Compreendendo a situação de Licínio e o seu constrangimento, a jovem esposa de Marcus se encantava ainda mais com a postura que interpretava como timidez daquele jovem tentador e, aproveitando o seu gesto de aproximar-se da janela, sem que ele se desse conta, Druzila levantou-se da cadeira onde se encontrava e, silenciosamente, aproximou-se do mesmo local onde Licínio se encontrava olhando os telhados ao longe, como se, curiosa, também desejasse ver o que estava do lado de fora.

Aproximou-se do jovem e, sem que ele percebesse, postou-se bem perto e disse, com voz maliciosa de mulher experiente nas conquistas:

- Deixe que eu também veja onde os gatos e as gatas namoram, Licínio.

Tomado de um susto brutal, Licínio, que não esperava escutar a voz de Druzila assim tão perto de seu ouvido, já que estava de costas para a mulher, empertigou-se, assumindo a postura reta de um soldado na posição de sentido, mantendo-se de costas, imaginando qual seria a intenção da mulher ao aproximar-se tanto dele.

Vendo que Licínio não se virava, Druzila colocou um de seus braços sobre o seu ombro e acercou-se ainda mais, como que desejando olhar por cima da espádua do servidor constrangido, provocando-o de modo mais insinuante.

Vendo-se assim tentado, sem se virar para que não ficasse de rosto quase colado ao da esposa de seu patrão, respondeu:

- Bem, senhora, ficai observando daqui que eu vou providenciar junto aos escravos para que façam uma limpeza em toda a região imediatamente, a fim de que nenhum gato ou gata venha a fazer sua corte debaixo de vossas janelas, incomodando-vos o descanso. Mais tarde regressarei para dar-vos contas da operação.

E, dizendo isso, cuidadosamente se afastou do contato físico que Druzila provocava para observar-lhe a reação masculina.

Ao sair do aposento, no que não foi impedido pela hábil jogadora que era Druzila, Licínio suava por todos os poros, já que, a cada dia, aquela mulher se tornava mais ousada em suas investidas.

Bendita a hora em que ele encontrara Serápis, fosse para encantar os seus sentimentos e ocupar seus pensamentos, evitando que fracassasse em sua luta contra as provocações de Druzila, fosse para que ela significasse uma nova companhia à gestante ousada, o que impediria a sua ação mais exaltada.

- Preciso dar logo um jeito de colocar mais gente entre mim e essa mulher desesperada que ainda vai fazer a minha desgraça, sem que tenha nenhuma culpa. Imagine se o senhor Marcus chega ali naquele momento, vendo essa cena, o que seria de mim? - pensava, preocupado, Licínio, enquanto tomava o rumo dos aposentos dos empregados onde havia deixado Serápis entregue aos preparativos para o seu ingresso nos serviços da casa palaciana.

Lá, onde fora colocada tão logo chegara ao palácio, Serápis estava pronta, aguardando nos aposentos da criadagem, como lhe havia sido determinado.

Seu coração estava acelerado pela emoção daquele começo e a figura de Licínio lhe dominava o pensamento, como sendo aquele benfeitor generoso e belo que poderia, perfeitamente, dela obter todos os favores carnais que desejasse.

Nesse estado de coisas e buscando disfarçar os devaneios nos quais viajava, Licínio entrou no aposento modesto, não sem antes bater à porta para verificar se poderia ali ingressar.

- Tudo pronto, minha menina? - perguntou o administrador, surpreendido pela beleza renovada de Serápis, agora limpa, arrumada e, na medida do possível, perfumada pela higienização da água corrente.

- Sim, meu benfeitor. Estou pronta para servir-vos sem vos causar qualquer contratempo, obediente e submissa. E como não tive muito tempo para me revelar adequadamente, gostaria de vos dizer que meu nome é Serápis, mas não sei se esse nome será do vosso gosto ou do agrado dos patrões, pelo que não me incomodarei se desejarem modificá-lo.

Dizendo assim, a jovem desejava reforçar na mente de Licínio o seu nome para que ele parasse de chamá-la de "menina", já que gostaria de ser tratada como mulher por aquele que lhe parecia o melhor homem que havia encontrado. No fundo de seu sentimento, uma atração feminina despontava por aquele belo exemplar masculino, ainda que na condição de servo de um palácio.

Ouvindo a preocupação da moça, Licínio encantou-se ainda mais com o seu modo humilde e tranquilizou-a:

- Bem, Serápis, não será necessário modificar o seu nome que, de resto é bem do meu agrado e o será também dos nossos patrões. Admiro a sua preocupação e a compreensão de que, neste ambiente, os que sabem seu lugar duram mais tempo do que aqueles que se consideram acima de suas próprias posições. Somos servos e se nos conduzirmos bem como tal, obedecendo sempre, mantendo-nos atentos e prestativos, mais tempo ficaremos a serviço de nossos senhores que, apesar de jovens e um pouco imaturos, são generosos e cordiais, não nos deixando nada faltar, no pouco de que necessitamos.

Vendo que Licínio não a chamara mais de "minha menina", Serápis sorriu e baixou o olhar demonstrando acatamento.

O coração dos dois, por motivos diferentes, sentia a atração espontânea um pelo outro, ainda que Licínio, com trinta, fosse mais de dez anos mais velho do que ela.

Licínio, atraído pela sua beleza e encantamento, na condição daquele que sente vontade de proteger com ternura uma criatura à mercê da sorte, no abandono da vida.

Serápis, atraída pela maneira protetora daquele que a havia tirado da rua e da miséria e a introduzido na vida de sonhos que sempre desejara.

O tempo e as fraquezas humanas, no entanto, se incumbiriam de modificar tais sentimentos.

26

AS EXPERIÊNCIA DE SERÁPIS

Naturalmente que, para cada um de nós, a Justiça Divina permite que tenhamos as oportunidades necessárias para aprender e modificar nosso caráter e nossas tendências.

Por esse motivo, a vida é muito mais do que as relações sociais e comerciais, afetivas, profissionais ou materiais como, em geral é considerada pela maioria das pessoas.

Através de tais relações, os homens são chamados a corrigir seus erros e melhorar suas virtudes, tornando-se espíritos mais bem talhados no caminho da evolução.

Todos os envolvidos nesta trama estavam, igualmente, partilhando o caminho da vida, carregando seus pontos frágeis que necessitavam conserto, seus erros que precisavam correção, suas capacidades que demandavam empenho para serem ampliadas.

Com Serápis as coisas não eram diferentes.

Seu espírito rebelde, vaidoso, impetuoso, fora reconduzido à vida material em situação de penúria, num ambiente hostil, com a companhia de outros iguais a ela, degenerados moralmente, para que entendesse as dores e aflições que estão esperando todos aqueles que se conduzem pelo caminho da maldade e do crime, levando outros aos desastres morais, como ela própria já o fizera um dia, em outras existências.

Do mesmo modo Druzila, na condição de abastada criatura, pertencente à elite social de sua época, não fugia aos mesmos deveres de aprendizagem, reparação, reequilíbrio, precisando estar na condição em que se achava para modificar suas tendências, melhorar sua capacidade afetiva, devotar-se ao amor sincero, atender os que sofriam com a abundância de seus recursos, estabelecendo uma rede de amparo e consolação.

Oriunda de um passado de deslizes morais, Druzila fora colocada, nesta reencarnação, em um corpo menos exuberante na beleza a fim de que esse requisito estético não fosse usado como arma para ferir os outros e acabar prejudicando a ela própria, nos desatinos que se cometem em nome das conquistas e das paixões que se despertam.

Marcus, por sua vez, jovem e bem sucedido patrício de seu tempo, se mantinha entretido com as aventuras consideradas normais para a sua época e idade, desprezando as oportunidades de amadurecimento junto da esposa, agora esperando um rebento seu, o que lhe poderia auxiliar na transformação moral e emocional. No entanto, seu comportamento renitente e arraigado aos prazeres físicos, impedia que tirasse proveito das elevadas vibrações espirituais que estavam sendo enviadas do mundo invisível sobre ele e sobre todos os outros que ali se encontravam, no teatro transitório da existência, no qual uns estão fazendo o papel de ricos enquanto outros ocupam os personagens miseráveis, alguns envergam a figura dos que mandam e outros interpretam a dos que obedecem.

Assim, querido leitor, com todos nós a vida se apresenta.

E sem que você perceba, neste exato momento, sua jornada nesta existência pode estar lhe cobrando a taxa justa e necessária que o fará acertar ou errar segundo as escolhas que você desejar fazer.

Por isso é que Jesus, o Mestre de todos nós, antes de fazer a sua própria vontade, se ocupava, apenas, de fazer a vontade do Pai, acima de todas as coisas.

Escolher o que seja a vontade do Criador é sempre sinal de sabedoria, de elevação e de consciência clara, para que não seja o nosso, o salário da frustração, do desespero, da decepção e da vergonha ante os nossos próprios atos e comportamentos, por termos desejado realizar a nossa vontade, os nossos caprichos, os nossos impulsos inferiores, vinculados aos nossos erros, tendências negativas e defeitos.

Naquele dia Serápis foi inserida por Licínio no trabalho da casa, de maneira sutil, sendo, primeiramente, observada por ele na maneira como se portava, ante as tarefas mais simples que lhe atribuíra.

Apesar de sua condição servil, seu porte altivo não negava a sua ancestral condição espiritual de arrogante patrícia, já que, sendo a primeira vez que penetrava em um palácio daqueles na presente encarnação, conduzia-se como alguém que já conhecia os seus hábitos, as rotinas e as sutilezas dos hábitos patrícios, os contornos do serviço que se esperava dos empregados.

Por isso, para surpresa de Licínio, foi muito fácil que Serápis se enfronhasse nos trabalhos do palácio, sem causar maiores problemas na adaptação, ante a brutal diferença de ambiente sofrida em tão curto espaço de tempo.

As primeiras semanas foram serenas, sem quaisquer ocorrências de vulto, a não ser as constantes tentativas de Druzila na direção do administrador, sempre hábil em fugir de suas investidas.

Além disso, Licínio preservava Serápis, evitando expô-la na sua inexperiência em trabalhos mais complexos para protegê-la de qualquer problema inicial, o que fazia com que os proprietários ainda não a tivessem encontrado, notadamente enquanto ela se familiarizava com os procedimentos, a fim de que não acabasse sendo flagrada em alguma conduta inadequada.

Os cuidados de Licínio deixavam com que Serápis se sentisse ainda mais sensibilizada por seus modos gentis e respeitosos, tão pouco encontráveis em homens daquele e de todos os tempos.

O sentimento do administrador por Serápis era perceptível no modo como ele a olhava e como brilhavam seus olhos ao admirar sua beleza e perceber o seu empenho em tornar-se uma outra mulher, abdicando de seu berço de misérias e se esforçando para andar no ritmo da nobreza imperial.

Mal sabia ele que Serápis fazia isso sem qualquer dificuldade, eis que seu espírito já se afeiçoara àquelas práticas desde longa data. Mal sabia Licínio, que a Serápis lhe doía a condição de serva mais do que a de mendiga de rua, eis que, fora daquele mundo mágico e luminoso, ela não tinha como experimentar novamente as tentações da riqueza e do mando. Agora, lá dentro, sua alma orgulhosa estava à mercê de tudo o que lhe estimulava os defeitos sem poder se permitir outro comportamento que não aquele da subserviência e da absoluta desimportância.

Ali não era nada, apesar de estar no meio em que sempre sonhara estar, sentindo-se quase uma rainha despojada de seu trono e relegada à cozinha.

Essa dor moral no âmago de seu ser não era compartilhada com ninguém, já que Serápis tinha outros planos e iria levá-los adiante.

Nem mesmo a figura gentil e honrada de Licínio seria capaz de tirá-la de seu objetivo.

- Afinal - pensava ela - Licínio é bom, mas não passa de outro empregado como eu. O que eu desejo é ser a que vive como a dona de tudo isto. Este é meu sonho e é por isso que estou aqui: lutarei até que consiga.

Nesse momento, usando as forças de seu pensamento frio e mesquinho, Serápis fechava as portas suaves de seu coração às experiências elevadas da união sincera com alguém que poderia ajudá-la na superação de seus defeitos e no exercício do papel de empregada, no qual aprenderia as lições da humildade, tão importantes para o seu espírito rebelde e indomável.

Espíritos amigos que tutelavam seus passos do mundo espiritual, se esforçavam para melhor intuí-la no caminho da necessária transformação, fazendo-a aproveitar a proximidade de Licínio e entender as belezas emocionais que ele poderia propiciar-lhe.

No entanto, o pensamento determinado e egoístico, desejoso de fazer apenas a própria vontade, impedia que Serápis modificasse as suas escolhas, ouvindo a voz do coração.

Depois de algumas semanas, Serápis estava mais familiarizada com as rotinas do palácio, tanto que Licínio resolveu apresentá-la a Druzila como a sua nova serva, ajudando-a nas tarefas diárias, sobretudo no estado gravídico que se acentuava com a aproximação do momento do nascimento.

A futura mãe recebeu a indicação com indiferença fria, não sem antes notar a beleza da jovem e os seus modos que aparentavam humildade e subserviência.

Para muitas mulheres que não possuem os traços estéticos tão esbeltos, a beleza de outras é uma adaga afiada que penetra seu coração invejoso e mesquinho, sendo, por si próprio, motivo para merecer ser hostilizada gratuitamente.

Além disso, sem poder explicar, a figura de Serápis produzia em Druzila um arrepio de medo e de aversão, como se estivesse diante de uma hábil competidora, uma astuta adversária, alguém com quem já houvera estado anteriormente, sem saber explicar quando nem onde.

Esse foi o primeiro impulso de Druzila em relação a Serápis. Não podendo comparar-se à beleza da jovem notadamente na condição de gorda gestante, cujos traços físicos iam se perdendo a medida que a gravidez avançava, a patroa recebeu a jovem serva aos seus serviços como mais uma oportunidade de dar vazão aos seus instintos femininos de humilhar aqueles que, não tendo o seu dinheiro ou a sua posição, possuíam a forma física que ela não tinha nem poderia comprar com seus recursos materiais.

Serápis, por sua vez, espírito sagaz e astuto, logo entendeu que seria muito difícil manter-se naquela condição, eis que a gestante já dava sinais de conduta hostil.

Na primeira oportunidade, reclamou a Licínio, em termos contidos, quando o administrador lhe perguntou como iam as coisas na nova função:

- Ah! Meu Senhor, que saudades eu tenho quando podia estar fora daquela que mais se parece como uma câmara de castigos do que um quarto de uma futura mãe.

- Ora, Serápis, as coisas não podem ser tão más assim - respondeu Licínio.

- São piores do que eu estou falando, meu senhor. A matrona outra coisa não faz do que me humilhar, exigindo que realize todos os seu caprichos e sentindo um prazer maldoso em me fazer sofrer. Por tudo o que lhe prometi, estou suportando calada para não comprometer o esforço de sua bondade para comigo. No entanto, isso tem sido um peso muito grande para mim...

- Saiba, Serápis, que Druzila mudou muito com a gravidez e, acredito firmemente que, com o nascimento do filho, ela voltará ao normal.

- Tomara que seja assim, senhor. Tomara.

Vendo o semblante triste da jovem que tanto lhe conquistara o sentimento, Licínio acrescentou para alegrá-la:

- Vamos fazer uma coisa, Serápis: vou lhe conceder dois dias na semana sem que você precise ficar lá com Druzila. Alegarei que preciso de seus serviços em outras áreas do palácio e colocarei outra serva para substituí-la junto dela. Assim você fica um pouco longe e se mantém mais forte para o dia em que tiver que estar mais perto, no serviço íntimo de nossa patroa. Está bem assim?

Sentindo o carinho de Licínio, um largo sorriso ganhou o semblante de Serápis que, num impulso de agradecimento e, aproveitando-se do ambiente silencioso e afastado do palácio, dando asas à sua condição jovial e espontânea de quase menina, enlaçou seu pescoço e beijou-lhe a face, num arroubo de alegria que, tão logo se exteriorizou, levou-a a corar de vergonha, por ter agido assim tão arrebatadoramente.

O beijo na face de Licínio poderia ser motivo de sua demissão sumária daquela casa. No entanto, o administrador, surpreendido com a espontânea reação, mais envaidecido se sentiu, imaginando que a jovem também nutria por ele um sentimento de carinho e interesse que o autorizava a sonhar mais alto a seu respeito.

Sorrindo com o modo envergonhado de Serápis, Licínio acariciou-lhe os cabelos e disse:

- Serápis, obrigado pela espontânea demonstração de gratidão, que guardarei como um dos melhores pagamentos já recebidos em minha vida. No entanto, cuidado com tais condutas na frente dos outros, pois os olhos alheios não veem a verdade e sim a maldade que eles carregam por dentro, e isso pode lhe prejudicar muito.

Vendo os escrúpulos de Licínio em relação à sua condição de serva daquele palácio, Serápis fez uma reverência formal típica dos servos, apontando a compreensão da mensagem de Licínio e, com um sorrisinho de intimidade nos lábios, afastou-se para suas tarefas.

No entanto, enquanto isso ocorria no vestíbulo, ao mesmo tempo, no quarto, Druzila se mantinha frustrada com o tratamento recebido de Marcus, a quem não perdoava pelo descaso que lhe devotava, no orgulho ferido de mulher.

Seu único interesse continuava a ser Licínio, a quem a sua insanidade temporária havia elegido como o objeto de seus desejos, fosse para sentir-se querida, fosse para humilhar a virilidade do próprio marido.

No entanto, Druzila não conseguia vencer a intransponível barreira de virtude que Licínio levantava e guarnecia sempre ante as suas investidas bem urdidas e que levaria um homem normal a se entregar em pouco tempo.

Cansada de ficar na condição de mulher prisioneira, Druzila se sentia mofando dentro daquele ambiente, longe do marido, longe do mundo, longe de Licínio.

- Onde estaria o único que lhe entregava algum respeito e consideração? - perguntava-se Druzila, na solidão de seus aposentos - ainda mais agora que me arrumou essa empregadinha nova, mais afastado ele tem estado.

As ideias obsessivas na mente invigilante faziam com que Druzila se inquietasse, imaginando que, ante uma nova e tão bem talhada mulher, os interesses do administrador deveriam estar voltados para a outra e não para ela.

Essa ideia nociva fizera com que o ciúme se tornasse outra força agressiva em seu íntimo e, por causa dele, mais inquieta se apresentava a gestante, nesta fase em que, por causa de todas as limitações que via surgirem em seu caminho, passara quase a odiar aquele ser que carregava no ventre, no modo egoístico e temperamental de que era portadora.

Inquieta com a ideia da nova empregada sob o comando de Licínio, Druzila deixou o quarto como quem deseja aspirar novos ares em um passeio descompromissado pelas dependências de seu palácio, oportunidade que lhe permitiria fiscalizar com o olhar arguto onde estaria Licínio e como é que deveriam estar as coisas fora de seus aposentos.

Aquela não era uma conduta esperada ou considerada natural, em face do adiantado da gravidez, motivo pelo qual, ninguém estava imaginando que Druzila iria aventurar-se pela casa, contrariando as ordens dos próprios médicos.

No entanto, agindo como gato que caminha sem fazer ruído, Druzila deixou o quarto onde não havia nenhuma serva naquele momento e, caminhando silenciosamente pelos diversos aposentos de sua vasta moradia, não pôde deixar de presenciar, por entre as colunas de mármore, o gesto espontâneo de Serápis, pulando no pescoço de Licínio e aplicando-lhe o beijo já referido, bem como a ausência de uma censura severa do administrador ante uma tão inapropriada intimidade com uma serva ousada.

Aquela cena foi vinagre para seus olhos.

Como mulher astuta, recolheu-a em seus arquivos e regressou ao quarto de onde tinha se ausentado sem que ninguém a tivesse visto.

Nesta hora, seu sentimento por Licínio tornara-se ainda mais arrebatado, diante da disputa que, na sua visão feminina, lhe passara a fazer Serápis, exigindo que ela adotasse uma outra estratégia para não perder aquele que era o único homem que a tratava com a consideração esperada por uma mulher fragilizada.

As linhas emocionais alteradas de Druzila faziam com que ela perdesse os contornos do bom senso, a se permitir alucinar pela possibilidade de perder aquele tão cobiçado exemplar masculino para uma serva, uma empregadinha miserável.

Seu coração, que até aquele momento havia jogado com os sentimentos de Licínio, provocando-lhe o instinto masculino através das condutas disfarçadas e dissimuladas de mulher sedutora, agora se via apertado, oprimido pelo medo de perder e de ser derrotada numa batalha desigual, onde ela se apresentava gorda e feia, apesar de rica e poderosa, e a concorrente era uma jovem bela e solteira, ainda que simples serva de sua casa.

Pensou em dispensar a jovem dos serviços do palácio. No entanto, se houvesse sentimento correspondido por parte de Licínio, isso a afastaria ainda mais dele, o que ela não aceitaria nunca.

- Não, não posso agir com pressa, já que isso pode se virar contra mim. Vou ver até onde isso vai, mas preciso agir de maneira mais direta para conquistar Licínio, antes que essa sirigaita oportunista consiga fazê-lo. Juro por todos os deuses que não permitirei que ela me vença no coração dele - pensava Druzila, febrilmente.

O estado febricitante e excitado pelo ciúme e pelo ódio, além da sensação de impotência por causa do filho que se preparava para chegar ao mundo, fizeram com que, a partir daquela noite, Druzila não passasse bem.

Marcus, que sempre chegava alta madrugada e se levantava tarde, pouco contato tinha com a esposa, já que, com a desculpa de não incomodá-la, passara a ocupar mais frequentemente outros aposentos, isolados dos da mulher.

Não suportando suas crises e seus achaques, atribuídos à sua condição temperamental e imatura, além dos naturalmente produzidos pela gravidez, o marido não sabia de nada do que se estava passando em sua faustosa casa.

Druzila, no entanto, dois dias depois daquelas emoções mais fortes, sentira as primeiras contrações anunciando a vinda daquele que seria o primeiro filho do casal.

Os médicos foram chamados, as mulheres responsáveis por auxiliar os nascimentos tinham sido informadas do momento e se mantinham a postos.

Serápis havia sido colocada a serviço da futura mãe em tempo integral, auxiliando-a nos momentos mais dolorosos das contrações, limpando-lhe a pele suada, dando-lhe água e, assim, fazendo com que, por alguns momentos, quando a dor se tornava mais intensa, Druzila se esquecesse de que ela representava a inimiga que lhe espreitava a sorte do coração.

Marcus fora chamado às pressas por Licínio e chegou em casa entre a preocupação e a curiosidade, já que as tradições familiares dos romanos sempre valorizavam a existência de sucessores que manteriam, assim, indestrutível, a linha de culto dos deuses lares, os ancestrais da família.

As horas se tornaram longas e cansativas, ainda que a necessidade de estarem a postos fizesse com que o palácio não dormisse enquanto não se lograsse o término da atividade do parto.

Finalmente, depois de infindáveis horas de atendimento, nas dificuldades naturais que os tempos antigos apresentavam ante a falta de recursos e conhecimentos avançados das técnicas médicas, escutou-se o choro característico, o vagido da criança recém-nascida, o que fez exultar o coração de todos, principalmente de Marcus, romano típico, varão de sua época, arrebatado e impulsivo como a mulher.

Sem qualquer cuidado e sem se dar ao luxo de esperar o momento adequado dentro de seu próprio lar, foi abrindo as portas que o separavam do local onde se desenrolara o nascimento, certamente em busca daquele que haveria de ser o continuador das tradições familiares dos Cornélios.

Estafada pelo esforço, esgotada e abatida, Druzila permanecia imóvel sobre o leito almofadado, como alguém que houvesse feito a travessia de um deserto a pé e acabasse de chegar ao seu destino.

Mulheres a auxiliavam na limpeza e na recomposição de seus trajes, enquanto Marcus invadia o quarto, perguntando em alta voz pelo filho recém-nascido.

A pequena criança estava embrulhada em tecido precioso, desde muito preparado para recebê-la. Já havia recebido os primeiros cuidados na higiene, que a tornavam menos repugnante à primeira olhada, já que o período de gestação reveste o corpo em formação de uma camada gordurosa e de aspecto desagradável.

Marcus, que sempre se demonstrara indiferente à sorte da esposa, como ainda se mantinha pouco interessado em conhecer-lhe o estado feminino depois de tão longa batalha para trazer à vida aquele novo ser, buscava frenético conhecer o primeiro filho, indo encontrá-lo nos braços de Serápis que, igualmente emocionada pelo acompanhamento da gravidez, se mantinha tocada na sensibilidade feminina, tornando-a ainda mais exultante.

Marcus não a conhecia. Até aquela data não a havia visto e não sabia de quem se tratava.

Ao chegar ao quarto, a sua aparência de beleza emoldurada pela atmosfera da emoção maternal, a equiparavam a uma madona clássica, inspiradora de muitas telas de renomados pintores, fazendo Marcus interromper por instantes a busca pelo filho para deter-se na admiração de Serápis.

Licínio estava à distância, procurando atender às necessidades emergenciais de Druzila que, estafada, procurava dormir um pouco para recuperar as próprias energias.

Marcus, extasiado diante de Serápis, que carregava o pequeno embrulho, não sabia se recolhia a criança ou se se entregava àquela mulher que nunca havia visto e que o magnetizara por completo, de imediato.

Vendo a situação daquele que ela não conhecia, mas que se apresentava como o proprietário da casa pelas atitudes arrojadas e invasivas daquele ambiente e que, portanto, deveria ser Marcus, Serápis, procurando ser o mais submissa sem perder a nobreza dos gestos, reverente estendeu-lhe o pequeno embrulho, baixando a cabeça para não cruzar o olhar com o do pai, que não sabia para qual dos dois dirigir a visão.

Vendo-se diante dos braços estendidos daquela que ele não conhecia como serva de sua casa, Marcus voltou a si do choque emocional e recolheu no seu colo o fruto de longos meses de gravidez.

Imediatamente, dirigiu-se à mesa mais próxima para que pudesse melhor avaliar as condições do recém-nascido.

Seu coração estava palpitante pela emoção de estar diante do continuador de suas tradições ancestrais, até o momento em que, um gemido de decepção rasgara a magia daquele ambiente, levando o jovem a colocar as mãos na cabeça e, abruptamente, levantar-se para ir procurar o ambiente exterior, deixando sobre a mesa a criança despida, entregue à brisa sem cuidados.

Frustrado em seus desejos masculinos, Marcus havia descoberto que o seu primeiro filho era saudável e perfeito,... mas era uma menina.

27

SENTIMENTOS E INTERESSES

O ambiente da faustosa habitação se modificou em face da chegada de mais um membro da família, impondo-se a alteração de certas rotinas e o estabelecimento de maiores cuidados para que a saúde da pequenina não fosse afetada com a exposição ao frio ou ao vento, mantendo-se um conjunto de servos absolutamente a postos para os zelos e a vigilância dia e noite, fosse para o atendimento das necessidades da criança, fosse para o auxílio à genitora.

A chegada dos visitantes, dos parentes, depois do período de maior emoção e perigo, tomava muito tempo de outros trabalhadores da casa, obrigando que Marcus permanecesse mais tempo no ambiente da família, a fim de receber os cumprimentos, manter conversações formais com autoridades, fazendo as vezes do pai interessado e do marido atencioso.

Essa pantomima bem desempenhada por ele que, inclusive, chegou a demonstrar maior carinho por Druzila, acalmaram no íntimo da esposa as necessidades de afeto mal suportadas durante toda a gravidez.

Com isso, Licínio pôde sentir-se um pouco mais aliviado e, sem ter que preocupar-se tanto com o assédio direto da dona da casa, dedicava-se ao trabalho administrativo árduo de controlar todas as necessidades domésticas, os empregados, os itens do abastecimento, os problemas internos, além, é claro, de devotar-se ao carinho que passara a sentir por Serápis, cada vez mais intenso e verdadeiro.

O coração de Licínio sempre estivera vazio, mormente por sua pouca lembrança dos tempos infantis.

Desde esse período, fora criado por pessoas estranhas à sua família, tendo perdido todo o contato com os seus antepassados, sabendo apenas que, quando muito criança, seus pais haviam morrido em um acidente quando a "insulae" onde viviam desabou, matando vários dos moradores desse tipo de cortiço romano primitivo, no qual se amontoavam famílias e mais famílias, precariamente.

Os filhos do casal estavam brincando fora das dependências desse cortiço mal edificado e, por isso, escaparam da tragédia, ficando solitários no mundo, já que não podiam informar sobre parentes ou familiares próximos que pudessem educá-los.

Licínio era o mais novo e o seu irmão, alguns anos mais velho do que ele, não entendiam o que se passava. À época em que ficaram órfãos, possuíam seis e três anos, respectivamente.

O administrador não se recordava do nome do irmão, nem conseguia divisar o que houvera sido dele. Só se lembrava vagamente que, no meio da multidão desesperada com o acidente, os dois acabaram levados por desconhecidos e separados um do outro, sem nunca mais terem se encontrado.

Nem mesmo sabia se esse nome pelo qual se conhecera lhe havia sido o mesmo com que os pais o haviam identificado, já que a pouca idade não lhe permitia lembrar de mais nada.

Sabia dizer, apenas, que foi sendo levado de lugar a lugar, sempre como empregado, como agregado e, não fosse pelo seu belo porte físico, pela sua beleza suave, teria, certamente, sido sacrificado ou deixado à morte em algum beco escuro.

Terminou recebendo o afeto de um homem generoso, Licínio, o velho - como era conhecido - que, sem filhos ou outros parentes naquela grande cidade indiferente, apiedou-se de seu destino e passou a dar-lhe comida e instrução singela, preparando-lhe o espírito para as épocas vindouras da juventude, dele recebendo o próprio nome como identidade pessoal.

Com o seu desejo de aprender e de encontrar o liame perdido com o único ser que ele conhecera e parecia ter sobrevivido - seu irmão desaparecido - e para ajudar o ancião que o acolhera como pai, passara a viver e trabalhar com modéstia e humildade, simpatia e respeito, conquistando com seus modos educados, a atenção de importantes senhores endinheirados que, a partir daí, interessaram-se por sua existência e o auxiliaram na tutela de suas necessidades, perante os quais passou a ser recebido com maior intimidade até ser considerado como um comensal ou um agregado de sua casa. Estes eram os pais de Marcus Cornélius com quem Licínio passou a conviver desde a juventude, principalmente depois que o seu primeiro benfeitor deixou o corpo cansado, vitimado pela velhice, amparado pelo carinho do jovem Licínio.

Essa era sua história pessoal. Abandono e orfandade que se mesclavam com um sentimento de solidão e vazio, sempre em busca de sua própria raiz, sem conseguir encontrá-la.

Com o casamento de Marcus, alguns anos mais jovem do que Licínio, foi ele convidado a servir como o administrador dos vastos domínios herdados pelo doidivanas e irresponsável noivo, já que era pessoa de sua confiança estrita, conquistada ao longo de décadas de ligação afetiva.

Desse modo, a presença de Serápis em sua vida era como o nascer do Sol, trazendo a esperança de um período de preenchimento emocional que lhe permitiria dar vazão aos projetos futuros, esquecendo os anseios do passado.

Depois, então, que as coisas se acalmaram, com a atenção voltada para a chegada da criança ao lar de Marcus, Licínio procurou manter-se mais próximo de Serápis, de maneira a sentir melhor a sua presença e deixar-se envolver pelos seus modos.

Serápis, por sua vez, sabia da inclinação de Licínio e ela também sentia uma grande simpatia por ele, sem que se permitisse convencer de que era sentimento verdadeiro.

A jovem tinha outros anseios na cabeça e não deixaria que os devaneios irresponsáveis de um coração que lhe cumpria domar, fizessem com que se unisse a um inferior, socialmente falando.

No entanto, no mais profundo sentimento, Serápis gostava de ser cortejada timidamente por aquele que era o chefe de todos os servos, encantador e respeitoso.

Assim, sabendo que na falta de outro mais importante para se permitir envolver naqueles dias, Licínio era o mais alto que ela podia chegar, aceitou-lhe a corte, demonstrando efetivos sinais de agrado e de entrega.

Seus sentimentos se apresentavam felizes e ela parecia transportar-se a um mundo de paz e consolação, segurança e equilíbrio nunca antes imaginados.

Com a sua correspondência, Licínio se tornara ainda mais dócil ao seu contato e, certa noite, quando os serviços já se haviam terminado, ele a procurou convidando-a a um passeio pela propriedade.

Sabendo que poderia confiar na sua correção de intenções, mas pretendendo mostrar-se atenta à sua condição de serva, Serápis perguntou-lhe:

- Sim, meu senhor, seu convite me enobrece, mas será que isso não será algo que o prejudique nas vistas dos nossos patrões ou dos demais servos?

- Ora, Serápis, que mal pode haver em um passeio, ainda mais aqui dentro, sem o desejo de nos ocultarmos para fazer coisas indignas? Além do mais, já notifiquei ao senhor Marcus o meu desejo de conversar com você e ele aquiesceu, liberando-me de quaisquer compromissos.

- Ah! Sendo assim, meu senhor, será muito agradável poder estar em sua companhia.

Desse modo, os dois tomaram o rumo dos jardins do palácio, sob a luz das estrelas que pintalgavam o céu romano, buscando um refúgio um pouco mais isolado dos ouvidos curiosos, para que pudessem conversar.

Licínio desejava mostrar-lhe algo que ela não conhecia e, se conhecia, jamais havia visto com tamanho esplendor.

- Sabe, Serápis, a visão daqui de onde iremos nos sentar é privilegiada.

Estou certo que você nunca viu nada igual em toda a sua vida.

Olhando ao redor, tão logo se sentaram no banco que o musgo havia abraçado como que a aveludar a pedra rústica para o conforto dos enamorados, Serápis exclamou, eufórica:

- Mas isso é lindo, meu senhor! Veja o Tibre ao fundo, o contorno do fórum, o casario aceso, os montes quase todos visíveis...

- Sim, Serápis, a vista daqui é maravilhosa. Mas você ainda não viu o mais belo.

- Como assim, meu senhor?

Procurando deixar a jovem mais à vontade, ele lhe respondeu:

- Se você continuar a me chamar de "meu senhor", voltarei a chamá-la de "minha menina". Que tal?

Ficando ruborizada com a afirmativa categórica que demonstrava conhecer-lhe o mais íntimo sentimento de contrariedade quando era chamada daquele modo, Serápis abaixou a cabeça envergonhada e, enlaçando o braço de Licínio, encostou o rosto em seu ombro e disse:

- Está bem, meu senhor, quer dizer, senhor Licínio.

- Só Licínio, Serápis, só isso.

Demonstrando ainda mais constrangimento, a jovem contestou:

- Mas o senhor é nosso dirigente. Não posso me permitir tal intimidade.

Compreendendo-lhe os escrúpulos e admirando a sua cautela, Licínio respondeu:

- Aqui estamos a sós e, sempre que isso ocorrer, quero que me chame apenas por meu primeiro nome. Quando estivermos na frente dos outros, eu serei quem dirige e, por isso, poderá me chamar de senhor. Está bem assim?

- Desse jeito está melhor..... Licínio - falou ela titubeante e alegre, como uma menina encantada.

Vendo que a primeira barreira havia sido vencida, o enamorado anfitrião toma-lhe a mão e recomeça.

- Você sabe, Serápis, que desde o primeiro dia de sua estada aqui, nossos destinos têm se aproximado mais e mais. Não vou lhe dizer que isso se tenha dado apenas por força da necessidade de serviço.

Desde que a vi no "fórum olitórum", às margens do Tibre, fugindo daquele brutamontes, um sentimento de carinho e ternura muito intenso me invadem a alma sempre que penso em você. No início, imaginei que se tratava apenas de desejo ou curiosidade. No entanto, as semanas se passaram e a sua companhia despertou em meu íntimo o mais puro dos sentimentos que eu pensava jamais poder existir em alguém tão desditoso quanto eu.

Vendo o silêncio e a proximidade de Serápis, Licínio animou-se a continuar.

- Por isso, eu a trouxe até aqui, hoje, quando as coisas estão mais calmas...

- E Druzila está mais... .digamos, ... mansa - falou, dando risinhos maliciosos, a jovem serva.

- Ora, Serápis, então você também já anda sabendo dessas loucuras da patroa? Esses criados sabem mais das coisas do que o próprio César. Quanto dinheiro ele consome com uma rede de informantes quando seria necessário, apenas, ter mais criados... - falou Licínio, bem humorado.

- Também sabemos de seu heroísmo masculino, Licínio... - respondeu ela, demonstrando orgulho dele.

- Bem, aproveitando que as coisas estão mais calmas hoje, Serápis, gostaria de lhe mostrar, nesta paisagem que está divisando, algo que representa exatamente o que você é para mim e, a partir de então, que você soubesse do meu desejo de, quando tudo se fizer favorável, honrar minha existência com o acolhimento de sua alma junto da minha, numa família romana, aquela que me foi negada desde quase o meu nascimento.

- Ora, Licínio, seus modos me encantam e eu não saberia dizer que coisa mais linda poderia existir que simbolizasse o que a minha apagada figura representa para você.

- Sim, Serápis, o que está vendo daqui pode parecer belo, mas é apenas o encanto de tantas Druzilas que existem no mundo, desejando amar e trair com a mesma intensidade. Sob esses tetos, estão mulheres iguais a ela, maridos como Marcus, indiferentes, lares sem fogo sagrado, sentimentos corrompidos nos quais não existe afeto sincero.

As estrelinhas no céu demonstram os olhares dos deuses por todos nós, tentando iluminar nossa trajetória de erros e acertos. No entanto, a escuridão que as cerca é a nossa resposta à sua solicitude fraterna. As estrelas piscam e nós nos apagamos.

Por isso, mais do que esta natureza bela por si só, mais do que o horizonte de belezas infindas, você representa para mim algo que é maior que tudo isso. Você, em minha vida, é algo que quero mostrar, para que nunca se esqueça.

Vendo o carinho de Licínio a desdobrar-se por ela, como outrora jamais ninguém houvera feito, o coração de Serápis se deixou levar pela brisa da emoção, do sentimento que entontece e que as criaturas que se pretendem senhoras de si mesmas não gostam de sentir, já que emana como força poderosa diretamente do coração.

A sombra da noite escura, o perfil de Licínio se transformava em uma esbelta escultura da natureza humana, tornando seus cabelos encaracolados e negros ainda mais atraentes.

O olhar de Serápis, acostumado à astúcia desenvolvida ao longo de sua infância, não sabia identificar aquele tipo de afeto sincero e puro, ainda que estivesse se sentindo nas nuvens com uma tal demonstração de carinho.

No entanto, a confissão de Licínio não lhe era indiferente e os seus modos educados e respeitosos lhe produziam uma sensação de segurança nunca conhecida até então.

Tentando quebrar o silêncio de encantamento, Serápis sussurrou em tom suave segurando-lhe o braço no qual já trazia o seu próprio enlaçado:

- Pois então, Licínio, apesar de eu não me considerar merecedora de nada disso, gostaria muito que me mostrasse o que é que meu ser representa para você.

- Espere mais alguns instantes e você verá. Olhe atentamente para o rio e suas águas.

Assim, por alguns minutos, ficaram ambos em silêncio, fitando o curso silencioso do Tibre ao longe, quando, de maneira imperceptível, uma chama começou a brotar daquela região. Um ponto luminoso amarelado, como a chama de uma fogueira que fora acesa naquele momento.

Parecia uma mágica aos olhos de Serápis.

Em silêncio, ela continuou a observar, procurando entender o que estava acontecendo.

No entanto, a fogueira seguia crescendo e seus contornos iam se expandindo, como se o fogo fosse tomando conta não mais daquele pequenino ponto, mas se espalhando por toda a linha do horizonte.

- Eis o que você é para minha vida, Serápis...

Ali estava nascendo a Lua cheia, sobre a Roma indiferente.

Como o olhar de Deus a testemunhar todos os acertos e erros dos homens, Serápis se encantava com aquele tamanho imenso.

Avermelhada no início, depois se ampliando e se tornando dourada, foi deixando o solo e se refletindo nas águas do rio e iluminando ainda mais os contornos de todos os palácios e templos da cidade eterna.

Emocionada, Serápis começou a chorar, por ter sido, pela primeira vez em sua vida, presenteada com uma visão daquelas numa condição daquelas. Licínio a colocava como a lua de sua vida e, num gesto de carinho, enlaçava as suas mãos, penetrando-lhe os dedos com os seus e declarando-lhe o seu amor.

Sem saber o que dizer depois que os minutos deixaram que a Lua se transformasse em um maravilhoso disco ganhando altura no céu, Licínio apertou-lhe as mãos entre as suas e lhe disse:

- É por isso que eu a trouxe aqui... para que soubesse de meu carinho verdadeiro e meu sonho em ser o céu estrelado para que você possa brilhar nele como o plenilúnio.

Sem conseguir articular uma palavra, Serápis tomou-lhe as mãos e beijou-as, enternecidamente.

Não desejava, ali, assumir qualquer compromisso com Licínio, naquelas condições de descontrole emocional, quando poderia pôr a perder todos os seus planos e sonhos de riqueza e poder de sua vida, trocando-os por uma felicidade de fantasia, sem requinte e sem futuro, desimportante e sem realce social.

Estava perdida entre seus interesses mais secretos e seus sentimentos e emoções de mulher.

Depois de algum tempo em silêncio, Licínio, compreendendo o estado de alteração daquela jovem emocionada e chorosa, sem pretender pressioná-la, levantou-a do banco e, dando uma última olhada no horizonte, agora banhado pela luz prateada do imenso satélite terrestre, encaminhou-se para o interior da vivenda confortável, onde serviam de maneira humilde, mas onde poderiam encontrar o sentimento sincero e verdadeiro, como presente de Deus a todos os seres.

Enquanto isso se passava nos jardins palacianos, no interior da moradia os conflitos se ampliavam.

Depois que as últimas visitas se afastaram e que Marcus se permitia voltar a ser o mesmo indiferente de todas as horas, a presença do marido em casa havia produzido em Druzila os anseios naturais de afeto que a esposa deseja satisfazer, notadamente depois de um período de tanta ausência e tanta pressão emocional, decorrente da gravidez.

Refeita do parto doloroso, Druzila procurou acercar-se de Marcus que, nos últimos dias, havia demonstrado certa suavidade ante sua presença. -

No entanto, tão logo penetrou em seus aposentos, foi recebida da maneira fria de antes.

- Querido, há quanto tempo não conversamos um pouco. Agora que nossa filha chegou, poderíamos voltar aos bons tempos, quando trocávamos afetividade espontânea e sincera - falou Druzila, tentando esquecer todas as ofensas recebidas da indiferença do marido.

- Lá vem você com essa mania de voltar ao passado, Druzila. Você sabe que nós nunca nos quisemos de verdade. Você e seu pai, tanto quanto o meu é que houveram por bem tramar para que nossa união aproximasse nossas fortunas.

- É verdade isso, mas também é verdade que você concordou e parecia ser sincero.

- É, eu posso ter concordado naquela época, quando você era mais bonita, era novidade para mim, e o dinheiro era mais sedutor que você. Mas e agora? Você é esse monte de gordura desconjuntada, esse aglomerado de lamúrias e exigências e, o que é pior, nem foi capaz de me conceder um filho. É inútil para todas as coisas.

Sentindo-se ferida no mais profundo de sua alma, Druzila começou a chorar ante as investidas de Marcus, frio e indiferente.

- Sabe, Druzila, um marido quer uma mulher forte, corajosa, destemida, que não se derreta a cada hora do dia em lágrimas sem nenhum valor. Além do mais, qualquer prostituta barata, para encantar um homem, tem mais atrativo do que você e, por certo, poderia me dar o filho varão que eu mereço ter.

Não conseguindo mais controlar-se, Druzila explodiu como sempre, em impropérios e ameaças.

Ferindo a mulher de maneira cruel, Marcus pretendia tratá-la com a terapêutica do choque, a fim de que, pensava ele, pudesse despertar-lhe as fibras femininas, fazendo-a menos acomodada, menos matrona caprichosa. No entanto, a única coisa que conseguia era feri-la e produzir-lhe uma ira interior que, no coração de uma mulher desequilibrada emocionalmente sabe transformar-se em um curso de lavas comburentes, no momento adequado.

Druzila não escutava mais o que Marcus dizia. Para ela, o que lhe importava era devolver-lhe a ofensa, custasse o que custasse e isso ela o faria, com requintes de capricho e sadismo.

- Você é o mais abjeto de todos os seres que conheci em minha vida. É verdade que já me deitei com muitos homens, alguns dos quais sequer cheiravam bem, mas nenhum deles era tão baixo quanto você, Marcus Cornélius. Haverá de pagar-me o insulto com lágrimas e sangue.

As afirmativas de adultério e traição, jogadas a esmo, tinham apenas o efeito de ferir-lhe o brio e o orgulho de homem vaidoso, não correspondendo à verdade. Era mais uma arma feminina para contrapor-se ao ataque covarde daquele rapaz insensato.

Depois de vomitar-lhe os impropérios mais baixos, Druzila deixou o ambiente e, em prantos, retornou ao seu quarto, com o cérebro esfogueado pela humilhação suportada momentos antes, quando havia deixado seu orgulho para trás, a fim de tentar refazer a vida amorosa com seu esposo.

No mesmo momento em que esquadrinhava todas as possibilidades de vingança, a figura de Licínio assomou-lhe à mente.

O "outro homem de sua vida" - escolhera ela, naquela hora.

Marcus pagaria bem caro a humilhação que lhe infligira, para que nunca mais se esquecesse.

Enquanto isso, no seu quarto, depois da explosão temperamental da mulher, que correspondia exatamente à reação que o marido queria extrair dela, a fim de que o deixasse em paz, Marcus foi acometido da lembrança daquela jovem que lhe entregara a recém-nascida, dias antes.

A visão de Serápis não lhe saía da cabeça e, durante os dias seguintes, este foi outro motivo pelo qual ele não se ausentara do palácio. Por entre os pilares e colunas, quartos e corredores, deitava os olhares para divisar-lhe o vulto belo, nos serviços normais da casa.

Inteirou-se, sem levantar suspeitas, de que ela era uma nova serva, trazida por seu amigo e administrador Licínio e, por isso, não haveria maior dificuldade em se aproximar da jovem.

Seus pensamentos, tentando fugir da figura desconjuntada da esposa exigente, se deixavam impregnar pela atmosfera de beleza e novidade daquela jovem serva que, com toda certeza, facilmente lhe estaria disponível.

Desse modo, a partir daquele dia, quando os laços afetivos com Druzila sofreram o mais duro golpe graças às suas palavras agressivas e desmedidas, Serápis era o novo horizonte que surgia em seus interesses emocionais, devendo acautelar-se para que não perdesse os modos que se esperavam de todo patrício romano, dentro do ambiente de sua casa.

Trair a própria esposa com empregados no ambiente onde a família deveria merecer o mais profundo respeito em face das leis sagradas do lar, era um dos crimes mais abjetos e produziria uma avalanche de oposição social contra a sua pessoa.

O lar, como era do pensamento romano, era a sede da virtude. Conspurcar-se na rua era algo admissível e até mesmo aceitável. Todavia, conspurcar o lar, era algo que se igualava a cometer um perjúrio contra os ancestrais que ali eram cultuados.

Por isso, Marcus sabia que não poderia levantar suspeitas nem deixar que sua posição de nobreza se confundisse publicamente com os da ralé, como eram consideradas as servas ou as escravas.

Em Marcus, o interesse físico e as frustrações emocionais o endereçavam à aventuras proibidas.

Em Druzila, a dor e o orgulho ferido a empurravam para envolver-se com pessoas inocentes, no interesse de produzir o escândalo com o qual pretendia devolver a ofensa ao marido.

Em Serápis, o sentimento em conflito com o interesse, na luta entre o amor e o desejo de crescer socialmente e dominar.

Em Licínio, o sentimento sincero, sem medo nem jogo, lutando para ser compartilhado por aquela que ele elegera a lua de sua existência, mas que, nos escaninhos mais secretos do ser, na malícia que não entregava os pontos, na astúcia que sempre planejava, não tinha qualquer interesse em elevar-se no seu céu e clarear-lhe a vida como esposa devotada e mãe dos filhos de um empregado.

Assim, leitor e leitora queridos, quantos males se teriam evitado e se poderão evitar, se os sentimentos sinceros estiverem a embalar as condutas e as palavras, os impulsos e os cuidados, pois revestidas de doçura, nossas atitudes não feririam ainda que contrariassem, não humilhariam, ainda que não correspondessem aos anseios alheios.

Quantas dores hoje visitam nossos ambientes íntimos decorrentes desse jogo de sentimentos vilipendiados e interesses mesquinhos, fazendo, de todas as criaturas, vítimas de si próprias ao longo dos séculos de reparação que as esperam.

E não nos esqueçamos de que os envolvidos nessa nova etapa reencarnatória já haviam se conhecido e já haviam vivido juntos em época anterior, há menos de cem anos, no ambiente daquela Roma grandiosa e pequena, ao mesmo tempo.

28

EGOISMO EM AÇÃO

Os dias passaram, lentos, entre os trabalhos normais da casa nobre e os sentimentos que cresciam no coração dos seus principais membros.

Licínio mantinha a sua postura respeitosa e serena, enquanto Serápis mais e mais se apresentava com a aparência debilitada, alegando sempre o cansaço produzido pelo aumento das tarefas internas, em face da chegada da filha do casal ao lar.

Na verdade, a serva estava confundida pelo sentimento que Licínio lhe inspirava e os seus anseios de sucesso pessoal, lutando para não ceder aos impulsos de seu coração também carente, já que seus projetos não previam aquela escala em patamar social inferior.

No entanto, este modo de sentir e este conflito emocional cobravam o preço do desgaste de suas energias, já que a sua simpatia por Licínio lhe confundia a alma e lhe dava nós no pensamento.

Dentro dela lutavam o sentimento sincero do coração contra as descargas mentais que se punham em desacordo com a emoção.

Esse desgaste era algo prejudicial ao equilíbrio de Serápis e, por isso, sua atenção estava prejudicada e todas as coisas que ia fazer eram atrapalhadas pelo seu estado íntimo.

No interior de seus aposentos, Druzila seguia seus instintos animalizados, provocados pela indiferença de Marcus, imaginando-se na condição da esposa que se satisfaz com o empregado e, com isso, humilha o marido para devolver-lhe a ofensa.

Na altura em que seus sentimentos se achavam, tal o grau de ferimento, Druzila já havia perdido a noção do afeto verdadeiro e do respeito que todas as pessoas mereciam, alegando para si própria que o mundo era frio e indiferente e que todos deveriam ser usados para que ou fossem felizes com os prazeres ou fossem instrumento de vingança. Que cada qual se protegesse um contra o outro e que os mais fracos acabassem abatidos e feridos nessa luta da vida, na qual ninguém tinha compaixão dela própria, Druzila.

Ferida na alma, seu intuito, agora, mais do que amar outro homem, era ferir o marido infiel e cínico, esperando o momento adequado para fazê-lo.

Resta avaliarmos o estado de Marcus, o leviano dono da casa.

A incapacidade de sua esposa em lhe conceder o esperado varão - como assim era interpretada a chegada da filha, em vez do filho -fizera com que a sua insatisfação com a mulher se ampliasse e, no conceito machista e indiferente que o egoísmo produz no coração das criaturas que o cultivam sem poda, Druzila houvera perdido todo o encanto e não lhe merecia qualquer respeito ou consideração.

A sua conduta irresponsável, fora do lar, já era indicador seguro de sua falta de base moral, a qual poderia ser reparada com a paternidade, sentimento mais nobre que, por si só, muitas vezes, é capaz de reconduzir à razão e à seriedade o mais doidivanas dos homens.

Todavia, não foi isso o que ocorreu.

Marcus, sem conseguir nem desejar melhorar as coisas com Druzila, fora surpreendido pela beleza de Serápis, cujo semblante não lhe saía da mente e que, desde aquele dia, passara a ser o principal motivo para não sair de casa.

Acostumado a ter todos os seus interesses satisfeitos, buscando encontrar-se com Serápis, que, como mulher houvera notado o impacto que sua presença havia produzido nele, naquele dia do nascimento de sua filha, o dono da casa passou a percorrer as suas dependências, sempre contando com a possibilidade de cruzar seus passos com os da jovem e esbelta serviçal.

Depois que Serápis havia recebido a revelação afetiva de Licínio e mantido em segredo os seus sentimentos, os dias se sucederam até que, certa manhã, quando os fatos naturais levaram Licínio ao "Fórum Olitorum" para o reabastecimento dos vegetais e demais produtos consumidos pelos habitantes do palácio romano, ela se sentira mais à vontade para corresponder ao interesse de Marcus, já que houvera percebido seus olhares furtivos, suas caminhadas tontas pelo interior da mansão, como alguém que procura alguma coisa e não sabe onde está.

Assim, sabendo que Licínio não se encontrava, Serápis, ousada e jogadora, resolveu inovar no ataque, a fim de certificar-se de que a intenção de Marcus era a de aproximar-se dela.

Colocou sobre uma bandeja bem talhada uma taça de vinho e alguns pães e frutas secas para o café da manhã e, sem que o patrão o solicitasse, num gesto de ousadia que poderia custar-lhe o emprego, dirigiu-se aos seus aposentos, batendo à porta à espera de ser atendida.

Assim que ela se abriu, Serápis estava de pé, em posição de reverência, com a cabeça abaixada e o corpo semicurvado, estendendo a bandeja com os braços para frente, como se mantivesse o respeito pelo patrão, que despertara algo atontado.

Com a abertura da porta, Serápis ofereceu a bandeja com a face voltada para o solo e os cabelos longos que lhe cobriam o rosto como uma oportuna cortina que lhe ocultava a identidade.

- Eis aqui, meu senhor, o seu café para o novo dia - disse ela respeitosa.

Vendo-se naquela cena insólita e pouco comum, já que sua rotina familiar não envolvia tal procedimento, além do fato de que, em geral, nas poucas vezes em que tomava o desjejum no quarto, tal solicitação era feita a Licínio e por ele providenciada, sendo servida sempre por algum servo que prestava serviços pessoais e exclusivos ao dono da casa, para evitarem-se os ciúmes de Druzila e as suspeitas entre os empregados, o primeiro impulso de Marcus foi o de despedir asperamente a jovem com a bandeja, mandando-a de volta com alguma reprimenda, já que a preocupação do chefe da casa era com as aparências de virtude debaixo daquele teto.

- Eu não pedi qualquer café nesta manhã - falou ele, rudemente.

Dando seguimento à encenação com a qual desejava testar o interesse do patrão, Serápis, com calma e graciosidade, levantou o rosto e, à medida que o fazia, os cabelos se afastavam para os lados e revelavam seu olhar coruscante e luminoso.

Olhando diretamente para os olhos de Marcus, a serva, fingindo humildade, respondeu:

- Desculpe-me, senhor, devo ter-me confundido. Talvez este desjejum seja destinado à sua esposa Druzila. Desculpe-me novamente o incômodo.

Dizendo isso de maneira tão suave e submissa, a ternura de Marcus se viu tocada tanto pela surpresa quanto pela "coincidência" que lhe trazia até sua porta a jovem que tanto procurava em segredo.

Vendo que se preparava para sair em direção ao quarto de sua esposa e sentindo o coração aos saltos, não desejava perder aquele momento especial, ainda mais encantado com a beleza descuidada de Serápis. Assim, atenuou o tom ácido da voz e disse:

- Veja bem, apesar de não ter pedido o alimento, ele chegou em boa hora. Por favor, pode entrar e servir-me o que está na bandeja.

A reação de Marcus confirmava perante o sentimento astuto de Serápis, a certeza de que ele se interessava por ela e isso significava a sorte grande para qualquer romana de sua classe inferior.

Num relance, Serápis entreviu todo o seu futuro e todas as chances que a mão da deusa Fortuna lhe estava garantindo.

Sem qualquer questionamento ou qualquer laivo de pudor ou cuidado, a serva adentrou nos aposentos do patrão que, mais do que depressa, cerrou a porta e se colocou sentado em uma pequena mesa que lhe servia de escrivaninha ou de mesa para refeições, dependendo do momento.

Serápis, então, com seus modos fingidamente discretos, procurava manter-se firme no exercício das funções de serva, deixando ao homem todas as iniciativas, se o desejasse.

Assim, serviu-lhe a taça de vinho, colocando o jarro ao lado, bem como depositou à sua frente os pães e as frutas para que Marcus os alcançasse sem dificuldades.

Ele pouco se importava com o alimento. Não tirava o olhar de Serápis que, percebendo-lhe o interesse mal disfarçado, exultava por dentro, sabendo que metade da guerra já estava vencida.

Sequer o inimigo disfarçava.

- Qual é o seu nome? - perguntou Marcus segurando-lhe o pulso em um dos momentos em que ela estendia os pratos com as frutas sobre a mesa, revelando um desejo de estabelecer uma intimidade física com a moça, algo muito incomum vindo do patrão para com as servas, dentro do ambiente da família.

Sem se afastar de suas investidas, mas fingindo uma certa timidez que estava muito longe de corresponder à verdade, ela respondeu:

- Serápis, para servi-lo, meu senhor.

Marcus tinha por ela uma avalanche de sentimentos desconexos. Tinha impulso de agarrá-la ali mesmo e fazê-la sentar-se em seu colo para acariciar-lhe os cabelos longos e confidenciar-lhe seus afetos mal correspondidos por outras mulheres que ele comprava por algumas moedas.

Seu impulso masculino, por outro lado, tinha ímpetos de estabelecer com ela as relações mais condenáveis para um chefe de família romano ali mesmo, dentro de seu quarto, como se ela lhe pertencesse de alma e corpo, não levando em consideração sequer a sua própria vontade, já que não se tratava de uma escrava e sim de uma empregada, ainda que, naqueles tempos, pouca diferença se reconhecesse ou se respeitasse entre os escravos e os empregados.

Uma mistura de ternura paternal, atração carnal, volúpia, paixão e desejo o avassalavam e era a muito custo que se ocupava de controlar-se.

Serápis percebia o estado alterado de sua respiração. Sua mão fria denotava o descontrole da emoção e seu rosto corado mostrava a modificação dos batimentos cardíacos.

Ela estava no domínio da situação, mas não poderia ser vulgar e fácil já que essa condição a igualaria às prostitutas da rua e não era esse seu desejo.

Desse modo, procurando dar a impressão de que desejava afastar-se dali, ela perguntou, reverente:

- Meu senhor, deseja mais alguma coisa?

Vendo que a jovem estava prestes a sair, rompendo a magia daquele primeiro encontro mais íntimo, Marcus afirmou, valendo-se de sua autoridade inquestionável ali dentro:

- Sim, Serápis. Desejo que todas as manhãs você me sirva algo para comer, no mesmo horário de hoje, ainda que eu me encontre dormindo. Você tem minha autorização para bater à porta até que eu me levante ou que algum servo a possa abrir.

- Mas, senhor, desculpe que o lembre disso, esta tarefa o senhor Licínio sempre a atribuiu a um servo de sua intimidade...

- É verdade, Serápis, mas isso não será mais assim. Agrada-me que seja você quem me atenda todos os dias, salvo se não lhe for agradável fazê-lo. Só nesta condição é que eu aceitarei receber estes cuidados de outra pessoa.

Aquele era o momento de seu destino. Serápis poderia dizer que não o serviria e, assim, estaria desprezando-o depois de tanta espera por uma oportunidade daquelas. Ou então, de maneira dengosa, reafirmaria o seu desejo de servi-lo, aproximando-se ainda mais dele.

Vendo que uma resposta decisiva e reveladora lhe era esperada, Serápis pensou muito e respondeu:

- Não há nada neste palácio que possa honrar mais um servo ou uma serva tão despossuída como eu do que a possibilidade de servi-lo, meu senhor. No entanto, isso pode produzir constrangimentos que o senhor não está vislumbrando.

- Como assim, Serápis, se é o meu desejo que dirige esta casa?

- Sim, é verdade, meu senhor. No entanto, devo confessar-lhe que sua esposa me hostiliza sem qualquer motivo que não seja o de sentir ciúmes de minha pessoa.

Vendo que Marcus não gostava da mulher, não lhe seria difícil imaginar que o espírito vingativo de Druzila era bem capaz de se conduzir desse modo.

- Eu sei como Druzila é, Serápis, e, por isso, tudo farei para que você não fique de todo submetida ao seu gênio temperamental.

- Muito lhe agradeço meu senhor.

- Pois então, Serápis, por que é que você continua com essa expressão de preocupação?

Preparando o terreno para o futuro, a jovem tocou o assunto mais delicado de todos.

- Ocorre, senhor, que eu devo muito ao senhor Licínio que, compadecido de minhas desgraças, trouxe-me a esta casa.

- E eu também devo muito ao velho Licínio, meu amigo, por tê-la trazido para cá também, Serápis - falou Marcus, galanteador.

Serápis sorriu de maneira envergonhada, dando a entender que compreendera o galanteio, mas acrescentou:

- Ocorre, senhor, que o senhor Licínio, generoso e paternal, de uns tempos para cá tem se mostrado mais interessado em minha pessoa insignificante, tendo, inclusive, revelado planos para consorciar-se comigo.

Diante de tal notícia, Marcus sentou-se melhor na cadeira e seu estado emocional foi sendo alterado, passando de um encantamento a um estado de preocupação.

Vendo que ele permanecia em silêncio esperando mais explicações, Serápis continuou, dominando as emoções próprias e dirigindo às do seu ouvinte:

- Eu me sinto muito ligada a ele por tudo o que tem feito para me ajudar nesta casa e, por isso, talvez, seus sentimentos tenham ficado confundidos. No entanto, como não tenho nenhum valor, apesar de não sentir uma atração por ele, que me autorizasse a aceitar-lhe a confissão afetiva, me vejo na difícil situação de não querer magoá-lo por não corresponder aos seus sentimentos na mesma medida que ele esperaria.

Assim, temo que, se me mantiver presa ao serviço pessoal do senhor da casa, ferirei os sentimentos do senhor Licínio e causarei um sofrimento em alguém que, até os dias de hoje, tem sido um benfeitor para mim.

Vendo que sua preocupação era muito importante e que levava em consideração a pessoa de seu amigo e administrador de confiança, Marcus, sério, perguntou-lhe:

- Licínio é um homem honrado e uma pessoa digna de toda consideração. Seu sentimento é nobre e suas intenções são sinceras sempre. Você está segura de que não sente nada que corresponda aos seus sentimentos, Serápis?

Entendendo o alcance daquela indagação que seria o divisor de águas em sua vida, Serápis lembrou-se de todos os seus projetos e dos sonhos de opulência que almejava construir para si e, nessa hora delicada de seu destino, escolheu o que lhe parecia melhor aos próprios interesses, sem medir com profundidade o que estava fazendo.

Apenas pensava em seu egoísmo.

Enquanto não tinha mais ninguém que a desejasse, Licínio, bom e generoso, talvez lhe servisse como prêmio de consolação. No entanto, agora que o interesse do dono do palácio lhe era patente, não lhe importaria que ele fosse casado, que tivesse filha, que fosse um escândalo a sua aproximação do patrão, nessas condições, que ela não tivesse estirpe mínima que fosse.

Apenas lhe encantava o fato de ser a querida na vida daquele homem poderoso e admirado, rico e infeliz, além do fato de que, por ser Druzila a sua esposa, uma mulher por quem sentia forte aversão e a quem dedicava uma antipatia difícil de dissimular, conquistar-lhe o marido seria algo saboroso, como o preço das sucessivas humilhações que teve de engolir no serviço que lhe prestava na intimidade.

- Meu senhor, tenho pelo senhor Licínio uma inextinguível gratidão, mas não me sinto inclinada a compartilhar-lhe os desejos de matrimônio. Meu coração ainda espera pelo afeto que lhe possa aquecer e a quem eu possa me entregar para que realize os seus sonhos de homem, bem como lhe forneça a prole de varões que lhe perpetue a tradição familiar. E, pelo que sinto dentro de mim, apesar de todo o respeito que tenho por ele, o senhor Licínio não é tal pessoa.

Algo aliviado, Marcus entendeu os motivos mentirosos de Serápis e, então, reconsiderou:

- Bem, Serápis, meu coração vazio e amargo, árido e infeliz bem compreende os anseios do seu afeto e a sua nobreza de alma é mais límpida do que a de muitas matronas romanas, sempre interessadas em seus caprichos e em realizar suas vontades egoístas.

No entanto, entrevejo em seus modos uma esperança de felicidade para a qual meus anseios idênticos me conduzem e, por isso, não gostaria de me afastar da sua presença, ainda que as condições sociais me afastem de você.

Licínio sempre foi alguém que admirei e, por conhecer-lhe a vida de aflições, não gostaria de produzir-lhe maiores dissabores. Assim, você deve manter-se discreta, servindo-lhe de acordo com suas ordens. No entanto, gostaria de saber se lhe agradaria, dentro dos cuidados necessários em face de nossas posições pessoais, a possibilidade de nos encontrarmos para nos conhecermos melhor.

Não se sinta pressionada em aceitar pelo fato de eu ser o patrão. Nada quero forçar dentro de você. Se prefere o isolamento, não pretenderei desrespeitar o seu desejo.

As palavras de Marcus tinham um quê de melancolia, como se estivessem representando uma confissão amarga de seu sentimento infeliz desde longa data.

Na verdade, toda a sua busca desenfreada por prazeres fora do lar era motivada por um sentimento vazio, mal correspondido, numa ânsia de encontrar o ponto de equilíbrio para seu espírito inquieto, mesmo que tivesse que experimentar todas as prostitutas de Roma.

E não era no sexo que encontrava a resposta para seu coração.

No entanto, Serápis parecia produzir nele um reverdecer de esperanças, produzindo-lhe a ânsia juvenil de reencontrar-se consigo mesmo no afeto tão sonhado e, ao mesmo tempo, tão frustrado pelo convencionalismo e pelos arranjos de interesses.

Sabia, no entanto, que entre os dois havia uma barreira muito difícil de transpor, fruto desse mesmo convencionalismo social, dos limites sociais.

Não tinha ideia de como poderia corrigir tal distorção. No entanto, não podia desperdiçar a oportunidade de manter-se próximo de Serápis.

Uma força diferente o atraía.

A jovem serva, emocionada pelo modo de ser daquele homem tão vulnerável no afeto que, no primeiro encontro, passara da condição arrogante de patrão à do fraco e carente coração que se confessa e pede ajuda, entregando-se ao risco para não perder a oportunidade, não vê outra trilha e nem deseja outro caminho que não o de garantir para si o prêmio de seu esforço e lhe responde:

- Como já lhe disse, senhor, a maior honra a que uma serva como eu poderia aspirar é a de servir ao seu senhor. E se mais do que vinho ou pães, eu lhe puder servir alimento para o afeto faminto, esteja seguro de que tudo farei para que a fome se extinga em seu coração. Seguirei suas ordens e tudo farei com discrição, já que não pretendo ferir nem os sentimentos de sua esposa nem os do senhor Licínio.

A resposta de Serápis devolveu a vida ao coração infantil de Marcus que, num largo sorriso, aproximou-se de Serápis e, sem maiores rodeios, abraçou-a efusivo, no silêncio e na solidão daquele ambiente sem testemunhas.

Para evitar parecer afoita, Serápis se manteve dura, sem lhe corresponder à efusividade, para que não fosse confundida com uma aventureira qualquer.

Vendo a sua posição firme, Marcus se afastou e desculpou-se, dizendo:

- Perdoe-me, Serápis, se estou sendo muito afoito. Não pretendo qualquer imposição nem forçá-la a nada. Apenas lhe digo que faz muito tempo que não sinto uma alegria tão grande como a que você me proporcionou aqui. Sempre que Licínio sair a serviço, quero que venha até aqui para acertarmos os detalhes de nossa conversação.

Teremos cuidado para que tudo seja feito em sigilo. Por agora, fica certo que nos encontraremos fora daqui, no templo de Júpiter Capitolino, onde todos podem ir e onde você também poderá estar sem levantar suspeitas.

Daqui a dois dias, ao escurecer, eu estarei lá esperando por você. Fale com Licínio e peça-lhe permissão para sair. Fatalmente ele virá me consultar e eu acertarei as coisas.

Combinados entre si, deram por encerrada a conversa e ela, trêmula de emoção, curvou o corpo reverente e, deixando atrás de si um homem revivido no sentimento, um Marcus empolgado pela possibilidade de ser feliz novamente, saiu do quarto em silêncio, antes que o administrador que a amava regressasse do mercado.

Quando saiu dali, Serápis já não tinha mais a atmosfera confundida nem oprimida pelas dúvidas.

Como se uma certeza guardada desde longa data lhe tomasse a lucidez, a figura de Marcus era o centro de todas as suas atenções e de todos os seus desejos de mulher.

Em vinte minutos de diálogo, a figura de Licínio e todo o seu sentimento verdadeiro, deixaram de ser motivo para confundir-lhe o afeto e passaram à categoria de um entrave que precisava ser retirado.

Licínio já não lhe parecia um candidato ao matrimônio. O egoísmo de Serápis o colocava na condição de um madurão, que não sabia o seu lugar, e que se deixara encantar pela sua juventude sem levar em consideração a diferença de idade entre eles.

Quem era digno dela era Marcus e sobre ele ela empenharia todos os seus esforços, superando qualquer obstáculo que fosse.

O mundo pertencia aos mais fortes e resistentes - como ela sempre pensava também, na identidade de defeitos que partilhava com Druzila, ambas mulheres de seu tempo, com as imperfeições de sua época e as fraquezas espirituais que as tornavam muito parecidas.

Naquele dia, quando Licínio regressou do mercado, suado e esbaforido, Serápis já não era mais a mesma pessoa.

Seu olhar já passara a divisar o administrador buscando-lhe os defeitos e as características que o apequenavam ante seu coração de mulher, até então inclinado a considerar-lhe o afeto oferecido de maneira sincera e verdadeira.

Agora, precisava afastar-se de Licínio para que Marcus percebesse que suas intenções eram verdadeiras.

A figura do administrador passara a ser um estorvo em seu caminho e seu sentimento, um espinho em sua carne.

De dentro de seu ser, Serápis passou a retirar todos os sentimentos amargos, as lembranças da vida infantil de dureza, de fome, de abuso e de indiferença, para se tornar mais fria com relação ao único homem que a havia protegido por sentir afeto verdadeiro por ela.

Agora, outro mais rico e poderoso se interessara pelas suas virtudes físicas, desejoso de acercar-se de seu ser, o que ela não poderia desprezar nem permitir que passasse.

Era a conhecida "maré de sorte" que muitos estão sempre procurando por aí e que, depois que passa, em geral, deixa um rastro de dor e infelicidade, que mais parece uma ironia do destino no caminho dos incautos a colocar esses momentos de ventura como a porta do próprio inferno, se inferno, efetivamente, pudesse existir.

Naquele dia, Serápis pouca importância deu ao administrador, mantendo uma posição distante, evitando qualquer diálogo, sempre alegando compromissos para com Druzila e com a criança.

Licínio percebeu o seu estado diferente, mas sabendo das maneiras caprichosas e exigentes da dona da casa, nada suspeitou sobre a mudança de Serápis.

Além do mais, a jovem sabia ser agradável quando o isolamento o permitia e quando não havia testemunhas por perto, buscando manter Licínio tranquilo, sem imaginar que os fatos estavam caminhando contrariamente aos seus interesses afetivos.

Aqui era um sorriso brejeiro, mais ali um gesto de alegria, um pequenino afago com o qual ela demonstrava o seu carinho pelo homem que a beneficiara desde o dia em que o conhecera.

Com isso, Licínio ia se consolando, imaginando que, realmente, os momentos mais amargos e indiferentes de Serápis tinham Druzila como causa.

Agora, Serápis não tinha mais dúvida. Iria dedicar-se a Marcus.

No entanto, não tinha como negar o seu carinho por Licínio, carinho esse, no entanto, que não impediria de sacrificar para realizar seus desejos de grandeza.

Assim, as coisas caminharam naqueles dois dias que antecediam o primeiro encontro de ambos, ao pé dos deuses romanos, como havia sido planejado por Marcus.

Druzila, em seus pensamentos, maquinava vingar-se de Marcus usando Licínio. Serápis, igualmente, planejava vingar-se de Druzila e da vida madrasta usando Marcus e sacrificando Licínio. Marcus sonhava em refazer sua vida com Serápis, sem considerar o sentimento de Druzila, que usara para os interesses do mundo material na união de conveniências, sem considerar a responsabilidade perante a filha que o destino colocara em sua casa e sem pensar nos sentimentos de Licínio que, desde então, passara a conhecer.

Licínio tentava ajudar a carente dona da casa ao mesmo tempo em que tinha de fugir de Druzila para ser fiel ao amigo Marcus, respeitando-lhe a condição de marido. Tentava servir de apoio ao estouvado amigo de longa data buscando ajudá-lo a encontrar juízo, enquanto que se esforçava para ajudar Serápis e devotar-lhe o amor verdadeiro, sonhando em constituir família e realizar-se como ser humano, sem lhe forçar os sonhos de mulher obrigando-a a aceitá-lo.

Três egoístas pensando apenas em si mesmos ao lado de um único ser que tinha a compreensão superior da vida, buscando fazer o máximo para amparar-lhes os caminhos dolorosos, com a Bondade natural de seu espírito.

Assim, leitor querido, se seu coração se enche de compaixão por Licínio, que pode parecer, numa primeira interpretação, a vítima dos egoístas e maldosos, não se apresse.

O tempo vai passar para todos e, provavelmente, a sua compaixão precisará ser direcionada para outros personagens desta história.

Que Licínio, no entanto, fique com a sua admiração e seu respeito, pelo muito que se esforçara até então para vencer seus limites e manter-se no caminho da retidão e da virtude, apesar de suas tendências naturais e suas inclinações de ser humano carente e desejoso, também, de encontrar a própria felicidade.

29

O ENCONTRO E OS REENCONTROS

Seguindo as instruções de Marcus, no dia seguinte Serápis procurou Licínio e, de maneira simpática tentando parecer o mais natural possível, solicitou-lhe a autorização para deixar o palácio e, depois de terminado o trabalho do dia, dirigir-se ao templo de Júpiter Capitolino a fim de fazer suas orações.

Já há muito tempo não fazia oferendas ao deus de sua devoção, ainda mais depois de as forças invisíveis terem lhe concedido tantas benesses, alterando radicalmente sua vida pessoal, desde a ocasião em que se encontrara com Licínio no mercado.

Reconhecendo que as alegações de Serápis eram verdadeiras, o administrador não se opôs ao desejo da serva que lhe inspirava tanta emotividade.

- Para quando deseja ir ao templo, Serápis?

- Bem, meu senhor, se não houver impedimento, penso ir até lá amanhã, depois do pôr-do-sol, a fim de que não comprometa minhas obrigações diárias.

- Por mim não há problema. No entanto, preciso consultar o senhor a fim de que, agora que ele se acha mais presente no palácio, conceda a autorização definitiva para isso.

Vendo que as coisas caminhavam como Marcus havia previsto, Serápis sentiu um fortalecimento interior, pois sabia que tudo correria conforme seus desejos.

- Pois bem, meu senhor. Se possível, no entanto, assim que estiver de posse da resposta de nosso patrão, peço que me avise a fim de que me prepare corretamente ou que me esqueça da idéia de ir levar minhas homenagens e minha gratidão a Júpiter.

- Assim que tiver a resposta, hoje mesmo, Serápis, lhe comunicarei - respondeu Licínio.

Saindo dali, procurou Marcus para que, entre outras comunicações específicas do trabalho administrativo, apresentasse o pedido de Serápis, que o dono da casa ouviu demonstrando desinteresse, como fazia sempre ante os assuntos dos servos.

Para dar maior demonstração de descaso, Marcus, inteligente, respondeu a Licínio:

- Bem, meu amigo, você é quem dirige esse amontoado de burros de carga. O que acha? Devo permitir que ela vá? Ela tem prestado bons serviços nas funções para as quais você a destinou?

Sentindo-se honrado com a confiança de Marcus que, dessa forma, o mantinha à frente das decisões administrativas, Licínio, mais do que depressa, deu a conhecer que Serápis era muito competente, que não havia, desde o dia em que ingressara nos serviços da casa, cometido o menor deslize e que, desde aquela data, jamais houvera se ausentado do interior da faustosa residência.

Seus atributos de disciplina e devotamento, suportando as exigências mais cruéis de Druzila eram fatores que, aos olhos do administrador, a tornavam merecedora da concessão, de resto muito nobre por espelhar à sua devoção aos deuses, sempre tão ligados aos homens e às suas vidas.

Ouvindo-lhe a defesa desabrida, Marcus se pôs a imaginar se não era essa uma postura motivada pelo sentimento amoroso de Licínio, comprometido com o destino da moça e, assim, resolveu pilheriar com ele para sondá-lo:

- Bem, meu amigo, pelo visto essa rapariga já o arrebanhou como defensor incondicional. Será mérito ou feitiço que jogou sobre você? - falou Marcus com um sorriso malicioso nos lábios.

Avermelhando-se em sua dignidade de servo respeitoso, Licínio não havia percebido se tinha extrapolado no entusiasmo com que falara da jovem, a produzir em Marcus a idéia, assaz verdadeira, de que trazia o coração comprometido no sentimento que nutria por Serápis.

Tentando emendar a situação, Licínio respondeu:

- Bem, meu senhor, a minha defesa se fundamenta apenas na verdade. Conquanto seja a moça muito bela, tenho sempre em conta a necessidade de ser justo na premiação ou na sanção que mereçam aqueles que me cumpre dirigir. Por isso, apesar de se tratar de serva que inspiraria afeto até mesmo na mais fria estátua de mármore, posso lhe assegurar que minha avaliação se prende aos seus reais dotes de devotamento e resignada entrega.

- Está bem, Licínio - respondeu Marcus - tirando o fato de você ter ficado mais vermelho que um tomate - e não sei por qual motivo -vou considerar a sua afirmação e, se não houver qualquer impedimento de serviço, autorizo que a tal moça vá até o templo. Aproveite, Licínio e lhe conceda autorização para que retorne à hora que desejar, como forma de lhe permitir a liberdade, que você reconhece ser merecida, por algumas horas a mais. Dessa maneira, a jovem pode caminhar com mais tranquilidade, visitar algum local que lhe seja agradável ou encontrar-se com algum parente do qual esteja afastada há tanto tempo.

Com a voz aparentando descaso e desinteresse, Marcus já preparava o caminho para que o seu encontro com ela ocorresse sem a premência do horário de retorno, de forma a que não acontecesse qualquer obstáculo para a primeira noite de entendimento entre ambos.

E tentando dar uma outra direção ao assunto, aproveitando-se do rumo que houvera dado à conversa, Marcus comunicou ao administrador:

- Ah!, Licínio, foi bom ter falado sobre esse assunto. Já estava me esquecendo de lhe comunicar que amanhã, por necessidades pessoais de negócios que preciso retomar, agora que minha presença nesta casa já se fez pelo tempo necessário para demonstrar minha condição de pai e marido atencioso, estarei fora praticamente todo o dia, não sabendo, sequer, a que horas regressarei a casa, ou se regressarei a ela, efetivamente.

Assim, conto com a sua presença aqui, durante toda a minha ausência, a fim de que a senhora e a criança não fiquem sem os cuidados e a proteção de alguém da minha confiança. Se houver necessidade de ausentar-se, mande um servo de sua confiança, mas, por você próprio, permaneça aqui até a minha volta. Os sucessos nos negócios causam muitos invejosos que, agora, sabendo do nascimento da pequenina Lúcia, poderão tentar subtraí-la, subornando alguma empregada, a fim de me chantagear depois ou fazer coisa pior. Minha confiança é depositada única e exclusivamente em sua diligência, meu amigo.

Dizendo isso, Marcus apertou o ombro de Licínio, num gesto demonstrativo de amizade verdadeira, que não levava em conta, obviamente, os sentimentos do administrador e, na forma astuta do arguto negociante, mantinha-o preso aos deveres da casa, a fim de que, empolgado pelo afeto que nutria por Serápis, não se sentisse inclinado a seguir com ela na oferenda que faria aos deuses, atrapalhando o encontro marcado pelos enamorados.

Sem suspeitar de nada, Licínio agradeceu-lhe a confiança e deixou os aposentos do patrão, rumando para as dependências onde os serviçais desenvolviam todos os arranjos para os trabalhos de cada dia, notificando Serápis da autorização de Marcus e de sua generosa concessão, como se estivesse recebendo uma noite de folga para que buscasse espairecer e distrair-se.

Agradecida pelo gesto de Licínio, Serápis abaixou a cabeça e sorriu-lhe confortada, buscando abafar a euforia que lhe ia na alma jovem e aventureira.

Dentro de sua astúcia feminina sabia que, por aquela conduta generosa, Marcus planejava um encontro mais demorado do que um simples momento de conversação.

A noite daquele dia chegou rápida e, depois de muitas tarefas, Serápis, sem entender qual o motivo, sentiu um sono muito profundo, pouco usual na juventude e na rotina de serviços, para a qual já se havia amoldado.

O sono lhe chegava, pesado, exigindo que procurasse o leito antes do horário habitual.

Desde a noite enluarada na qual Licínio lhe revelara seus anseios, Serápis evitara manter-se em local isolado, sozinha com o administrador, pois sua confusão emotiva era muito grande. Depois que Marcus se apresentara perante seus sentimentos como o homem adequado aos seus anelos, Serápis passou a devotar-se, exclusivamente, à concretização de seus projetos afetivos, isolando-se ainda mais de Licínio.

Agora, que estava às portas do grande dia, Serápis via com estranheza aquele sono incontrolável. Pedindo licença para todos, que nada suspeitavam de sua conduta, sempre muito discreta e reservada, sem confessar-se com ninguém, sem abrir seu coração para as companheiras de trabalho, a serva afirmou-se um pouco indisposta e demandou seus aposentos a fim de que pudesse recolher-se mais cedo, já que o dia seguinte prometia muita emoção.

Aliás, essa fora a sua interpretação derradeira do estranho fenômeno.

Deveria estar assim por causa da aproximação do encontro de seus sonhos, no qual seus planos seriam conduzidos segundo o interesse de seu coração.

Ansiedade, nervoso, euforia, tudo isso produziria o desgaste que, na sua emoção controlada, agora poderia estar cobrando o preço de seu abatimento físico.

Pensando assim, refletiu ser melhor ceder ao peso da necessidade orgânica do que ficar combatendo a exigência física, cansando-se ainda mais.

Assim, acomodou-se o mais confortável mente possível no leito modesto e, sem que precisasse fazer qualquer esforço ou usar qualquer artifício para conciliar o sono, menos de dois minutos depois estava ressonando.

Sempre que se faz necessário, queridos leitor e leitora, o mundo espiritual possui meios de auxiliar os encarnados nos momentos mais importantes de suas trajetórias pessoais.

Nas lutas, nos desafios, nas escolhas, a ação generosa e amiga dos invisíveis tutores está sempre presente para que nossos espíritos estejam na trilha mais reta, apesar de, muitas vezes, não se tratar da trilha mais agradável.

Deste modo, aquele representava um momento crucial no encadeamento das existências dos personagens desta história, motivando, assim, o esforço invisível para que Serápis, realizando aquilo que julgava ser o melhor para seus interesses, não viesse mais tarde a se ver infelicitada em função da infelicidade que semeara para si mesma e para os outros à sua volta.

A jovem conseguira deixar o ambiente de misérias que a recebera no início de sua vida.

Encontrara um benfeitor que a retirara do perigo e, sem nenhum interesse inferior, a conduzira ao ambiente de luxo e beleza, no qual poderia estar, ainda que como serva, aproveitando-se das regalias, do conforto, da fartura alimentar, modelando seu espírito rebelde no serviço de atender almas aflitas e imaturas.

Mais do que isso, a generosidade do Universo, afastando-a dos malfeitores e indivíduos de má vida, homens truculentos e escravizados aos mais baixos instintos - como Célio Bacus - a colocara no caminho de Licínio, um nobre servidor, devotado ao bem espontâneo e incapaz de pensar ou fazer o mal, lutando contra seus instintos masculinos perante as provocações e insinuações da esposa do amo, tão indiferente às suas carências pessoais masculinas. Despertado no afeto pela perspectiva da felicidade ao lado da bela jovem, Licínio representava o porto seguro que a Providência lhe endereçava a fim de que pudesse aprender a ser mais que uma serva sem apoio e sim uma esposa digna, devotada e companheira de seu marido, com quem aprenderia as virtudes essenciais da alma.

No entanto, Serápis, como grande parte das mulheres de todos os tempos, não se animava com aquilo que lhe parecia insosso. Não lhe atraía o porto seguro e plácido de uma vida reta e modesta.

Queria o vendaval do mar aberto das paixões e de seus sonhos, nas aventuras do mar da vida, agitado e devastador, traiçoeiro e mortal.

Impulsionada pelas suas tendências mais íntimas, seu espírito se via atraído pelo estilo de vida que já conhecera em existências anteriores, do qual suas quedas fragorosas a houveram afastado, colocando-a em nível social mais baixo para que aprendesse outras lições de uma existência mais modesta, mas mais segura para seu próprio futuro.

No entanto, ainda que se achasse na trilha reta, mesmo que dolorosa para sua altivez e arrogância, recusava-se a manter o rumo necessário, estando às portas de desvirtuá-lo, segundo seus planos mais longamente traçados.

Por cúmulo da ironia, iria marcar o seu deslize no ambiente sagrado do templo que, à época, representava o local bendito onde o ser humano poderia elevar-se na direção da divindade.

Dessa maneira, os amigos invisíveis que monitoravam os passos e as necessidades da, agora, serva Serápis, como acontece com todos os encarnados no mundo, se apressavam em tentar evitar que sua conduta a conduzisse para a mesma estrada de erros e misérias do passado.

Para melhor conseguir tais objetivos, sem que lhe tirassem os privilégios da liberdade de escolha, os espíritos amigos se valiam do repouso do corpo que, concedendo a indispensável liberdade e a parcial lucidez ao espírito, lhe permitia um colóquio mais direto e claro com aquele que desejam alertar, aconselhando.

Isso se dá com qualquer um dos filhos de Deus, não importando sua religião, sua cultura, sua posição pessoal ou política.

Amigos espirituais que estão sempre vigilantes, se valem desses momentos para que tenhamos informações, meditemos melhor em suas explicações, nos integremos nos verdadeiros motivos dos fatos que nos estão envolvendo, motivos estes que, invariavelmente, estão enraizados em nossas vidas passadas e que justificam plenamente a ocorrência de tais eventos, pedindo de nós outra atitude, outra força, outro tipo de luta ou reação.

A ação sutil que o desdobramento da alma faculta no momento do sono do corpo físico, permite que o espírito esteja na dimensão espiritual, em contato com tutores sábios e generosos que o alertarão, imprimindo em sua acústica mental, as advertências necessárias para que refaça os passos e escolha melhor a conduta, informado de todos os tristes efeitos que uma opção equivocada lhe propiciará no curso de sua trajetória.

Afinal de contas, o regresso ao mundo ensejou o planejamento meticuloso e a participação direta de inúmeros amigos invisíveis que, no seu papel de sustentador de nossos objetivos, na meta essencial de nossa transformação, prometeram vigiar e nos alertar de todos os riscos a que nossos antigos vícios, contra os quais prometemos lutar, nos exporiam.

Planejadores espirituais sábios, técnicos da reencarnação, engenheiros das formas biológicas, modeladores do corpo perispiritual, instrutores da alma, professores do sentimento, mestres da vontade, todos os componentes dos departamentos especializados se envolvem nos processos reencarnatórios, buscando fazer daquela, a experiência decisiva na vida da pessoa que regressa.

Por isso, uma vida é muito preciosa para ser tratada com desdém pelos espíritos que sabem quanto custa retomar o corpo carnal ao espírito endividado.

Quando o ser humano entender a imensa gama de amigos invisíveis que possui no bem, mais do que se entregar aos comportamentos impulsivos e tresloucados, caprichosos e imaturos, que representam sempre a sintonia com outro tipo de espíritos, tão ou mais imperfeitos que os próprios homens, interromperá por instantes a sua conduta e, em homenagem a todos estes luminosos anjos tutelares, endereçar-lhes-á uma prece sincera, pedindo inspiração, pedindo a boa companhia, solicitando a intuição clara para que não cometa o equívoco que sua impulsividade, manipulada por espíritos inferiores como ele próprio, facilmente cometeria.

Nossos passos diários seriam dados à sombra da meditação elevada, nossas escolhas seriam fruto de um período de reflexões sinceras, nas quais buscaríamos sempre entender qual seria a vontade de Deus e qual seria a conduta de Jesus, se Ele estivesse em nosso lugar.

Com isso, não querendo dizer que deveríamos transformar nossas horas em uma constante, formal e repetitiva oração, nossos espíritos estariam abertos às forças luminosas que, com mais facilidade, nos orientariam a mente e o coração, através de conselhos e alertas que nos chegariam de maneira mais direta e que poderiam servir como baliza para nossas condutas.

Aprendamos a orar trabalhando, a fim de que nossas boas obras possam ser o testemunho verdadeiro da nossa ligação com o Bem.

Aprendamos a servir, para que nossos atos, palavras, sentimentos e pensamentos se transformem, naturalmente, na mais doce e elevada oração que produzirá perfume e envolverá todos os que estiverem à nossa volta.

Serápis estava prestes a cometer o primeiro desatino que ela própria poderia evitar se, alertada como iria ser, reconsiderasse seus impulsos e escolhesse aceitar a ajuda de Deus que já estava lhe chegando de tantas outras maneiras.

Não se conduzindo pelas estradas retas do dever, nem ela nem nenhum de nós poderemos acusar a ninguém, muito menos a Deus, de nos ter abandonado ou nos ter condenado ao sofrimento.

A vigilância superior está sempre a postos e conhece sempre os nossos mais íntimos desejos e intenções.

Quando paramos de nos enganar ou de tentar arrumar justificativas posteriores para embasar nossas atitudes impetuosas, estaremos em melhor sintonia com tais amigos superiores que tanto desejam impedir que fraudemos a nova oportunidade de viver.

Assim, leitores queridos, não se enganem invocando a possibilidade de realizar um sonho, se esse sonho ferir alguém. Não se desculpem com a irresponsável alegação interrogativa de que "todo mundo faz isso, por que eu também não posso fazer?" Se a sua conduta molestar ou fizer sofrer, se criar embaraço ou dor, se alguém perder por causa do exercício da sua voluntariedade, estejam certos de que a Justiça os alcançará, mesmo depois de muitos anos de sucesso e de vida faustosa.

Em tudo o que pensarem fazer, considerem, antes, se da sua atitude deliberada, redundará o prejuízo para alguém. A dor que se sabe poder evitar, o prejuízo de outrem que nós produzamos pelo exercício de nossas ambições, de nossos desejos na alucinada "corrida pela sobrevivência" representará tragédia anunciada em nosso próprio horizonte.

Por esse motivo, Jesus alertava sempre sobre aqueles que pretendiam viver para ganhar a vida.

Todos os que só pensarem em sucesso profissional, em conquistas materiais, em progredir a qualquer custo, os que desejarem ser admirados pelo acúmulo de suas riquezas e pela ampliação de poderes para exaltação de seu orgulho, de sua vaidade ou para, disso, fazerem arma com a qual firam a miséria, a incapacidade de seus semelhantes, que produzam mais inveja do que respeito e admiração, mais ódio mudo do que gratidão espontânea, que se finjam de bons para conquistarem postos transitórios, que trombeteiem os atos generosos para pedir votos, todos estes se enquadram na afirmativa de Jesus:

Todo aquele que desejar ganhar a própria vida, este a terá perdido.

Este egoísta e oportunista, que reduziu a vida a uma luta ferrenha pelo realce social, pelo soerguimento de uma vaidade tola, uma faustosa esbanjação ou uma mesquinha sovinice, este que se felicita a si mesmo ao abraçar escrituras de papel como parte de sua própria personalidade, que se orgulha de si por estar dirigindo um monte de lata pelas quais pagou mais do que o preço de uma casa, pelo simples luxo de andar em um carro novo, por estar vivendo na loucura e na alucinação da inutilidade, este, como disse Jesus, terá perdido a própria vida.

No entanto, afirma o Divino Amigo, todo aquele que, por amor a Ele e à sua Mensagem, perderem a própria vida, estes a terão ganho.

Todos os que aceitarem os caminhos da luta honesta, do sacrifício de suas ambições para que mais semelhantes sejam detentores do mínimo necessário ou de algumas alegrias a mais; todos os que se fizerem defensores da ética em suas posturas, sacrificando seus interesses em favor da justiça e da verdade, todos aqueles que se recusarem a ser peso morto na folha de pagamento dos governos, apenas para ganharem sem trabalhar, como roedores da carne dos velhos que morrem sem recursos, das crianças que perecem de fome por falta de merenda; todos os que entenderem que viver é algo que pede a consciência tranqüila acima do bolso cheio ou do dinheiro no banco; todos aqueles que não se deixarem levar pelas leviandades da maioria, mas escolherem seus caminhos com base nas orientações seguras do Evangelho, onde não há espaço para furtar o próximo, onde não se encontra desculpa para o crime que se comete em nome da ambição ou da guerra social, onde não há complacência com o mal, ainda que se busque ajudar o maldoso, este homem que entendeu tudo isto e que, por causa de seus conceitos, não estará no píncaro das reverências da sociedade, não estará vestido de púrpura nem poderá ocupar lugares de destaque, não terá recursos para desperdiçar em veículos que custam o dinheiro que uma vida de trabalho honesto de muitos semelhantes não consegue ganhar; este homem, que tudo fez para ajudar a quem necessitava, que a todos serviu por amor sem desejar coisa alguma, que entendeu a necessidade de enquadrar-se na definição de HOMEM DE BEM, este será um perdedor aos olhos do mundo mesquinho e injusto, que enaltece traficantes ricos, usurpadores violentos, dissolutos e sexólatras poderosos.

No entanto, no conceito do Evangelho, Jesus sabiamente afirma:

TODO AQUELE QUE, POR MINHA CAUSA, PERDER A PRÓPRIA VIDA, ESTE A TERÁ GANHO.

Terá vivido e aproveitado todas as lições para se tornar um espírito melhor, livre das impurezas dos defeitos que acumulara em sua trajetória evolutiva.

Esse era o impulso do mundo espiritual na vida de Serápis, naquele momento em que, submetida às operações magnéticas de libertação temporária, seu espírito seria retirado do corpo através do sono para receber a carinhosa advertência de espíritos que, ao seu lado, se ocupavam em ajudá-la a não agir como houvera se conduzido inúmeras vezes antes.

Retirada do corpo, Serápis seria levada à presença de entidades que estavam ligadas a ela pelo muito amor que lhe dedicavam, a fim de que ficasse impresso em seu espírito os ensinamentos relembrados e isso fosse capaz de alertá-la para que sua escolha, naquelas condições, fosse a melhor possível.

Quando ela acordasse no outro dia, não se lembraria conscientemente de todos os detalhes, mas traria no âmago do seu ser uma impressão forte de qual seria a estrada menos dolorosa a ser trilhada, como costuma, de resto, ocorrer com todos nós nas manhãs que se nos apresentam como um novo convite ao acerto e não ao erro. Reflitamos, já que do nosso sofrimento, Deus nunca é o culpado.

30

AMPARO ESPIRITUAL

Tão logo deixou o corpo físico, o espírito de Serápis viu-se envolvido por uma névoa densa que a fazia supor estar no meio de alguma região terrena abraçada por brumas claras, como já houvera presenciado em algumas localidades da própria Roma em determinadas épocas do ano, principalmente em períodos de frio.

No entanto, o seu ser não se ressentia de qualquer friagem e, qual se fosse autômato, seguia em determinada direção como se uma força invisível a tangesse naquele rumo.

Encontrou uma saliência no solo que galgou com facilidade, como se não possuísse peso algum, endereçando-se a um banco de substância muito semelhante ao mármore que se achava visível a certa distância, no qual sentiu-se convidada a sentar-se.

Sua alma alternava estados de ansiedade, medo e incerteza diante da atmosfera ambiente, de silêncio e serenidade.

Acostumada aos ruidosos pensamentos e ao modo fechado no qual se escondia dos demais, a fim de que suas artimanhas não fossem descobertas, ali se sentia como se não lhe fosse possível qualquer ocultação.

Não tardou muito tempo e, do meio da espessa neblina emergiu encantadora entidade feminina que dela se acercou e, tomando-lhe as mãos com ternura, falou-lhe:

- Filha querida, o momento perigoso se aproxima e é necessário que seu espírito esteja atento para que não se entregue aos mesmos desatinos que a conduziram até a dura situação em que se encontra, que poderá piorar significativamente, dependendo de suas opções.

Sem conseguir pronunciar nenhuma expressão de protesto ou de dissimulação, Serápis se sentia envolvida por esta entidade suave e maternal que a dominava com o poder do afeto espontâneo, sem qualquer intimidação.

Continuando a falar-lhe, o espírito amigo prosseguiu:

- Você foi trazida até aqui para que sua lembrança fosse despertada por alguns momentos a fim de que sua responsabilidade nas escolhas que lhe competirão não seja ludibriada pela euforia do afeto que se imagina correspondido.

Desde longa data, sua alma segue pelos tenebrosos abismos dos delitos morais, tendo sofrido muito até chegar a este momento, depois de longa preparação entre lágrimas, dores e promessas.

Seus ascendentes espirituais impuseram que sua vida, nesta romagem atual, fosse construída à sombra da riqueza, tendo que envergar a vestimenta humilde dos que aprendem a servir, para que possam desenvolver o aprendizado da virtude, sempre no sentido de tornar menos rebelde seu espírito.

Você partilharia o ambiente das efêmeras riquezas nos quais seu espírito falhou clamorosamente para que, ao contato com tais tentações, ele se modelasse, conformando-se à condição de subalternidade, aprendendo a suportar os vícios e as ofensas dos que se pensam poderosos ou superiores, como você já foi e pensou, um dia.

Ouvindo interiormente, sem poder explicar como o fazia, o pensamento da entidade lhe chegava ao mais profundo do ser, despertando sensações pessoais muito claras, como se uma lembrança remota lhe apontasse para a sua outrora condição de nobreza, donde retirava os impulsos arrogantes e o desejo de subir que lhe ornamentavam a personalidade Serápis.

Seu pensamento, no entanto, era facilmente captado pelo espírito que a envolvia.

Bastou, por isso, pensar no horror da vida com Druzila, nas injustiças que lhe eram desferidas, nos comentários sarcásticos, na maneira irônica e arrogante com que a dona da casa se dirigia particularmente a ela, para que a entidade amiga lhe advertisse:

- Sua antipatia com relação a Druzila não está na superfície de um relacionamento de alguns meses, fruto do encontro deste período de suas existências.

Na acústica de sua alma, você vai recordar-se mais claramente. Pense, Serápis, volte no tempo dentro de si mesma, recorde desta mesma Roma de mais de setenta anos atrás...

Falando dessa maneira, o espírito amigo colocou a mão espalmada sobre o fronte de Serápis, induzindo-a a uma situação de branda hipnose através da qual, sem entender o que se passava, a jovem vislumbrava o ambiente aristocrático da capital do Império, em época remota, sem divisar com clareza, os detalhes do período.

As forças arquivadas no seu íntimo começavam a revelar-lhe uma outra personalidade.

Duas mulheres, uma altiva, astuta e mesquinha e a outra mais jovem, igualmente perigosa e repugnante, tinham se especializado no culto dos prazeres fáceis que se permitiam frequentar os leitos dos homens mais importantes do poder romano para obter concessões e traficar influências. Não se lembrava do nome das referidas criaturas, mas ao lado da emissária luminosa que a amparava, Serápis estava segura de ter sido uma das duas, ao mesmo tempo em que mantinha aversão e horror à companhia da outra.

A lembrança foi clara e suficiente para que todo um mundo de sensações e antigas emoções de baixo padrão viessem à tona, dentro de si própria.

De tudo isso, ressaltava a aversão por aquela outra companhia feminina que, em suas lembranças, era mais horripilante do que ela mesma.

Afim de interromper a cena e trazer de volta a jovem desdobrada à sua consciência mais lúcida, a entidade que a envolvia retirou o destra da fronte e Serápis, novamente, viu-se em sua presença.

Estabelecendo uma linha de raciocínio mais nítida, o espírito lhe falou:

- Você esteve em contato com os arquivos que estão gravados em seu próprio ser, onde estão os fatores que explicam os motivos de sua atual existência.

Sem escrúpulos, você foi mulher volúvel e promíscua que, por desejo de mando e de influenciar outras criaturas, deixou-se arrastar pelo cipoal dos desatinos sexuais e emocionais, onde esteve sempre acompanhada por uma outra mulher a quem você devia encaminhar para estrada segura.

No entanto, dentro de seu pensamento, Serápis não entendia como é que podia ser outra pessoa, com outra aparência, com outros costumes e roupas e, ao mesmo tempo, ser aquela que, atualmente, era apenas uma serva. A ausência dos ensinamentos espirituais fazia com que as criaturas se perdessem ainda mais em confusões e dúvidas.

Seu semblante modificou-se ao contato com as lembranças passadas, estabelecendo-se um aspecto de repulsa e ódio mal escondidos.

Entendendo que tais sentimentos brotavam naturalmente de seu íntimo, a entidade generosa continuou explicando:

- Você está sentindo o peso de seus defeitos aflorarem em sua natureza, a mesma que a presente existência estará ocupada em domar e modificar, ainda que custe o preço da dor mais profunda para seu ser.

Sua aversão por ela não se apagou de sua alma e seu sentimento é capaz de identificá-la, ainda que o tempo tenha transcorrido e vocês tenham ficado tantos anos afastadas. Os compromissos no Bem quanto no Mal marcam as criaturas que a eles se apegaram ou que com eles se vincularam, até que possam superar os desafios e seguir adiante.

Serápis, agora, se sentia acuada e não sabia nem mesmo o que pensar.

A mulher odienta que sua vista identificara não se parecia com nenhuma outra conhecida, mas ela estava segura de que tinha algo a ver com Druzila.

Bastou pensar nisso e o espírito lhe afirmou:

- Suas suspeitas estão corretas. Druzila é a mesma mulher que esteve ao seu lado nos erros de ontem, perante a qual seu espírito está comprometido tanto quanto ela ante você é devedora.

Ambas estão nesta oportunidade para que, ainda que lentamente, possam desenvolver uma afetividade corrompida e fraudada em outras épocas, nas quais os dotes de beleza, poder e dinheiro fizeram a infelicidade de muitas criaturas.

Seu espírito está no caminho de Druzila para que, com as naturais dificuldades que vocês mesmas criaram, possam começar a se entender.

Dizendo isso, a entidade luminosa acenou com a mão direita para o lado e emergiu, daquele cenário de enlevo e inspiração, um outro espírito feminino que carregava Druzila semiadormecida nos braços, de maneira a serem colocadas frente a frente.

Ao sentir a aproximação daquele ambiente, a recém-chegada, como se estivesse sendo mergulhada em água fervente, despertou do aparente sono que a envolvia e, num átimo, saltou para o lado, desejando ganhar mais espaço sem, contudo, sair da esfera de controle das entidades elevadas que ali se achavam organizando aquele encontro entre elas.

- Você aqui, sua megera - gritou Druzila, descontrolada - sua traidora, sua víbora, que me conduziu aos mais profundos abismos do mal. Sempre soube pelas crenças dos nossos ancestrais que o demônio era masculino, mas depois que a conheci, passei a defender a opinião de que, na sua condição infernal, Saturno deve ser mulher.

- Acalme-se, Druzila, pois aqui não estamos para reviver o passado - falou-lhe o espírito que a dirigira até aquele encontro.

- Não consigo me calar ante a presença daquela que me enoja e que, agora, está tentando desgraçar a minha vida.

Escutando os doestos e as acusações, ainda que sob a influência elevada, Serápis animou-se a responder-lhe, como se uma outra personalidade lhe ativasse a língua:

- Aquém você está pretendendo enganar, fera mal disfarçada, assassina cruel, ser horripilante? - perguntou a serva, indignada.

E sem esperar resposta, continuou Serápis, enquanto as duas entidades angelicais as mantinham dominadas, sem interferirem na discussão:

- Sua envenenadora de inocentes, suas garras afiadas podem ser vistas à distância. Seu hálito maldoso e pestilento é capaz de fazer secar uma floresta inteira, em um dia. Você está usurpando o que é meu, meu palácio, meu amante, minha vida. Não bastou ter feito isso antes? Garanto que não permitirei que a história se repita, em nome dos deuses mais poderosos de Roma. Você haverá de me devolver tudo aquilo que me tomou.

Entendendo que ambas estavam se revelando melhor a si mesmas através daquele procedimento em que se despiam de toda a superficial e falsa identidade, as duas almas amigas que as dirigiam estavam ouvindo-lhes as agressivas referências, sem demonstrar qualquer laivo de partidarismo nem de interesse por suas revelações.

Depois que ambas se permitiram vomitar todos os impropérios que guardavam em si mesmas, a entidade que dirigia Serápis tomou a palavra, serenamente, e disse a ambas as contendoras:

- Séculos as esperam pela frente. Estes podem ser momentos luminosos ou apenas repetição sombria destes instantes onde ambas não fizeram mais do que revelar-se como são por dentro.

Do que vocês decidirem para a vida que as aguarda dependerá a felicidade futura. São duas endividadas morais uma com a outra e com terceiros que lhes dividem o ambiente. Você, Serápis, ali está para entender as necessidades de sua patroa e amparar-lhe os desatinos suportando as suas acusações e os desajustes emocionais, desenvolvendo a paciência e restabelecendo antigos elos morais que foram rompidos por delitos que ambas praticaram, zelando para que o afeto de Marcus seja reconduzido ao coração de sua esposa, se não em face de um amor inexistente que ensejou uma união dirigida pelos interesses, ao menos por causa de Lúcia, a pequena criança que, por inúmeros motivos, é credora sua e precisa contar com a sua proteção, Serápis.

Quanto a você, Druzila, a sua necessidade de companhia deverá buscar em Serápis a serva fiel e diligente que tudo fará para defender seu interesse. Em vez de ofendê-la, procure ampará-la, respeitar-lhe a dificuldade de estar na condição de uma quase escrava. Entenda o seu desejo de ser feliz e a necessidade feminina de encontrar um apoio que lhe inspire, favorecendo o atendimento dos anseios do coração de Serápis, como maneira de restabelecer também os laços de respeito e amparo que ambas devem uma à outra.

Se isso não for desse modo, você acabarão entregues à realidade de si mesmas. Lembrem-se de que Jesus sempre ensinou que a nossa boca fala daquilo de que está cheio o nosso coração e que no seu interior é que está o tipo de tesouro que nós gostamos de cultivar.

Ao falar isso, ambas as entidades luminosas plasmaram diante dos olhos das duas mulheres que o sono permitira terem os espíritos para lá dirigidos, um espelho cristalino no qual elas conseguiam divisar no que se haviam transformado por efeito da discussão ferrenha e agressiva que haviam tido.

Plasmado o objeto ante seus olhos atônicos, foram convidadas a identificarem qual era a realidade delas mesmas, modeladas pelas vibrações de ódio e de antagonismos recíprocos.

Nesse momento, quase que simultâneo grito de horror lhes brotou da garganta, identificando o estado comum e idêntico de desequilíbrio e desajuste em que ambas se haviam metido por força da exteriorização daquilo que, efetivamente, traziam dentro do coração.

Ante a visão horrenda de suas próprias estruturas e linhas degeneradas, ambas foram conduzidas ao sono imediato para que tais imagens ficassem cristalizadas em sua retina espiritual e lhes fosse útil ao despertar, a fim de que não lhes restasse qualquer dúvida quanto aos deveres que as esperavam, a partir dali.

Não que não poderiam adotar outra atitude, já que o livre-arbítrio lhes permanecia imaculado, entre o rol dos poderes que Deus concedeu a seus filhos.

No entanto, estavam muito bem alertadas para as coisas que produziriam para si mesmas, não sendo possível negarem a ajuda superior que lhes fora oferecida por atender às urgências de suas almas.

Desse modo, o espírito Lívia ergueu Serápis nos braços e, acompanhado pelo outro, o espírito Abigail, ambas seguiram na direção escura da Terra onde, em dois leitos muito distintos, um de opulência e outro de serva, dois corpos femininos se mantinham em um sono tempestuoso, fruto do mesmo pesadelo, a saber: o encontro consigo mesmas.

Lívia e Abigail, cada uma carregando uma das entidades desdobradas, levaram-nas, respectivamente, até o quarto de Serápis e de Druzila e, através de passes magnéticos, recolocaram os dois perispíritos nos respectivos envoltórios carnais e aplicaram-lhes energias intensas na área do córtex cerebral a fim de que todas as impressões daquela noite lhes ficassem impregnadas na mente de maneira muito clara, advertindo-as de que as condutas que escolhessem, dali para diante, seriam escolhas conscientes e para as quais haviam sido devidamente alertadas.

Depois de se manter alguns minutos ao lado de Serápis, fazendo-se as últimas recomendações para que evitasse o encontro com Marcus e preservasse o matrimônio de Druzila de qualquer delito, Lívia seguiu em direção dos aposentos de Licínio, onde amparou-o com forças e ânimo para a continuidade de seus desafios, enquanto que, logo a seguir, demandou o quarto de Druzila, onde reuniu-se com Abigail para orarem juntas em favor de Lúcia, o espírito que, envolvido com todos eles, também deveria pagar o preço dos processos de aproximação entre almas endividadas.

Depois de encerrada a vibração fraterna, como duas estrelas que regressassem ao firmamento que já dava sinais da chegada do novo dia, ambas seguiram de volta aos planos espirituais, carregando em seus corações os melhores sentimentos por todos os encarnados a que haviam assistido, mas, no fundo, lamentando a fragilidade dos homens que, invariavelmente, tanto se deixam levar pelas condutas irrefletidas, recusando a disciplina emocional, alegando sempre que deixarão para depois qualquer esforço na superação de suas próprias deficiências.

O novo dia iria trazer a ambas e a todos os demais envolvidos na trama de suas escolhas, os efeitos que teriam a exata medida da qualidade das atitudes adotadas.

Ao som dos pássaros barulhentos, dos ruídos matinais da grande cidade, Serápis abriu os olhos, tentando concatenar o significado de um sonho que sua mente guardara na maior parte dos detalhes.

Sonhara com Druzila.

Ao mesmo tempo, envolta nos macios travesseiros e almofadas que lhe guarneciam o leito, Druzila, assustada, despertava confusa, vendo-se vítima de um pesadelo no qual sonhara com a mais repugnante de suas servas. Como ousara ela invadir a atmosfera de seu mundo onírico para causar-lhe mais incômodos do que aqueles que já era capaz de produzir durante o dia de trabalho? - esse era o pensamento da dona da casa que, naturalmente, sentiu-se no direito de hostilizar ainda mais a jovem e ousada serva, tão logo a encontrasse no serviço daquele dia.

Os ensinamentos e as ajudas espirituais tinham sido ministradas. Agora, competia aos encarnados permitir que fizessem o efeito que era possível obter deles.

288

ESCOLHAS INFELIZES

Assim que entrou no quarto da jovem mãe, ainda envolvida pelas experiências do sono e do sonho que tivera durante a noite, Serápis não sabia bem como interpretar as advertências recebidas, nem a mais terrível visão que registrara em toda a sua vida, quando se descortinara aos seu olhos, na tela semelhante a um espelho, a imagem horripilante que, segundo lhe houvera sido explicado, nada mais era do que a visão de si própria.

Naturalmente, não poderia relatar tal experiência a Druzila, dizendo que estivera em sua companhia durante o repouso, eis que não se imaginava semelhante liberdade por parte de servos tão mal considerados.

Deveria, segundo as recomendações, manter-se a serviço da dona da casa e atendê-la com gentileza e carinho, suportando-lhe as duras exigências.

Na realidade, todas estas recomendações lhe chegavam vagamente, como impulsos que a tornassem menos hostil aos modos de Druzila, entendendo que havia alguma coisa muito grave entre as duas mulheres.

No entanto, a dona da casa, arrogante e pouco disposta a entender a essência de suas lembranças decorrentes do sonho que também tivera, deliberou seguir o mesmo caminho de sempre, ou seja, o de mulher altiva, demonstrando com toda a força o seu orgulho e a sua falsa superioridade ante a pobre serva, nela descontando todas as frustrações pessoais, decorrentes da sua inferior beleza e do temor de que Serápis lhe furtasse as atenções de Licínio, o único varão que, ali, a ela se dedicava.

Naquela manhã, Druzila levou além dos limites todos os impulsos temperamentais de seu caráter, obrigando que Serápis se mantivesse em absoluta vigilância a fim de que não perdesse a compostura e partisse para a briga corporal com a dona da casa.

Desde que entrou no quarto, Druzila a humilhou com exigências de alteração do vestuário, acusando-a de ser dada ao exibicionismo. Em realidade, as vestes dos servos, sempre de qualidade inferior, eram, muitas vezes, algo transparentes e menos cuidadas do que os tecidos que serviam aos senhores, fazendo com que, eventualmente, as mulheres se apresentassem com partes do corpo descobertas, como parte das pernas, parte dos braços, sem, contudo, significar que assim se trajassem por desejarem exibir-se. No entanto, complexada e ressentida, Druzila interpretava todas as maneiras de Serápis como sendo formas de mostrar seus dotes aos olhares de todos.

Serápis, naquela manhã, teve que modificar seus trajes por três vezes, apresentando-se a uma Druzila cada vez mais irritada e recalcada.

Depois de ter conseguido vestir-se de maneira aceitável aos padrões da dona da casa, Serápis foi obrigada a realizar os trabalhos mais inferiores e ultrajantes, como o de limpar os recipientes destinados ao recolhimento das necessidades orgânicas durante a noite, serviço que, em geral, era da alçada dos servos e não das servas, naquele palácio.

Cada uma das exigências de Druzila feria o orgulho de Serápis, que se ia irritando ainda mais com aquelas formas egoístas e intoleráveis.

No íntimo de seu coração, a serva contava com a possibilidade de recorrer a Licínio para queixar-se da jovem mãe e seus excessos.

Todavia, não desejava demonstrar-se muito contrariada a fim de que seus planos de saída naquele dia não ficassem prejudicados por qualquer ocorrência imprevista.

Dessa maneira, tudo foi suportando, buscando solapar o vulcão que lhe ia comprimindo o peito através de lágrimas secretas que derramava pelos cantos afastados, nas ocasiões em que podia se ausentar da perseguição de Druzila.

Serápis, naquela manhã, havia levantado com a nítida sensação de que o encontro previsto para a noite deveria ser adiado, sem saber o motivo. Uma premonição de dor, de aflição, lhe apertava o coração, à medida que sabia que iria estar à mercê do marido de outra mulher, o que não era correto, na esfera dos princípios elevados.

Afigura de Lúcia, a pequena criança, também lhe causava essa sensação de carinho, atraída que se sentia a jovem para a pequena recém-nascida.

Serápis tinha uma estranha ligação com a filha de Druzila e, sem saber o motivo, suportava muitas vezes as loucuras da mãe só para poder estar próxima de Lúcia que, igualmente, parecia acalmar-se em sua presença, ainda mais do que no colo materno, onde ficava sempre tempestuosa e irritada.

Esse era mais um motivo para que Druzila se indispusesse com Serápis, já que não lhe passara desapercebida a modificação do estado de ânimo do bebê quando era sustentado no colo da serva. Invariavelmente, Lúcia parava de chorar ou resmungar ante o calor do corpo de Serápis, o que lhe consistia um motivo de orgulho, ainda que não exteriorizado, uma vitória muda que falava por si mesma aos olhares coruscantes de Druzila que, sempre que se dava conta disso, tratava de retirar a menina dos seus braços.

Druzila sofria com seu modo de interpretar as coisas, pois enquanto não suportava a presença de Serápis, não desejava tê-la afastada porque, assim, não saberia dizer o que ela estaria fazendo, ao mesmo tempo em que não poderia humilhá-la conforme era seu prazer.

Para mantê-la sob seu controle precisava tê-la por perto. No entanto, a presença da serva mais a irritava, fosse pela sua natural beleza física, fosse pelos modos estudados com que ela se conduzia na presença da dona da casa, fosse pelas predileções de Lúcia e pela suspeita de seu envolvimento amoroso com Licínio.

Serápis, contudo, tão logo amanhecera aquele dia, trazia no peito o sincero propósito de modificar seus planos, atendendo aos augúrios de seu coração aflito e afastando-se do marido da outra.

Todavia, ao longo do dia, a conduta de Druzila modificou em seu espírito pouco afeito aos sacrifícios mais heroicos, o desejo de se afastar de Marcus. Ao contrário, depois de ter sido massacrada por todos os lados, rompeu-se em Serápis a linha da cautela e, no impulso típico das criaturas feridas em seu orgulho, a serva passou a ansiar ainda mais por encontrar o marido daquela perversa mulher, como que a conseguir, naquele mesmo dia, suplantar a arrogante patroa, conquistando-lhe o próprio esposo.

Nem mesmo a imagem de Lúcia inocente a impedia de sentir o sincero prazer de se ver nos braços de Marcus, antegozando a sua vingança contra aquela megera.

Druzila não acatara nenhuma das advertências recebidas, ao mesmo tempo em que Serápis, permitindo-se contaminar pela maldade daquela, caiu na mesma baixa vibração que a colocava na velha estrada dos erros e dos negócios carnais, como forma de vingança ou de obter vantagens.

Se quando do encontro nos aposentos de Marcus, Serápis não pensava em maiores intimidades com o patrão naquele que seria o primeiro encontro de ambos, conforme ele mesmo houvera sugerido, agora, depois de ter sido espezinhada em todos os sentidos pela esposa, os seus brios femininos já estavam a postos para se deixar levar por qualquer arroubo masculino que significasse exercer a vingança de possuir-lhe o marido e dar-lhe o prazer que ela não era capaz de propiciar.

- Sim - pensava Serápis - hoje será a minha noite, depois de tantos vexames e humilhações. Esta víbora vai sentir o gosto do próprio veneno, ficando ainda mais isolada do que antes. Seu marido será meu e ficará tão encantado que ainda mais se afastará dela, incapaz de ser gentil e agradável com os que a cercam. Na verdade, agora estou entendendo que a figura horripilante de meu sonho não era eu mesma, mas sim, com toda certeza, se tratava de Druzila, essa perversa e desumana mulher. Ela sim é que é o demônio em pessoa.

Inspirada pela maldade de Druzila, Serápis capitulava ante as advertências espirituais e outra coisa não fazia do que contar as horas para o encontro com Marcus, iludindo-se com interpretações irreais, mas que lhe pareciam bem mais convenientes naquele momento.

Este, por sua vez, como já havia comunicado a Licínio, logo pela manhã ausentou-se do palácio em busca de melhor organizar o encontro com a serva desejada.

Valendo-se de seus recursos abundantes, mantinha alugado para seus divertimentos pequeno, mas confortável recanto, em rua discreta da cidade e, ali, buscou produzir o cenário idílico com o qual pretendia estar mais à vontade com Serápis. Frutas viçosas, tecidos brilhantes pendurados pelos recantos, pequena fonte a marulhar poéticos sussurros no ambiente, madeiras resinosas impregnando a atmosfera de odores inebriantes, queimadas em recipientes sustentados por hastes metálicas dispostas em pontos estratégicos, alimentos abundantes sem, todavia, exageros que pudessem demonstrar loucura ou desequilíbrio do anfitrião.

Dançarinas sensuais para o momento mais íntimo, a despertar o interesse e provocar na jovem o desejo de entregar-se a ele. Tudo foi previsto nos mínimos detalhes.

Para arrumar tudo isto, Marcus se esmerara e, contando com o auxílio de pessoas de sua confiança que, acostumadas a servir de anteparo às infidelidades muito comuns, ganhavam a vida preparando alcovas com esmero, sem que propalassem a identidade dos amantes a fim de não perderem os clientes, trazia a mente fervilhando na expectativa da chegada da noite.

Conforme haviam combinado, dirigiu-se ao templo de Júpiter Capitolino no qual três altares serviam para acomodar os deuses mais tradicionais da antiga Roma, entre os quais, destacava-se a divindade jupiteriana.

O ambiente interior, depois que a noite caía, era iluminado pelas tochas e trípodes fumegantes que emprestavam-lhe a solenidade, o odor característico das essências e a penumbra que inspirava o respeito àqueles que seriam os poderosos condutores dos destinos humanos.

Naturalmente que, durante o período noturno, diminuía a frequência dos fiéis ao lugar sagrado, restringindo-se a pessoas mais abastadas que para lá se dirigiam em suas liteiras, carregadas por escravos que lhes serviam, também, de guarda e proteção ante qualquer imprevisto.

Para evitar ter que correr tais riscos, naquele dia Licínio permitiu que Serápis deixasse a faustosa residência antes que o Sol se pusesse por completo, de maneira que, sem qualquer problema, a jovem pudesse chegar ao templo ainda na luz do dia.

Interessando-se pelo destino da serva com quem mais se afeiçoava, Licínio ofereceu seus préstimos para ir buscá-la para o regresso ao palácio, no que foi repelido cuidadosamente por Serápis, que alegou o desejo de visitar a parentela que, de há muito, não via e que, ao amanhecer do outro dia estaria de volta ao trabalho.

Entendendo os desejos da jovem, Licínio aceitou-lhe as alegações e despediu-se, sentindo, em seu íntimo, que Serápis não estava muito normal desde alguns dias. Apesar de continuar diligente e atenciosa, estava mais arredia com relação a ele e sempre que podia evitava a sua presença.

Licínio não sabia o que pensar. Talvez tivesse sido muito ousado, ou tivesse se revelado fora de hora, criando constrangimento à jovem.

No entanto, nada podia fazer naquele momento. Serápis já se perdia pelas ruelas tortuosas que a levavam ao templo.

Caminhando pelos trajetos que já conhecera outrora, na miséria e na fome, não foi difícil chegar às proximidades do monte onde o ancestral templo etrusco, remodelado e ampliado segundo os padrões mais luxuosos dos romanos de sua época, se localizava como o ponto de esperanças para o seu sonho de mulher.

Não é necessário dizer que, antevendo o desenrolar daquela primeira aproximação, a serva tratou de vestir-se o mais sensualmente possível, aplicando os perfumes mais provocantes e estimulantes que tinha à sua mão, disfarçando-se, depois, ao cobrir-se com uma modesta túnica de serva, que lhe ocultava a aparência provocante, a fim de não levantar suspeitas nem produzir percalços pelo caminho.

Chegando ao destino, subiu as escadarias e, cuidadosamente, penetrou no recinto onde o pouco volume de pessoas demonstrava já estar se encaminhando o dia para seus estertores, dando lugar aos contornos da noite.

Sem saber o que fazer, dirigiu-se até o local previsto e ali se manteve em silêncio, como quem se recolhe em orações ante as estátuas representativas dos deuses romanos.

Não demorou muito tempo para que uma mão forte e decidida lhe pousasse sobre o ombro, indicando a chegada do tão esperado candidato ao seu afeto.

Discreta, já que as romanas que se prezavam evitavam conversar com homens em público, a não ser que se tratassem de mulheres consideradas prostitutas por sua conduta permissiva, Serápis virou-se e encarou os olhos brilhantes de Marcus que, naquele ambiente, eram iluminados pelas chamas dos incensários e tochas bruxuleantes.

Sua figura máscula havia se esmerado na apresentação e, diante de um esplendor masculino como aquele, Serápis se encantou ainda mais, perdendo todos os resquícios de prudência que poderiam ainda lhe solicitar cautela e limites naquele primeiro momento a sós.

- Venha comigo, Serápis - falou brandamente o jovem enamorado, excitado com aquele primeiro colóquio distante de sua casa.

- Sim, meu senhor - respondeu a jovem, submissa e inebriada com a gentileza dos modos varonis de Marcus.

Afastando-se para um ambiente mais isolado no próprio templo, o rapaz continuou, empolgado:

- Puxa, Serápis, pensei que não iria encontrá-la aqui. Era muito bom para ser verdade.

- Eu também, meu senhor, não sabia o que fazer, pois cheguei mais cedo para evitar a caída da noite e estava imaginando o que seria de mim se o senhor não viesse.

- O que importa é que estamos aqui e não quero perder tempo com as lamúrias que apenas nos furtam a alegria da convivência.

Vendo que o ambiente não permitiria qualquer prolongamento de conversa, já que de todo impróprio para aquele tipo de encontro, Serápis arriscou:

- Então, meu senhor, estou à sua disposição para que possamos compartilhar essa alegria de nos encontrarmos pela primeira vez - como a lhe dizer que precisavam ir a algum lugar diferente daquele.

- Claro, não percamos tempo. Tenho uma liteira fechada nos esperando na lateral do templo. Você segue primeiro e um escravo já está informado de sua chegada, incumbindo-se de recolhê-la em seu interior. Depois disso, eu mesmo me dirigirei para lá e, juntos, iremos a um local mais adequado para que partilhemos os momentos agradáveis dessa aproximação.

Assim proposto, assim executado.

Não tardou muito para que a liteira estacionasse à entrada do tugúrio perfumado que Marcus havia preparado para as horas que passariam juntos.

Assim que entrou, Serápis se envolveu no encantamento daquele pequenino mundo, cheio de surpresas e carinhos tão agradáveis ao espírito feminino, afeito aos detalhes e seduzível através do carinho dos mimos, atenções e galanteios.

Marcus levou-a até o interior e, percebendo as roupas pobres de serva, sugeriu a Serápis o ensejo de trocá-las para que ficasse mais confortável, eis que ali não faltavam trajes adequados à ocasião.

No entanto, para sua surpresa, num movimento inusitado e cheio de estudada ternura, Serápis livrou-se da túnica rústica, ante os olhos luminosos de Marcus, que via ressurgir uma outra mulher.

Apesar de singelas, as vestes que estavam ocultas pelo sobretudo revelavam uma mulher exuberante, na qual os contornos físicos eram bem mais marcados, apresentando-lhe uma visão inspiradora e arrebatadora.

Vendo o impacto sobre o interesse de Marcus e sentindo que já dominava a situação e a vítima indefesa, Serápis ousou ainda mais, perguntando com meiguice:

- O meu senhor permite que eu solte meus cabelos?

Definitivamente vencido, o jovem não se importava ser aquilo uma declaração de entrega da mulher, na intimidade de um pedido que mais parecia uma frase proferida no sigiloso e confortável aposento conjugai.

- Fique à vontade, Serápis, pois sempre tentei imaginá-la novamente com seu rosto emoldurado pelos cabelos livres e soltos.

Num gesto, Serápis assumira uma quase condição de Afrodite. Beleza na veste esvoaçante que provocava os instintos masculinos, e encantamento na atmosfera facial, produzida pela liberação da vasta cabeleira castanho clara que lhe servia de moldura ao rosto lindo e bem proporcionado.

Imediatamente Marcus mandou que servissem vinho e trouxessem frutas já que o horário induzia à necessidade de alimento, a fim de que a noite seguisse confortável e promissora.

Serápis, entendendo os modos de seu patrão, deixava que ele dirigisse tudo e limitava-se a apresentar seu charme, mantendo ao máximo o carinho e a aparência de inocente.

O tempo passou entre conversas agradáveis, sabendo Serápis manter Marcus interessado e estimulado, sem contudo ceder-lhe facilmente aos impulsos.

O jovem rapaz, cada vez mais envolvido, tomara suas mãos enquanto lhe falava com carinho, alisava seus cabelos, servia-lhe mais vinho e frutas, sabendo que, com o aumento do estímulo alcoólico, mais facilmente conseguiria chegar à intimidade que tanto almejava, ligando-se à jovem como aquele que encontra a fonte da eterna felicidade.

Mal sabia ele que, por si mesma, a própria Serápis estava disposta a entregar-se sem esforço, pelo simples prazer de vingar-se de Druzila.

Os momentos sucederam-se e as dançarinas elevaram as emoções dos enamorados e, assim que terminaram a exibição, depois de terem se retirado, Marcus se acercou e, puxando-a delicadamente com seus braços robustos e gentis, depositou em seus lábios um ardente beijo com o qual venceu todas aquelas que lhe pareciam barreiras ao contato físico postas por Serápis aos seus avanços, mas que, mais não eram do que astuta maneira de criar o clima de dificuldades a fim de que o interesse masculino se mantivesse em alta.

O beijo foi a senha para que ambos, de singelos desconhecidos, se tornassem amantes naquela mesma noite idílica.

O envolvimento de Marcus e os modos fingidamente inocentes, mas, no fundo, experientes da jovem fizeram com que ambos se entregassem aos arroubos da paixão e, de maneira franca e sem limites, se jurassem um amor descontrolado.

Naquela mesma noite, Serápis e Marcus consumaram todos os desejos e dividiram os prazeres físicos que pareciam ter sido longamente acumulados.

Ele, numa ânsia de tê-la como sua e a jovem no sonho antigo que se realizava, de deixar a condição miserável e conquistar o palácio.

O tempo correu como sempre corre quando a paixão e o encantamento o dirigem.

As luzes da aurora mesclavam-se, no céu daquela Roma de vícios e quedas com as últimas nesgas da escuridão, fazendo com que o casal, agora acomodado sobre o leito confortável, regressasse à realidade da vida.

Ele o patrão e ela a serva.

- Veja, Serápis, você precisará voltar ao palácio conforme foi acertado com Licínio. No entanto, não desejo que estes momentos sejam esquecidos.

- Meu senhor, estar ao seu lado significará para mim a suprema alegria, seja aqui, seja no serviço de sua casa, como simples serva.

O fingimento de Serápis era de dar inveja ao mais astuto dos bandidos.

Sua sabedoria em agir com uma aparente virtude e desprendimento encantava os homens despreparados e ingênuos, entusiasmados pelas suas maneiras humildes e, aparentemente, desinteressadas.

- Isso só demonstra a sua nobreza, Serápis. Ah! Se todas as romanas tivessem metade de suas virtudes! - exclamava o apaixonado Marcus.

Mas não me satisfarei com tê-la por perto sem poder me aproximar ou roubar-lhe um beijo. Quero que você aceite voltar aqui, sempre que pudermos nos ver e que isso fique como nosso segredo, enquanto durar esse maldito casamento com Druzila.

Ouvindo-lhe a proposta direta, Serápis respondeu:

- Bem, meu senhor, como já disse, depois de hoje, não me pertenço mais e, assim, acatarei tudo aquilo que representar o seu desejo, guardando o cuidado de respeitar a senhora Druzila e sua filha Lúcia do dissabor de se verem traídas no respeito que merecem, já que o senhor sabe do rigor da lei e dos nossos costumes quando a serva se deita com o senhor.

- Sim, meu amor, tomaremos todo o cuidado e eu providenciarei para que nossos encontros se repitam com toda a cautela necessária. Afastarei Licínio mais vezes e liberarei você para que possamos nos ver aqui. Posso considerar que este pequenino ninho de amor é o nosso Céu na Terra?

Ouvindo-lhe a pergunta apaixonada, Serápis abaixou a cabeça fingindo constrangimento e respondeu:

- Para mim, meu senhor, esta casinha será o meu palácio sempre que o senhor estiver aqui comigo.

- Pois que assim o seja, Serápis. Este será o seu palácio, ou melhor, o nosso palácio.

Dizendo isso, beijou-lhe os lábios carnudos e provocantes e entregou-lhe um pingente precioso que pendurou ao redor de seu pescoço, como forma de agradá-la antes de se prepararem para o regresso.

Vestiu-se novamente a serva, colocando as roupas belas sob o manto simples e, conduzida pela liteira até as cercanias da residência, desceu algumas quadras antes para que não houvesse qualquer suspeita nos olhos indiscretos dos que fiscalizam a vida alheia, fazendo os últimos lances do caminho a pé, chegando, por fim, à residência.

Seguiu diretamente aos seus aposentos onde atirou-se no leito enquanto esperava o dia amanhecer por completo para a retomada das rotinas usuais, mantendo no pensamento, todos os lances sedutores e apaixonados que viveram juntos, relembrando os pormenores e as palavras, as confissões e as carícias, como que a prolongar o prazer de ter conseguido atingir seus objetivos, unindo o útil ao agradável.

Havia conquistado importante território para seus planos de ascensão ao mesmo tempo em que o objeto de sua conquista era um jovem de grande beleza, riqueza e ingenuidade, no sentimento carente que possuía.

Além disso, havia perpetrado a sua primeira vingança, fria e calculada, contra aquela que pensava poder humilhá-la com uma superioridade mentirosa e agressiva.

Aquele havia sido o seu dia e essa emoção Serápis não trocaria por nada.

E lembrando de seu encontro com Licínio naquela noite de lua cheia no banco do jardim, ria-se dele e de si mesma, dizendo-se:

- E pensar que passou pela minha cabeça a proposta de Licínio para que eu me tornasse a empregada, esposa do empregado. Que tolice a minha e a dele. Se tivesse levado à frente e ouvido o impulso do meu sentimento, a estas horas Marcus deveria estar nos braços de alguma mulherzinha qualquer. Mas graças a Júpiter, ele deve estar sonhando com meus carinhos e com o prazer que lhe propiciei. Licínio se virará com alguma empregadinha que tenha tendência para sofrer a vida inteira. Eu ainda hei de ser senhora neste palácio.

Pobres aqueles que se deixam enganar pelos sentimentos e que abandonam seus planos para se entregarem aos enganos do coração.

Naquele dia todas as advertências espirituais tinham sido esquecidas pelas partes envolvidas nos dramas da vida, tendo escolhido o caminho que mais lhes parecia agradável, recusando conter seus impulsos e permitindo-se, assim, que a lei de causa e efeito seguisse seu trajeto pelos espinhos dilacerantes.

Ali, apenas Licínio entendia, na madureza de seu espírito, a necessidade de compreender, renunciar e de ser bom, o que, aos olhos das perversas mulheres que o cercavam era interpretado como fraqueza masculina, como tontice ou como falta de virilidade.

No entanto, o administrador era o único que poderia sentir melhor os benefícios do dever cumprido, aprendendo a renunciar, a servir, a resistir aos assédios, contendo os impulsos sexuais de seu corpo ainda jovem e de seu sentimento carente de afeto, preservando-se de maiores problemas e preservando os demais que o cercavam dos delitos aos quais, insistentemente, se atiravam.

Marcus, conforme Serápis imaginava se deixou entregar molemente ao descanso e à recuperação de suas forças no mesmo leito onde esteve em companhia daquela que, a partir daquele dia, passaria a dominar seus sentimentos e desejos, ali permanecendo até que o calor do Sol alto tornasse imprescindível recorrer ao banho refrescante, no que foi auxiliado pelos seus escravos pessoais, sem conseguir retirar o pensamento da jovem idolatrada, obrigando-se a imaginar como fazer para tê-la novamente ali, naquele que havia sido batizado como o palácio de Serápis e de Marcus, a alcova onde o afeto ilícito de ambos se havia concretizado, dando outros contornos às suas vidas.

300

A NOVA ROTINA

O trabalho no dia seguinte ao primeiro encontro havia sido muito diferente para Serápis. Seu espírito, sentindo-se vitorioso e dominador, agora, se colocava acima de Druzila, como se estivesse conseguindo realizar todos os seus planos para tirá-la de seu caminho para sempre.

Naturalmente, deveria tomar cuidado para que a sua euforia não significasse precipitação nem o seu desejo de vingança expusesse suas intenções e dificultasse a sua plena concretização.

Não podia esquecer que ainda era serva. No entanto, a simples lembrança de que havia se tornado a amante do patrão, aquela que o contentava no afeto físico em detrimento da esposa, mulher desequilibrada e intolerável, lhe conferia uma segurança íntima capaz de suportar todas as agressões de Druzila, até mesmo com alegria.

Desse modo, quanto mais a agressiva e complexada mulher lhe desferia golpes morais e a fazia se sentir rebaixada, mais e mais Serápis se nutria, se alimentava de afeto para convertê-lo em carícia a ser entregue a Marcus, na volúpia de envolvê-lo por todos os lados até que se tornasse incapaz de viver sem os seus carinhos.

Assim, nos dias que se seguiram, Serápis pareceu ser, aos olhos de Druzila, mais dócil e submissa, o que aumentava a irritação desta que, ao ver a serva resignada, imaginava que estavam sendo insuficientes as suas atitudes agressivas para causar-lhe o dissabor que desejava.

A partir daí, as penas injustas que Druzila impunha sobre a moça se ampliaram.

Referências desairosas, afirmações caluniosas, acusações mesquinhas, tudo isso eram artimanhas da mulher doente e às portas do desequilíbrio para dar vazão aos seus temores.

Ao mesmo tempo, Druzila se sentia ainda mais atraída por Licínio que, dentro de seus planos seria aquele de quem se serviria para levar o sofrimento a Marcus, alimentando-se da expectativa de ser amada por alguém, nem que fosse por causa de sua condição de superioridade social.

Para qualquer homem de sua época não seria difícil aderir às seduções de Druzila e embrenhar-se no caminho da infidelidade aventurosa, eis que o senso moral dos tempos romanos, tanto quanto de todos os tempos, pouco desenvolvido, permitia ou estimulava as conquistas mais perigosas para o equilíbrio dos lares e dos corações, como demonstração da capacidade e poder de sedução, no triste jogo de levar esperanças e sonhos idílicos aos corações alheios, propiciando-lhes, depois da conquista, apenas dor e espinhos.

No entanto, Licínio resistia, para desespero da mulher que o cercava.

Depois de ter visto as maneiras íntimas pelas quais Serápis agradecera ao administrador por tê-la liberado do serviço de Druzila duas vezes por semana, a dona da casa ficara mais inquieta por imaginar que a serva estava lhe furtando o único homem capaz de servir-lhe como ponto de apoio.

Seus olhos se aguçaram e seus ouvidos se aprumaram a fim de poder estar inteirada de tudo.

Buscando serva de sua confiança, passou a assalariá-la para que qualquer informação suspeita lhe fosse revelada, cônscia de que entre os servos os assuntos são sempre conhecidos e comentados.

Lélia, a empregada que Druzila usou para servir de olhos e ouvidos pelo palácio, também não simpatizava com a colega de deveres doméstico, já que sentira como Licínio a privilegiava e, por inveja do tratamento diferenciado, passara a desejar prejudicar Serápis. Por isso, ainda que não houvesse qualquer suspeita real, Lélia sentia necessidade de revelar a Druzila certos detalhes que ela mesma inventava para que, aos poucos, ainda mais pudesse contar com o interesse da patroa nos seus préstimos.

Sem saber de nada, tanto Licínio quanto Serápis estavam sob vigilância cerrada e sigilosa de Lélia que passara a ser a confidente da patroa, estimulando os seus desejos e acatando todos as suas vontades.

Marcus, por sua vez, voltara à residência senhorial e fechara-se em seus aposentos.

Horas depois, apenas para provocar Druzila, informou que iria visitar a filha Lúcia e que a esposa estivesse preparada.

Tal conduta, na verdade, tinha o intuito de poder estar nas dependências onde encontraria Serápis ou a veria mais de perto.

Como foi determinado pelo chefe da família, tudo foi preparado para que o pai estivesse junto de sua filha, numa aproximação até então pouco usual para os seus modos irresponsáveis.

Na verdade, aquela era a senha que ele enviava a Serápis a fim de que ela também estivesse próxima e seus olhares pudessem se encontrar, ainda que nos aposentos da própria esposa.

Na hora prevista, Marcus dirigiu-se ao quarto de Druzila no qual adentrou sem cerimônias, ante as reverências de todos os servos, entre os quais sua amada e Licínio.

Dirigindo-se até o local onde se achava a criança, encontrou a esposa segurando-a em seus braços, maneira pela qual pretendia chamar a atenção do marido para si própria, imaginando que a visita poderia também ter sido programada para uma aproximação depois da última conversa áspera de ambos.

Vendo que a filha estava no colo da mãe, Marcus dirigiu-se até lá e, como se Druzila não existisse, tirou Lúcia de seus braços e passou a brincar com a pequena, que sorria ante os carinhos do genitor.

Virou as costas à mulher e dirigiu-se para a janela, ficando Druzila sem qualquer palavra de atenção ou carinho, mordendo-se por dentro.

- Veja, Licínio, que romaninha mais bonita esta - falou Marcus dirigindo-se ao administrador. É mulher - e isso é uma pena - mas ainda assim, não posso negar, dará uma bela matrona, não acha?

Ante os comentários do patrão, Licínio respondeu:

- As virtudes independem de sexo, meu senhor. A bondade, a generosidade são as únicas virtudes que devam merecer a nossa preocupação. Lúcia deve ser motivo do orgulho de qualquer pai, principalmente como herdeira das virtudes da família de seu genitor e genitora.

Ante a contestação filosófica e nobre, Marcus sorriu e lhe retrucou:

- Pois aí está o meu amigo mais velho, sempre a aprofundar meus comentários e revelar facetas mais belas do que a minha palavra foi capaz de expressar.

Sentindo que sua intervenção poderia ter ofendido Marcus, Licínio buscou completar:

- Minha insignificância é majestosa e, recolhido na condição de servo da sua confiança, não reconheço em mim tais qualidades, meu senhor. Sou apenas alguém que tem meditado muito nos erros humanos e nas suas pueris convenções, entre as quais aquela referente à importância do filho varão.

- Fale disso, Licínio - pediu Marcus - desejando alongar a conversação durante a qual se mantinha mais tempo próximo de Serápis que, exultante, acompanhava cada lance do colóquio.

- Bem, meu senhor, não desejo desrespeitar nossas tradições tentando adulterar o que os séculos construíram. No entanto, posso afirmar com sinceridade que o amor que nos liga a nossas mães, por mais nobres que sejam nossos pais, é algo mágico e misterioso.

A sua própria genitora, mulher de invejável bondade, possui uma tal aura de elevação que nunca consegui encontrar em nenhuma outra pessoa. Desde quando nossas vidas se cruzaram venero-a como a benfeitora que assumiu o papel da minha infeliz genitora, dando-me todos os exemplos de correção, respeito e sabedoria com os quais tento me conduzir nos caminhos da vida, esforçando-me para não decepcioná-la.

E sei que a sua ligação com ela é ainda maior do que com o seu pai, a quem ambos também respeitamos e somos tão gratos.

São as mulheres que educam os homens, suportam seus gênios e temperamentos agressivos e aventureiros. São as mulheres que precisam dar à luz, com dores que homens valorosos e guerreiros certamente não suportariam sem verter lágrimas.

São elas que mantiveram nossas tradições e se Roma deve sua história aos dois irmãos, Rômulo e Remo, não nos esqueçamos de que foi no seio de uma fêmea que ambos se nutriram para que não perecessem. Por causa disso é que todos estamos aqui.

Por mais que nossa tradição tenha valorizado a virilidade masculina como a que mantém nossas chamas sagradas acesas e nos garantam o atendimento das necessidades no pós morte, não nos devemos esquecer que é com base no espírito valioso de nossas mulheres nobres e pacientes, submissas e corajosas, que encontramos o alicerce para nossas grandes conquistas.

Por isso, no fundo de mim mesmo, não as considero menores nem mais imperfeitas ou menos virtuosas do que os homens.

Ouvindo-lhe as divagações de todo inusitadas, mas verdadeiras, Marcus respondeu-lhe com intimidade:

- Bem, meu amigo, seus conceitos são quase um revolução dos costumes, mas não posso deixar de lhe conceder, em boa parte do que disse o beneplácito de minha concordância, já que meu coração é muito mais ligado à minha mãe do que ao meu pai. Pensarei em suas argumentações e voltaremos a falar delas mais tarde.

Demonstrando que já tinha cumprido suas tarefas de pai ocasional naquele ambiente, Marcus afastou-se não sem antes depositar a criança nas mãos de Serápis, dupla maneira de sentir satisfação.

Primeiro porque poderia aproximar-se daquela que estava no centro de seu afeto, sem levantar suspeitas imediatas, porque Serápis era do serviço íntimo de Druzila, como ocorrera no dia do próprio parto. E em segundo lugar porque, com isso, não teria que se dirigir à mãe para devolver-lhe a criança, demonstrando a todos o seu descaso com relação a ela da mesma maneira que afirmava aos olhos astutos de Serápis que não tinha nenhum vínculo com a mulher que fosse capaz de lhe obrigar até mesmo o gesto de educação.

Deixando o aposento, Marcus falou em alta voz, para que a serva querida também escutasse:

- Licínio, venha comigo ao meu escritório, pois tenho uma missão para você.

Convocado a acompanhar o dono da casa, Licínio retirou-se dali, deixando as mulheres com as obrigações normais da rotina da casa, seguindo o patrão ao destino que o aguardava.

No entanto, aos ouvidos de Serápis, Marcus estava querendo indicar que o afastaria dali por algum tempo a fim de poderem se encontrar novamente.

E isso foi realmente providenciado.

Alegando necessidades urgentes de avaliar como estavam os negócios em afastada gleba que possuía fora da cidade, Marcus determinou que Licínio se licenciasse por alguns dias do serviço do palácio para que estivesse à frente da conferência e fiscalização do andamento das atividades rurais em suas terras, coisa que Licínio já fizera antes e que, em momento algum, lhe produziria suspeitas.

Acertados os detalhes, Marcus entregou-lhe as provisões em dinheiro para o pagamento dos salários dos funcionários e para a aquisição do que se fizesse necessário e, ante a vasta lista de coisas que cabiam a Licínio realizar, acertaram que o administrador se ausentaria por, pelo menos quatro dias, só regressando depois de concluída toda a atividade rural.

Pretendendo livrar-se, ainda, da própria mulher, Marcus determinou que a esposa e a filha deveriam ir com ele, a fim de que pudessem se valer dos ares campestres para o fortalecimento de seus corpos, o que seria muito saudável, principalmente para a criança.

E sabendo que Druzila tinha servas de sua confiança, e que as maltratava nos seus ímpetos de agressividade, disse a Licínio:

- Meu amigo, eu sei que Druzila está numa das suas piores fases e que nem mesmo as servas de sua confiança suportam suas investidas agressivas. Em uma discussão que tivemos, referiu-se a pelo menos duas delas com qualificativos pouco enaltecedores dos próprios bichos, que dizer se endereçados a seres humanos. Das duas citadas, uma delas se chamava Serápis e a outra não me lembro o nome, mas sei que isso deve ser do seu conhecimento.

Esperando o efeito de suas palavras, olhou para Licínio que o acompanhava atento, como a esperar-lhe a aprovação.

Vendo o gesto de entendimento de Marcus, Licínio balançou a cabeça afirmativamente e respondeu:

- Sim, meu senhor, seu coração não está equivocado. A senhora tem estado muito nervosa e sua irritação com as servas é muito forte, estando Serápis entre elas.

- Pois bem. Quero que as pobres mulheres fiquem aqui para não serem molestadas por Druzila. Além do mais, se a presença das servas faz tão mal ao seu equilíbrio, será bom momento para que o afastamento possibilite uma melhora de ânimo da senhora, tornando a viagem mais agradável, você não acha?

- Sim, meu senhor, isso será benéfico para todas elas.

- É verdade, Licínio - respondeu feliz o dono da casa, antevendo os momentos agradáveis que passaria na companhia de Serápis, no palácio que ambos haviam batizado no dia do primeiro encontro.

Além do mais, as moças não são escravas, são empregadas e isso não pode deixar de ser levado em conta. Sobre escravos temos a liberdade de agir como desejamos, mas sobre empregados, importa que não nos esqueçamos estar tratando com pessoas livres e com certos direitos. Druzila tem extrapolado seus ataques e, assim, não desejo que fiquemos à mercê dessas mulheres que, uma vez feridas mortalmente, se transformam em leoas perigosas.

A sua teoria da nobreza das mulheres também precisa levar em consideração estes fatos tão peculiares no espírito feminino quando se frustram suas aspirações - completou Marcus, irônico e sorrindo para Licínio que, na sua bondade natural, nem sonhava quanto aos interesses reais do interlocutor.

Tudo acertado, Druzila foi informada de que partiria dali a dois dias para um período longe do palácio, na companhia de Licínio e da filha Lúcia, o que, de certa maneira, também correspondia aos seus desejos, afastando-se do marido e permanecendo na presença do homem desejado, para lançar-se sobre ele e conquistá-lo.

Sabendo da necessidade de ter servas que a ajudassem, foi notificada de que levaria quatro em sua companhia, mas que as demais ficariam para os serviços do palácio e, segundo as necessidades que Licínio conhecia, Serápis não as acompanharia.

Tal deliberação passou a ser interpretada por Druzila como uma escolha proposital de Licínio que, talvez, agora, estivesse desejando corresponder aos seus impulsos e arroubos femininos, livre das atenções da bela serva da casa com quem, ela suspeitava, estivesse envolvido.

Na cabeça de Druzila tudo havia sido arrumado por Licínio que, tendo que ir para longe, houvesse sugerido a Marcus a autorização para levar a filha Lúcia e a mulher para fazer-lhe companhia, usando como desculpa as necessidades de novos ares para a criança e a vida saudável do campo.

As suspeitas de Druzila foram reforçadas, então, quando soube que Serápis ficaria, sentindo que Licínio também havia providenciado para que a serva não os acompanhasse a fim de não atrapalhar os momentos de intimidade entre a dona da casa e o administrador.

Na mente doentia da mulher, tudo aquilo havia sido providenciado por um coração apaixonado que, finalmente, não havia mais conseguido manter-se distante de seus ataques.

Entre as servas que ela escolheu depois que Licínio lhe havia informado quais estavam disponíveis para seguir com a família para a gleba distante, estava Lélia que, ao lado de Druzila, agora que Serápis estava afastada, poderia melhor se entender e receber novas ordens sem levantar suspeitas sobre uma intimidade de todo inconveniente entre a dona da casa e uma simples empregada.

Preparados os veículos, separados os escravos que lhes serviriam de condutores e segurança para a pequena caravana, ao amanhecer do referido dia, eis que tomaram o rumo das portas suntuosas que haviam sido erguidas há longa data e que lhes permitia chegar às bem cuidadas vias que guarneciam todo o império romano e tinham sido um dos elementos que o haviam levado tão longe nas conquistas administrativas, políticas e militares.

Distante dali estava a propriedade rural da família, na qual permaneceriam acomodados os integrantes do pequeno cortejo, permitindo a Marcus o desfrute dos prazeres na companhia de Serápis por um largo período de tempo.

Com o palácio vazio de olhos e ouvidos, intrigas e pessoas, Marcus se sentia mais livre dentro dos próprios domínios para fazer o que bem entendesse.

Assim, sem qualquer cuidado especial, solicitou a Fábio, o servo que assumira provisoriamente as funções de Licínio no palácio, que lhe enviasse Serápis com um jarro de vinho fresco, a fim de matar-lhe a sede.

Acatando o pedido do patrão, Serápis bateu à porta que foi aberta por um escravo da confiança de Marcus e permitiu a sua entrada carregando a bandeja.

Marcus determinou ao seu escravo que permanecesse do lado de fora de seus aposentos, sem deixar que ninguém entrasse até que ele próprio ordenasse.

Em seu interior, Serápis se viu a sós com Marcus, mas, a fim de preservar-se na condição de serva, manteve-se em seu lugar de subalternidade, até que ele, se o desejasse, tomasse alguma iniciativa.

Este seria o momento em que ela iria avaliar o grau de compromisso pessoal com que Marcus estava reconhecendo o relacionamento de ambos.

Ali ele poderia dizer-lhe que tudo não passara de uma fantasia de momento e que ela continuaria a ser sempre uma empregada.

Ou então, ele poderia dispensá-la dos serviços por ter considerado o seu envolvimento sexual inadequado para a sua manutenção sob o mesmo teto do de sua esposa.

Mais grave se ele a ignorasse como se ela nada mais tivesse sido do que uma de suas aventuras com prostitutas da vida romana.

Ali estava Serápis, firme, confiando em sua própria intuição feminina que lhe dizia que, pela maneira de Marcus, não demoraria muito para que ele a tomasse em seus braços e a aproximasse para o beijo dos apaixonados.

Fechada a porta e certificando-se de que não havia janelas indiscretas a revelarem para os olhos curiosos o que se ia passar ali dentro, Marcus se aproximou da serva desejada, num misto de volúpia, ansiedade e paixão faminta de afeto, abraçou-a e colou seus lábios aos dela, demonstrando, para o alívio de suas preocupações, que havia se deixado envolver profundamente pelos seus modos de beleza, de graça e de sensualidade.

- Como custou a chegar este momento, minha amada Serápis - falou arfante, como a puxar o ar, sem fôlego suficiente para extravasar todo o conteúdo de seu amor represado.

Procurando corresponder aos seus carinhos, na astúcia feminina que não deseja apagar a fogueira que mal se acendera, Serápis respondeu:

- A mim também, meu senhor, o tempo parecera não ter corrido e, por mais que me esforçasse por manter-me na insignificância de minha condição servil, não deixei de me lembrar um minuto sequer do que pude conhecer naquela noite de sonho que desejei nunca terminasse.

- Pois agora, Serápis, por um bom tempo essa noite não terminará. Ou melhor, nós faremos do dia, a nossa noite.

- Como assim, meu senhor? - perguntou ela, sorrindo tímida.

- Eu já providenciei para que Fábio a libere a fim de que possamos, juntos, nos encontrar em nosso outro palácio.

E, com isso, Marcus passou a relatar, sucintamente, como é que, naquele dia mesmo, Serápis se veria dispensada do serviço interno para ir ter com ele no tugúrio de sua paixão, revivendo as emoções da primeira noite de amores.

Tudo acertado entre eles, Serápis voltou ao trabalho e, dentro dos planos de Marcus, não tardou para que um mensageiro, por ele contratado em sigilo, viesse trazer a notícia de que uma parenta próxima de Serápis estava muito enferma, pedindo-lhe a ajuda pessoal, pelo tempo necessário à sua recuperação.

Tendo recebido o encarregado da mensagem, Fábio levou-a imediatamente até Marcus que, ansioso, esperava pela sequência do plano.

- Senhor, uma mensagem pede a presença de uma serva desta casa à cabeceira de um parente muito enfermo. Assim, como se trata da dispensa de uma servidora submeto o caso à sua apreciação para que sejam tomadas as medidas necessárias.

- De quem se trata, Fábio? - perguntou Marcus, querendo parecer indiferente ao assunto.

- É uma pessoa ligada a Serápis, a serva de quem se reclama a presença.

- E essa serva tem tido bons comportamentos para que possamos dar-lhe a oportunidade de se ausentar daqui?

- Bem, meu senhor, quem sempre cuidou de tudo isso foi o senhor Licínio, mas eu nunca ouvi dele qualquer advertência ou reclamação dirigidas contra Serápis. Além do mais, meu senhor, trata-se de uma doença que reclama a presença de alguém mais jovem para que a enferma, que se afirma sem mais ninguém além de Serápis, possa receber cuidados indispensáveis para sobreviver.

- É verdade Fábio. Além de miseráveis, estes servos também têm a desdita de ficar doentes ou de ter de cuidar dos outros que ficam. Está bem, pode autorizar que a serva se ausente, com a condição de que deverá regressar aqui a cada dois dias para nos trazer notícias. Quem sabe, não possamos fazer algo que possa ajudar o sofrimento desse enfermo, não é mesmo? Chame Serápis ao meu escritório para que eu mesmo lhe comunique e lhe advirta da dispensa temporária de seus afazeres.

Sensibilizado pela generosidade do patrão, Fábio saiu para comunicar o fato a Serápis, bem como para trazê-la à presença do patrão, maneira pela qual Marcus procurou demonstrar ao administrador interino, de que mantinha pulso firme sobre as rédeas da casa, não permitindo que as coisas fossem feitas de qualquer jeito.

Era a forma de demonstrar que tinha autoridade, o que tornava mais convincente a concessão.

Com a chegada de Serápis, algo confusa, Marcus lhe informou, solene e artificial:

- Serva, notícias de fora pedem a sua presença junto de parente enfermo que solicita seus préstimos a fim de que se recupere. Considerando a ausência da senhora e da filha pequena, bem como a diminuição dos trabalhos internos por esse motivo, além do fato de se tratar de um problema que, por parecer urgente, pede o concurso de mãos mais jovens para o auxílio, autorizei que se afaste pelo tempo necessário, tendo, no entanto, de a cada dois dias, regressar aqui para nos prestar contas do estado de saúde real, se houve melhora ou não, a fim de que, de uma forma ou de outra, possamos nos inteirar do que está se passando e, se necessário, auxiliemos naquilo que se fizer preciso.

Entendendo os planos de Marcus, Serápis, reverente, agradeceu-lhe a generosidade daquela concessão, disse que obedeceria como lhe estava sendo determinado e acrescentou que não levaria senão a roupa do corpo, deixando no palácio o pequeno conjunto de bens pessoais, como demonstração de seu desejo de regressar para a continuidade dos trabalhos regulares, assim que possível.

Efetivados os entendimentos finais, Marcus determinou que Fábio entregasse à serva algumas moedas para as despesas mais urgentes e concedeu que, naquele mesmo dia, ela recebesse a autorização para deixar o serviço do palácio.

Assim, no início da tarde, Serápis já cruzava as ruelas de Roma em direção ao local de encontro, ao qual teve acesso por passagem discreta nos fundos da edificação, tendo nela penetrado sem ser reconhecida, em face de estar envolvida em mantos humildes, que lhe cobriam quase que todo o rosto, e que a faziam passar pela serva que vinha limpar e organizar aquele ambiente, como era costume entre os homens que mantinham tais lugares para seus encontros clandestinos.

Não demorou para que o ruído demonstrasse a chegada de Marcus ao local, pronto para saciar a ansiedade da emoção que tanto sofrerá até a renovação daquele momento de paixão e encantamento, nos braços da jovem voluptuosa e arrebatadora.

33

O AMARGO SABOR DA PAIXÃO

Conquanto o casal se mantinha em seu refúgio de sonho e encantamento, entregue à troca de carinho físico como se o mundo ao seu redor tivesse se reduzido àquela alcova perfumada, Licínio seguira para o campo em atenção às determinações de Marcus.

Já ao longo do caminho, Druzila se pôs a imaginar como conseguir superar as barreiras que o administrador impunha aos seus ataques, eis que aquele seria o momento adequado e ideal para a concretização de sua conquista e, na medida do seu sucesso, armar-se para a vingança contra o marido, cuja infidelidade em relação a Serápis até então não suspeitava.

Enquanto Licínio se via envolvido pelos afazeres múltiplos que o exigiam em várias frentes de trabalho simultâneas, Druzila passava longas horas conversando com a serva, Lélia, escutando-lhe a palavra envenenada que, sabendo cultivar no espírito da patroa a ansiedade ao lado da suspeita, não poupava as cores fortes para insinuar a existência de algum relacionamento ou algum interesse afetivo envolvendo o administrador e a serva Serápis.

Com esse tipo de ideia fixa, Druzila se deixou levar pelo desejo de possuir ou fazer-se possuir por ele, custasse o que custasse, já que não pretendia se sentir humilhada até o ponto de ver-se trocada pelo afeto de uma serva.

Enquanto pensava, arquitetando um plano, passou a traçar a sua linha de conduta naqueles poucos dias em que estaria mais livre para agir.

Tomou providências, pensou em cada passo e, na sua maneira doentia e perturbada de imaginar como conseguir manter aquele homem sob o seu domínio para aproveitar-se de sua fragilidade masculina, imaginou que tivesse construído a armadilha ideal para os seus intentos.

Feito isso, ao final do primeiro dia, convidou Licínio aos seus aposentos a fim de tratar de um assunto pessoal.

Sabendo das reservas que o administrador tinha todas as vezes em que estava em sua presença, a mulher adotou a estratégia de não atacá-lo como o fizera em outras ocasiões.

No entanto, procurou vestir-se estudadamente a fim de que, de maneira sensual e provocante, deixasse aos olhos de Licínio partes de seu corpo para que fossem admiradas, sem que lhe causasse constrangimento.

Assim que chegou depois do trabalho, higienizado pelo banho que o devolvia às condições adequadas para estar na presença da senhora, apressou-se ele para atender à solicitação de Druzila.

Tal era a sua solicitude, que sequer se deu ao direito de tomar a refeição, fazendo-o somente depois de escutar o que Druzila teria a lhe dizer.

Chegou aos seus aposentos e se fez apresentar.

Assim que lhe foi determinado o ingresso, Druzila determinou que todos os servos de confiança a deixassem a sós com ele, com exceção de Lélia que, de forma combinada, ali ficaria para servir-lhe aos intentos, com a desculpa de cuidar da pequena Lúcia.

- Boa noite, senhor Licínio - exclamou Druzila, tentando parecer amável.

- Boa noite, minha senhora.

- Estou precisando tratar de alguns assuntos com o senhor com relação a estas terras e aos seus problemas já que, apesar de serem administradas pelo meu marido, foram bens que eu trouxera ao casamento e pertenciam à minha família, desde longa data e, assim, me interesso por conhecer-lhe a real situação tanto quanto isso interesse a meu marido.

- Pois bem, senhora Druzila, naquilo que tiver condições e puder atender-lhe à solicitação, estarei pronto para elucidá-la - respondeu Licínio.

Vendo-lhe o estado de cansaço, Druzila perguntou seja tinha se alimentado, ouvindo-lhe a negativa como resposta.

Imaginando tal situação e contando com isso para dar início aos seus intentos, sem consultar o administrador e como um gesto de cortesia pouco comum nos patrões para com seus empregados, determinou que Lélia fosse até a cozinha e providenciasse para que o jantar de ambos acontecesse no interior dos aposentos íntimos da senhora, gesto inusual entre patrão e servo, principalmente quando se tratava da esposa desacompanhada do marido, na presença de outro homem.

Sabendo do intento de Druzila, Lélia, na cozinha junto de outros serviçais, fingindo descuidado comentário, típico dos empregados quando nas costas dos donos da casa, revelou, em tom malicioso, que Druzila estava encerrada no seu quarto em companhia de Licínio e ali eles iriam jantar juntos.

Não foi necessário maior comentário para que, na mente invigilante dos que ouviram, passasse a ideia equivocada de que entre eles poderia haver alguma coisa a mais do que apenas a relação entre patroa e empregado.

Lélia não se preocupou em esclarecer o assunto e, ouvindo os risinhos, percebeu que os outros empregados haviam mordido a isca e se alvoroçavam com a possibilidade de estarem presenciando a infidelidade da mulher justamente com o empregado da confiança do marido.

Estes ingredientes eram explosivos na alma dos serviçais que, a partir de então estariam sempre vendo aquilo que não existia, nos menores gestos e palavras dos envolvidos nessa questão.

Regressando ao quarto, Lélia serviu-os pessoalmente, a fim de que outros servos não testemunhassem a postura respeitosa e digna de Licínio em relação a Druzila.

Ainda que ele soubesse não ser de todo correto a sua permanência no interior do quarto de Druzila, entendia que a situação não era comprometedora, já que não se encontrava sozinho e sim na presença de Lélia e da filha do casal. Estavam conversando sobre coisas do trabalho para o qual fora enviado, além do fato de não haver naquela propriedade, local que permitisse uma conversação mais privada sobre negócios, eis que por se tratar de casa rural, suas dependências eram mais singelas do que o palácio em Roma, impondo-se que se improvisasse o escritório no interior dos aposentos de Druzila.

Ante tais fatores favoráveis, Licínio agradeceu-lhe a preocupação e, sem que suspeitasse das intenções da mulher, até então discreta e bem comportada, passou a se alimentar, no que foi acompanhado por ela que, conforme lhe confessara também, não havia jantado.

Assim, ambos comeriam e conversariam.

Lélia, postada distante do casal, mantinha-se atenta para atender a qualquer solicitação da senhora.

Desse modo, a conversação correu pelos assuntos administrativos sem que Licínio sentisse qualquer intenção sedutora ou sub-reptícia de Druzila.

Ela, por sua vez, se mantinha ligada às questões das terras. Perguntara como estava o rebanho, se os cavalos estavam bem cuidados, se os lugares que ela costumava visitar e nos quais se deixava passar longas horas quando criança ainda estavam preservados.

A todas as perguntas, Licínio procurava responder com atenção e exatidão, fazendo com que a mulher pudesse se contentar com suas explicações.

No entanto, até mesmo para Licínio, a propriedade era muito ampla para que ele conseguisse detalhar-lhe e atender à curiosidade de Druzila de maneira satisfatória.

Depois então de muitas respostas sem objetividade e deixando entrever que não sabia sequer onde se localizavam este e aquele rincão sobre o qual era indagado, Druzila manifestou o desejo de, na manhã seguinte, sair em visitação à propriedade.

Enquanto servia o vinho fresco para que Licínio pudesse umedecer o alimento durante a refeição, demonstrou o desejo de que ele colocasse algum servo de confiança à sua disposição para que, no dia seguinte pudesse ser conduzida pelos arredores a fim de matar suas saudades dos bons tempos da infância que ela havia desfrutado naquelas paragens.

Naturalmente, sendo a pessoa mais importante daquela pequena expedição, competia a ele estar acompanhando a sua visitação pela propriedade porque, relegá-la aos cuidados de um servo ou escravo seria abdicar de seus deveres primordiais, dentre os quais estava, antes de tudo, o zelo para com ela e a filha, bens mais valiosos do que as terras e os objetos de valor que ali pudessem estar sendo contados ou fiscalizados.

Vendo que Druzila estava lhe criando um problema para a rotina que havia deliberado seguir, Licínio, educadamente, imaginou uma forma de continuar a desempenhar suas funções administrativas e, conciliando as coisas, estar atendendo pessoalmente o desejo dela e sugeriu cortês:

- Penso que seria pouco adequado, senhora, que um escravo, mesmo que dos mais confiáveis, a conduzisse por estes terrenos, já que sua segurança está sob minha responsabilidade, tanto quanto a de sua pequena filha. Assim, para poder atender o seu desejo, não vejo outra pessoa capacitada a fazê-lo a não ser eu próprio, como responsável final por qualquer coisa que venha a lhe ocorrer nesse passeio. Como, no entanto, atendendo às determinações de seu marido, precisarei dar seguimento pela manhã aos afazeres que me obrigam a ausentar-me por várias horas, sugiro que, ao final do dia, voltando mais cedo para cá, aproveitemos o abrandamento do calor do Sol e, ainda com o céu claro, sigamos para os locais que sejam de seu agrado, nos acautelando para que voltemos antes que caia a noite.

Percebendo que Licínio buscava ser atencioso e, com seus modos cavalheirescos, conciliar os problemas para que as suas intenções pudessem ser consideradas no meio de todos os compromissos que tinha que atender, Druzila se sentiu envaidecida e imaginou que, efetivamente, Licínio também correspondia ao seu secreto desejo de envolvimento emocional. Desse modo, para que a oportunidade surgida fosse bem aproveitada, além de demonstrar certa submissão feminina que ela sabia ser do agrado dos homens, fez cara de felicidade e, demonstrando satisfação, exclamou:

- Eu bem sabia que de você, Licínio - passando a chamá-lo com intimidade - só poderia esperar tal comportamento delicado e compreensivo. Está combinado. Amanhã, ao final do dia, esperarei aqui para que a carroça nos transporte até os lugares que me foram tão agradáveis e nos quais passei momentos felizes, a fim de revê-los, já que estão indeléveis em minhas lembranças.

- Sim, minha senhora. Providenciarei para que um servo de confiança nos acompanhe a fim de evitarmos quaisquer surpresas desagradáveis pelo caminho.

Ouvindo o alvitre, contrafeita, sem, no entanto, demonstrar sua discordância, já que pretendia estar sozinha com o homem desejado, Druzila afirmou que seria feito como ele o determinasse e que, assim, combinados, esperaria ela o dia seguinte com ansiedade.

Com o término do jantar e da conversação, Licínio saiu do quarto com um sorriso de satisfação estampado no rosto, já que, aliviado, havia passado incólume por aquelas horas de conversa sem que tivesse que adotar qualquer postura defensiva.

Inúmeras vezes saíra de situações como aquela suando frio, fugindo para que não fosse comprometido perante olhos indiscretos e acabasse suspeito de sedução, já que ninguém acreditaria que houvesse sido, ele sim, vítima de tal prática por parte da patroa.

As suas feições de alívio e de aparente felicidade ante a conduta contida de Druzila, no entanto, foram interpretadas pelos olhares maliciosos dos empregados como sendo de satisfação masculina pelo encontro íntimo com aquela que deveria ser, tão somente a sua patroa.

No mínimo, segundo as interpretações maldosas dos olhares que viam em tudo apenas aquilo que lhes ia no íntimo, Licínio estava se aproveitando da situação e envolvendo a senhora em uma teia de seduções, sem sequer lhe respeitar a própria filha e, o que era pior, na ausência do marido.

No dia seguinte, sem qualquer suspeita em sua alma sincera e desarmada, Licínio retomou a rotina que lhe cabia, enquanto Druzila, dando asas à imaginação, adaptava o seu plano aos novos contornos surgidos, percebendo que a sorte lhe estava sorrindo mais do que havia suposto.

Depois de tomar a primeira refeição, deixou o quarto e dirigiu-se ao exterior, em busca de organizar o passeio da tarde. Não fez nenhuma questão de esconder sua euforia e de avisar que, ao final do dia, deveria estar preparada uma cesta com alimentos e uma jarra de vinho, pois ela iria ausentar-se em visita à propriedade.

Sabia Druzila que, envenenados pelos comentários de Lélia, comentários estes que ela própria havia mandado, fossem lançados ao ar, descuidadamente, os servos iriam interpretar a sua conduta como uma confirmação de suas suspeitas.

Isso também fazia parte do seu plano pessoal.

Indo ao local onde se guardavam os veículos para o transporte, entre os quais escolheria um para servir-lhe durante o passeio, percebeu que, dentre todos eles, um estava em piores condições, trazendo mostras de desgaste nas rodas e eixos, mas que, na sua estrutura se apresentava mais adequado ao passeio, já que, por possuir altas hastes de madeira espalhadas pela lateral, à guisa de rústica carroceria, permitiria que nelas se fixasse uma cobertura de tecido, protegendo do Sol os seus ocupantes.

Assim, Druzila preferiu escolher este veículo e, determinando que fosse preparado com a cobertura, incumbiu Lélia de fazer o restante dos preparativos, usando de sua astúcia feminina.

Desse modo, determinou a Lélia, com quem partilhava todos os passos do plano, que se dirigisse até o local e, servindo-se do servo que, de maneira mais maliciosa, estivesse interessado no suposto caso de adultério, providenciasse para que os eixos da carroça fossem ainda mais avariados a fim de que, ao longo do trajeto, estivesse sujeito ao rompimento, impedindo o regresso da caravana.

Isso lhe daria tempo para ficar mais afastada e sozinha com Licínio, a fim de seguir com os passos de seu plano.

Lélia, sabendo dos intentos de Druzila, imaginando estar sempre na esfera de influência da patroa, não se fez de rogada e, entendendo o desejo dela, procurou aquele que, por suas feições e expressões mais lhe parecia vulnerável e, entabulando uma conversação com a qual se fazia passar por íntima, continuou preparando tudo:

- Olá, Lívio, como vão as coisas por aqui? - perguntou Lélia, fazendo-se de interessada.

Vendo-se abordado pela serva da patroa, moça interessante e cheia de atributos aos olhos do rude trabalhador rural, Lívio, jovem e fogoso, armou-se de todas as suas poucas possibilidades para não fazer feio diante da jovem que o procurava.

- Ora, moça, tudo aqui é sempre igual, menos quando, de repente, chega gente da cidade e muda tudo, obrigando que todas as coisas caminhem de outra forma. E, agora, não bastando o fiscal do patrão, ainda temos a própria patroa que, ao que parece, resolveu dar um passeio por estas terras que ninguém nunca visita.

Percebendo que queria seguir por caminhos mais íntimos e deleitar-se com os viajantes, como se fossem pessoas raras que nunca davam as graças por aquelas partes, Lélia continuou:

- Pois é sempre bom sair de casa e passear um pouco, sobretudo se a terra é tão bonita como o é esta aqui, cheia de lugares inspiradores.

- É, o que não falta por aqui são lugares inspiradores - falou reticencioso, o empregado.

Vendo a sua indireta menção, Lélia aproveitou:

- Pelo jeito, você deve conhecer bem tais "locais inspiradores", não é, Lívio?

O rapaz corou, abaixando a cabeça e, sorrindo meio sem jeito, concordou, dizendo:

- É... alguns eu conheço muito bem...

- Pois eu gostaria que, antes que eu voltasse para Roma, você me mostrasse um deles, pois queria ter uma boa lembrança desta terra para levar comigo.

Dito naqueles termos, aquilo era quase um convite à licenciosidade, vindo de alguém que possuía atributos físicos apreciáveis para um campesino acostumado à grosseria dos trabalhos braçais.

Imediatamente, um brilho nos olhos surgiu e iluminou o rosto de Lívio que, mais do que depressa, aceitou levá-la a tais recantos onde o encantamento dos olhos abria espaço para a licenciosidade dos corpos apaixonados.

Empolgado com a promessa, Lívio demonstrou estar no ponto para que Lélia seguisse com seus intentos, segundo as ordens de Druzila.

- Até mesmo a patroa está mais inspirada nestes dias - falou ela, fingindo inocência.

- É, deu pra perceber que estes ares fazem bem aos desejos de muita gente.

- Você viu que Licínio ficou em seu quarto até mais tarde? - perguntou baixinho, fingindo contar um segredo.

- Ora, Lélia, mas você também estava lá dentro, não estava?

- Claro, Lívio, mas você sabe que sou considerada apenas uma serva que, de um jeito ou de outro, não tem qualquer valor nesse mundo, ante os olhos dos que são quase nossos donos. Pude perceber que, dando asas aos nossos costumes da Roma corrupta e lasciva, o administrador está encantado pelos modos da senhora...

Escutando-lhe as revelações picantes, Lívio comentou:

- Ora, Lélia, nenhuma senhora que não quisesse dar oportunidade a essa intimidade teria aceitado ficar ali com um outro homem. As mulheres são muito espertas. Não vai me dizer que foi Licínio quem determinou que o jantar fosse servido lá dentro. Isso é coisa de quem manda, não de quem é mandado. É ela sim, como sempre fazem as mulheres, quem está dando asas para ele. Mulher sempre arruma um jeito para que as coisas aconteçam...

Lívio já tinha se experimentado com a astúcia feminina e, por isso, considerava que a mulher ia traçando os pauzinhos dando a impressão de estar sendo comandada pelos homens que, de repente, se viam presos em suas próprias armadilhas.

- Bem se vê, Lívio, que você entende de alma feminina - comentou Lélia.

- Já passei por poucas e boas na mão delas, sempre dispostas a nos dar esperanças e nos jogar para o lado assim que não seja mais conveniente.

- Não tenho tanta certeza assim de que Druzila esteja tão interessada - falou a serva, dando sequência à conversa.

- Eu não tenho dúvida e sou capaz de apostar.

- Pois eu aceito a aposta - respondeu ela.

E tirando do bolso pequeno recipiente de moedas, estendeu-o ante os olhos cobiçosos de Lívio, como a entregar a sua parte na aposta.

- Mas eu não tenho dinheiro para apostar com você - falou o rapaz, desconcertado.

- Ora, vamos fazer assim. Eu aposto que Licínio tem mais interesse do que ela e você aposta que ela tem mais interesse do que ele. Se você ganhar, fica com o dinheiro. E se eu ganhar, você tem que me levar, como uma patroa, para os seus lugares inspiradores... Que tal?

A proposta era irrecusável, pois na visão de Lívio, qualquer que fosse o resultado, ele seria o único ganhador.

Aceita a proposição, Lélia continuou:

- Agora, precisamos fazer as coisas funcionarem para que possamos avaliar qual dos dois é o apaixonado.

- Isso mesmo, Lélia. Mas como vamos fazer? - perguntou ele.

- O que acha se nós déssemos uma ajudazinha para que o "destino" se aproveitasse desse passeio de hoje, já que estou sabendo que Licínio e um servo vão acompanhar a senhora, para que acabassem ficando impedidos de voltar à sede, tendo que passar a noite sozinhos em algum lugar por aí?

- Ora, se seu Licínio está com ela, não ia querer ficar em uma situação tão comprometedora, a não ser que ele pretendesse seduzi-la, já que uma mulher não conseguiria voltar para cá sozinha, ainda mais durante a noite, em plena escuridão dos caminhos. Por isso, ele teria que voltar, deixando o servo com ela para protegê-la. Isso é o que um homem sem interesse faria.

- Pois então - exclamou sorridente, a serva - seu espertalhão. É assim que vamos saber como as coisas ocorreram.

- Se Licínio voltar sozinho e deixar o servo com Druzila, é porque ela é a sedutora e ele o inocente - confirmou Lívio.

- Isso mesmo. Agora, se o servo voltar e Druzila ficar sozinha com Licínio, é porque ele a quer seduzir e usou o momento para ficar a sós e com condições de se aproveitar da situação. Estamos combinados assim?

Ante a mente maliciosa e, ao mesmo tempo, ingênua de Lívio, parecia que aquilo era uma boa demonstração de sua tese. Além do mais, a aposta lhe seria favorável nas duas situações, fosse com o ganho do dinheiro, fosse com a possibilidade de estar na companhia de Lélia em quaisquer dos recantos mais secretos da propriedade.

Por isso, não se ocupou de avaliar todas as possibilidades e as possíveis variantes daquele acerto através do qual iria deduzir qual dos dois envolvidos seria o maior interessado na sedução.

Agora que estavam de acordo, competia a ele dar um jeito de que a carroça fosse enfraquecida para que, depois de algum tempo de trajeto, o suficiente para que estivessem mais afastados da casa protetora, ela tivesse uma de suas rodas ou seus eixos avariados.

Lívio vivera na área rural desde a sua infância e conhecia bem a que tipo de esforço era submetido o veículo, bem como a qualidade dos caminhos. Assim, tratou de abrir uma das trincas da roda dianteira da carroça, usando uma cunha de madeira que a enfraqueceria o suficiente para, com um choque mais duro ou um buraco mais fundo, romper-se e avariar o veículo, impedindo que pudesse prosseguir viagem.

Para tanto, precisariam contar com a sorte a fim de que pedras ou buracos fizessem o seu trabalho.

Tudo preparado, Lívio procurou Lélia para comunicar-lhe, eufórico, que o plano estava ativado.

Com um sorriso maroto e estimulante, a serva fez-lhe uma pequena carícia no rosto, como que a lhe prometer aquilo que ele tanto estava desejoso - o dinheiro ou ela própria.

Voltou aos aposentos de Druzila para relatar-lhe as novidades.

- Tudo pronto, senhora. A carroça está preparada. No entanto, ela precisa ser conduzida com cuidado até que, distante daqui o suficiente, segundo os seus planos, seja projetada sobre alguma pedra ou alguma vala do caminho para permitir que a roda se rompa.

- Deixe comigo, Lélia, eu me incumbo desse detalhe - respondeu Druzila, feliz com o andamento de seus planos.

Ao final do dia, conforme havia prometido, assim que o Sol se tornava mais brando e iniciava as suas despedidas do Céu, todos estavam a postos sobre o transporte, devidamente carregado com os alimentos solicitados por Druzila, coberto com o mantel a caminho do passeio solicitado, sendo que o servo de confiança manejava as rédeas da carroça, Licínio sentava-se ao seu lado e, no interior da carroceria, cujo teto estava coberto pelo tecido leve, mas as laterais seguiam abertas à vista, fora adaptada uma confortável cadeira para que Druzila ali se acomodasse.

Atendendo aos seus pedidos, o servo conduzia a carroça lentamente, com a desculpa de que não desejava desconjuntar-se ante os solavancos do caminho.

Com isso, o grupo ia se dirigindo aos locais que Druzila indicava, e ela fingindo surpresa, lançava comentários aqui e ali. Já haviam caminhado bastante quando, por causa do adiantado da hora, Licínio sugeriu que voltassem, ainda que repetissem o passeio no dia seguinte.

Vendo que havia chegado o momento, Druzila respondeu-lhe, fingindo euforia:

- Sabe, senhor Licínio, quando eu era jovem, vinha até aqui e dirigia a carroça sentindo toda a emoção juvenil de estar no comando de um veículo. Antes que voltemos, gostaria de fazer a mesma coisa, relembrando meus tempos de alegres peripécias.

Mais do que pedindo, a palavra de Druzila soava como a imperiosidade de um desejo que ela iria realizar, ainda que contra a vontade do empregado. Levantou-se da cadeira e recebeu do servo que conduzia as rédeas, o comando da carroça, sem que Licínio tivesse como impedi-la, cabendo-lhe, tão somente, a advertência de que tivesse cuidado.

Assim postada, com o servo acomodado na carroceria, Druzila começou a manejar os animais pelos caminhos rústicos, e, depois dos primeiros momentos de trajeto suave, deu-se o direito de arrojar na velocidade, incentivando os animais a que ganhassem o galope, como uma jovem impetuosa, conduzindo a sua biga em dia de competições no circo romano.

Licínio se segurava como podia ante os solavancos do caminho e, com voz de preocupação, repetia:

- Devagar, senhora... mais devagar... é perigoso, a senhora não tem prática...

No entanto, nada fazia com que Druzila diminuísse a marcha. A poeira ia se levantando à passagem do veículo e o chicote estalava no ar, indicando aos animais a necessidade de acelerarem progressivamente, até que, a valeta natural do caminho, aberta pela corredeira da enxurrada, serviu de buraco a produzir o rompimento da roda dianteira e o acidente se apresentou inevitável.

Com o desequilíbrio do veículo, faltando-lhe uma das rodas, inevitável foi a queda de todos ao solo, inclusive de Druzila que, já sabendo do que os esperava, conforme as afirmativas de Lélia, estava preparada para o acidente, o mesmo não acontecendo aos seus dois acompanhantes que, por tudo o que viram, julgavam ter sido ele fruto do acaso e da euforia da condutora despreparada.

A verdade era, no entanto, que, com a queda, Licínio acabou torcendo o pé que apresentou imediato inchaço que o impedia de caminhar.

O servo, apenas assustado e com pequenas escoriações, era quem ajudava a levantar a senhora e o administrador, recolocando-os em condição de avaliar a situação a que estavam expostos.

Constatado os danos ao veículo e à condição física de Licínio, o cenário estava completo para que Druzila pudesse aproveitar-se da situação e tomar suas próprias atitudes.

Licínio não tinha como caminhar longas distâncias e não lhe restava outra alternativa senão ficar ali esperando que alguém viesse ajudá-los. No entanto, a noite caía e os caminhos se tornariam escuros e difíceis.

Assim, sem perda de tempo, Licínio se dirige a Druzila e lhe pergunta:

- Senhora, estamos em apuros. A carroça não tem como andar e eu estou com meu pé torcido, sem poder caminhar até a sede, já que estamos muito distantes. Aconselho que a senhora siga com o servo até lá e que, em lá chegando, mande alguém até aqui, guiado pelo empregado que sabe nossa localização a fim de recolher-me.

Vendo que Licínio pretendia ficar sozinho e que seu plano não podia aceitar isso, Druzila deu o contra e passou a ordenar, valendo-se de sua condição de patroa.

- Não será possível que você pretenda me mandar a pé de volta para casa. Você está louco, Licínio. Eu não chegaria viva ao destino. Se você não pode caminhar, eu também não posso ir. Já que o servo vai até lá, que ao chegar providencie condução para nós dois e venha nos buscar. Antes disso, ele nos ajudará a colocar algumas pedras de apoio debaixo do eixo para que a carroça possa ficar nivelada e nós possamos ficar debaixo de sua coberta protetora. E para que ele possa chegar mais depressa ao destino, vamos comer algo do que eu trouxe, já que a noite parece que será longa e nos promete.

Assim que foi nivelada melhor, Druzila subiu à carroceria e, de seu interior trouxe grande cesto contendo alimento e vinho, dizendo-lhes que aquilo faria parte de uma refeição que pretendia tomar junto aos lugares pitorescos de sua infância mas que, agora, lhes serviria de ração para os momentos de espera pelo socorro.

Enquanto os dois homens se preocupavam em receber os lanches, Druzila se incumbia de servir o vinho, ocasião em que, sem deixar que percebessem, valeu-se da escuridão para derramar no copo do servo, algumas gotas de uma substância que produzia sonolência, suficiente para atontá-lo durante a jornada e confundir sua noção de direção na escuridão da noite. Tais substâncias, tanto quanto os poderosos venenos, eram muito comuns naqueles tempos, graças aos quais, homens probos eram colocados em situação vexatória ao acordarem, desnudos, na companhia de rapazes igualmente despidos, criaturas inconvenientes eram afastadas da vida para deixar livres os caminhos, envenenadas por tóxicos letais, cujo rastro nunca levava aos verdadeiros criminosos.

Depois disso, despachou o empregado que, por mais que andasse depressa, levaria ao menos umas boas três horas para chegar à casa, se não estivesse intoxicado pelo sonífero que confundiria todo o seu senso de direção e, com certeza, o impediria de alcançar o destino até que o dia clareasse.

Aproveitando-se da solidão em companhia de Licínio, Druzila ajudou-o a se sentar no interior da carroça, dentro da qual também se postou.

Ali estavam os dois, agora, um à mercê do outro. Ou melhor, ele à mercê de Druzila, excitada e impaciente para concretizar seus planos.

No entanto, seus planos não envolviam, naquele momento, a consumação do ato físico. Ela desejava confundir a noção de Licínio e, por isso, considerando-o como um herói ferido, tratou de envolvê-lo com delicadeza e carinho. Sendo serviçal e prestativa, observando-lhe o calcanhar edemaciado, tratando de enfaixá-lo com os tecidos que possuía que, na falta de meios, obrigou-a a rasgar parte de suas próprias vestes a fim de usá-las como faixas.

Licínio tentava impedi-la, já que sabia de sua forma atirada de ser, mas, percebendo que Druzila se continha, imaginou que ela estava sendo, efetivamente, prestativa e interessada em sua melhora.

Depois de acomodá-lo, serviu-lhe outra porção de vinho, no qual, igualmente ao que fizera no copo do servo, depositou a mesma substância, em quantidade um pouco menor, para que Licínio adormecesse suavemente.

Assim que o efeito começou a se fazer sentir, Druzila acomodou-se próximo e, percebendo o quanto ele lutava para não ceder, disse-lhe para que dormisse um pouco e que, na carroça, eles estariam seguros.

Sem conseguir controlar a sonolência produzida pelo tóxico, Licínio caiu em profundo sono, do qual se aproveitou Druzila para fazer o que lhe era conveniente.

Com a inconsciência do administrador, abriu-lhe a roupa expondo-Ihe o tórax, desajeitando-lhe o restante do traje a fim de supor a quem os visse, terem estado em situação suspeita, ou ao menos ao próprio Licínio, fazer com que imaginasse a ocorrência de intimidades que, em verdade, não haviam ocorrido entre eles.

Aproveitando para compor bem a cena, afrouxou as próprias vestes, expondo o colo como que se, igualmente, também tivesse estado naquela situação e, para que se visse na condição de vítima, ingeriu uma forte dose da mesma substância adicionada ao vinho, para que só viesse a acordar depois de Licínio.

Acena estava bem armada e ante os olhares de qualquer pessoa, não haveria dúvida de que ela fora seduzida por Licínio.

Além do mais, Druzila havia deixado instruções a Lélia para que, assim que tivesse atingido a madrugada, ela iniciasse a busca pelos desaparecidos, valendo-se da companhia de Lívio, seu cúmplice, tendo deixado indicações aproximadas da região onde imaginava que iria estar a carroça quebrada.

Desse modo, como nenhum dos integrantes da caravana retornasse no adiantado da noite, a serva deu o alarme. Dizendo cumprir as ordens da patroa, que a havia instruído de como proceder em caso de emergência, saiu em outra carroça, acompanhada por Lívio que, preocupado com a situação, a fim de certificar-se de quem é que ganharia a aposta, exclamou, surpreso:

- Mas Lélia, e nossa aposta?

- Que aposta, Lívio?

- Ora, a aposta que fizemos sobre quem voltaria para cá?

- Ah! Já faz muito tempo que eles saíram e, por isso, alguém já deveria ter chegado de volta. Estou preocupada e não agüento mais esperar. Você tem que ir comigo, afinal de contas você também participou disso e não pode ficar sem me ajudar.

- Está certo. Mas isso é segredo nosso - falou ele, preocupado com a possibilidade de ter revelada a sua colaboração no acidente, o que redundaria em sérias punições.

- Claro, Lívio. Para mim, não importa nada mais, senão a segurança da senhora. Se você quiser, eu me dou por vencida na aposta e, assim que for possível, lhe pagarei o prometido.

Acalmado, Lívio se dispôs a sair com uma lanterna primitiva, em uma carroça, na direção que Druzila tinha indicado à sua serva.

Assim, enquanto o emissário da senhora, semi-embriagado pelo sono estava rastejando por entre as moitas do terreno, perdido e atontado, tentando chegar à sede da fazenda, a carroça de Lélia e Lívio seguia até as proximidades do local, na maior velocidade possível.

Era madrugada, ainda, quando chegaram à região e não foi difícil reconhecerem, à luz da lanterna de óleo e à distância, os contornos da carroça avariada e, ao se aproximarem, constatarem que em seu interior, Druzila, semi-nua, dormia ao lado de um Licínio igualmente adormecido e com as vestes desarranjadas.

Lívio e Lélia se entreolharam como a confirmar suas suspeitas, sem saberem dizer, ainda, quem havia seduzido quem, mas tudo indicando que ao homem cabia a maior responsabilidade por aquela situação delicada.

Ao tentarem acordá-los perceberiam que suas suspeitas se confirmavam, já que Licínio voltava à consciência com facilidade e rapidamente, assustado com a presença de estranhos, enquanto Druzila, por mais que lhe forçassem o despertamento, se mantinha entorpecida, como a indicar que se encontrava naquele estado em decorrência de força mais potente que a do sono normal.

Os fatos eram mais reveladores aos olhares maliciosos do que quaisquer discursos ou justificativas.

Duas testemunhas os tinham encontrado naquelas condições.

Licínio não sabia o que dizer e, por mais que dissesse, isso não valeria de nada.

34

APELO DOENTIO

Quando regressaram à sede da propriedade rural, Licínio vinha taciturno, abatido, confuso com os acontecimentos que, para sua compreensão, estavam muito emaranhados em coisas inexplicáveis.

Sua estrutura física e mental lhe indicava não ter tido qualquer atitude menos digna para com aquela mulher que lhe cabia respeitar e proteger.

No entanto, as circunstâncias apontavam para outra conclusão.

Dois empregados estavam ali, testemunhas de uma situação que, na mente de qualquer pessoa, seria naturalmente interpretada como consumação de um ato físico, não importasse o quanto se tentasse explicar que nada havia se passado.

Ao regressarem, já dia claro, com o Sol despontando no horizonte, encontraram o servo ainda meio tonto, na beira da estrada, pedindo que o recolhessem igualmente.

Assim que subiu ao veículo, Lélia perguntou o que tinha acontecido, curiosidade esta que também era nutrida por Licínio e pelos demais, menos por Druzila, que ainda dormia.

- Eu não sei o que se passou. Depois que ocorreu o acidente e a senhorinha me mandou vir até a sede para buscar ajuda, saí na direção que tão bem conheço, mas não tinha andado ainda nem mil passos e comecei a sentir um torpor, uma sonolência, que me deixaram praticamente sem rumo.

- Mas você estava sentindo alguma coisa quando saiu para o passeio da tarde junto da patroa e do senhor Licínio? - perguntou Lélia, querendo maiores informações, apesar de, no fundo, conhecer o plano de Druzila, detalhe por detalhe.

- Não, moça. Nunca fiquei doente por aqui.

- Então você deve ter bebido muito para cair desnorteado desse jeito - falou Lívio, conhecedor dos efeitos do álcool no organismo humano.

- Lívio, você me conhece e sabe que para que a bebida me derrube, é preciso muita coisa. Eu só bebi meio copo de vinho um pouco antes de sair, que a própria patroa me entregou junto com o lanche que havia trazido. Vê lá se meio copo de vinho ia me deixar assim, Lívio!

Então, o servo contou que tentava achar o rumo, mas a capacidade de direção havia sido comprometida pelo sono e ele não teve outra coisa a fazer senão arrastar-se até uma moita que havia e, entregando-se, imaginou que, se dormisse algumas horas iria aliviar o torpor e logo a seguir buscaria ajuda na fazenda.

No entanto, dormira até quase o amanhecer, acordando assustado e sem compreender como isso tinha acontecido, já que sabia da urgência da situação.

Sua conduta poderia ser severamente punida, pois deixara à mercê da sorte não apenas o administrador da fazenda, mas a própria esposa do patrão, entregues às intempéries e a toda forma de perigos durante a noite.

Tal irresponsabilidade pesava-lhe sobre a cabeça e, por isso, tinha ideia de que não conseguiria escapar do açoite ou de qualquer outro castigo.

- Isso está com cara de remédio para dormir - pensou Lívio, imaginando que o sono anormal do servo, combinado com o sono descontrolado de Druzila, tinham a ver com a cena de abuso que encontraram quando de sua chegada.

Lívio olhava para Licínio, como a acusá-lo de conduta desonrosa.

Não lhe ocorria investigar quem é que havia dado o vinho ao servo, onde é que estaria o frasco do remédio, quem havia ordenado que o rapaz fosse buscar ajuda.

Nada disso era importante no conceito de justiça que Lívio, despreparado para olhar as coisas com olhos de sabedoria, aplicava àquilo que observava.

Para ele, um homem passar a noite com uma mulher na mesma carroça, embriagando-se ou se permitindo uma tal alteração das vestes, observando-se, ainda, o estado de descompostura com que Druzila se apresentava, trazendo até parte de suas indumentárias rasgadas, a servirem de atadura para o tornozelo torcido de Licínio, era mais do que suficiente elemento de prova de uma prevaricação cruel e perigosa para alguém com tamanhas responsabilidades, aproveitando-se da clandestinidade e da sua situação de maior força e domínio para submeter uma mulher frágil e desprevenida aos seus desejos.

Para Lívio, isso era muito grave e tal conhecimento lhe possibilitaria obter grandes vantagens, se Licínio tentasse se fazer de inocente.

Estar de posse de tal conhecimento e de tais provas representava um grande elemento de chantagem que ele, certamente, usaria para conseguir subir na vida ou melhorar sua posição na estrutura rural onde passava seus dias.

Acostumada aos padrões de uma falsa honestidade, onde os mais espertos se ocupavam de extorquir, corromper e furtar os mais fracos, a sociedade romana havia sido permeada por esse conceito pragmático de chantagear sempre, corromper sempre, tentar sempre, pois mais cedo ou mais tarde, as fraquezas humanas levariam os homens aos compromissos morais que os reduziriam a meras aves capturadas nas armadilhas da malícia, da calúnia, da inveja.

Lívio entrevia suas grandes possibilidades e imaginava como iria utilizar-se delas para agir dali para frente. Naturalmente, para que isso pudesse ser efetivado, precisaria investir na tese da traição com o uso do remédio, o que inocentaria a patroa e culparia o administrador.

Imaginava-se recebendo valores volumosos de Licínio para ter o seu silêncio comprado e, quando o administrador não mais lhe atendesse às exigências, imaginava-se perante Marcus, relatando todos os pormenores daquele encontro suspeito e comprometedor, dele recebendo, igualmente, mais e mais recursos como forma de gratidão.

Seu olhar de malícia e de indignação recaía sobre Licínio, que lhe percebia a recriminação silenciosa, ainda que não se sentisse em posição de recriminar o empregado, eis que não tinha como provar que nada havia acontecido.

Próximos da sede, Druzila foi dando sinais de que recobrava a consciência e, assim que chegaram, foi levada ao seu quarto onde, por mais algumas horas, ficou sonolenta e, no íntimo, feliz por sentir que tudo estava acontecendo conforme havia planejado.

Assim que todos se ocuparam de suas tarefas, Lélia procurou

Lívio e, seguindo as instruções de Druzila, acertou com ele que deveriam manter discrição sobre o que haviam visto.

- Sim, Lívio, somos as únicas testemunhas e não podemos deixar que esse assunto caia na boca dos empregados. Isso é caso para a patroa resolver com o senhor Licínio. Vamos ficar calados e deixar que as coisas sigam seu curso sozinhas. Além do mais, nós somos as partes mais fracas nesse processo. Não será difícil que as coisas se compliquem para nós, acusando-nos de mentirosos, interessados em sujar o nome da senhora ou do administrador.

Escutando as palavras ponderadas de Lélia, fruto da ardilosa trama de Druzila, Lívio não pôde deixar de dar-lhe razão, ainda mais porque, se todos os empregados soubessem do assunto, ele perderia a oportunidade de tirar vantagens da sua importante informação, correndo o risco de que outros o fizessem.

- Você tem razão, Lélia. Devemos ficar calados sobre esse assunto - falou o empregado, cúmplice ingênuo de todo aquele processo. No entanto - continuou ele - acho que nós deveremos resolver a nossa aposta, não?

Ouvindo-lhe a referência ao assunto acordado no dia anterior, sobre saber quem era o sedutor e quem seria o seduzido, Lélia buscou dar-lhe uma resposta aceitável, sem se comprometer de imediato.

- Claro, Lívio, nossa aposta está de pé e deverá ser levada até o final. E pelas circunstâncias, não precisaremos discutir muito para achar quem foi o sedutor e qual foi a seduzida, não é?

Sorrindo meio maroto, Lívio concordou com a cabeça.

- No entanto, preciso atender primeiro às necessidades da senhora, para que, depois, terminemos nosso assunto.

- Está bem - respondeu ele -, esperarei o nosso encontro.

Lélia se dirigiu aos aposentos da mulher astuta que, na sua mente adoecida pelas frustrações e desequilíbrios, havia concebido com a ajuda de entidades trevosas, a elaboração daquele estratagema bem urdido.

Druzila já estava bem mais acordada e esperava pela serva a fim de informar-se melhor do ocorrido.

Com a chegada desta, seu espírito ansioso se fez ainda mais agitado, ordenando que Lélia lhe relatasse todos os pormenores, o que, ao ser feito, passo por passo, lhe comunicava uma satisfação interior jamais observada, como o pescador que, atirando a rede, vê que ela foi certeira e que boa parte do cardume virá no seu bojo.

- Quer dizer, então, que quando vocês chegaram, Licínio ainda estava dormindo também? - perguntava Druzila, divertindo-se, eufórica com a situação.

- Sim, senhora. O Senhor Licínio estava desacordado, ainda que logo tenha recuperado a lucidez, tão pronto tenhamos chamado por seu nome.

- E qual foi a sua reação?

- Bem, senhora, inicialmente foi de surpresa com nossa chegada. Depois, vendo nossos olhares indagadores, passou a ser de susto ante seu estado de desarranjo das vestes e, por fim, foi de quase pânico ao ver sua semi-nudez, deitada ao seu lado na mesma carroça.

- Rã, rá, rá..., caiu na rede, meu peixão! - exclamou sorridente Druzila, agora, senhora da situação e possuidora de todos os trunfos.

Vendo que Lélia tinha interrompido o relato, Druzila continuou perguntando:

- E o empregado, também viu tudo? Entendeu que eu fui vítima de Licínio?

- Sim, minha senhora. Lívio também testemunhou os fatos e como a senhora havia orientado, combinei com ele que manteríamos silêncio e discrição.

- Isso mesmo - disse Druzila. Você deverá cobrar a sua parte na aposta que fez com ele. O seu direito de passear por aí, na sua companhia e de ser levada para ver os locais mais interessantes da propriedade.

E ao dizer isso de maneira euforizada, Druzila levantou-se e foi até o compartimento onde estavam seus pertences mais íntimos, de lá retirando pequenino frasco que entregou a Lélia, dizendo:

- Se você deseja entregar-se a esse empregado sujo e malcheiroso, não tenho como impedir. No entanto, se deseja escapar de suas investidas, coloque duas ou três gotas desta poção em um pouco de vinho e ele dormirá como um bebê, livrando-a da incômoda situação. Aí você aproveita e foge assim que ele dormir.

- Ah! Senhora, não tenho nenhum interesse em me entregar a um homem que cheira a estrume de gado, que tem o rosto mais parecido com uma lixa e que, pelo que acredito, tenha tomado o último banho antes que nosso César tivesse se tornado imperador dos romanos.

- Pois então, Lélia, livre-se dele com isso e, quando ele despertar, ficará sem entender o que se passou.

- Agradeço, senhora, pois isso vai evitar maiores problemas para mim.

- Agora, faça isso ao final desta tarde, pois pretendo voltar a Roma o mais breve possível. Diante dos fatos, vou me encontrar com Licínio ainda hoje e solicitar nosso regresso à cidade, coisa que, estou segura, ele não me negará.

Assim, marque a sua excursão com Lívio para o entardecer e não vá muito longe para que, depois que ele apagar, você regresse rápido. Acredito que ele vai dormir bastante e, no dia seguinte, quando der por si mesmo, já estaremos chegando em Roma.

Ouvindo-lhe as advertências, Lélia ponderou:

- Quer dizer, então, que Lívio vai ficar dormindo ao relento a noite inteira?

- Não, se você levar alguma manta para cobri-lo, protegendo-o do sereno - respondeu irônica, com cinismo, a senhora, como a considerar o empregado indigno de outra coisa senão de ficar exposto aos sabores da noite.

- Será que ninguém vai perceber a sua ausência? - perguntou a serva.

- Claro que não. Esse é mais um que está acostumado a sair por aí e chegar quando queira. Está aqui já há muito tempo e suas desaparições são tão comuns que ninguém mais se importa com elas. Quando meu pai tomava conta destas terras e Lívio ainda era muito jovem, há alguns anos, foi até açoitado por causa de suas fugidas. Depois, como não tinha jeito mesmo, as pessoas foram deixando, já que era um bom trabalhador quando sóbrio, fazendo o papel de vários homens com uma enxada na mão.

- Está bem, minha senhora. Vou levar uma mantinha para colocar sobre ele.

Despediram-se, discretas.

Lélia foi procurar Lívio para solicitar que, no final da tarde, gostaria que ele a levasse para visitar algum lugar bonito das redondezas, mas que não fosse muito longe dali, pois ela tinha que voltar logo e não queria ficar exposta à mesma sorte da patroa, numa referência ao risco de estar na companhia dele, em sítio muito afastado, sujeita a ser, igualmente, seduzida.

Lívio ficou eufórico e, mais do que depressa, imaginou onde seria muito adequado estar com Lélia para mostrar-lhe as belezas da propriedade e, ao mesmo tempo, mantê-la próximo de si mesmo.

Druzila tomou um longo e perfumado banho, trocou de roupa e, na hora adequada, mandou servir o almoço.

Lúcia estava na companhia de outra serva que, cuidadosa, mantinha a criança atendida em todas as suas necessidades.

Depois do almoço, ordenou que Licínio viesse aos seus aposentos.

O administrador estava em seu quarto, pensativo e intrigado, dando asas à análise de toda a delicada situação que o envolvera, afirmando-se incapaz de ter realizado qualquer ofensa à dignidade de Druzila. No entanto, sabia estar vulnerável, incriminado pelas circunstâncias, em uma sociedade viciada na qual não era preciso nem metade do que lhe aconteceu para que fosse considerado culpado perante qualquer juízo.

Recebeu a convocação com um aperto no coração.

Como se comportaria diante de Druzila? O que iria lhe acontecer, daí por diante?

Não lhe restava outro remédio senão o de ir ver o que desejava.

- Entre, Licínio - falou suave e documente a astuta criatura, preparando os próximos lances de sua aventura.

- Pois não, minha senhora! Aqui estou, como ordenou.

- Ora, Licínio, por que tais formalidades? - e falando assim, levantou-se e foi em sua direção, calmamente.

- São os modos pelos quais os empregados se referem aos seus amos, senhora.

- Mas... - disse reticenciosa - depois desta noite, Licínio, dispenso seus modos formais para que, em nossa intimidade nos permitamos a proximidade daquela carroça, que nunca mais esquecerei em toda a minha vida. Jamais imaginei sentir nos braços de alguém o que senti em seus braços, Licínio...

- Desculpe-me, senhora. Não me ocorre ter estado em uma situação de intimidade com ninguém, já há muito tempo.

- Ora, homem, não se faça de desentendido. Seu ímpeto quase que me mata e, agora, está aí, indiferente como uma pedra?

- Senhora Druzila, eu não sei qual foi a força ou a substância que me fez perder os sentidos. No entanto, quero afirmar pessoalmente, diante de seus olhos lúcidos, que em sã consciência nada fiz que afrontasse a sua dignidade e a honra do senhor Marcus a quem tanto prezo. Em mim mesmo não encontrei provas de qualquer ato que apontasse intimidades com outrem além do fato de que, se algo se passou, isso se deu na mais absoluta inconsciência de mim mesmo. Por isso, apresento minhas sinceras desculpas e, se por acaso fiz algo que a possa ter desonrado, apresento minha demissão aqui mesmo.

Vendo a inflexibilidade de Licínio e sabendo que não desejava perdê-lo, sobretudo agora que o tinha em suas mãos, Druzila tomou-se mais doce e respondeu:

- Não fique assim, meu bem... tudo foi muito bom e em nada me senti desonrada. Ao contrário, já há muito que meu marido me desonra com prostitutas de todo o tipo e, hoje, sou a mulher mais feliz e honrada do mundo por ter estado nos seus braços. Com certeza, mais cedo ou mais tarde você vai se lembrar de tais emoções e sentir saudades também. Quando isso acontecer, e espero que não tarde muito, arrumaremos outra carroça exclusiva para nós -falou, maliciosa.

Licínio, austero e firme, mantinha-se em silêncio, sem esboçar o menor sorriso.

Vendo que ele se postava friamente, Druzila tomou a iniciativa de aproximar-se ainda mais e, sem que ele tivesse a menor reação, passou as mãos em seus cabelos desarrumados, enfiando os dedos nos anéis que compunham o seu belo contorno.

Licínio se mantinha em pé, inflexível. Não fugia nem correspondia.

Era como se Druzila não existisse.

Isso a irritava por dentro, mas, buscando manter-se no controle de suas emoções, a mulher melosa e cheia de trejeitos aracnídeos na montagem de sua teia, falou, depois de afastar-se lentamente:

- Bem, Licínio, ou melhor, senhor Licínio - como prefere ser chamado, ainda mesmo depois de tudo o que aconteceu entre nós -chamei-o para solicitar nosso retorno a Roma. Os últimos fatos me obrigam a deixar este lugar, já que nosso idílico encontro foi testemunhado por servos que, não resta dúvida, irão espalhá-lo aos quatro ventos. Assim, determino que amanhã, logo tenha o céu começado a clarear, antes mesmo do nascente, estejamos a caminho de Roma, pois não desejo ser alvo dos olhares maliciosos dos empregados, nem de comentários negativos a que estive exposta por sua causa também. Não fosse o seu ímpeto, não estaria nessa delicada situação.

- Repito que nada fiz de errado que a pudesse prejudicar, apesar de que a situação aponta noutro sentido. No entanto, compreendo a sua preocupação e, de igual modo, reconheço que o infausto acontecimento irá produzir mal-estar na relação direta com os serviçais da casa. Por isso, esteja pronta para que, ao amanhecer, regressemos à cidade.

Ainda hoje, se as suas bagagens estiverem arrumadas, mandarei carregá-las, aprestando tudo para que, assim que despertemos ao cantar dos gaios, possamos voltar como é do seu desejo.

Vendo que Licínio estava de acordo com sua ideia, Druzila deu por encerrada a reunião, não sem antes lançar mais um dardo envenenado em sua direção, através do qual desejava lembrar-lhe a condição de vulnerabilidade.

- Estamos combinados, então, Licínio. Preciso chegar logo em Roma pois tenho coisas importantes a tratar com meu marido. Não nos atrasemos então.

A menção a Marcus era uma ameaça velada e uma referência feita para deixá-lo em suspense.

Qual assunto que deveria ter que tratar com o marido, aquela mulher que quase nunca o procurava para falar de nada e, quando o fazia era para falar de coisas fúteis? Era isso que ela esperava que Licínio pensasse depois de ter-lhe dado a informação sobre seus desejos de entrevistar-se com Marcus.

Sabia ela do respeito e da ligação que Licínio tinha com o marido e da amizade que ambos construíram ao longo de vários anos de convívio.

Havia entre eles uma ligação na qual Marcus via Licínio como seu irmão mais velho e como aquele que sempre o salvava das leviandades cometidas no ardor da juventude.

Daí por que Druzila também desejava usar essa ligação afetiva que ela sabia ser muito cara a ambos e a Licínio, como arma ameaçadora, graças à qual, pensava ela, iria conseguir a submissão de Licínio aos seus caprichos pueris de mulher que não se ama e, igualmente, é mal amada.

Os preparativos começaram. Lívio e os outros empregados foram colocados a arrumar as montarias, as carroças e os detalhes. No entanto, ao final da tarde, o empregado procurou Lélia que, conforme já havia acertado com ele, o aguardaria em determinado local.

Valendo-se de pequeno transporte de tração animal, rápido e específico para pequenos trajetos, muito parecido com as bigas de competição tão comuns na arena festiva dos dias de jogos na capital, Lívio recolheu Lélia que, agarrada à cintura do condutor, se deixou levar para o sítio próximo, mantendo pequeno cesto com iguarias preso pela outra mão.

O contato de Lélia tão próxima, fazia com que Lívio se esquecesse de qualquer coisa e só imaginasse estar com ela, na carência de afeto que sempre costuma marcar a vida da maioria das pessoas, egoístas e egocêntricas.

Não tardou para que chegassem em agradável recanto, de onde se podia vislumbrar pequeno, mas cristalino curso de água a correr, célere, logo depois de queda d'água que produzia um encanto todo especial.

Lélia desceu do transporte e se deixou levar por Lívio até agradável recanto na relva, sob algumas árvores acolhedoras, algo afastados da vista curiosa de outras pessoas.

- Eis aqui que pago minha dívida contigo, adorável Lélia - exclamou Lívio, empolgado.

- Ainda bem que eu pude tratar com um homem de palavra - respondeu ela, sorrindo, estendendo a manta sobre a grama.

- Ainda bem que Licínio não se conteve nos seus ímpetos, retrucou Lívio que, graças à suposta sedução infligida pelo administrador, obtivera a oportunidade daquele instante de sonho.

- Acho que devemos brindara isso-falou Lélia, acompanhando o entardecer nas últimas chamas do Sol que se ocultava na linha do horizonte, tingindo de dourado todo o cenário.

- Espere que eu trouxe uma pequena lamparina para iluminar nosso tugúrio - falou Lívio, retirando de pequena bolsa o instrumento, que tratou de acender para que a luminosidade ganhasse o contorno da chama suave, produzindo certa magia.

Eram pequenos encantamentos que Lívio havia aprendido a fornecer ao espírito feminino, sempre esperando ser tratado com certas atenções que façam-no a aceitar o cortejamento do espírito masculino.

Lélia, de maneira natural, retirou da cesta a toalha que estendeu sobre o mantel que lhes servia de tapete, que havia trazido para cobrir Lívio, depois que dormisse.

Sobre a toalha, colocou algumas frutas, pães doces, um pequeno pote de mel e o recipiente lacrado com o vinho, juntamente com duas singelas canecas que lhes serviriam de copo para o brinde.

Enquanto Lívio se entretinha com o abastecer, preparar o pavio e acender a lamparina, Lélia teve tempo mais do que suficiente para servir o vinho e colocar umas cinco gotas do sonífero na bebida de Lívio.

Quando já estava tudo pronto, Lélia estendeu-lhe a dose preparada, elevando o brinde pela felicidade de ambos.

Desejava ela que Lívio ingerisse logo o vinho para que o efeito não demorasse, uma vez que ela não teria argumentos para postergar por muito tempo as investidas do entusiasmado servo.

Tomaram o gole farto e começaram a comer algumas das iguarias que Lélia havia preparado.

Para não causar nenhuma suspeita, a jovem aceitava e, de certa maneira, correspondia com sorrisos, aos elogios e galanteios de Lívio que, com isso, estava se preparando para o ataque.

Por se tratar de jovem pouco afeiçoado aos modos da cidade, rude por ter sido sempre criado no meio dos animais e dos trabalhos mais duros, naturalmente que Lívio não teria os trejeitos educados nem conheceria as etiquetas da conquista, a pedirem paciência, mistério e magia, no jogo preliminar. Por isso, Lélia não desejava arriscar-se e, ao invés das três gotas, como já foi falado, colocara cinco para se garantir.

Com isso, não demorou muito para que a cabeça de Lívio começasse a dar sinais de entorpecimento.

Começaram a rodar-lhe as árvores, os cenários e, se ele não estivesse sentado, teria sido vítima de uma vertigem que o derrubaria.

Sem entender o que estava acontecendo, Lívio só teve tempo de exclamar:

- Lélia, acho que você pegou o mesmo vinho que Druzila e o servo beberam... - e caiu para trás, sem esperar resposta, assumindo a posição inconsciente, tornando-se lívido.

Vendo que o seu candidato havia se entregado aos braços de outra amante, Lélia tratou de guardar todos os objetos na cesta, enrolou Lívio na manta sobre a qual já estava caído e, com a lamparina em punho, deixou o cavalo amarrado junto a árvores próximas e tomou o rumo da sede da propriedade.

A noite escura já tinha derramado seu manto sobre tudo e apenas a pequenina chama da lamparina indicava alguém que vinha voltando.

Rápida, Lélia não foi notada por ninguém, cuidando de, assim que avistou as luzes da casa para onde se dirigia, apagar a lamparina e seguir na direção apontada pela claridade, tomando cuidado com os percalços do caminho.

Chegou discreta e, célere, já não havia mais indícios de que tivesse acabado de regressar de uma caminhada.

- E então, Lélia, conseguiu preservar-se das investidas do rapaz? - perguntou, interessada, a senhora, demonstrando indiferença.

- Puxa vida, senhora, se não fosse aquele sonífero, estava perdida de verdade. O rapaz fogoso não me dava tréguas. A sorte foi que, para me garantir, coloquei cinco gotas, em vez de três.

- Tudo bem, respondeu Druzila, ele só vai dormir por mais tempo...

Despedindo-se de Lélia, a quem recomendou estivesse acordada logo pela madrugada para que pudessem sair dali, não lhe deu a conhecer que, na verdade, o referido sonífero não era senão, poderoso veneno e que, a estas alturas, Lívio estava espumando, oculto pela manta que deveria cobri-lo para sempre, acabando com aquele que poderia colocar em risco suas estratégias.

Sem que Lélia soubesse, Druzila tinha envenenado Lívio para que ele jamais pudesse atrapalhar seu caminho, tentando fazer exatamente o que eleja estava planejando realizar.

Afinal, Druzila era uma romana afeita a todas as intrigas e métodos comuns entre os romanos de seu tempo, não lhe tendo sido difícil realizar tudo o que julgasse necessário para que seus trunfos ficassem concentrados apenas nela mesma.

Mais cedo ou mais tarde, a própria Lélia correria os perigos que haviam vitimado Lívio.

Apenas lhe protegia a necessidade que Druzila tinha de levar uma das duas testemunhas para Roma, a fim de que Licínio estivesse em uma posição inferiorizada, já que se os dois desaparecessem, ninguém mais seria capaz de incriminá-lo.

35

O VELHO CENÁRIO PARA OS MESMOS ERROS

A viagem de volta à grande cidade, mais cedo do que o previsto, foi um trajeto sem ocorrências dignas de nota, com exceção de mal-estar que tornara a pequena Lúcia indisposta e chorosa.

No entanto, relegada por Druzila aos cuidados de servas que tentavam oferecer à menina o colo materno, em substituição daquela que, indiferente, não se interessava por seu destino como uma mãe devotada normalmente faria, a indisposição de Lúcia foi considerada como fruto de tão acendrada movimentação, sempre inapropriada para uma criança em tenra idade.

O cortejo chegou depois de muitas horas de caminhada, exigido que foi da caravana o deslocamento lento e cuidadoso em face das reclamações da pequena.

A casa luxuosa, no entanto, possuía recursos amplos para preencher os espíritos fatigados pela jornada, propiciando-lhes a sombra fresca, a água corrente para os banhos agradáveis, além dos alimentos saudáveis que, colocados à disposição dos viajores, em breve lhes propiciariam uma melhor sensação.

Tão logo chegaram, todos reassumiram suas tarefas, na atmosfera vazia daquela grande construção de pedra e mármore, sem afeto e sem felicidade.

Druzila recolheu-se para cuidar de seu corpo cansado pelos solavancos do caminho, entregando a filha aos cuidados de Lélia e outras empregadas que tinham a seu cargo o zelo para com ela.

Imaginava ela que, assim que o marido voltasse para o lar, coisa que não costumava fazer antes do pôr-do-sol, solicitaria uma entrevista pessoal, ainda que fosse apenas para notificá-lo do motivo do regresso, quando alegaria que o mal-estar da filha lhe impusera o cuidado de voltar antes do tempo, retirando de Licínio a responsabilidade por qualquer antecipação.

Com essa conduta, no entanto, pensava ela semear no espírito de Licínio a suspeita de estar comunicando ao esposo a conduta inadequada de seu homem de confiança, vulnerabilizando as defesas e estabelecendo para o seu pretendido um ambiente de temor ou de incerteza, que pretendia explorar para atingir seus objetivos.

No entanto, todas as potências espirituais se congregavam naquele ambiente para auxiliar aquele grupo de pessoas aflitas e débeis a suportar as provas amargas que estavam produzindo para si mesmas.

Sobre Druzila, uma malta de entidades escuras se amontoavam, estimulando-lhe os pensamentos lascivos e as condutas irregulares, com ideias astutas e perigosas. Sem qualquer elevação interior, Druzila se mantinha nas mãos das entidades obsessoras que, desde os antigos tempos do pretérito, com ela se consorciaram para a exploração dos sentidos e dos prazeres.

Mesmo para com os deuses romanos a mulher não guardava qualquer respeito e os tinha como meras estatuetas sem valor, aos quais se submetia gente que não tinha coisa melhor para fazer, nem forças materiais para concretizar seus ideais por si próprios.

Recorrer aos deuses, para ela, era prova de fraqueza e confissão de incompetência, quando, em realidade, para sua maneira de ver a vida, os deuses reais eram o poder, o dinheiro, a sedução e a astúcia de saber trilhar os caminhos certos, da melhor maneira. Jamais vira nenhum dos deuses esculpidos deixar seus nichos onde eram incensados para ir impedir um açoite em um escravo inocente, um envenenamento de uma pessoa cuja vida representasse um obstáculo no caminho. Para ela, o frasco de veneno continha mais poder do que todos os deuses reunidos.

Ao redor dela, fios magnéticos entretecidos em matéria escura e pegajosa circundavam a estrutura mental e emocional, manipulados por entidades inteligentes e maldosas, ignorantes das verdadeiras responsabilidades que cabem a todos os seres que habitam o planeta.

Ao mesmo tempo, os servos que lhe estavam a serviço também eram mantidos sob tal influenciação e vigilância, que os controlava e intuía para que se comportassem como um único e harmonioso organismo.

Ao redor de Licínio, igualmente, espíritos se congregavam. No entanto, possuíam características muito diferentes.

A começar de Zacarias que, do plano espiritual elevado onde se encontrava, houvera se constituído em seu tutor invisível, desde longa data, uma grande força se dirigia sobre o administrador que, a partir daqueles momentos, passaria a suportar provações difíceis e necessárias ao seu burilamento, preparado que fora antes do renascimento para vencer determinados defeitos morais que possuía em seu íntimo.

Ao lado de Zacarias, Lívia, João de Cléofas e Simeão se mantinham vigilantes, sempre prontos a estender sua influência benfazeja sobre os corações que estivessem receptivos aos seus conselhos generosos e suas intuições fraternas.

De nada adiantaria intentar qualquer modificação no rumo que Druzila estava escolhendo para seus passos irrefletidos. No entanto, ao lado de Licínio, Zacarias exercia o poder de intervir através do sentimento firme e da vontade determinada do seu protegido.

Desse modo, valendo-se do momento de recuperação das forças, tão logo se pusera a par de todos os detalhes da casa durante sua ausência, Licínio se sentiu envolvido pelo desejo de orar.

Sim, pois Licínio, ainda que dentro dos padrões religiosos de sua época, possuía um coração sincero e devotado ao bem, requisitos essenciais para garantir que qualquer oração que se origine nele, receba o influxo magnético suficiente para ser captada nos paramos celestiais e encaminhada para a análise de seu conteúdo.

Confundido pelas circunstâncias, sem se sentir culpado de nada, o administrador era refém dos fatos e da astúcia de Druzila, esposa de seu amigo de infância.

Naturalmente nunca lhe houvera relatado os ataques diretos que vinha sofrendo desde longa data da jovem insatisfeita, incapaz de se manter fiel ao compromisso afetivo que a ligara a Marcus.

Não desejava piorar as coisas que, aliás, já não eram lá muito boas entre o casal, ainda que tivesse liberdade para dirigir-se ao marido a fim de lhe falar do assunto.

Druzila não imaginava o quanto Marcus se ligava a Licínio, nem suspeitava que este era quem o auxiliava moralmente, salvando-o ante os compromissos carnais nos quais a impulsividade e os desejos do rapaz o colocavam, muitas vezes.

Licínio era da mais absoluta confiança de Marcus, pois este revelava ao antigo companheiro, todos os segredos e os deslizes que seu temperamento aventureiro. Como confessor dos tempos de travessuras, Licínio aprendera a ouvir, aconselhar sem julgar e tentar consertar os estragos que Marcus produzia nos corações femininos com seus arrebatamentos imaturos, o que o tornava digno da confiança do esposo de Druzila.

Por todo o relacionamento entre eles, Licínio tinha por Marcus o carinho de um irmão mais velho e maduro que sabe entender as fraquezas do mais novo e relevar-lhe os aparentes defeitos, entendendo-os mais como fruto da imaturidade do que da maldade.

Mesmo que não se permitisse ser conivente com as leviandades de Marcus, as quais estava sempre censurando com alertas amistosos e bem humorados, Licínio desenvolvera uma afeição muito sincera pelo jovem, no qual via a bondade acima das irresponsabilidades.

O que preocupava Licínio, pois, não era o fato de Marcus acreditar que ele o houvesse traído, já que se conheciam muito bem ao mesmo tempo em que o marido tinha uma idéia clara de como Druzila se conduzia, nas armações e armadilhas que estava habituada a criar até mesmo para ele próprio, seu marido.

Na verdade, o que incomodava o espírito generoso de Licínio, era o fato de que seu relato se tornaria uma forma de desnudar a essência de Druzila aos olhos daquele que poderia infligir à mulher severas penas, além de se tornar o causador de um sério rompimento de laços, sobretudo agora que Lúcia estava se fortalecendo como criança recém-nascida.

No entanto, o seu silêncio o colocaria em sérias dificuldades, dando a entender a Druzila que, efetivamente, encontrava-se sob sua direção e domínio, amedrontado e submisso, como que a reconhecer a culpa no incidente para o qual não concorrera de nenhuma forma, estimulando ainda mais o assédio sobre ele, por julgar que o mantinha sob seu controle.

Se se mantivesse quieto, o tempo conspiraria contra ele já que, não tendo tido a lealdade para relatar os fatos, mesmo expondo-se à circunstância de ser considerado infiel pelo amigo, o que lhe custaria a posição no cenário familiar, seu silêncio pesaria em seu desfavor, ainda mais quando Druzila o acusasse ante os ouvidos de Marcus.

Falar antes lhe parecia o único modo de demonstrar a sua efetiva inocência. No entanto, isto, ao mesmo tempo, lhe representava uma conduta indigna para com a harmonia do lar.

Afastar-se das funções sem qualquer explicação, também poderia ser considerado uma confissão de culpa a permitir que Druzila deturpasse todas as coisas e tivesse, na sua deserção, a confirmação de suas palavras. Assim, fugir dos fatos seria, talvez, a mais errada de todas as condutas.

Nesse estado de tormento, Licínio fechou-se em seu quarto e orou aos deuses de sua devoção, solicitando-lhes que o encaminhassem pela trilha menos dolorosa.

Ouvindo as suas solicitações agoniadas, já que não vinham de um coração egoísta que pensava apenas em si próprio, preocupado que estava em encontrar solução que menos prejudicasse a todos os envolvidos na situação, Zacarias tratou de acercar-se dele e, colocando a mão luminosa sobre sua fronte, emitiu poderoso raio de energia a tornar mais clara a recepção da inspiração, sem que isso o obrigasse a segui-la.

Na verdade, usando dos princípios do Amor e das leis do Universo, Zacarias faria Licínio raciocinar por caminhos já conhecidos, antes do renascimento.

Dessa maneira, Zacarias, aproveitando-se das meditações de Licínio, como se ele estivesse a conversar consigo mesmo, perguntando e respondendo, envolvia o rapaz para que seus temores e suas angústias encontrassem o melhor trajeto para chegar a uma solução verdadeira.

Às orações de Licínio, por isso, Zacarias fora incumbido pelas forças da Vida de responder, o que passara a fazer naquele instante.

Eram frases curtas e claras que ele depositava na mente de Licínio, meditativo e silencioso, como que a orientar-lhe os pensamentos confusos.

- Como devo proceder ante esta situação complicada na qual fui envolvido?-perguntava Licínio a si próprio, depois da oração que fizera.

- Filho, não tema a verdade nem os juízos alheios.

A frase lhe surgira no íntimo como uma reflexão direta de seu cérebro, no trabalho de análise da situação, o levou a pensar a seguir:

- Tudo bem! Não devo ter medo da verdade nem dos pensamentos de ninguém. No entanto, se me dispuser a contar tudo, Druzila converterá esse sentimento mal administrado em ódio.

- O ódio é o veneno para quem o cultiva - foi a resposta de Zacarias.

- Se eu ficar em silêncio, no entanto, ela não desenvolverá tal sentimento.

- Ingerido por alguém ou guardado no frasco à espera de sua vítima, o veneno é sempre veneno - refletia e inspirava Zacarias.

- Se falo, corro o risco de ser considerado um mentiroso e perder o respeito dos que amo - pensava Licínio, inseguro.

- A verdade o defenderá ante o tribunal divino, meu filho. Isso é tudo o que você precisa. O juízo dos homens é sempre equivocado e, geralmente, mau.

- É mesmo! Por que pensar assim, quando o próprio Marcus possui tantas leviandades, mas que não o transformaram em uma má criatura.

- Não espere nada dos outros, pois em realidade, tudo emana de Deus, meu filho. Não deixe que sua correção de conduta permaneça sob o controle daqueles que imaginam possuir o poder sobre a Verdade. Mais vale ser injustiçado e sofrer por estar se conduzindo com correção, do que tergiversar e ficar à mercê de gente despreparada para agir com nobreza.

- É... se eu não fizer alguma coisa - complementava o pensamento, Licínio - Druzila vai pensar que estou à sua disposição e que me sujeitarei a todos os seus caprichos, interpretando minha omissão como culpa.

- E se Druzila revelar algo a Marcus antes de você, meu filho, sua conduta posterior será interpretada apenas como débil defesa a justificar-se, como o devedor que tenta fugir do compromisso depois que este passa a ser conhecido.

- Sim... se não me apressar, Druzila vai parecer a mulher ultrajada que recorre ao marido, que se sentirá duplamente traído ao pensar que o ultraje veio daquele que o deveria defender e preservar sua honradez. Adiantar-me é o único recurso que possuo... - pensava Licínio, já mais seguro de si- Isso mesmo, filho. Não tema nada. Estaremos ao seu lado para tudo o que acontecer. No entanto, prepare-se com fé e não permita que a decepção e o desalento o abatam. Em breve nos encontraremos em local mais adequado para a revivescência de antigas crenças embaladas pela meiguice do doce Messias prometido.

Falando assim, Zacarias endereçou a destra luminosa ao coração de Licínio, que sentiu um impacto energético calmante, como forma de ser envolvido por novas forças, ante as difíceis condutas que deveria adotar, imediatamente.

Assim, dando por encerrada a fase de análise sobre a situação em que se achava envolvido, Licínio se sentiu fortalecido para agir, com o pensamento mais equilibrado e embasado em princípios mais elevados do que o temor, o rancor, a vingança.

Iria fazer o que o dever lhe impunha para que o mal não se tornasse ainda maior.

Com esta convicção, preparou-se para sair, já que, por aquele horário, quando o sol da tarde aconselhava o descanso depois de uma refeição, Marcus jamais se permitia outra coisa a não ser acolher-se no leito do tugúrio onde se abrigava para as aventuras de sua masculinidade em busca de afirmação.

Sem comunicar qualquer coisa a Druzila ou a algum servo, Licínio afastou-se do palácio e dirigiu-se ao local onde sabia que Marcus se abrigava quando não se encontrava em casa, local este que era do conhecimento do administrador para que, em casos de emergência, lá o pudesse encontrar.

Aliás, muitas vezes Licínio compareceu ao ambiente exótico, enviado por Marcus, para romper algum relacionamento amoroso que se houvera tornado inconveniente demais, apresentando as escusas de seu amo e oferecendo alguma compensação às jovens preteridas. Lá mesmo presenciou crises de fúria, lágrimas de dor, corações despedaçados, esperanças apagadas, ódios prometidos, nas reações naturais e compreensivelmente agitadas daquelas que, num primeiro momento, aceitaram a condição de aventura prazenteira daqueles encontros para, logo mais, desejarem transformá-lo em compromissos mais significativos, envolvendo-se mais profundamente com o amante rico e bem postado, pretendendo fisgá-lo e convertê-lo em marido.

Assim, depois de quase uma hora de caminhada, Licínio atingiu o local onde sempre encontrara o amigo e amo para entender-se com ele.

Possuidor dos segredos para ali penetrar sem problemas, Licínio não esperava encontrar nenhuma situação mais constrangedora do que as muitas nas quais já houvera flagrado o patrão, que sempre o recebia sem rodeios nem falsas posturas de pudor ofendido.

Entre eles não havia sigilos nem falsas virtudes.

Desse modo, Licínio penetrou no ambiente, buscando, no entanto, manter-se discreto ao máximo como forma de menos incomodar o amigo que, em sua interpretação, poderia estar dormindo, em sono reparador.

Em geral, era assim que ele se conduzia.

Chegava mansamente para avaliar a situação na qual Marcus se via envolvido.

Se escutava ruídos, depois de algum tempo fazia barulho específico que o identificava aos ouvidos do patrão que, afastando-se, vinha até ele para inteirar-se de suas necessidades.

Se não ouvia nenhum ruído, lentamente se dirigia até a alcova para ver se Marcus ali se encontrava, coisa que podia não ocorrer, obrigando-o a buscá-lo em outra parte.

Entre a ante-sala e o quarto de dormir, apenas uma cortina suave se interpunha.

Assim, se o patrão estivesse a dormir, Licínio se sentava na ante-sala à espera de seu despertar.

Desse modo o administrador procedeu naquela tarde.

Ao seu lado, Zacarias e Lívia o acompanhavam, a fim de amparar suas energias.

Sua chegada suave não foi reconhecida por ninguém e o silêncio dominava o ambiente.

A ante sala indicava que Marcus deveria ter utilizado o local para encontros intensos, tal o desarranjo dos móveis e utensílios.

Seguindo seus hábitos, Licínio esperou por algum ruído que, em verdade, poderia demonstrar para a presença de Marcus e de sua acompanhante naquele local.

Como nenhum barulho se ouviu, como sempre o fazia, o administrador adiantou-se para a suave cortina que separava a alcova da sala, levantando-a para constatar a presença ou não do patrão.

E qual não foi sua surpresa ao identificar, com profunda dor no coração, que abraçados um ao outro, Marcus ressonava ao lado de Serápis, na indubitável situação dos amantes felizes e comprometidos.

Sua cabeça rodopiou num átimo e uma vertigem abrigou-o a recuar.

Seu afeto sincero estava despedaçado, sem que conseguisse divisar explicação lógica para aquele flagrante lascivo que não fosse o envolvimento amoroso daquela a quem havia revelado seus sinceros sentimentos com aquele por quem nutria sincera afeição.

Dois seres que ele amava estavam ali, entregues um ao outro.

Tinha receio de cair e, para evitar tal desenlace, procurou o assento mais próximo, tateando no ar até encontrar o local adequado.

Nessa operação, enquanto projetava seu corpo sobre a poltrona macia, não teve como evitar derrubar objetos que estavam nas proximidades do assento, ruídos estes que vieram a quebrar o silêncio reinante.

Acostumado a estar ali protegido da curiosidade alheia, Marcus despertou ante o barulho diferente e, de onde se encontrava, elevou a voz, perguntando:

- Tem alguém aí? Vamos, responda.

E exclamando tais palavras com voz algo alterada, deixou o leito e vestiu a túnica que lhe estava fácil à mão, saindo da cama e dando passos na direção da sala onde Licínio se encontrava.

Vendo que os ruídos do quarto mostravam que o patrão estava se levantando, Licínio que, a partir desse momento pensara em não criar constrangimentos para ele e para a serva da casa, resolveu exclamar em voz alta:

- É Licínio que aqui está meu senhor!

- Licínio? Que deu em você, homem, para voltar antes do dia que combinamos? - falou Marcus surpreso, dando-se conta da situação delicada em que se encontrava, sem saber, todavia, se o administrador o havia visto nos braços de Serápis. - Espere um momento que já vou falar consigo.

Dizendo isso, fez sinal de silêncio para Serápis que, igualmente, despertara com a sua voz estridente, pedindo-lhe que ficasse ali sem qualquer movimento, até que Licínio se ausentasse.

Na rapidez do relâmpago, Marcus se lembrou do interesse que Licínio nutria por Serápis, ainda que, pessoalmente, nunca o tivesse revelado, tendo sido informado de tal afeto pela própria serva.

Será que Licínio os flagrara? Será que Marcus deveria revelar que mantinha um relacionamento com uma serva de seu palácio e, justamente, com aquela que era a mais querida do próprio administrador que ali estava?

Ante todas estas dúvidas, resolveu permanecer calado e esperar para ver o que Licínio tinha a lhe revelar.

Este, por sua vez, tudo fazia para reajustar seu equilíbrio e traduzir suas ideias com calma e lucidez.

Nesse momento, Zacarias lhe sustentava a mente e Lívia o mantinha o mais sereno possível no coração.

- Pois não é que é você mesmo, Licínio! - exclamou Marcus, ao sair do quarto.

- Sim, meu senhor. Infelizmente tivemos que antecipar o regresso a pedido da senhora Druzila. Não pude terminar meus afazeres conforme combinado, eis que os cuidados com a senhora e a pequena Lúcia me pareciam ter prioridade sobre tudo o mais.

- Claro, meu amigo, sempre você se preocupando com tudo, pela ordem correta.

- No entanto, estou aqui, pois preciso apresentar-lhe um assunto sério e delicado, a fim de que o senhor possa conhecer e deliberar sobre ele e suas conseqüências.

- Bem, homem, você sabe que este não é o melhor momento para termos conversa desse teor se for possível tê-la em outra hora -afirmou meio sorridente, dando a entender a impropriedade da situação.

Entendendo que Marcus se referia a seu encontro amoroso e à possível presença de alguém mais no interior do aposento, Licínio, realizando imenso esforço interior, procurou afastar qualquer suspeita de que tivesse tido conhecimento do assunto, ou soubesse quem era a criatura emaranhada em seus braços, lá no leito.

- Bem, senhor, desculpe-me o impróprio da hora. Assim que cheguei aqui, pelo silêncio do ambiente, imaginei que estivesse ausente e, ao pretender sair, derrubei alguns objetos que, por sorte, despertaram-no. Já que a hora não é das melhores, gostaria que assim que possível, ainda hoje, me recebesse, já que os fatos têm relação com sua família.

- Está bem, Licínio. Seus escrúpulos sempre foram sábios e, assim, peço que dê uma volta pelas redondezas e, em uma hora, regresse para conversarmos devidamente. Este é o tempo de que necessito para despedir-me do meu compromisso de hoje... - falou reticente, querendo dar a entender que se tratava de uma mulher sem importância, como tantas outras que já haviam estado naquele lugar, naquela situação.

- Assim o farei meu senhor.

Afastando-se do ambiente, Licínio desejava dar curso às lágrimas de dor que sentia a oprimir-lhe o sentimento, mas buscou conter seu sofrimento a fim de não perder o equilíbrio necessário para dar os passos seguintes com clareza e ponderação.

De longe viu quando Serápis deixou o local, envolvida em vestes diferentes e discretas, tomando rumo do palácio.

Dentro do prazo combinado, Licínio voltou ao ambiente e, sem maiores rodeios, deu a conhecer ao amigo, que, agora, era o amante da mulher que amava, a situação delicada em que fora colocado por

Druzila, mas que, em momento nenhum teve qualquer desejo relacionado a ela ou pôde constatar em seu organismo quaisquer indícios de aproximação íntima, atribuindo tal ocorrência à ação de algum poderoso narcótico que ingerira no vinho que a própria mulher lhe servira.

Tal suspeita se confirmara pela sonolência apresentada pelo servo que fora mandado pedir ajuda.

O relato de Licínio, límpido e sincero, ainda que estivesse controlando a própria dor íntima pela cena que acabara de testemunhar, fazia com que Marcus se sentisse ainda mais culpado por estar se relacionando com a mulher que seu amigo amava.

Por sua conduta permissiva e pelos modos sempre austeros de Licínio, Marcus não se deixou envenenar por ciúmes ou cogitações baixas, chegando a pilheriar com o amigo:

- Druzila está mesmo a perigo, Licínio. Seu desespero é tanto que perdeu o juízo, meu amigo. Estou convencido de que esta é a mulher com quem me casei. Astuta e ardilosa, costumava ameaçar seus desafetos com a criação de situações perigosas que os desmoralizassem. Mais de uma vez, fez menção a soníferos que poderiam resolver problemas mais rapidamente do que qualquer troca de César no trono de Roma.

- Não sei, meu senhor. Apenas tomo a liberdade de, em nome do respeito que tenho pelo senhor e por sua família, bem como por toda a gratidão que nutro pelo que recebi e recebo de todos vocês, manifestar-me primeiro sobre tais fatos, já que, sem saber se eles serão ou não contados por ela e de que maneira serão relatados, qualquer informação posterior de minha parte poderia ser interpretada como conivência minha ou como medo decorrente de culpa pessoal.

- Entendo sua preocupação, Licínio! -falou Marcus que, naquele momento, não pretendia agir para com o administrador com a mesma lealdade que este usava para com ele, revelando seu envolvimento com Serápis.

- Estou aqui deixando-o com liberdade para afastar-me dos seus serviços pessoais e de sua casa, a fim de que possa outro ser colocado em meu lugar e que mantenha a confiança necessária para a realização de tão honroso mister.

- Não será necessário, meu amigo. Estarei sempre confiado a seu caráter verdadeiro e leal, pois sei que, se você tivesse se apaixonado por Druzila, estaria aqui com outro discurso e eu, de minha parte, já teria chamado alguns homens fortes para encarcerá-lo como louco. Afinal, apaixonar-se por aquela mulher é sinal de insanidade.

Riu-se Marcus de si próprio e, admirando-se ainda mais de Licínio, deu-lhe permissão para que se afastasse tranquilamente, para que sua rotina fosse retomada.

A nobreza do administrador contrastava com a sua falta de coragem em revelar-lhe, naquele caso, o seu envolvimento com Serápis, ainda que Licínio nunca tivesse confessado seus sentimentos com relação à serva.

Além disso, a própria moça não se animara a corresponder aos afetos do administrador, o que lhe parecia abrir caminho para garantira possibilidade de se envolverem mais seriamente um com o outro, sem problemas.

Aliás, aqueles tinham sido dias de ventura há muito não vivenciados, fosse com Druzila, fosse com as muitas prostitutas grosseiras que perambulavam por Roma, em busca de algumas moedas.

Serápis sabia ser doce e gentil, carinhosa e cúmplice, fazendo dos jogos amorosos agradável desafio e estimulante romance.

Por isso, mais e mais se enamorava dela o dono do palácio, para infelicidade de todos os que lá se abrigavam.

Assim que deixou o local, o espírito Lívia partiu como proteção luminosa de Serápis, seguindo-a até o palácio envolvendo a jovem com raios luminosos de calma e bons sentimentos. No fundo, Serápis também se sentia mal em face do amor que Licínio lhe revelara, mas diante de seus projetos, as ligações magnéticas com entidades trevosas também a mantinham sob direta influenciação, restando a Lívia, espírito que tutelava seus passos, orar e seguir por perto.

No palácio, Serápis buscou despir-se da túnica pobre e dar a conhecer aos seus responsáveis que havia voltado ao ambiente de trabalho, depois de ter auxiliado a parente enferma a recuperar-se até mesmo antes do prazo.

De sua mente, no entanto, o brilho dos olhos de Marcus no encantamento que lhe produzira no espírito não saía e representava o troféu de sua conquista.

Cada encontro era mais emoção e mais proximidade entre eles.

Não tardaria para que, finalmente vitoriosa, ocupasse os corredores e os aposentos do palácio, voltando a ser aquilo que ela sempre sentiu que era: uma nobre romana, pervertida, arrojada, jogadora, mentirosa, mas dona do palácio, esposa de Marcus.

36

LICÍNIO CRISTÃO

A saída de Licínio daquele lugar assemelhou-se a alguém que deixa, no campo santo, os restos mortais dos seres muito amados. Se para Marcus e Serápis aquele era o tugúrio de sonhos e o berço de seu afeto, para ele era a tumba onde viu desfalecerem seus mais sinceros projetos, para os quais ainda esperava uma resposta da serva.

Naquele momento sentiu-se desprezado, percebeu-se um tolo que se apaixonara de maneira nobre e limpa por uma mulher a quem desejava dedicar todo o seu futuro, com honradez e correção, nos valores que lhe ornamentavam a alma generosa.

Sempre cultivando os princípios da fidelidade, da lealdade e da sinceridade, Licínio viu-se obrigado a calar todas as suas mais impulsivas forças, a fim de não agir de maneira imprópria, ante os valores que defendia.

Do mesmo modo que aquele que leva o corpo de um ente querido às exéquias finais necessita aprender a superar-se para que não lhe interrompa a necessária paz do último adeus, antes da sepultura, Licínio sentiu a indispensável necessidade de conter-se e, buscando o equilíbrio no momento cruel da descoberta, dominar seus impulsos de maneira a não produzir mais situações constrangedoras.

Por isso, na hora soubera se controlar, por si e graças à ajuda de Zacarias.

No entanto, deixando o interior da casa como alguém que deixa o velório de suas esperanças, entregando seus sonhos para serem sepultados, Licínio deu vazão às lágrimas amargas que seu coração reclamava para desafogar-se.

Sentou-se numa saliência do caminho, algo distante do local de onde vira a última cena, aquela na qual Serápis, apressada, cuidadosa e bem disfarçada, saía em direção do palácio, e ali se entregou ao pranto discreto e amargo, misturando-se à multidão anônima que não o conhecia.

Não seria ele a primeira pessoa que, em plena rua daquela Roma cruel, daria vazão às dores mais íntimas. Poucos se importavam com as lágrimas alheias naquele ambiente onde o que interessava era a conquista dos valores transitórios da matéria.

Se não se cuidasse, o transeunte que se entregasse às lágrimas no desafogo de seu coração, corria o risco de, ainda por cima, ser assaltado por oportunistas e astutos gatunos que, vendo-lhe o estado de angústia e invigilância, estariam prontos para aliviar o choroso passante de seus pertences, mesmo que pobres.

No entanto, Licínio, como homem feito não era páreo para esses meliantes e, por isso, ao menos, poderia chorar sem tantas preocupações.

Recordou-se de sua infância difícil. Da orfandade precoce, dos desejos de abrigar-se no colo materno, mas de não encontrá-lo nunca, tão acolhedor e seguro quanto no seio da mãe, soterrada pelo desabamento.

Seu único irmão dele se havia perdido separados que foram pelas forças do destino e, agora, seguia solitário pelo mundo, confiando apenas nos afetos daquela família generosa que o havia acolhido e à qual servia como o mais fiel dos devedores: a família Cornélius.

E, não obstante sua ligação com todos eles e o envolvimento com Marcus, talvez aquele que se apresentasse como a pessoa mais próxima de seu afeto, na condição do irmão que perdera quando pequeno, era justamente Marcus quem se levantava como o obstáculo à concretização de seus ideais afetivos.

Auxiliara Serápis, salvando-a das garras do malfeitor que a perseguia no mercado; organizara-lhe a vida; conseguira-lhe o trabalho necessário; trouxera-a para o meio social cobiçado por todas as mulheres romanas do nível dela, condenadas à miséria ou à prostituição.

Além disso, encantara-se com seus modos, entregara-se aos seus trejeitos simples e espontâneos e declarara-lhe o seu amor, num rompante que nunca havia tido para com nenhuma moça até então.

Oferecera o que tinha de melhor dentro de sua sinceridade.

Usado por Druzila, fora colocado na delicada situação de desonrador de lares, sentença esta que poderia pesar-lhe sobre o caráter, difamando-o, não fosse o fato de Marcus conhecer o espírito de sua esposa.

Por onde ia, tentava fazer o bem e só recebia a dor, a traição, a ofensa como resposta.

Sua sinceridade de intenções era correspondida pela ironia desdenhosa de Serápis, seu devotamento e respeito à família de seu amigo colocava sua reputação sob suspeita de traidor, seu desejo de respeitar a verdade e ser leal ao amigo o conduzia à descoberta das mentiras ocultas nas quais expressavam seus desejos carnais, eis que, com certeza, Serápis deveria ter revelado a Marcus a proposta de casamento que ele lhe fizera, semanas antes.

Pensando melhor, agora, de maneira mais serena depois que a enxurrada de lágrimas lhe lavou a face triste, Licínio entendeu o porquê daquela inusitada e estranha viagem, com a determinação de levar Druzila e a filha para tão longe, lobrigando o plano de facilitar os encontros entre ambos, deixando mais fáceis todas as coisas.

Cada descoberta, cuja lógica irretorquível dos fatos se somava à cena do idílio amoroso dos dois apaixonados no leito, confirmando todo o quadro, indicava que entre eles deveria haver algo mais forte que não se improvisava, assim, de um dia para outro.

Sentiu-se um tolo com seus sentimentos sinceros.

Em realidade, não poderia acusar Marcus de nada, já que este não tinha nenhuma obrigação de manter-se à distância por causa do amor de Licínio por Serápis, uma vez que nunca revelara ao amigo e patrão suas intenções. Se Marcus cometia algum deslize moral, era tão somente em relação à sua esposa a quem a fidelidade lhe imporia um dever de respeito e consideração, se verdadeiros fossem os laços que os uniam. No entanto, aquele não seria o primeiro comportamento inadequado e infiel do esposo. Ao mesmo tempo, a própria Druzila vivia se insinuando a fim de romper os laços formais da união e, com certeza, revidar as ofensas morais que o marido não fazia questão de ocultar de seus olhos raivosos.

Em verdade, se ele houvesse contado a Marcus seus sentimentos por Serápis, estava certo de que o amigo não se deixaria levar pelo interesse. Talvez fosse apenas o desejo de um homem por uma serva bonita. Quem sabe?

No entanto, Serápis sabia de tudo, tinha sua palavra sincera, seus anseios revelados e, apesar de sua confissão de afeto, em momento algum deu a entender que não o desejava, repudiando sua manifestação com um NÃO!

Seus pensamentos ferviam tentando dar um contorno real ao mundo de surpresas que o envolviam, sentindo, num momento, que as coisas que existiam à sua volta não eram verdadeiras.

Aquela cidade de aparências e poderes parecia-lhe repulsiva. Diante das coisas que ele pensava serem concretas, via-se descobrindo outras realidades que sempre existiram, mas que nunca haviam sido entrevistas.

Seriam verdadeiras as pedras sobre as quais ele estava sentado?

Ou seriam, apenas, outras ilusões que, em breve, se desvaneceriam para atirá-lo num abismo escuro.

As horas se haviam passado e, ao lado dele o espírito Zacarias o afagava paternal, amparando-o nas reações e nas dores mais íntimas.

O velho amigo invisível, sentado ao seu lado no chão frio daquela cidade, tinha também orvalhados os olhos lúcidos. Seus braços enlaçavam Licínio como um pai desejaria fazer para proteger o filho do tiroteio da vida, das pedradas do mundo, oferecendo-lhe o único recurso de que dispunha para dar-lhe energias e equilíbrio à emoção atacada pelas ideias negativas.

Ao mesmo tempo, Zacarias olhava ansioso para os lados, como se estivesse aguardando alguma outra pessoa que estivesse prestes a chegar.

Não tardou muito tempo e Zacarias sorriu, vendo a aproximação do espírito João de Cléofas, acompanhando um homem de aparência descuidada, mas de coração muito bom, que não era capaz de lhe identificar a presença espiritual.

- Ah! Que bom que você conseguiu, meu filho. Estava preocupado com sua demora - falou o velhinho, sorrindo satisfeito.

- Sim, meu paizinho - respondeu Cléofas àquele a quem se sentia ligado por laços de profunda gratidão e respeito. - Foi um pouco complicado, mas consegui fazer com que nosso irmão Décio me escutasse as rogativas.

Enquanto os dois conversavam, Décio, que se apresentava como um passante comum, viu-se atraído por aquela cena constrangedora, representada por um homem da estatura e das vestes de Licínio, sentado à beira do caminho, chorando como uma criança desamparada.

Envolvido pelos sentimentos de Cléofas que, de longe, o estavam intuindo espiritualmente para que se dirigisse àquele local, Décio sentiu uma compaixão inesperada por aquele desconhecido e, recordando-se das lições da Boa Nova que tinha tido a oportunidade de conhecer, lembrou-se do Cristo que dizia:

"Toda a vez que visitaste um doente, que deste comida a um faminto, que foste à prisão visitar um condenado, que atendeste um desconhecido, por menor ou mais insignificante seja ele, foi a mim que o fizeste."

Décio sentia bater diferente o coração. O esforço espiritual de Cléofas, a intuir aquele devotado cristão simples e modesto para que passasse por aquele caminho havia valido a pena.

Nos planos espirituais, havia chegado o momento de levar Licínio até a mensagem de Jesus, que já era cultivada na grande capital por inúmeros núcleos, estando a se expandir graças à sua força e ao exemplo de resignação e devotamento heroicamente demonstrados nas execuções e nos circos, onde os espetáculos apresentavam as crueldades e sandices de sempre, usando pessoas e cristãos indefesos.

Além do mais, inúmeros espíritos convertidos se haviam candidatado a nascer novamente em Roma para, expurgando seus erros do pretérito anonimamente, difundirem a excelcitude daquela mensagem de esperança e de fé em um Deus generoso e amigo.

Ao lado de uma grande corte de entidades luminosas e idealistas, multidões de espíritos endividados haviam solicitado e recebido a autorização para descerem ao palco da vida com o propósito de enfrentarem os obstáculos da fé nascente e, se necessário, entregarem suas vidas como o maior patrimônio a serviço da própria elevação.

Décio, portanto, estava entre estes que, cheios de compromissos no ontem, haviam recebido a semente do Evangelho no espírito, com a sinceridade dos verdadeiros lutadores e, desde então, nas suas atividades diárias, sempre procurava ajudar as pessoas a encontrarem o mesmo caminho.

Aquela cidade monstruosa, cheia de ritos e de interesses confusos e conflitantes não tinha muito tempo para aqueles que se mantinham professando fé diferente do tradicional politeísmo.

Somente quando era conveniente e necessário, os seus dirigentes arrebanhavam tais seguidores como material incandescente ou comida para os bichos, no entretenimento barato para o povo.

Décio, no entanto, não se descuidava do pequenino rebanho que procurava orientar, levando a leitura dos textos cristãos para dentro de sua pequenina moradia onde recebia, sempre, pessoas em busca de consolo e esperança.

Lá dentro, muitas curas haviam sido realizadas e, no sentido cristão primitivo, nenhum comércio se fazia das coisas sagradas e nobres.

Isso fazia com que mais e mais interessados buscassem Décio como aquele que lhes poderia dar orientações.

Amparado por espíritos amigos que assessoravam o trabalho do nascimento e da implantação do Evangelho na sede imperial do mundo dito civilizado, Décio era sempre protegido e inspirado por pensamentos e entidades superiores que dele se serviam pelo trabalho que ele realizava, mais do que pelo ser humano endividado que ele era.

As dívidas, ele se responsabilizaria por elas oferecendo a moeda do trabalho desinteressado em prol do semelhante.

E ali estava, trazido pela intuição de Cléofas e conectado por seu magnetismo ao irmão caído e desditoso.

Vendo que ninguém se importava com as lágrimas solitárias de Licínio, Décio abaixou-se ao nível dos olhos molhados e, procurando parecer amistoso, perguntou:

- Desculpe, meu irmão, mas eu posso fazer algo para ajudá-lo?

Envolvido pelas forças de Cléofas e pelo amor emocionado de Zacarias que, de igual sorte, abraçou o recém-chegado, Décio se sentiu tocado ainda mais por uma emotividade profunda.

Seus olhos, pouco acostumados a chorar por suas próprias dores, também tiveram que se esforçar para não permitir que as lágrimas o revelassem.

Vendo-se procurado assim, de maneira fraterna e singela por um homem do povo que não o conhecia, Licínio abaixou os olhos envergonhado e respondeu:

- Não existem remédios para as dores do coração, meu amigo.

Ouvindo-lhe a resposta, indicadora que seus sofrimentos não eram físicos e sim morais, Décio ajoelhou-se à sua frente e respondeu:

- É verdade que nossos velhos deuses nunca se ocuparam de nossas lágrimas anônimas, preocupados que sempre estiveram com o tamanho de nossos exércitos, o poder de nosso império. Órfãos de sua proteção, não encontraremos neles o remédio para nossas mais íntimas lágrimas, meu irmão. Todavia, há uma grande e luminosa esperança para nós...

E as reticenciosas palavras daquele homem, que parecia mais um rude operário do que um pregador de filosofias, atraíram a atenção de Licínio que, interessado pela sua sinceridade e doçura, voltou para ele o olhar novamente, perguntando:

- Como assim, meu amigo?

- Sim, meu senhor. Há esperanças para todos os nossos problemas e sofrimentos, esperanças que não custam nada, que são luminosas pétalas da mais bela flor que a Terra conheceu um dia e que, aromatizadas pelo perfume da verdade, deixam envergonhados os deuses de pedra que reverenciamos, corados ante a profundidade das revelações que a bondade divina nos oferece através da mensagem do Evangelho de Jesus.

Ante o silencioso interesse de Licínio, Décio prosseguiu.

- Nossos corações falidos encontram consolo, nossas desilusões passam a compreender os motivos de sua existência e, uma vez entendido o valor da vida, orientamos nossos passos para outras rotas, modificando nosso modo de ser e avaliando melhor o valor de cada experiência na Terra.

Não mais esperamos dos nossos irmãos, falhas criaturas tanto quanto nós mesmos, comportamentos mais perfeitos ou isentos de erros, passando a compreender-lhes as fraquezas e a relevar-lhes o mal que nos façam, lembrando que o mal pertence sempre a quem o pratica não a quem o recebe.

Nossos espíritos, famintos de compreensão, são banhados pela verdade que nos diz que bem-aventurados seríamos todos os aflitos do mundo, se soubéssemos entender as lições que a dor nos ministra. Que cada um pode ser luz na escuridão e que nem o dinheiro, nem o poder, nem o nome são capazes de enganar a Soberana Justiça do Deus Único que tudo vê, tudo conhece e tudo julga com sabedoria e bondade.

Todos estes conceitos, na boca de um homem tão rude, impressionariam qualquer um. O próprio Décio se via admirado com a fluência das palavras, como se ele próprio não fizesse nenhum esforço mental para proferi-las, nem precisasse pesquisar no arquivo pobre de sua capacidade limitada para encadeá-las com a lógica precisa e tão aplicável ao caso concreto do próprio Licínio.

Naturalmente, o poder de Zacarias estava envolvido nessa transmissão nítida de conceitos que Décio não poderia reunir com facilidade e verbalizar com tal lucidez, por si mesmo.

Era uma das inúmeras manifestações mediúnicas que a doutrina espírita dos tempos modernos aprofunda e explica com clareza.

Naquele momento, Zacarias envolvia a mente espiritual de Décio que, dócil instrumento, verbalizava todas as idéias que lhe brotavam, misteriosamente, da acústica mental, levando Licínio a escutar exatamente o que precisava para ser tocado no seu mais profundo e ferido sentimento.

Envolvidos naquela atmosfera forte e luminosa, Licínio se deixou encantar pelas afirmativas de Décio como a criança que começa a descobrir o mundo ignorado e se deixa conduzir para que sua curiosidade e sua fome possam ser satisfeitas.

- Venha comigo, meu irmão. Conversaremos melhor em minha casa. Não é muito longe daqui. Lá lhe darei algo para comer e beber e poderemos trocar ideias sem os incômodos da via pública.

Sentindo-se amparado, Licínio aceitou ser erguido pelos braços fortes daquele novo amigo que o "acaso" havia trazido até ele no momento mais difícil de seus sentimentos.

O carinho espontâneo numa comunidade de ególatras, interesseiros, manhosos e astutos, era, por si só, um bálsamo que, de há muito, Licínio não experimentava em lugar algum.

Era sempre ele quem tentava ser bom para os outros. Agora, estava encontrando alguém que se importava com ele e que, sem conhecê-lo, ocupou-se de sua dor e se oferecia para auxiliá-lo.

Assim, deixou-se conduzir até a modesta vivenda de Décio que, naquele dia, não estava trabalhando nas obras de engenharia da cidade, nas quais emprestava o seu suor para ganhar o pão de cada dia.

Junto deles, Zacarias e Cléofas, como espíritos amorosos que os amparavam, seguiram e buscaram envolvê-los em uma atmosfera ainda mais fraternal e estimulante.

Licínio não entendia direito que nova forma de ver a vida era aquela.

Décio contou-lhe, então, tudo o que sabia e como é que a mensagem de Jesus havia chegado a Roma e até ele. Depois disso, passou a relatar os fatos que ocorreram na vida do Messias e todos os exemplos de elevação e nobreza que ele havia legado à humanidade.

Encantado, Licínio parecia entender tudo aquilo com facilidade.

Era como se ele não estivesse conhecendo e, sim, reconhecendo todas aquelas realidades que, para ele, eram ouvidas pela primeira vez na presente existência.

Uma emoção entusiasmada tomou conta de sua alma. Ele reconhecia que se conduzia por princípios muito próximos ou até mesmo idênticos àqueles que Décio lhe apresentava.

- Mas parece que eu já sei disso tudo, meu amigo - exclamava Licínio, intrigado e feliz.

- Sim, meu irmão, isso às vezes acontece com as pessoas. Elas falam que aquilo parece que já lhes é muito familiar e, sem qualquer dificuldade, incorporam os princípios cristãos e mudam a própria vida.

- Será que eu poderia ter comigo algum escrito onde lesse mais detidamente tais ensinamentos? - perguntou Licínio.

- Claro, meu irmão. Tenho comigo algumas cópias que circulam entre nós e que, pela sua história, vieram da velha Jerusalém trazida pelos primeiros adeptos dessa Boa Nova. Você não precisa copiar. Pode levar e ficar com os apontamentos. Mais adiante, nós produziremos mais cópias e passaremos para os outros que precisarem.

- Muito obrigado, meu amigo - falou o administrador, emocionado, tendo em suas mãos a reunião dos ensinamentos de Jesus pela primeira vez.

Naquele ambiente de pobreza e simplicidade, Licínio conseguira encontrar o remédio que medicara a sua alma ferida nos ambientes de luxo e prazeres nos quais vivia.

A traição de Serápis, as tramas de Druzila, as decepções da vida, pareciam ter se empalidecido diante da perspectiva de encontrar a explicação para todas as suas dúvidas e a confirmação para todas as suas certezas.

Outro ser muito mais luminoso e inocente que ele havia existido e, apesar de todo o bem que havia feito, como ele também, tinha recebido do mundo a carga de espinhos, o açoite da ignorância, a traição das moedas, a solidão da injustiça e o abandono da cruz.

Quem seria esse ser tão valoroso que entregara tudo para dar testemunho de sua palavra?

Licínio era a terra generosa e fértil, devidamente revolvida pelos instrumentos que a lavravam na dor, nas decepções, na lágrima, para que a semente fosse depositada no solo preparado de sua alma, a fim de que, reunidas as condições essenciais, cada uma delas fosse capaz de produzir cem outras, conforme o próprio Jesus ensinara.

Naquela noite, Licínio despediu-se de Décio, já que se fazia tarde e ambos haviam estado juntos por mais de seis horas conversando sobre todas essas verdades.

- Poderei voltar amanhã, meu amigo? - indagou o administrador, um pouco tímido.

- Claro, meu irmão. Amanhã, ao pôr-do-sol, depois que sair do meu trabalho, nos reuniremos aqui com um pequeno grupo de irmãos para falarmos dessas coisas e de muitas outras e você é muito bem vindo. Não se preocupe, pois são todas pessoas muito simples como eu, sem importância e sem realce social. Ninguém o reconhecerá aqui como alguém importante. Se lhe parecer mais adequado, pode vir com roupas mais simples para que não fique muito diferente dos outros.

- Obrigado, Décio. Estarei aqui amanhã no horário marcado.

Abraçaram-se os dois homens, que a dor e o amor fraterno haviam aproximado pelas mãos invisíveis dos nossos amigos espirituais, que estão sempre a postos para que tenhamos os caminhos aplainados e para que aprendamos a arte de construir nossa felicidade em bases sólidas da verdade e do bem.

Aquela noite Licínio passou acordado, lendo os apontamentos que tinha sob seus olhos e meditando sobre eles, procurando extrair todo o ouro que se achava escondido sob cada frase que Jesus proferira no encaminhamento da humanidade.

Princípios de amor ao próximo, de caridade e de perdão das ofensas, que eram mais revolucionários naquela comunidade egoística do que um grito de liberdade no meio de sanguinária tirania.

Bebendo os conceitos, sob a inspirada intuição de Zacarias, ele passara a observar a conduta de Druzila, de Serápis, de Marcus, de todos os outros homens e mulheres de seu tempo pelo prisma das leis verdadeiras do espírito e, assim, todos os conceitos que tinha em sua alma e que norteavam sua vida, ganharam um sentido de realidade insofismável.

Havia alguém, além dele, vivido de maneira plena todos esses princípios e, tal fora a sua força, que nenhuma mentirosa doutrina poderia ser capaz de imitar.

Nada que fosse humano poderia ter produzido uma tal reação no coração dos homens.

Deuses de pedra egoístas e indiferentes, frios e cínicos eram apenas a face refletida dos homens que os criaram, igualmente duros, egoístas, indiferentes, frios e cínicos.

O Deus verdadeiro haveria de ser outro, muito maior, muito mais belo, muito mais justo e generoso do que aqueles que, imperando no coração da humanidade dita a mais civilizada da época, tinha produzido apenas aquele monte de lixo moral, de entulho material em que se resumia a grande capital do mundo de então.

A falência moral de Roma era a falência dos deuses que a dirigiam ou que a deveriam conduzir por caminhos melhores.

A falência dos homens está sempre apontando para a falência de suas bases ou da maneira como os seres se relacionam com elas.

Quando o dia amanheceu, Licínio, sem saber como nem por que mecanismos, apesar de possuir o mesmo rosto e ocupar o mesmo lugar naquela sociedade, sem cirurgia plástica nem modificação de figurino, na verdade, era uma outra pessoa.

Poder-se-ia dizer que ele sempre fora um cristão que se desconhecia a si mesmo como tal.

Ao seu lado, Zacarias e Cléofas o amparavam, reunidos a Lívia que, acompanhando Serápis, procurou, naquela noite em especial, envolvê-la em forças revigorantes para as provas que a esperavam.

Na alma da serva, forças por ela ignoradas a estavam preparando para as agudas provas da maternidade que a esperavam, já que do encontro licencioso com Marcus, as leis do Universo haviam determinado que o imperativo dos resgates deveria ter o seu curso através daqueles que haviam semeado a dor, o desencanto e a tragédia no pretérito, quando haviam exercitado a liberdade preciosa pelo padrão da libertinagem irresponsável.

Havia chegado, para todos eles, o momento- de restaurar os antigos erros.

Serápis iria gerar a partir do elemento fecundante de Marcus, gravidez essa que, num primeiro momento, ela gozaria como uma vitória sobre Druzila, sem pensar nas difíceis consequências de tal evento no cenário da vida onde todos estavam inseridos.

Lívia se incumbira de auxiliá-la nesses momentos tão delicados para o espírito feminino.

Naquele mesmo dia, enquanto Licínio estava com Décio, aprendendo sobre as verdades cristãs, Lívia acompanhava a serva que regressara ao palácio para cuidar dos primeiros passos da fecundação que ocorreria em seu interior daí em breve, naquela noite, amparada por muitos espíritos enviados pelo próprio Senhor, interessado pessoalmente nos destinos de todos os que compõem o seu rebanho, para que nenhum deles se perca nos desafios do caminho.

366

A INSENSATEZ SEMEANDO DORES

Apesar do amparo do mundo invisível, as criaturas envolvidas em suas experiências evolutivas tinham que caminhar segundo suas necessidades de aprendizado, realizando suas escolhas e agindo de acordo com a liberdade que cada espírito possui no âmbito da lei de causa e efeito.

Nem são os bons espíritos aqueles que substituem os encarnados nas soluções de seus problemas nem são os espíritos necessitados que os obrigam a agir no mal.

Ambas as influências existem e estão disponíveis para a sua faixa vibratória específica, cabendo ao indivíduo que habita o mundo físico, sintonizar com uma ou outra.

Licínio se empenhava em elevar sua compreensão da vida no alimento que dava à própria alma, buscando o aprofundamento das lições aprendidas com Décio e com os novos conceitos cristãos que recebia da pequena comunidade de adeptos da nova fé, que se reunia, todas as semanas.

Ao mesmo tempo, seguia cumprindo suas obrigações na casa de Marcus, procurando fazer todo o bem que lhe cabia, ainda mais do que sempre fizera.

Serápis, no entanto, nos primeiros dias da gravidez, ainda sem qualquer suspeita do seu estado, guardava o coração intimamente satisfeito pela aventura a que se entregara, nos braços daquele que julgava ser a solução para todos os seus anseios femininos de elevação social. Ao mesmo tempo em que sua alma se inebriava com a imaginação de seu sucesso, o antagonismo com Druzila passara a ganhar um novo componente que o tornava mais áspero.

Afinal, agora ela era a preferida do marido da megera mulher e, com esse trunfo na alma, sentindo-se mais segura, passara a ser mais desleixada com relação aos seus deveres, principalmente quando se referia aos cuidados que Druzila exigia.

Com relação a Lúcia, no entanto, Serápis seguia carinhosa com a pequena criança, ainda sem ter completado o primeiro ano de vida. Algo de maternal era despertado no íntimo de Serápis ao contato com a menina, sem que a serva soubesse explicar o motivo. Talvez fosse porque a mãe, em especial, lhe devotasse tão pouca atenção, relegando-a aos cuidados dos empregados. Nesse sentido, Serápis se identificava com ela, na infância triste e vivida praticamente no abandono, sem o afeto de seus pais. Quantas vezes Serápis pensava consigo mesma que não importava a riqueza das pessoas para que o abandono emocional ocorresse. Tanto ela, pobre desde o nascimento fora vítima dele quanto Lúcia, nascida no palácio, buscava o conforto dos braços dos servos por não encontrar o carinho da mãe ou do pai.

Desdobrava-se a serva nos cuidados da pequena, agora ainda mais candentes pelo sentido da maternidade real que estava envolvendo seu corpo e seu espírito.

Sua sensibilidade estava se transformando e, sem que entendesse o motivo, a serva se via mais e mais dedicada aos cuidados de Lúcia, imaginando como seria se a criança lhe pertencesse como filha mesmo.

Druzila, arrogante e caprichosa, como havia planejado desde a chegada a Roma, procurou o marido, para criar no espírito de Licínio o temor de que iria revelar a cena na qual foram flagrados na propriedade rural da família.

No entanto, não sabia ela que o administrador já havia revelado todos os detalhes ao marido, incluindo aí as suspeitas de que se tratara de uma armadilha na qual fora capturado e que, segundo a sua consciência, não havia cometido nenhum ato que infringisse o respeito que devia manter para com todos.

Druzila, no entanto, pretendia aproximar-se do marido para, mais uma vez, procurar fustigá-lo com indiretas e mentiras, com a finalidade de provocá-lo.

Assim, o encontro de ambos foi algo grotesco.

- Marcus, - disse a esposa - tivemos que voltar mais cedo por causa da indisposição de Lúcia, que não estava acomodada aos ares do campo.

- Ah! Sim, está bem - respondeu o marido, indiferente e abobado pelas lembranças das aventuras com Serápis, imaginando onde estava com a cabeça quando se casou com Druzila.

- Espero que você não tenha sentido muitas saudades de mim
- arriscou a esposa, provocadora e irônica.

- Dentre as muitas coisas que sinto por você, esteja certa que a saudade não se encontra... sobretudo por um período tão curto de tempo. Se ainda tivessem sido uns dez ou vinte.....anos, quem sabe?

A resposta reticenciosa e crua era um dardo em seu ego feminino.

Sentindo-se ironizada pelo marido indiferente, ela arriscou:

- Mas se você é indiferente, não é o que acontece com outros homens, sempre interessados em alguém como eu - exclamou Druzila, querendo fazer mistério e produzir ciúme no marido.

- Pois eu lhe digo, Druzila, sinceramente: traga até mim algum homem que a cobice de verdade e eu, além de permitir que a leve com ele, ainda sou capaz de dar-lhe uma boa recompensa.

- Como você é cruel e mau - rugiu a mulher, ferida no seu íntimo.

- Estou sendo, apenas, sincero, já que você sabe que nosso amor nunca existiu verdadeiramente. Do mesmo modo que desejo ser feliz, não pretendo impedir que você o seja com quem quiser ou com quem a desejar.

- Mas você nem se importa se alguém tiver me desonrado, obrigando-me a ceder apesar de já pertencer a outro homem? - falou Druzila, desejando aparentar indignação.

- Você, Druzila, obrigada a fazer alguma coisa? - e explodiu èm gargalhadas. Uma mulher caprichosa, ardilosa e mesquinha como você, que nunca cedeu aos desejos de ninguém, que jamais pensou em fazer alguém feliz sacrificando suas futilidades em favor disso, em tempo algum faria algo obrigada.

Ficando ainda mais exasperada com a segurança e a indiferença de Marcus, Druzila explodiu em xingamentos e numa crise de nervos:

- Pois há muito homem que me deseja e, ainda mais, que não me resistiu aos atributos femininos e me obrigou a entregar-me.

- Rá! Rá! Rá! - foi a resposta do marido, em nova crise de riso.

- Pois então traga-me esse herói para que eu o premie ou o cumprimente ou, ainda, o mande encarcerar, porque desejar você, Druzila, é sinal de muita necessidade, de muita coragem ou, em último caso, de uma loucura furiosa.

Beirando a agressão física, Druzila espumava de ódio, nas humilhações que estava recebendo de Marcus.

Vendo a capitulação nervosa da esposa, o marido ainda mais se sentia estimulado em feri-la sem piedade.

- Vamos, sua mentirosa, traga aqui aquele que está apaixonado pelos seus tentáculos e pelo seu veneno! Traga-me aquele que, por muito cobiçá-la, merecerá de mim as maiores honras e eu o ajudarei a que vocês sejam felizes, levando-a para bem longe de mim.

E, dando por encerrado o assunto, Marcus levantou-se e saiu do ambiente, deixando Druzila entregue a uma das suas muitas crises de nervos, violentas, nas quais arremessava contra as paredes todas as coisas que encontrava pela frente.

Antes de sair, Marcus a advertiu, irônico:

- Cuidado para não jogar Lúcia na parede, por engano, nas suas crises de loucura. Ela quebra, mas não faz barulho...

Druzila, descontrolada, proferia toda a sorte de agressões verbais que conhecia, sobretudo ferida no desafio do marido ao qual não podia revidar porque, obviamente, não existia nenhum homem que se interessasse por ela.

Sentindo-se tão desprestigiada, tão diminuída nas carências que, agigantadas, já possuía em seu sentimento, voltou para seu quarto e, na presença de Lélia desabafou todo o ódio que sentia por Marcus, sem se importar com o testemunho de Serápis, que estava cuidando da criança, junto ao berço não muito distante, no mesmo ambiente.

No íntimo da serva, uma alegria macabra tinha lugar, feliz por ver a insatisfação daquela que ocupava um lugar que, em breve seria dela.

A beleza física de Serápis, no entanto, incomodava a mulher infeliz que, por causa disso, mais a perseguia, mantendo o antagonismo aceso.

Serápis, agora com mais segurança, sabia que tudo seria uma questão de tempo.

E o tempo passou célere para nossas personagens. Ajovem serva começou a ter estranhas reações físicas. Sonhos diferentes povoavam-lhe as noites e súbitos enjoos eram interpretados como resultado de alimentação inadequada.

No entanto, pela sua repetição constante, o sentimento feminino começara a preocupar-se em relação à possibilidade da gravidez.

As mudanças do corpo, as alterações hormonais, tudo atestava a existência de algo muito diferente para o espírito daquela jovem que se candidatava, agora, ao posto de mulher e mãe.

Depois de esperar mais um pouco para certificar-se de suas suspeitas, sem falar a ninguém sobre seu estado, buscou um momento favorável e, com a desculpa de atender ao pedido de Marcus, carregando a jarra de vinho, penetrou na câmara íntima que o abrigava para falar-lhe, confidencialmente:

- Meu senhor, preciso informá-lo de que, pelo que me parece, o senhor será pai novamente! - buscou revelar-se, por parábolas, para que fosse menor o impacto.

Sem entender, de pronto, Marcus respondeu:

- Você está louca, Serápis? Eu nunca mais passarei nem perto de Druzila, que dizer ter um novo filho com ela! - exclamou, sem se dar conta do que Serápis queria dizer. Esses sonhos que vocês, mulheres, têm durante as noites, nem sempre querem dizer aquilo que parecem. Para fazer um filho é preciso mais do que sonhar, Serápis. É necessário que eu ou algum mais doido que eu participe e se acoste com Druzila e, estou certo de que isso eu não farei, tanto quanto não o fará um homem sensato quando perceber qual é a mulher que terá em seu leito.

Vendo que Marcus nem suspeitava de nada, Serápis, interpretando o drama da mulher frágil, respondeu, reticente:

- Sim, Marcus, apesar disso, você será pai. Isso não é um sonho e não é com Druzila que está sucedendo...

Pego de surpresa pelo aspecto da serva e, lembrando-se de que haviam levado às últimas consequências a aproximação física por inúmeras vezes, Marcus empalideceu, levantando-se, abrupto.

- Como assim, Serápis. Você está querendo me dizer que a gravidez é sua? - falou o rapaz entre surpreso e aflito.

- Sim, meu senhor.

- Não é possível, Serápis!

- Creio que é, Marcus. Nunca estive com outra pessoa e, nesses tempos em que trabalhei aqui, jamais deixei este ambiente a não ser para ir encontrá-lo.

Sem saber o que fazer, se demonstrava alegria ou preocupação, já que a sua era uma situação delicada, Marcus procurou acalmar a serva que observava o seu estado de aparvalhamento, ante a notícia da paternidade.

- Eu estou calma, Marcus. Apenas achei que seria importante que soubesse disso, já que não poderei ocultar por muito tempo esse estado dos olhares de todos.

- Sim, eu sei disso. Vá, agora, enquanto eu penso em alguma coisa. Depois nos falaremos.

Fazendo meia volta depois de depositar um beijo no rosto do amante, Serápis retirou-se obediente, não sem sentir uma certa alegria na alma. Afinal, aquela situação iria antecipar todas as coisas.

Marcus se veria forçado a fazer alguma coisa pois, de outra forma, seria difícil explicar como é que uma serva se via naquele estado sem ter tido qualquer tipo de relacionamento conhecido com homens estranhos.

Lembremos que, à exceção daqueles dias em que Marcus havia lhe dado autorização para deixar o ambiente da casa, Serápis não tinha deixado o palácio antes, a não ser na noite em que foi ao templo agradecer a Júpiter Capitolino, ocasião do primeiro encontro entre ambos.

Para que tudo se esclarecesse, todos buscariam conhecer o futuro pai e, o mais lógico, é que ele estivesse dentro do próprio palácio.

Naturalmente não se poderia imaginar, pelos comportamentos de Serápis sempre distantes dos demais empregados e servos, que o genitor fosse um desses.

Pela beleza da serva, não se entregaria ela a qualquer um desses desvalidos.

Somente havia dois possíveis candidatos para a suspeita de todos.

Um era Licínio que, para muitos dos empregados da casa, tinha uma clara predileção pela jovem.

O outro era Marcus que, sendo o dono do palácio, poderia, perfeitamente, ser o possível genitor. No entanto, ele pertencia a uma outra classe social, era dado a aventuras fora das vistas dos empregados, tinha à sua disposição toda a sorte de mulheres sem precisar correr os riscos de um envolvimento afetivo com uma serva dentro do próprio lar, na presença de sua esposa e da filha. Pelos padrões romanos, Marcus teria muito a perder, nos conceitos sociais sempre importantes para os tolos e fúteis, envolvendo-se com uma empregada de sua mansão.

Assim, tão logo a gravidez fosse percebida, a suspeita da paternidade pairaria sobre os dois únicos e mais importantes homens da casa em condições de invocar a ascendência para se aproveitar dela num relacionamento sexual com uma empregada.

Se todos achassem que havia sido Licínio, os problemas seriam menores, sendo certo que Druzila acabaria fuzilando-os com o seu espírito vingativo e caprichoso, repudiada até mesmo pelo administrador, que preferira relacionar-se com a empregada e não com a patroa.

Se todos achassem que havia sido Marcus, a tempestade poderia ser muito pior.

Diante de todo este cenário, Serápis sabia que Marcus precisava pensar no que fazer e, o melhor que lhe competia como mulher, era não pressioná-lo, aguardando que se resolvesse como.

Na mente fervilhante de Marcus, tal situação também era avaliada, em todos os prós e contras que poderiam produzir.

Antes de tudo, sentia muita atração por Serápis e, assim, a possibilidade de ela conceder-lhe o sonhado filho homem, lhe inspirava o bom pensamento de não usar qualquer meio artificial a fim de interromper a gravidez.

No entanto, não seria prudente deixá-la no local, como serva, já que a sua condição logo seria visível a todos e o constrangimento, da mesma maneira, seria muito grande.

Precisava tirá-la do serviço.

Sim, essa seria a melhor solução. Iria abrigá-la na casinha onde se encontraram várias vezes, meses antes, e ali construiria o lar substituto. Envolveria a jovem com todas as coisas de que necessitasse, propiciando-lhe tudo de melhor, ficando reclusa naquele ninho até que a gravidez terminasse.

Com o nascimento, veria o que fazer com o filho.

Enquanto o amante começava a traçar seus planos, Serápis dava curso aos seus projetos, imaginando que, diante dos votos de amor eterno que recebera de Marcus, não seria difícil que ele afastasse Druzila daquele ambiente para colocá-la em seu lugar.

Já se via deitada no mesmo leito em que Druzila deu à luz a pequena Lúcia, imaginando-se envolvida pelos cuidados de servas e dando ordens caprichosas através das quais exerceria o seu poder sobre os outros.

Naturalmente, contaria com o apoio do dono da casa, seu amante devotado e apaixonado.

Agora que estava mais segura de seus sentimentos e do domínio da situação, Serápis passou a ser mais atirada, permitindo-se certas condutas que demonstravam a Druzila que a estava desafiando.

Escudava-se na proteção que receberia de Marcus para enfrentar as diatribes da mulher.

Druzila ordenava e ela fingia que não escutava. Ao mesmo tempo em que a ideia da maternidade a fazia ligar-se a Lúcia com maior e mais acendrado amor, como se treinasse com a pequenina os primeiros passos na arte de ser mãe, a sua indisposição fisica, de alteração do ciclo biológico, de emotividade, fazia com que seu comportamento se afastasse daquela subserviência quase escrava que caracterizava a condição de qualquer empregado em um palácio tão importante quanto aquele.

Isso irritava mais a patroa que, ainda mais ferida, pretendia descontar nos empregados as suas frustrações e sofrimentos.

Vendo que Serápis não lhe dava a devida atenção, incumbiu Lélia de buscar informações.

E na condição de serva fiel, com acesso aos aposentos comuns onde se recolhiam, a jovem espiã se pôs ao serviço da patroa, sempre interessada nas informações para se fazer prestativa e cobrar alguma consideração maior da dona da casa.

Acercando-se de Serápis, que se encontrava recolhida em seu leito modesto, algo indisposta, Lélia se fez amistosa e perguntou:

- Serápis, estou estranhando você, minha amiga. Nos últimos dias está tão diferente, mais nervosa, mais distante. Por acaso está com algum problema?

- Não, Lélia, estou só um pouco mais cansada. Afinal, você não ignora o quanto Druzila me persegue, o que me obriga a estar sempre atenta. Isso é muito desgastante.

. - Bem, lá isso é verdade -, respondeu Lélia, pretendendo se fazer compreensiva para com os problemas da outra serva.

- Além do mais, não tenho dormido bem e isso me deixa naturalmente nervosa.

Ouvindo os motivos convincentes da serva acamada, Lélia pretendeu fazer-se mais chegada e, para atenuar as dificuldades da jovem, confessou-lhe:

- Olha, Serápis, sobre esse negócio de falta de sono, eu tenho um remédio que é muito bom. Quando estivemos lá na fazenda, nos meses passados, um rapaz pretendia me cortejar de maneira insistente e eu não tinha como fugir dele. Assim, reclamando para Druzila ao confessar-lhe que tinha que comparecer a um encontro com o jovem, pois lhe prometera isso, dela recebi um pequeno frasco de poderoso sonífero para que colocasse em sua bebida e, submetido à sua influência, adormecesse antes que se animasse a ser mais atirado nos arroubos juvenis. Segundo ela, bastariam três gotas para fazê-lo dormir profundamente. E assim aconteceu. Coloquei cinco gotas - para não correr qualquer risco - e não tardou nem cinco minutos para que o rapaz estivesse desmaiado, permitindo que eu voltasse para a sede e, no dia seguinte, retornasse para cá sem problemas.

- Ah!, Que interessante-respondeu Serápis, pensando em tudo aquilo, intrigada.

- Pois então, Serápis. Acontece que, por causa da viagem, Druzila se esqueceu de pedir o frasco e eu o tenho comigo até hoje, guardado para alguma outra ocasião mais complicada. Se desejar, posso lhe emprestar para que, na sua falta de sono, você mesmo tome uma gotinha para dormir melhor. Isso não faria mal a ninguém e, além do mais, aliviaria a sua insônia. O que você acha?

Vendo a boa disposição de Lélia e desejando estar sozinha o mais rápido possível, Serápis resolveu aceitar-lhe a oferta, o que fez com que Lélia saísse para ir buscar o frasco oculto em seus pertences.

Ingênua como era na sua tola intenção de ser agradável à patroa, Lélia não imaginava que aquilo se tratasse de um veneno cruel. Acreditava, piamente, tratar-se de sonífero, cujo efeito parcial tinha presenciado na pessoa de Lívio, sem saber que, algum tempo depois ele estava morto.

Para Serápis, no entanto, aquela história era muito estranha. Conhecendo Druzila como conhecia, sabendo de suas artimanhas, de seus modos ocultos, desconfiaria de qualquer coisa que viesse dela.

Mesmo assim, recebeu o frasco de Lélia e o pedido de que aquele fosse um segredo de ambas, já que, se Druzila ficasse sabendo, pediria o frasco de volta, coisa que Lélia não gostaria de devolver-lhe.

Prometido o segredo, Lélia se afastou feliz, imaginando ter conquistado a confiança de Serápis com a sua gentileza inocente.

No entanto, no plano espiritual, Lívia, a postos, envolvia Serápis a fim de que não ingerisse aquela substância, intuição esta que veio casar-se com as desconfianças de Serápis que, sabendo que Druzila estava por detrás daquele remédio, não se arriscaria a usá-lo ainda que, efetivamente, fosse apenas um sonífero atestado pela serva que o usara com eficácia supostamente comprovada.

Serápis guardou o recipiente em suas coisas e, se Lélia lhe perguntasse sobre a sua eficácia, diria, no dia seguinte, que o havia usado e que ele era, comprovadamente, muito bom.

Assim o fez e, ante a curiosidade espontânea da outra serva, Serápis noticiou-lhe que teve uma noite agradável, tendo-lhe bastado uma única gota para dormir suavemente, estando muito agradecida pelo interesse de Lélia.

Desejando não ficar sem tão precioso líquido, Lélia pediu que Serápis lhe devolvesse o frasco assim que não mais precisasse dele, pois gostaria de tê-lo sempre à mão para qualquer emergência.

Não pretendendo criar embaraço aos interesses de Lélia, Serápis efetivou a devolução do frasco à sua companheira de serviços dizendo-lhe, que se precisasse dele, novamente, tomaria a liberdade de pedir-lhe, pois se era poderoso sonífero, seria sempre bom tê-lo disponível, para a eventualidade da ocorrência de novas crises de insônia. No entanto, sem que Lélia notasse, Serápis resolveu guardar uma porção do tal sonífero para qualquer emergência, colocando algumas gotas de água no interior do frasco original para que Lélia não desse pela falta do produto.

As semanas se passaram até que, obedecendo às ordens de Marcus, aproveitando-se dos momentos em que Licínio não estava no ambiente em virtude de suas idas até a casa de Décio, Serápis deixou o palácio e se dirigiu para a pequena vivenda onde o amante a esperava.

Não teriam muito tempo, mas Marcus estava agitado e eufórico.

Iria comunicar-lhe seu plano, enquanto Serápis imaginava que, naquele momento, Marcus lhe revelaria seu desejo de afastar Druzila para colocá-la em seu lugar.

Desse modo, foi com muita decepção para seu espírito que escutou Marcus revelar-lhe o plano de demiti-la do palácio, para mantê-la isolada do mundo naquela casinha modesta se comparada aos suntuosos aposentos palacianos.

Ali ficaria como a mulher oculta das vistas de todos, quando seu sonho era aparentar-se poderosa e dona de tudo.

Na sua vaidade e orgulho de mulher estava esperando ser entronizada na vida de todos, sem levar em conta, na sua ingenuidade, que estaria tendo que enfrentar as poderosas forças de uma sociedade preconceituosa que discriminava os servos e os pobres, impedindo-Ihes o acesso fácil às facilidades cobiçadas pela maioria.

Imaginava, em sua tolice, que as coisas aconteciam na singeleza de seus pensamentos, igualmente egoísticos e egocêntricos.

Aliás, no fundo, Serápis não era muito diferente de Druzila, já que ambas seguiam caminhos muito semelhantes na maneira de desejar conformar o mundo segundo seus próprios interesses.

Fingidamente humilde para atingir seus objetivos, Serápis se tornaria igualmente arrogante tão logo se sentisse conduzida ao centro dos acontecimentos, na condição de mulher dominante da cena na vida de Marcus.

Pensava ela que a vida se resumiria à concretização de seus prazeres e projetos de domínio.

Druzila era a mesma Serápis, enriquecida.

Sua alma ansiosa compareceu, assim, ao tugúrio secreto, na certeza de receber de Marcus a homenagem definitiva do amante que a quisesse conduzir à condição de esposa.

No entanto, a vida não era como seus caprichos pensavam ser.

Ali, para seu amargor, ouviu de Marcus o plano de mantê-la reclusa, cercada do luxo e dos cuidados principescos, sem, contudo, elevá-la na condição social que ela tanto almejava. Assumiria a figura da amante, da segunda, daquela que é buscada pelo homem para a satisfação de seus desejos sem, contudo, ser considerada como a primeira no seu afeto.

A proposta de seu amante era algo desonrosa para seu orgulho feminino, que a tudo se arriscara para chegar àquele ponto e ter que se contentar com tal prêmio de consolação.

Se esse era o grau de afeto que Marcus lhe devotava, depois das inúmeras promessas que fizera nos momentos de idílico prazer, melhor seria ficar sem ele, puni-lo com seu afastamento, notadamente agora que carregava em seu ventre o fruto desse amor proibido.

Sem demonstrar o seu descontentamento, Serápis fingiu concordar com as propostas do rapaz, fazendo-o crer que ela havia, efetivamente, aceitado a condição subalterna, escondida, de amante para sempre, enquanto que a outra, rica, feia, doida, arrogante, continuava como a dona do palácio, mandando em tudo e em todos.

Ah! Isso é que não seria assim, - pensava Serápis, ferida em todo o seu sentimento, igualmente mesquinho e ególatra, como Druzila.

Voltando ao palácio para que sua ausência não levantasse suspeitas, Serápis traçava novas variantes para seus próximos passos.

Não aceitaria a condição de mulher secundária. Ali estava para ter tudo ou para não ter nada.

Agora que estava grávida de Marcus, tinha com que lutar. Barganharia, pressionaria, tudo faria para ocupar-lhe o centro das preocupações.

Fugiria dali, deixaria o rapaz desesperado, chantagearia, impediria que ele tivesse acesso ao fruto de seu envolvimento, até que aceitasse trazê-la como sua rainha, para o centro do mundo.

Por isso, enquanto Marcus providenciava as arrumações necessárias no ambiente, melhorando-lhe as condições, contratando algumas mulheres para atenderem às necessidades de sua amante grávida, Serápis dava asas ao seu plano que, mais algumas semanas adiante, precisaria implementar, a fim de não acabar descoberta na gravidez que já ia adiantada e, por fim, seria impossível de ocultar.

E, à medida que seus sentimentos inferiores a desconectaram de Lívia, sua sintonia com o mal abriu espaço à elaboração de um plano nefasto.

Sim, a vida de todos seria modificada, depois que Serápis, contrariada e mesquinha, se pusesse em ação, imaginando-se uma deusa que era capaz de dirigir os destinos dos outros.

Esperaria o momento adequado. Já precisava ocultar o volume do ventre com roupas mais largas, enquanto que, com astúcia e sagacidade, levaria Marcus com seu fingido afeto, até que o momento estivesse propício para agir.

Nesse sentido, esforçou-se para controlar-se ante os ataques de Druzila. Não poderia ser afastada de seu serviço, já que necessitava ter acesso aos seus aposentos na concretização de seus objetivos.

Assim, passo a passo amadurecido e planejado com estratégia e frieza, Serápis conseguiu arrumar pequeno abrigo em ruela escura da cidade, onde se abrigaria de todas as buscas.

Necessitava fazer tudo para permanecer isolada, sem criar suspeitas, usando como importante fator de convencimento a atrair a simpatia dos outros, o fato de dizer-se mãe de uma pequena filha e, ao mesmo tempo, encontrar-se grávida, necessitando de apoio e abrigo.

Sim, nos planos de Serápis, ela fugiria do palácio depois de sequestrar Lúcia daqueles que não se importavam com ela, já que, além de sentir-se muito ligada à menina, a quem pretenderia proteger para que não tivesse sua vida estragada pelo descaso de pessoas indiferentes e egoístas, serviria de instrumento valioso para obter ajuda dos cidadãos romanos simples com quem cruzasse.

Em sua mente, tudo estava traçado. Marcus haveria de rastejar até ela para implorar que voltasse aos seus braços, aí sim, na condição de esposa verdadeira.

38

SURPRESAS TRÁGICAS

Imbuída desses propósitos, Serápis passou o tempo medindo os passos e os riscos para que, no momento adequado, viesse a agir. Para não levantar suspeitas, acedia aos encontros esporádicos que Marcus conseguia arrumar, burlando a vigilância de olhos indiscretos, sem que revelasse qualquer modificação exterior na maneira de encarar os seus projetos.

No fundo, não amava Marcus. Tinha apenas o interesse de conquistar posições de relevo e, para isso, aquele homem lhe servia na medida exata.

Sentia um afeto que se desenvolveu nos contatos físicos que tiveram, mas nada que a fizesse mudar a ideia de infligir-lhe a dor da fuga e do sequestro da filhinha.

Se ele desejava mantê-la na posição de subalternidade, como uma prisioneira na gaiola, iria se decepcionar muito.

Além do mais, com outro filho no ventre, seu poder de persuasão seria ainda maior.

O tempo passava lentamente e, na medida de suas planificações, Marcus providenciava tudo para que não houvesse problemas, acreditando que Serápis concordava com o que ele havia proposto.

Haviam combinado a data para a saída da jovem do serviço da casa, acertando que tal aconteceria por solicitação dela mesma, encaminhada diretamente a Licínio. Alegaria que desejava mudar-se para o interior, deixando a cidade grande para trás e, por isso, demitia-se do palácio.

Na mente da jovem serva, essa seria, também, uma ótima justificativa para desaparecer do mapa, já que, com a notícia de que se ausentaria de Roma, estaria mais protegida de ser encontrada pelas forças que Marcus poderia mobilizar para buscar a filha.

Aproximando-se a data final do prazo para dar início ao projeto, Serápis comunicou a Licínio seu desejo de afastar-se, alegando os motivos que havia combinado com Marcus. O administrador que, agora, se voltava para as verdades espirituais e passara a ver Serápis pelos olhos paternais, imaginara que tal afastamento se estava dando em face da intimidade que ela mantinha com o patrão, fosse por causa de um rompimento ou por não poder mais manter-se ao mesmo tempo como serva da esposa e amante do marido.

Na verdade, apesar do antagonismo de Druzila em relação a ela, a pequena Lúcia só se aquietava, geralmente, quando se via na presença de Serápis, o que obrigava, muitas vezes, que a serva permanecesse nos aposentos da dona da casa cuidando do sono da criança.

Era com base nessa afinidade e na facilidade de manter-se ali, nos aposentos íntimos, que Serápis planejara retirar a criança pequena que, por isso, facilmente poderia ocultar entre seus pertences, já tendo arrumado um tipo de cesto que lhe serviria de mala na qual, ao ausentar-se do palácio, poderia ocultar a criança entre suas poucas roupas.

Seu plano já estava traçado.

Junto com ela, ficava no quarto de Druzila a outra serva, Lélia, que mantinha estreita relação com a patroa, como já se relatou antes.

Assim, na véspera do dia designado para a sua despedida, tudo estava preparado.

Ao anoitecer, Serápis pôs seus planos em ação.

Durante o repouso de Druzila e, aproveitando-se do sono de Lélia, Serápis retiraria a criança adormecida e trataria de deixar o palácio.

Assim, para evitar problemas maiores, providenciaria para que Druzila dormisse mais profundamente, ministrando-lhe algumas gotas do sonífero que Lélia lhe houvera oferecido tempos antes e de cujo frasco, antes de devolver-lhe, havia retirado porção significativa, como já explicou. Depositaria as gotas entorpecedoras no recipiente de água que Lélia sempre levava para o quarto, antes de Druzila dormir, acostumada que estava a mulher de Marcus a ingeri-la antes do repouso.

Para tanto, naquela noite, como sabia da rotina e dos hábitos de Druzila, assim que Lélia se dirigiu à cozinha do palácio a fim de providenciar o jarro de água, estando a esposa de Marcus ocupada com a preparação para o repouso, não foi difícil para Serápis afastar-se do quarto e, comparecendo à cozinha com a desculpa de ir providenciar algo para as necessidades da criança, num momento de distração de Lélia, virar o conteúdo de frasco no interior do recipiente, a fim de que Druzila viesse a dormir mais profundamente, sem servir de obstáculo aos seus intentos.

Feito isso, regressou ao quarto, sem levantar qualquer suspeita já que, efetivamente, lhe caberia estar atenta às necessidades da pequena Lúcia e isso lhe exigia a adoção de todas as medidas necessárias, inclusive, no que dizia respeito à preparação das refeições da criança.

A Lélia incumbia cuidar de Druzila, fornecendo-lhe tudo o que ela solicitasse, auxiliando-a na toalete noturna, preparando-a para dormir, despindo-a e vestindo-a com os trajes adequados ao repouso, além de providenciar, diariamente, o abastecimento de água para as necessidades usuais da senhora.

Em geral, a ingestão do líquido era a última coisa que Druzila fazia, já deitada no leito, sob os tecidos que lhe serviam de colcha acolhedora.

Assim, estaria embalada para adormecer serenamente, sem qualquer suspeita que o sonífero pudesse provocar, indicando o entorpecimento químico irresistível.

Estando deitada, dormiria como era de se esperar de qualquer pessoa que se prepara para o repouso.

Dentro de seus projetos medidos e calculados, Serápis se posicionava ao lado do berço da criança, deitada para dormir o sono leve dos que têm crianças sob seus cuidados, dispensando a mãe de qualquer preocupação com o atendimento das necessidades da filha.

Lélia auxiliava Druzila com os cabelos, penteando-os calmamente, antes de prendê-los para o repouso noturno.

Druzila se comunicava com a serva de confiança por monossílabos, como alguém indiferente, que não é capaz de sair da concha de si própria.

Terminado o longo processo da vaidade feminina, Druzila vestiu-se para o sono e colocou-se sob as cobertas do leito e, nesse momento, como de costume, Lélia retirou do jarro boa porção do líquido, que foi depositado em uma taça, o qual a esposa de Marcus sorveu até a última gota.

O mesmo veneno que ela entregara a Lélia para vitimar Lívio, voltava, agora, à sua efetiva fonte.

Advertira Jesus, no passado, que todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão. Assim, Druzila, descontrolada e má, indiferente ante a dor alheia, agora seria vitimada pelo próprio veneno.

Ninguém ali imaginava o que iria se passar.

Serápis esperava o sono profundo para seqüestrar-lhe a filha.

Lélia imaginava mais uma noite tranqüila como outras, ao pé do leito de sua ama. Druzila, nas suas futilidades, mantinha-se monotonamente na condição daquela que sempre manda e dirige os outros em virtude de seu dinheiro e poder.

Aliviada com a cena na qual percebeu Druzila ingerindo o líquido envenenado sem que ninguém soubesse que aquilo era veneno, Serápis passou a fingir que dormia, esperando que o correr das horas lhe autorizasse a saída.

Todavia, depois de estarem todas já recolhidas, tendo Druzila mergulhado em profundo torpor, como se incontrolável sono lhe toldasse a lucidez de maneira muito mais rápida do que o normal, não decorreu mais do que meia hora nessa inconsciência profunda para que surgissem os primeiros sinais de que algo não ia bem.

Inicialmente, indisposição estomacal fustigava o seu corpo e, agitando-se na cama, Druzila não tinha posição para ficar.

Logo depois, gemidos e sons estranhos começaram a ser emitidos pela mulher que, a esta altura, tal era o estado de intoxicação, recobrou a lucidez e começou a reclamar alto.

Sua coloração tinha sido alterada, tendo perdido todo o viço facial, assumindo a epiderme, uma cor esbranquiçada, algo arroxeada.

- Lélia, Lélia, socorro! Tentava gritar a jovem envenenada.

Chame um médico, rápido. Chame Marcus, Licínio, chame alguém, rápido - falava, áspera, a mulher. Socorro, acuda-me, estou morrendo...

A angústia em sua voz e o desespero em suas palavras demonstravam que se tratava de algo muito sério.

Lélia foi despertada pela agitação de Druzila e, sem entender o que se passava, saiu correndo para ir chamar Licínio em seus aposentos, ao mesmo tempo que a gritaria que produziu, despertou os outros empregados, chegando até o quarto de Marcus que, desde que iniciara o romance com Serápis, passava todas as noites no palácio.

Gritos por todos os lados, pessoas correndo. Saiu alguém a procurar o médico que, naquela cidade imensa, naturalmente, não pôde chegar em tempo para fazer alguma coisa.

Minutos depois, Druzila lançava espumas pela boca, enquanto que as fibras do estômago, dilaceradas pelo veneno, permitiam a hemorragia que se comunicava ao exterior através de vômitos sanguinolentos.

O olhar desesperado de Druzila dizia de seu medo, diante da realidade da morte que se acercava dela e, para a qual, nunca se preparara.

Estivera sempre preparada para envenenar os outros, como já o havia providenciado para muitos daqueles que atravessavam seu caminho. Todavia, jamais imaginara que ela própria também teria que passar por tal situação de desespero e angústia, sentindo faltar-lhe o ar, queimarem-se-lhe as vísceras, arder como se estivesse envolta por brasas acesas.

Não demorou muito para que seus olhos começassem a divisar os escuros vultos sarcásticos que, aboletados por todos os lados ao redor de seu leito, aplaudiam cada vez que o vômito ensangüentado era depositado sobre a colcha luxuosa, como se estivessem torcendo na arena ou no circo, nas competições tão populares.

Vibravam quando ela demonstrava dor, quando não conseguia manter o raciocínio.

Suas faces eram horripilantes, apresentando-se com formas assustadoras a fim de receberem aquela que lhes partilhava os mesmos desejos e defeitos.

Além deles, congregava-se ali, também, o grupo dos que tinham sido por ela prejudicados, desde longa data e que, na estrutura defeituosa das leis humanas, jamais tinham sido reparados ou justiçados. Todos os delitos que ela praticara contra eles, eram desenterrados ante seus olhos que, agora, não sabia dizer se sofria mais por aquilo que lhe corroía as entranhas ou por aquilo que enfrentava na realidade do mundo dos mortos.

Alucinações sucediam-se a gritos de medo e pedidos de socorro.

Licínio não tinha nada que fazer a não ser orar, silencioso, ao lado do leito, estranhando aquele estado súbito de alteração grave da saúde, sem que qualquer enfermidade houvesse se instalado primeiro.

Marcus atendia aos imperativos do dever marital, ali permanecendo buscando minorar a dor, determinando a busca do facultativo, custasse quanto custasse, igualmente suspeitando de que alguma coisa muito grave tinha ocorrido com Druzila.

Os empregados e servos foram mantidos afastados, alguns dos quais, como Marcus, sentiam um quê de felicidade oculta, pela morte daquela que, em vida, somente se dedicara a ser uma roedora do mundo, fustigando, ferindo, maltratando, humilhando a todos sem qualquer consideração.

As emissões de alegria por sua desgraça, igualmente, chegavam à sensibilidade de Druzila, agora cada vez mais receptiva ao mundo espiritual em decorrência da debilidade de seu corpo, às portas do desenlace.

O cenário que a esperava era inimaginável para a sua mente tola e fútil.

A semeadura de seus atos havia sido rica em espinhos e lágrimas. Chegara, finalmente, o dia da colheita.

No quarto, assustadas e muito surpreendidas, Lélia se afastara para um dos cantos, a fim de manter-se no ambiente sem atrapalhar as coisas, fugindo do cenário grotesco e repulsivo.

Serápis, por sua vez, procurara carregar Lúcia consigo, retirando-a do ambiente confuso e tumultuado a fim de preservar o sono da criança.

No entanto, os gritos que escutava e a agitação indicavam, sem dúvida, que o quadro era grave.

Com a chegada do médico, não houve como negar a suspeita de envenenamento.

Diante da impossibilidade de salvar a vida de Druzila, era imperioso descobrir quem havia produzido aquilo, já que a intimidade da família havia sido violada.

Somente duas servas tinham acesso direto a Druzila.

Imediatamente, Serápis e Lélia foram convocadas ao gabinete privado de Marcus que, na presença de Licínio, estava confuso com tudo aquilo acontecendo justamente na véspera da saída de Serápis.

Será que ela tinha alguma coisa a ver com tal evento? O pensamento de Marcus não podia deixar de levar isso em consideração.

Apesar de, no fundo, estar feliz com a viuvez de todo conveniente aos seus interesses, agora não sabia dizer por que estranha coincidência Druzila morria envenenada, na companhia de duas servas que a atendiam.

Se a mulher houvesse falecido naturalmente, nada de anormal estaria impedindo a continuidade de seus projetos. No entanto, agora, com o diagnóstico médico do envenenamento, dentro de seu ser tudo apontava para Serápis.

Na presença de Licínio que, na sua experiência afetiva igualmente se punha a pensar coisas muito parecidas, Marcus apresentou a ambas a situação e o diagnóstico médico, dizendo que gostaria de obter explicações para aquele incidente trágico.

Pressionadas, ambas as servas se disseram inocentes, sem entenderem o que havia se passado nem o que motivou o envenenamento e a morte de Druzila.

Sentindo-se acusadas, como costuma acontecer sempre aos serviçais, ante os incidentes no interior da moradia onde servem, tanto Lélia quanto Serápis procuraram mostrar-se livres de culpa.

Enquanto estavam ali, o médico convocou os homens para que pudessem escutar-lhe as descobertas.

- Senhor Marcus, não me resta dúvida de que tenha sido veneno, já que estamos vivendo em uma sociedade onde esses casos se multiplicam todos os dias em todas as classes sociais.

Os sintomas são típicos e, de acordo com a rotina da vítima, o tóxico deve ter sido colocado na água que ela ingeriu antes de dormir.

Estou com o jarro que ainda possui boa parte do conteúdo e, por isso, poderemos fazer um teste. Mande trazer algum animal a fim de que ministremos a ele uma parcela do líquido para vermos o resultado.

Concordando com os cuidados e sugestões do médico, não tardou para que algum servo trouxesse, das ruas desertas, um cão abandonado, atraído por um pedaço de carne e, tão logo ingeriu a água envenenada, idênticos sintomas surgiram-lhe no corpo.

Estava confirmada a origem do envenenamento.

Feito isto, as suspeitas se voltaram para Lélia. Fora ela quem levara o frasco e se incumbia, todos os dias, de atender às necessidades da patroa.

A serva, trêmula, alegava inocência.

Serápis, nessas alturas, não podia dar prosseguimento ao plano de fuga e seqüestro, sob pena de incriminar-se a si própria.

No entanto, vendo o rumo que as coisas estavam assumindo, solicitou a Licínio a oportunidade de se entenderem a sós por breves instantes.

Sem que ela soubesse que Licínio conhecia o segredo do seu envolvimento com Marcus, procurou falar-lhe rapidamente, buscando tirar partido da situação e livrar-se de qualquer suspeita:

- Senhor Licínio, não é desconhecido o antagonismo gratuito que Druzila nutria contra minha pessoa e, por isso, considero natural que suspeitem de mim, nesse momento doloroso.

- Todos são passíveis de culpa, nesta casa, Serápis, - falou o administrador, sério e direto.

- No entanto, há pouco tempo, ocorreu um fato que pode ser significativo no deslinde desse mistério.

- Vamos, fale logo que não tenho muito tempo.

- Eu estava mal, indisposta, em minha cama, quando fui procurada por Lélia, interessada em meu estado. Achei estranho tal interesse daquela serva que, sempre que pode me prejudica diante dos patrões com comentários maldosos. No entanto, ela se apresentava preocupada com meu abatimento e eu lhe disse que era um pouco de nervoso pelas perseguições de Druzila, somado à dificuldade de dormir, o que me causava abatimento.

- E então? - falou Licínio, apressado.

- Então que ela me ofereceu um remédio que disse ser um sonífero que lhe havia sido dado pela própria Druzila para usar contra um rapaz que a assediara quando estiveram na fazenda por aqueles dias. Eu achei meio suspeito e, por isso, disse que aceitava. Ela trouxe o frasco que mantém guardado consigo e entregou-me, aconselhando-me a tomar uma ou duas gotas, que seria o suficiente para dormir profundamente. Sem entender bem o porquê, mas sentindo um calafrio por dentro, disse que tomaria, mas não me encorajei a usá-lo, com justificados receios, já que Druzila não gostava de mim e isso poderia ser uma armação para me produzir danos irreparáveis.

- E o que você fez com o frasco?

- Bem, no dia seguinte, o devolvi a Lélia, dizendo que tinha usado e que tinha dormido bem melhor, crendo eu que ela o mantém guardado em seus pertences pessoais.

- Isso é muito importante, pois pode ser sonífero ou pode ser veneno mesmo. Você está segura disso? Pode assumir esta história na frente dela?

- Na hora que o senhor desejar. Foi isso que aconteceu, respondeu Serápis, evitando revelar no relato a parte em que ela retirara um pouco da substância, acreditando-se tratar de sonífero mesmo, para usá-lo segundo seus planos.

No quarto, o corpo imóvel e empapado de Druzila já não tinha mais vitalidade.

Seu espírito, no lado invisível da vida, estava em piores condições do que o próprio corpo carnal condenado este agora, ao sepulcro e ao apodrecimento.

Iniciava-se para Druzila uma terrível etapa de resgate ante a verdade que criara para si mesma, tão cruel que ela sentiria inveja dos próprios despojos e pleitearia o seu lugar se tivesse a opção de trocar. Suportaria o abafado da terra, a voracidade dos microrganismos, o fétido odor da putrefação se isso evitasse o enfrentamento da realidade que a defrontava agora.

O cortejo de criaturas horrendas que a buscavam, irônicas, sarcásticas, numa procissão macabra que a arrebatava sem que conseguisse dali fugir. Era levada pela turba festejante como se fosse um troféu indefeso, sem ter a quem recorrer, gritando e esbravejando em vão.

Seu corpo espiritual, deformado pelas suas condutas negativas durante a vida, assemelhava-se a bruxa miserável que vertia sangue pela boca, nariz, ouvidos e que sentia todas as dores próprias do tipo de morte que tivera.

No palácio, tudo parecia estar suspenso, ante a investigação sumária que passou a ter curso entre todos os empregados.

Alertado por Licínio, Marcus determinou que se fizesse uma busca em todos os quartos, em todos os pertences dos servos que tinham acesso aos aposentos da esposa, valendo-se de seus escravos particulares que, por estarem sempre vinculados aos seus serviços pessoais, nunca se misturavam com os demais empregados que serviam à mulher.

Enquanto isso se passava, Serápis reavaliava a situação que tinha saído de seu controle.

Como proceder agora? Se deixasse a casa, tomar-se-ia suspeita. Se ficasse, acabariam descobrindo-lhe a gravidez. No entanto, sem Druzila pela frente, talvez Marcus mudasse de opinião a respeito de mantê-la como uma amante, distante. No entanto, não tinha certeza de nada.

Não tardou para que um dos servos de confiança de Marcus encontrasse o frasco de veneno nas coisas de Lélia que, pobrezinha, nem se lembrava da sua existência, já que não imaginava que aquilo fosse veneno.

Novamente, foi ela chamada à presença do chefe da casa e do administrador que havia sido alertado por Serápis.

Diante do frasco que lhe foi apresentado, a serva tremia ainda mais ao assumir que ele estava em seu poder por lhe ter sido dado por Druzila. Naquele momento, evitou dizer que ela o havia emprestado, a fim de que não fosse considerada uma ladra que não devolvia as coisas dos patrões.

- Sim, meu senhor. A senhora me deu este frasco alegando que se tratava de um sonífero para que eu o ministrasse ao empregado da fazenda, Lívio, que estava me incomodando muito com suas propostas indecorosas. Falou-me que bastavam umas duas gotas para fazer um boi dormir.

- Isto é o que veremos - disse Marcus, mandando trazer outro animal, para que fizessem o teste definitivo.

Sem se preocupar tanto por imaginar que o efeito do remédio era apenas o sono, como havia testemunhado nas primeiras reações de Lívio e na afirmativa de Serápis, manteve-se o mais calma possível, enquanto o remédio era ministrado a outro cão sem dono que, sem muita demora, passou a espumar pela boca, a tontear sem conseguir manter-se de pé e a sangrar em vômitos sucessivos.

Os mesmos sintomas de Druzila.

Diante de tal prova, Lélia não tinha argumento. Começou a chorar dizendo que não podia ser verdade. A própria Serápis havia tomado o remédio e dito que tinha dormido bem naquela noite.

Chamada ao recinto para pronunciar-se, a serva mencionada relatou os fatos, não sem antes, pintar as cenas da perseguição de Druzila e da cumplicidade de Lélia com tintas fortes, como a levantar ainda mais suspeitas sobre a serva ingênua e tola, que se deixara levar pela ambição de acumpliciar-se com a perigosa dona da casa, esperando daí tirar algum proveito, prejudicando os outros.

Nesse momento, Serápis tinha a sua vingança das muitas inverdades que Lélia levantara contra ela.

- Sim, meu senhor, - disse Serápis - Lélia me procurou para saber do meu estado pessoal com um interesse nunca antes visto. Tanto que até me causou admiração. Desejou saber de minhas condições e quando lhe disse, para livrar-me de seu interrogatório, que estava mal por não ter conseguido conciliar o sono, falou-me de um remédio que tinha, que era muito bom e que, se aceitasse, ela me emprestaria, já que não pretendia livrar-se dele por lhe ter sido dado por Druzila.

No entanto, desconfiada ante tanta amabilidade e acreditando que não deveria me expor a riscos desnecessários, evitei ingeri-lo e, no dia seguinte, quando fui abordada por Lélia, menti dizendo que tinha tomado e que era muito bom, ocasião em que me solicitou a devolução do frasco, o que fiz imediatamente.

- O frasco que você teve consigo é este que aqui está? - perguntou Marcus, imperativo.

- Sim, meu senhor, é esse mesmo.

Lélia estava atônita. Naquele momento seu destino estava selado, sem compreender o que estava acontecendo.

Suas palavras se encaixavam em uma perfeita mentira, bem engendrada e combinada de tal maneira pela casualidade que tudo levava a apontar para a sua efetiva responsabilidade.

No entanto, em seu pensamento, surgia o desespero, a inspirar qualquer medida que afastasse dela a suspeita mentirosa de ter envenenado a patroa.

- Meu senhor, não fui eu. Eu não sei como é que o veneno foi parar na jarra de água. Eu sempre pensei que isso fosse remédio para dormir e, agora vejo, o quanto estive próxima de me matar eu própria, ingerindo o veneno pensando que fosse sonífero. Eu me prostro e juro minha inocência.

- Você não tem justificativa, Lélia - disse Marcus, peremptório. - Você tinha o veneno, tinha a intimidade, já tinha tentado fazer uso dele em Serápis que, como todos sabemos, sempre foi malquista por Druzila e por você própria.

- Mas eu não sou a única que poderia ter matado a patroa. Eu não tenho nenhum motivo para fazer isso. No entanto, há pessoas por aqui que, além de terem acesso a tudo, também tinham motivo suficientemente grave para envenená-la.

- Ora, Lélia, você está louca? - perguntou Marcus.

- Não, meu senhor. Eu sou testemunha de fatos graves que, por si sós, têm o condão de incriminar outra pessoa deste palácio perante este crime.

- Vamos, fale! - disse Marcus, firme e decidido.

- O senhor Licínio tem todos os motivos do mundo para matar Druzila. Ele foi flagrado por mim e por Lívio semi-despido na companhia da senhora que, provavelmente entorpecida por um sonífero, dormia profundamente, lá na fazenda. Quando chegamos para ajudá-los, depois que a carroça em que se encontravam acidentou-se em local muito distante, encontramos ambos deitados um ao lado do outro, tendo a senhora o busto todo à mostra, com as roupas rasgadas, e o senhor Licínio estava em condição de comprometimento inequívoco.

A audácia de Lélia só poderia justificar-se pelo desespero de livrar-se da punição que, no seu caso, ante as leis daquela comunidade, corruptas e injustas, fatalmente seria a morte no circo.

Licínio, que estava no ambiente, escutou-lhe a acusação com serenidade e calma, empalidecendo ligeiramente por ver seu nome mencionado em circunstância tão delicada e na presença da própria Serápis que, no fundo, se divertia com o desespero de Lélia.

Ainda mais irritado com a serva perigosa e nociva, Marcus respondeu-lhe:

- Pois você fique sabendo, sua pervertida criminosa, que estou a par de tudo o que aconteceu, inclusive de que você esteve lá, como cúmplice de minha finada esposa.

O próprio Licínio relatou-me todos os fatos enquanto nem mesmo Druzila se animou a queixar-se a mim de qualquer violência que tivesse sofrido. Como é que você deseja que eu venha a acreditar em sua palavra quando a própria vítima, a única que podia nos dar a decisiva prova de que fora violentada e de quem a violara, nunca abriu a boca para acusar a ninguém? Crê, porventura, que dou mais crédito às suas mentiras do que à palavra leal deste homem que veio até mim para revelar estes mesmos fatos que a sua maldade usa agora para acusá-lo? Acredita que terei motivos para levar seus argumentos em consideração acima do silêncio da própria Druzila, que nunca falou no assunto comigo, pedindo reparação de algum ultraje sofrido?

Vendo-se acuada pelas circunstâncias, Lélia, desesperada, bradou:

- Não, meu senhor, mas há outra testemunha. Mande trazer Lívio até esta casa e ele revelará tudo isto, já que ele presenciou todos os mesmos fatos e não teria por que mentir. Ele vai confirmar todas as minhas palavras.

E para sua surpresa final, Marcus lhe respondeu, secamente:

- Isso é impossível!

- Como pode ser impossível, meu senhor. Basta um emissário mandar vir o empregado e, em poucas horas ele haverá de estar perante seus olhos.

- Não existem emissários que o possam trazer do além, Lélia.

- Como assim? - respondeu espantada a ré, já condenada.

- Há algumas semanas fui informado por um correio que chegou da fazenda, que Lívio foi encontrado morto poucos dias depois que vocês chegaram de regresso.

Em seu desespero, Lélia tinha se esquecido de raciocinar acerca do destino que impusera a Lívio, quando lhe ministrou o falso sonífero. Como sua mente se recusava a acreditar que aquilo fosse veneno, não ligou os fatos pensando que o empregado ainda pudesse servir como testemunha de sua versão.

Agora, não tinha mais como defender-se.

- Lívio foi encontrado morto, enrolado em uma toalha, coberto de formigas e já em processo de apodrecimento, Lélia. Provavelmente, por efeito de seu... "sonífero"... também.

Podem levar presa esta assassina. O caso está encerrado.

A condenação com base em todas as provas que pareciam muito claras, fora lançada sobre Lélia que sabia que, dali em diante, o restante seria apenas formalidade até que ela fosse sacrificada em alguma festa importante.

A noite acabou num amanhecer soturno e trágico, com a notícia da morte de Druzila se espalhando e todos sendo informados de que o luto se havia abatido sobre o palácio suntuoso.

Serápis, quase feliz com o fim de Druzila e com o destino de Lélia, agora aguardava os próximos passos de Marcus para ver como é que daria curso aos seus projetos.

Na falta da genitora, assumiria definitivamente o dever de criar Lúcia, como serva cuidadosa e amorosa que sempre se demonstrara para com a criança. No entanto, Marcus não poderia demorar-se muito em decidir, já que seu estado gravídico, em breve, seria insustentável e inescondível, ainda que, agora, já não fosse mais tão grave a sua situação, eis que o principal obstáculo havia sido removido com a morte da esposa do amante.

39

A FALTA DE DEUS NOS CORAÇÕES

Havia sido um período trágico na vida de todos os integrantes do grupo de reencarnados para enfrentar desafios e testes, depois de tão árduas lutas de resgate efetivadas pelo mundo espiritual.

Com a morte de Druzila, o palácio ficou sem aquela que, com seus caprichos e ordens, mobilizava todos os empregados. Agora, somente Marcus se mantinha em seu vasto interior.

Em realidade, a figura do marido viúvo não lhe caía como a melhor veste, ante o espírito que rejuvenescera depois que a esposa fora tragada pela morte, no hálito do veneno que ingerira.

As perspectivas para seu futuro, no entanto, eram de todo incertas.

Licínio seguia desenvolvendo seus trabalhos, no serviço fiel e devotado de manter em ordem e executar as vontades do proprietário.

Lélia havia sido remetida para a prisão, enquanto que Marcus, dentro de suas funções importantes na sociedade romana, tratava de encaminhar o processo ante os juizes corruptos e influenciáveis, em sua maioria, tendendo sempre para proteger os mais bem aquinhoados, em detrimento da apuração efetiva da verdade.

Naturalmente, naquele tempo de parcos recursos técnicos, as provas obtidas, os testemunhos dos servos, a confirmação de Lélia, a sua maneira bisonha e ingênua de se defender, a tornavam quase que ré confessa da acusação da morte de Druzila, ainda que não existisse, claramente, motivo para que isso se desse.

Aventava-se a hipótese de pretender furtar suas riquezas, de vingar-se de seus modos arrogantes, de estar a serviço de alguém que lhe premiaria depois do assassinato.

No entanto, nada de seguro e concreto havia sido levantado para apurar os motivos da jovem. Isso não era importante naquele momento.

Restava a questão de Serápis.

Diante de todos os fatos, a serva resolvera adiar a sua vingança contra Marcus que a iria desprezar. Agora, mais do que nunca, ela não podia demonstrar nenhum desejo de fuga ou de seqüestro da filha Lúcia que, a cada dia, mais se afeiçoava à sua pessoa.

Na falta da genitora que nunca lhe dedicara o amor mínimo que se espera de uma mãe em relação à filha, a pequena Lúcia que, por essa época já tinha ultrapassado o primeiro ano de vida, se havia aproximado ainda mais de Serápis, que tentava tudo fazer para fornecer o devotamento próprio de uma mãe amorosa e preocupada.

No entanto, as condições de Serápis logo iriam ser impossíveis de ocultar, o que lhe imporia a necessidade de declarar quem seria o pai, já que se tratava de uma serva para a qual não eram permitidas as regalias do anonimato nem concedidos o respeito aos seus direitos femininos de discrição.

Por isso, para ela, a questão se tornava mais urgente, à medida que deveria agir em consonância com as determinações do futuro pai.

Este, por sua vez, sem a presença de Druzila, se tornara ainda mais interessado no refazimento de sua vida ao lado da jovem serva amada, sem que o pudesse fazer, assim, de inopino, sem preparo.

Desejava assumir sua relação com Serápis imediatamente. No entanto, ainda que ele fosse o poderoso dono da casa, a sua atitude poderia reverter o andamento pacífico das coisas.

Se isso acontecesse, naturalmente imputariam a ele a traição consumada, eis que a gravidez da serva só poderia ser atribuída a um relacionamento espúrio. Se isso aparecesse, tanto ele quanto Serápis poderiam ser suspeitos de envenenamento de Druzila, o que lhe provocaria sérios problemas legais, à luz do direito romano, sobretudo em função dele ser aquele que recebera boa parte da fortuna da mulher, quando da união. Não seria difícil algum parente a solicitar a destituição dos direitos do viúvo com base na suspeita de ter sido, ele próprio, o responsável pelo envenenamento. Afinal, tinha os meios de fazê-lo e depois acusar uma serva inocente e vulnerável, tinha a oportunidade de concretizar o crime, insinuando o tóxico letal através de qualquer de seus servos de confiança e tinha o mais candente de todos os motivos, ou seja, o caso amoroso e a gravidez de Serápis, para lhe servir de peça incriminadora perfeita.

Não! Diante de todos estes fatos, Marcus não poderia relacionar-se com Serápis assim, à luz do dia.

Desse modo, deliberou levar adiante seu plano de afastar a serva, determinando que Serápis fosse trazida aos seus aposentos, alegando que precisaria tratar de assunto referente à filha órfã.

Trazida ao interior de seu quarto, no qual se fez encerrar a sós, Marcus deu vazão aos seus sentimentos represados desde algum tempo, quando já não podia acercar-se de Serápis como queria.

- Ah! Que saudades sinto de você, minha amada-exclamou o jovem no arroubo de seus sentimentos sinceros.

Buscando corresponder-lhe aos gestos, Serápis retribuiu seus carinhos, procurando ser íntima, deixando as formalidades que a obrigavam a permanecer distante e fria na condição de simples serva de poderoso senhor.

- Sim, Marcus, para mim também há sido um período de amarga distância. Sonho em me aproximar de seus braços e sentir o perfume de sua pele. Todavia, não posso romper as barreiras que nos separam.

- É verdade, meu amor. Estas barreiras são altas e poderosas e eu agradeço a sua compreensão.

Em seu íntimo a alma de Serápis imaginava, novamente, que o rapaz, agora livre para dedicar-se a ela, iria assumir as coisas entre eles e colocá-la no lugar da esposa, ainda que com algum cuidado para não produzir choques desnecessários. Ali, no quarto do patrão, ela entrevia o momento em que a convidaria a casar-se com ele, dando continuidade à sua venturosa ascensão, tendo por base a tragédia de Druzila.

Permanecendo em silêncio, Marcus continuou, dizendo:

- Estive pensando sobre tudo o que aconteceu e, pelo que meus julgamentos me aconselham, deveremos prosseguir com nosso projeto.

- Como assim, meu senhor? - perguntou algo surpreendida.

- Sim, Serápis. Você se ausentará desta casa até que os fatos estejam esquecidos e possa ser mais fácil que nosso sentimento seja apresentado ante todos, sem os dissabores de uma açodada união, perante uma sociedade romana astuciosa e má, o que poderia, para sempre, prejudicar nossos projetos.

Assim, comunicarei a Licínio o seu afastamento e, em face da ausência da mãe, empreenderei viagem com a justificativa de levar Lúcia para a companhia dos parentes de Druzila que vivem longe daqui, e direi a todos os servos que você a seguiu como a serva predileta da criança, a fim de que, em sua companhia, ela encontre a paz e a serenidade segura que uma criança precisa para crescer. No entanto, você vai para o nosso refúgio e me espera por lá.

Ao mesmo tempo, manteremos em sigilo o seu estado e, assim que nosso filho nascer, aí então poderemos dar curso normal à nossa existência, já com o tempo conspirando a nosso favor para que você regresse para cá na condição da mulher escolhida Na verdade, viajarei com Lúcia até a fazenda e, depois de alguns dias, retornarei com ela em sigilo e a deixarei sob seus cuidados em nosso pequeno palácio, no qual você já estará abrigada.

Escutando-lhe com uma insatisfação mal disfaçada, percebera que Marcus não pretendia elevá-la de imediato à condição desejada. No entanto, as suas ponderações lhe pareciam prudentes e seus motivos, longe de parecerem desculpas fúteis, revelavam o desejo futuro de torná-la sua esposa.

Ante tal constatação, a mente astuta de Serápis se deixou envolver pelas perspectivas vantajosas, além do fato inegavelmente favorável de que teria Lúcia sob seu controle imediato, ficando o pai dela afastado, como, aliás, se mantivera praticamente desde o nascimento.

Marcus esperava o nascimento do filho varão, tão valorizado naquela sociedade conflitante e hipócrita.

Ter uma filha e não tê-la, era praticamente a mesma coisa.

Vendo que era chamada a opinar naquele processo que o amante lhe apresentava, Serápis aquiesceu, dizendo:

- Como sempre, meu senhor, suas deliberações guardam justiça e sabedoria que não me permitiriam discordar de seu bom senso. Assim, se me permite pedir algo, peço apenas que, depois de meu regresso ao local de nossos encontros, possa contar com a sua visita, uma que outra vez, pois a solidão seria capaz de me fazer enlouquecer, como creio que fez com Druzila.

- Ora, Serápis, que pedido mais desnecessário... - falou Marcus puxando a jovem ao seu encontro e fazendo-a sentar-se em seu colo, paternalmente.

- Sinto muito a sua falta e, apesar de ter Lúcia como companhia a quem me devotarei com todas as forças do meu ser, não poder mais estar aqui neste palácio que me permite escutar seus passos pelos corredores, sentira sua presença por detrás destas portas, representará afastar-me do calor que me mantém aquecida e feliz.

Enaltecido por aquelas palavras adocicadas, partidas de uma boca que sabia medir o tamanho dos elogios a fim de conseguir o que desejava, Marcus ficou ainda mais enternecido com as maneiras da jovem amada e, de forma mais carinhosa lhe disse:

- Serápis, eu mesmo, por mim, me mudaria para lá e passaria a viver ao seu lado. Aliás, nesta hora, invejo os escravos que se unem com quem o próprio sentimento aconselha, sem precisarem se preocupar com as mentirosas convenções dos homens. Como estamos metidos nesse meio perigoso e astuto, tomaremos cuidados para que tudo siga normalmente, sem impedir que eu realize o maior prazer de minha vida que é o de estar junto de você, o maior número de vezes. Esteja segura de que não lhe faltará nada, nem para Lúcia. Tomarei todas as providências para que uma serva de confiança esteja a serviço de suas necessidades, inclusive para ir realizar as compras emergenciais, já que as aquisições mais comuns, Licínio se encarregará de fazer.

- E quando devemos nos transferir para lá?

- Assim que comunicar o fato a Licínio, ele providenciará a transferência. Repassemos nosso plano, então: como já disse, você e Lúcia irão em momentos diversos. Primeiro você irá, como alguém que deixa o nosso serviço e parte para longe, fingindo que foi enviada, antes de nós e junto com a bagagem de Lúcia ao destino que nos espera, a fim de que não viajemos juntos. Depois de alguns dias, dando a todos a explicação de que levarei Lúcia para a companhia dos parentes distantes que já a aguardariam, já que de mim mesmo não tenho pais que possam assumir, na condição de avós, a criação da menina, partirei com ela, mas para a fazenda, onde ficarei algum tempo, até que regresse e entregue a filha aos seus cuidados. Apenas Licínio vai saber de tudo.

E depositando um ardoroso beijo em seus lábios, Serápis selou seu compromisso, sem que, no fundo, isso significasse a absoluta e total correspondência aos seus desejos.

A serva estava, apenas, adiando os seus planos, tendo em vista as ocorrências últimas e o avanço do estado gravídico, período em que estaria muito mais vulnerável do que em qualquer outro.

Com o nascimento, pensava ela, suas forças estariam redobradas, já que, dando a Marcus o tão desejado filho, poderia sentir-se ainda mais poderosa perante a sua pessoa.

Tão logo deixara o quarto do viúvo, não sem antes prometerem recíprocas juras de amor, Marcus ordenara a vinda de Licínio, com quem deveria ter uma conversa muito aberta e sincera.

- Pode entrar, meu amigo - falou o dono da casa ao servidor fiel e amável.

- Obrigado, meu senhor - respondeu Licínio, colocando-se à distância de Marcus.

Vendo-lhe a postura de subserviência, o senhor do palácio lhe autorizou, amistoso:

- Vamos lá, Licínio, pare com essa coisa e sente-se aqui ao meu lado, pois preciso ter uma daquelas conversas que sempre tivemos nos nossos tempos de juventude despreocupada, quando me abria com você e de você recebia conselhos sábios que muito me ajudaram.

- Pois não, Marcus. Para mim também é muito prazeroso lembrar-me desse tempo. Vamos lá, pode falar - disse Licínio, sentado, já bem próximo de Marcus, não sem antes imaginar o teor do assunto que, pelo inusitado daquela hora mais íntima, rara desde que Marcus assumira a condição de chefe da família, deveria envolver a confissão de seu relacionamento com Serápis.

Confirmando seus pensamentos, pelo muito que conhecia daquele jovem, escutou-lhe o desabafo há muito guardado no peito:

- Licínio, meu amigo, nunca deixei de contar-lhe tudo o que se passa comigo e, graças à sua fidelidade, tenho me conduzido por caminhos menos dolorosos. Você me conhece em todos os meus defeitos e, assim, sabe que não está aqui o dono do palácio nem o empregado que o administra.

Ante o silêncio amistoso do interlocutor, Marcus continuou:

- Sempre procurei encontrar o amor em alguém e, desde a juventude, quando os negócios do mundo e os interesses do cofre manipulavam os sentimentos e as uniões, minha trajetória tem sido uma constante frustração, entre os braços de Druzila, odiosa e mesquinha, e os encantos de prostitutas profissionais que em nada são capazes de sentir as carências de afeto de alguém que elas pensam ser o mais ditoso dos homens, apenas porque possui o dinheiro que lhes falta.

De muitas delas obtive a proposta de casamento sem, contudo, poder fazer mais do que rir-me de sua ingenuidade.

Você é testemunha de meus sonhos rompidos, de meus projetos destruídos, sobretudo com o nascimento de Lúcia que, apesar de bela e forte, não representa o varão que haverá de perpetuar-me o nome.

Desse modo, imaginava que estaria condenado pela ironia de nossos deuses a vagar solitário, como o cego faminto, pelo ambiente dos manjares, sentindo-lhes o perfume, mas impedido de prová-los.

Isso aconteceu comigo até o dia em que conheci uma jovem que rompeu dentro de mim todas as amarras que impediam ao cego pudesse provar os pratos e saciar a fome de afeto. Foi aqui no palácio que encontrei essa jovem e, pelo que você já deve estar imaginando, estou seguro, acha-se ela na condição difícil de serva de nossas necessidades.

Licínio seguia sereno e firme, sem nada dizer sobre as revelações de Marcus.

- Desde o momento em que a vi, algo mágico aconteceu em meu ser, como se uma atração irresistível me obrigasse a procurá-la, numa mistura de medo e ansiedade. Algo me dizia que ela era minha perdição e minha felicidade, simultaneamente. Depois de muito resistir, buscando prazer nas mulheres fáceis, caras ou não, sentia meu espírito inclinado a buscá-la. Quanto mais me frustrava no prazer sem afeto, mais sua imagem mental me perseguia, requisitando-me a atenção. Os sonhos eram com ela, os olhares furtivos a buscavam por entre os corredores do palácio.

Jamais me havia apaixonado dessa maneira e, sobretudo, por uma serva. No entanto, aconteceu e, tais coisas do coração não se podem controlar. Meu único arrependimento nisso tudo, foi descobrir, posteriormente, que a mesma jovem também era requisitada pelo seu afeto.

Depois de ter-me revelado, sem imaginar que seu coração também se inclinava em sua direção, Serápis me contou que você a havia procurado, apresentando-lhe seus sentimentos. Isso para mim, se o soubesse antes de me ter aberto com ela, teria sido capaz de evitar que fosse tão atirado, até que entre você e ela, as coisas se tivessem definido.

No entanto, era tarde demais e, pelas palavras da própria jovem, não possuía ela o desejo de ligar-se a você, tendo se comprometido comigo que lhe informaria de sua negativa.

Ao mesmo tempo, revelou-se igualmente desejosa de conhecer-me e, para encurtar a história, passamos a nos encontrar, lá no local que,... você sabe..., tenho reservado para a busca da felicidade física, como compensador da infelicidade do coração ao lado de Druzila.

Ouvindo-lhe a confissão honesta, Licínio admirava-se da tardia lealdade de Marcus, aquela que ele sempre esperara de sua parte, ainda que demorasse a chegar. Rompendo o seu silêncio, comentou:

- A viagem para a fazenda....

Sem esperar que completasse a frase, Marcus agregou:

- Foi arranjada por mim para afastar Druzila de casa a fim de que tanto eu quanto Serápis pudéssemos nos encontrar por mais tempo e sem riscos maiores.

Desculpo-me consigo por ter usado de um estratagema pouco leal para que a minha mulher ficasse longe daqui. No entanto, há muito tempo, desde que me recordo homem feito, não sentia um tal arrebatamento por uma criatura, o que me levou a agir como agi.

No entanto, os deuses são caprichosos e voluntariosos. Fruto desse encontro, deliberaram que Serápis passasse a carregar no ventre a semente de nossa união ilícita aos olhos dos cânones de nossas tradições.

- Ela está grávida? - perguntou surpreendido o administrador.

- Sim, Licínio, Serápis será mãe e não demorará muito.

- Pelos deuses, Marcus, isso é perigoso demais para esta casa e para sua reputação, principalmente depois do falecimento de Druzila.

- Eu sei disso, Licínio. Por isso é que o chamei aqui. Preciso que me ajude a solucionar essa questão.

Naquele momento, Licínio não sabia se lamentava o afeto perdido de Serápis com os seus sonhos de união desfeitos ou a situação do amigo a quem se devotava sinceramente, apesar de todos os seus defeitos e fraquezas humanas.

Seguindo o entendimento, Licínio adiantou:

- Com essa situação, Serápis passa a ser suspeita de assassinato, mais ainda do que Lélia, a pobre serva, mais tola do que má. E o que é pior, Marcus, essas suspeitas podem resvalar sobre você.

- Sim, Licínio, é verdade. Já pensei em tudo isso.

- Pense bem: Serápis informou-me que recebera de Lélia um frasco de sonífero e que o teve em seu poder por um dia inteiro. Devolveu-o sem usá-lo, temendo alguma coisa errada ou premeditada por parte dela e de Druzila. Naturalmente, temeu que fosse veneno e não sonífero. Depois, passado algum tempo, eis que a própria serva de confiança de sua esposa transporta o jarro envenenado até o quarto... e lá permanece para testemunhar os cruéis estertores da senhora, entrando em desespero por vê-la nas aflições do desenlace. Não foge, não se ausenta, não parte para longe. Logo mais, no procedimento investigativo que você realiza, acaba descoberto em seus pertences, o frasco que se confirmou tratar-se de veneno, mas que a pobre criatura insistia ser apenas sonífero, recebido como tal de Druzila, que acabou vítima da própria astúcia.

E Marcus ia acompanhando o raciocínio de Licínio, mais profundo e maduro do que o dele próprio.

- Tudo isso é muito estranho, sobretudo quando ela invocou, ao me acusar, o testemunho de Lívio, sem imaginar que ele estivesse morto, como já era de seu conhecimento pela informação recebida, tempos depois de nosso retorno da fazenda.

Lélia, pelo que pude avaliar, não imaginava que o rapaz estivesse morto, igualmente envenenado. Ela se apoiava nele para defender-se.

No entanto, sempre me perguntei qual seria o motivo de Lélia para envenenar Druzila, deliberadamente.

Nunca o encontrei. No entanto, agora, com sua revelação da gravidez de Serápis, posso entender melhor as coisas e perceber que pode haver uma outra verdade escondida por baixo das aparências de culpa de Lélia.

Além do mais, se Serápis pode ser suspeita, seria um problema levá-la a julgamento sem base segura e na condição em que se encontra, o que não facilitaria as coisas nem para ela nem para você, meu amigo, já que as pessoas procurarão criar, em suas imaginações, a versão do complô entre o marido e a serva para assassinar a esposa e tomar-lhe o lugar, como tem sido muito comum nas classes mais abastadas de nossa sociedade corrupta.

Acostumadas a se envenenarem todos os dias, com venenos reais ou com venenosas palavras e inverdades agressivas, as pessoas saberiam identificar neste drama, os traços do crime que poderia ter sido cometido pela empregada grávida do patrão e pelo patrão apaixonado pela serva, ambos precisando tirar do caminho a esposa inconveniente e intolerável.

Marcus estava surpreso com a profundidade de avaliação que

Licínio apresentava ante seus olhos. Nunca havia pensado seriamente que Serápis poderia estar por detrás disso tudo.

No entanto, não desejava, igualmente, levar a questão para o lado de incriminar a mulher amada e futura mãe de seu filho.

- Bem, Licínio, suas palavras são sempre luminosas e cheias de maturidade. No entanto, como você já falou, não será bom lançar suspeitas a esmo, depois que já tivemos a acusação irrefutável lançada sobre Lélia. Assim, gostaria que você me ajudasse na realização do meu projeto, conforme vou expor-lhe.

Dito isso, Marcus passou a lhe apresentar todo o plano que tinha traçado com Serápis e, efetivamente bem concebido, recebeu do administrador todo o apoio que o mesmo poderia prometer, como a única e mais adequada solução para remendar a situação delicada em que as contingências da vida os havia colocado.

Assim ficou acertado que Licínio providenciaria a mudança sem qualquer comentário, instalando a jovem serva no ambiente outrora usado para os encontros licenciosos de Marcus, modificando-lhe o interior para que fosse transformado em uma moradia mais digna de uma mulher que lhe seria a mãe do filho tão esperado.

No entanto, depois de terem tudo acertado, Licínio se sentiu inclinado a solicitar de Marcus um favor:

- Marcus, um imperativo de consciência me ordena recorrer ao seu coração generoso para pedir uma coisa.

- Claro, Licínio, fale sem medo, pois a você não posso negar nenhum pedido.

- Pois então, meu generoso amigo, permita-me ajudar Lélia a fim de que não seja condenada à morte horrenda, como têm morrido centenas de pessoas nas festas cruéis que ao povo tanto agrada. Prometo que buscarei ajudá-la sem comprometer nenhuma outra pessoa e aceite que a sua mão amiga esteja estendida para que uma inocente não seja morta até que seja provada sua culpa. Eu procurarei autoridades em seu nome e explicarei que a acusação foi feita no clamor dos acontecimentos, mas que seria necessário fazer uma nova pesquisa, pois há suspeita de que a própria Druzila foi quem resolvera colocar fim na própria vida. Creio que, uma vez morta e sendo verdade que fora ela a fornecedora do cáustico, do mesmo modo que me entregou sonífero na noite em que pretendia me acusar e me usar para satisfazer seus desejos frustrados, nada mais justo que carregue para o túmulo a culpa de ter envenenado a si própria. Testemunharei que ela tinha o hábito de valer-se de tais substâncias

ÊÈ

para manipular as pessoas e, creio, que sem a sua oposição, conseguiremos tirar Lélia dessa situação dolorosa.

Nada farei, contudo, sem a sua aprovação pessoal. Por isso, estou a suplicar que ma conceda. Já há muita tragédia sob nossos olhos.

Observando a nobreza de Licínio que, com seu modo generoso e humano, se interessava pelo destino de uma serva inútil e tão mesquinha a ponto de tê-lo acusado de assassinato na noite das apurações sobre a morte de Druzila, Marcus não teve como negar-lhe a solicitação, apenas advertindo-o:

- Admiro o seu empenho por uma pessoa de nível tão inferior. No entanto, apesar de não poder negar a minha autorização que, neste momento, lhe concedo, reforço o pedido para que não coloque Serápis nesse processo. Se para salvar Lélia, tiver que perder Serápis e o filho que ela carrega, prefiro que ela morra.

- Estamos combinados, Marcus. Tudo farei para que não ocorra nenhum prejuízo para Serápis e para a sua felicidade. Empenho minha palavra e minha vida nessa garantia.

Assim se despediram os dois amigos que, agora, haviam dado os passos no sentido de se tentar restabelecer a verdade dos fatos.

No entanto, Marcus não iria ficar sem adotar as medidas com as quais garantisse a condenação de Lélia.

Depois de terem se entendido, Marcus pensara um bom tempo e, como Lélia lhe parecia a mais conveniente das condenáveis, sobretudo porque a outra suspeita, em vista de tudo o que Licínio havia dito, seria a própria amante, havia chegado à conclusão de que deixaria Licínio tentar salvar Lélia, mas, por sua vez, visitaria juizes e pessoas de sua influência a fim de mantê-la presa e condená-la pelo delito, até mesmo para que não parecesse tolo, depois de ter realizado as investigações sumárias, apuradoras da culpa da serva.

Assim, no dia seguinte, enquanto Licínio preparava a transferência de Serápis, Marcus, sem que o amigo soubesse, iniciara uma série de visitas com a finalidade de manter Lélia reclusa e pleitear, com base nos favores que muitos lhe deviam, sua condenação, como se se tratasse da vingança do marido ultrajado pela arrogância de uma serva que lhe furtara não somente a esposa, mas também a mãe de sua filha.

Seu desejo de manter as coisas como estavam iria ser exercido a fim de tornar inócua a iniciativa de Licínio em proteger uma inocente.

Com isso, garantiria a própria felicidade e estabeleceria as bases para a futura união.

Assim, leitor e leitora queridos, as pessoas imaginam que são capazes de agir segundo suas vontades, sem considerar a lei de Amor e de Justiça que regula as relações no Universo.

A falta de Deus nos corações empurra as criaturas para os abismos da dor e do sofrimento. Quantas vezes queremos realizar as coisas segundo nossos interesses escusos, relegando a plano secundário os conceitos elevados e os imperativos da fraternidade humana?

Quantos de nós, estribados na ambição, não nos permitimos tomar dos outros o que não nos pertence, com a justificativa do lucro?

Quantos se permitem levar o sofrimento aos demais, com a desculpa de que tal se dá em face das lutas da vida?

Quantos se acumpliciam com o mal porque dele vão obter algum proveito financeiro, com a justificativa de que todos fazem isso e que se ele não fizer algum outro o fará?

Quantos se justificam em suas aventuras com o argumento da emoção da adrenalina?

Entender as leis espirituais que dirigem todas as criaturas, nos coloca na rota segura da construção de elevados objetivos, atenuando as arbitrariedades e diminuindo os erros que cometemos.

Nunca estamos de posse de todos os termos do processo a fim de lançarmos uma sentença isenta de erros e que represente o mais elevado conceito de Justiça.

Para nossa leviandade, o sofrimento tem sido a cela onde temos que quitar os arroubos de nosso voluntarismo capenga. Se aprendermos, no entanto, a respeitar a vontade de Deus que pede que tudo façamos para que nossos semelhantes não sofram, que nos esforcemos para que as lágrimas sejam secadas, que ajudemos no limite de nossas forças fisicas e morais, entenderemos que a vida é mais bela do que o lucro que se consegue, do que o sorriso de nossos lábios sobre o coro dos que soluçam, do que os prazeres fugidios da vida conquistados ao preço da miséria de muitos.

A vida é a esteira luminosa que podemos deixar atrás de nós, pelos passos de bondade que efetivemos.

Nenhuma vantagem do mundo nos concederá a alegria da consciência tranquila, se essa não for obtida pelo bem que se realize.

Seremos atingidos pelos nossos atos, inflexivelmente.

A retidão no Bem pode nos causar algum sofrimento. No entanto, é uma dor com fundamento na bondade, uma dor transitória e nobre.

Buscar a ventura pessoal por nos associarmos com o mal, poderá nos dar alguma satisfação. Mas é um bem-estar com fundamento no egoísmo, na maldade, que haverá de se tornar uma dor perene e mesquinha, a persistir até o dia em que tenhamos coragem de devolver o que furtamos, de refazer o que destruímos, de reparar o mal que fizemos com o bem que venhamos a colocar em seu lugar.

Não sorria hoje à custa da lágrima de alguém.

Aprenda a chorar, agora, para que alguém possa sorrir.

Isso é mais duradouro em sua existência porque demonstra que você assimilou a bondade que Deus colocou em seu interior, autorizando-o a ganhar asas e elevar-se acima de um simples ser humano, colocando-se a caminho da angelitude. Nenhum de nós conseguirá fugir do progresso moral que nos espera. Pense nisso.

Viva isso.

40

LIÇÃO PARA LICÍNIO

Conquanto no dia seguinte, logo pela manhã, Marcus se empenhara em visitar os magistrados e as autoridades a fim de demonstrar seu interesse pessoal na condenação de Lélia, sem mencionar a ação de seu administrador que buscaria pleitear-lhe a liberdade, já que Marcus tinha receio de que toda esta história acabasse resvalando na direção de Serápis e de sua felicidade pessoal, Licínio, depois de passar todo o dia nas preparações da nova moradia, ao cair da noite dirigiu-se à pequena casa de Décio, local para os encontros dos novos adeptos do cristianismo nascente, em bairro mais afastado do centro principal da cidade suntuosa.

Naquela noite, apesar da pobreza do interior, as criaturas que lá se reuniam se encontravam envolvidas por um ambiente sobremaneira magnético, já que uma grande variedade de espíritos luminosos se achava acompanhando aquele modesto grupamento de crentes do Amor e da Verdade.

Muitos núcleos se erguiam nas casas modestas dos trabalhadores mais rudes e simples, que emprestavam seu suor e sangue para que o mármore pudesse estar na fachada dos prédios importantes. A humanidade, através da maioria de seus governantes, desde sempre, preferiu desprezar a importância dos homens para enaltecer a importância das pedras e dos prédios.

Injustiçados, famintos, feridos ou mortos, isso não fazia muita diferença aos que desejavam deixar seu nome imortalizado pela construção de pirâmides, mausoléus, templos, fóruns, etc.

Assim, a indiferença dos que governavam era pródiga em produzir infelizes, descontentes, e entre eles, a mensagem do Amor e da Verdade se expandia, pois ela edificava pessoas, não prédios.

Até os dias atuais, o conteúdo da Boa Nova edifica templos no íntimo das almas, desprezando o valor das convenções exteriores e de seus mármores recamados de ouro e púrpura.

Décio era modesto trabalhador braçal, a serviço da reconstrução de um dos templos mais importantes da nova administração de Adriano, prédio este que havia sido edificado em homenagem a Marco Agripa, o braço direito de Augusto, que fora o grande César da instauração da nova ordem entre os romanos, há mais de um século. O templo pequenino e algo avariado pela falta de zelo dos administradores posteriores, fora redesenhado na administração de Adriano e, sob o controle e fiscalização de Cláudio Rufus, estava sendo lentamente reerguido, ainda que mantida, na nova construção, a homenagem a Marco Agripa.

No fim de cada dia, o anônimo pedreiro que emprestava a sua força física nas tarefas gerais para as quais era designado, regressava ao lar e, continuando no anonimato de sua forma singela de viver, reunia-se com pessoas que desejavam conhecer a mensagem da Boa Nova, enfermos da alma que passavam o dia sendo explorados, feridos e considerados inferiores às pedras que carregavam.

Deste modo, um pequeno cortejo de criaturas irmanadas pelo sofrimento e desencanto com aquele estilo de viver, se mantinha fiel ao culto das Verdades que lhes falavam ao espírito, dando-lhes esperanças, ensinando a buscarem o caminho reto, a defender os princípios de Justiça e a fazerem todo o Bem que estivesse ao seu alcance, como sendo a única forma de viver de acordo com o ensinamento que prometia a felicidade ao espírito que assim se conduzisse.

No entanto, não oferecia a recompensa da felicidade na forma como sempre as pessoas esperavam. Não era uma recompensa imediata, uma que se pudesse medir em bens, vantagens materiais, interesses mesquinhos, sucesso pessoal, não!

A recompensa que a Boa Nova prometia, sempre levava as pessoas a desmaterializar suas intenções, eis que o projeto da Bondade apontava para a felicidade do espírito, o reino de Deus, o tesouro que se juntava nos céus, verdadeiros desafios aos interesses e à sinceridade de propósitos dos que, naqueles tempos tanto quanto nos dias atuais, pensam em fazer do caminho divino a escada dourada para ganhos materiais.

Lá estavam os conselhos que ordenavam ao sincero devoto que, mais do que esperar pela porta estreita do sacrifício, aconselhava que fizéssemos esforços para entrar por ela, porque muitos a procurariam para entrar e não o poderiam.

Tais exortações diretas naquele meio de criaturas que padeciam sob a desumana maneira de interpretar a vida por parte dos governantes e das castas mais abastadas dos romanos era o único refrigério que lhes balsamizava a esperança, motivo pelo qual, nas áreas mais pobres daquela cidade, inspirados pelos espetáculos sangrentos que se repetiam a cada período, mais e mais criaturas se candidatavam a se tornar os heróis da fé, ante os olhos atônitos dos gozadores do mundo, sempre fracos e tíbios para enfrentar tamanhos sacrifícios para passarem pela porta estreita.

Aos gozadores irônicos e falastrões, qualquer degrau do caminho é montanha intransponível, já que não exercitaram a vontade para as obras da coragem, do empenho da vontade. Os que aproveitam a vida não se fortificam ante os desafios do cotidiano e, assim, quando chegam para eles o momento da dor, do testemunho pessoal para o amadurecimento, parece-lhes que a vida perdeu o sentido, que as lutas são mais acerbas do que suas forças podem suportar.

Daí o conselho da Boa Nova ser perfeitamente entendível pelos sofridos daquela Roma, ao passo que aos mais acomodados em seus prazeres luxuosos e luxuriosos, uma tal filosofia não fazia sentido, devendo, antes, se combatida porque, no fundo, representava o golpe fatal contra o mundo que eles tanto preservavam, o estilo de vida que tanto lhes agradava.

Licínio estava na casa de Décio naquela noite memorável quando, depois dos cumprimentos fraternos, todos se puseram a escutar-lhe as palavras amigas e despidas de eufemismos.

Falava-lhe o coração como que tocado por luzes radiosas, envolvendo-o por completo.

Na penumbra do ambiente, doce claridade parecia envolvê-lo e, na modesta vivenda, a plêiade de entidades angelicais se congregava para fortificar os que ali se achavam.

- Irmãos queridos - falou Décio, ao iniciar a reunião - que o Divino Mestre nos ampare nos momentos difíceis que nos esperam.

De acordo com as determinações superiores, nos impõe enfrentar todos os testemunhos que visem a prova de nossa fé e, sem nenhuma dúvida, nos encontramos no local mesmo onde a antiga crença, fria e indiferente, partidarista e miserável, despreza as criaturas e enaltece as pedras.

Jesus fora um ser de carne e osso, vivo e dedicado aos vivos, curando os sofrentes, levantando os aflitos, amando os que choravam e, os que o buscassem com sinceridade, independentemente de sua condição, tinham acesso às verdades de seu coração luminoso.

Temos a honra de poder servi-lo no centro do mundo, no qual a flor perfumosa pretende plantar suas raízes, ainda que o solo seja de pedras pontudas e robustas, de lixo e de detritos morais.

É preciso quebrá-las com a força suave da gota d'água que, beijando a pedra, sem violência, suporta a sua superfície rígida e a escava, lentamente, até que a rompa.

Trabalhando com pedras todos os dias, observo que seu peso e sua natureza bruta as tornam incapazes de servir para muitas coisas. Se é boa para o alicerce dos prédios, para as paredes robustas, para colunas que sustentam o teto, ela é inadequada para cobrir, para se tornar o ponto mais alto de nossos edifícios.

Para estar mais próximo do céu, na função de proteger toda a construção, aprendemos a usar os materiais pobres e leves que vedam e garantem o isolamento, sem correr o risco de fazer ruir a obra.

Dessa maneira, seja de barro pobre, de madeira, de folhas secas, o certo é que tais materiais são preferidos, para o coroamento da obra, ao mármore que, no teto, jamais poderia estar.

Assim é o reino de Deus que se implanta na Terra.

Há os que compõe as cortes humanas com suas práticas faustosas e suas preocupações estéticas, os que escolhem as pedras da tirania, que elegem o mármore da imponência e da arrogância, os que edificam com ouro e materiais preciosos, os que erguem colunas brilhantes, aqueles que são ricos, pensadores luminosos reproduzindo os preconceitos que tanto lhes satisfazem ao íntimo indiferente.

Há os que são pedras do sentimento, os que servem de divisórias na função de organizar nossa sociedade, como pedras de paredes, há os que, ricos ou importantes, se ocupam em manter as suas concepções dominando o cenário do mundo horizontal onde se apoiam.

Todavia, nenhum deles conseguirá ser o escolhido para, no sentido vertical da vida, coroar a obra.

O coroamento da obra de Deus que Jesus veio inaugurar no Mundo, pertence à palha rejeitada, ao barro modesto, à madeira sem valor, materiais que, por suas características, poderão ser aqueles que se coloquem mais próximos do céu verdadeiro e emprestem seu valor à cobertura do edifício.

Daí, meus irmãos, como modestos seres na faustosa comunidade, não nos iludamos à espera de sucessos e ganhos que pouco nos ajudariam a entrar pela porta estreita. Imaginemos alguém carregado de objetos, todos eles preciosos a exigirem a guarda sob pena de se perderem do proprietário, furtados pela ambição dos que deles desejam se apossar, precisando passar por uma estreita abertura que só lhe permite o ingresso do próprio corpo.

Tentará passar carregado e não conseguirá.

Logo de imediato verá que, para entrar, precisa abdicar das coisas que leva. No entanto, ama tanto as coisas que carrega, que não deseja delas desfazer-se. O dilema que cria para si mesmo, em virtude de seu apego é muito grande. Não quer perder o que juntou, por receio de que outros se beneficiem com seus haveres e valores materiais e, ao mesmo tempo, não quer ficar fora da passagem, para cujo ingresso só pode levar o próprio ser, sem carregamentos estranhos à sua individualidade.

Estas são criaturas que são pedras marmóreas, requintadas e nobres, mas que não podem ser colocadas no teto do edifício porque desabariam lá do alto e se espatifariam no solo, além de arruinar toda a obra.

Assim, meus filhos, não nos iludamos pretendendo o reino das coisas materiais, pois o que é mais importante para servirmos de coroamento da obra de Deus, nós já possuímos.

Somos nada, somos pobres, somos criaturas desvalidas que o Senhor usará ao seu tempo para cobrir o seu edifício, já que perante o Sol escaldante, a noite fria, a chuva persistente, somos os únicos que temos a capacidade de proteger todos os ricos materiais que não suportariam os desgastes que nós enfrentamos.

Os mármores se corroeriam, perdendo o brilho, as obras suntuosas nos tecidos de luxo perderiam o viço e desbotariam, os adornos preciosos não agüentariam o calor abrasador do Sol e se romperiam, trincando.

Todos são luxuosos, mas são muito delicados ante os desafios. Somente os humildes e simples, enrijecidos ao sabor dos desafios, possuem as virtudes que os tornam capazes de estar na cumeeira da obra, servindo de cobertura preciosa na humildade de seus exemplos.

O Senhor nos convoca para esse trabalho.

A cobertura protegerá e ajudará os tolos materiais que se pensam importantes e essenciais, sem conseguirem perceber a própria fragilidade.

Não temamos nenhum desafio, procurando fazer sempre o melhor que nos couber, na singeleza da gota d'água que rola pela pedra dura até que a rocha se rompa.

A inspiração de Décio impressionava os ouvintes daquela convenção despretensiosa.

Ninguém ousara interromper o fluxo do raciocínio belo e envolvente, já que era o mundo espiritual que falava pelas suas palavras.

Ali, Zacarias envolvia o trabalhador amoroso e, usando-lhe as faculdades mediúnicas latentes, transmitia todo o poderoso influxo de otimismo e força aos que, massacrados todos os dias, à noite eram reconduzidos às paragens da fé pura e verdadeira, realçando-Ihes a importância naquela sociedade que os considerava tão inúteis.

Sobre eles, isso sim, Jesus edificaria o seu reino de Amor e Concórdia, reservando-lhes a honrosa tribuna do sacrifício, no alto da edificação.

Licínio se achava emocionado ante aquelas referências tão sublimes e, seu coração, inclinado a buscar o bem de Lélia, mais decidido se viu, depois que as palavras do espírito Zacarias o estimulavam a seguir no caminho da Verdade e do Bem, em favor de todos os outros.

Sim, pensava ele, não importa o que me custe, eu me esforçarei para entrar pela porta estreita, lutando pela libertação daquela que não teve culpa no crime e que está sendo usada para livrar os verdadeiros responsáveis pelo delito.

Seus pensamentos foram cortados pelas últimas reflexões espirituais de Zacarias, através de Décio.

- Nossos passos estarão no caminho do Senhor que nos amparará sempre nas horas de dificuldade que se aproximam. Perseguições, injustiças, mentiras e morte são incapazes de mudar a natureza daquele que já está preparado para ser o material precioso nas mãos do sublime carpinteiro.

Estejamos todos com a fé no coração e a confiança em Deus pois, como sabemos, a ignorância pensa que matando os bondosos é capaz de matar a bondade. Estaremos sempre ao lado de todos, fortalecendo seus testemunhos e seus exemplos que, na dimensão da Boa Nova, representarão a cobertura do edifício sobre esta grande comunidade sofrida e faminta, toda vestida de púrpura e ouro, diante de uma grande mesa de banquete absolutamente vazia.

Assim são nossos irmãos neste ambiente.

Ricos comensais de um banquete que não tem nenhum prato disponível para saciar-lhes a fome.

A fome do Amor, da Esperança, da Paz nos corações eles saciarão com os exemplos de todos vocês e, quando entenderem isso, deixarão os bens preciosos que carregam para poderem passar pela porta estreita que vocês já conhecem e já cruzaram.

Orem sempre e estejam sempre ligados ao mundo invisível pela confiança e pela sinceridade.

Aqueles que desejarem trocar as coisas do Céu pelas coisas do Mundo poderão fazê-lo, mas estejam certos, se arrependerão amargamente.

Que a Paz do Divino Mestre os abençoe!

Era o fim da exortação evangélica que, todas as noites de reunião, acontecia para o preenchimento do coração.

Os que não podiam permanecer logo depois dessa parte se despediam e partiam, ocultos pelo manto noturno, já que residiam mais longe e precisavam recolher-se.

Alguns outros permaneciam por mais tempo, a fim de conversarem entre si e ouvir as opiniões inspiradas de Décio já que, isso era evidente, naqueles momentos ele era tocado por uma inspiração sublime que tornava patente não ser ele quem falava e sim a sabedoria de entidades enviadas por Jesus, como era o caso de Zacarias, Simão, Lívia, Abigail, Jeziel, Josué, Simeão, Paulo, Ananias, João de Cléofas, entre outros diretamente ligados à edificação cristã no mundo.

Licínio acercou-se de Décio assim que o permitiram as condições e perguntou, discreto:

- Querido irmão, as exortações desta noite se referem a sofrimentos coletivos ou a sofrimentos individuais como o testemunho que devamos enfrentar?

- Bem, meu filho, a obra divina não despreza a ninguém. Muitos esperam o martírio coletivo no circo imaginando que ali encontrarão a única maneira de servirem à obra e, no entanto, desprezam cada oportunidade de sacrifício diário, de demonstração da própria fé sincera no devotamento verdadeiro perante aqueles que os cercam.

A porta estreita não se localiza nos umbrais do circo repleto de espectadores. Ela se estabelece ao nosso redor primeiro, testando nossa pequena capacidade de renúncia diária, propiciando-nos o treino indispensável de nossas virtudes para que, um dia, se estivermos preparados para tanto, sejamos conduzidos perante as feras ou os postes do martírio sob o apupo e a humilhação pública como o coroamento de nossa escolha sincera e repetida.

Nossos testemunhos são de todos os dias e nossos sofrimentos pessoais são as moedas humildes que, juntadas uma à outra, se convertem no tesouro cobiçado que pode inspirar grandes coisas.

Pense bem. Se tivermos apenas uma moeda, sobre ela não colocaremos o peso de ideais grandiosos. Todavia, se guardarmos uma junto à outra, todas pobrezinhas e sem valor, vão ganhando importância coletiva, juntando-se cada modesta representação de valor até que, um dia, reunidas, formarão o avantajado manancial de recursos que nos poderão financiar a construção do ideal. Elas, individualmente, continuam "Sendo pequenas e pobres na sua representação de riqueza. Todavia, reunidas, somam muito e se transformam em fonte de inspiração aos idealistas e de motivo de crime aos ladrões preguiçosos que não desejaram juntar, por sua vez, moeda sobre moeda.

Assim acontece com os nossos desafios e sofrimentos, pequenos testemunhos de cada dia. Isolados, podem parecer possuir ínfimo valor. Todavia, reunidos sob o controle do mesmo indivíduo que, constantemente arquiva um a um, se transformam num patrimônio que os tornam o tesouro de Deus, a fim de ser digno de grandes coisas. Por isso, a obra do Bem não pode prescindir dos que já aprenderam a testemunhar nas pequenas coisas, pois são os únicos que são capazes de enfrentar os grandes testemunhos sem fugir deles.

Todo aquele que for fiel no pouco, o Senhor o constituirá sobre muitas coisas. Esse é o ensinamento do Mestre, na parábola das moedas, representando nossos talentos e nossas disposições para multiplicar o bem a partir de pouca coisa.

Pensando sobre aquelas respostas tão profundas e verdadeiras, Licínio comentou:

- Mas não há, entre os que são devorados pelas feras, aqueles que ainda não foram capazes de aprofundar o ensinamento através das renúncias diárias?

- Sim, meu filho, eles podem estar. No entanto, basta que estejam ao lado de um que se mantenha fiel e corajoso ante o sacrifício, ali encontrarão o exemplo a ser seguido na hora da dificuldade inafastável. Conta-se que os primeiros cristãos que foram devorados ao tempo de Nero, quando estavam unidos no meio da arena, sem qualquer arma, sem qualquer defesa, começaram a cantar e o cântico elevou-se no ar como se todo o circo máximo pudesse escutar as suas vozes. No cântico encontraram forças para o testemunho, mas entre os que tremiam e tinham medo, alguns heróis anônimos sustentaram o desafio, e isso ensinou os outros a serem corajosos.

O momento do desafio e do testemunho para uns pode ser momento de aprendizado para outros que aí comparecerão sempre com mais medo e fragilidade do que aqueles que já foram testados várias vezes e já aprenderam a ser fortaleza pela fé que carregam.

Estes são os irmãos mais velhos e experientes. Aqueles são os irmãos mais novos e despreparados, que irão sendo ensinados pelo contato com os mais capacitados.

Licínio sentia-se reconfortado ante aquelas explicações. Antes de despedir-se, naquela noite, perguntou por fim:

- Pelo que foi dito aqui, querido irmão, devemos esperar o testemunho das tragédias coletivas ou nos preocuparmos com os testemunhos individuais? Este foi um aviso preventivo para os sofrimentos do circo?

- Quanto a isso, meu filho, devemos estar sempre preparados, já que o Cristo não iludiu a ninguém. Se para ele reservaram a cruz e o sacrifício, por que seria diferente para nós? Aliás, falando sobre isso, Jesus se manifesta, claramente, dizendo: "Se isso fizeram ao lenho seco, imaginem o que não farão ao lenho verde?" Ele era o lenho seco, firme, rijo, maduro e preparado, enquanto que nós éramos e somos o lenho verde, frágil, imaturo, mole e flexível.

- Não esperemos privilégios nem favores e, por isso, não devemos ficar no aguardo, apenas, do martirológio público, o que pode representar, igualmente, o exercício de nossa vaidade. Se formos fiel em pouca coisa e suportarmos o testemunho da dor nas moedas pobres das alfinetadas de cada hora, ajuntaremos um tesouro com o qual poderemos adquirir a honrosa posição de sermos submetidos ao martírio público como sendo aquele que não treme diante do testemunho maior por ter se fortalecido ao contato diário do sofrimento menor.

Fujamos dos desafios grandiosos se ainda não aprendemos a ser fiéis cumpridores da vontade de Deus nos desafios simples. Entrar no circo para correr das feras, para suplicar a César o seu perdão, ou para renegar nossa fé por medo da morte será suprema vergonha e um atestado de nossa fraqueza, como os gozadores da vida que têm medo da adversidade e tudo são capazes de entregar para preservar os bens materiais na hora de passar pela porta estreita.

Preparemo-nos para cantar hosanas a Deus diante das feras, sejam elas os bichos ou os homens, pois nenhum deles se compadecerá das demonstrações de fraqueza que dermos ante seus olhos.

Com tal resposta, Licínio se deu por satisfeito nas dúvidas que lhe avassalavam o espírito. Sim, deveria tudo fazer para testemunhar a própria fé perante os problemas que lhe cabiam resolver. Não tinha mais nenhuma dúvida. Agradecido, beijou as mãos daquele homem valoroso e despediu-se.

Chegou ao palácio onde não encontrou mais ninguém acordado, a não ser Marcus, que mantinha acesa a luz dos próprios aposentos.

Arriscou solicitar-lhe uma entrevista pessoal naquelas horas.

Recebido com a distinção de sempre, Licínio passou a informar ao amigo as medidas que já havia adotado naquele dia para que tudo estivesse a contento para a mudança.

- Já está tudo encaminhado, meu senhor, e acredito que na tarde de amanhã, Serápis já poderá estar na nova morada, dependendo, o restante, de sua deliberação para que Lúcia lhe seja encaminhada, no sigilo que ficou combinado.

- Pois bem, meu amigo. Eu lhe agradeço o empenho na solução deste caso e, assim, depois que Serápis for transferida, imediatamente sairei em viagem com Lúcia e alguns servos de minha confiança, a fim de que todos imaginem que irei levar a filha a parentes distantes, como dissemos que faríamos. Ficarei fora um tempo significativo para que isso corrobore a ideia de viagem mais longa e, depois, encaminharei Lúcia até os braços de Serápis já que, para bem de todos nós, estaremos nos afinizando como se fôssemos uma única família, como, aliás, pretendo que o sejamos um dia.

- Está correto, Marcus. Creio que, assim, tudo se arrumará adequadamente.

- Então, espero os seus auspiciosos esforços para a transferência discreta de Serápis.

Encaminhando para o encerramento a palestra, Licínio agradeceu-lhe a confiança e, antes de sair, solicitou-lhe, lembrando-se de Lélia:

- Senhor, como combinamos, gostaria de solicitar-lhe um documento qualquer que me autorizasse a pleitear o benefício em favor de Lélia. Ainda que não seja uma carta de clemência que possa comprometer a sua seriedade perante as autoridades, ao menos uma referência à minha pessoa como autorizado a estar perante os juízes a fim de acompanhar o processo de Lélia e buscar recursos para ajudá-la como ser humano necessitado.

Fingindo-se surpreendido favoravelmente, Marcus respondeu:

- Ah! É verdade que conversamos sobre esse assunto, no dia de ontem. Sim, amanhã, logo pela manhã, passe por aqui que terei escrito o documento que, reafirmo, não poderá pedir a liberdade da serva, mas apenas, reconhecerá você como alguém de minha confiança tentando ajudar uma criatura necessitada, autorizado a realizar o que for necessário para diminuir-lhe a penalidade.

- Isso mesmo, Marcus. Somente isso já me auxiliará a procurar magistrados e autoridades.

E assim ficaram combinados os dois, sem que Licínio supusesse que, naquele mesmo dia Marcus já tinha procurado as mesmas autoridades e magistrados com a finalidade de dificultar, senão impedir, qualquer benefício a Lélia que, segundo seus errôneos equívocos, era mais útil morta do que viva.

O dia seguinte prometeria grandes tarefas para Licínio, fosse com a mudança secreta de Serápis, que se afastou do palácio sob a justificativa de viajar antes do patrão para o preparo das coisas junto aos parentes distantes, fosse com os primeiros esforços para o auxílio de Lélia que, depois da conversa com Décio passara a ser aquele testemunho pequenino seu, no empenho de sua alma em proteger uma inocente criatura que, na verdade, estava sendo punida por algo que não tinha, efetivamente, realizado com a vontade de matar.

Tão logo foi determinada e efetivada a mudança de Serápis, que a tudo se deixou conduzir sem protestos, Marcus informou a todos de sua viagem com Lúcia, sem especificar o destino que tomaria, alertando-os que ficaria um bom tempo fora de Roma.

Assim, relegara o controle de tudo a Licínio que, também naquele dia, despedira-se de Marcus Cornélius com a certeza de que, com sua ausência, tudo poderia correr mais facilmente no ambiente romano em favor de Lélia.

Era a esperança do idealista que não via o mal contra o qual teria que lutar.

Isso porque, no dia anterior, quando Marcus visitara os juizes e os mais importantes responsáveis pela condenação de Lélia, deixara-lhes valiosos presentes como forma de comprar-lhes o rigor, alegando sempre a honra ferida do marido enviuvado por culpa da empregada. Era o dinheiro comprando as consciências, os interesses comercializando a dignidade humana, a riqueza comprando as dores para todos os envolvidos.

E, na contramão dessa maré de iniquidades, estava Licínio, lutando apenas com sua integridade, com suas poucas riquezas, no valor e na coragem de dar testemunho do Bem que trazia no coração, depois de tudo ter suportado nos anos de testemunhos a que fora submetido.

Lutaria pela proteção da inocente, como se aquela humilde serva fosse o próprio Jesus ante os seus julgadores venais, os seus condenadores precipitados, os seus executores maldosos. Já não era mais apenas Lélia que ele pretendia amparar. Para ele, Lélia era Jesus e a Humanidade inteira.

Afinal, com Décio ele havia aprendido aquilo que o Messias houvera afirmado: "toda vez que visitaste o enfermo, que deste de comer ao faminto, que foste ver o que estava preso e que fizeste boas coisas ao menor de meus irmãos, foi a Mim mesmo que o fizeste."

41

FELICIDADE AO BEM

No dia imediato, logo que se desincumbiu das obrigações que lhe cabiam, sobretudo agora que Marcus tinha se ausentado da cidade, conforme os planos para o estabelecimento de Serápis e a entrega da filha Lúcia aos seus cuidados, Licínio tratou de avistar-se com as autoridades responsáveis pelo processo e julgamento de Lélia.

Com a apresentação da carta assinada por seu senhor Marcus, não foi difícil chegar ao responsável pela condução das investigações que, naquele tempo padeciam de vícios mais graves do que os que, na atualidade, dificultam a aplicação da lei na realização da Justiça.

Inúmeras circunstâncias interferiam no processo decisório, sendo certo que a influência do dinheiro e dos interesses políticos poderia produzir a morte ou o livramento de qualquer um, do dia para a noite.

Ante o juiz Sérvio Túlio, Licínio, reverente, ofereceu-lhe a missiva de Marcus a fim de que lhe servisse de intróito.

Pouco amistoso desde o início, como autoridade acostumada a ser procurada por todo o tipo de solicitação, como o todo-poderoso que tem em suas mãos a capacidade de julgar, decidindo o destino conforme seu caprichoso ponto de vista, o magistrado pouco valor atribuiu ao conteúdo do documento, demonstrando a pouca vontade que tinha em perder tempo com Licínio.

- Sim, meu senhor, sua presença aqui é motivada por qual circunstância? - perguntou o juiz Sérvio.

- Venho, atendendo a apelo da consciência, solicitar seus auspícios para uma jovem serva que se encontra retida no calabouço, acusada de ter envenenado a esposa de meu senhor, a senhora Druzila, há pouco tempo.

- Ah! Sim. Um crime horroroso, vil, que demonstra o pouco valor da vida humana nos meios onde nos encontramos - falou Sérvio, demonstrando o seu juízo antecipado.

- É verdade, nobre magistrado. No entanto, venho comunicar-lhe que pairam dúvidas muito profundas sobre a responsabilidade da jovem, eis que, segundo novas observações, é muito provável que a senhora Druzila tenha, na verdade, ingerido veneno por vontade própria e deliberada.

- Como assim, senhor Licínio?

- Sim, magistrado, conforme analisamos os fatos, a senhora Druzila estava passando por crises sucessivas de desequilíbrio, desde o nascimento da filha e, como nossas suspeitas têm demonstrado, pairam significativas dúvidas sobre a culpa da pobre serva que, desde o primeiro momento, nega a sua participação no referido ato.

- A senhora Druzila deixou algum documento, alguma carta, algum escrito dizendo de sua escolha pelo suicídio?

- Não que me conste, ilustre juiz.

- Há alguma testemunha que tenha visto a senhora colocar o veneno na água que ingeriu?

- Também não, já que Lélia era a serva de sua confiança e a que estava com ela no momento crucial.

- Então, meu senhor, se não há nenhuma prova ou indício forte de que a própria morta resolveu tirar a vida que possuía, não há nenhuma modificação nos pontos principais do processo que tenho bem claros em minha mente, sobretudo porque a família Cornélius é deveras conhecida e reverenciada em nosso meio. Contra a serva todos os pontos concorrem para a condenação.

Sem pretender ofender as convicções do magistrado, Licínio perguntou, a fim de que se situasse melhor ante as peculiaridades do andamento daquele processo:

- Meu nobre senhor, ante a minha ignorância nas questões legais, solicito que me esclareça a que tipo de penalidade está exposta a jovem Lélia.

- Bem, há diversas variantes de punição para um servo. Desde o castigo físico, a manutenção no cárcere, o exílio, os trabalhos forçados até a morte.

Pelas peculiaridades do feito, a gravidade do gesto, a importância da vítima, a sua condição de senhora confiada aos cuidados da serva infiel, o seu relativamente recente estado maternal, o meio cruel utilizado pela assassina, as condições em que foi praticado o delito, a existência do frasco de veneno nos pertences da ré, o reconhecimento por parte dela de que o mesmo se encontrava sob sua guarda, a afirmativa de outra serva de que a criminosa lhe havia oferecido o mesmo líquido, pouco tempo antes, etc, tudo isso, para a minha capacidade de observação, indica que, se nenhuma outra prova mais robusta surgir para livrá-la de tal sentença, será condenada à morte no circo.

Assustado com a determinação do juiz em aplicar-lhe a pena máxima, conforme os esforços anteriores de Marcus, a lhe inocular no espírito a profunda repulsa pela conduta da serva e solicitar-lhe a sentença que correspondesse ao desagravo do marido ferido pelo gesto da serva tida como criminosa, Licínio, que de nada suspeitava, indagou:

- Mas, nobre senhor, não é possível encontrar um motivo para que a jovem tivesse tirado a vida da senhora, sem ter providenciado a própria fuga do local, o que seria de se esperar.

- Bem, meu senhor, ante tantas provas, isso se perde no mistério que representa a alma humana, muitas vezes realizando coisas inexplicáveis, para as quais nem a maior experiência na compreensão do insondável é capaz de levantar o véu que oculta os segredos do espírito determinado em produzir o mal. A jovem pode ter sido movida pela inveja, já que Druzila tinha um estilo de vida invejável, pelo ciúme, já que a serva poderia ter se sentido preterida na atenção da senhora, pela cobiça, no desejo de subtrair algum bem valioso e não ser descoberta pela patroa, pela vingança, já que a falecida era mulher de trato difícil e pode ter ferido o sentimento da empregada, e por aí vamos...

Sentindo que o magistrado era frio na análise das coisas, Licínio exasperou-se ante a possibilidade de Lélia ser condenada, ainda mais por saber que não poderia revelar que o marido da vítima e outra serva estavam envolvidos amorosamente, sendo que tal envolvimento tinha chegado ao ponto da gravidez de Serápis, fatores poderosos para levantar profundas dúvidas sobre os motivos de Lélia, mas que lançariam fortes suspeitas sobre a conduta de Serápis e a conivência de Marcus, ambos os maiores beneficiados com a morte de Druzila.

Tentando ser mais incisivo sem ser rude, diante das sensibilidades delicadas da autoridade judiciária, Licínio indagou:

- Não há, então, nobre magistrado, qualquer coisa que se possa fazer para livrar essa jovem que, a toda evidência, não tinha qualquer motivo imediato e confirmado para praticar o crime de um destino tão nefando?

- Não me parece possível que tal se dê, a não ser que alguma outra prova muito forte possa surgir demonstrando que não foi a jovem que praticou o delito. Se isso não acontecer, no devido tempo ela será conduzida à arena onde as chamas a irão crestar ou as feras se deliciarão com suas carnes.

Com aquela informação direta, Sérvio Túlio levantou-se, dando por encerrada a audiência com Licínio que, aflito, apresentou suas reverências ante a autoridade e se deixou conduzir para fora do recinto, ganhando a rua.

Sua cabeça ardia e seu coração estava apreensivo.

Precisava ajudar a jovem, a fim de que não tivesse que enfrentar tão amargo destino.

Buscaria mais detalhes para apresentar ante o magistrado, tentaria conversar com outros servos, iria visitar outras autoridades para tentar interceder em seu favor. Tinha pouco tempo para conseguir alterar o rumo das coisas.

Enquanto isso, no ambiente das licenciosidades de Marcus, agora transformado em agradável vivenda para a jovem Serápis, a serva se mantinha no desenvolvimento natural da gravidez. O ventre se dilatava a olhos vistos, de maneira célere, produzindo nela os mais amargurosos efeitos e obrigando-a a permanecer o maior tempo possível sentada.

Com a gestação avançando, ainda que lhe faltassem alguns meses para o parto, o estado físico de Serápis era muito diferente daquele que Druzila apresentou quando do nascimento de Lúcia.

Isso se dava porque, em realidade, ela não seria mãe de uma, mas sim, de duas crianças, o que causava um avantajado crescimento ventral, além das naturais complicações no equilíbrio físico e emocional.

Marcus estava ausente e logo mais traria a pequena Lúcia para integrar a família, além de providenciar serva confiável para os cuidados prévios, bem como os zelos posteriores ao parto.

Em seu espírito, Serápis trazia a apreensão aumentada a cada dia em que as ligações dos espíritos renascentes se estreitavam. Em seus sonhos, havia sempre a presença de duas criaturas, ao invés de uma só. Ela não entendia o motivo de tal conflito, pois nunca lhe passara pela cabeça a possibilidade de ser mãe de gêmeos.

Além do mais, seu coração se exasperava, porque ela nutria sentimentos confusos em relação aos dois espectros que a visitavam nos momentos de repouso.

Ambos surgiam aos seus olhos e lhe infundiam medo e atração, simultaneamente.

Uma mistura de ansiedade, de ódio, de excitação, de pavor, iam tornando complexos os dias de Serápis, incapaz de avaliar o motivo daquele sentimento.

Atribuía tais reações ao avanço da gestação, às apreensões quanto ao futuro com Marcus, ao desejo firme de não se deixar levar na conversa pelo futuro pai, na tentativa de afastá-la do meio suntuoso onde pretendia criar o filho que carregava no âmago do ser.

Seu sonho haveria de se concretizar. Iria habitar aquele palácio e dormir na cama de Druzila, para vingança saborosa de todos os momentos difíceis porque passara, de todas as humilhações que tivera de engolir.

Os pensamentos da futura mãe saltavam desordenados, de um assunto que a abatia para outro que a estimulava.

Ao seu lado, inúmeros espíritos inferiores se postavam buscando influenciar-lhe os sentimentos e pensamentos, muitos deles desejando a vingança por tudo o que sofreram nas mãos dela, ou daqueles que, agora, lhe chegariam na condição de filhos.

Uma verdadeira nuvem plúmbea se lançava à sua volta, só vencida pela atmosfera maternal que era sustentada por espíritos valorosos e devotados ao sentimento de Amor puro e que, com o sacrifício de suas energias, ali se mantinham como sentinelas, a fim de garantirem o prosseguimento do processo reencarnatório, vigiando contra quaisquer acidentes.

Ao lado deles, Lívia e os demais espíritos amigos acompanhavam a evolução embriogênica, envolvendo Serápis nas forças calmantes, buscando isolá-la dos ataques inferiores, todos decorrentes da semeadura amarga que houvera sido feita por eles em seu passado recente, naquela que fora uma encarnação perdida nos desmandos e no abuso dos recursos da Providência Divina.

Se não houvesse tal amparo direto das entidades sentinelas e das outras, tutoras da evolução daquelas almas endividadas, fatalmente não chegaria a bom termo o processo reencarnatório e, seguramente, Serápis seria vitimada por alucinações tais que, muito provavelmente seria conduzida à loucura, já que, apesar de tudo ter sido organizado pelo mundo espiritual para que ela alterasse sua conduta, aprendendo a desenvolver a humildade na condição servil, escolhera trilhar as mesmas estradas da ambição desmedida, resolvendo fazer seus próprios caminhos ao invés de trilhar os que Deus lhe oferecia.

Com isso, tinha assassinado Druzila, ainda que de maneira não deliberada, cuja morte lhe produzira satisfação íntima e para cujo sofrimento cruel não oferecera nenhum sentimento de compaixão, nenhuma oração de alento.

Ante os estertores de Druzila, Serápis sentira especial prazer, como aquele que sente a vítima diante das dores de seu algoz, incapaz de superar os antagonismos e oferecer algo de nobre para o conforto daquela alma que partia.

Depois disso, sabendo que fora ela quem produzira o envenenamento, ainda que sem tê-lo desejado, lançou suspeitas sobre Lélia, dando as orientações para que fosse descoberto entre seus objetos pessoais, o frasco de veneno cujo conteúdo fora usado para produzir aquele efeito mórbido.

Sabia que a serva acusada era inocente. No entanto, novamente, estava se sentindo feliz e vingada por toda perseguição que a própria Lélia lhe dedicava, através de mentiras e venenosas insinuações, junto de Druzila.

Mais ainda, pretendia agir de maneira a pressionar Marcus a fim de que a colocasse no centro de seu mundo, como a predileta no palácio cobiçado, ocasião em que mandaria em todos os empregados e se tornaria outra Druzila, caprichosa, arrogante e indiferente aos sentimentos alheios.

Com tais ideias inferiores, Serápis não reunia a seu favor qualquer requisito que lhe permitisse uma melhora no nível de vibrações, afastando de seu caminho aqueles espíritos que pediam vingança.

A chusma de entidades poluía o ambiente de sua vivenda confortável, piorando-lhe o estado de ânimo, ainda que não tivessem acesso direto sobre ela, protegida pela tarefa maternal, como escudo luminoso a ocultar a megera criatura em face da nobreza de sua função.

Entre tais entidades, a desequilibrada Druzila se postava, em espírito, alienada de tudo, desejando, apenas, vingar-se daquela mulher insuportável, inteirando-se de sua condição de desencarnada, revoltou-se com a perda da posição no mundo material, mas, de maneira alguma, daria por perdida a batalha, sobretudo quando a outra oponente era Serápis.

No entanto, sua revolta ampliou-se ainda mais quando percebeu que a serva estava grávida e que sobre ela a proteção luminosa se estendia, impedindo seu acesso direto.

Identificara, pelas palavras, conversas e pensamentos, que Serápis e seu antigo esposo tinham tido uma vida íntima, descobrindo que a gravidez houvera sido originada de seus encontros clandestinos.

Nova onda de vibrações odientas originou-se ante a constatação de tal situação.

Marcus nos braços de Serápis, carregando em seu colo paternal o fruto dessa união ilícita...- isso representava ácido no espírito da ex-esposa.

Com seu sentimento odioso ampliado, Druzila passou a organizar as entidades, alegando direitos de perseguição maiores do que o dos demais.

Não lhe bastava ser, ela própria, perseguida pelos que lhe cobravam os males recebidos. Submeter-se-ia facilmente aos seus perseguidores, mas com a condição de que atacassem Serápis também, já que ela era a mulher mais odiada que encontrara em seu caminho.

Para sua surpresa, muitos dos seus obsessores cruéis eram comparsas de Serápis, enquanto que outros odiavam a ambas com igual sentimento, o que fazia com que se engajassem naquele turbilhão de vingança, ampliando o número dos nefastos espíritos, sedentos de revide como maneira equivocada de reconquistarem a própria felicidade.

Em verdade, naquele ambiente se congregavam as duas almas que se haviam comprometido reciprocamente, quando de sua última vida na matéria, ao tempo do reinado de Tibério. Serápis era a mesma Fúlvia, arrogante, depravada, traidora, enquanto que Druzila lhe fora a filha Aurélia, aprendiz de suas maldades e ampliadora de sua perversão, aplicando todo o seu talento na realização de maiores diatribes do que sua mãe, tendo chegado, como já se descreveu no início desta história, a envenenar a genitora, no leito de agonia, auxiliando o trabalho dos tumores que corroíam o organismo de Fúlvia e que se preparava para confessar os maiores delitos ocultos de Aurélia ao generoso marido Emiliano.

Agora, na nova existência, haviam sido conduzidas a uma vida comum sob o mesmo teto, a fim de que pudessem retomar a convivência e iniciar o conserto de seus erros. No entanto, como Serápis e Druzila, agora, preferiram manter o antigo antagonismo, alimentando os antigos ódios e desprezando as advertências do bem que nunca lhes faltaram para que enfrentassem os novos desafios e aceitassem estender a mão uma para a outra.

Esse era o efeito natural das escolhas livres que cada um faz para si mesmo.

Enquanto não aprender a escolher o Bem e somente o Bem para balizar sua conduta, o ser humano estará vinculado à lágrima e ao espinho que espalhou ao seu redor.

Era o que acontecia com Druzila e Serápis.

Vítimas de suas próprias construções, cabia-lhes, então, recolher os cacos de seus sonhos despedaçados e recomeçar a jornada.

Marcus, distante, demandara o mesmo rincão para onde havia enviado a esposa, tempos atrás, carregando seus servos pessoais e a pequena Lúcia que, em contato com o genitor, produzia nele agradáveis sensações até então não experimentadas.

Havia sido, até ali, um ilustre estranho no caminho de Lúcia. No entanto, as ocorrências das últimas semanas haviam tornado mais amena a sua avaliação das circunstâncias e, a partir daí, com a felicidade a bater-lhe à porta em virtude da reunião de tantas ocorrências favoráveis, a começar pela paixão por Serápis, passando pela sua gravidez, pela morte da mulher, pela possibilidade de se unir, no futuro, à mulher amada, tudo isso havia modificado o espírito taciturno e infeliz de Marcus, levando-o a sentir até mesmo sincera vontade de acercar-se da pequena criança que já começava a dar os primeiros passos.

A companhia da criança, ainda que fosse filha da malfadada esposa, não lhe trazia à lembrança a figura da mulher odiada e, sim, as perspectivas de uma nova família, tendo Serápis por centro e os filhos a rodearem-nos, como estrelas do firmamento em seu coração que, finalmente, poderia abrir-se para a ventura e para a satisfação de viver.

Estava projetando a volta a Roma para breves dias, aproveitando a sua estadia na propriedade rural para melhor inteirar-se de seu estado, organizando-lhe os negócios, tomando pé da situação dos bens que, fatalmente, acabariam transferidos ao filho varão que, estava certo, aguardaria para breve.

Tinha ímpetos de regressar rápido, mas não desejava romper com os planos acertados além do fato de desejar que Lélia já tivesse sido executada, conforme lhe havia assegurado o juiz Sérvio Túlio, quando de sua entrevista com o magistrado, do qual escutara o compromisso que, no mais tardar em dois meses, Lélia seria encaminhada para o suplício, quando se realizariam as intermináveis festas conhecidas por sua exuberância e pelas inúmeras execuções de condenados e de cristãos aprisionados, para a alegria do povo inconsequente.

Desejava, por isso, estar ausente de Roma no momento em que a jovem fosse sacrificada.

Assim, isso motivou também o afastamento do jovem genitor da cidade, já que, no fundo, a consciência também lhe apontava para a possibilidade de Lélia ser inocente.

Não gostava de pensar nesse assunto, já que as suspeitas resvalariam para Serápis e isso iria empalidecer sua felicidade e seus planos para o futuro.

Que Lélia pagasse o preço por sua ingenuidade e tolice. Ela era apenas uma serva no meio de tantas outras.

Era assim que os poderosos avaliavam o peso de uma vida no cenário do mundo cruel e frio.

No entanto, para o Amor Divino, cada ser possui o seu valor inalienável, esteja mergulhado no lodo do crime ou assentado sobre o mais elevado trono de virtudes.

Todas as criaturas são oriundas da mesma fonte soberana e embebidas nas mesmas celestes vibrações, donde se pode entender que, para Deus, todos os seres são dignos de sua proteção.

Haverá os mais imaturos e inexperientes, como os mais avançados e dedicados no aprendizado das Leis Universais. Todavia, para todos estão abertas as portas da compaixão e da oportunidade de aprender novas lições, repetindo as que foram mal conduzidas, através da generosa concessão das muitas existências.

E ainda que as pessoas pensem que o regresso à vida material será um novo desafio que as conduzirá aos mesmos erros, isto é apenas a visão limitada da ignorância que habita em cada um de nós, já que cada nova reencarnação apresenta nuanças específicas que a possibilitarão aos espíritos comprometidos aprimorarem-se em áreas de seu desenvolvimento espiritual, ainda que voltem a cometer erros semelhantes em outros setores de experiência.

Além do mais, não é apenas através do sofrimento que se abrem as portas do crescimento e da evolução espiritual.

Notadamente é através do Bem que se canalizam as possibilidades evolutivas. Uma nova jornada física possibilitará que novas condutas generosas sejam estabelecidas, novas fontes de sementes férteis sejam descerradas e, apesar dos erros, outras flores surjam no trajeto do espírito que renasce.

Não devemos nos esquecer que, no pendão verde que sustenta a rosa perfumada, os espinhos apareceram antes do que a flor esbelta e linda.

No entanto, não há quem não se anime em enfrentar o desafio dos espinhos a fim de poder colher a beleza inspiradora da rosa.

O estágio desses espíritos, como se pode ver, pedia mais dilatada etapa de sofrimento e espinhos até que florescessem, luminosos.

No entanto, dentre todos estes personagens, alguns já começavam a atingir o estágio da rosa, vencendo seus próprios espinhos.

Esse era Licínio, no devotamento que lhe pedia o esforço do Bem em favor dos injustiçados, o respeito no trato com os servos tidos por inferiores, a fidelidade aos compromissos e a gratidão ao Amor recebido, que o levavam a manter-se leal ao amigo Marcus, resistindo aos ataques de sua esposa, além de aprender a renunciar ao sonho de felicidade nos braços da serva que não pretendia outra coisa que não o sucesso do mundo material, na companhia de alguém mais poderoso do que ele, um simples administrador subalterno.

Sim, lá estava Licínio, ensinando com seu exemplo silencioso o caminho reto que leva o espírito, através dos próprios espinhos, até a eclosão dos botões das virtudes que florescem para os que as cultivam com idealismo e fortaleza de vontade.

Enquanto todos cuidavam de suas vidas, Licínio se preocupava com a vida de uma humilde serva, cuja inocência ele entrevia pelos contornos delicados e sutis das circunstâncias, mas que, por mais que fizesse, não conseguia reunir provas capazes de modificar-lhe a trajetória do destino.

Visitara autoridades indiferentes, políticos que podiam influenciar o julgamento, nobres enfatuados que sequer se animavam a escutá-lo.

Buscou entre os servos algum testemunho que pudesse ser levantado em favor de Lélia, alguém que tivesse ouvido Druzila queixar-se da vida, falado em morrer, alguém que concordasse em testemunhar para que uma vida fosse poupada naquele moedor de carne humana mais humilde que representava o poder romano.

O tempo passava e suas oportunidades diminuíam.

Por todos os lados, má vontade.

Em todas as portas, a indiferença para com o destino de um ser humano.

Lembrava-se de Jesus, na noite que antecedeu o seu martírio. Afigura do Mestre sendo levado de um lado para outro, injustamente tratado, infelicitado pela ignorância e arrogância dos ditos poderosos.

Sua fome de afeto, no abandono dos entes mais amados, seu silêncio recusando defender-se ante as acusações sem fundamento, a aniquilar a legalidade daquele julgamento e fazer pesar sobre a consciência das futuras gerações o peso da injustiça que envergonha pela sua infâmia, pela sua crueldade e pelo seu cinismo oportunista.

Lembrou-se de Pilatos, cuja tradição religiosa assinalava como o poderoso romano que lavara as mãos no momento mais importante de sua vida, tentando limpar-se daquela condenação que ele, efetivamente, considerava injusta, ao declarar que não via crime naquele homem. Sua condição de poder e capacidade militar como representante do maior império da Terra não foi capaz de impedir que um simples mendigo fosse crucificado cruelmente.

Que tipo de poder era esse?

Que capacidade possuía o ser humano diante dos obstáculos que poderiam ser enfrentados, mas eram aceitos passivamente como intransponíveis?

Jesus passara por aquilo que Lélia ia passar. No entanto, o Mestre tinha todo o respaldo divino e o preparo para superar as dores, o poder para fazer milagres, a sabedoria para tudo enfrentar.

Lélia era uma miserável, ingênua e despreparada criatura, vítima de sua própria inocência, indefesa. Seu único crime foi estar no lugar errado, na hora errada, ao lado das pessoas erradas.

Licínio sentia-se impotente perante os obstáculos que se lhe apresentavam.

Nessas condições, lembrou-se das exortações de Décio, naquela noite de entendimento em sua pequena habitação.

A porta estreita.

Como passar por ela, a do sacrifício, carregando todos os pertences e as coisas que julgamos preciosas?

Como não ter que abdicar de tudo o que pareça pertencer-nos se desejamos passar pelo estreito caminho que nos leva à perfeição?

A passagem apertada, que não admite nada além daquilo que é essencial, pedia que o homem deixasse tudo para trás. Sem isso, não conseguiria vencer no esforço necessário, para penetrar na dimensão da Casa do Pai.

E se Jesus se encontrava na pessoa do menor dos irmãos que atendêssemos pelo caminho, não era Lélia que iria ser injustiçada. Era Jesus que seria executado novamente.

Pensando nisso, orou com fervor solicitando o amparo para encontrar o rumo certo a fim de que sua fé tivesse sentido em sua vida.

Seus pensamentos se elevaram aos céus e, lembrando-se daquele encontro com Décio e das potentes forças que o inspiravam, rogou:

- Senhor, o servo inútil que sou ousa erguer o pedido para que tuas luzes me orientem na escuridão de meus passos.

Teu coração sabe dos meus defeitos e conhece minhas tragédias morais. Não me apresento como alguém que tenha merecimento para ousar solicitar favores pessoais. Eu sei que uma jovem vai ser morta sem motivo e estou tentando ajudar para que isso não aconteça. Ajuda-me, Mestre de Amor, para que eu receba de Ti a inspiração necessária a fim de fazer o que for preciso.

Lágrimas de dor e agonia molhavam suas faces, diante da perspectiva de não lograr salvar a jovem de seu trágico destino.

Envolvendo-o com seu manto de vibrações luminosas, o espírito Zacarias o amparava com a inspiração solicitada.

Com a suavidade do amigo que entende as dores do companheiro e a angústia de seu sofrimento, o espírito amigo lhe infundia forças e coragem.

Com a sutilidade do afeto verdadeiro, Zacarias afagava-lhe a cabeça e, tocando o coração, falava-lhe ao espírito:

- Sim, meu filho, Jesus escutou suas orações e lhe sustentará as forças em tudo o que for necessário. Não se intimide diante dos obstáculos. Jesus não tergiversou. Não se defendeu daquilo que não representava acusação. Sabia que a condenação era irrevogável e contra ela não se lançou para defender-se. Confiou sua defesa ao poder supremo do Pai que tudo sabe, tudo conhece e a todos fortifica nos testemunhos necessários.

Lembre-se que hoje, você o representa no caminho dos homens. Lélia é a vítima da ignomínia humana, indefesa e despreparada.

Você dispõe do conhecimento e da fé, do amparo e da proteção. Pense e decida-se por aquilo que lhe pareça o melhor.

As inflexões paternais e enérgicas de Zacarias penetravam o fundo do pensamento de Licínio, fazendo-o pensar consigo mesmo.

- Sim, sou o único que pode ajudar a moça a salvar-se. Mas o juiz pediu provas e eu não encontrei nenhuma que pudesse liberá-la..., a não ser que...

E uma nova luz penetrou seu ser.

- ...a não ser que eu mesmo assumisse a culpa...

Sim, se assumisse a culpa, livraria Lélia da morte. No entanto, a morte o esperaria com seus braços cruéis.

Zacarias envolveu-o ainda mais e lhe falou, agora mais diretamente à intimidade de outras vidas:

- Meu filho Lucílio - sim, pois Licínio era o mesmo Lucílio, o centurião romano que houvera ajudado Zacarias a proteger Pilatos da sanha assassina de seus adversários - a porta estreita nos pede tudo, se desejarmos superar nossos defeitos. Eu também, um dia, bebi o veneno que era destinado a outro para protegê-lo do mal e da injustiça. Nada tema Lucílio, eu estarei do seu lado. Lembre-se, eu sou Zacarias, seu amigo...

As lágrimas de Zacarias caíam sobre a fronte de Licínio que, sem entender o motivo, passou a sentir uma imensa saudade, como se tivesse vontade de regressar a algum lugar muito melhor do que aquele mundo de maldades e imperfeições.

A idéia do risco da morte não o assustava mais. Somente a alegria de saber que Lélia iria poder ser posta em liberdade o animava.

Depois de sentir a força de Zacarias, que despertava nele uma capacidade ignorada, Licínio não pensou mais nos reveses que teria que enfrentar.

Não lhe saía da mente a mensagem da porta estreita:

"Esforçai-vos por passar pela porta estreita..."

Pensava firmemente que Lélia era aquele pequenino ser que Jesus dissera que o representava no mundo e, de si para si mesmo, disse a Jesus, com humildade:

- Senhor da vida, quando estiveste entre nós, ninguém levantou-se para defender-te e a vergonha paira sobre nossa covardia e ingratidão. Eu ofereço minha vida para salvar a mais ínfima de minhas irmãs da injustiça dos homens, pois é a ti que, humildemente, desejo salvar de uma nova execução. Teu coração sabe que em mim não há prepotência, senão imenso amor e gratidão por Ti. Aceita meu sacrifício como a única flor que tenho para dar-Te e sustenta-me na hora amarga da dor que me espera.

Os olhos de Licínio brilhavam de contentamento.

Havia encontrado o caminho que poderia representar esperança para Lélia, sua irmã de sofrimento.

Agora, passaria à ação imediata. Jesus precisava ser salvo de uma nova execução e, no que dependesse dele, o Mestre, representado por Lélia inocente, não ficaria novamente à mercê dos cruéis julgadores nem de seus asseclas, ao mesmo tempo em que ele, Licínio, não lavaria as próprias mãos.

A partir daquele momento, Zacarias não se afastaria mais dele, sustentando-lhe a coragem e o destemor ante os piores vaticínios.

Ao seu lado estariam Lívia, João de Cléofas, Simeão, Estêvão, Abigail, e todos os outros espíritos de escol que haviam passado por testemunhos como aquele e que, entendendo a grandiosidade daquele gesto de devotamento, o inspirariam no caminho luminoso do Bem que nunca teme o Mal e que, superando os espinhos do egoísmo, se transformam na flor do sacrifício para a vitória e felicidade de todos.

42

RENÚNCIA E CONCIÊNCIA

Não estou entendendo, senhor Licínio. Em tão pouco tempo o senhor regressa ao mesmo assunto, a fim de solicitar minha intervenção em favor da mesma criminosa? - perguntava, algo irritado, o magistrado a quem, na estrutura legal romana, caberia a decisão sobre Lélia.

- Conforme conversamos em nosso último encontro, ilustre magistrado, se houvesse alguma prova que se encontrasse e que até então não tivesse sido coletada, isso poderia modificar a trajetória dos fatos.

- Sim, isso é o único modo de se conseguir favorecer a ré - exclamou Sérvio Túlio, na firme convicção de que isso seria impossível de ocorrer.

- Pois então, nobre magistrado, volto aqui com a alma aliviada para informar que, em verdade, Lélia é inocente.

- E onde estão as provas dessa inocência tão improvável, senhor Licínio?

- Estão neste documento que acabo de solicitar que seja anexado ao teor das provas oficiais.

Estendendo as mãos, Licínio entregou-lhe uma confissão escrita num pergamínho na qual relatava ter sido ele mesmo quem fornecera o veneno à esposa de Marcus.

Com primores de detalhes contava que, por ser o administrador do palácio, conhecia minuciosamente sua rotina.

Assim, tinha absoluto controle sobre todas as coisas e movimentações que ocorriam em suas dependências. Relatou também as experiências nas quais houvera sido envolvido por Druzila, dando a entender que fora flagrado em situação vexatória para a sua condição de homem de confiança do esposo da morta. Em realidade, nada houvera praticado contra a honradez de seus deveres em prejuízo do respeito que devia à memória dos seus benfeitores, os pais de Marcus, já falecidos, mas, apesar de tudo isso, Druzila passara a chantageá-lo, ameaçando revelar ao marido as coisas segundo sua versão, só não o fazendo se ele acedesse aos seus apelos carnais.

Segundo a sua descrição, o documento afirmava que a serva Lélia servira de testemunha dos fatos acontecidos na distante propriedade rural da família, circunstância esta que comprometia a sua condição de administrador, que deve manter ascendência sobre todos os serviçais do palácio, não podendo conviver ali, no exercício de sua autoridade, com empregados que o desafiassem por se sentirem detentores de trunfos que amedrontassem aqueles que deviam comandá-los e aos quais deveriam obedecer.

Em realidade, a serva estava se aproveitando do plano de Druzila para tirar partido e, por isso, Licínio não a poderia manter junto ao emprego, não podendo dispensá-la, no entanto, pelos mesmos motivos, já que, demitida e afastada do palácio, seu ódio poderia induzi-la a agir de maneira ainda mais nociva, inventando coisas piores.

Druzila, desta maneira, contava com importante aliada no interior do ninho doméstico e, na versão do documento, transformara a vida dele em um inferno pessoal.

Requisitava sua presença a todos os momentos, insinuava-se oferecendo seu afeto e, como não recebesse a correspondente e esperada resposta favorável, ofendia-se e protestava, ameaçando destruir a sua reputação perante Marcus que, desde longa data, representava para ele sua própria família.

Em momento algum, no entanto, sucumbiu às tentações, por respeito ao amigo e patrão e, também, por manter relacionamento afetivo e sigiloso com outra serva do palácio que, de tal envolvimento, engravidara e estava às portas de dar à luz.

Assumindo a paternidade naquele documento, Licínio concedia a Marcus a oportunidade de justificar qualquer retorno de Serápis ao seio do palácio, mais tarde, trazendo a serva e seus filhos, não como fruto de uma relação ilícita entre eles, além do fato de retirar dos ombros deles qualquer risco de incriminação acerca do crime cometido.

Como se sentia vulnerável perante tantas criaturas que desejassem crivá-lo de acusações e calúnias, planejara todos os detalhes a fim de tirar Druzila de seu caminho, afastar Lélia do ambiente e, com isso, continuar sua vida normal, sem que ocorresse quaisquer das aventadas situações constrangedoras.

Druzila era mulher perigosa e astuta, sempre com planos mirabolantes para atingir seus objetivos.

Por isso, confessava-se no longo documento como o verdadeiro criminoso que, sabendo que Lélia guardava o frasco de veneno em suas posses, como já lhe havia sido revelado por Serápis por ocasião do mal-estar, entabulou a ardilosa solução da morte da senhora, através das mãos da própria empregada, sem que ela o soubesse, valendo-se de um veneno similar, acusando-a do delito e afastando do ambiente, com um só gesto, as duas adversárias.

A peça confessória era muito bem detalhada. No entanto, Sérvio Túlio custava a crer em seu conteúdo.

- O senhor sempre me pareceu um homem correto e digno, senhor Licínio, conforme a opinião de seu próprio patrão.

- As pessoas se enganam, nobre magistrado. Todos possuímos defeitos que ocultamos, medos que fingimos não existir, interesses menores que nos motivam, sob a aparência de grandes ideais. Posso afirmar que tudo o que está aí representa a mais absoluta realidade.

- Isto é apenas um pedaço de papel, senhor Licínio. Sua condição social está acima dos servos e perante a lei romana o sangue pobre e imprestável é suficiente para resgatar as coisas ao seu nível de justiça.

- Sim, meu senhor. Em termos de justiça humana, isso pode atenuar a sua fúria, a sede de vingança das pessoas que foram vítimas e que pedem o sangue de alguém para seu alívio. No entanto, perante a Justiça Soberana, trata-se do sangue de uma inocente criatura. E, se para as nossas leis tão iníquas porque fruto da nossa própria iniquidade, Roma devora, sem distinção, inocentes no lugar de culpados, perante Deus todos deveremos nos apresentar e sua Justiça nos pedirá contas acerca do que tenhamos feito da Verdade que nos cumpria defender e viver.

Ouvindo-lhe as exortações diretas e destemidas, no tom do respeito e da modéstia, Sérvio Túlio sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha.

Sobre seus ombros pesavam inúmeras adulterações tidas como legítimas para a estrutura social daqueles tempos, mas que, como ele bem sabia, muito distantes se achavam do exercício dos preceitos de valor em sua plenitude.

Homem prático, resolvia as coisas pelo caminho que menos problemas lhe causasse. Seu idealismo ia até o limite de suas conveniências e seus lucros pessoais, o que o levava a inclinar-se sempre perante os poderosos e mais endinheirados, ou que lhe garantisse maior oportunidade e maiores favores decorrentes de uma decisão favorável.

Buscando dar à audiência um cunho de seriedade e falsa preocupação com as questões da Verdade, Sérvio Túlio retomou a palavra:

- Mas como já disse, a sua postura, ainda que corajosa, senão tola, é apenas uma versão que pode não corresponder à verdade.

- E ainda que o nobre magistrado imagine que seja eu daqueles que vêm aqui para ludibriar o tempo de tão importante autoridade com fantasias mentirosas e irresponsáveis, posso afirmar que tudo o que está aí é a mais absoluta realidade.

- Precisarei ouvir o senhor Marcus sobre este assunto que o envolve pessoalmente.

- O patrão está ausente por necessidades imperiosas e só regressará daqui a aproximadamente dois meses.

Exasperou-se o juiz ante aquela informação.

Observando-lhe o estado agitado e de terrível angústia interior, Licínio acrescentou:

- Apesar de verdadeiras, minhas informações poderão ser confrontadas com as da própria Lélia, com quem nunca mais tive contato e que, facilmente, poderá ser ouvida por seu abalizado critério. Além do mais, a jovem e amada serva sobre a qual depositava meus ideais de esposo e pai, se acha residindo em moradia de fácil localização e seu estado poderá ser facilmente constatado. Solicito, apenas, que o mesmo se faça com discrição para que isso não venha a produzir danos à gestação avançada, porque ela mesma não sabe do teor deste documento e de minha culpa em tudo o que aconteceu.

Entendendo que a aventada solução poderia robustecer a decisão que lhe caberia adotar, Sérvio determinou que Licínio permanecesse ali, em sala contígua, até que ele tivesse melhor conhecimento dos fatos.

Vendo que se complicavam as coisas naquele que parecia um caso tão simples para a rotina inconsequente com que se construíam seus juízos, Sérvio demandou, na companhia de seus auxiliares, o cárcere onde Lélia se via recolhida. Antes, porém, enviou funcionário de sua confiança até a casa que acolhia Serápis a fim de que fosse, efetivamente, constatada a sua gravidez, com os cuidados de que isso não viesse a levantar suspeitas, fazendo-se passar por algum funcionário burocrático da administração romana, a conferir detalhes sobre as construções ou, ao menos, pedir a opinião da dona da casa.

Sérvio chegou à prisão e determinou que lhe trouxessem a serva.

A jovem estava transformada, nos dias em que ali se mantivera isolada, no ambiente promíscuo de uma prisão onde não se primava pela defesa da dignidade humana.

Suas vestes estavam transformadas em tecido roto, a exibir a nudez da pele já machucada ao contato das pedras, das mãos masculinas e dos ratos que vinham, todos eles, requisitar os seus direitos sobre os prisioneiros.

Seus olhos esbugalhados nas órbitas não sabiam fazer outra coisa senão chorar.

A tragédia pessoal impressionou o próprio juiz que, poucas vezes, se dava ao luxo de ir à prisão pessoalmente.

Hematomas e arranhões demonstravam seu esforço vão em defender-se de forças maiores do que as que possuía. Desfalecia-lhe o ânimo e seu raciocínio declinava, em fuga, como que se encontrando a caminho da alienação.

A presença perante o juiz do feito, em nada modificara seu rosto marmorizado pela dor.

- Você é Lélia, a matadora de Druzila - iniciou, Sérvio, o interrogatório.

- Sou!

- Você matou mesmo sua patroa?

- Eu digo que não, mas os outros dizem que sim e, pelo que parece, a opinião deles vale mais do que a minha.

- É verdade que você testemunhou um incidente ocorrido na fazenda de seus amos, tempos atrás?

Ao ouvir aquela pergunta, Lélia iluminou-se. Afinal, parecia que alguém tinha entendido que ela poderia ser inocente.

Animada pela chama da esperança, Lélia recobrou vida própria e passou a relatar, num alvoroço, tudo o que sabia.

Relatou que o administrador passara a noite com Druzila, que quando chegaram ao local, ambos estavam semi-despidos, num indicativo de que haviam chegado ao mais íntimo relacionamento, mas que Druzila parecia entorpecida por substância que também houvera sido usada no servo que tinha sido enviado para buscar auxílio, depois que o veículo que os transportava se acidentara em local distante da sede.

O entorpecimento de Druzila demorou a passar e, com as marcas de rasgos em suas roupas, era bem de se supor que estivera envolvida em uma situação delicada, ainda mais na companhia de outro homem, administrador e pessoa de confiança de seu marido.

Perguntada sobre o fato de ser verdade que Druzila oferecia-se ou insinuava-se no sentido de atrair a atenção de Licínio, Lélia afirmou ser do seu conhecimento que a senhora, por infelicidade na união, desejava ferir o marido, atraindo para seu leito aquele que lhe parecia mais adequado para criar o constrangimento com o qual pensava atacar o esposo. Com Druzila morta, não havia mais necessidade de ocultar suas condutas da intimidade.

Sérvio Túlio começava a sentir-se enojado daquele lamaçal onde se permitira afundar até o pescoço.

Mais do que isso, Lélia revelou-lhe que a própria Druzila havia sido aquela quem planejara a quebra da carroça em local inacessível, a fim de manter-se mais próxima do homem cobiçado. Só achou estranho o fato de encontrarem-se ambos adormecidos, inclusive a própria senhora, até mais profundamente do que o administrador que, rapidamente, recobrou sua lucidez após a chegada dela ao local.

Perguntada se era verdade ter oferecido o frasco de veneno a Serápis, Lélia confirmou que oferecera o frasco, mas que não sabia que ele continha veneno, pensando ser, apenas, um sonífero que auxiliasse a pessoa que o ingerisse a dormir mais calmamente.

Tudo isso se encaixava na versão contida no documento de Licínio, o que lhe concedeu foros de documento verídico.

Sérvio deu por encerrada a entrevista e determinou que a jovem não fosse mais conduzida ao interior do calabouço. Que providenciassem roupas decentes para ela pois a transportaria de regresso ao seu gabinete, aguardando, por fim, a resposta de seu funcionário que havia se dirigido à casa mencionada por Licínio.

Assim foi feito.

Lélia e Sérvio foram reconduzidos aos aposentos onde se exercia a função de administrar a Justiça.

Licínio continuava esperando em sala isolada.

À chegada do juiz, o referido funcionário já o esperava com a resposta de sua diligência, confirmando que naquela moradia se abrigava uma jovem de nome Serápis e que se encontrava em adiantado estado de gravidez, tendo adotado todos os cuidados para não se dar a conhecer como cumpridor de ordens judiciais e sim como reles funcionário da administração da cidade averiguando coisas burocráticas.

Tudo isto se encaixava perfeitamente na descrição de Licínio, ao confessar o crime para libertar Lélia.

Sérvio estava convencido, agora, de que havia forte razão para que Licínio houvesse cometido o delito, coisa que não seria incomum entre os mais esclarecidos e honrados homens, mas que, como homem de confiança, e administrador, ressoava como grave delito, sobretudo pelo teor de crueldade e frieza, matando a esposa de seu amigo, acusando a serva inocente que ele saberia não ter condições de defender-se.

No entanto, a dúvida que lhe surgia na mente, era exatamente a que despontava das circunstâncias novas:

- Por que resolvera Licínio confessar-se culpado, agora que seria pai e que poderia levar a vida sem problemas?

Com tal pergunta afogueando-lhe os neurônios, Sérvio regressou ao seu gabinete de trabalho e mandou chamar Licínio, tendo deixado Lélia do lado de fora, isolada.

Já com uma postura superior, tratando o seu interlocutor como criminoso, Sérvio assumiu ar de severidade e falou-lhe:

- Senhor Licínio, sua declaração de reconhecimento do delito foi confirmada por todas as fontes que foram citadas em seu teor. A mim me parece que, efetivamente, estávamos às portas de condenar uma inocente à morte, da qual se viu livrada por esta confissão.

Uma sensação de alívio invadiu o coração de Licínio.

Lélia, enfim, seria libertada.

Um sorriso de felicidade desenhou-se, delicado, em seus lábios. Continuou Sérvio:

- É certo que o senhor a substituirá na pena que lhe competia receber. No entanto, preciso perguntar-lhe o que motivou em seu íntimo essa confissão, sobretudo agora que sua vida se encaminhava para a realização de seus sonhos paternais? Por que deixar viúva e órfão quando outra pessoa estaria pagando por seus delitos sem que ninguém soubesse? Se não estivesse perante o senhor, duvidaria seriamente de sua sanidade mental... - afirmou Sérvio, perguntando a Licínio.

Ouvindo-lhe as indagações compreensíveis naquele tipo de homem interessado apenas nas conveniências e nas circunstâncias favoráveis e, uma vez que já tinha conseguido o objetivo de seus esforços, envolvido espiritualmente por Zacarias, Licínio respondeu:

- Nobre magistrado, dia chegará em que todos nós aprenderemos que a justiça que praticamos como juizes não nos livrará do banco dos réus perante a Justiça Soberana de Deus. Nossos acusadores serão nossas consciências das quais não se consegue ocultar nenhum de nossos atos e nenhuma de nossas intenções.

Todos os homens são dotados de um tal juiz interior que, cedo ou tarde, assumem as funções de magistrado de si próprios. E de que me valeria a felicidade de abraçar minha esposa e meu filho se, dentro de mim, me considerasse um criminoso? Com que autoridade moral educaria meus descendentes se fosse apenas um bandido bem vestido? Torná-lo-ia, igualmente, um criminoso como eu? Minhas lembranças me perseguiriam porque o criminoso pode fugir da justiça miserável dos homens, pode fugir das mais seguras cadeias, pode fugir de seu país, mas não pode fugir de si mesmo.

A única maneira de respeitar-se e ser respeitado é a compreensão de que a nossa defesa verdadeira é a limpeza de nosso coração e de nosso pensamento de todo o erro.

Houve um homem que, inocente e sem culpas, terminou crucificado sem levantar uma só palavra em sua própria defesa, por confiar na Soberana Justiça de Deus que tudo sabe e tudo prove.

Intrigado com aquelas referências, Sérvio interrompeu sua explanação, perguntando:

- Nós temos a nossa Temis, a deusa da Justiça, com sua venda, sua balança e sua espada. Não é a ela que o senhor se refere?

- Nossa deusa é por demais tíbia para representar a Verdade, meu senhor. Sua cegueira é mais profunda do que a venda que lhe cobre os olhos, sua balança está sempre vulnerável ao peso do ouro que se lhe colocam nos pratos, pendendo sempre para aqueles que mais a abasteçam de bens e riquezas e sua espada está repleta do sangue dos inocentes e dos pobres.

Não, meu senhor, refiro-me a um único Deus que é nosso Pai e nos conhece como o melhor dos pais humanos não é capaz de conhecer o próprio filho. Seu embaixador terreno, conhecido no oriente pelo nome de Jesus, esteve entre as criaturas mais dignas que pisaram o mundo, tendo sido o exemplo vivo de todos os princípios de Justiça, de Verdade e de Fidelidade a Deus que o enviara.

Com ele aprendemos que não vale a pena fugir da responsabilidade pelos erros cometidos, pois a cada um de nós será entregue o fruto exatamente igual ao do tipo de semente que plantamos.

Não sofreremos por coisas que não merecíamos. Que todos nós somos irmãos e que devemos respeito uns para com os outros. Que não adianta fingir bondade ou virtude sem possuí-la realmente. Esses são os princípios nos quais acredito e, desse modo, não poderia sentir-me digno se me ocultasse por detrás das aparências da nobreza possuindo manchas tão grotescas no caráter.

Apesar das proibições legais, não existe lei que impeça que acreditemos na Verdade e, assim, confesso-me, igualmente, cristão perante vossos olhos e ouvidos bem abertos, a fim de que ao seu coração possa chegar essa Verdade, ao menos uma vez na sua longa existência de enganos e de misérias disfarçadas por um manto esfarrapado a que se costumou chamar Justiça.

É com base nessa realidade do espírito que me confesso perante seus critérios de magistrado, cuja pouca possibilidade de tocar a verdade iria condenar à morte uma jovem inocente.

Perguntou-se, porventura, nobre magistrado, quantos encarcerados que estão no mesmo calabouço não são inocentes como Lélia?

Mas estão ali porque Roma precisa de diversão e o povo pede emoção animalesca. Ajustiça que Temis representa é, na verdade, uma recrutadora de vítimas indefesas e pobres, enquanto os verdadeiros criminosos seguem em suas liteiras rutilantes carregados por escravos que os abanam, não sei se para refrescá-los ou para lhes afastar o próprio mau cheiro moral que exalam por onde passam.

Quantos morrerão porque pessoas que os deveriam defender estavam muito ocupadas com os cuidados da penteadeira, do garfo ou do lazer? Na consciência de todos nós, magistrado Sérvio, refulgirão brilhantes, os nossos atos de nobreza ou ensombrarão, nebulosas, nossas torpezas mais secretas.

Jesus nos ensina que não nos livraremos de nossos males enquanto não aprendermos a renegá-los, suportando tudo o que for necessário para que a limpeza seja feita.

Se o preço que Roma me cobra, por sua crueldade e falsa justiça é a morte, que eu lhe pague o que me cobra, não sem antes me lembrar que, há poucos minutos, a sua argúcia apuratória da qual tanto se orgulha, não titubearia em sacrificar uma pobre mulher inocente, como haverá de matar milhares de outras pessoas sem culpa.

Se esse é o tipo de princípio que Temis defende, eu a repudio e me satisfaço, o mais depressa possível, em ser afastado para sempre deste cenário miserável, onde parece que demônios infernais encarnados assumiram os postos mais importantes de nossa sociedade, fingindo ser sacerdotes, autoridades, senadores, magistrados, administradores, soldados.

Que eu seja, então, comida de leão ou poste incandescente.

Chegará o dia em que as próprias feras sentirão repulsa em comer o corpo de tais autoridades e nem mesmo as labaredas se animarão a consumir tão vil matéria carnal.

Assombrado com aquela coragem que parecia sobre-humana e cheia de verdades que não se dizia naquela Roma impunemente, Sérvio mantinha-se atônito.

Para quebrar aquele ambiente, fez ruído específico e determinou ao funcionário que lhe trouxesse Lélia à presença.

A serva chegou assustada, ficando ainda mais surpresa ao perceber a presença de Licínio.

- Lélia, como serva inocente de qualquer acusação, na condição de juiz me compete o dever de devolver-lhe a liberdade já que foi apresentada prova irrefutável de sua inocência.

Sem acreditar no que escutava, a jovem serva caiu de joelhos, chorando, numa cena de tocante emoção, que incomodava sobremaneira a falsa austeridade de Sérvio que, naquele momento, em realidade, estava assumindo a precariedade dos próprios juízos.

- Senhor Licínio, eu sabia que o senhor não me deixaria aqui, presa, esperando a morte. Eu tinha a certeza de que o senhor iria procurar a verdade e arrumaria as provas necessárias para me tirar daqui.

Dizendo isso, a serva abraçou-lhe as pernas, beijando-lhe os pés e lavando-os com suas lágrimas.

Licínio abaixou-se e, procurando fugir daquela constrangedora situação, afagou-lhe os cabelos imundos e embaraçados, procurando acalmá-la.

Aquela era uma cena que arrancaria lágrimas das próprias madeiras de que eram feitos os móveis do gabinete.

- Levante-se, Lélia, pois estamos na presença do magistrado que reconheceu a sua inocência. É a ele que você deve agradecer, minha filha-falou, humilde, Licínio.

- Obrigado..., meu senhor.....Sua decisão... devolveu-me a vida.

- Você está livre, serva, pode buscar retomar sua vida e reconstruí-la em bases de justiça e respeito a todos e às autoridades romanas.

- Posso esperar o senhor Licínio para sairmos juntos? - perguntou a serva, na esperança de poder sair acompanhada daquele que lhe infundia segurança naquelas horas tão turbulentas da existência.

- Infelizmente - disse o juiz - o senhor Licínio deverá ficar aqui, já que ele confessou-se culpado pelo crime que vitimou Druzila e, por isso, será conduzido ao cárcere de onde você foi trazida. Pode sair sozinha, pois a estadia, agora, será dele.

Dirigindo-se a Lélia, naquela despedida rápida e sem possibilidade de maiores explicações, o administrador pediu que ela procurasse por Décio, na sua pequena vivenda, em nome de Jesus e em seu nome pessoal e pedisse para que a acolhesse, pois ele, Licínio, estava indo servir Jesus, aonde o Mestre o desejasse.

Entendido o recado, já que Licínio sabia que não seria adequado que Lélia voltasse ao serviço do palácio nem à companhia de Serápis e Marcus, a fim de que não fosse envolvida em novas intrigas nefastas, a serva, confusa, afastou-se emocionada e agradecida, prometendo que procuraria Décio e lhe falaria daquele Jesus em nome do qual Licínio a recomendava.

Ao fim daquele dia, Lélia batia às portas da casinha de Décio enquanto Licínio, agora considerado assassino de Druzila, à cuja acusação se agregou o delito de pertencer à seita proibida do Cristianismo nascente, fato este igualmente confessado com desassombro e entusiasmo, era levado diretamente para o ambiente repulsivo do calabouço infecto, no qual esperaria o momento derradeiro de seu testemunho.

Ao longe, Marcus imaginava que não tardaria para que Lélia fosse consumida pelas garras das feras e que, pouco tempo depois, regressaria para reassumir sua vida com Serápis.

Naquela Roma caprichosa, começavam os preparativos para as comemorações populares que envolviam vários espetáculos e que serviam para divertir o povo oprimido e fútil, mantendo-o sob o domínio dos astutos governantes ao preço baixo de seus prazeres primitivos satisfeitos.

Na prisão, Licínio encontrou-se com muitos irmãos, cujo único delito tinha sido o de serem flagrados em oração em pequenas comunidades, já que, com a aproximação das festividades, a guarda pretoriana saía em inúmeras diligências relâmpago, durante as noites, invadindo casas da periferia onde sabia se reunirem os adeptos da nova crença combatida pelas autoridades imperiais como coisa nefasta aos seus interesses, aos interesses do Estado Romano e às sagradas tradições ancestrais, tão superficialmente cultivadas pelos próprios romanos.

Ali, na escuridão do cárcere, estabeleceu-se um fraterno ambiente entre aqueles que sabiam ter chegado o momento de passar pela porta estreita. Dentre todos, no entanto, Licínio fora o único que se havia candidatado espontaneamente ao sacrifício, além de ter, na sua defesa intimorata da mensagem cristã, declarado a sua condição de profitente fiel daquelas verdades que, a partir daquele dia, não saíam mais da cabeça e dos pensamentos do juiz Sérvio Túlio e que, apesar de ter exercido a sua autoridade com a condenação do réu confesso, havia recebido do mesmo, as primeiras lições de moral cristã que fustigariam a qualquer pessoa que estivesse na Terra com o mínimo senso de dever a cumprir.

A partir do encontro com Licínio, Sérvio Túlio não conseguia mais o mesmo sossego plácido que caracterizava a sua vida pachorrenta e inútil.

O despertador da consciência passara a fazer os estragos indispensáveis no seu arquivo de erros e misérias ocultas, já que Licínio lhe falara com a sinceridade e altivez, o que os demais temiam fazer perante uma autoridade tão poderosa como um magistrado romano. E as verdades que escutara haviam penetrado o fundo de seu espírito, desatando inúmeros processos de reflexão e auto-avaliação que o conduziam para uma situação pouco confortável perante si mesmo.

- Quem seria aquele homem que assumia a culpa ao pleitear a inocência de uma serva e que, como justificativa, só possuía os escrúpulos de consciência? - perguntava-se Sérvio, admirado. - De onde retirava tamanho valor que o fazia encarar a morte cruel sem o temor da maioria dos poderosos, sempre prontos a matar quando vitoriosos, mas sempre dispostos a fugir quando têm que encarar a derrota e a morte?

Noites em claro passou o magistrado em meditação sobre a realidade de sua vida, os erros secretos de seu caráter, a tibieza de seu senso de justiça lutando contra si mesmo e contra as convenções daquela sociedade torpe e sem profundidade.

Sim, era verdade que Licínio havia sido encarcerado sob o peso de grades resistentes.

Mas ante a consciência que despertava agora em Sérvio, seria de se indagar qual dos dois, naquele momento, era o verdadeiro prisioneiro: o que tivera liberdade para escolher o cárcere num gesto de compaixão e misericórdia como Licínio o fizera ou o que não tinha como fugir do próprio calabouço mental que o acusava de tantas torpezas secretas, como no caso do juiz indigno?

43

DESCOBRINDO A VERDADE

Enquanto Licínio, recluso, esperava já há algumas semanas o momento de seguir ao seu destino, longe dali Marcus nem imaginava o que estava sucedendo com aquele único verdadeiro amigo que tivera em toda a sua vida.

Seus encargos diários, seus sonhos amorosos, a imaginação de regressar logo para a sede do Império e poder dar sequência à sua vida, faziam de suas emoções o vulcão prestes a irromper em candentes vertedouros de um afeto longamente represado.

No entanto, havia sido informado pelo magistrado Sérvio Túlio, a quem houvera procurado para determinar a condenação de Lélia, que a execução da mesma ocorreria num prazo de dois meses, período esse em que, por motivos que já foram explicados, Marcus deliberara permanecer fora da cidade.

As saudades fortes iam constringindo-lhe o peito.

Ao mesmo tempo, Serápis chegava à fase final do período gestatório, no qual, mais algumas semanas bastariam para que o nascimento se anunciasse.

Seu estado íntimo era muito delicado.

A falta de Marcus, apesar de saber que dominava o afeto do rapaz, encantado com a possibilidade de ser pai de um varão, lhe confortava um pouco as angústias.

A solidão, entretanto, a enchia de receio, principalmente em momento tão delicado da realidade feminina, aquele em que a mulher se vê como o veículo da vida e, por isso, busca o apoio de alguém que a possa amparar com conselhos e, mais experiente, lhe favoreça com uma paz e confiança que a novata não conseguia encontrar em si própria.

As crises sucessivas de falta de ar, mal-estar estomacal, enjoos, tornavam seu estado físico e emocional ainda mais abalados.

Sem ter a quem recorrer a fim de não expor os planos articulados por Marcus ao conhecimento de outros, Serápis solicitou à serva de confiança do amante e que se mantinha junto dela, para que fosse até o palácio e pedisse ao senhor Licínio que viesse até ali para que ela lhe falasse.

Não demorou muito para que a serva regressasse sem o cumprimento da solicitação.

Já fazia algum tempo que Licínio não era visto no palácio, sem que ninguém lhe conhecesse o destino.

Surpresa com aquele desaparecimento que, segundo seu próprio juízo, bem poderia ser uma licença que o mesmo fizera por merecer ao longo de tantos anos de trabalho devotado e fiel, Serápis deliberou enviar ao amante, através de um portador de confiança, uma mensagem que fizesse com que o rapaz voltasse mais cedo de sua viagem.

O percurso seria feito com mais rapidez por um único homem, de tal maneira que, se tudo corresse como ela pensava, em pouco tempo, Marcus estaria em seus braços.

Incumbiu-se de escrever a mensagem cifrada, para que não fosse entendida por olhos curiosos que lhe deitassem vista:

- "Senhor Marcus, encomenda prestes a chegar solicita sua presença com urgência no pequeno palácio."

Com isso - pensava alto Serápis - estou certa que ele volta rápido.

A sua empregada de confiança, sentindo a aproximação do nascimento, saíra em busca do portador que, por pagamento singelo, se dispôs a entregar aquela comunicação e, para que tal se desse com a rapidez exigida, lhe garantira uma remuneração extra no regresso.

Licínio, na prisão, encontrando companheiros cristãos retidos em iguais condições que as dele, passara a maior parte de seu tempo em conversas sobre Jesus, ensinando as belezas que lhes eram desconhecidas ainda e, a cada dia mais, entendendo a grandeza daquele que viera ao mundo para despertar a bondade no coração das pessoas.

Seu interior tremia quando se lembrava da possibilidade de seu destino. Todavia, a ventura de saber-se imolado para que Jesus vivesse na figura da inocente serva Lélia, lhe infundia uma sensação de júbilo e de grandeza inexplicáveis.

Ao mesmo tempo, sentia que precisava ajudar Marcus e Serápis e que não seria justo expô-los ao risco de serem considerados assassinos que se combinaram para realizar a ventura de uma união que, só com a morte de Druzila, poderia ser concretizada.

A gravidez da serva querida de outros tempos era precioso fardo que lhe cabia defender com todas as forças, como se fosse originada de sua própria força geradora. Não entendia o motivo, mas seus sentimentos lhe ditavam o dever de proteger Serápis a fim de que o nascimento se desse da maneira mais segura possível.

Por todos estes motivos, não havia outra solução que compatibilizasse a inocência e a liberdade de Lélia com a preservação de Marcus e Serápis, a não ser a sua própria condenação.

Ao seu lado, as forças de Zacarias o sustentavam, na consciência de paz que sentia e na transmissão de eflúvios vibrantes que vinham de mais Alto, afim de que no momento difícil de suas dores, as potências espirituais o sustentassem.

A palavra de Licínio, na escuridão daqueles calabouços onde a ignorância dos homens dava atestado da sua própria perversidade, tornara-se mais sábia e serena, ajudando os outros aflitos a se manterem igualmente resignados.

Alguns havia ali, condenados por delitos menores, que jamais haviam escutado a palavra de Jesus e que nunca imaginaram a profunda força que possuía.

Náufragos sem o salva-vidas do autoconhecimento, eram pedaços de gente levados pelas vagas da incompreensão e que, ante a inexorabilidade daquela hora, não tinham para onde dirigir seus pensamentos.

O desespero os sacudia mas a placidez daquele grupo de homens e mulheres que se mantinha razoavelmente sereno e em equilíbrio, os atraía como alguém que deseja descobrir onde está o tesouro mais precioso para poder usurpá-lo para si.

Por isso, inúmeros indivíduos se punham ao redor do grupo que conversava sobre as coisas do espírito, sobre as belezas do Reino dos Céus que Jesus prometera aos seus eleitos.

Angústias eram confessadas, crimes ocultos eram revelados uns para os outros, como se, para ingressarem em luminosas paragens, tivessem que expurgar de si próprios os maiores defeitos de seu íntimo, revelando-os aos que compartilhavam da mesma tragédia.

Ali nenhum tinha censura, nem a face de repulsa que critica sem palavras, nem gestos de impaciência. Todos passaram por aqueles dias de expectativa como quem se prepara com o regime da alma para a bendita cirurgia que lhes devolverá a excelcitude relativa a que aspiravam, segundo as promessas do Cristo nos longínquos dias do passado.

Licínio, que para todos se afigurava o mais amadurecido, o que melhor sabia articular as expressões de consolação e de prudência, era procurado para servir de receptáculo das misérias morais e, assim, pudera aprender muitas coisas com a avaliação da dor íntima causada pelas perspectivas que se avizinhavam, fazendo com que os que se destinavam ao suplício, em vez de tentarem fugir dali com a adoção de medidas mirabolantes, se pusessem no trabalho de modificar seus mais ocultos erros, revelando-os segundo as exigências da Verdade que os iria encontrar logo depois.

Em realidade, os mais desditosos que ali se achavam, não reclamavam dos pequenos furtos a que foram obrigados pela fome que os mantinha cativos desde longa data.

A todos fustigavam os dramas de consciência. O abandono a que relegaram pessoas queridas, a palavra caluniosa que proferiram para prejudicar outras criaturas a quem invejavam, as mentiras que espalharam, as lágrimas que fizeram cair de seres que vitimaram com seus erros, as seduções e os engodos do coração que fizeram a dor de muitas almas, os momentos de fuga do dever nos anos do passado, tudo isso chegava-lhes à boca como se tivesse acabado de ocorrer.

Parecia que uma grande pedra houvesse sido afastada do núcleo da memória e que, soterradas por longas décadas, as maldades humanas aflorassem ao consciente desperto e, assim, cobrassem o preço de sua revelação, depois de terem parecido perdidas no esquecimento.

Todos sabiam que, logo mais, a morte os viria recolher da pior forma possível e, aqueles que haviam tido a oportunidade de entender as belezas do Evangelho, por mais indiferentes que se tivessem comportado ao longo da vida, agora eram defrontados pela força inexorável que lhes pediria tudo o que possuíam, inclusive a própria realidade, sob pena de não serem admitidos ao grande cenáculo onde o Messias houvera prometido reservar um lugar aos que lhe fossem fiéis.

A dor íntima das verdades mesquinhas não reveladas surgia agora como um imperativo de arrependimento tardio, através do qual, as criaturas indiferentes que nunca haviam se apercebido de que viver não era um jogo ou um faz-de-conta, temendo o futuro, buscavam alijar a carga podre de seus erros, suas mágoas, seus ódios e suas mesquinharias, para que o peso específico de sua alma não impedisse que se elevassem ao Reino dos Céus.

Licínio compreendia as misérias humanas e nada mais fazia do que escutá-las e dar-lhes o consolo de seu sorriso de compreensão.

A fome física era cruel e, os adultos mais fortes, liderados por Licínio, aceitaram deixar a própria ração para que os velhos, os doentes e as mulheres tivessem maior cota de alimento.

Entre os diversos afazeres que seu coração generoso encontrara dentro da própria cela, estava o de cuidar das dores alheias, num ambiente para o qual poucos estavam preparados.

Sua liderança sem palavras havia fornecido de energias equilibrantes aos que ali estavam, perdidos no tumulto dos acontecimentos, sem saber onde se apoiarem.

Muitos dos que não haviam conhecido o cristianismo, na umidade desses ambientes trágicos fizeram sua profissão de fé, graças à ação corajosa de indivíduos inspirados como Licínio e como tantos outros que se candidatavam ao martírio para que, no sangue compartilhado, os mais fortes ajudassem, com sua bondade e compreensão, aos mais frágeis.

Esse havia sido um dos compromissos de Lucílio, antes de reencarnar como Licínio, amparado, espiritualmente, por Zacarias. O amor que nutria por aquele velho sapateiro desprendido, fizera com que ele solicitasse a possibilidade de ajudar os sofredores até o último momento de sua vida.

Desejava padecer para salvar e, mesmo no padecimento, ansiava por salvar os que pudessem escutá-lo.

Como Zacarias fizera um dia com Pilatos, ele se dispunha a fazer com os desconhecidos levados ao desespero pela injustiça dos homens de todos os tempos.

Assim, renascido como Licínio, o mesmo espírito que houvera sido responsável pela prisão Mamertina no passado, agora recebia a tarefa de amparar aqueles que se viam encarcerados, colocando-se como um deles, levando-lhes tudo aquilo que havia aprendido com o exemplo de Zacarias quando de seu esforço para amparar aquele que havia lavado as mãos no processo de condenação de Jesus.

Agora o centurião Lucílio era, apenas, o servo Licínio, envolvido pelas luzes de Zacarias e outros espíritos generosos, a permitir que, sobre seus exemplos, a infinidade de injustiçados da Terra encontrasse a bondade semeada no mais sórdido dos ambientes.

A justiça se mantinha encarcerada nos palácios.

A verdade dos homens se perdia nos caminhos burocráticos regados a ouro e favores.

A esperança parecia que havia sido presa em lugar distante, ante os sucessivos crimes que atingiam as levas dos pobres e desvalidos de Roma.

A paz era algo que os deuses de pedra haviam banido do Império, sempre desejoso de obter mais servos e escravos, tributos e glórias vãs.

Apenas a Bondade se candidatara a ser a enfermeira dos aflitos naquele antro de agonia, antecâmara da morte anunciada com requintes de festividade.

Sim, porque aproximavam-se as festas públicas que se ofereciam ao povo para lhe comprar a complacência e a alienação. Festas que levavam ao extremo todos os excessos, favorecidos por farta distribuição de prendas, vinho e comida e, durante as quais, ao longo de seus dias, sucediam-se inúmeros estupros, horrendos crimes, desagradáveis cenas de violência e vandalismo pela qual os miseráveis se feriam entre si, aumentando a carga das dores que espalhavam por onde passavam.

Os infelizes não recebiam medicação para seus males. Infectavam-se com males maiores, conectando-se com a turba invisível que, desde longa data, ensombrava a atmosfera psíquica da capital imperial à cata de prazeres e sensações físicas que já não podiam desfrutar diretamente por lhes faltar o corpo carnal.

Apenas as modestas coletividades que se reuniam à noite nos casebres pobres da periferia eram os núcleos de força positiva que o mundo espiritual utilizava para espalhar a sua claridade sobre as almas daquele aglomerado de iniquidades. Daí ter sido tão importante o processo de perseguição a que foram submetidos os adeptos do cristianismo nascente, única maneira de se abreviar o longo caminho da ascensão, ajudando os que precisavam passar por tais provações difíceis, expungindo suas culpas anteriores ao mesmo tempo em que fazia com que a turba ignara se impressionasse com o exemplo da Bondade que desafiava a própria lógica pouco desenvolvida.

Séculos de lutas acerbas, de sangue e lágrimas foram evitados com aqueles silenciosos testemunhos a penetrar nos espíritos e libertá-los das algemas do mal, tocados por gestos tão heroicos que eles não sabiam como concretizar em si próprios, pela fé miserável que devotavam a estátuas frias e orgulhosas.

A massa disforme e viciosa era o legado da civilização romana.

Os poucos mártires da coragem, da fé e da bondade eram o convite vivo, a demonstrar a superioridade da civilização do futuro, a ser instalada um dia sobre a Terra.

Enquanto isso, Sérvio Túlio seguia incomodado com a visão de Licínio ante seus juízos, que emitia nos processos, até então sempre inquestionáveis.

Esse incômodo perduraria por longos anos de sua existência, obrigando-o a buscar informações sobre aquele tipo de crença que, até ali, havia sido vista como uma seita de judeus pervertidos e rebeldes.

Enquanto a vida dava a Licínio o tempo necessário para exercitar-se como enfermeiro de almas naquele lugar de tristeza, o mensageiro regressava a Roma para buscar o prêmio prometido, trazendo uma breve mensagem de Marcus para ser entregue à mesma serva, aquela que servia de contato de Serápis com o mundo exterior.

"Estou a caminho para reclamar meu direito sobre a encomenda era o teor da resposta."

Sim, Marcus antecipara o regresso para que estivesse presente no momento do nascimento.

Essa notícia teve o condão de acalmar o espírito de Serápis que, insegura quando não podia ter o seu pretendido sob seus olhares dominantes, temia que seus planos pessoais perdessem sua eficácia com o afastamento do viúvo.

Parte de suas angústias, na verdade, eram produzidas pelo temor de não conseguir manter seu controle sobre as emoções de Marcus, o que poderia fazer com que o leviano rapaz caísse nas garras de outra tão ou mais astuta do que ela própria.

A notícia da próxima chegada de Marcus coincidia com o início das festividades públicas que se arrastariam por vários dias, envolvendo as autoridades e o grosso da população nos espetáculos sangrentos e vis.

Serápis já se mantinha deitada a maior parte do tempo. O ventre se havia distendido com tal rapidez que, a julgar por seu volume, parecia indicar que a criança não teria como sair dali.

Em faces das proporções de seu ventre, o peso e o incômodo que produziam, forçavam-na a ficar prostrada no leito, recebendo os cuidados dos empregados de Marcus, tendo sempre a postos uma experiente mulher que, na função de hábil parteira, era usada nos nascimentos mais delicados, quando o sigilo aconselhava que o médico familiar não fosse chamado.

O volume de pessoas que se congregava nos portões do grande teatro Flávio, vulgarizado na atualidade pela designação mais comum de coliseu, dava bem a ideia das dimensões e da expectativa do evento.

A pequena caravana que trazia Marcus chegara a Roma sem ser notada, no entardecer da véspera do início dos festejos, dirigindo-se o jovem enviuvado diretamente para as dependências daquele que batizara de pequeno palácio, ou palácio de Serápis e Marcus, nas referências que faziam nos momentos de intimidade.

A chegada do amante encheu de leveza o espírito da serva grávida, agora mais segura por poder dar continuidade aos passos de seus projetos, estendendo os braços para acolher o homem que escolhera como o ponto de apoio de seu futuro, ainda que não fosse o homem de sua vida.

A manifestação de afeto de Serápis, sempre hábil nesses teatros que têm os carentes de carinho como principais espectadores, fez com que Marcus se derretesse em carícias e palavras de ternura, prometendo que não mais se afastaria dela, a não ser para ir, rapidamente, ao palácio, sua moradia oficial, refazer-se e acertar detalhes necessários para, logo mais, estar de volta.

Que se preparasse um local para ele dormir, pois ainda naquela noite, ele voltaria para passar as horas em sua companhia.

Vendo a determinação do rapaz, Serápis não se incomodou com a sua deliberação de seguir para o palácio, desde que voltasse mais tarde como prometera.

Lúcia ficaria no ambiente, junto com aquela que lhe seria a futura mãezinha, ao lado do novo filho que estava prestes a chegar. Ninguém mais estava sabendo do destino do casal e da pequena Lúcia, a não ser Licínio, preso já há algumas semanas..

Ao regressar ao palácio, Marcus determinou a Fábio, o administrador substituto que ocupava o cargo na ausência de Licínio, que o procurasse e o trouxesse aos seus aposentos para que conversassem rapidamente.

- Senhor, não tenho tido contato com o senhor Licínio que, desde a sua partida, não tem sido visto nas dependências desta casa - informou Fábio, seguro.

- Como assim, Fábio? - foi a pergunta curiosa de Marcus.

- Eu é que pergunto, meu senhor. Imaginávamos que ele tivesse recebido alguma licença de sua parte, já que não tem vindo a esta casa, ainda que seus pertences estejam em seus lugares e seu quarto abrigue os seus objetos pessoais.

- Isso é muito estranho... - falou Marcus como que pensando alto. Bem, deixe isso para depois. Preciso me arrumar, pois ainda devo ficar mais alguns dias fora e, por isso, quero que você me providencie roupas limpas para que eu possa levá-las comigo.

- Sim, meu senhor. Enquanto isso, devo continuar exercendo as funções do senhor Licínio? - perguntou, respeitoso.

- Claro, Fábio. No entanto, assim que Licínio aparecer, mande que ele se mantenha aqui ou que me procure nos locais que conhece a fim de que me entenda com ele.

- Assim o farei, meu senhor.

Marcus não entendia o que se passava, mas julgava que a ausência do amigo e administrador era decorrência de algum problema pessoal que lhe exigira o afastamento temporário, não deixando que tal detalhe lhe ocupasse a mente, agora euforizada com a aproximação de Serápis e do momento decisivo em que receberia o tão esperado filho em seus braços.

Como era muito comum na crença confusa daquela época, Marcus imaginava que algum de seus antepassados poderia estar voltando para seus braços, talvez o próprio pai já falecido há tempos, como forma de continuar a tradição da família. Tal sensação não era parte da religião oficial, mas era forma usual de os romanos, à boca pequena, se referirem à vaga noção que todos os vivos possuem de que somos imortais, que morremos e renascemos.

Herdada das visões de muitos povos conquistados, a maleabilidade romana aceitava incorporar princípios de outras crenças que lhe parecessem lógicos na explicação de algumas realidades que, de outra maneira, não seriam explicadas com facilidade.

Assim, nos comentários que se faziam informalmente, era comum que imaginassem que o espectro de um ancestral se manifestasse no corpo de um parente próximo, mantendo, com isso, as linhas da herança que as tradições impunham.

- Quem sabe não é meu pai que está voltando - pensava Marcus, entusiasmado, imaginando como iria criá-lo, como dar-lhe a melhor educação, ao mesmo tempo em que manteria a união com Serápis como o lastro de seu sentimento mais puro.

Terminadas as arrumações, Marcus lembrou-se de procurar o juiz Sérvio para que se confirmasse a decisão de levar Lélia ao sacrifício.

Consultou o horário provável e percebeu que já era muito tarde para uma visita pessoal ao magistrado que, na respeitabilidade aparente de suas tradições, guardava cautelosamente a própria intimidade.

Deliberou regressar ao tugúrio de ventura que o aguardava e estabeleceu para o dia seguinte a ida ao juiz do caso, a fim de obter maiores detalhes sobre a efetiva morte da serva perigosa.

O regresso de Marcus, conforme prometido, encontrou Serápis aflita nas dores e incômodos que a visitavam.

Colocou-se no mesmo amplo quarto em que ela, deixando que a filha Lúcia, acolhida em pequeno berço, se mantivesse junto deles. Passou a noite sem conseguir dormir regularmente, buscando amparar Serápis, enxugando-lhe o rosto dos suores calorentos, dando-lhe água quando necessário, abanando-a para que se sentisse aliviada.

O dia seguinte prometia para sua emoção de futuro pai, diante da possibilidade de, finalmente, receber a dádiva tão ansiosamente esperada por qualquer romano que pretendia dar seqüência à própria tradição, já que era ao filho homem que incumbia o dever de guardar o culto dos deuses lares, dos ancestrais da família, zelando pelo bem-estar dos antigos membros, agora levados aos Campos Elíseos.

A mulher não tinha a função de realizar tais prodígios já que, quando criança, tinha que adotar os deuses dos seus pais e, depois que se casava, estava à mercê dos deuses do marido, impedindo, assim, que a tradição do culto aos antepassados perdurasse na linhagem de uma família se não houvesse um descendente varão que assumisse a defesa do culto e das tradições.

Tal conceito já havia sofrido certas modificações, o que motivara, inclusive, a instituição da adoção como forma de se conseguir um herdeiro varão que sucedesse, mantendo acesa a chama do altar da família.

No entanto, o atavismo sistemático incorporado às tradições mais antigas impunha o seu tributo a todos os romanos que viam na filiação masculina, mais do que a prova de virilidade, a noção de que sua descendência, seu nome e as suas próprias necessidades depois de morto seguiriam sendo atendidas pelos que ficaram a continuar o culto aos antigos rituais.

A noite passou, lenta, e quando o brilho do Sol iluminou aquela Roma festiva, o barulho da cidade e o alvoroço do povo davam bem a noção da insanidade e da inconsequência.

Beijando o rosto daquela que era a portadora da mais significativa mensagem de esperança ao seu espírito de pai ansioso, Marcus pretendeu procurar o magistrado assim que o horário aconselhasse a diligência, para não se tornar um inoportuno visitante, retirando o anfitrião do leito antes da hora.

Assim, no momento adequado, Marcus buscou avistar-se com o juiz na sede de sua magistratura, não tendo logrado consegui-lo porque, em face das festividades, havia sido suspendido o expediente regular.

Ele não se havia atentado para tal circunstância. Houvera perdido muito tempo naquela manhã e isso tinha sido inútil.

Já era tarde quando chegou à residência do juiz, fazendo-se anunciar pelos servos da recepção que o encaminharam à sala de amplas proporções, na qual deveria aguardar.

- Prezado Marcus, que a deusa Fortuna o cubra de bênçãos e que sejam os bons ventos que o tragam até aqui, em dia de tanta algazarra e festa de nossa velha cidade - falou Sérvio, hábil na introdução de seus colóquios.

- Bons ventos também alimentem vosso espírito, nobre magistrado.

- Vamos, sente-se, meu amigo - disse Sérvio, desejando mostrar-se informal.

- Obrigado, senhor. Não pretendo tomar-lhe o precioso tempo de descanso, mas tendo chegado ainda ontem de viagem, conforme já tínhamos nos entendido quando parti, espero que a justiça pela morte de Druzila tenha sido realizada, efetivamente.

- Bem, a estas alturas - disse o magistrado, enigmático, olhando para o Sol que seguia para o centro do Céu - acredito que as feras já estejam sendo alimentadas...

- Que alívio, meu senhor. Não primo pela vingança, mas a atitude da serva precisava ser coibida a fim de que servisse de exemplo para os demais. Não seria lícito deixar que ficasse impune o que seria interpretado como fraqueza de nossa Justiça, sempre tão ciosa de seus deveres.

- Sim, meu amigo, o exemplo é que ensina a todos nós - comentou o juiz, algo filosófico. - Por falar em exemplo, esteve por aqui um valoroso senhor que se apresentou em seu nome, trazendo-me uma carta sua, pedindo por Lélia... seu nome era.... não estou muito bem lembrado - fingia Sérvio, procurando ver a reação de Marcus.

- Licínio, não é?

- Isso mesmo. O senhor Licínio esteve aqui para advogar a inocência de Lélia. Você sabia disso, Marcus?

- Bem, meu senhor, Licínio sempre foi um amigo com quem aprendi muitas coisas, inclusive a ser cultivador da bondade, ainda que na função que detenho, não a possa levar às extremas consequências.

- Alegou-me que Druzila havia se matado e que Lélia seria inocente. No entanto, disse-lhe, sem revelar a sua presença anterior aqui solicitando a condenação da serva, que tal versão era inconsistente e que, se não houvesse outro tipo de prova, a jovem haveria de ser executada nestes dias festivos.

- Puxa vida, senhor juiz, isso me deixa aliviado porque, para mim, não há nenhuma dúvida de que Lélia é a única culpada. Em boa hora estive aqui para preservar a verdade de sua culpa contra os esforços da bondade ingênua de Licínio... - afirmou Marcus, felicitando-se a si próprio por tal conduta.

- Bem, meu amigo, acho que isso não deve ser visto por este prisma.

- Como assim? - perguntou Marcus achando graça na advertência de Sérvio - a bondade de Licínio deu-lhe muito trabalho, apesar de sua correção como julgador experiente?

- Não, meu amigo, por causa dele pude corrigir um sério erro que iríamos, todos nós, cometer, inclusive você próprio.

- Não entendo, meu senhor.

- Sim, porque graças a Licínio, pude constatar a inocência de Lélia que, a estas alturas, deve estar livre e feliz, cuidando da própria vida.

- Mas o senhor disse que a justiça havia sido feita e que as feras já deviam estar sendo alimentadas? Não estou entendendo, nobre magistrado - falou ansioso e ríspido o jovem viúvo, que demonstrava o seu desconforto.

- É muito simples, Marcus. Lélia não era a culpada pela morte de Druzila, como você insistia em falar e pugnar. Se a tivesse condenado, seguindo o seu pedido insistente, teria cometido um erro do qual nunca me perdoaria - falou, pretextando honradez, o magistrado usualmente corrupto.

Aparvalhado com a informação, Marcus apresentou uma palidez súbita.

Se Lélia não estava morta e fora considerada inocente, talvez Licínio tivesse incriminado Serápis. No entanto, a serva amada nada falara sobre algum tipo de perseguição e a deixara, tranquila, em sua vivenda, logo pela manhã.

Se não era Serápis e ele próprio não estava sob suspeita, qualquer pessoa que tivesse sido presa no lugar de Lélia estava sendo inocentemente sacrificada.

- Nobre juiz, não ouso questionar as sábias decisões que vêm de seu abalizado tirocínio. Todavia, para que Lélia fosse posta em liberdade, alguma outra criatura teve de ser presa e condenada como criminosa, em seu lugar, não? Afinal, minha honra e o nome de minha família foram ultrajados! - afirmou Marcus, no intuito de demonstrar o desejo de saber mais, não se importando com quem quer que tenha sido sacrificado para que seu orgulho fosse vingado.

- Conforme lhe prometi, fui inflexível em todas as situações até que pudesse condenar o culpado e levá-lo ao pagamento pela arrogância e ingratidão, sendo verdadeiras as minhas palavras de que, a estas alturas, as feras já devem estar saciadas, tanto quanto o seu orgulho familiar.

- Quem, então, foi condenado?

- Esse seu homem de confiança, meu caro Marcus.

Tomado por uma furiosa força indignada, o jovem levantou-se e indagou:

- Como? Eu o procurei para que uma criminosa fosse condenada e a sua tolice condenou meu administrador de confiança? O único amigo verdadeiro que eu possuo?

- Acalme-se, meu bom amigo, pois a juventude de seu espírito ainda precisa amadurecer na avaliação daqueles que, efetivamente, devam ser considerados verdadeiros amigos.

A advertência de Sérvio ajudou Marcus a se controlar por mais algum tempo, mantendo-se em silêncio, como quem espera satisfações mais claras.

- Veja aqui o documento incriminatório que tive o cuidado de trazer para minha casa a fim de apresentar-lhe no dia em que se mostrasse a oportunidade de explicar como são caprichosas as coisas da Justiça.

Dizendo isso, estendeu a Marcus uma peça de pergaminho, bem redigida, na qual Licínio revelava a autoria do crime, a maneira como procedeu, o uso do veneno, a perseguição de Druzila, o amor por Serápis, a gravidez da serva a qual assumia como sua responsabilidade, a imputação falsa do crime à serva Lélia.

Tudo estava ali, com uma clareza e uma lógica que ninguém que não o conhecesse pessoalmente poderia negar.

Vendo o estado de insatisfação do jovem, Sérvio entregou-lhe outros documentos que revelavam a sua prudência em ouvir Lélia pessoalmente, confirmando todos os fatos, sem ter tido nenhum contato com Licínio, bem como a diligência que mandara fazer na moradia de Serápis, a constatar-lhe a adiantado da gravidez.

Tudo isso era mais consistente do que a acusação feita contra a serva que, agora, diante do testemunho verdadeiro de Licínio, não podia mais ser considerada culpada do crime, já que o documento de confissão, corroborado por todas as outras provas e indícios, deixava o caso solucionado no sentido da culpa de Licínio e da inocência de Lélia.

Vendo que não havia como negar a Sérvio a razão dos argumentos que os documentos testemunhavam, frios, Marcus levantou-se exasperado e disse:

- Senhor, muito agradeço o seu empenho em buscar a verdade, mas, ao dar o destino que deu, estou seguro de que sua prudência e sua experiência condenaram um inocente no lugar de uma culpada.

- Creio que o meu juízo de magistrado é mais claro do que o seu de leigo nas coisas de justiça, meu jovem. E quanto a isso, por uma questão de consciência, desejo devolver-lhe o mimo que a sua generosidade fez chegar às minhas mãos, no sentido de me seduzir a avaliação, o que quase me levou ao equívoco.

Eis aqui os bens preciosos com os quais a sua generosidade e a sua pressa pretenderam me induzir ao delito de injustiçar uma inocente.

Apesar de considerá-lo culpado pela confissão livre que realizou, a postura do senhor Licínio me encheu de uma estranha lucidez que me faz repugnar ante minhas avaliações errôneas, mesmo mentais, acerca dos outros. Tendo-o condenado pela força das provas, abriu-se para meu ser um período de profundas reflexões sobre mim mesmo e o mundo em que estamos vivendo, fruto de nossas maneiras insanas e interesseiras. Além do mais, o senhor Licínio declarou-se cristão, em nome de cuja crença se apresentava também para seguir ao sacrifício que espera todo aquele que se declara contra as nossas tradições, mas graças a cuja fé, a luz da coragem e a retidão da consciência lhe impunham assumir aquele delito para que uma inocente não morresse em lugar dele, o verdadeiro culpado segundo suas próprias palavras.

Dando ordem a um servo que mantinha alguns objetos em suas mãos, solicitou que ele os apresentasse a Marcus, dizendo-lhe calmamente:

- Estas prendas são a demonstração de tudo isso. A coragem do senhor Licínio me auxiliou a encarar-me ante minhas próprias responsabilidades, amornecidas pela convivência constante com a viciação dos costumes, o interesse dos poderosos e as influências dos interessados dominadores, sempre sedentos do sangue dos inocentes para aplacar as próprias culpas.

Por isso, muito agradeceria se, a partir deste dia, o senhor se considerasse "persona non grata" nesta casa e que essa quase tragédia lhe servisse de reflexão para a loucura de pretender forçar o destino a seguir o curso de nossos desejos e de nossos pontos de vista.

Que o senhor siga comprando outros magistrados, isso não é de se espantar no meio onde vivemos. No entanto, que o senhor saiba que não estou mais à venda como já estive, sem que, com isso, pretenda repreender os que se vendem, senão a lastimar o momento em que despertarão para a responsabilidade do que estão fazendo.

Dizendo isso, com altivez e nobreza, sem humilhar o visitante com a agressividade e a arrogância partidas de uma virtude mentirosa, Sérvio levantou-se e solicitou ao servo que mostrasse o caminho da rua a Marcus que, recolhendo os presentes que lhe haviam sido devolvidos, saiu, aturdido e confuso, sem saber o que fazer.

Não era capaz, ainda, de entender o significado da Bondade e do Sacrifício por ideal que Licínio já era capaz de vivenciar em seu cotidiano, servindo, inclusive, para modificar as avaliações do próprio magistrado que se vendia segundo os interesses dos mais poderosos de seu tempo.

Marcus tinha que tentar fazer alguma coisa por seu amigo. Quem sabe Licínio ainda estivesse vivo?

Mandou que seus servos tomassem o rumo dos portões do coliseu, dentro do qual a multidão se agitava desde a manhã, no espetáculo sangrento do dia de inauguração das festividades.

Indagando sobre o responsável pelas execuções, usando de sua influência, foi levado até a presença do atarefado funcionário, a quem perguntou:

- Os condenados já foram executados?

- Alguns deles já o foram, senhor.

- Onde ficam os presos por serem cristãos?

- Ficam nos subterrâneos para serem levados à arena na hora certa.

- Restou algum vivo?

- Sim, meu senhor. Por ordens superiores, os mais fortes serão consumidos hoje à noite, no poste incandescente, a fim de iluminarem a arena.

- Pois eu lhe dou esta bolsa de dinheiro se me levar até onde eles estão, agora.

Vendo o peso do prêmio, apesar de ser contrário às ordens gerais, o centurião responsável pela prisão ordenou que o seguisse até o subterrâneo e que permitiria a sua presença ali apenas por alguns minutos, sob pena de se comprometer com aquela prática indevida.

Assim acertados, Marcus tomou a direção que lhe apontavam os passos do soldado e, depois de muitas idas e vindas nos labirintos do coliseu, sobre os quais o espetáculo continuava sem parar, chegou à porta pesada onde se congregavam os condenados.

A luz bruxuleante de uma tocha iluminou o interior, fazendo com que os rumores de preces cessassem, dando passagem aos dois homens.

- Por qual condenado se interessa o senhor?

- Um de nome Licínio...

- Que Licínio se apresente, rápido - gritou o soldado enérgico, com a espada em punho.

Não tardou para que um homem enfraquecido e esfarrapado se levantasse e viesse em sua direção.

- O senhor tem cinco minutos, apenas - falou o homenzarrão enquanto cerrava a porta, ruidosamente.

Marcus não acreditava no que estava vendo. Ali estava o seu único amigo, aquele que era seu confidente e fiel servidor.

Vendo-o assim, Marcus não conseguiu conter as lágrimas de agonia.

- Licínio, o que aconteceu, meu amigo? - disse Marcus, abraçando-se a ele, no que foi correspondido com afago e ternura.

- Meu amigo querido, como Deus é bom em me conceder este momento de alegria ao reencontrar o único ser verdadeiramente amado por meu coração. Não gostaria de morrer sem poder vê-lo novamente.

- Mas como é que você veio parar aqui? Eu não acreditei quando Sérvio, aquele juiz venal e corrupto, me mostrou a sua confissão. Pensei que fosse uma mentira bem urdida para livrar Lélia...

- Não, Marcus. Como lhe prometi, tudo o que podia fazer para salvar a sua inocência eu o fiz, mas as autoridades pareciam deliberadamente contrárias ao meu intento. Por mais que batesse em todas as portas, parecia que uma força diabólica contrária ao meu desejo de salvar tinha se antecipado a mim e estava ali, impedindo-me de concretizar o desejo de libertar quem nada devia.

Marcus chorava ao constatar que tal força diabólica tinha sido ele próprio, que desejava fazer as coisas andarem segundo seus interesses pessoais e sua visão limitada das coisas.

- Assim, como o juiz Sérvio me afirmou que somente com provas convincentes ele mudaria de opinião, vi-me forçado a revelar os fatos da maneira como revelei, de tal forma que a jovem não ficasse mais submetida aos castigos e violências de uma prisão injusta.

- Mas desse modo, é você quem vai morrer, um outro inocente, Licínio! - afirmou Marcus, agoniado.

- Mas desse modo, não é nem você nem Serápis e o seu filho que morrerão, Marcus, meu amigo.

Inspirado por Zacarias, Licínio continuou, dizendo:

- Jesus de Nazaré, o profeta a quem me devoto por amor e opção, nos ensinou um dia que não há maior amor do que aquele que dá a própria vida pelos amigos.

Este é o meu presente para você, para Serápis e para seu filho, Marcus. Pelo muito que devo aos seus pais, a você mesmo, eu declaro que meu amor fraterno se rejubila por estar dando a vida por aqueles que amo. De onde eu estiver, procurarei envolvê-lo, meu amigo, em doces vibrações de amor.

Sentindo-se envergonhado pelo tamanho do próprio mal, diante de tamanha demonstração de bondade e fortaleza, Marcus confessou-lhe, amargamente:

- Fui eu quem solapou seus esforços, meu amigo. Eu visitei os juízes e as autoridades para impedir que Lélia fosse libertada. Se você está aqui hoje, está por minha culpa, pois se eu não tivesse feito isso, eles acabariam por conceber o suicídio de Druzila e libertariam a serva. Mas eu pretendia mantê-la cativa e promover-lhe a morte, porque temia que minha felicidade com Serápis estivesse, ameaçada com sua presença importuna.

- Não pense nisso agora, meu amigo - falou Licínio gentil, esforçando-se por aliviar a consciência de Marcus. - Estou aqui com a felicidade dos que chegam ao momento do testemunho da própria fé. E se me é lícito pedir-lhe algo, desejo que um dia você possa estudar esta doutrina de elevação, de amor e bondade tão diferente de nossa religião arrogante e indiferente. Somente a sua compreensão verdadeira lhe aliviará as agonias e as dores mais profundas que estão reservadas a todos nós, humanos imperfeitos e miseráveis. Procure, nas obras do Panteón, um ajudante de nome Décio e apresente-se a ele em meu nome. Mande-lhe meu carinhoso abraço de gratidão e diga-lhe que, de todos os ensinamentos que recebi de seus lábios, encontrei forças para estar aqui, no dia de hoje, dando testemunho da própria fé, a caminho do encontro com Jesus.

Ele lhe ensinará o que me ensinou e o fará compreender o que significa dar a vida pelos amigos, como prova do maior Amor que pode haver.

Em minha memória, não persiga Lélia que, estou certo, é de todo inocente de qualquer culpa. Atende Serápis em suas necessidades e suas imaturidades de alma, mas não deixe de procurar Décio, que lhe ensinará o que é necessário para enfrentar as asperezas do caminho. Seja um bom pai, apesar de todas as circunstâncias da luta e faça sempre o Bem, por permitir que o Bem esculpa a Bondade em seu coração. Aí encontrará você as forças para tudo superar e tudo vencer.

Nesse instante, em que as lágrimas de Marcus impediam que ele se pronunciasse, batidas fortes na porta apontavam para o fim do encontro.

Esforçando-se para dizer algo, Marcus afirmou:

- Mas não é justo que você pereça como tocha viva no meio dos lobos de maldade, como vão fazer esta noite com todos vocês, Licínio!

- Melhor morrer tornando-se luz para os outros, Marcus, do que viver na treva sem enxergar-se a si mesmo. Que Jesus o ampare sempre, meu amigo.

A porta abriu-se e Marcus teve de retirar-se dali, não sem antes beijar as mãos sujas e magras de Licínio que, igualmente emocionado, regressava ao meio dos seus irmãos de desdita para a sequência de suas orações, tomando o cuidado de não antecipar-lhes o destino da noite, a fim de não aumentar-lhes o temor.

Lá fora, Marcus, derrotado pela própria maldade, se deixava conduzir pelas lágrimas que procurava conter para que não parecesse um homem sem dignidade, naquela sociedade de aparências e mentiras.

Deixou o ambiente sentindo asco de tudo, inclusive de si próprio.

Só lhe restava voltar a casa onde a amante o aguardava para o nascimento que se anunciava brevemente.

Pensava em voltar ao cenário do coliseu naquela noite para assistir ao espetáculo da execução de Licínio, como forma de punir-se. Esses eram os seus únicos planos para aquilo que parecera o seu regresso à pátria da ventura e da felicidade naquela Roma de desencantos e tragédias.

44
A FORÇA DA BONDADE

Contrariando todos os apelos de Serápis, que não se conformava em não ter ao seu lado o jovem que ela tanto queria controlar, Marcus, decidido, compareceu, à noite, ao dantesco espetáculo.

A arena se achava crivada de postes nos quais se achavam atados os diversos cristãos, em alguns casos até três ou quatro em cada estrutura, rodeada por montes de lenha seca, galhos retorcidos, palha e tudo o que fosse capaz de incinerar-se com fulgor.

A multidão esperava o início do espetáculo e, enquanto isso, Marcus procurava se acercar dos diversos postes para identificar a posição na qual fora preso Licínio.

Não tardou muito para que, mesmo à distância razoável, o administrador, apesar de seu estado emagrecido e débil, fosse visto pelo amigo, das arquibancadas repletas.

Os condutores do espetáculo pretendiam dele extrair os mais feéricos efeitos, o que os havia feito planejar iluminar as lutas daquela noite com os condenados servindo de tochas vivas.

O coliseu estava o mais escuro possível, principalmente em sua área central, onde apenas uma apagada penumbra permitia entrever-se a silhueta. Ainda assim, Marcus conseguira encontrar o amigo e se postara o mais próximo que pudera daquele marco que se iluminaria à medida que as chamas crepitantes o envolvessem.

A maioria dos condenados cristãos mantinha o coração oprimido, mas a fé em Jesus sustentava seus sentimentos. Traziam, todos, as roupas pobres embebidas em betume para que incinerassem de maneira viva.

Os outros condenados que não possuíam senão os deuses antigos como ponto de apoio, em verdade nada tinham.

Gritavam desesperados, vociferavam palavras vis, prometiam vingança, vomitavam impropérios, pediam clemência, denunciavam condutas ilegais de autoridades consideradas respeitáveis, amaldiçoavam aquela geração indigna, dando vazão ao seu desespero antes mesmo que as achas de lenha fossem acesas.

No mundo espiritual, o espetáculo daqueles heróis do cristianismo que avançava estava envolvendo a todos em luminosa atmosfera.

Da mesma maneira que no circo Máximo, quando da execução de João de Cléofas, Lívia e Lucílio, o plano espiritual estava ali, revestindo toda a estrutura do imenso teatro Flávio com a cobertura magnética que lhe emprestava singular formato, se observado do plano etéreo.

Semelhava-se a vasto recipiente coberto por uma tampa cristalina, a qual se ligava aos planos superiores por luminoso facho de energia, como respaldo divino para tudo aquilo que estava ocorrendo naqueles dias com centenas de pessoas.

O amparo invisível não se limitava aos que seriam vitimados pelas feras ou pelo fogo, no testemunho da própria fé ou no pagamento por delitos vulgares.

A ajuda do Alto não chegava apenas aos que eram executados por um motivo ou outro, mas se estendia sobre toda a multidão ignara, perdida em sua ilusão de poder e prazer, fantasia e gozo, excesso e diversão.

Além do mais, não se restringia o auxílio aos encarnados que ali se aglomeravam, já que o número dos espíritos necessitados e em desequilíbrio era significativamente maior.

Com tal estrutura magnética, o Amor procurava atender a todos os necessitados que, tiranos, vítimas ou espectadores, eram seres a caminho do crescimento evolutivo.

Imensas fileiras de espíritos luminosos se destinavam àquele ambiente para servir de amparo e despertamento aos que se permitissem tocar na sensibilidade pela compaixão.

Sobretudo naquele momento, nobres entidades se acercavam do local a fim de recolherem os valorosos cristãos, entre os quais Licínio, encaminhando-os aos planos de beleza e paz que o Mestre houvera prometido aos seus seguidores fiéis até o fim.

Aos que houvessem se esforçado em passar pela porta estreita, as bênçãos do Reino dos Céus estavam esperando.

Ao poste onde se deixara prender o administrador, se vinculavam entidades generosas e amigas que já haviam passado pelo teste de entregarem tudo, até o próprio corpo carnal, em favor de outros.

Envolviam-no Zacarias, Cléofas, Lívia, Simeão, Estêvão, ao mesmo tempo em que inúmeros discípulos diretos do Divino Mestre se achavam vinculados ao grupo dos sofredores, organizando socorro.

Na sua condição de líder dos cristãos que entregara a vida ali mesmo naquela Roma, no passado, Simão Pedro era dos que mais se esforçava por amparar os desesperados.

Tanto que, no centro da arena ele se mantinha de pé, ao mesmo tempo majestoso e humilde, em oração a Jesus naquele momento trágico no qual muitas almas sucumbiriam e outras tantas se comprometeriam com o erro.

O espetáculo estava prestes a ter início.

Marcus agoniava-se pela consciência do mal que havia feito e do qual não conseguia desculpar-se.

Soldados irônicos e indiferentes surgiram de uma abertura no solo carregando tochas pequenas em suas mãos, colocando-se um ao pé de cada mastro que seria aceso.

Estimulada pelo movimento, a turba exultou dando mostras de ansiosa sede por sangue e agonia.

O condutor dos festejos ordenou que a música barulhenta anunciasse o momento do início da celebração e, aos gritos estridentes, dava vivas à grandeza de Roma e dos deuses que a sustentavam, no que era acompanhado pelo público presente, ao mesmo tempo em que saudava a sabedoria de César, aquele Adriano ausente da cidade que, com espírito cosmopolita, provavelmente reprovaria o dantesco espetáculo, tendo que suportá-lo, entretanto, em face das necessidades de emoção que o povo reclamava.

As pessoas se agitavam e as vítimas mais amedrontadas começavam a gritar, a chorar alto, a desesperar-se ante a aproximação da dor derradeira.

Nesse momento, os cristãos que se haviam reunido antes nos calabouços, procuravam olhar o céu estrelado, na tentativa de vislumbrar Jesus, na esperança firme que nutriam.

Sabendo que havia chegado o momento, Zacarias, Cléofas, Simeão e Lívia se acercaram de Licínio em oração de júbilo pela vitória daquele valoroso ex-soldado, daquele Lucílio que ajudara a proteger a vida de Pilatos, daquele que servira de apoio à tarefa de Zacarias no passado, que fora preso nas catacumbas ao tempo de Nero, que fora devorado pelos leões na mesma cerimônia em que Lívia havia sido morta e que João de Cléofas, o pregador destemido, havia sucumbido pelo Amor à causa do Mestre.

Ali estava aquele que, agora, não seria vítima do acaso, por estar em um local errado na hora errada. Agora, ele estava ali em sacrifício pela vida de outras pessoas, na demonstração do verdadeiro Amor e da Bondade que fortifica aquele que a cultiva.

Os espíritos amigos fizeram ao seu redor um cordão de forças espirituais a fim de que não lhe faltasse coragem e determinação naquele doloroso momento de seu testemunho, aceito pelo Cristo como prova do entendimento de sua mensagem libertadora.

Uma grande auréola rutilante circunscreveu-lhe a posição na arena, a denunciar ao mundo espiritual que ali se achava um devotado lutador do Bem, no exercício da Bondade Verdadeira.

Ao som dos trompetes guerreiros, os soldados se aproximaram das pilhas de madeira, igualmente molhadas pelo líquido combustível.

Antes, no entanto, que as labaredas se vissem atiçadas pela força do vento que varria o ambiente, Cléofas e Zacarias se acercaram de Licínio e, intuitivamente, convidavam o heróico servo do Mestre:

- Licínio, esta é a sua grande oportunidade. Vamos, meu filho, cante forte, cante alto, sua voz será apoio para os mais fracos e mensagem para os loucos que escutam e veem esta tragédia- falava-lhe Zacarias, docemente.

- Isso mesmo, Licínio, cante como cantamos naquela tarde na arena do circo. Recorde-se, meu irmão. Sua voz será o troféu da Bondade que se erguerá neste ambiente que o tempo se incumbirá de destruir e corroer.

Inspirado pela intuição clara que lhe chegava naquele decisivo momento de seus testemunhos pessoais, Licínio começou a cantar a canção que os cristãos entoavam em seus encontros.

Sua voz ganhara vigor ao contato das energias espirituais que o cercavam e, sem compreender como isso se dava, os outros cristãos que o escutavam, igualmente sintonizados na mesma faixa fluídica, acompanharam-lhe o canto, enchendo o ambiente com aquela melodia modesta e simples que falava das grandezas de Jesus, de sua Bondade e seu desejo de morrer pelos amigos, como prova do maior Amor que havia.

Aquelas estrofes cantadas pelos que iriam ser vitimados impuseram um momento de dúvida nos próprios soldados que, prontos para acender a pira, detiveram-se magnetizados por essa singular demonstração de inusitado e incompreendido destemor.

Impressionados por aquele exemplo de doce coragem, alguns soldados se viam confundidos e, diante da voz que se espalhava pela arena a silenciar os próprios integrantes do público, as forças espirituais se acercavam dos corações amolecidos ou emocionados, confundidos ou impressionados e lhes inspiravam pensamentos de nobreza, ante os exemplos de nobreza que estavam presenciando.

Qual o cântico derradeiro dos condenados, a voz de todos, dentre as quais se destacava a de Licínio, chegou aos ouvidos de Marcus e, naquele momento, a dor moral de seu espírito tornou-se algo insuportável.

Os versos diziam da beleza do Amor daquele que dá tudo, até mesmo a própria vida, pelos seus amigos. A prova de fidelidade absoluta que não se vincula às convenções do mundo, às obrigações do sangue, aos deveres familiares a pedir o sacrifício supremo, mas, tão somente, ao devotamento sincero de um ser para com o outro.

Marcus escutava aquilo como farpas que lhe penetravam o coração.

Vendo o clima do ambiente, que impressionava os assistentes, o organizador reforçou o toque dos clarins e a ordem foi obedecida pelos soldados, que atearam fogo aos pedestais.

As labaredas subiram quebrando a magia daquele instante de elevação.

Os gritos de euforia da massa alucinada se ouviram e os gemidos e esgares de vários dos condenados testemunhavam a dor que sentiam no instante derradeiro. O odor de carne queimada se espalhou ferindo as narinas e a fuligem do betume emprestou um aspecto nebuloso ao evento que, agora, fazia com que todas as arquibancadas se iluminassem, ao mesmo tempo em que a arena se via com mais fulgor.

Marcus gritava o nome de Licínio e lhe pedia perdão, no meio da multidão excitada e eufórica, não se importando com quem estivesse escutando sua confissão dolorosa ao pé do poste do martírio do amigo.

Licínio já havia sido retirado dali pela força generosa da bondade que ele havia semeado no coração dos seus amigos invisíveis.

No entanto, no plano espiritual, Zacarias sabia das dores daquele Marcus, o mesmo Sávio que servira, na guarda escolhida pelo centurião Lucílio para a escolta de Pilatos e que aceitara seguir com a tarefa de envenená-lo no exílio a mando daquela Fúlvia de ontem e Serápis de agora.

Sim, aquele Marcus havia sido Sávio que, depois, fora envenenado por sua amante cruel Fúlvia e que, logo que despertara no plano espiritual fora recolhido por Zacarias, o sapateiro que havia ingerido o veneno que ele se encarregara de endereçar a Pilatos.

Ali estava Sávio que, submetido à Bondade de Zacarias, no plano espiritual havia servido de apoio na modesta choupana localizada no umbral, nas cercanias da caverna que abrigava o espírito de um Pilatos suicida e de uma Fúlvia pervertida, ambos torturados por um Sulpício cruel e vingativo.

Sabendo da importância daquele arrependimento, Zacarias conduziu o espírito Licínio, o mesmo Lucílio do passado até o amigo em agonia.

Estendendo as mãos na direção de Marcus, Zacarias disse ao que acabara de perder a vida física:

- Lucílio, meu filho, se é certo que Jesus nos espera, também é verdade que o desencanto espera nosso querido Marcus, que tanto amor tem por você, apesar de ser como é. Abraça-o, meu filho, antes de seguirmos.

Entendendo a necessidade de seu amigo ante o conselho de Zacarias, Licínio/Lucílio se acercou de Marcos/Sávio e enlaçou-o com seus braços espirituais, depositando, logo depois, um beijo na altura de seu coração, o que parecia mais uma flecha luminosa a penetrar as fibras musculares apagadas daquele órgão que não havia sido, até então, fustigado tão duramente quanto naquelas breves horas de seu regresso a Roma e lhe sussurrou aos ouvidos espirituais:

- Marcus, seja bom, sempre. Eu estarei ao seu lado, meu amigo, e rogarei a Jesus por você!

Marcus sentiu no seu íntimo o afeto de Licínio e, num impulso irrefletido, sentiu-se enojado de tudo aquilo que estava vendo. Daquela sociedade cruel e covarde que matava as pessoas sem nenhuma piedade, dos juízes, que um punhado de ouro ou de favores era capaz de corromper, de deuses que, do alto de seus nichos lutavam para prevalecer em crueldade e indiferença.

Num impulso, lembrou-se de Serápis, que o esperava para dar-lhe o filho tão aguardado.

Suas forças foram canalizadas para procurar a saída.

Percebera, igualmente, que um significativo número de pessoas, tanto quanto ele próprio, deixava o recinto impressionado e repelido pelas cenas cruéis que tinha testemunhado.

Saiu do coliseu e dirigiu-se para a vivenda como se pesasse uma tonelada e seu corpo fosse esculpido em chumbo. Revia as conversas com Licínio, os ensinamentos que havia dele recebido, os exemplos de bondade que aprendera com sua conduta suave e compreensiva, os desabafos e as confissões de seus defeitos e fraquezas ante os ouvidos atentos e com passivos daquele que, agora, não mais existia no número dos vivos na carne.

Não percebeu que já havia chegado, transportado pelo braço de fortes serviçais que sustentavam a liteira pelas ruas tortuosas.

No interior da casa, movimentação intensa demonstrava a ocorrência de algo diferente nos dois planos da vida, que agitava as pessoas e fazia trabalharem, atentos, os espíritos, entre os quais Lívia, Simeão, Abigail e Cléofas, que para lá tinham se dirigido juntamente com Zacarias e Licínio, assim que este havia sido retirado do corpo físico, depois dos derradeiros testemunhos de fé.

- Senhor, senhor, procuramos por toda parte e não conseguimos encontrá-lo. Sabíamos que estava no espetáculo, mas não foi possível localizá-lo a tempo. -

- Sim, mulher, o que aconteceu? - perguntou Marcus desesperado, como a ser retirado de chofre da condição de torpor em que havia sido posto pela morte de Licínio.

- Serápis está em trabalho de parto e parece que se trata de um parto delicado e difícil.

Em realidade, Serápis sofria muito pelos gritos que emitia, ainda que abafados por tecido que trazia preso entre os dentes para morder como forma de alívio para a dor.

Não tardou muito para que os vagidos de uma criança surgissem no ambiente.

Todavia, Marcus não se permitira entrar no quarto antes que as pessoas que lá estavam no atendimento de Serápis assim o autorizassem, ante as dificuldades da parturiente.

O tempo custava a passar e, longos minutos de silêncio depois, escutou-se outro choro de criança.

- Como é possível, será que o bebê está chorando novamente?

No entanto, suas indagações foram logo respondidas por uma das mulheres que saiu do quarto, sorrindo vitoriosa. Era a parteira que ele havia contratado para assessorar no nascimento.

- É homem? - perguntou afoito, Marcus.

- Não, meu senhor - respondeu a mulher entre sorrisos. - São homens...

- Como assim - falou ele, quase dando pulos.

- O senhor é pai de gêmeos homens, senhor Marcus. Assim que as crianças estiverem limpas, tê-las-ás em seus braços.

Marcus não cabia em si de contentamento.

Finalmente, havia sido presenteado pelos deuses, não com um, mas com dois filhos homens.

Por um instante esqueceu-se das tragédias do coliseu e passou a pensar apenas no futuro de sua família.

- E Serápis, está bem? - perguntava interessado na mulher amada.

- Sim, está muito cansada pelo esforço, mas nada que um dia de descanso rigoroso não seja capaz de recuperar.

- Obrigado, Diana, aqui está a sua recompensa por tudo ter saído como eu esperava que sairia - falou o pai, eufórico, passando-lhe às mãos ainda sujas de sangue, o saco de moedas com o qual remunerava os serviços da parturiente que, depois de lavar as mãos e recompor-se, deixou a casa para que Marcus tivesse privacidade ante os filhos e a mulher amada.

O mesmo Sávio e a mesma Fúlvia que haviam tentado matar Pilatos, agora se uniam para devolver-lhe a vida, bem como ao outro que fora igualmente seu amante e que a servira nos interesses de destruir a união de Lívia e Públio como o lictor, o funcionário fiel do ex-governador romano na Palestina, Sulpício.

Ambos, fiéis nos crimes e nos desmandos, foram encaminhados à vida física como irmãos, filhos da amante de outros tempos que, depois de muito tê-los usado para seus interesses e armações, agora os recebia para o longo caminho de reerguimento coletivo.

Marcus ainda não sabia, mas naquela noite seria defrontado por um outro choque tão ou mais cruel do que a perda de Licínio.

A felicidade doce da paternidade seria amargada pela descoberta de que seus dois filhos possuíam severas deficiências físicas.

Sulpício trazia os dois braços nitidamente deformados. Os mesmos braços que usara no passado para ferir, matar, chicotear, humilhar, agora haviam sido quase que amputados de seu corpo carnal. Eram pequenos apêndices deformados.

Ao mesmo tempo, Pilatos se apresentava no mundo com as órbitas oculares sem viço, parecendo que a natureza houvera se esquecido de produzir os órgãos visuais necessários a uma vida normal, além do fato de que, herdeiro de si mesmo, desde o nascimento, o ventre da criança se manteria ferido, à altura da junção do cordão umbilical, por força do suicídio cometido no passado, a tornar vulnerável a região ventral, favorecendo a proliferação de bactérias, que se valeriam da própria ligação por onde o feto recebia alimento materno antes de nascer para se instalarem, infectando e mantendo uma fístula dolorosa no corpo da criança cega.

Marcus e Serápis seriam os pais de duas criaturas tidas por monstruosas no corpo, naquela sociedade de preconceitos e vícios morais, que escondia sua monstruosidade sob as túnicas rutilantes, palácios de mármores e lágrimas ocultas.

A dor dos que insistiram nos erros da maldade estava chegando para cobrar o preço de sua prática, enquanto aqueles que haviam aprendido a força da Bondade ali estavam, luminosos e livres das teias do mal e do sofrimento, na companhia dos amigos amorosos e dos outros mártires que fecundavam o solo da Terra, no centro do mundo, com o exemplo de coragem que afronta as labaredas das adversidades com o cântico da Fé viva, da confiança em Deus e da certeza de que o Amor prevalece sempre sobre o ódio, a Bondade sobre o mal.

Zacarias e Lucílio seguiam, cumprindo o pedido de Jesus, a amparar Pilatos em todas as etapas de sua trajetória bem como os que faliram juntamente com ele.

Assim, leitor e leitora queridos, o gesto singelo que transmita força e esperança aos corações caídos, aos estômagos famintos, aos sofredores enfermos, representará combustível de bondade que os fortalecerá na hora difícil do próprio testemunho.

A Bondade é uma força avassaladora, escrava feliz do Amor, ao mesmo tempo em que a lágrima é o efeito nocivo do egoísmo.

É verdade que nos falta seguir adiante, com a demonstração dos efeitos, cujas causas foram semeadas por Pilatos, Sulpício, Fúlvia,

Sávio, Aurélia, e outros personagens que vocês já conhecem desde o nosso anterior "O Amor Jamais te Esquece".

Da mesma maneira, será preciso conhecer melhor a figura de Cláudio Rufus, Lélia, Décio, além de aprofundarmos o relato sobre Serápis, Marcus e os dois filhos, Pilatos e Sulpício reencarnados, entre outros personagens que apenas tangenciaram a trajetória das personagens deste "A Força da Bondade".

No entanto, não desperdice seu tempo apenas na expectativa da continuação do relato de seus tortuosos caminhos.

De ambas as histórias, rebrilha a mensagem de Jesus, fortalecendo os que sabem Amar e os que se entregam à Bondade.

Aceite o convite e empreenda essa luta que transformará a sua vida e a vida de sua família.

Estas linhas que aqui terminam, temporariamente, são essa solicitação sincera.

Você é capaz de entender o verdadeiro significado do Bem e na força de sua prática encontrará o apoio de que necessita para vencer seus próprios obstáculos, a ajuda invisível que está sempre disponível aos que aceitam transformar o orgulho, o egoísmo, a vaidade, a ambição, a cobiça, a luxúria, em adubo para o nascimento da árvore frutífera e fecunda.

Pense nisso. As plantas deitam suas raízes no estrume e produzem frutos doces ou flores com perfume.

Faça a mesma coisa. Deixe que seus defeitos e erros sejam, apenas, o adubo para que seus ideais de Bondade frutifiquem e perfumem a Terra e a própria Vida.

A Bondade é força da Vida, a usina que iluminará o Reino de Deus que haverá de ser implantado no seio da humanidade, com o seu auxílio.

"Brilhe vossa Luz! Muita paz!"

Para você, meu irmão(ã) de humanidade, com muito carinho,

Lucius (26/01/2004)



André Luiz de Andrade Ruiz, iniciou-se no conhecimento espírita através dos exemplos recebidos de seus pais, Miguel D. D. Ruiz e Odete de Andrade | Ruiz, igualmente admiradores da doutrina codificada por Kardec desde a juventude, oriundos que eram de famílias espíritas. Nascido na cidade de Bauru, Estado de São Paulo, aos 11/08/1962, desde a infância estabeleceu residência em Birigui, no mesmo Estado de onde transferiu-se para Campinas, no ano de 1977.

Em 1979 passou a frequentar a Sociedade , Beneficente Bezerra de Menezes onde se encontra até os dias atuais e na qual, ao lado de muitos companheiros dedicados ao ideal cristão, desenvolve o fraterno de atendimento aos irmãos de caminhada evolutiva.